DOM LOURENÇO
DE LIMA.

F. 72.
N 995

John Carter Brown
Library
Brown University

MXII G.Fi

ERMOENS
DO
ANTONIO VIEIRA,
DA COMPANHIA DE
JESU,
Prègador de Sua Mageſtade.
UARTA PARTE.

EM LISBOA.
Na Officina de MIGUEL DESLANDES.
cuſta de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros.

M. DC. LXXXV.
Com todas as licenças, & Privilegio Real.

do M.R. P. M. Frey Thomè da Conceyçaõ, da Sagrada Ordem do Carmo, Qualificador do Santo Officio.

Illuſtriſſimo Senhor.

r mandado do Concelho Géral do Santo Officio vi eſta
uarta Parte dos Sermoens do Padre Antonio Vieyra, da
a Religiaõ da Companhia de Jeſu, & digniſſimo Prégador
Mageſtade. Todos li com o cuidado, que pude, & pede a
çam de Qualificador de tam recto Tribunal. Confeſſo,
os Sermoens deſte grande Talento, & admiravel Prègador
m que cenſurar a attençaõ mais critica, & eſcrupuloſa; pois
o Autor tam ſutil na elevaçam dos penſamentos, tam claro,
ante nas palavras, com que os exprime, tam perſuaſſivo,
règando, como eſcrevendo, tam deſentranhador da verda-
Eſcrituras, & dos Santos Padres, acho, que em nada diſ-
da pureza de noſſa Santa Fé, & que tudo, quanto diz, enca-
à reformaçaõ dos coſtumes. Só huma cenſura ſe pòde dar
Autor, nam pelos Sermoens, com que ſae a luz, mas porque
em ſaido a luz com todos os ſeus Sermoens; pois promet-
no Prologo do Primeiro Tomo, doze, ſe achaõ impreſſos
ómente, & agora he eſte ainda o Quarto. E ſerà laſtima, que
ilaçaõ do tempo ſe ſepultem no eſquecimento, Obras que
cem eternizadas em caracteres de ouro. Podendo dizerſe do
r neſtes Sermoens, o que do grande Jeronymo diſſe *Caſſiod. in. lect. cap.* 21. *Planus, doctus, dulcis, parata copia Sermo- ad quamcumque partem convertit ingenium : totum explicans, exornans, & per diverſa diſertus, ſemper æqualis incedens.* o dizendo, que o Autor em nenhum dos ſeus Sermoens tem ra de mais, nem de menos, & nam ſoube dizer menos, por-

que em tudo diz tudo o que se pòde dizer. Este he ō me
cer. Carmo de Lisboa em 11. de Fevereyro de 1684.

Frey Thomè da Conceyçāo.

Censura do M. R. P. M. Frey Manoel de Santiago, da
ca Ordem de Saō Francisco, Qualificador do S. Offi

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

VI este Livro, que se intitula Quarta Parte dos Serm
R. P. M. Antonio Vieyra, Religioso da Sagrada
nhia de Iesu, Prègador em tudo Regio. Em cada qual d
acha grande sustancia, mais espiritualizada a allegoria, sir
methodo, efficaz, pura, & ajustada a doutrina, com que ill
Fé na America, reprehendèo os costumes na Europa, & ac
a Naçaō Portugueza na Italia. No primeiro do Peccador
to a nunca mais peccar, que o Author pede, que com mai
çaō, & paciencia se veja, assim agrada, como se se abstiver
prehender, & assim reprehende, como se procuràra nam a
E em todos com a doçura da linguagem suaviza o amarg
reprehençaō: & com a efficacia da doutrina se livra de tod
sura de lizonja. Porque huma, & outra cousa faz com lib
eloquencia, modestia, & sutileza. A liberdade nam se op
modestia, nem à modestia cede a liberdade. Nesta Obra
Oradores, os Theologos, os Prègadores, & os Estadistas,
se entreter, & de que se aproveitar, sem que tenhaō mais
zejar os Doutos, nem que censurar os maldizentes intrem
bons ouvintes. E ultimamente, por serem estes Sermoen
contém o Livro, conformes à intelligencia dos Santos Pa
pureza de nossa Santa Fé, & uteis para a reformaçaō do
costumes, me parecem dignissimos da licença, que se pede
Illustrissima, para os dar à estampa, & de que sejaō de ouro a
da Imprenta. Lisboa. Saō Francisco da Cidade em 14. de
reyro de 1684. *Frey Manoel de Santiago.*

ra do M. R. P. M. Frey Ioſeph de Ieſus Maria, Religio-
ſo Capucho da Provincia da Arrabida.

SENHOR.

Andoume Voſſa Mageſtade, que viſſe eſta Quarta Parte dos Sermoens do Padre Antonio Vieyra, da Sagrada Re- da Companhia de Jeſu, digniſſimo Prègador de Voſſa Ma- e. E por eſta commiſſaõ conheço, que me fez Voſſa Mage- ubſtituto do Arcebiſpo da Bahia na approvaçaõ deſte Li- Autor. E avaliando o meu agradecimento eſta honra, pe- o que jà fez aquelle grande Prelado, digo, que he muito , do que a que elle logra, com huma ventagem muy ida: porque ſe a elle deo Voſſa Mageſtade no ſeu Arcebiſ- uma Mitra, a mim neſte Livro me deu huma Coroa: que reconhece a minha eſtimaçaõ: *Coronam mihi.* (*Iob.cap.* 31.) Depois que o Padre Antonio Vieyra poz de aſſento na ſeu Engenho, vem incomparavelmente mais ricas as Fro- uelle Eſtado; porque todas atègora por carga de mayor alia, & preciozidade, trazem hum Volume ſeu, que ſendo a ſabidoria como eſte, ſe acaſo ſe cativàra na Alfandega, haver de tirar por deſpacho, naõ ſe podèrareſgatar por to- ro do mundo. Porque eſta foy a tayxa, que na Meſa do ço lhe poz o Rey mais entendido: *Quoniam omne aurum in atione illius arena eſt.* (*Sapient. cap. 7. v.* 8.) Neſte Volu- r ſer Quarto, acho eu (ainda que em diſtancia infinita) huma ima ſemelhança, que eſpero ſeja profecia. Para illuſtrar o , diz a Eſcritura ſagrada, que foy feito ao quarto dia o Sol: o Padre Antonio Vieyra obrar em edificaçaõ, & admira- mundo, & em mayor gloria de Deos, lançou eſte Volume Sol, tambem ao quarto dia. O que faz o Sol, diſſe Sala- & o Salamaõ deſte noſſo ſeculo ha de fazer o que faz o Sol, le ſeu Livro: *Luſtrans univerſa incircuitu.* (*Eccleſ.* 1. 6.) a ha de fazer mais, com o favor Divino: porque ha de ſa-

tisfazer pontualmente o Inſtituto da ſua ſagrada Companh
zendo repetir muitas vezes a empreza glorioſa do ſeu gran
triarcha. O Inſtituto em chegar com a viveza das ſuas pal
até os confins da terra. Onde tem chegado já com grande
raçaõ, o harmonioſo das ſuas vozes, que he a occupaçaõ con
dos Filhos da ſua Religiaõ ſagrada : *Et in fines orbis terræ
eorum* : (*Pſalm.* 18.) & a empreza glorioſa , porque ha de i
a todos , que lerem eſte ſeu Livro , a que dem muitos louv
Deos , por haver criado hum tam ſingular Miniſtro do Evan
na ſua Igreja. E he o que o ſeu Santo Patriarcha por tudo , &
tudo continuamente repetia : *Ad maiorem Dei gloriam.* C
meiro Sermaõ eſtà diſpoſto com hum eſpirito tam elevad
doutrinas , com hum dezejo tam efficaz na melhora das con
cias , com hum zelo tam empenhado na converſaõ das Alm
nelle nos poz o Autor em pratica tudo o que no do primeir
lume nos deixou por advertencia. Naquelle diſſe com I
(*Iſai.* 6. 8.) que os Prègadores haviaõ de ſer Nuvens , de que
ſem Relampagos , Trovoens , & Rayos. E tudo he , &
faz neſte primeiro Sermaõ. Deſpede Relampagos , que alu
aos peccadores as cegueiras: Trovoens, que lhe atemorizem
das : & Rayos , que lhe matem as culpas. Grande , tremen
admiravel Sermaõ ! E tam admiravel , que ſendo por prim
face deſte Quarto Volume, bem ſe podéra dizer por elle, q
mo Aguia de Ezechiel, a ſy, & aos tres excede com grãde pr
dade : *Facies Aquilæ deſuper ipſorum quatuor.* (*Ezech.* 1. 1
naõ fora eſte meu parecer muito culpavel (ſe a ſua igualdad
fora tam conhecida) porque he o Autor tam unico , que ſó
meſmo podia ſer excedido. Nos dous Mandatos , me parec
perdeu a apoſta hum grande Cortezaõ , & Ouvinte , que a
do a ambos , lhe pareceu melhor o da manhaã : fundando
receio na razaõ de outro Entendido , que atrevendoſe a a ff
que havia neſta Corte quem prégava melhor que o Padre
nio Vieira , acudio logo dizendo , que era o meſmo Padre ,
do prégava ſegunda vez. E eu tenho por impoſſivel, que po
ver juizo, que o faça na differença, onde os mayores juizos ſ

ſuſpenſaõ. Mas para concordar os pareceres, conſervando
cito ao Autor, digo, que todos os Sermoens ſaõ grandes;
e todos ſaõ ſeus: que como he tam rica de erudiçaõ a Mi-
nde naſcem eſſes doutiſſimos partos, nam deixa aos ſegun-
que vivaõ de alimentos dos primeiros; porque todos ſaõ
dos conſervando o excellente apellido do ſeu inſigne Ora-
que por remorços de conſciencia nos reſtitue no eſpirito dos
ſcritos a falta, que nos fazia a ſua voz nos Pulpitos: obſervá-
a eſta ſubſtituiçaõ tudo o que advertio Seneca, ponderan-
ſcritos de Valerio Maximo: *Tribus modis homines aggre-*
penetrando aures, demulcendo oculos, & animos invadendo.
Douto, & Entendido applica a ſy os ouvidos para enſinar
lareza: com o Politico, & Diſcreto atrahe a ſy os olhos pa-
ertir com doutrina: com o Doutrinal, & Catholico penetra
açoens para converter com efficacia: ſendo admiravel em
na ſutileza do ſeu engenho, na fineza do ſeu diſcurſo, no
ente do ſeu eſtylo, no pezo das ſuas razoens, na proprieda-
pureza das ſuas palavras. Porque com as eſpirituaes enleva,
s diſcretas agrada, com as compaſſivas enternece, com as
ſas atrahe, com as temeroſas compunge, & com todas per-
: maravilhoſo em tudo ſobre os hiperboles de toda a admira-
E aſſim eſpero, que ſejam os ſeus Livros, brevemente, em
os idiomas da Europa traduzidos, & em todas as ſuas lin-
mpreſſos (como o andaõ jà muitos dos ſeus Sermoens em
s.) E diràm com Caſſiodoro em hum, & outro ſentido: *Ha-*
æc diſtributa præconium, conjuncta miraculum. Naõ ſe acha
Livro couſa alguma, que encontre o ſerviço Real, tendo mui-
ue acreditam o Reyno. Pelo que a licença, que pede, he de-
pontualidade com que tem obedecido ao que Voſſa Ma-
de lhe mandou. E tenho por ſem duvida, que Voſſa Mage-
lha ha de conceder, por conhecer como Rey tam ajuſtado,
e as petiçoens de graça tem ſó da Regalia toda a ſua depen-
a; nos requerimentos de juſtiça, parece que naõ tem a Ma-
de Regalia. Iſto he o que me parece. Voſſa Mageſtade man-
o que for ſervido. Convento da Boa Viagem em 27. de Fe-
ro de 1684. *Frey Ioſeph de Ieſu Maria.*

LI-

LICENÇAS.

Da Religiaõ.

EU Antonio de Oliveyra, da Companhia de Jesu, Pro
da Provincia do Brasil, por especial concessaõ que p
me foy dada de nosso M. R. P. Carolo de Noyelle, Prepos
ral, dou licença, para que se imprima este Livro, Quarta Pa
Sermoens do Padre Antonio Vieira, da mesma Companhi
gador de Sua Alteza, depois de ser examinado, & approva
Pessoas doutas, & graves da mesma Companhia. E por v
dei esta, assinada com meu final, & sellada com o Sello de m
ficio. Dada na Bahia aos 6. de Julho de 1683.

Antonio de Oliveyra.

Do Santo Officio.

VIstas as informaçoens, pòdese imprimir a Quarta Pa
Sermoens do Padre Antonio Vieira, de que esta peti
mençaõ. E depois de impressa, tornarà para se conferir, &
cença, que corra: & sem ella naõ correrà. Lisboa 16. de Fev
de 1684.

Manoel Pimentel de Sousa. Manoel de Moura Manoel,
Ieronymo Soares. Ioaõ da Costa Pimenta,
Bento de Beja de Noronha.

Do Ordinario.

Odeſe imprimir a Quarta Parte dos Sermoens do Padre Antonio Vieira. E depois tornará para ſe conferir, & dar licença correr: & ſem ella naõ correrà. Lisboa 17. de Fevereiro 684. *Serraõ.*

Do Paço.

Ue ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, & Ordinario. E depois de impreſſo tornarà à Meſa, para ſe r, & conferir. E ſem iſſo naõ correrà. Lisboa 13. de Março 684.

Roxas. Noronha. Marchaõ. Azevedo.

Iſto eſtar conforme com o ſeu Original, pòde correr eſte Livro. Lisboa 23. de Janeiro de 1685.

oel Pimentel de Souſa. Manoel de Moura Manoel.
ymo Soares. Joaõ da Coſta Pimenta. Bento de Beja de Noronha.

Ode Correr. Lisboa 25. de Janeiro de 1685.
Serraõ.

Aixaõ eſte Livro em doze Toſtoens. Lisboa 23. de Janeiro de 1685.

Lamprea. Marchaõ. Azevedo.

SERMOENS,

Que contèm este Quarta Parte.

I. Sermaõ do Quarto Sabbado da Quaresma. Pag
II. Sermaõ de Nossa Senhora do O.
III. Sermaõ da Primeira Sexta feira da Quaresma no Conv de Odivellas.
IU. Sermaõ das Cadeas de S. Pedro. 1
U. Sermaõ de Todos os Santos. 1
UI. Sermaõ da Segunda Dominga da Quaresma. 1
UII. Sermaõ da Primeira Sexta feira da Quaresma na Cap Real. 2
UIII. Sermaõ de Santa Theresa. 2
IX. Sermaõ da Quinta Dominga da Quaresma. 2
X. Sermaõ do Mandato na Misericordia. 3
XI. Sermaõ do Mandato no mesmo dia na Capella Real. 3
XII. Sermaõ da Primeira Oitava do Paschoa. 3
XIII. Sermaõ nas Exequias da Senhora Dona Maria de A de. 4
XIU. Sermaõ de Sam Roque. 4
XU. Sermaõ da Epiphania. 4

Erratas deſta Quarta Parte.

nas.	2.	Inrerprete.	Interprete.
	2.	Aboſolutos.	Abſoltos.
	6.	Porque ſe Deos.	Porque Deos.
	6.	Os homens.	Se os homens.
	6.	Naõ ſeriaõ.	Naõ foſſem.
	23.	Abſoluto.	Abſolto.
	36.	Modum.	Modium.
	50.	Minimo.	Minino.
	85.	Impendére,rependére.	Impénde re,repéndere.
	92.	Tererẽ.	Terem.
	134.	Mundi corde.	Mundo corde.
	152.	Dunida.	Duvida.
	187.	Repartidamẽte,	Repetidamente.
	195.	Ao Profetas.	Aos Profetas.
	222.	Aindo	Ainda.
	236.	Volúpe.	Vólupe.
	416.	Simiter.	Similiter.
	423.	Aſcreſcentao.	Acreſcentaõ.
	439.	Religio.	Relogio.
	440.	Alançamos.	Alcançamos.
	442.	Rachal.	Rachel.
	494.	Evangeſtiſta.	Evangeliſta.

é, que na Pag. 565. col. 1. ſe poz por inadvertencia hum lu-
i Epiſt. 1. de S. Ioão cap. 5. v. 16. & não he do cap. 5. de S.
m que ſe achará.

SERMAM

DO QUARTO SABBADO DA QVARESMA,

Na Igreja de Noſſa Senhora de Ajuda da Bahia.

Anno de 1640.

Pede o Autor a todos os que tomarem eſte Livro nas mãos, que por amor de Deos, & de ſi, leaõ eſte Sermam, do Peccador reſoluto a nunca mais peccar, com a attençaõ, & paciencia, que a materia requere.

Jam amplius nobi peccare. Joan. 8.

§. I.

1 O Mayor mal de todos os males (naõ digo bem) o mal que ſó he mal, & ſummo mal, he o peccado. Porque aſſim como Deos por eſſencia he o ſummo bem, aſſim o peccado, por ſer offenſa de Deos, he o ſummo mal. Mas ſe entre peccado, & peccado, pelo que toca a nòs, pòde haver comparaçaõ ſ, & differença; o peccado futuro he o peyor, & mais perigoſo mal. O paſſado, & o preſente, porque foy, & he peccado, he a ſumma miſeria; mas o futuro, porque ainda

ainda ha de ser, sobre ser a summa miseria, he o summo perigo.

2. Esta he, Fieis, a importantissima doutrina, q̃ Christo soberano Mestre, & Senhor nosso, nos deixou recomendado, como documento final na ultima clausula do presente Evangelho. Trouxeraõ hũa peccadora a Christo, achada em flagrante delito para q̃ o Senhor, como interprete da Ley, a sentẽciasse. E qual seria a sentença? Foy aquella, que se podia esperar da piedade, & misericordia de hum Deos feito homem por amor dos homens. Confundio os accusadores, com lhe mostrar escrito seus peccados (que só Deos sabe livrar a huns pelos processos de outros) & depois de absolver a Peccadora do peccado, de que era accusada, & de todos; o documento breve, maravilhoso, & divino, com que a despedio consolada, foraõ as palavras, que propuz: *Jam amplius noli peccare*: Naõ queiras mais peccar.

Joam. 8.11.

3 Isto he o que encomendou Christo àquella vẽturosa Peccadora, em cu maravilhosa hystoria se n representa com grande pr priedade o juizo sacramẽta a que todos somos cham dos, ou citados no termo p remptorio destes quaren dias. Todos somos pecc dores, & todos temos obr gaçaõ neste santo tempo nos presentar em pessoa, naõ por outrem, naquelle s grado Tribunal, onde mesmo Christo he o Juiz, preside invisivelmente. A sendo nòs mesmo os Reo & os accusadores, confess mos espontaneamente tod nossas culpas: & se o faz mos com a verdadeira dete taçaõ, & arrependimento, devemos a hum Deos infin tamente bom, & infinit mente offendido; o me mo Senhor, que hoje escr vèo peccados, manda risc os nossos dos seus livros, totalmente perdoados, & a solotos, nos rocolhe entre braços de sua misericordia & nos recebe em sua graç Tal he o felicissimo estado a que por virtude do Sacr mento da Penitẽcia se rest tuem todos aquelles, que d

gn

gnamente o recebem: bem aſſim como a Peccadora do Evangelho, quando ouvio da boca do Redemptor: *Nec Ego te condemnabo.* Mas porque a abſolviçaõ, & a graça, poſto que livre dos peccados paſſados, naõ ſegura do perigo para os futuros; ſobre eſte grande riſco de tornarmos a adoecer depois de ſaõs, & a cair depois de levantados, nos a viſa, & a cautella o Divino Oraculo, exhortandonos a todos, & a cada hum, como à meſma Peccadora, a nunca mais peccar: *Jam amplius noli peccare.*

4 Eſte foy o ponto unico da doutrina de Chriſto (que naõ ſó he cõſelho, mas preceito) & neſte meſmo determino tambem inſiſtir unicamente hoje, pois ſendo ſua a eleiçaõ do aſſumpto, nem eu poſſo tomar outro, nem devo. A materia pois de todo a Sermam ſummamente neceſſaria, & ſummamente util, ſerà eſta. O Peccador, reſoluto a nunca mais peccar. Na primeira parte do diſcurſo lhe deſcobrirei a falſidade, & engano de todas as razoens, ou pretextos, com q̃ o demonio o facilita a continuar os peccados. Na ſegunda lhe inculcarey hũ novo motivo (que por ventura nunca ouviſtes) o mais efficaz, o mais forte, & o mais terrivel, que pôde haver, para nunca jà mais peccar: *Jam amplius noli peccare.* A Virgem Santiſſima, em quem nunca ouve peccado, peçamos muito de coraçaõ, que como Mãy, & Avogada de peccadores nos alcance para eſta taõ importante reſoluçaõ a Graça, que havemos miſter. *Ave Maria.*

§. II.

Jam amplius noli peccare.

5 PAra naõ peccar mais, nem ter peccado jà mais, baſtava ſer o peccado offenſa de Deos, & ſer Deos quem he: infinita, & ineffavel Bondade, infinita & immenſa Grandeza, infinita, & incomprehenſivel Mageſtade, infinita Sabedoria, infinita Omnipotencia; infinito, increado, eterno, & immutavel Ser; que ſó elle he de ſi meſmo; & por tudo iſto digno de ſer infinitamẽte ama-

do como elle, que ſó ſe comprehende, ſe ama; & naõ por outra cauſa, ou reſpeito, ſenaõ por ſer quem he. Mas como a vileza do noſſo barro para ſubir taõ alto, he muito pezada, & para amar taõ fina, & deſintereſſadamente muito groſſeira; accomodandoſe o Eſpirito Santa à incapacidade de noſſa fraca natureza, & à corrupçaõ, em que a deixou o primeiro peccado, nos enſinou para naõ peccar aquelles quatro motivos de temor taõ fortes, & taõ ſubidos, como de nòs mal applicados: *Memorare noviſſima tua, & in æternum non peccabis*: Lembrate, homem, dos teus noviſſimos, & naõ peccaras jà mais. E verdadeiramẽte que homem haverà, ſe naõ tem perdido o juizo, & uſo da razaõ, que ſabendo de certo, que ha de morrer ſem levar deſta vida mais que as ſuas boas, ou màs obras; & q̃ com ellas ſe ha de preſentar diante do Tribunal da Divina Juſtiça, para ſer ſevereſſimamente julgado; & que dada a ſentença, de que naõ ha appellaçaõ, nem embargos, ou ha de gozar de Deos para ſempre na Gloria, ou carecer de Deos para ſempre & penar ſem remiſſaõ no fogo do inferno. Que homem haverà, torno a dizer, ſe naõ tem perdido o juizo, & uſo da razaõ, que com a fé, & cõſideraçaõ viva deſtes quatro motivos, ſeja taõ temerario, & cego, que ſe atreva a cometter hum peccado?

Eccleſ. 7.40.

6 Sendo pois eſta verdade taõ certa, & infallivel & a conſequencia della taõ racional, taõ util, & taõ conforme por huma parte ao temor, & por outra ao dezejo & eſperança humana; que he, ou pòde ſer a cauſa, por a experiencia de cada dia nos moſtra o contrario, & ſe couſa taõ ordinaria nos homens, que iſto meſmo crem & confeſſaõ, o peccar, o tal peccado, & o tornar a peccar? A cauſa, ou occaſiaõ naõ he outra, ſenaõ que aſſi como o Eſpirito Santo nos deu quatro motivos para espertadores da memoria, aſſim o demonio inventou, nos dà outros quatro para adormentadores do eſquecimento: aquelles eſpertaõ

entendimento, para que sempre vigilante, & com os olhos abertos nos naõ cõsinta peccar: & estes adormentaõ a vontade, para que froxa, descuidada, & cega nos facilite o peccado. E que motivos infernaes saõ estes quatro? Para serem mais infernaes; vaõ todos fundados na verdade da fé, & experiencia. O primeyro he a dilaçaõ do castigo, o segundo a confiança da misericordia, o terceiro o proposito do arrependimento, o quarto a facilidade, & promptidaõ do remedio. Como o Espirito Santo nos refrea do peccado com a memoria, & consideraçaõ dos quatro Novissimos, diz assim o demonio ao peccador, & o peccador a si mesmo. Os novissimos da Gloria, & do inferno naõ haõ de vir, senaõ depois do juizo, o novissimo do juizo naõ ha de vir senaõ depois da morte, o novissimo da morte naõ vem, senaõ no fim da vida. Logo em quanto dura a vida, quero fazer a minha vontade, & viver a meu gosto, & para que seja sem perigo da salvaçaõ, desse me asseguraõ quatro motivos, & fundamentos taõ certos como os que já referimos, & agora veremos.

§. III.

7 Animase primeiramente o homem, & facilitase a peccar pela dilaçaõ do castigo; porque ainda que crê pela fé, que Deos nunca deixa de castigar o peccado, vê cõtudo pela experiencia ordinaria, que Deos naõ castiga logo. Daqui nasceo hum notavel pensamento, em que deu David para tirar os peccados do mundo. Sentia tanto o Santo Rey a facilidade, com q̃ se quebravaõ as Leys de Deos, & os homens naõ reparavaõ em peccar, q̃ este sentimento quasi lhe tirava a vida: *Defectio tenuit me pro peccatoribus dereliquentibus Legem tuam.* O primeiro pensamento com que acordava, & a sua primeira meditaçaõ, era cuidar, & excogitar, como se podiaõ tirar do mundo todos os peccadores: *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ.* E finalmente vevo a dar em hum

Psal. 118. 5.

Psal. 100. 8.

hum meyo o mais efficaz, & effectivo, que podia haver, & como tal o preſentou a Deos em huma propoſta. Senhor, diz David, eu naõ poſſo dar conſelho, nem voſſa infinita Sabidoria o ha miſter: mas naõ póde o meu zelo deixar de vos repreſentar hum meyo, em que tenho dado, para que naõ haja peccados, nem voſſa Divina Mageſtade ſeja offendido. Que differẽte alvitre era eſte, dos que ordinariamẽte ſe coſtumaõ inventar, & pagar com grandes merces: todos para utilidade dos Principes, & para deſtruiçaõ dos vaſſallos. Porẽm eſte de David taõ util era para Deos, como para os homens, & mais ainda para os homens, que para Deos; porque ſe Deos naõ ſeria offendido, os homens naõ ſeriaõ peccadores. Mas que meyo era, ou podia ſer eſte, que tiraſſe os peccados do mundo, & naõ houveſſe nelle quem naõ obſervaſſe as Leys de Deos? As palavras da propoſta o dizem: *Exurge Domine in ira tua: exurge in præcepto, quod mandaſti, & ſynagoga populorum circunda-* *Pſal. 7.7.8.*

bit te. Moſtreſe Voſſa Mageſtade irado, todas as vezes q̃ for offendido, & aſſim como a comminaçaõ da pena anda junta com o preceito, ande tambem a execuçaõ do caſtigo junta com o peccado; porque tanto que os homens virem, que o caſtigo naõ tarda, nem ſe dilata, logo todos obedeceràõ promptamente; & ſerviràõ a Deos, & nenhũ haverà, que ſe atreva a peccar: *Exurge in ira tua: exurge in præcepto, quod mandaſti, & ſinagoga populorum circundabit te.* Là diſſe o Poeta: *Si quoties peccant homines, ſua fulmina mutat Jupiter, exiguo tempore inermis erit*: ſe todas as vezes que os homens peccaõ, cahiſſe ſobre o delinquente hum rayo do Ceo, acabarſehiaõ os rayos. Mas naõ diſſe, nem inferio bem. Se todas as vezes que os homens peccaõ cahiſſe logo do Ceo hum rayo, que abrazaſſe o peccador, naõ ſe acabariaõ, antes ſobejariaõ os rayos. Os que ſe acabariaõ, ou ſeriaõ os homens, ou os peccadores; mas o certo he que ſeriaõ os peccados, & naõ os homens; porque tantoque o ca-

castigo andasse junto com o peccado, nenhum homem havia de ser taõ cego, que se arrojasse a peccar. Esta foy a proposta, & o alvitre de David. E que lhe respondeo Deos? O mesmo David o disse logo. Ainda que o coraçaõ de David era semelhante ao coraçaõ de Deos, o de David era taõ pequeno, que cabia no seu peito, & o de Deos he taõ grande como sua mesma immensidade. Respondeo Deos aquillo mesmo, que dizem os que fiados na dilaçaõ do castigo, se animaõ a continuar no peccado: *Deus judex justus, fortis, & patiens, nunquid irascitur per singulos dies?* Deos (diz o peccador usando das palavras Divinas a sabôr do seu appetite) Deos, ainda que he justo Juiz, & taõ forte, que nenhum culpado, ou reo lhe póde escapar das maõs; com tudo o seu coraçaõ he muito largo, & a sua paciencia muito sofrida; & ainda que os nossos peccados saõ quotidianos, a sua ira naõ he de cada dia: *Nunquid irascitur per singulos dies?*

8 Este he o fundamento, com que disse judiciosamente Tertulliano, que Deos padece na sua mesma paciencia: *Deus sua sibi patientia detrahit*: porque da occasiaõ o seu sofrimento, a que se perca o temor de sua justiça, & o respeito à sua authoridade. Atreveose Oza, posto que com boa tençaõ, a tocar na Arca do Testamento, & no mesmo ponto pagou aquella temeridade, cahindo de repente morto. Oh se Deos o fizesse assim sempre, ou muitas vezes, & os peccados se pagassem logo, & de contado, como haviaõ os homens de ir atento em peccar, & como se lhe haviaõ de atar as maõs, ainda quando o peccado fosse duvidoso! Porque cuidais que peccou Adaõ, & comeo da fruta vedada, tendolhe Deos cominado a morte, se comesse? Porque vio, que Eva tinha comido, & naõ morreo. O preceito, & a pena do preceito foy posta a ambos: pois se Eva comeo, & naõ morreo, tambem eu (diz Adaõ) naõ morrerey, ainda que coma. Venha a fruta, fartese o appetite, & vivamos a nosso gosto. Isto he o que fez Adaõ, & isto

o q̃ fazẽ seus filhos. O pensamento, diz o Texto sagrado, com que depois de ter peccado, se anîmaõ os homens a tornar a peccar, he este: *Peccavi, & quid mihi accidit triste?* Eu pequei, & nem por isso me succedeo mal, ou desgraça algũa: estava vivo, & estou vivo: estava saõ, & tenho a mesma saude: torney para casa, & nem por isso achey cahida, & meus filhos mortos debaixo della, como Job: os gados naõ mos roubàraõ os inimigos, nem me matàraõ os escravos: às lavouras naõ lhe faltou a chuva, que as regasse, nem o Sol que as amadurecesse: se meti os frutos no celleiro, conservàraõse: se os naveguey, chegàraõ a salvamento: tudo me succedeo taõ prosperamente, que no mesmo dia, em que pequey, se fuy à casa do jogo, ganhey: se pleiteava, tive sentẽça por mim: se tinha algum requerimento, sahi despachado; & se fuy beijar a maõ ao Rey, olhoume com bons olhos. Pois se na vida, na fazenda, na honra, em nada me empeceo o peccado; porque naõ hey de tornar a peccar? Quero peccar como dantes, & mais ainda.

Eccl. 5.4.

9. Este he o discurso, ou mais, ou menos expresso, com que os homens se precipitaõ a continuar no peccado. Mas vede o que lhes diz o Espirito Santo: *Ne dixeris: peccavi, & quid mihi accidit triste; Altissimus est enim patiẽs reddítor.* Naõ digas: pequei, & naõ me succedeo nenhum mal; porque a paciencia do Altissimo, ainda que dissimule muito tempo, & se naõ pague logo do que lhe deves, no cabo puxa pelo capital, & mais pelos redditos. Redditos lhe chamou Tertulliano: *Peccati censum.* E S. Gregorio declarando quã grande, & quam custosos seraõ estes redditos diz, que será taõ estrcita, & insofrivel a execuçaõ do juizo, quam larga foy a paciencia, & sofrimento de Deos na dilaçaõ do castigo: *Tantò strictiorem justitiam in judicio exiget, quantò largiorem patientiam ante judicium prærogavit.* Oh como nos enganamos os homens com a paciencia, & sofri-

frimento de Deos, que quanto mais dilata, menos perdoa. Sofrèo Deos o fratricidio de Caim, & naõ o castigou logo com a morte; mas depois de andar desterrado, & fugitivo por esse mũdo, & aborrecido de todos em summa confusaõ, & miseria, veyo a morrer desastradamente em hum bosque, reputado por fera, a mãos de seu proprio neto Lamech. Sofrèo Deos as desobediencias de Saul, & a usurpaçaõ do officio Sacerdotal, & as invejas, & ingratidoens, com que perseguio a innocencia, & pagou os merecimentos de David, a quem devia a honra, a vida, & a coroa. Mas perguntay aos mõtes de Gelboé, qual foy o triste fim do mesmo Saul afrontosamente vencido, morto com sua propria espada, & depois pendurado de huma ameya nos muros de seus inimigos. Sofrèo Deos as ambiçoens, & locuras de Absalaõ rebelde a seu Rey, & a seu Pay, & as politicas impias de Achitofel, alheyas de toda a Ley divina & humana; mas a hum vereis enforcado por suas proprias mãos em huma trave da sua casa, & ao outro prezo por seus proprios cabellos nos braços de hũa enzinheira; com o coraçaõ, que lhe naõ cabia no peito, passado com tres lanças. Sofrèo Deos as idolatrias d'ElRey Acab, & de sua mulher Jezabel, as perseguiçoens dos Profetas, & os falsos testemunhos levantados contra Nobot, & o roubo perjuro da sua herdade; mas no cabo, elle, & ella infamemente privados do Reyno, elle foy ferido, & morto de huma setta perdida, & ella precipitada de hũa janella do seu Palacio: a ella lhe roèraõ os caens os ossos, & a elle lhe lamberaõ o sangue. Deixo os exemplos de Nabuco soberbo, de Antiocho sacrilegio, & de Judas traidor: hum convertido em bruto, outro comido vivo de bichos, & o terceiro rebentado pelo meyo, vomitando a infelice Alma juntamente com as entranhas: todos tres longamẽte sofridos, mas depois severissimamente castigados: para que ninguem se fie na dilaçaõ do castigo, que se tarda, sempre chega, & re-

recompenſa com o rigor as uſuras da tardança.

§. IV.

10 O ſegundo motivo que facilita, & quaſi parece que convida os homens a perſeverar na continuaçaõ do peccado, he a confiança na miſericordia divina. Nenhum attributo prègam, & apregoaõ mais em Deos todas as Eſcrituras, que a ſua miſericordia, grande, infinita, immenſa. Naõ ſó chamaõ a Deos miſericordioſo, ſenaõ miſericordiador: *Miſericors, & miſerator.* E como ſe Deos ſe multiplicara a ſi meſmo, para multiplicar as miſericordias, dizem que he *multus ad ignoſcendum.* A meſma miſericordia, ſendo huma, daõ nome de multidaõ: *Secundum multitudinem miſerationum tuarum.* E finalmente porque a multidaõ ſe compoem de numeros, acreſcentaõ, que a miſericordia de Deos naõ tem numero: *Cujus miſericordiæ non eſt numerus.* Que muito logo, que ſe Deos ſe multiplica para perdoar, multipliquem tambem os homens materia do perdaõ, que ſaõ os peccados: & que naõ reparem em acumular huns peccados ſobre outros, pois ainda que o numero, & multidaõ delles ſeja grande, o numero innumeravel, & a multidaõ ſem conto das miſericordias de Deos ſempre he mayor? Tam aſſentado eſtà eſte deſprezo do peccado na confiança da miſericordia divina, que ſe eu (diz Santo Agoſtinho, fallando de ſi) ſe eu quizer perſuadir aos homens, que temaõ a Deos, & o rigor de ſua juſtiça, para que ſe abſtenhaõ de peccar; haverà algum, que fundado nas Eſcrituras, ſe levante contra mim, & naõ duvide dizerme na cara: *Quid me terres de Deo noſtro? Ille miſericors eſt, & miſerator, & multum miſericors*: que medos ſaõ eſtes, Agoſtinho, que cà nos quereis meter com o noſſo Deos? Elle he miſericordioſo, & mais miſericordioſo, & muito mais miſericordioſo: & ſendo tanta, & tal a ſua miſericordia, como he de fé; ainda que nós pequemos, & mais pequemos, & tornemos a pec-

Pſal. 110. 4.

Iſai. 55. 7.

Pſal. 50. 3.

peccar, sempre seremos perdoados.

11 Isto dizem muitos peccadores, & isto fazem todos, ainda que o naõ digaõ. E he cousa sobre toda a admiraçaõ, & sobre todo o encarecimento notavel, que promettendo Deos o Ceo, & a Bemaventurança, & naõ podendo o demonio dar senaõ o que tem, que he o inferno, sendo Deos taõ bom, & o demonio taõ mào; Deos taõ fermoso, & o demonio taõ feyo, haja comtudo tantas Almas enganadas, & cegas, que deixando a Deos, se amiguem com o demonio. Palacios, doutissimo Expositor das Escrituras sagradas, & taõ pio, como douto, respondendo a esta admiraçaõ, diz hũa cousa a que pelo nome com que a declara duvido, se a referiria desde lugar. Mas porque outros Comentadores, que vieraõ depois delle, a allegaõ, como muito digna de se saber, & dizer; eu a naõ devo callar. Diz pois este grave Author, q̃ a causa de muitas almas deixarem a Deos, & se amigarem com o demonio, he, porque tem o demonio huma terceira, solicitada pelos mesmos homẽs, com a qual he taõ sagaz, taõ astuto, taõ enganador, & lisongeiro o demonio, q̃ com suas artes, promessas, & caricias, affeiçoa, rende, & traz a si as Almas. E que ministra he esta, que terceira taõ poderosa, para o demonio enganar os juizos, & cativar as liberdades? He porventura alguma Circes, ou alguma Medéa, que com feitiços, & encantos allucine os homẽs? He alguma Furia do inferno, transfigurada em Anjo de luz, que com adulaçoens, & falsas esperanças lhe tire o medo do mesmo inferno? Naõ he do inferno, nem da terra, nem só do Ceo, mas tirada do seyo, & das entranhas do mesmo Deos, que criou o Ceo, & a terra. He (quem tal imaginára) he a mesma misericordia divina, a qual os homens por summa temeridade, & impudencia fazem terceira do demonio, para se amigarem com elle: *Immane flagitium est misericordiam Dei lenam facere diaboli, & quod per misericordiam, per quam Deo conjungi debueras,*

ras, diaboli conjungaris. Naõ póde haver mais enorme, & mais atroz ſacrilegio, nem mais horrendo deſcomedimento de maldade impia, & cega, que fazer a miſericordia de Deos terceira do demonio, & que por occaſiaõ da meſma miſericordia, pela qual o homem ſe havia de unir mais a Deos, ſe ajunte com o demonio, & ſe amigue com elle. Iſto pois he, & nada menos, o que fazem todos aquelles, que cõfiados na miſericordia de Deos, em lugar de lhe pedir perdaõ dos peccados, ſe animaõ, & facilitaõ ſem temor, a continuar nelles.

12 Ouçaõ agora eſtes enganados com a miſericordia, o que lhe diz o meſmo Pay das miſericordias: *Ne adjicias peccatum ſuper peccatum, & ne dicas: miſeratio Domini magna eſt, multitudinis peccatorum meorum miſerebitur.* Naõ acreſcentes peccados ſobre peccados: & naõ digas, que a miſericordia de Deos he grãde & perdoarà todos os peccados, ainda que ſejaõ muitos. E porque rezaõ, Senhor? Se os noſſos peccados foraõ muitos, & a voſſa miſericordia pouca, ou pequena, entaõ tinhamos fundamento para deſconfiar do perdaõ; mas ſe a miſericordia he grande, & ſempre mayor que os noſſos peccados, por mais, & mais que os acreſcentemos; porq̃ naõ havemos de confiar, & eſtar muito ſeguros, q̃ ſempre nos perdoarà voſſa miſericordia? O meſmo Deos dá a razaõ, & he taõ Divina, como ſua: *Miſericordia enim, & ira ab illo citò proximant.* Naõ vos fieis demaſiadamente da minha miſericordia, diz Deos: porque a miſericordia, & a juſtiça em mim eſtaõ muito perto huma da outra. Admiravel ſentença! Em Deos, cuja natureza, & eſſencia he ſimpliciſſima, tudo he a meſma couſa, porque tudo he Deos. Mas nenhuma couſa ha em Deos mais unida entre ſi, nem mais identificada, & mais hũa, & mais a meſma, que a miſericordia, & a juſtiça. Em Deos o Pay he Deos, o Filho he Deos, o Eſpirito Santo he Deos, a miſericordia he Deos, & a juſtiça he Deos: mas o Padre,

Eccl. 5.5.6.

e, o Filho, & o Espirito
nto, ainda que sejaõ Deos,
o mesmo Deos, distinguen-
realmente; porèm a mise-
cordia, & a justiça naõ tem
ſtinçaõ alguma. O Padre
e Deos, mas naõ Filho: o
ilho he Deos, mas naõ he
adre: o Padre, & o Filho
ão Deos, mas naõ saõ Espi-
to Santo: o Espirito Santo
e Deos, mas naõ he Padre,
em Filho. Porèm a miseri-
ordia, & a justiça em Deos
e tal maneira saõ Deos, que
mesma justiça he miseri-
ordia, & a mesma miseri-
ordia he justiça.

13 Daqui se entenderà
quella sentença famosa de
David, que mais parece eni-
ma, que sentença: *Semel lo-
uutus est Deus, duo hæc au-
divi.* Deos (diz David) dis-
e hũa cousa, & eu ouvi duas
Aquillo que se ouve, se se
ouve bem, he o mesmo que
e diz: pois se Deos disse
uma só cousa, David, que
ra muito bom ouvinte, co-
no ouvio duas? O mesmo Da-
vid se explicou; & naõ sey
e nos implicou mais: *Duo
hæc audivi, quia potestas Dei
est, & tibi Domine misericor-
dia: quia tu reddes unicuique
juxta opera sua.* O que ouvi
(diz David) he, que Deos
todo poderoso tem miseri-
cordia, & justiça, com que
dà a cada hum segundo o
merecimento de suas obras.
Bem ouvio logo David, &
bem diz, que ouvio duas
cousas, pois ouvio, que Deos
tem misericordia, & justiça:
mas se elle ouvio estas duas
cousas: *Duo hæc audivi*: co-
mo disse Deos huma só: *Se-
mel loquutus est Deus*? Por-
que esta he a differença, que
ha de Deos para com os ho-
mens na realidade, ou appre-
hẽsaõ da misericordia, & jus-
tiça divina: para comnosco, & na apprehensaõ com
que consideramos a miseri-
cordia, & justiça divina, saõ
duas cousas, & por isso: *Duo
hæc audivi*: porèm na reali-
dade, com que a mesma mi-
sericordia, & justiça divina
està em Deos, he huma só
cousa, & por isso: *Semel lo-
quutus est Deus*: para com-
nosco a misericordia, & a jus-
tiça saõ duas cousas: porque
apprehendemos a misericor-
dia como misericordia dis-
tincta da justiça, & a justiça
co-

como juſtiça diſtincta da miſericordia: mas para com Deos, nem Deos ſaõ a meſma couſa ſem diſtincçaõ alguma, porque em Deos a juſtiça he miſericordia, & a miſericordia juſtiça.

14 Sendo pois taõ inſeparavel, & taõ intima, naõ digo a uniaõ, ſenaõ a unidade deſtes dous attributos divinos, dos quaes depende o perdaõ, ou condenaçaõ de todos os que peccaõ. Vede agora ſe he bom conſelho, & digno de Deos, aquelle, com que o meſmo Deos tanto nos exborta, & amoeſta, que naõ acreſcentemos, peccados ſobre peccados, fiados na ſua miſericordia; porque a miſericordia, & a juſtiça em Deos eſtaõ muito perto hũa da outra: *Ne adjicias peccatum ſuper peccatum, & ne dicas: miſeratio Domine magna eſt: miſericordia enim, & ira ab illo citò proximant.* He cõtudo tal a cegueira, & malicia humana, que eſtando a miſericordia, & juſtiça divina taõ perto huma da outra, naõ ſó os Hereges, ſenaõ tãbem os Catholicos tem achado invençaõ com que as di-

vidir. Os Hereges Marc niſtas diziaõ, que Deos ti miſericordia, & naõ ti juſtiça, por ſer couſa alhe da ſua bõdade o caſtigar: c mo ſe Deos fora bom, pa que os homens foſſem mâ como bem os argue Tert liano. E os Catholicos a da com mayor incoherẽci conhecendo, & confeſſan que Deos he miſericordi ſo, & juſto: *Miſericors D minus, & juſtus*: que fizera ou que fazem? Partẽ a De pelo meyo (diz S. Baſili *Deum ex dimidia tantum p te agnoſcunt.* Donde vem q peccando facilmente con a ametade de Deos, que conhecem por miſericordi ſo, da outra ametade naõ f zem caſo, como ſe naõ cr raõ que he juſto. Oh q ſizudos ſeriaõ os homens, que fazem eſta diviſaõ, ſe fizeſſem às aveſſas! Aſſim fazia David, depois que ſeu meſmo peccado o fez zudo: *Domine, memor.b juſtitiæ tuæ ſolius.* Senhor, daqui por diante ſó me he de lembrar de voſſa juſtiç E da ſua miſericordia, po que naõ, tendo vòs recebi

ntos favores da misericor-
a divina? Por isso mesmo:
ra naõ abusar della. Quem
lêbra só da justiça de Deos,
mo se naõ tivera miseri-
rdia, teme de peccar, &
lvase: pelo contrario os q̃
se lembraõ da misericor-
a de Deos, como se naõ ti-
era justiça, naõ repáraõ em
eccar, & condenaõse. E
lo he o que acontece a to-
os os que peccaõ em con-
ança da misericordia divi-
a.

§. V.

15 O terceiro motivo
om que o homem se facili-
a peccar mais, & a conti-
uar, ou multiplicar os pec-
ados, he o proposito do ar-
ependimento. Eu, diz o
eccador, pecco, & pecca-
ey agora; sim: mas naõ com
esoluçaõ de perseverar sem-
re no peccado, se naõ com
ntento, & proposito firme
e me arrepender depois, &
e me pesar, & doer de todo
oraçaõ disto mesmo que a-
ora faço. Este he o modo,
a suppoſiçaõ, com que se
delibera a peccar todo o ho-
nem, que tem fé da outra
ida: & assim o declarou
maravilhosamente hum del-
les, bem experimentado nos
peccados, & muito mais nos
arrependimentos.

16 *Ecce parturijt injus-* *pſ. 7.*
titiam: concepit dolorem, & *15.*
peperit iniquitatem. O pec-
cador (diz David) quando
se deliberou a peccar, concebeo a dor, & pario o pecca-
do. Na produçaõ, & nasci-
mento das cousas animadas
a conceiçaõ sempre precede
ao parto, & o parto se segue
à conceiçaõ. No peccado
succede o mesmo. Quando
o homem se delibera a pec-
car, entaõ concebeo o pec-
cado, & quando o cometèo,
& effeituou, entaõ o pario:
Concepit dolorem, & peperit
iniquitatem. Mas se bem re-
pararmos nestas palavras, pa-
rece que involvem hũa im-
plicaçaõ natural. A concei-
çaõ, & o parto sempre saõ da
mesma especie. Se o parto
he homem, o que se concebèo tambem foy homem: se
o parto he leaõ, o que se con-
cebèo tambem foy leaõ: & se
o parto acaso he monstro, co-
mo he todo o peccado, tam-
bem o que se concebèo foy
monstro. Pois se David diz,

que

que o peccador pario o peccado: *Perperit iniquitatem*: porque nao diz coherentemente, que concebeo o peccado, senaõ que concebeo a dor: *Concepit dolorem*? Porque este he o modo, & a suppoſiçaõ, com que todo o homem, que tem fé, ſe delibera a peccar. Primeiro concebeo dor, & depois pare o peccado: primeiro faz conceito do arrependimento futuro, & propoem de ſe doer, & arrepender do meſmo peccado, que eſtà deliberado a cometter, & ſobre eſte propoſito de dor, & arrependimento, que jà tem concebido, como ſobre carta de ſeguro, & immunidade da pena, entaõ peccа confiadamente, & ſem receyo. Bem conhece o peccador Chriſtaõ, que o peccador mata a Alma, & a condena ao inferno; mas lizongeado, & vencido do appetite, como ſe tomàra a ſalva, & ſe deſculpara com a ſua Alma, lhe diz dentro em ſi meſmo: Alma minha, eu bem ſey que te mato, & te condeno; mas ſe agora te mato, & te condeno com o peccado, eu te reſuſcitarey depois, & te livrey com a dor: *Concepit dolorem, & peperit iniquitate*

17 Eſte he aquelle co certo, ou pacto mal conſi rado, & peyor entendido, o Profeta Iſaias diz fazem homens com a morte, & c o inferno: *Audite verbum D mini viri illuſores: dixi enim, Percuſſimus fœdus c morte, & cum inferno fecim pactum.* Aos que aſſim ſ cteaõ com o demonio, & deliberaõ a peccar, cham lhe Deos naõ illuſos, ſen illuſores: *Viri illuſores*: po que naõ ſó o demonio os e gana a elles, mas elles c daõ, que enganaõ ao dem nio. Damlhe agora a Al pelo peccado, para depois l tornarem a tirar pela do & arrependimento. E de maneira, ou por eſta traça demonio he o que ficaria luſo, & naõ elles. Mas v mos às condiçoens. O que homens podem temer, & que temem todos os timor tos, he que pelo peccad morrendo nelle, vaõ ao i ferno: & por iſſo o contrat & pacto, que fazem com demonio, he ſobre a mort

x ſobrè o inferno: *Percuſſimus fœdus cum morte, & cum inferno facimus pactum.* Pelo contrato ſobre a morte prometteſlhes o demonio, que antes da morte teràõ tempo para cumprir os ſeus propoſitos, & ſe doer, & arrepender do peccado: & pelo contrato ſobre o inferno aſſegura-os o meſmo demonio, que de nenhum modo poderàõ ir là; porque todo o que ſe arrepende verdadeiramente de ſeus peccados antes da morte, he certo que naõ vay ao inferno. Pois ſe eſtas condiçoens aſſim praticadas ſaõ taõ uteis ao homem, & o demonio nellas fica perdido: como o meſmo demonio, que he taõ ſabio, & aſtuto, pactea taõ facilmente com taes condiçoens? Porque debaixo dellas, o que vay enganado, & totalmente perdido, naõ he elle, ſenaõ o homem. A razaõ de eſtado do demonio nos ſeus contratos com os homens (diz S. Baſilio) he com condiçaõ da noſſa parte, que nòs lhe demos o preſente, & cõ promeſſa da ſua, q̃ elle nos darà o futuro: pecca agora, & depois te arrependeràs; & como o preſente he o facil, & o certo, & o futuro o contingente, & difficultoſo: daqui ſe ſegue, que agora, que era o tempo da emẽda, todos peccaõ, & depois, que he o tẽpo da conta, em caſtigo do meſmo peccado, poucos, ou nenhum ſe arrepende.

18 Mais faz o demonio, como ainda naõ ponderámos, nas palavras de David: *Concepit dolorem, & peperit iniquitatem.* A natureza poz o deleite na conceiçaõ, a dor no parto: & o demonio às aveſſas, poem o deleite no parto, & a dor na conceiçaõ: poem o deleite no parto, que he o peccado; porque a todo o peccado, em qualquer genero, ſempre acõpanha o deleite: E poem a dor na conceiçaõ, porque na deliberoçaõ de peccar nos ſuggére, & faz conceber a dor, para depois de ter peccado. E como o appetite humano ſe leva taõ cegamente do deleitavel; por iſſo ao peccado, em que eſtà o deleite, & a perdiçaõ, damos o tempo preſente, & a dor, em que eſtava o remedio, & a

salvaçaõ, deixamola para o futuro. Desta sorte os nossos mesmos propositos, que nós chamamos de arrependimento, saõ de condenaçaõ, & os mesmos peccados, que em confiança delles nos deliberamos a cometter, nos devèraõ dezenganar da sua falsidade. Ou esses propositos saõ falsos, ou saõ verdadeiros. Se saõ falsos, porque nos fiamos delles? E se saõ verdadeiros, & saõ propositos de arrependimentos, porque nos naõ arrependemos logo, em quanto temos tempo de naõ peccar? O certo he, que nem os propositos saõ propositos, nem os arrependimentos haõ de ser arrependimentos: & porque saõ propositos de arrependimentos, que naõ haõ de ser, nem elles saõ propositos.

19 Mas supposto que este pacto he feito com o inferno: *Cum inferno fecimus pactum*: desçamos ao mesmo inferno, & vejamos como là se guarda. Ha neste carcere infernal, ha nesta masmorra escurissima algum homem, que fosse Christaõ? Muitos. Respondame algum Ho-

nem desventurado, quem quer que sejas, se foste Christaõ, ainda hoje o es, porque o caracter do Bautismo impresso na Alma nunca seperde. Pois se es, & foste Christaõ, & crias tudo o que cre a Santa Madre Igreja, como te naõ aproveitaste da Fè, & dos Sacramentos: como te naõ aproveitaste da doutrina, & exemplos do Evangelho, que tantas vezes ouviste: & como em fim te condenaste? Por meus peccados. E sabias tu, que os peccados, & hum só peccado basta para levar ao inferno. Bem sabia tudo isso: mas tà bem sabia, que basta o verdadeiro arrependimento dos mesmos peccados para Deos os perdoar: & por este conhecimento, que eu tinha todas as vezes que me resolvia a peccar, era com grãde propositos de depois me arrepender. Pois se fazias tantos propositos de arrependimento, porque te naõ arrependeste? Porque esse he o engano, que cà nos traz a todos. Estes dous, que aqui estaõ ardendo junto a mim foraõ os dous Irmãos, Ophni

&

& Phinees, filhos do Sumo Sacerdote Hilí, & como taes, muito bem doutrinados, & instruidos em todos os mysterios da Fé, & da salvaçaõ. Reprehendiaos seu Pay, & dizialhes, que se emendassem, & arrependessẽ de seus peccados: & elles respondiaõ: *Cum senuerimus, tunc pœnitebimus*: que eraõ moços, & queriaõ viver com liberdade, que depois se arrependeriaõ: mas a morte veyo antes do depois, os arrependimentos, & os propositos ficàraõ no àr, & as Almas descéraõ ao inferno. Aqui estaõ ardendo ha dous mil & setecẽtos annos, & arderàõ, & eu com elles, porque fiz a mesma conta, em quanto Deos for Deos.

20 Christãos, tomemos exemplo neste: & naõ nos fiemos de semelhantes propositos. Quando o proposito do arrependimẽto se ajunta com a resoluçaõ do peccado, nem he arrependimento, nem he proposito; porque a resoluçaõ do peccar contradiz o proposito da emenda, & o peccado presente desfaz o arrependimento futuro. Se os propositos de naõ peccar, ainda feitos em graça de Deos, saõ pouco seguros; os propositos de arrepender do peccado, que se fazem querendo peccar, & peccando actualmente, que firmeza podem ter? Os mais valentes propositos, que se fizeraõ neste mundo, toraõ os de S. Pedro: valentes, naõ só na boca, mas o que poucas vezes se ajunta, na boca, & mais na espada. E que disse Pedro? *Et si omnes scandalizati fuerint in te, ego nunquam scandalizabor.* Ainda que todos, Senhor, faltem à fidelidade, & amor, que vos devem, eu nunca hey de faltar. Que mais disse? *Etiamsi oportuerit me mori tecum, non te negabo.* E quando seja necessario dar a vida, & morrer cõvosco, primeiro morrerey, que negarvos. Podia haver mais animosos, & mais resolutos propositos que estes, & mais bizarramente declarados? Naõ podia. E com serem taõ repetidos, taõ constantes, & feitos, como verdadeiramente eraõ, de todo coraçaõ, naõ se tinhaõ passado seis horas, quando o mesmo Pedro cain-

Matt. 26. 33.

Ibid. 35.

do, recaindo, & tornando a cair, tinha negado a seu Mestre, naõ menos que tres vezes. E se os propositos de naõ peccar acabaõ negando a Christo, os que começaõ peccando, & negádo a Christo, que se póde esperar delles? Ao peccado de Pedro seguiose depois o arrependimento, porque foraõ propositos de naõ peccar, estando em graça; mas a quem pecca com propositos de se arrepẽder depois, donde lhe ha de vir o arrependimento, se o nega, & desmerece com o mesmo peccado? Peccareis, como peccais, mas naõ vos arrepẽdereis, como prometteis.

§. VI.

21 O quarto, & ultimo motivo, com que os homens se cegaõ, & naõ temem continuar no peccado, posto que conheçaõ ser enfermidade mortal, he a facilidade, & promptidaõ do remedio. O remedio, que Christo, Senhor nosso, condescendendo com a fraqueza humana, deixou para os peccados, que depois do Bautismo se commetteſſem, foy a Confissaõ dos mesmos peccados. Por isto o Sacramento da Penitencia se chama segunda taboa, em que o homem depois do naufragio se póde salvar. Mas assim como seria temeridade mais que grãde a daquelle, que voluntariamente se lançasse ao mar muy seguro de chegar a porto sobre huma taboa, mayor temeridade ainda, se em confiança da mesma taboa se fosse sempre engolfando mais, & mais: assim fazem os que debaixo do pretexto da Cõfissaõ se precipitaõ a peccar, & dizẽdo Eu me confessarey; multiplicaõ peccados sobre peccados.

22 Naõ pretendo negar com isto, que o remedio da Confissaõ naõ seja muito prõpto, & muito facil. Naõ he muito facil remedio o de curar só com palavras, ou fosse invẽtado pela superstiçaõ, ou pela arte? Pois desse genero he, & cõ muito grandes ventagens, o remedio da Confissaõ. Naõ só cura de algumas feridas, senaõ de to-

da

das ainda que sejaõ mortaes: naõ só cura de poucas, ou de muitas, senaõ de todas, ainda que sejam innumeraveis: & de tal maneira cura de todas, quantas padece o enfermo, que se huma só se lhe exceptuasse, naõ curaria de nenhuma. E tudo isto faz a Confissaõ, naõ em largo tempo, senaõ em hum instante, & sem outra applicaçaõ da nossa parte mais que palavras. O Profeta Oseas exhortando aos homens a que se convertaõ a Deos, diz assim: *Convertimini ad Dominum: & dicite ei: omnem aufer iniquitatem*: Converteyvos a Deos, & dizeylhe, que vos tire todos vossos peccados. Pois naõ ha mais que dizer a Deos, que nos tire nossos peccados, & naõ alguns, senaõ todos: *Omnem aufer iniquitatem*? E se Deos da sua parte nos ha de tirar todos os peccados, nós da nossa que havemos de fazer para que elle no los tire? O mesmo Profeta o diz, & he cousa bem notavel: *Tollite vobiscum verba*: levay comvosco palavras. Bem differentemẽte fallavaõ os outros Profetas no mesmo tempo de Oseas, que era o da Ley Velha. O que diziaõ os outros Profetas, era: *Tollite hostias*: levay a Deos sacrificios, para que por meyo delles aplaqueis sua justa ira, & vos perdoe os peccados. Pois se os outros Profetas diziaõ: *Tollite hostias*: porque diz Oseas: *Tollite verba*? Porque Oseas neste Texto, como diz a Glossa com Ruperto, fallava profeticamẽte do Sacramẽto da Confissaõ, que Christo havia de instituir na Ley da Graça; & para conseguir o perdaõ dos peccados por meyo da Confissaõ, naõ saõ necessarias da nossa parte mais que as palavras (naõ informes, mas formadas) com que os confessamos. Excellentemente Ruperto: *Non dico, tollite vobiscum multitudinem hircorum, aut virtulorum, sed verba, quæ consequi potestis sine dispendio rerum. Verba Confessionis Deo pro salute vestra sufficiunt, pro iniquitatibus vestris satisfaciunt.* Naõ vos digo, que tragais com vosco ao sacrificio multidaõ de bezerros, ou de cordeiros, senaõ *Psal.* 98.8.

ſómentẽ palavras, para as quaes todos tendes cabedal, ſem diſpendio da fazenda, ou neceſſidade della; porq̃ virá tempo, em que baſtem para com Deos as palavras da voſſa Confiſſaõ, & ſó com eſſas palavras ſe dè por ſatiſfeita de todos voſſos peccados. Póde haver mayor facilidade que eſta?

23 He taõ grande, que como refere Santo Aguſtinho, os Gentios do ſeu tempo o lançavaõ em roſto aos Chriſtaõs, dizendo, que naõ podia ſer boa aquella Ley, em que taõ facilmente ſe perdoavaõ os peccados, pois era dar licença para peccar. Aſſim o diziaõ ignorantemente os barbaros, & podèraõ provar a blasfemia do ſeu penſamento com o exẽplo, ou eſcandalo de muitos Chriſtaõs, os quaes de tal modo abuſaõ da facilidade da Confiſſaõ, como ſe fora licença, ou immunidade dada por Deos, para poderem peccar quanto quizeſſem. Mas o meſmo Santo Aguſtinho enſinou aos Gentios, que taõ fóra eſtá a Confiſſaõ de facilitar o peccado, que antes he hũ novo freyo com que mais ſe difficulta porque como na Confiſſaõ ſó ſe perdoaõ os peccados de quem leva reſoluçaõ de nũca mais peccar, ſe no peccado ſe quebra a Ley, com q Deos nos manda, que naõ pequemos, na Confiſſaõ naõ ſó ſe torna a ratificar a meſma Ley de Deos, mas nós meſmos nos pomos outra Ley de novo, com que nos obrigamos a naõ reincidir naquelle peccado, nem cometter algum outro. Foy taõ engenhoſa a traça da Cõfiſſaõ, ou verdadeiramente taõ divina, que quando por huma parte abre a porta ao perdaõ, por outra fecha a porta ao peccado. Se duas caſas tem as entradas juntas com a meſma porta, com q ſe abre huma, ſe póde fechar a outra. E iſto he o que fez Deos no Sacramento da Cõfiſſaõ. E como a Confiſſaõ verdadeira inclue eſſencialmente deteſtaçaõ dos peccados comettidos, & reſoluçaõ firme de nunca mais peccar, cõ a deteſtaçaõ abrio a porta ao perdaõ dos peccados paſſados, & com a reſoluçaõ fe-

chou

chou a porta à continuaçaõ dos futuros.

24 Já daqui começaràõ a entender, os que tanto se confiaõ no remedio da Confissaõ, quam enganada, & enganosa he esta sua confiança. A Confissaõ verdadeira, & effectiva hade levar comsigo ao confessado, & polo todo, & para sempre aos pés de Deos. Se naõ leva comsigo ao confessado, naõ he Confissaõ. Olhay o q̃ dizia Oseas, & ainda naõ notastes: *Tollite vobiscum verba, & dicite: omnem aufer iniquitatem.* Para que Deos vos perdoe os pecados, naõ só diz, que leveis as palavras à Confissaõ, senaõ que as leveis com vosco: *Tollite vobiscum verba.* Porque se vós naõ levais as palavras da Confissaõ comvosco, & ellas vos naõ levaõ cõsigo, a Confissaõ naõ he Cõfissaõ, saõ palavras. O sacrificio de Abel porque contẽtou a Deos? Porque levou comsigo ao mesmo Abel. E o de Caim porque naõ lhe contentou? Porque naõ levou comsigo a Caim. David disse a Nathan: *Peccavi*: & Saul tambem disse a Samuel: *Peccavi*: E sendo as palavras as mesmas, David ficou absoluto do seu peccado, & Saul naõ; porque a David levou-o comsigo a sua Confissaõ, & a Saul naõ o levou a sua. Vejaõ agora os que guardaõ a Confissaõ para a hora da morte, se as suas palavras os pódem levar comsigo, quãdo elles jà naõ estaõ em si: Eisaqui porque vemos morrer tantos sem Confissaõ, ou com Confissoens q̃ naõ saõ Confissoens. Porque he justo castigo de Deos, que a quem peccou em confiança da Confissaõ, essa mesma Confissaõ lhe falte, ou lhe naõ aproveite.

25 Os moradores de Jerusalem peccavaõ dissoluta, & desaforadamente, como se para elles naõ ouvera Ley, nem castigo: & toda a sua confiança se fundava, em q̃ Deos tinha o seu Templo na mesma Jerusalem. Deos (diziaõ elles) tem o seu Tẽplo na nossa Cidade? Pois elle defenderá as nossas casas, por naõ perder a sua. Mas vede o que lhes disse entaõ o Profeta Jeremias: *Nolite confidere in verbis mendacij, dicentes:* Jer. 7. 4.

Templum Domini, Templum Domini, Templum Domini eſt. Vós fiados no Templo de Deos, matais, roubais, adulterais, como ſe no meſmo Templo tivereis licença, & immunidade de Deos para peccar livremente: pois ſabey, que toda eſſa voſſa cõfiança he falſa, & enganoſa, & q̃ no cabo vos ha de mentir: *Nolite confidere in verbis mendacij*: porque a quem pecca em confiança do Templo, naõ lhe val o Templo: E aſſim ſuccedeo. O meſmo digo da Confiſſaõ; porque Deos, & ſua juſtiça ſempre he o meſmo, & a meſma. Aſſim como naõ val o Templo, a quem pecca em confiança do Templo, aſſim he juſto caſtigo de Deos, que naõ aproveite a Confiſſaõ aos que peccaõ fiados na Confiſſaõ. Deos fez a Cõfiſſaõ para remedio da fraqueza, & naõ para eſtimulo da malicia. He medicina para ſarar, & naõ carta de ſeguro para adoecer. Por iſſo permitte Deos juſtiſſimamente, que ou falte a Confiſſaõ, ou naõ aproveite a muitos: porque naõ he razaõ, que o remedio ſeja proveitoſo a quem foy injurioſo ao meſmo remedio.

26 Aqui parára eu jà, & me dera por ſatisfeito, ſe naõ tivera noticia, que anda muy valida pela terra huma nova propoſiçaõ, ou Theologia a qual eu naõ poſſo crer, ſe naõ que o Norte a trouxe de Hollanda a Pernambuco, & o Nordeſte de Pernambuco à Bahia. E que propoſiçaõ he eſta? Que para hum Chriſtaõ ir ao Ceo, baſta ter Cõfeſſor, & dinheiro: o Confeſſor para os peccados, o dinheiro para os ſuffragios, o Confeſſor para as culpas, com que vos livreis do inferno, & o dinheiro para as penas, com que vos livrais do Purgatorio. Ainda agradeço aos que iſto dizem, crerẽ que ha Purgatorio, & Inferno; mas aſſim começaõ as heregias. Pobres dos pobres que naõ tem dinheiro, & mais pobres dos ricos, que nelle ſe fiaõ. Mas eu lhe cõcedo, que tenhaõ Confeſſor & dinheiro; & deixado o exemplo de Judas, ainda lhe moſtro com outro mais apertado, que com dinheiro, & Confeſſor pòdẽ morrer ſem con-

õfiſſaõ. No tempo da priitiva Igreja todos os Chriſõs levavaõ o dinheiro, que nhaõ, aos pès dos Apoſtoos, porque viviaõ em comunidade, como hoje os eligioſos. Ouve comtudo ous cazados, Ananias, & afira, que vendẽdo hũa ſua erdade cõtra o voto que tihaõ feito, reſerváraõ eſcõidamente parte do preço. Chamou S. Pedro a Ananias, ezlhe cargo do ſeu peccado, & de ter mentido ao Eſpirito Santo, quando eſtava em ſua maõ lograr o que tinha: & no meſmo põto, ſem dizer palavra, cahio Ananias morto. Veyo depois do meſmo modo Safira chamada a juizo: arguio-a S. Pedro da meſma culpa, como meeyra da meſma fazenda, & complice na reſerva do dinheiro; & tambem cahio de repente muda, & morta. Agora pergunto: E eſtes dous deſventurados tiveraõ Confeſſor, & dinheiro? Huma, & outra couſa tiveraõ. Tiveraõ Cõfeſſor, & tal Confeſſor como S. Pedro, Summo Pontifice da Igreja: tiveraõ tambem dinheiro, que para iſſo o eſcondéraõ, & reſervaraõ: & confeſſouſe algum delles? Nenhum. De maneira que ambos tiveraõ dinheiro, ambos tiveraõ Confeſſor, ambos morréraõ aos pés do Confeſſor, & ambos morréraõ ſem Confiſſaõ. Levay lá as novas aos da nova Theologia, porque naõ quero afrontar a nenhum dos preſentes, com preſumir delle tal ignorancia.

27 Naõ baſta ter Confeſſor na hora da morte para a Alma ſe ſalvar: porque cõ o Confeſſor à cabeceira, a huns falta a Confiſſaõ, & outros faltaõ a ella. Aos que falta a vida, a falla, & o juizo, falta a Confiſſaõ; & os que tem vida, falla, & juizo, faltaõ elles à Confiſſaõ muitas vezes, porque em pena de a guardarẽ para aquella hora, & peccarem em confiáça della, permitte juſtamente Deos que por falta de verdadeira diſpoſiçaõ (que póde ſer de muitos modos) lhe naõ aproveite a Confiſſaõ. Dizeyme, ſe hum homẽ por ſuas proprias maõs ſe dera huma eſtocada penetrante, & ſobre eſta, outras, & outras

tra; naõ o tereis por doudo? E ſe elle reſpondeſſe, q̃ fazia tudo aquillo, porque tinha huma redoma de oleo de ouro muito provado, com que facilmẽte ſe curaria, naõ o tereis por mais doudo ainda? Pois iſto he o que fazem os que fiados na facilidade da Confiſſaõ continùam a peccar. E a doudice, & locura deſtes he muito mais rematada, porque nem a Confiſſaõ, nem o effeito della eſtà na ſua maõ. Poriſſo ha tantos, que ſe condenàraõ ſem Confiſſaõ, & tantos, que ſe condenaõ confeſſados: para que ninguem finalmente ſe fie na facilidade deſte remedio.

§. VII.

28 Temos viſto mais largamẽte do que eu quizera, poſto que com a mayor brevidade, que me foy poſſivel, quam enganoſos ſaõ os motivos, & quam falſos os pretextos do noſſo apetite, com que o demonio nos anima a peccar, & a continuar nos peccados, contra o preceito, & conſelho de quem tanto nos dezeja ſalvar, q deu por iſſo a vida: *Jam a plius noli peccare.* Vimos, q todos ſaõ falſos, & engan ſos; porque nem a dilaç do caſtigo o diminue, ante acreſcenta; nem a confian na miſericordia divina n aſſegura da ſua juſtiça, ant a provóca: nem os propo tos do arrependimento te firmeza alguma na vida, ne ainda na vontade: nem nalmente a facilidade do r medio he taõ deſembaraç da, & prompta, que naõ t nha tantas difficuldades c mo perigos, baſtando o m nor delles para que a Alm ſe perca, & ſe condene. M porque eſte ponto de na haver de peccar mais he ta arduo, a natureza taõ corr pta, & o habito de cair, tornar a cair taõ commu na cegueira humana; dez jando eu algum meyo, qu vos propor mais poderoſo tudo iſto; foy Deos ſervid por ſua bondade de me de cobrir, & inſpirar hum ta forte, taõ efficaz, & aind taõ terrivel, que depois d ouvido, & ſabido, como h em ſi meſmo, nenhum ho

men

em haverà, que se atreva a ometter hum peccado mortal, senaõ for taõ obstinado, e taõ precito, que se queira condenar sem remedio. Este he o meyo, que por ventura nunca ouvistes, como ao principio prometti; & agora torno a pedir de novo àquelle Senhor crucificado pelo preço infinito de seu sangue, & pela intercessaõ de sua Santissima Máy me assista, & nos assista a todos neste ponto com a efficacia, & força de sua Graça, que a importancia delle requere. Se em algũ discurso me desses attençaõ, seja neste: que para que o leveis na memoria, todo será sustancia, & muito breve.

29 Por primeiro fundamento de tudo, havemos de saber, & suppor, que Deos na sua Mente Divina tẽ cerca medida destinada aos peccados de cada hum, a qual medida em quanto naõ está cheya, tem remedio, & pòdẽ ser perdaõ os peccados; mas taõ que se encheo, naõ tem nenhum remedio. A primeira vez que Deos revelou este segredo da sua Providencia, & justiça, foy nos peccados dos Reynos, das Republicas, & das Cidades, que tambem he muito boa supposiçaõ, & doutrina para o tempo, estado, & contingencias, em que se acha o Brasil. Prometteo Deos a Abraham, q̃ a elle, & a seus descendentes daria as terras dos Amorrhéos, por isso chamadas da Promissaõ; mas que naõ seria logo, senaõ dahi a muitos annos: *Nec dum enim cõpletæ sunt iniquitates Amorrhæorum usque ad præsens tempus*: porque os Amorrhèos atè o tẽpo presente naõ enchèraõ ainda a medida dos peccados, que eu tenho decretado, & taxado para seu castigo. E essa foy huma das razoens, porque os filhos de Israel andàraõ tãto tempo aos bordos pelo deserto atè tomarẽ porto no Rio Jordaõ, para q̃ entretanto se acabasse de encher a medida dos peccados dos Amorrhéos. Este mesmo foy o sentido, em que Christo, Senhor nosso, disse aos Escribas, & Fariséos depois de reprehender suas impiedades, & injustiças, que enchessem a medida de seus Pays:

Matt. 23. 32. Pays: *Implete mensuram Patrum vestrorum*: porque nos corpos politicos, quaes saõ as Reſpublicas, que duraõ em muitas vidas, os peccados dos pays, filhos, & netos, todos concorrem a encher a medida.

30 No Profeta Zacharias temos huma illuſtre repreſentaçaõ deſta verdade por todas ſuas circunſtãcias. Appareceo hum Anjo a Zacharias, diſſelhe, que levantaſſe os olhos, & viſſe o que ſahia pelas portas de Jeruſalem. Olnou, & vio, que ſahia huma anfora, que era certo genero de medida, quadrada por todas as partes, de que uſavaõ naquelle tempo, aſſim Hebréos, como Latinos: apoz a anfora ſahio huma paſta groſſa de chumbo, a qual pezava hum Talento, que do noſſo pezo vem a ſer tres arrobas: & atrás deſtes dous inſtrumentos, ou figuras inanimads, vio o Profeta, que ſahia pela meſma porta huma mulher, a qual encaminhandoſe para a anfora, ſe aſſentou ſobre ella; porèm o Anjo, declarãdo que aquella mulher era a impiedade: *Hæc eſt impietas* lançou, & metéo dentro meſma anfora, & a fechou & tapou com a paſta de chumbo, que como cortada pa o meſmo effeito ſe ajuſtou naturalmente com ella. Feito iſto, torney a olhar, diz Profeta: & vi ſair da Cid de outras duas mulheres, v ando com azas de minhoc as quaes levantàraõ a anfo por huma, & por outra pa te, & a levàraõ pelos áres terra de Sennáar. Atéqui p lavras por palavra, & let por letra a viſaõ de Zach rias, na qual lhe repreſento Deos a deſtruiçaõ de Jeruſ lem, & Reyno de Juda, quar do ſitiada, & devaſtada Cidade pelos exercitos d Nabucodonoſor todos pre zos, cativos foraõ levado a Babilonia. Iſſo quer dize a terra de Sennáas, porq̃ ne ta terra foy edificada a tor re de Babel, donde Babilo nia tomou o nome. Mas todo o intento deſta viſa era ſignificar Deos a Zacha rias o cativeiro, & tranſ migraçaõ do ſeu Povo, qu ſe podia declarar em ta paucas palavras como eu

digo

go; para que o fez a Divi-
a Sabidoria com tantas ce-
monias, tantos apparatos,
ntas figuras, & com tal or-
em, & succeſſaõ de humas
epois das outras, & cõ taõ
ctaveis circunſtancias em
ada acto, ou ſcena da meſ-
a repreſentaçaõ? Porque
ſſim quiz revelar Deos ao
eu Profeta, & nelle a todos
ós, quaes ſaõ os eſtylos oc-
ultos de ſua juſtiça, & as
auſas da aſſolaçaõ das Ci-
ades, Reynos, & Naçoens,
uando contra ellas ſe pro-
ede ao extremo caſtigo.

31 A primeira couſa
ue apparece em juizo, he a
nfora, ou medida, que Deos
em deſtinado aos peccados,
a qual em quanto naõ eſtà
heya, dilataſe, & ſuſpendeſe
o caſtigo; mas tanto que ſe
encheo, executaſe ſem reme-
dio. Eſte foy o miſterio, cõ
que o Anjo metéo dentro na
anfora a mulher chamada
Impiedade, em que eraõ ſi-
gnificados os peccados de
Jeruſalem, & de toda a na-
çaõ, impia contra Deos nas
idolatrias, & ſacrilegios, &
impia contra o proximo nos
roubos, nos homicidios, nos
adulterios, & em todo o ge-
nero de injuſtiças, & crue-
dades. E porque eſtes pec-
cados tinhaõ jà cheyo a me-
dida de ſorte, que naõ po-
dia levar mais, por iſſo o An-
jo, como cheya, & arrazada a
tapou logo com aquella co-
bertura de chumbo, taõ pe-
zada, & taõ juſta, que nem
para diminuir, nem para a-
creſcentar ſe podia abrir.
Cheya aſſim até ſima a me-
dida, o que ſó reſtava, era a
execuçaõ do caſtigo, ſem
demóra, ou momento de di-
laçaõ: E eſta foy a conſe-
quencia, com que no meſ-
mo põto ſahiraõ as duas mu-
lheres com azas, as quaes naõ
por terra, & andando, ſenaõ
pelo ar, & voando, tomando
ſobre os hombros a anfora, a
paſſáraõ de Jeruſalem a Ba-
bilonia. E ſe perguntarmos,
q̃ duas mulheres eraõ eſtas,
que naõ tocáraõ a terra? Reſ-
pondem os melhores Inter-
pretes, fundados nos Oracu-
los dos Profetas, que eraõ a
miſericordia, & a juſtiça di-
vina: a miſericordia, para juſ-
tificar o caſtigo, & a juſtiça,
para o executar. Porque ſe
os homens ſuſpendeſſem o
curſo,

curso, & multiplicaçaõ dos peccados sempre a misericordia divina, que a isso os exhortava pelos Profetas, esteve prompta para os perdoar; mas porque elles naõ quizeraõ desistir, & chegáraõ a encher a medida, jà naõ podia a justiça deixar de executar, como executou, o castigo. Só resta saber porque as azas destas duas executoras eraõ de minhoto; mas isso declarou admiravelmẽte o mesmo successo: porque o minhoto foy Nabuzardaõ, General dos exercitos de Nabuco, o qual dando hum, & outro cerco à Cidade de Jerusalem, como fazẽ as aves de rapina, finalmẽte empolgou em todo o Povo, & o levou nas unhas à Babilonia.

32 Demaneira, que por esta, & as outras revelaçoens allegadas, nos consta (o que doutro modo se naõ podia saber) que Deos na sua Mẽte Divina, como diziamos, & nos decretos altissimos da sua Providencia tem taxado a cada Cidade, Reyno, Provincia, & Naçaõ, certa mẽdida de peccados, aos quaes infallivelmente se segu castigo, tanto q̃ se enche antes de estar cheya, naõ neste caso do cativeiro Babilonia notaõ graves A thores, & fazem huma vertencia, a qual eu naõ vo passar em silencio, p muito que nos póde imp tar. Durou aquelle cativ ro setenta annos, depois quaes foraõ os Judeos re tuidos à patria; mas pouco emendados, & le brados do primeiro castig que dalli a pouco tempo meçáraõ outra vez a enc a medida com tal excesso, depois de estar cheya de do, os castigou Deos cõ tro cativeiro, & transmigr çaõ unixersal, naõ de sete ta, nem de setecentos ann mas dos que ainda hoje v continuando, & saõ jà mil quinhentos & setenta & se sem se saber quantos ser ainda. Disse, que essa adv tencia nos podia tãbem i portar a nòs, & jà creyo reis entendido. No an de 1624. castigou Deos Bahia, com a entregar a Hollandezes, posto que n passou o cativeiro de hu

ann

no, com o jà passa de nove
de Pernambuco. De entaõ
ra cá he certo (ainda mal)
e os peccados começáraõ
tra vez a encher a segunda
edida; & se daõ tanta pres-
, que naõ sey com o naõ
à já cheya. Na nossa maõ
à fazer, que se naõ encha
todo, porque as azas do
inhoto andaõ jà taõ perto,
e naõ será necessario à Di-
na Justiça mandalas vir de
nsterdaõ.

§. VIII.

33 Mas passando da
edida dos peccados com-
uns à dos particulares de
da hum, assim como Deos
m sinalado certa medida
s peccados de cada Cida-
, ou Reyno, assim a tem
nalado tan bem aos pecca-
s de cada homem. Quan-
seja mais para temer esta
gunda medida, ninguem o
ode duvidar; porque as
idades, & os Reynos naõ
aõ ao inferno, os homens
m, & què Deos o tenha de-
rminado, & taxado a cada
um de nòs, he cousa naõ só
anifesta, senaõ manifestis-
sima, diz Santo Agustinho.
Traz o Santo os exemplos
da Escritura jà allegados, &
outros; & conclue assim no
Livro de *Vita Christiana*:
Manifestissime instruimur, & docemur, singulos secundum peccatorum suorum multitudinem consummari, & tandiu, ut convertantur sustineri, quàdiu cumulum suorum non habuerint delictorum consummatum. Manifestissimamente nos ensina, & declara Deos, diz Agustinho, q̃ a cada homem tem sinalado certa medida, ou numero de peccados, o qual em quanto naõ està cheyo, & consumado, nos espera, para que nos cõvertamos; mas tanto que a dita medida se encheo, & o numero, ou cumulo dos peccados chegou ao ultimo, entaõ naõ espera Deos mais, & se segue sem remedio a condenaçaõ. O mesmo affirma Sãto Ambrosio por estas palavras: *Dei verba sunt, non sunt completa peccata Amorrhæorum, per quod ostendit mensuram quandam esse delictorum, quam cum impleverint peccatores, vita digni minime judicentur.* E porque

este

este he o commum sentir dos Expositores da Escritura sagrada, contentome com referir o mais pratico, & versado em todos, o doutissimo, & diligentissimo Cornelio à Lapide. Sobre a anfora de Zacharias diz assim: *Amphora est mensura peccatorum cujusque, tum hominis, tum populi, quâ impletâ, Dei vindicta prosilit ad ultionem.* E sobre as palavras de S. Paulo aos Thessalonicenses, que abaixo hey de allegar, diz: *Hinc patet Deum urbibus, Regnis, & à pari proportione impijs privatis certum statuisse peccatorum cumulum, ad quem pœnam, vel vindictam differt, donec impleatur, ut illo impleto omnia simul, & perfectè vendicet, & castiget.* E o mesmo commento, & declaraçaõ faz sobre outros lugares, assim do Velho, como do Novo Testamento, colhendo sempre das revelaçoens divinas, expressas nos mesmos textos, que a cada homem tem Deos sinalado certa medida, & taxado certo numero de peccados, o qual quãdo se acaba de encher pelo ultimo, já naõ ha lugar de perdaõ, senaõ de castigo.

34 Nem deve parec
nova, ou admiravel, & m
to menos alheya da justiç
ou misericordia divina a d
terminaçaõ antecedente d
sta medida, decretada a
peccados de cada homen
porque se nos castigos d
Reynos, & das Cidades
ajuntaõ os peccados dos pr
sentes, & vivos, que acab
raõ de encher a medida,
os dos passados, & morto
que a começáraõ a encher,
muito he, que cada home
com os seus, que elle mes
cometteo, & ultimamen
comette, encha tãbem a su
Nem acrescenta a difficu
dade, que a medida dos pe
cados seja mayor para hu
homens, & menor, & de m
nos numero para outro
porque esta mesma, que
nosso fraco entender pó
parecer desigualdade, no
bitrio da Providencia Di
na he summa justiça. E
naõ respondeyme. Deos t
bem poem medida aos di
da vida de cada homem. P
onde disse David: *Ecce me
surabiles posuisti dies meos.*
esta medida he taõ certa,

d

ètèrminada, que chegado o ltimo dia, naõ tem nenhum emedio, como disse Job: *onstituisti terminos ejus, qui æteriri non poterunt.* Pois ssim como ninguem se queia de Deos, nem lhe estraha, que a medida dos dias n huns, & outros homens ja taõ desigual; muito meos se deve admirar, que a os peccados o seja tambem, rincipalmente bastando hũ ó, & o primeiro peccado ara ter Deos justissimo deeito de lançar logo no inferno a quem o cometteo. E a zaõ fundamental de hũa, outra justiça, & Providenia, he o supremo dominio e Deos, igualmente Autor a Graça, & da Natureza: E ssim como em quanto Aur da Natureza pôde limiar à vida certo numero de ias, sem injuria do homem; ssim sem injuria do mesmo omem pôde limitar ao peraõ certo numero de peccaos. Donde se segue, que asm como aquelle dia, que ncheo o numero dos vossos ias, necessariamente he o ltimo; & chegado a elle naõ podeis deixar de morrer; assim aquelle peccado, que encheò o numero dos peccados, tambem he o ultimo; & comettia elle, naõ podeis deixar de vos condenar, porque se cerrou a medida, & jà naõ ha lugar de perdaõ.

35 Ouvi ao mesmo Deos por boca do Profeta Amos: *Hæc dicit Dominus: super tribus sceleribus Juda, & super quatuor non convertam eum: Super tribus sceleribus Israel, & super quatuor non convertam eum.* O mesmo anuncía a Damasco, a Tyro, a Moab, a Edom, & a outros. E quer dizer. Cometteraõ o primeiro peccado, & perdoeylhe: comettéraõ o segundo, & perdoeylhe: comettéraõ o terceiro, & tambem lhe perdoey; mas porque comettéraõ o quarto, naõ lhe hey de perdoar. Pois Deos infinitamente misericordioso naõ perdoa mais que tres peccados? Sim perdoa. Perdoa trezenzos, & perdoa tres mil, & se o peccado se arrepende de todo coraçaõ, perdoa tres milhoens. Mas nestas sentenças poemse o numero certo pelo incerto, pa- *Amos.* 2. 46.

ra que por eſte exemplo, & ſuppoſiçaõ ſe entenda melhor o que ſe quer dizer. Reduzida pois a medida, ou numero dos peccados a quatro, diz Deos, que perdoará o primeiro, & perdoará o ſegundo, & perdoará o terceiro, & que para perdoar todos eſtes peccados, converterà em todo ao peccador: porem que ſe elle cometter o quarto, que o naõ ha de converter, nem lhe ha de perdoar; porque o quarto peccado neſte caſo he o que acaba de encher a medida; & o peccado, que acaba de encher a medida, he peccado ſem remedio, & ſem perdaõ; porque nem Deos o ha de perdoar, nem o peccador ſe ha de converter: *Et ſuper quatuor non convertam eum.*

36 Daqui ſe entenderá facilmẽte hum difficultoſiſſimo lugar da primeira Epiſtola de S. Joaõ em grande prova do que dizemos. As palavras do Santo Apoſtolo, entre todos por antonomaſia o Theologo, no Capitulo quinto ſaõ eſtas: *Qui ſcit fratrem ſuum peccare peccatum non ad mortem petat; & dabitur ei vita, peccanti non mortem. Eſt peccatum ad mortem: non pro illo dico, ut rogquis.* Se algum Chriſtaõ ſo ber, que ſeu proximo pe ca, rogou por elle, & darſ lheha a vida, ſe o peccac naõ for peccado *ad morte* mas ſe for peccado *ad mo tem* naõ digo que rogue p elle peſſoa alguma. A dif culdade deſte texto he t grande, que os Expoſitore & Theologos na intellige cia delle ſe dividem em ma de quinze opinioens, naõ c cordando, em que peccac ſeja o que S. Joaõ chama pe cado *ad mortem*, & pe qual ſe naõ deve orar, con incapaz de perdaõ, irremi ſivel, & ſem remedio. Alg dizem, que he o peccado homicidio, outros o do dulterio, & Santo Aguſt nho, & Béda naõ duvidára dizer, que era o da inv ja. E porque eſtes delit naõ parecem taõ enorme outros ſubindo mais alto dizem, que he o peccado blasfemia, outros o da inf delidade, outros o da apo taſia, outros o da obſtina çaõ, & outros ſem nomea

re

em a especie, dizem em ge-
al, que he algum peccado
graviſſimo. Mas contra to-
las eſtas ſentenças eſtà, que
naõ he peccado algum, por
grave, & graviſſimo que ſe-
a, que Deos naõ perdoe.
Que peccado he logo eſte in-
capaz de perdaõ, & irremiſ-
ivel, que S. Joaõ chama pec-
ado *ad mortem*? Reſpondo,
que naõ he nenhum pecca-
o particular, nem de ſua na-
ureza mais grave que os ou-
ros, ſenaõ qualquer pecca-
o mortal, ainda de muito
nferior malicia aos referi-
os; com tanto que ſeja o
ltimo, & o que acaba de
ncher a medida, que Deos
em taxado a cada homem;
orque tanto que a medida
e enche cõ qualquer pec-
ado que ſeja, jà naõ ha lu-
ar de perdaõ, nem de con-
verſaõ: *Et ſuper quatuor non convertam eum.* E eſſa he a
ropriedade, com que Saõ
oaõ lhe chama *peccatum ad mortem*: peccado que leva
em remedio à morte eterna;
orque ainda que todo o pec-
ado mortal mata a Alma,
os outros pòde a Alma re-
uſcitar, & tornar a viver, &
deſte naõ: como claramente
diſtingue o meſmo texto: *Et dabitur ei vita, peccanti non ad mortem.*

§. IX.

37 Supoſta eſta verdade taõ aſſentada, & eſte eſtilo da Providencia, & juſtiça divina, tantas vezes revelado pelo meſmo Deos; veja agora cada hum de nòs ſe póde haver, como no principio prometti, meyo, ou motivo algum, nem mais eficaz, nem mais forte, nem mais terrivel, para que hum homem, que tem juizo, & hum Chriſtaõ, que tem fé; naõ ſó ſe reſolva firmiſſimamente, mas nem tenha, nem poſſa ter atrevimento para jà mais peccar: *Jam amplius noli peccare.* Os outros motivos ou pretextos ſempre deixavaõ alguma eſperança depois do peccado; porêm eſte de tal modo a jarreta, & corta totalmente, que ſó quẽ ſe quizer condenar de contado, & ir reſolutamente ao infermo ſe atreverá a peccar. Porque ſe eu ſey, q̃ Deos me tem taxado certo numero, &

talhado certã medida aos peccados: & ſey, que cerrado eſte numero, & cheya eſta medida, jà naõ ha lugar de perdaõ, ſenaõ de condenaçaõ ſem remedio; quem me diz a mim, ou me pòde aſſegurar, que aquelle peccado, que quero cometter, naõ ſeja o ultimo, & o que ſó falta à medida para ſe encher de todo? Direis, que aſſim como pòde ſer o ultimo, pòde tambem naõ ſer: E ſe for? E ſe for? Quaſi eſtive deliberado a acabar aqui o Sermaõ, & vos deſpedir ſô com eſta pergunta. Mas he bem; que ſaibais para mayor aſſombro, o que Deos faz naquelle meſmo ponto, em que o homem pelo ultimo peccado acaba de encher a medida.

38 O que Deos faz no ponto, em que o peccador acabou de encher a medida, ou he matallo logo, ou abrir delle a maõ, & deixallo para ſempre. Vede que disjuntiva eſta igualmente terrivel, por ambas as partes. Ou ir para o inferno logo, ou ir alguns dias depois; mas ir infallivelmente. Quanto à primeira parte, de que De tira logo a vida aos que ac báraõ de encher a medida ſeus peccados, he ſenten expreſſa de Sãto Agoſtinh *Sed hoc magis ſentire nos co venit, tandiu unumquemq Dei patientiâ ſuſtentaria, qua diu non dum peccatorum ſuo terminum, finemque comple rit: quo conſumato eum il co percuti, nec illi ullam ve jam reſervari: eſſe autem ce tum peccatorum modum, atq menſuram. Dei ipſius teſtim nio comprobatur.* Quer dize começando pelo fim: q Deos como conſta por ſ proprio, & divino teſtem nho, tem determinado a peccados de cada homẽ certo numero, & medida qual em quanto naõ eſ cheya, o ſofre com ſua infin ta paciencia: porèm tanto elle a encheo, logo no me mo ponto lhe tira a vida, ſe mais remedio, nem lugar perdaõ. Aſſim aconteceo ElRey Balthaſar, cuja ſe tença de morte, eſtando meſa, lhe apparecéo eſcri na parede em tres palavra A primeira dizia; *Numer vit*: Contou; porque ſe

)eos a conta aos peccados
e Balthaſar. E como na-
uella noite, & naquella ho-
a commettéo elle o ultimo
eccado, com que acabou de
ncher o numero, & medida
os que Deos lhe tinhna de-
erminado; na meſma hora
e eſcrevéo a ſentença: *Eàdē*
ora apparuerunt digiti: E na
eſma noite foy morto: *Eà-*
m nocte interfectus eſt Bal-
aſar. Mas ſe entaõ ſe en-
héo, & cerrou o numero
os peccados de Balthaſar;
omo diz a meſma Eſcritu-
a, que ſe achou, que tinha
enos: *Inventus es minus ha-*
ns? Por iſſo meſmo, &
orque aſſim foy. Quando
althaſar ſe aſſentou à meſa,
nha menos hum ſó pecca-
o dos que eraõ neceſſarios
ara encher o numero, & co-
no elle na meſma meſa man-
ou vir a ella os vaſos ſagra-
os do Templo, para que
oſſem profanados, eſte pec-
ado de ſacrilegio foy o que
cabou de cerrar o numero,
e encher a medida: & tanto
ue ella eſteve cheya, logo
lle foy morto violentamen-
e: *Interfectus eſt.*

39 Quantas vezes ſe ve iſto no mundo ſem ſe entender. Matàraõ eſſa noite a fulano vindo de tal parte. E quãtas noites tinha elle ido, & vindo deſſa meſma parte? Muitas. Pois porque o naõ matàraõ entaõ, ſenaõ agora? A offenſa de Deos, & o aggravo dos homens era o meſmo, & muitas vezes publico: pois porque o diſſimulou Deos, & o naõ vingàraõ os homens, ſenaõ neſte dia, & neſta hora? Porque os peccados antecedentes hiaõ enchẽdo a medida, o deſte dia, & deſta hora foy o que a acabou de encher. O meſmo paſſa nas mortes, & accidentes repentinos, ainda que pareçaõ naturaes, & em outros deſaſtres, & caſos, que parecem fortuitos, & as mais das vezes ſaõ effeito, & execuçaõ do peccado ultimo, & decretorio, que ajuntandoſe aos outros, & acreſcendo ſobre elles, acabou de encher a medida. Tanto aſſim (diz o grande Deoniſio Cartuſiano, taõ alumiado no Eſpirito, como inſigne em todo o genero de letras) tanto aſſim, q̃ aquelle meſmo homem, que ſegũdo as leys da natureza,

& disposiçaõ da saude, & idade, havia de viver ainda muitos annos, só porque acabou de encher a medida dos peccados, acabou juntamente, & sem remedio os dias da vida: *Sæpe enim homines propter peccata intempestive moriuntur, quando videlicet impletæ sunt iniquitates eorum. Unde de peccatore apud Job scriptum est, antequam impleantur dies ejus, peribit.* Diz Job, que o peccador morrerà antes de encher os seus dias, & a causa naõ he outra, senaõ porque antes de encher o numero dos dias, enchéo o numero dos peccados: *Quando videlicet impletæ sunt iniquitates eorum.* E quem assegurou aos que neste dia, & nesta hora estaõ vivos, & saõs, que o primeiro peccado, que se deliberarem a cometer, naõ seja tambem o ultimo? Aquelle Hebréo, & aquella Madianíta, aos quaes matou o zelo de Fineis no peccado actual, bem mal cuidavaõ, que no mesmo acto se lhe havia de acabar a vida, como tem acontecido a outros muitos. Mas como só aquelle peccado faltava a ambos para encherem a medida dos peccados a vida, & o peccado tudo s acabou juntamente; para qu temaõ, & tremaõ todos de s resolver mais a peccar; poi naõ sabem, se aquelle pecca do será o ultimo.

40 Mas quando com ultimo peccado se naõ acab juntamente a vida (que er a segunda parte da nossa di juntiva) nem por isso fica de melhor condiçaõ os qu jà enchéraõ a medida dc peccados; porque deixado da maõ de Deos, só lhe ser viràõ esses dias, que viveri de mayor inferno. *Væ eis receſſero ab eis.* Ay delle (diz Deos pelo Profeta Ose as) Ay delles, quando eu m apartar delles. Oh se os ho mens podessem alcançar, comprehẽder a significaça de hum ay de Deos? Oh qu alto, & que profundo ay Taõ alto, que chega ao Ce Empirio, donde o peccado he lançado, & desherdad para sempre: taõ profundo que penetra atè os abismo do inferno, onde o peccado será metido, & aferrolhado para arder, em quanto Deo

fo

or Deos. A este ay respon-
eraõ por toda a eterninade
nfinitos ays: mas ays de dor
em arrependimento, ays de
ormento sem alivio, ays de
esesperaçaõ sem remedio.
Antes ditto basta hum ay de
erdadeira contriçaõ, para
Deos perdoar todos os pec-
ados; mas depois de cheya a
medida, & a Alma ser deixa-
a de Deos, já naõ teràõ lu-
ar esses ays, ou seraõ sem
uto, porque ninguem se
ode converter a Deos sem
Deos. Como tornarà a Al-
a a Deos, se o mesmo Deos
deixou jà: *Cum recessero ab*
is? Ruperto, & com elle a
Glossa cõmentaõ assim estas
alavras de Oseas: *Postquam*
ecessero ab eis, sequitur adhuc
æ, ideſt, judicium æternæ dã-
ationes. Depois de Deos
eixar a Alma, segue-se ain-
a o ay do mesmo Deos, &
ste ay naõ he, nem significa
enos que a eterna conde-
açaõ. Santo Isidôro diz o
esmo: *Dei secreto, & justo*
dicio, deseritur homo, & per-
endus in potestate dæmonum
elinquitur; nam re vera, quẽ
Deos deserit, dæmones susci-
iunt. Quando Deos por seus
secretos, & justos juizos dei-
xa huma Alma, logo o de-
monio toma posse della para
sua perdiçaõ eterna; porque
dimitila Deos de si, he en-
tregála ao Demonio.

41 Os Theologos vin-
do a declarar rigorosamente,
em que consiste deixar Deos
huma Alma, alguns differaõ,
que em a privar totalmente
dos auxilios, ainda ordina-
rios, em pena dos peccados
antecedentes. E verdadeira-
mente deixados outros luga-
res da Escritura, hum do
Capitulo quinto de Isais, *Isai.*
parece que o diz assim à le- *5.5.6.*
tra: *Et nunc ostendam vobis*
quid faciam vineæ meæ. Au-
ferum sepem ejus, & erit
in direptionem, diruam ma-
ceriam ejus, & erit in con-
culcationem: & ponam eam
desertam: non pietabitur, &
non fodietur: & ascendent ve-
pres, & spinæ: & nubibus
mandabo, ne pluant super eam
imbrem. Deixarey a minha
vinda (diz Deos) por me
responder com labruscas em
lugar de uvas: *Ponam eam*
desertam. E que lhe farey
entaõ? Arrancarlhehey as
seves, & derrubarlhehey o

muro ; para que homens, & animaes entrem por ella, & a pizem : naõ a podarey, nẽ cavarey, nem lhe farey outro beneficio, ou cultura : jà naõ ſerà vinha, ſenaõ mato, & em lugar de brotarem nella as vides, creſceraõ abrolhos, & eſpinhas : & ſobre tudo mandarey ao Ceo, & às nuvens, que naõ chovaõ ſobre ella : *Et nubibus mandabo, ne pluant ſuper eam imbrẽ.* Se iſto naõ he privar a Alma de todo o ouxilio, ninguem negarà, que o parece. E para Deos no tal caſo juſtificar a ſua Providencia, baſta a diſiniçaõ do Concilio Tridentino : *Nunquam Deus deſerit hominem, niſi prius ab homine deſeratur* : que nunca Deos deixa o homem, ſe o homem naõ deixa primeiro a Deos. Mas porque a ſentença mais pia, mais recebida, & approvada commummente por certo, he que Deos em nenhum eſtado deſta vida falta ao homem com os auxilios ſufficientes. Que ſe ſegue daqui depois de cheya a medida dos peccados, ſenaõ, como dizia, mayor inferno? Ou o peccador encheo a medida dos pẽccados ; ou naõ Se a naõ encheo, ſalvouſe; ſe a encheo, condenouſe: E que importa que ſe condenaſſe com auxilios, ſe naõ uſou bẽ delles?

42 Eſte he o eſtado in feliciſſimo da impenitenci final, a qual ſe conſumma n outra vida, mas começa neſ ta. Oh quantos condena dos vivem ainda, & andaõ entre nòs, naõ porq̃ abſolu tamẽte naõ o podeſſem, ma porque ſe naõ haõ de cõver ter. Eſtaõ atados aos pecca dos, de que jà enchéraõ a medida : *Funes peccatorum circumplexi ſunt me.* Cuidaõ que ſe haõ de deſatar do ulti mo, como porventura ſe deſatàraõ dos outros ; mas enganaos o ſeu penſamento como enganou a Samſaõ Tres vezes rompèo Samſaõ as ataduras, com que os Filiſtéos o queriaõ prender; ma quando veyo a quarta depoi de cortados os cabellos, nota a Eſcritura, que acordando diſſe conſigo, tambem deſta vez me deſatarey, como das outras ; porque naõ ſabia, q Deos o tinha deixado : *Dixit in animo ſuo : egrediar ſi-*

cu

t ante feci, & me excutiam, ciens quòd recessisset ab eo ominus. Tinha Deos dei-
do a Samsaõ, & porq̃ o ti-
ha deixado, naõ se desatou
mo dantes: prendêraõ-no
Filistèos: tiráraõlhe os
hos, & leváraõno a moer
n huma atafona. O mes-
o acontece à Alma deixa-
de Deos: prendem-na os
emonios, & tomaõ posse
lla, como dizia Santo Isi-
òro: tiraõlhe os olhos, com
ue fica cega, obstinada, &
npenitente: & levaõna a
oer, & arder na atafona do
nferno, cuja roda em qual-
uer parte pode ter princi-
io, & em nenhuma tem fim;
orque he a roda da Eterni-
ade. E se isto faz, ou aca-
a de fazer o ultimo pecca-
o, que enche a medida, &
inguem sabe qual seja, nem
a peccado que o naõ possa
er: Quem haverà, que se
treva a cometter qualquer
eccado, & senaõ resolva
rmemente a nunca mais
eccar: *Jam amplius noli pec-*
are.

§. X.

43 Por fim quero res-
ponder a duas duvidas, que
pòdem occorrer, para que
nos naõ enganemos cõ ellas.
A primeira he, se os pecca-
dos jà confessados, & per-
doados entraõ tambem na
conta para encher a medida?
Respondeo, que sim: porque
ainda que estejaõ perdoa-
dos quanto à culpa, & satis-
feitos quanto à pena, para
encherem o numero, & per-
fazerem a conta, basta have-
rem sido. Assim como os
dias, que todos passaõ, ou
fossem bem, ou mal gasta-
dos, enchem a conta, & a
medida da vida; assim os
peccados, ou perdoados, ou
naõ, enchem a sua, a qual se
determinou, & compoz de
todos os que cada hum co-
metteſſe: *De propitiato pec-* Eccl.
cato noli esse sine mutu. O pec- 5. 5.
cado jà perdoado (diz o Es-
pirito Santo) naõ deixes de
o temer. E porque, se jà està
perdoado? Porque ainda que
o peccado perdoado jà naõ
he quanto a culpa, & pòde
tambem ser, que jà naõ seja
quan-

quanto à pena; quanto ao numero, & à soma, com que já entrou na conta com os demais, basta ter sido peccado para ajudar a encher a medida. E como o chegar a medida dos peccados a se encher he cousa taõ temerosa, & de summo perigo; por isso todo o peccado, ainda que nos conste moralmẽte, ou nos constasse por outra via mais certa, estaria predoado, sempre comtudo nos deve causar temor: *De porpitiato peccato noli esse sine metu.*

44 A outra duvida ainda nos pòde enganar mais apparentemente. Porque a materia, com que o demonio nos tentar, pòde ser muito menos grave que a de outros peccados, que já tenhamos comettido, & se aquelles, sendo muito mayores, naõ enchéraõ a medida, muito menos parece que pòde encher este, com que agora fou tentado, sendo muito mais leve, ou menos grave. Tambem isto he engano, & se demostra com authoridade de fé, & com o mayor, & mais evidente exemplo, que se podia excogitar. Falla S. Paulo dos Judéos, que o perseguiaõ, & impediaõ a pregaçaõ do Evangelho: sendo esta perseguiçaõ vin annos depois da morte d Christo, diz o Apostolo, com ella enchiaõ os Judéo a medida dos peccados, p los quaes totalmente havia de ser destruidos com cast go, assolaçaõ, & exterm nio final: *Qui Dominum oc ciderunt Jesum, & nos perse cuti sunt, prohibentes nos gen tibus loqui, ut salvæ fiant, u impleante peccata sua semper pervenit enim ira Dei supe illos usque in finem.* A mort de Christo foy o mayor pec cado, que nunca se comettéo nem podia cometter: & perseguiçaõ de Paulo, & impedimento, que com ella se punha à prégaçaõ do Evá gelho, ainda que grãde pec cado, era sem comparaçaõ muito menor: pois como diz o mesmo S. Paulo, fazendo mençaõ da morte de Christo pelos Judéos, que elles com a perseguiçaõ, que lhe faziaõ, enchiaõ a medida dos seus peccados: *Ut impleant peccata sua?* Porque

para

ra encher a medida dos ccados, naõ he necessario, ue o peccado, que acaba e encher, seja mayor, nem ual aos peccados já comer- dos, & basta que seja mui- menor. Nas cousas secas o ltimo graõ, & nas liquidas ultima gota, saõ as que aca- aõ de encher a medida: & aõ pela grandeza, ou quan- dade de cada huma, senaõ orque he a ultima. O mes- o passa em qualquer pec- ado, com tanto que de sua atureza seja mortal: para q̃ emamos a todos, & a cada um, & nos naõ fiemos em er, ou parecer menor, para os arriscarmos ao comet- er.

45 Oh praza à Magest- ade, & misericordia divi- na, que esta liçaõ do Ceo se nos imprima dentro na Al- na, & nola penetre de tal orte, que desta hora, & des- e momento em diãte nos re- solvamos cõstantissimamẽte a nunca mais peccar, por ne- nhũ interece, por nenhũ go- sto, por nenhũ receio, por ne- nhũ caso, ou succesſo da vi- da, nẽ da morte. Vede quem vos diz, q̃ pequeis, & quem vos diz, que naõ pequeis. Quem vos diz, que pequeis, pòde ser o mundo, pòde ser o demonio, pòde ser a carne, tres inimigos capitaes, que só pretendem, & maquinaõ vossa eterna condenaçaõ. E quem vos diz, que naõ pe- queis, he aquelle mesmo Deos, que depois de vos dar o ser, se fez homẽ por amor de vós, & aquelle Deos, & Homem que só por vos sal- var, & vos fazer eternamen- te Bemaventurado, naõ du- vidou padecer tantos tormẽ- tos, & afrontas, & morrer pregado em hũa Cruz. Este Senhor taõ poderozo, este Conselheiro taõ sabio, este Amigo taõ verdadeiro, & taõ fiel, he o que vos diz, q̃ naõ pequeis: *Jam amplius noli peccare.*

46 Consideray bem estas palavras do amorosissimo Jesu, que naõ só saõ para persuadir, senaõ para enter- necer a quem ainda tiver co- raçaõ; *Jam amplius*: já naõ mais. Baste já, Christaõ re- mido com o meu Sangue, baste já o que tens peccado, baste já o que tẽs vivido sem ley, sem razaõ, sem consci- cien-

ciencia, ſem Alma: baſte já o que me tens offendido, baſte já o que me tens deſprezado, baſte já o que me tens crucificado. Se te naõ compadeces de mim, compadecete ao menos de ti, que a ti, & por amor de ti o digo. Se naõ baſta, que Eu te mande que naõ peques, Eu to peço, Eu to rogo, & naõ ſó te repreſento a minha vontade, mas me valho, & invoco os poderes da tua: *Noli, noli peccare.* Que naõ queiras peccar te advirto huma vez, & outra; porque naõ cuides, que naõ podes. Na tua maõ, no teu alvedrío, na tua vontade eſtá o ſalvarte, ſe quizeres: para que vejas, que cegueira, que locura, que infelicidade, que miſeria, & que eterna confuſaõ, & dor irremediavel ſerá a tua, ſe por tua propria vontade, & por naõ reſiſtires a hum peccado, te condenares. Se já eſtiveras no Inferno, para onde corrias taõ precipitadamente, & onde já havias de eſtar ardendo; ſe Eu naõ tivera maõ na minha juſtiça, qu havia de ſer de ti a eſta ho ra? E ſe nella meſma hor Eu te offereceſſe o partid de te livrar do Inferno, & t dar o Ceo, ſó com condiça de naõ quereres mais pec car, que havias de fazer, & graças me havias de dar? Po ſe por merce, & miſericor dia minha ainda eſtàs em tẽ po; porque naõ tomarà muito deveras, & para ſem pre a meſma reſoluçaõ? Por que te naõ livraràs dos ma les eternos, & ſeguraràs o eternos bens? Porque na ganharàs a Coroa, & Reyn do Ceo, & te faràs para ſem pre Bamaventurado? E tu do iſto ſó por ter huma von tade taõ honeſta, taõ util, & ainda taõ deleitavel, com he o naõ querer peccar? A caba, acaba já de ſer inimig de ti meſmo: acaba já de of fender a quem tanto te ama acaba já de querer antes Inferno ſem mim, q̃ a Glori comigo: *Jam amplius no peccare.*

SER

SERMAM

DE

N. SENHORA DO O;

Na Igreja de Noſſa Senhora da Ajuda,
Na Bahia, anno de 1640.

Ecce concipies in utero, & paries Filium. Luc. 1.

§. I.

47 A Figura mais perfeita, & mais capaz de quantas inventou a natureza, & conhece a Geometríca; he o circulo. Circular he o Globo da terra, circulares as Eſferas Celeſtes, circular toda eſta machina do Univerſo, quem poriſſo ſe chama Orbe, & atè o meſmo Deos, ſe, ſendo eſpirito, podéra ter figura, naõ havia de ter outra, ſenaõ a circular. O certo he, que as obras ſempre ſe parecem cõ ſeu Author: & fechando Deos todas as ſuas dentro em hum circulo, naõ ſeria eſta idéa natural, ſenaõ fora parecida à ſua natureza. Daqui he, que o mais allumiado de todos os Theologos, S. Dioniſio Areopagíta, naõ podendo definir exactamente a ſumma perfeiçaõ de Deos, a declarou cõ a figura do circulo: *Velut circulos quidam ſempiternus porpter bonum, ex bono*

bono, in bono, & ad bonum certa, & nusquam oberrante glomeratione circumiens. Estes saõ os dous mayores circulos, que atè o dia da Encarnaçaõ do Verbo se conhecéraõ: mas hoje nos descreve o Evangelho outro circulo em seu modo mayor. O primeiro circulo, que hę o mundo, contèm dentro em si todas as cousas criadas: o segundo, increado, & infinito, que he Deos, contèm dentro em si o mundo, & este terceiro, q̃ hoje nos revela a Fé contém dẽtro em si ao mesmo Deos *Ecce concipies in utero, & paries Filium: hic erit magnus, & Filius Altissimi vocabitur.* Nove mezes teve dentro em si este circulo a Deos, & quẽ podéra imaginar, que estando cheyo de todo Deos, ainda alli achasse o desejo capacidade, & lugar para formar outro circulo? Assim foy, & este novo circulo formado pelo dezejo, debaixo da figura, & nome do O, he o que hoje particularmente celebramos na Expectaçaõ do parto ja concebido: *Ecce concipies, & paries.* De hum & outro circulo travados entre si se compara o nosso di curso, concordando (que a mayor dificuldade de dia) o Evangelho com o tulo da Festa, & o titulo co o Evangelho. O mysterio Evangelho he a Conceiç do Verbo no ventre virgin de Maria Santissima: o titu da Festa he a Expectaç do parto, & dezejos da me ma Senhora debaixo do n me do O. E porque o O hum circulo, & o vẽtre vi ginal outro circulo, o q pertendo mostrar em hum, outro, he, que assim como circulo do vẽtre virginal conceiçaõ do Verbo foy hu O, que comprehendéo immenso, assim o O d dezejos da Senhora na E pectaçaõ do parto foy o tro circulo, que compre hendéo o Eterno. Tudo n diràõ com a Graça do Ce as palavras, que tomey p thema. *Ave Maria.*

Luc. 1. 31. 32.

§. II.

Ecce concipies, in utero, & paries.

48 HUma das mayore excellencias da

Escri

ſcrituras Divinas, he naõ
ıver nellas nem palavra, nẽ
llaba, nem ainda huma ſó
:ra, que ſeja ſuperflua, ou
areça de myſterio. Tal he
myſterioſo O, que hoje
ɔmeça a celebrar, & todos
ſtes dias repete a Igreja, bre-
e na voz, grande na ſignifi-
açaõ, & nos myſterios pro-
ındiſſimo. Mas contra eſte
eſmo principio parece que
o noſſo texto, com ſer taõ
reve, naõ ſó temos hũa le-
ra, ſenaõ hũa ſillaba, & hũa
alavra ſuperflua. E que
llaba, & que palavra? *In*
tero: dizendo o Anjo à Se-
hora: *Ecce concipies, & pa-*
ies: que conceberia, & pari-
ia o Filho de Deos, bem
laramente ſe entendia naõ
ó a ſuſtancia do myſterio,
enaõ o modo, & o lugar; &
ue eſte havia de ſer o ſacra-
io virginal do ventre ſantiſ-
mo. Superfluo parece lo-
o ſobre a palavra *Concipies*,
creſcentar *In utero*. Mas eſta
mbaixada deu-a o Anjo,
nandou-a Deos, & referea o
Evangeliſta: & nem Deos,
nem o Anjo, nem o Evange-
iſta haviaõ de dizer pala-
vras ſuperfluas. A que fim
pois, quando ſe anuncía eſte
oraculo (que foy o mayor,
que veyo, nem virà jà mais
do Ceo à terra) ſe diz, & ſe
repete por tres bocas, huma
divina, outra Angelica; &
outra mais que humana, que
o myſterio da Conceiçaõ do
Verbo ſe ha de obrar ſinala-
damente no utero, ou ventre
da Mãy: *Ecce concipies in*
utero? Sem duvida, porque
era taõ grande a novidade,
& taõ eſtupenda a maravi-
lha, que neceſſitava a Fé de
toda eſta expreſſaõ. Haverſe
Deos de fazer homem, no-
vidade foy, que aſſombrou
aos Profetas, quando a ouvi-
raõ. Porèm, que eſſe meſmo
Deos, ſendo immenſo, ſe ou-
veſſe, ou podeſſe encerrar em
hum circulo taõ breve, co-
mo o ventre de hũa Virgem:
In utero? Eſta foy a maravi-
lha, que excede as medidas
de toda a capacidade cria-
da.

49 Conſideray a immẽ-
ſidade de Deos, & vereis atè
onde chega, & ſe eſtende o
ſignificado deſta pequena,
ou deſta grande palavra: *In*
utero: Immenſidade he huma
extenſaõ ſem limite, cujo cẽ-
tro

tro eſtà em toda a parte, & a circumferẽcia em nenhuma parte: *Cujus centrum eſt ubique, circumferencia nuſquam.* Ponde o centro da immenſidade na terra, pondeo no Sol, pondeo no Ceo Empyreo, eſtà bem poſto. Buſcay agora a circumferencia deſte cẽtro, & em nenhuma parte a achareis. Porque? A razaõ he. Porque ſendo a terra taõ grande, & o Sol cento & ſeſſenta vezes mayor que a terra: & ſendo o Ceo muitos milhoens de vezes mayor q̃ o Sol; & o Empyreo, cõ exceſſo incõparavel mayor que ou outros Ceos; todas eſſas grandezas tem medida, & limite, a immenſidade naõ. Deos por ſua immenſidade, como bem declarou S. Gregorio Nazianzeno, eſtà dentro no mundo, & fóra do mundo: *Deus in univerſo eſt, & extra univerſum.* Mas ſe fóra do mundo naõ ha lugar, porque naõ ha nada, onde eſtà Deos fóra do mundo? Eſtà onde eſtava antes de criar eſte mundo. Se Deos naõ eſtivera neſte eſpaço, onde hoje eſtà o mundo, naõ o podèra criar: & como Deos fóra do mundo pòde cri infinitos mundos, tambe eſtà em todo eſſes eſpaç infinitos, a que chamam imaginarios. E porque o troſim os eſpaços imagin rios, que nòs podemos im ginar, mas naõ podemos c prehender, naõ tem limit poriſſo o centro da imme ſidade, que ſe pòde pôr de tro, ou fóra do mundo, ne dentro, nem fóra do mund pode ter circumferenci Comparayme o mar com Diluvio. O mar tem prayas porque tem limite: o Dil vio, porque era mar ſem l mite, nem tinha prayas: *Om nia pontus erat, deerant qu que littora ponto.* Aſſim a im menſidade de Deos (quan a comparaçaõ o ſofre.) E a immenſidade de Deos n mundo, & fòra do mundo eſtà em todo lugar, & o de naõ ha lugar: eſtà dentr ſem ſe encerrar, & eſtà fór tem ſair, porque ſempre eſ em ſi meſmo: O ſenſivel, o imaginario, o exiſtẽte, & poſſivel, o finito, & o infin to, tudo enche, tudo inu da, por tudo ſe eſtende, até onde? Até onde naõ

o

onde: sem termõ, sem limi-
e, sem orizonte, sem fim: &
por isso incapaz de circum-
ferencia: *Circumferentia nus-*
quam.

§. III.

50 Mas ô grandeza so-
bre todas as grandezas, ô mi-
lagre sobre todos os mila-
gres o do ventre virginal de
Maria! Nam se diga jà, que
a immensidade de Deos naõ
tem circumferencia, pois o
ventre de Maria assim como
Deos he immenso, o conce-
be todo dentro em si, assim
como he immenso, o com-
prehende, assim como he
immenso, o cerca. Aquella
mesma immẽsidade de Deos,
a que naõ pòdem fazer cir-
cumferencia os Orbes Cele-
stes, nem o Globo inteiro do
Universo, nem os espassos
imaginarios sempre mais, &
mais infinitos, essa mesma
immensidade, & naõ outra,
he a que abraça, encerra, &
contèm dentro em si o cir-
culo daquelle ventre purissi-
mo. E se aquelle sagrado cir-
culo verdadeiramente cerca
ao mesmo Deos, quam gran-
de elle he em toda sua im-
mensidade; digase, sim, que
o centro da immensidade di-
vina està em toda a parte:
Cujus centrum ubique: mas
naõ se diga jà, que em ne-
nhuma parte tem a circum-
ferencia: *Circumferentia nus-*
quam: porque o circulo do
ventre virginal he a parte,
onde tem huma circumferẽ-
cia taõ capaz, & taõ cabal,
que a todo Deos immenso,
como he, abraça, & cerca.
Naõ he pensamento meu,
senaõ do Profeta Jeremias,
ou do mesmo Deos por sua
boca.

51 *Creavit Dominus nõ-* *Jere.*
vum super terram: diz o 31.22.
Profeta Jeremias: Criou
Deos huma cousa nova so-
bre a terra, & taõ nova, que
nem na terra se vio, nem no
Ceo se imaginou semelhan-
te. E que cousa nova, & taõ
nova he esta? *Fœmina cir-* *Ibid.*
cumdabit virum: huma mu-
lher, a qual ha de cercar o
varaõ. O Varaõ por Anto-
nomasia neste caso he o Ver-
bo Eterno encarnado. To-
dos os outros homens, quãdo
se geraõ, & concebem no vẽ-
tre da Mãy, naõ saõ homẽs,

nem ainda mininos; porque só tem a vida vegetativa, ou sensitiva, & ainda naõ estaõ informados com a Alma racional: porèm o Verbo Encarnado, Christo, desde o primeiro instante de sua conceiçaõ foy varaõ perfeito, & perfeitissimo, naõ só com todas as potencias da Alma, & do corpo, senaõ tambem com o uso dellas. Assim como o primeiro Adaõ nunca foy minino, senaõ homem, & varaõ perfeito desde instante de sua criaçaõ; assim tambem o segundo Adaõ, & com mayor maravilha; porque foy varaõ perfeito, naõ em corpo, & estatura varonil, como o primeiro; mas naquella quantidade minima, em que saõ concebidos os outros homens. Essa he a razaõ porque o mesmo Christo, a differença de todos os que nascéraõ de mulher, se chama em fraze da Escritura, aquelle que foy gerado varaõ: *Vir oriens nomen ejus.* Deste Varaõ pois nunca minimo, & sempre Homem, porque sempre Homem, & Deos, deste he que falla Jeremias, quando diz, que huma mulher o ha via de cercar: *Fæmina circu dabit virum.*

Zach. 6.12.

52 Mas porque se de clara este Profeta pela pala vra cercar, termo tambe novo, & inaudito? Isaia profetizando o mesmo my terio, disse: *Ecce virgo co cipiet, & pariet Filium, & vo cabitur nomẽ ejus Emmanue* que huma virgem conceb ria, & pariria a Deos. Pois Jeremias se tinha empenh do em dizer huma cousa n va, & nunca ouvida: *Cre vit Dominus novum super te ram*: porque a naõ pondé tambem pela maravilha c conceiçaõ, & parto virgina & em lugar de dizer, que mulher, de que falla, conc berá, & parirá a Deos fei homem, naõ diz que o cor ceberá, & parirá, senaõ qu o cercará: *Fæmina circum dabit virum*? Sem duvid porque a mayor maravilh do mysterio da Encarna çaõ, he chegar nelle Deos estar cercado. Estar Dec cercado dentro do vẽtre vi ginal, sendo immenso, fo fazer que a immensidade ti veste circunferencia: & ajũ

ta

tar a circumferencia com a immensidade, foy mais que ajuntar a virgindade com o parto. Ajuntar a virgindade com o parto, foy invẽtar Deos hum nascimẽto digno da sua Divindade; porque, como diz S. Bernardo, havendo Deos de ter Máy, naõ podia ser senaõ Virgem; & havendo huma Virgem de ter Filho, naõ podia ser senaõ Deos. Mas cercando a mesma Virgem dentro do claustro materno a todo Deos, & ajuntando a circumferencia com a immensidade, foy mayor maravilha, & mayor obra. Porque? Porque foy fazer outro immenso mayor que o immenso. Valhame Saõ Boaventura? *Immensum vas nõn potest esse plenum, nisi immensum sit illud, quo est plenum: Maria autem vas immensissimum fuit, ex quo illum, qui cœlo maior est, continère potuit.* Suppoem, & prova juntamente o Doutor Serafico, que o ventre virginal foy immenso: porque a capacidade, que recebe, & contẽm dentro em si o immenso, naõ pòde ser senaõ immensa. Deos he immenso: logo o ventre virginal, q̃ concebéo, & teve dentro em si a Deos, tambem he immenso. E basta isto? Naõ. *Maria autem vas immensissimum fuit, ex quo illum qui cœlo maior est continère potuit.* Naõ só diz, que o ventre de Maria foy immenso, senaõ immensissimo. E porque, Theologo Divino? Porque cercou a Deos. Quando hum immenso cerca outro immẽso, ambos saõ immensos; mas o que cerca, mayor immenso que o cercado: & por isso, se Deos, que foy o cercado, he immenso; o ventre, q̃ o cercou, naõ só ha de ser immẽso, senaõ immensissimo. A boa Filolosia admitte, que pòde haver hum infinito mayor que outro infinito; porque se ouver infinitos homens, tambem os cabellos haõ de ser infinitos; porèm o infinito dos cabellos mayor que o infinito dos homens. Pois assim como pòde haver hum infinito mayor que outro infinito; assim pòde haver hũ immenso mayor que outro immenso. E tal foy o claustro virginal do utero de Maria: *Ecce concipies*

pies in ũtero. Deos, que foy o concebido, immenſo? & o utero, que o concebéo, porque o cercou, immenſiſſimo: *Maria autem vas immenſiſſimum fuit.*

53 Ainda temos melhor Author que Sãõ Boaventura, com ſer taõ grande Doutor, que a Igreja o fez ſupernumerario aos quatro Doutores da Grega, & aos quatro da Latina. E que Author he eſte? A meſma Virgem Senhora noſſa. Fallando a Senhora de ſi no Capitulo vintequatro do Eccleſiaſtico, diz eſtas palavras: *Gyrum cæli circuivi ſola.* O circulo, que cerca o Ceo, Eu ſó o cerquei. Admiravelmente dito. O circulo criado, que cerca o mundo, he o Ceo, o circulo increado, & immenſo, que cerca o Ceo, he Deos; & o circulo immenſiſſimo, que cercou a eſſe Deos immenſo, he Maria: *Gyrum cæli circuivi ſola.* Demos o ſeu a ſeu dono. O commento, & o penſamento he de Richardo de Sancto Laurentio: *Gyrum cæli, id eſt, illũ, qui claudit omnia, Chriſtum ſcilicet, qui eſt gyrus ingyrabilis, cir-*

Ecclſ. 24.8.

Rich. à S. Laur. lib. 7.

cuivi gremio uteri mei. O ci
culo, que cerca o Ceo, he
quelle, que cerca, & encer
em ſi todas as couſas, que
Deos. Eſte circulo porè
por ſua eſſencia, & grandez
he tal, que ſe naõ póde ce
rar: *Gyrus ingyrabilis.* Na
ſe podia declarar huma co
ſa taõ nova, ſem ſe fazer t
bem huma palavra nova: *G
rus*; porque Deos por ſ
immenſidade cerca tudo:
juntamente *ingyrabilis*; po
que eſſa meſma immenſid
de, como diziamos, o faz i
capaz de circumferencia,
de poder ſer cercado. M
eſſe impoſſivel, que a eſſe
cia, & diſiniçaõ da immen
dade naõ permittia, vencé
a capacidade naõ ſó immen
ſa, mas imẽſiſſima do ut
ro, & gremio virginal de M
ria: *Illum, qui claudit omni
qui eſt gyrus ingyrabilis, ci
cuivi gremio uteri mei.* Iſto h
o que diſſe o Eccleſiaſtico
quando pronunciou em no
me da Senhora: *Gyrum cæ
circuivi ſola*: Iſto o que t
nha profetizado Jeremias
quando diſſe: *Fœmina ci
cumdabit virum*: E iſto o qu
lhe anunciou o Anjo, quan

d

do disse: *Ecce concipies in utero.*

§. IV.

54 Já o ditto atêqui bastava, para que eu desse por desempenhada a promessa, de que o circulo do utero virginal foy hum O, que comprehendêo dentro em si o immenso. Mas será bem, que o mesmo immenso o diga, relumindo tambem a hũ O a sua immensidade. Apparecêo Christo, Senhor nosso, ao Evangelista S. Joaõ na primeira visaõ do seu Apocalypse, & disselhe: *Ego sum Alpha, & Omèga, principium, & finis*: Eu sou o Alfa, & o Omèga; porque sou o principio, & o fim de tudo: o principio, em quãto Criador do mundo, & o fim, em quanto Reparador delle. Alfa, & Omèga saõ a primeira, & ultima letra do Alfabeto Grego, o qual começa em A, & acaba em O. E esta foy a razaõ, & o mysterio, porque sendo Christo Hebrêo, & S. Joaõ tambem Hebrêo, naõ lhe fallou o Senhor em Hebraico, senaõ em Grego; porque o Alfabeto Grego acaba em O, & o Hebraico naõ. O Alfabeto Hebraico tambem começa em A, que he o seu Aleph: & para significar na primeira letra as obras da criaçaõ, em quanto Christo he principio, tanto servia o Alfabeto Hebraico, como o Grego. Porêm o Senhor usou do Grego, sendo estranho; & deixou o Hebraico, sendo natural, & da propria lingua; porque para significar na ultima letra o mysterio da reparaçaõ, em quanto o mesmo Christo he fim, só o O tinha propriedade, & semelhança. E esta semelhança em que consiste? Consiste, em que a figura do O he circular; & assim como o O he hum circulo, assim o mysterio da Encarnaçaõ foy outro circulo: *Deus humanatus dicitur esse circulus, ut circumferentia dicatur humanitas, centrum autem divinitas.* O mysterio da Encarnaçaõ do Verbo, diz S. Boaventura, foy hum circulo, porque vestindose Deos de nossa carne, a humanidade de Christo cercou, & encerrou em si a Divindade: E

D. Bonavẽt. in Ps. 11. ad illud: In circuitu impii ambulant.

por eſte modo ineffavel ficou ſendo a meſma Divindade, o centro, & a Humanidade, a circumferencia. Sendo pois o myſterio da Encarnaçaõ, que foy o fim, & ultima perfeiçaõ de todas as obras de Deos, eſte perfeitiſſimo circulo; por iſſo Chriſto diſſe a S. Joaõ, que aſſim como elle, em quanto primeiro principio, he a primeira letra A; aſſim em quáto ultimo fim, he a ultima letra O: *Ego ſum Alpha, & Omèga.*

55 Mas todos os que tiverem qualquer noticia dos Elemẽtos da Lingua Grega, poraõ aqui huma duvida, que eſtà muito à flor da terra, fundada no meſmo O, & no meſmo Alfabeto. No Alfabeto Grego naõ ha hum ſó O, ſenaõ dous, hum que ſe chama Omèga, que quer dizer O grande, & outro que ſe chama Omicron, que quer dizer O pequeno. Logo fallando Chriſto, como fallava, do myſterio de ſua Encarnaçaõ, parece que ſe havia de cõparar ao O pequeno, & naõ ao O grande. O nome de grande naõ ſó em comparaçaõ do homem, ma abſolutamente, & fóra d toda a comparaçaõ compet à Divindade. Pelo contrari a Humanidade ainda cõpa rada com outras criaturas, h pequena, & menor q̃ ellas *Minuiſti eum paulo minus a Angelis.* Pois ſe Chriſto fallava de ſi em quanto homẽ porque ſe naõ compàra a O pequeno, ſenaõ ao O grãde; & porque naõ diz: *Eg ſum Omicron*, ſenaõ *Omèga* A razaõ he; porque fallando Chriſto da ſua Humanidade na metàfora de O, & d circulo, naõ devia conſiderar nella o que era, ſenaõ o cercava. Cercava a Divindade do Verbo, cercava toda a immenſidade divina; & hũ circulo de taõ infinita capacidade, que fazia circumferencia à meſma immenſidade, naõ podia formar hum O, que naõ foſſe o mayor d todos: *Ego ſum Alpha, & Omèga, principium, & finis.* Em quanto Deos, que he o principio, era Alfa; em quãto Homem, que he o fim, era Omèga. Mas ſendo taõ grande o Omèga, que encerrou dentro em ſi o Alfa, ſendo

do

lo taõ grande, & taõ im-
menſo o O, que encerrou
dentro em ſi o A, como po-
dia ſer O pequeno?

56 Para bem vos ſeja, Virgem puriſſima, eſta gran-deza da Humanidade de voſſo Filho; & para bem outra vez; porque naõ ſeria taõ grande a capacidade da-quelle O, ſe do circulo, on-de foy concebido, a naõ par-ticipára. Manilio no livro quarto da ſua Aſtronomía diz huma couſa admiravel, & he, que os que naſcem de-baixo do Signo de Virgem, recebem della influencia tal graça no eſcrever, que hũa letra ſua contèm huma pala-vra: *Hic & ſcriptor erit, fe-lix cui littera verbum eſt.* Eu naõ direy o fundamento, q̃ teve Manilio para ſair com eſte Axioma, nem os outros Aſtronomos o commentaõ facilmente. Mas o certo he, que Chriſto naſcéo debaixo de Signo da Virgem: o cer-to he, que Chriſto neſſe meſ-mo myſterio diz de ſi que he hum O: & o certo he, q̃ eſta letra, & eſte O contèm a primeira, & mayor palavra, que he o Verbo Eterno: *Cui littera Verbum eſt.* Grande, ſingular, immenſa capacida-de do Filho, mas participa-da do utero virginal da Mãy, em que foy concebido, em quanto homem: *Ecce conci-pies in utero.* Em quãto Deos tambem Chriſto foy conce-bido no utero do Pay: *Ex utero ante Luciferum genui te.* Notay porèm a differen-ça, mais com paſmo, q̃ com admiraçaõ. O Pay Deos de tal maneira concebéo o Fi-lho Deos, que encerrou nel-le toda a ſua Eſſencia em hũa palavra; & a Mãy Virgem de tal maneira concebèo ao Filho Homem, que encer-rou nelle a meſma eſſencia em huma letra: a palavra he o Verbo, a letra he o O: *Cui littera Verbum eſt.* *Pſal.* 109.4

§. V.

57 Aſſentado, como te-mos viſto, que o circulo do ventre virginal na cõceiçaõ do Verbo foy hum O, que comprehendèo o immenſo; ſegueſe agora moſtrar, como o O dos dezejos da meſma Senhora na Expectaçaõ do parto, foy hum circulo, que

comprehendéo o eterno. A Eternidade, & o dezejo, saõ duas couſas taõ parecidas, que ambas ſe retrataõ com a meſma figura. Os Egypcios nos ſeus Geroglificos, & antes delles os Caldéos, para repreſentar a Eternidade pintáraõ hum O; porque a figura circular naõ tem principio, nem fim; & iſſo he ſer eterno. O dezejo ainda teve melhor pintor, que he a natureza. Todos os que dezejaõ, ſe o affecto rompéo o ſilencio, & do coraçaõ paſſou à boca, o q̃ pronunciaõ naturalmẽte, he O. Dezejou David a agua da ciſterna de Bellem, & antes de declarar aos ſoldados qual era o ſeu dezejo, adiantouſe hum O a dizer que dezejava: *Deſideravit ergo David, & ait: O, ſi quis mihi daret potum aquæ de ciſterna, quæ eſt in Bethlehem!* OO foy a voz do dezejo, as demais a declaraçaõ. E como a natureza em hum O deu ao dezejo a figura da Eternidade, & a arte em outro O deu á Eternidade a figura de dezejo; naõ ha dezejo, ſe he grande, que na tardança, & duraçaõ naõ tenha muito de eterno.

2. *Reg.* 23. 15

58 Os dezejos da Virgem Santiſſima, que todos eraõ: O quando chegará a aquelle dia? O quando chegará aquella ditoſa hora, em que veja com meus olhos, & em meus braços ao Filho de Deos, & meu? O quando? O quando? O quando? Eſtes dezejos da Senhora começáraõ na conceiçaõ, & acabáraõ no parto. Mas dezejos que começáraõ, & acabáraõ dezejos q̃ tiveraõ principio & fim; como podiaõ ſer eternos? Como podia igualar a duraçaõ de hũa Eternidade o eſpaſſo, que foy ſómente de nove mezes? Entre a conceiçaõ, & o parto naõ metẽo o Anjo mais que hum *Et*: *Ecce concipies, Et paries*. Mas naõ he couſa nova neſta meſma embaixada trocar a Senhora alguma palavra do Anjo em outra. Aſſim como trocou o Eva em Ave, aſſim trocou o Et em O. E reduzidos os nove mezes ao circulo perfeito deſte O, naõ he muito que foſſẽ eternos. O meſmo Et, ſem mudança ſe naõ diz toda a Eternidade, diz parte della, & na

Eterni

ternidade naõ ha parte, que
ão seja eterna. No Et do
njo começàraõ a ser eter-
os os dezejos, que tambem
ntaõ começàraõ a ser: & no
taõ continuado, & repe-
do da Senhora acabàraõ de
errar o circulo da sua Eter-
idade. Nem he contra a
xtensaõ natural da Eterni-
ade à limitaçaõ do tempo
e nove mezes; porque naõ
evemos conceder menos à
apacidade do coraçaõ da
enhora, do que à do ventre
antissimo. A mayor capa-
idade, que criou a nature-
za, he a do coraçaõ humano:
& se o ventre de Maria foy
capaz de encerrar o immen-
so, porque naõ seria capaz
seu coraçaõ de estreitar o e-
terno? O eterno, & o tem-
poral saõ taõ oppostos co-
mo a Eternidade, & o tẽpo.
A Eternidade naõ cõta dias,
nem mezes, o tempo sim; q̃
por isso contou nove desde a
cõceiçaõ atè o parto da Vir-
gem, a quem S. Joaõ Damas-
ceno chamou: *Officina mi-
raculorum.* E se nesta offici-
na miraculosa o eterno se
pode fazer temporal, o tem-
po porque se naõ poderia fa-
zer eterno?

59 Naquella famosa carroça, que descreve o Profeta Ezechiel, na qual hia, ou era levado Deos, o artificio das rodas era admiravel; porque dentro de hũa roda estava, ou se revolvia outra roda: *Rota in medio rotæ.* E que duas rodas eraõ estas? Hũa era a roda do tempo, & outra a roda da Eternidade, diz Santo Ambrosio: *Rota in medio rotæ, veluti vita intra vitam, quod in hac vita corporis, vitæ volvatur usus æternæ.* A roda do tempo he pequena, & breve, a roda da Eternidade he grandissima, & ampliſſima; & comtudo a roda do tempo encerra, & revolve dentro em si a roda da Eternidade; porque qual for a vida temporal de cada hum, tal serà a eterna, diz o Santo. De maneira, que a maravilha destas duas rodas era, que sendo a Eternidade taõ grande, & taõ immensa, a roda da Eternidade se encerrava dẽtro da roda do tempo. Agora pergunto eu E qual era a carroça de Deos, que sobre estas rodas se movia? Naõ só era a Virgem San- *Ezec. 1. 16.*

Santiſſima; como allegorizaõ os Santos Padres, mas era a meſma Virgem ſinaladamente no eſpaſſo dos nove mezes, que teve a Deos em ſuas entranhas. Aſſim como o que vay, ou he levado em huma carroça, naõ dà paſſo, nem tem outro movimento ſenaõ o da carroça; aſſim o Filho, em quãto eſtà nas entranhas da mãy, naõ ſe move, ou muda de lugar, ſenaõ quãdo ſe move a meſma mãy: & deſte modo ſe ouve, ou andou Chriſto em todos os nove mezes, que ſe contàraõ deſde a ſua conceiçaõ atè o ſeu naſcimẽto. Depois de concebido partio logo às montanhas de Judéa a ſantificar o ſeu Precurſor; das montanhas tornou para Nazareth; de Nazareth foy a Bellem; & naõ ſó neſtas jornadas mais largas, mas em todos ſeus movimentos, nenhum paſſo deu a Mageſtade humanada, que naõ foſſe na meſma carroça real, que por iſſo ſe chamava ſua, como propria da Peſſoa do Verbo. E como eſta carroça de Deos repreſentava a Mãy do meſmo Deos, em todo aquelle tempo que trouxe dẽtro em ſi; por i as rodas, ſobre que ſe movi eraõ fabricadas, & travad com tal artificio, que dent da roda do tempo ſe revo via a roda da Eternidad para ſignificar, que os dia & mezes, que paſſáraõ deſ a conceiçaõ atè o parto, p ſto que pareceſſem brev na duraçaõ, eraõ no dezej eternos.

§. VI.

6o E ſe me pergunta rem os Filoſofos, como po dia o dezejo fazer eterno aquelles dias, ſendo de ta poucos mezes? Reſpondo que o modo foy, & a razaõ he; porque os dezejos da Senhora, & os OO dos meſmos dezejos (que tambem ſaõ rodas) unidas, & acreſcentados à roda do tempo; poſto que o tempo foſſe finito, elles o multiplicavaõ infinitamente. Aſſim o diſſe David, fallando da meſma carroça de Deos: *Currus Dei decem millibus multiplex.* O Chaldéo lè: *Centum millibus*: Santo Auguſtinho: *Millies*

s millibus: S. Hieronymo: *numerabilis*: Novatiano: *finitus*, *immenſus*. Quer dier, que o numero na carro- de Deos ſe multiplica a ilhares, a dezenas de miares, a centenas de milhas, a contos, & milhoens de ilhares: em ſumma, que nega a ſer innumeravel, finito, immenſo. Naõ ſe oderà declarar o que digo, em com melhor comparaõ, nem com mais apropriado exemplo que eſte da multiplicaçaõ da Aritmetica: *ecem*, *centum*, *millies millius*, *multiplex*. Sabeis como raõ os OO dos dezejos da enhora, nos dias, nas horas, os momentos de todos aquelles mezes da Expectaõ do ſagrado parto, em q̃ epois de concebido o Filho e Deos em ſuas entranhas ſpirava pelo ver naſcido? raõ os OO dos dezejos da enhora na multiplicaçaõ o tempo como as cifras da ritmetica, que tambem ſaõ O. Ajuntaſe a cifra ao nuero, & que faz? A primeia cifra multiplica dez, a ſeunda cento, a terceira mil, e ſe chegarẽ a vinte & quatro cifras, quantas ſaõ as horas do dia, multiplicaõ tãtos milhares ſobre milhares, & milhoens ſobre milhoens, q̃ excedem a capacidade de toda a comprehenſaõ humana. Perguntaõ curioſamente os Mathematicos, ſe deſde o centro da terra atè o Ceo eſtiveſſe todo eſte mundo cheyo de arèa miudiſſima, quanto ſeria o numero daquelles grãos de arèa? Eſta queſtaõ excitou jà antigamente Archimedes, ainda mais eſtendida, & naõ he difficultoſa de reſolver; porque medida primeiro geometricamente a capacidade, ou concavo do Ceo da Lua, logo por demoſtraçaõ Aritmetica ſe colhe com certeza quanto ſeria o numero das arèas, que o pòdem encher. Mas reduzido eſte meſmo numero innumeravel a figuras aritmeticas, parece couſa digna de admiraçaõ, que todo elle ſomado ſe venha a reſumir em huma unidade & trinta & duas cifras ſómẽte. Paſſemos agora dos OO deſtas cifras aos OO dos dezejos da Senhora.

61 Os OO dos dezejos da

da Virgem Santissima no espasso daquelles nove mezes, naõ se haõ de cõtar por dias, nẽ por horas, nẽ por minutos, senaõ por instantes; porq̃ naõ teuve instante em todo este tẽpo, nẽ de dia, nẽ de noite, em que no coraçaõ da Senhora senaõ estiuessem multiplicando os mesmos OO, suspirando, & anhelando sempre por aquella hora, q̃ tanto mais tardava, & se alongava, quanto era mais dezejada. E digo, nem de dia, nẽ de noite; porque ainda que o brevissimo sono dava suas tregoas aos sentidos, o coraçaõ, que naõ se podia apartar dõde tinha o seu thesouro, como vela que sempre ardia, sempre vigiava: *Ego dormio, & cor meum vigilat.* Cant. 5. 2. Pois se os OO de trinta & tres cifras multiplicavaõ, ou multiplicariaõ aquelle numero sem conto; os de tantos, & taõ continuados instantes, que em cada parte de tempo saõ infinitos, vede se o fariaõ eterno? A multiplicaçaõ artificial das cifras (sem mudarem a figura, que sempre he o mesmo O) consiste em que a segunda cifra excede proporcionalmẽt primeira, a terceira a segu da, a quarta a terceira; & sim as demais. E a este m mo modo se excederaõ, hiaõ excedendo tambem OO dos dezejos da Sen ra, sendo sempre os seguin mayores, & mais intenso os que tinhaõ precedido razaõ Theologica, & cons tural deste argumento e porq̃ a cada dezejo da M de Deos correspondia no augmento de graça; a ca augmento de graça may amor do mesmo Filho; & mayor amor, mayor, & m intenso dezejo. Assim q sendo os circulos dos p meiros OO grandes, os q lhe hiaõ succedendo mais mais, sempre eraõ mayor Dẽnos aqui o exemplo a n tureza, assim como atego nolo deu a arte.

62 Se acaso, ou de indu stria lançastes huma pedra mar sereno, & quieto, ao pr meiro toque da agua vist algũa perturbaçaõ nella; m tanto que esta perturbaça se socegou, & a pedra fico dentro no mar, no mesm ponto se formou nelle hu

cir

rculo perfeito, & logo ou-
o circulo mayor, & apoz
te outro, & outros, todos
a meſma proporçaõ ſuc-
ſſiva, & todos mais eſſen-
dos ſempre, & de mais di-
tada eſfera. Eſte effeito
aravilhoſo celebra muito
neca no primeiro livro das
as queſtoens naturaes, &
lle aprendéra os Filoſo-
s o modo com que a voz,
a luz ſe multiplicaõ, & di-
taõ por todo o ar. Mas ſe
natureza na multiplicaçaõ
extençaõ deſtes circulos
ve outro intẽto mais alto,
m duvida foy, para nos de-
arar com a propriedade de-
comparaçaõ o modo com
ue os OO dos dezejos da
nhora ao paſſo com que ſe
ultiplicavaõ, juntamente
eſtendiaõ. A Virgem Ma-
a era o mar, que iſto quer
zer Maria, a pedra era o
erbo encarnado Chriſto:
etra autem erat Chriſtus: o
imeiro toque da pedra no
ar foy quando o Anjo na
nbaixada à Virgem lhe to-
u, em q̃ havia de ſer Mãy,
m bençaõ ſobre todas as
ulheres: *Benedicta tu inter*
ulieres. E que ſuccedéo en-
taõ? Duas couſas notaveis.
A primeira, que a ſerenidade
daquelle mar puriſſimo ſe
turbou hum pouco: *Turbata eſt in ſermones ejus*: a ſegũ-
da, que ſocegada eſta per-
turbaçaõ: *Ne timeas Maria*: *Ibid.*
no meſmo ponto, em que a 38.
Senhora diſſe: *Fiat mihi ſecundum verbum tuum*: & a
pedra deſcéo a ſeu cẽtro, lo-
go os circulos, qne eraõ os
OO dos dezejos da Senho-
ra, ſe começáraõ a formar, &
creſcer no ſeu coraçaõ de tal
ſorte, que ſempre os que ſe
hiaõ ſuccedendo, & multi-
plicãdo, à medida do amor,
que tambem creſcia, eraõ
mais creſcidos tambem, & de
mayor, & mais eſtendida eſ-
fera.

§. VII.

63 Agora vejamos eſtes
circulos, ou eſtes OO do de-
zejo unidos ao circulo, ou à
roda do tempo, que effeitos
cauſáraõ nelle. Os effeitos
foraõ, que ſendo o periodo
da Expectaçaõ do parto taõ
breve como de nove mezes,
o fizeraõ eterno. E porque,
ou como? Porque creſcéo o
de-

deſejo à proporçaõ do amor, & o tempo à proporçaõ do dezejo. Naõ me creais a mim, ſenaõ aos dous mayores Doutores da Igreja, Nazianzeno entre os Gregos, & Aguſtinho entre os Latinos. S. Gregorio Nazianzeno cõ prefaçaõ, de que affirma hũa grande verdade, diz, q̃ hum ſó dia de ardente, & ancioſo dezejo, he igual a todo o tẽpo, a que ſe pòde eſtender a vida humana: *Profectò vel unicus dies totius vitæ humanæ inſtar eſt deſiderio laborantibus.* A duraçaõ, que as Eſcrituras daõ commummente à vida humana, ſaõ cem annos; & ſe cada dia de dezejos intenſos ſe mede por cem annos de duraçaõ, & a cada dez dias reſpondem dez ſeculos, que ſaõ mil annos: vede quãtos milhares ſobre milhares ſe podiaõ encerrar no circulo de nove mezes? E ſe iſto affirma com tanta aſſeveraçaõ Naziãzeno por Antonomaſia o Theologo, ſem determinar objecto, nem ſogeito, que ſeria ſe ſuppozeſſe, que o objecto dezejado era Deos, & o ſogeito, que dezejava, o coraçaõ da May de Deos? Por iſſo Sãto Agu tinho remettẽo toda a qu taõ a Deos, como Senh dos tempos, & Author d dezejos. E diz, que trav Deos o tempo com o deze reciprocamente de tal ſor que dilatando o tempo, eſt de o dezejo, & eſtendendo dezeja, dilato o tempo: *De dilatando, extendit deſideriu* Sendo pois os OO dos c zejos da Senhora huns c culos taõ eſtendidos, con vimos, bem ſe infere qua dilatados ſeriaõ nelles os ci culos do tempo. Taõ dil tados, que a roda do tem pòde comprehender em ſ roda da Eternidade: *Et ro in medio rotæ.* Mas para q he recorrer a argumẽntos Doutores, ſe temos no pr prio caſo o teſtemunho e preſſo da meſma Senhora O. E quando deu a Senh ra eſte ſeu teſtemuho, & que palavras? Com as ma adequadas ao ſeu penſamen to, & as mais bem medid com os ſeus dezejos. Diſſe que os ſeus dezejos eraõ co mo o ſeu dezejado: *Dilecti meus totus deſiderabilis: dil Eius mens totus deſideria:* C me

eu amado he todo para de-
jar, & os meus dezejos
ō como todo elle. Assim
treslada, & interpreta a
ersaõ Chaldaica. E se os
zejos da Senhora se me-
aõ totalmente com o seu
zejado, & o dezejado era
menso, infinito, eterno:
ede, se seriaõ tambem eter-
s os seus dezejos?

64 Finalmente para que
ō pareça encarecimento o
e digo, deixaime abater o
scurso, para melhor o pro-
r: & ouvi como os deze-
s de quem dezejava muito
enos, só por serem do mes-
o dezejado, foraõ tambem
ernos. Quando Jacob des-
dindose de seus filhos na
ora da morte lhes lançou a
nçaõ (a qual juntamente
a bençaõ, & profecia) o ul-
mo termo que finalou a to-
s as felicidades, que lhes
omettia, foy a vinda do
essias, a quem chama o
zejo dos montes eternos:
onec veniret desiderium col-
um æternorum. Grandes, &
ysteriosas palavras? Cha-
a Jacob ao Messias naõ o
zejado, senaõ o dezejo,
orque havia de ser dezeja-
do taõ singular, & unicamẽ-
te, que os dezejos de todas as
outras cousas em comparaçaõ deste dezejo, nem eraõ, nem mereciaõ nome de dezejos. Mas porque lhe naõ chama dezejo dos homens, senaõ dezejo dos montes, & dos oiteiros: *Desiderium collium*? Porventura porque atè as criaturas insensiveis sem uso de razaõ, nem conhecimento de tanto bem o haviaõ de dezejar a seu modo, & suspirar por elle? Assim explicaõ alguns este lugar com a energía daquella mesma figura, com que disse o Poeta: *Ipsæ te Tytire pinus, ipsi te fontes, ipsa hæc arbusta vocabant.* Porem Jacob no verdadeiro sentido, em que fallava, entendeo por montes, & oiteiros, os Patriarchas, & Profetas, assim passados, como futuros, nos quaes só se conservava a fé explicita, de que o Messias havia de ser Filho de Deos. E por isso a Esposa, fallando da mesma vinda do Messias, dizia: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles.* E chamaõse os Patriarchas, & Profetas, mõtes, *Cant. 2. 8.*

tes, & oiteiros, porque assim como os montes, & oiteiros se levantaõ sobre os valles, & estremandose da outra terra, se avizinhaõ mais ao Ceo; assim os Patriarchas, & Profetas pela eminencia da dignidade, da santidade, & do conhecimento de Deos, em respeito do outro Povo mal disciplinado, & rude, & incapaz de taõ altos mysterios, eraõ os montes, & oiteiros do mundo: Mas agora entra a duvida, em que todos creyo tendes jà reparado, & he porque lhe chama eternos: *Desiderium collium æternorum*? Os Patriarchas, & Profetas, ainda que lhe demos a antiguidade desde o primeiro de todos, que foy Adaõ; de Adaõ atè a morte de Jacob se passáraõ dous mil annos: & se a continuarmos depois de Jacob; desde a morte de Jacob atè a vinda do Messias, passáraõ outros dous mil. Quanto mais que nesta segunda idade as vidas dos homens por mais Patriarchas, & Profetas que fossem eraõ taõ breves como as nossas. Pois se estes montes, & oiteiros cahiaõ, & se sepultavaõ, & se desfaz em cinzas em taõ breve te po; como lhe chama Jac eternos: *Desiderium colli æternorum*? Na palavra *d derium* disse Jacob o porq Naõ vedes, que o deze desses Patriarchas, & Pro tas, em que viveraõ, to era suspirar pela vinda Messias, todo era clamar Ceo, & a Deos, que acaba jà de vir: *Donec veniret*? mesmo Jacob dizia: *Salu re tuum expectabo*: M. ysc *Mitte quem missurus es*: D vid: *Ostende nobis Dom misericordiam tuam, & Sa tare tuum da nobis*: Isaias: rate cæli desuper, & nu pluant justum, aperiatur t ra, & germinet Salvatore E como os dezejos dos P triarchas eraõ taõ intenso & a tardança do bem dezej do taõ dilatada, ainda que tempo das vidas fosse t breve, a dilaçaõ dos dezej o fazia eterno. Eraõ grande eraõ santos, eraõ imminen tissimos nas pessoas; mas mu to mais se estendia nelles tempo, do que os levanta a dignidade: a dignidade fazia montes; & o dezejo

ete

ternos : *Desiderium collum ternorum.*

65 Nem mais, nem menos tomou estas medidas David, a quem os dezejos, & dezejado tocavaõ de mais perto: *Cogitavi dies antiquos, & annos æternos in mente habui.* Quando considero a antiguidade dos Patriarchas, & Profetas (assim entendem de lugar os mais graves Expositores) quando considero os tempos antigos, a tradiçaõ dos Patriarchas, & a fê dos Profetas, aquelles homens taõ allumiados de Deos, que desde entaõ espevaõ, & dezejavaõ o que eu oje só dezejo, & espero; os dias no meu entendimento saõ annos, & os annos eternidades: *Cogitavi dies antiquos, & annos æternos in mente habui.* Ainda tem mayor mysterio a distinçaõ, & repartiçaõ destes tempos. A quem daõ revelou Deos, que havia de fazer homem; mas naõ disse como, nem de quem: a Abraham revelou-lhe que havia de ser da sua descendencia, & da sua naçaõ: a David, que havia de ser da sua casa, & da sua familia. E quanto mais de perto tocava este bem aos homens, tanto mais se excitava nelles o dezejo, & tanto mais crescia com o dezejo a dilaçaõ. Na antiguidade remotissima de Adaõ os momentos eraõ dias; na menos remota de Abraham os dias eraõ annos; mas na mais proxima, & já vizinha de David, os annos eraõ eternidades: *Et annos æternos in mente habui.* Tudo isto succedia segũdo aquella regra natural, que quanto o bem dezejado está mais vizinho, tãto he mayor o dezejo. Bem assim como a pedra no ar, q̃ quanto mais se chega ao cẽtro, tanto com mayor velocidade se move: *Desiderium acuit absentis vicinitas*: disse com verdadeira sentença o Comico. E se esta vizinhança já em David fazia do tempo eternidades, só porque sabia David, que havia de nascer em sua casa; que seria no coraçaõ da Virgem Santissima, que já o tinha concebido em suas entranhas? Os dous que avaliáraõ estes dezejos por eternos, foraõ nomeadamente David, & Jacob,

cob, os meſmos dous, de que o Anjo anunciou havia Chriſto de ſer herdeiro: *Dabit illi* Luc. 1. 31. *Dominus Deus ſedem David Patris ejus, & regnabit in domo Jacob in æternum.* E ſe Jacob, & David de taõ longe reconheciaõ eſta Eternidade, como a naõ comprehenderia o coraçaõ da Senhora dentro nos OO dos ſeus dezejos, tanto mais intenſos, quanto mais vizinhos; & tanto mais dilatados, quanto mais intenſos? Hum Patriarcha dizia: *O Sapientia!* Outro ſuſpirava: *O Adonay!* Outro clamava: *O Radix Jeſſe!* Os demais: *O Clavis David! O Oriens! O Rex gentium! O Emmanuel!* Mas nenhum diſſe, nem podia dizer: *O Filho!* E ſe os OO daquelles dezejos faziaõ hũs circulos taõ dilatados, que eraõ eternos: *Deſiderium collium æternorum: & annos æternos in mente habui*: que ſériaõ os OO daquelle coraçaõ, & daquella Mãy, que o tinha concebido em ſuas entranhas, & o havia de ver naſcido em ſeus braços: *Ecce concipies in utero, & paries Filium.*

§. VIII.

66 Certo eſtou jà, qu
naõ haverá quem duvide,
os dezejos da Senhora fora
eternos. O que ſó receyo p
lo contrario, he, que naõ fa
te quem ponha duvida a ſe
rem dezejos. O bem (repl
cará algum Filoſofo) o bem
que he o objecto da vontad
aſſim como tem differente
tempos, aſſim cauſa na me
ma vontade differentes affe
ctos. Porque o bem ou h
preſente, ou paſſado, ou fu
turo: ſe he preſente, cau
goſto: ſe he paſſado, cau
ſaudade: ſe he futuro, cau
dezejo. E como o bem,
ſummo bem, objecto dos a
fectos da Senhora, que era
Filho unico de Deos, & ſe
naõ ſó o tinha preſente, ſ
naõ mais que preſente, po
que o tinha dentro em
meſma; parece, que antes h
via de cauſar em ſeu coraç
jubilos de goſto, & naõ a
cias, nem dezejos? Que
diſcorre deſta ſorte ainc
naõ tem entendido, que
preſença para ſer preſença
ha de ter algũa couſa de a
ſenci

encia. O objecto da vista, para se poder ver, ha de ser presente; mas se está pegado, & unido à mesma potencia, he como se estivera ausente: ha de estar apartado dos olhos, para se poder ver. Assim a presença para ser presença: naõ ha de passar a ser intima, nem ha de estar totalmente unida, senaõ de algum modo distãte. De a queixa de Narciso, com verdadeira razaõ em hystoria fabulosa: *Quod cupio meum est: inopem me copia fecit*: que dezejo, tenhoo em mim: & porque o tenho em mim, careço do que tenho. Pois que remedio? *Votum in amante novum*: o remedio he hum dezejo novo, qual nunca dezejou quem amasse. E que dezejo he este: *Vellem quod amamus abesse*: dezejar que o que amo se ausente, & se aparte de mim. Tal era o dezejo da Senhora, & tal a razaõ do seu dezejo. Carecia do mesmo bem, que tinha, porque o tinha dentro em si. Por isso suspirava, & dezejava com ancia velo já fóra; & esta era a causa dos seus OO: *Quis mihi det te fratrẽ meum, ut inveniam te foris*: Oh quem me dera Irmaõ, & Filho meu (Irmaõ, porque tomastes de mim a natureza humana, & Filho, porque eu vola dey) oh quem me déra vervos já fóra de minhas entranhas; porque dentro nellas, postoque vos tenho, & possuo, naõ vos posso gozar. *Ut inveniam te*, diz, ainda com mayor energía: Oh quem me dera acharvos! Como se differa a ancioſa Máy, fallando com o mesmo Filho: No dia, em q̃ vos concebi, foy como se vos perdera, & vos escondesseis de mim; porque vos naõ posso ver. Se me pergunta a Fé onde estais: *Ubi est Deus tuus*? Respondo com toda a certeza, que dentro em mim. Mas se mo perguntaõ os olhos, só lhe posso respõder, que ainda vos busco, & suspiro por vos achar: *Ut inveniam te*. E sendo esta a presença do seu bem (ausente por muito presente) vede, se tinha razaõ a Senhora de o dezejar com ancias, & suspirar mais, & mais por elle? *Cant.* 8. 1.

67 Dezeja a Virgem Santissima gozar a seu Filho *Psal.* 41. 11.

ao modo com que o Padre Eterno o goza, pois era Filho cõmum de ambos. Voay agora, ſe poderes tanto, os que puzeſtes a duvida. Deſcreve o Evãgeliſta S. Joaõ a geraçaõ eterna do Verbo, & diz, que o Filho eſtava junto ao Padre, ou perto delle: *Et Verbum erat apud Deum.* Joan. 1. 1. Aquelle *apud* aſſim como foy eſcandalo aos Arrianos, aſſim tem ſido reparo altiſſimo a todos os mayores Theologos. Naõ diz. Chriſto fallando da meſma geraçaõ ſua, em quanto Deos, q̃ elle eſtà no Padre; & o Padre nelle: *Ego in Patre, & Pater* Joan. 14. 10 *in me eſt*? Pois porque naõ diz tambem S. Joaõ, que o Verbo eſtava no Padre, ſenaõ junto a elle: *Et Verbum erat apud Deum*? E ſe eſtava junto a elle, onde eſtava, & qual era o ſeu lugar: *Ubi erat hoc Verbum*? *Quis erat locus ejus*? pergunta Ruperto. E reſponde, que o lugar, onde eſtava o Verbo, era a deſtinçaõ real, com que a Peſſoa do Padre ſe diſtingue do Filho, & a Peſſoa do Filho ſe diſtingue do Padre: *Verbum erat apud Deum, ut de Perſo-*

nis nõn dubites; dum alteri audis eſſe, vel fuiſſe ad alteram. O meſmo tinha dito antes delle S. Baſilio, & depois de ambos o diz Santo Thomás. Mas ouçamos dizer altamente na materia altiſſima a Richardo Victorino. Deos he ſummamente bom, & ſummamente beato em quanto ſummamente bom he ſumma, & infinitamente communicavel: logo naõ podia communicar infinitamente, ſenaõ a quem tãbem foſſe Deos, & eſte he o Filho. Em quanto ſummamente beato, naõ podia ſer ou eſtar ſó; porque naõ ha felicidade ſem companhia: logo quem lhe fizeſſe companhia neſſa ſumma felicidade, havia de ſer diſtinto delle: & eſta he a diſtinçaõ real, que ha entre o Filho, e o Padre.

68 Neſte ſegundo ponto, que he o noſſo, as palavras de Richardo ſaõ: *Felicitas ſũma non poteſt eſſe uni ſolitarij ſine conſortio, Deus autem eſt ſummè felix, qua conſortium debet habere.* E alguem replicar, que antes de haver mundo, Deos eſt

a só, porque sómente havia Deos? Respõde Tertulliano contra Praxéas, distinguindo huma soledade da outra, taõ profundamente como costuma: *Deus ante omnia solus erat, ipse sibi, & mundus, & locus, & omnia: solus autem, quia nihil extrinsecus præter illũ. Cæterum ne cum quidem solus, habebat etiam secum rationem suam, hanc Græci Logon dicunt.* Deos antes do mundo estava só, porque fôra de si naõ tinha produzido cousa alguma. Porèm ainda entaõ naõ estava só; porque estava acompanhado do Verbo, o qual tinha comsigo. Notay muito a palavra *Habebat secum.* De maneira, que na Natureza Divina summamente cõmunicavel, naõ bastou que o Padre tivesse o Filho em si: *Ego in Patre*: mas para que o mesmo Padre naõ estivesse só, & para que fosse summamente beato, foy necessario que tivesse o Filho tambem comsigo: *Habebat secum.* E porque o naõ podia ter cõsigo senaõ distinguindose realmente huma Pessoa da outra; por isso foy juntamente necessario, que o Filho se distinguisse realmente do Padre, para que deste modo naõ só estivesse nelle, senaõ junto a elle: *Et Verbum erat apud Deum.* Estava o Filho no Padre pela identidade da natureza, & estava cõ o Padre pela distinçaõ das Pessoas. E esta mesma differença que fazia no Pay a identidade, & a distinçaõ, fazia na Mãy a conceiçaõ, & havia de fazer o parto; porque depois da conceiçaõ tinha o Filho em si, & depois do parto havia-o de ter comsigo. E se na differẽça daquelle: *in*, & daquelle *apud*: *Ego in Patre, & Verbum apud Deum*: consistia a razaõ da summa felicidade em Deos: *Deus autem est summè felix, quare consortium debet habere*: Vede se era bastante motivo na Mãy do mesmo Deos, ainda que o tivesse em si, dezejar, & dezejar summamente telo junto a si?

69 Esta he a verdadeira Filosofia, porque o bem presente pòde causar dezejos, & porque a presença para se lograr ha de ter alguma cousa de ausencia. O bem, & summo

mo bem da Senhora em quãto o tinha dentro em ſi, por muito preſente fazia-o a preſença inviſivel; porèm depois que o teve fóra de ſi, & em ſeus braços, eſta meſma diſtancia, que era parte de auſencia, fez que o podeſſe ver, & gozar. E ſe he propriedade do ſummo bem viſto fazer as eternidades breves, que muito he que naõ viſto, nem ſe podendo ver, fizeſſe os dias eternos? Naõ acabava de entender S. Gregorio Nazianzeno, como podeſſe ſer que os annos, que ſervio Jacob por Rachel, lhe pareceſſem poucos dias; & no cabo achou, & deu a verdadeira razaõ: a qual naõ era, nem podia ſer outra, ſenaõ porque em todo aquelle têpo gozava Jacob a viſta da meſma Rachel: *Cujus rei hæc fortaſſe cauſa erat, quia rei expetitæ conſpectu fruebatur.* Se em quanto a Senhora tinha o bemdito fruto de ſeu ventre dentro em ſi, o podèra ver, entaõ os nove mezes lhe pareceriaõ breves dias; mas como era bem, & ſummo bẽ, por muyto preſente inviſivel; todo o tempo, em que o naõ via, nem podia ver, ſe lhe fazia eterno: E por iſſo os ſeus dezejos, como vimos, mudáraõ o *Et* do Anjo em O, conſummando a Eternidade, que no meſmo *Et* teve ſeu principio: *Ecce concipies, Et paries.*

§. IX.

70 Tenho acabado o Sermaõ, & mais depreſſa por ventura, ou mais de repente do que imaginaveis. Todos eſperavaõ, que eu me lembraſſe de duas obrigaçoens muy preciſas, das quaes parece me eſqueci totalmente porque tendo preſente a Mageſtade Sacroſanta do Diviniſſimo Sacramento, & fallando a hum auditorio taõ grave, & taõ numeroſo: como ſe naõ olhaſſe para o Altar, nem para a Igreja, nem do Sacramento diſſe huma ſó palavra, nem ao auditorio dey hum ſó documento. Eſte he ſem duvida o reparo, que todos fizeſtes nos dous diſcurſos, que prèguey. E eu agora acabo de entender que nem percebeſtes bem o primeiro, nẽ applicaſtes, como de-

levieis, o segundo; porque o primeiro todo foy do Sacramento, encarecêdo a sua mayor excellencia; & o segundo todo foy ao auditorio, dandolhe a mais importante doutrina.

71 No primeiro discurso sobre as palavras: *Ecce concipies in utero*: naõ provey eu, que o ventre virginal da Senhora pela conceiçaõ do Verbo encarnado fora a circumferencia da immensidade,& hum circulo,que comprehendéo o immenso? Pois isso mesmo he o que a Omnipotencia Divina tornou a obrar por nosso amor no mysterio altissimo do Sacramẽto, encerrando naquelle circulo breve de paõ toda a immensidade de seu Ser Divino, & humano. Porque cuidais que instituyo a Igreja, q̃ a fórma da Hostia Consagrada fosse de figura circular, como foy desde seu principio,& se continuou sempre? Alguns quizeraõ na Grecia, que a figura da Hostia fosse quadrada, para significar os quatro elementos, de que he composto o Corpo de Christo, & as quatro partes do mundo, sobre que tem absoluto, & supremo dominio: mas prevalecéo a figura circular, naõ só porque no circulo se representa tambem a redondeza do mundo; mas, como diz S. Gregorio Papa, porque sendo figura, q̃ naõ tem principio, nem fim, em nenhuma outra se exprime mais claramente a Eternidade, a infinidade,& a immensidade divina, que naquelle milagroso circulo está encerrada. Assim se fez,& assim se havia de fazer; porque muitos seculos antes da Encarnaçaõ do Filho de Deos, já era tradiçaõ dos Doutores Hebraicos na exposiçaõ do Psalmo setenta & hum, que o Sacrificio do Messias, como Sacerdote segundo a ordem de Melchisedech, havia de ser em paõ, & esse paõ formado em figura circular do tamanho da palma de huma maõ: *Sacrificium Messiæ fore placentam rotundam, sicut est vola manus.* *Psal. 26.6.*

72 Mas para que saõ tradiçoens, onde temos o ritual de David? *Circuivi, & immolavi hostiam vociferationis.* Falla David de hum Sacrifi-

cio, que offereceo a Deos em acçaõ de graças (como conſta de todo o Pſalmo) & tal he o noſſo Sacrificio. Quando Chriſto o inſtituio, deu primeiro graças: *Gratias agens fregit*: & por iſſo ſe chama Sacramento da Euchariſtia, que quer dizer acçaõ de graças. E quaes foraõ os ritos, ou ceremonias deſte Sacrificio? Tres couſas, diz o Profeta, que ſó como Profeta as podia antever, & imitar. Diz, que fez hum circulo à roda: *Circuivi* diz que offereceo a Hoſtia: *Immolavi Hoſtiam*: & diz que a acompanhou, naõ com preces, & oraçoẽs, ſenaõ com brados, & vozes: *Vociferationis*. No Sacrificio com nome de Hoſtia antevia, & ſignificava a que temos, & adoramos preſente: no circulo que fez em roda, a figura circular de que havia de ſer formada em repreſentaçaõ da immenſidade divina, que encerra dentro em ſi: & nas vozes naõ dearticuladas, ſenaõ a gritos, que queria ſignificar David? Parece que tinha diante dos olhos a ſolemnidade deſte dia. Deſde o dia de hoje por diante até o do Naſcimento do Senhor na Cathedral de Toledo, onde começou eſta inſtituiçaõ, & em outras muytas Igrejas da Chriſtandade, a ultima clauſura dos Officios Divinos ſaõ vozes ſem concerto, nem harmonía, clamando todo o Clero & todo o Povo a gritos, ó, ò, ò. Iſſo he o que quer dizer propriamente, *Vociferationis*. E como o Diviniſſimo Sacramento he a ſegunda parte do Myſterio da Encarnaçaõ (por onde Saõ Joaõ Chryſoſtomo lhe chamou Encarnaçaõ mais eſtendida) naõ he couſa alheya do eſpirito de David, antes muy propria dos ſeus fervoroſos, & arrebatados affectos; que à viſta daquella ſagrada Hoſtia quãdo a ſacrificava em figura acõpanhaſſe o meſmo circulo, q̃ fazia, exclamando elle & fazendo exclamar a todos com OO de jubilos, com OO de applauſos, com OO de admiraçoens. Oh Hoſtia, em que o ſacrificado he Deos! Oh circulo, que cercas, & comprehendes o incomprehenſivel! Oh invento mayor da Sabidoría! Oh milagre

1. Cor. 11. 24.

ſem

m igual da Omnipotencia! h firmeza! Oh excesso! Oh xtremo do amor infinito ara com os homẽs! Em fim odos aquelles OO, que a greja resumio em hũ só, O: *sacrum convivium, in quo hristus sumitur!*

73 Esta foy a allegoria o meu primeiro discurso, oda dirigida, Senhor, à vos- Divina, & Humana Maestade Sacramentado. E a outrina do segundo, em afectos taõ sobre humanos do rimeiro exemplar das virudes, tambem foy encamihada toda à imitaçaõ dos uvintes. Que ouvistes sobre s segundas palavras do Thena *Et paries Filium*? Ouvises, que estando a Virgem antissima toda cheya de Deos, ainda senaõ satisfizeaõ seus dezejos, dezejando er comsigo ao que tinha em i, & acabar de ver com seus olhos ao que estava escondio em suas entranhas. Ora pplicay isto mesmo a vòs. Nada menos do que a Virgem concebéo dentro em si, ne o que nòs recebemos dentro em nòs, quando commũgamos: Ella ao Verbo, a quẽ deu carne; & nòs ao Verbo encarnado: Ella a todo Deos, taõ immenso como he; & nòs a todo Deos com toda sua immensidade. E daqui se colhe quam grande injuria farà ao mesmo Deos, quem depois de o ter todo em si, ainda dezeja outra cousa. Qualquer outro dezejo do mundo neste caso, ou he declarada heregia, ou rematada locura: ou heregia, porque he naõ ter Fè; ou locura, porque he naõ ter juizo. Condenando Seneca a ambiçaõ monstruosa de Alexãdre, disse com profunda sentença: *Inventus est qui aliquid concupisceret post omnia.* Basta que se achou no mundo hum homem, que depois de ter tudo, ainda dezejou mais algũa cousa? O tudo que possuya, & dominava Alexandre, era nada, só Deos verdadeiramẽte he tudo. E que tendo hum Christaõ a Deos, & a todo Deos em si, ainda haja de dezejar os nadas do mundo? Oh cegos, ó enganados, ó predidos, ó infieis dezejos! Hũa só cousa póde dezejar licito, & Christaãmente quem chegou a ter a Deos em si. E qual he

qual he? Chegar tambem ao ter consigo, que he o que dezejava a Senhora.

Philip. 1. 23. 74 *Desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo*: huma só cousa dezejo, diz S. Paulo, que he desatar a minha Alma das cadeyas do corpo para estar com Christo. Tornay a dizer, Apostolo Sagrado, que vos naõ entendo. Vòs naõ dizeis, que nesta mesma vida està Christo em vòs: *Vivit verò in me Christus*? Pois se Christo està em vòs nesta vida, para que quereis deixar a vida, para estar com Christo? Porque vay muita differença de estar Christo em mim, ou estar eu cõ elle. Estar Christo em mim, he possuilo sem o ver; estar eu com elle, he velo, & gozalo. Esta he a mesma razaõ porque a Virgem tendo a seu Filho, & a seu Deos dentro em si, ainda dezejava, & suspirava; porque o dezejava ter de modo, que o podesse ver, & gozar. E esta he tambem a razaõ (se temos uso de razaõ) porque tendo a Christo dentro em nòs sacramento, & invisivel, esta mesma felicidade nos deve excitar o dezejo outra mayor, & felicissim que he chegar a estar cõ ell onde o vejamos, & gozem por toda a Eternidade. Pa fartar a fome de todos os o tros dezejos, basta termos todo Deos em nòs: mas d sta mesma fome já satisfei ha de nascer huma sede ins ciavel de se rõperem aque las nuvens, & o vermos de cubertamente na Gloria: *S tivit anima mea ad Deum fo tem vivum*: *satiabor cum a paruerit gloria tua.* Estes ha de ser os OO dos nossos d zejos, como eraõ os do me mo Profeta: *Quando venia & apparebo ante faciem. D* Oh quando virá aquelle d toso dia, em que appareça meu Deos, diante de vò Oh quando chegará aquel hora, em que vos veja face face! Oh quando se verà l vre a minha Alma do carce deste corpo mortal, que lh impede a vossa vista: *Q me liberabit de corpore mort hujus*? *O Domine, libera an mam meam. O Domine, salv me fac, ò Domine, benè prosp rare*? Estes haõ de ser OO dos nossos dezejos,

ó os do mundo, os da cu-
a, os da ambiçaõ, os do
ſo amor, que naõ ſaõ OO,
aõ Ays: *Heu mihi, quia in-
atus meus prolongatus eſt.*
rgem Senhora do O, eſta
a graça, que hoje vos de-
mos pedir todos, & a que
em nome de todos vos
ço de todo coraçaõ. Que
ormeis todos noſſos deſe-
caminhados dezejos; que os
aparteis de todas as couſas
temporaes, & da terra; que
os levanteis ao Ceo, & os en-
caminheis á Eternidade; pa-
ra que nella por voſſa inter-
ceſſaõ, & pelos merecimẽtos
infinitos de voſſo Santiſſimo
Filho conſigamos com a ſua
viſta ſem fim, o fim para que
fomos criados. Amen.

SERMAM

DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA DA QVARESMA.

NO CONVENTO DE ODIVELLAS.

Anno de 1644.

Diligite inimicos vestros. Matth. cap. 5.

§. I.

75 TEMOS hoje em controversia os dous mais poderosos affectos, & os dous perigosos, da vontade humana. Taõ poderosos, que se a vontade os vence, he senhora; taõ perigosos, que se elles vencem a vontade, he escrava. E que dous affectos saõ estes? Amor, & Odio. O amor tem por objecto o bem par o abraçar; o odio tem po objecto o mal para o fu gir; & este he o poder un versal, que se estende sem l mite a quanto tem o mund Mas como o mal muitas ve zes anda bem trajado, & bem pelo contrario mal ve stido, daqui vem, que enga nada a vontade com as appa rencias, facilmente ama mal, como se fora bem, & aborrece o bem, como se fo ra mal: & aqui está o perigo

O

antigos diziaõ: Amay a
em vos ama, aborrecey
uem vos aborrece: isto he,
erey bem a quẽ vos quer
m, & querey mal a quem
s quer mal. Mas este mes-
ditame, ainda hoje taõ
guido, postoque parece
ndado em igualdade, &
ftiça, he o mayor, & mais
rigoso erro, que a Sabido-
Divina veyo allumiar, &
formar ao mundo. Neste
vangelho nos manda Chri-
amar aos inimigos, & em
tro nos manda aborrecer
amigos: neste nos manda
nar aos que nos tem odio,
n outro nos manda ter odio
os que nos amaõ: & sendo
mesmo Legislador Divino
Author destes dous precei-
os taõ encontrados, daqui
deve presuadir a nossa
ouca capacidade, que nem
bemos o que he amor, nem
bemos o que he odio: nem
bemos amar, nem sabemos
borrecer: nem sabemos
uerer bem, nem sabemos
uerer mal. Enganano o
nal com apparencias de bẽ,
levanos o amor: Engana-
os o bem com apparencias
de mal, & metenos no cora-
ção o odio. E quẽ farà a
triste vontade enganada ass-
sim, & cativa? O dezengano
destes dous erros he, o que eu
determino prègar hoje: &
ensinar, naõ às más, senaõ às
boas vontades, como haõ de
saber amar, & como haõ de
saber aborrecer. He materia
em que depois de disputada
a controversia, vos hey de
descobrir hum admiravel se-
gredo. Ajudaime a pedir a
Graça. *Ave Maria.*

§. II.

Diligite inimicos vestros.

76 AMay vossos inimigos. Santo Augustinho com o pezo do seu singular juizo, sondando a profundidade deste preceito, diz assim: *Recole in omnibus justificationibus Domini, nulla esse mirabiliora, nec difficiliora quam ut suos quisque diligat inimicos.* Lede todas as Escrituras sagradas, ponderay todos os preceitos, cõselhos, & documentos divinos, & nenhum achareis (diz Agustinho) nem mais admiravel, nem mais difficultoso, que

Matth. 5. 44.

Aug. in Ps. 118.

què mandar Deos a hum homem de carne, & sangue, q̃ ame a seus inimigos. Admiravel, & difficultoso, diz o Santo: & deixando o admiravel para depois (como prometti) reparemos primeiro no difficultoso. He tam difficultoso este preceito, que os Gentios o tiveraõ por impossivel, & muitos Hereges tambem, aos quaes refuta doutissimamente, & convẽce S. Hieronymo. Porèm em ser difficultoso, & muito, o mesmo S. Hieronymo cõcorda com Santo Agustinho; & com Hieronymo, & Agustinho todos os outros Santos Padres, & Doutores da Igreja. Todos dizem, & cõfessaõ, que este he o mais rigoroso preceito da Ley Evãgelica, & esta a mais ardua, & difficultosa empresa da Religiaõ Christaã. Se entre os homens se achaõ taõ poucos, que amem verdadeiramente a seus amigos; quam difficultosa, & repugnante cousa serà á natureza humana chegar amar os proprios inimigos?

77 Ora com isto se representar, & praticar assim; eu cuido, que esta doutri
quando menos he muito
vidosa, & que padece hu
grãde instancia. Sãto Agu
nho nas mesmas palavr
que jà referi, diz que lea
todas as Escrituras, & e
em nenhũa dellas se ach
preceito, ou documento m
difficultoso; & eu digo, q
para achar preceito, &
cumento mais difficulto
naõ he necessario ler to
as Escrituras, nem muit
porque basta só hum texto
Evangelho. O mesmo Chr
to, que disse: *Diligite ini
cos vestros*: diz assim no C
pitulo quatorze de S. Luc
Qui non odit patrem suum,
*matrem, & uxorem, & filio
& fratres, & sorores, adh
autem & animam suam, n
potest meus esse discipul*
Quẽ naõ aborrece a seu pa
& a sua mãy; a sua mulhe
& a seus filhos; & a seus i
mãos, & a suas irmaãs, &
que he mais, a si mesmo
naõ póde ser meu discipul
Este preceito obriga em t
dos aquelles casos, em que
amor dos pays, & parentes
encontra com a observenc
da Ley de Deos. E geralmer

he obrigaçaõ de todo o
riſtaõ naõ correſponder a
m o ama, ſe illicitamente
amado, ainda que naõ foſ-
com perda da Graça, ſe-
õ da perfeiçaõ que profeſ-
De maneira que combi-
dos os Canones da Ley de
riſto, em huma parte mã-
nos que amemos, a quem
aborrece: *Diligite inimi-*
veſtros: & em outra, que
orreçamos, a quem nos a-
: *Qui non odit patrem, &*
trem, non poteſt meus eſſe
cipulus. Agora pergunto
: E qual deſtes dous pre-
itos he mais difficultoſo:
orrecer hum homem, a
em o ama; ou amar, a quem
aborrece? Reſponder com
lio ao amor, ou com amor
odio? Antes de reſolver a
ueſtaõ, diſputemola pri-
eiro; & ouvi com atten-
õ o que allegar por huma,
por outra parte; porque
ós haveis de ſer os Juizes.

§. III.

78 Primeiramente pa-
ece que he mais difficultoſo
mar a quem me aborrece, do
ue aborrecer a quẽ me ama.
Provo. O aggravo, com que me offende o inimigo, he dor no coraçaõ proprio; a correſpondencia, com que falto ao amigo, he dor no coraçaõ alheyo: & no remedio das dores ſempre ſe acode primeiro á que mais laſtíma, & ſempre he mais ſenſitiva, a q̃ eſtà mais perto. Logo mais natural he no homem o odio ao inimigo, que o amor ao amigo; porque no odio ao inimigo acodeſe á dor propria com o vingãça, no amor ao amigo acodeſe à dor alheya com a correſpondẽcia. Mais. Quando amamos a quem nos ama, governaſe a vontade pela razaõ; quando aborrecemos a quem nos aborrece, moveſe o apetite pela ira; & os impetos da ira ſempre ſaõ mais fortes que os impulſos da razaõ: ſempre obraõ mais efficazmente os offendidos, que os obrigados; porque a offenſa corre por conta da honra, a obrigaçaõ por conta do agradecimento: & mais ſofrivel he o nome de deſagradecido, q̃ a nota de afrontado. Mais ainda. Quando amo a quem me ama, pago o que devo; quan-

quando me vingo de quem me offendéo, págãome o que me devem: & quem ha, que naõ seja mais inclinado a receber a satisfaçaõ, que a pagar a divida? Mais difficultoso he logo deixar de aborrecer a quem nos aborrece, que deixar de amar a quem nos ama. Só parece, que está a experiencia contra esta resoluçaõ; porque sendo no mundo mais as offensas que os beneficios, saõ mais as ingratidoens que as vinganças: logo os homens naturalmẽte parece que saõ mais ingratos que vingativos. Mas naõ he assim. Porque para a vingança he necessario poder,& para a ingratidaõ basta a võtade. E se he menor o numero das vinganças, he por serem os homens menos poderosos, & naõ por serem menos inimigos.

79 Por outra parte parece que he mais difficultoso aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece. Provo. Amar a quem me aborrece, he ser humano com quem o naõ he comigo: aborrecer a quem me ama, he ser cruel com quem mo naõ merece: o ser huma he ser homem,o ser cruel ser fera: logo aborrecer quem nos ama, tanto m difficultoso he, quanto m repugnãte à natureza. Ma E he forte razaõ esta. parte do objecto tanto pr voca o odio aborrecer, mo o amor a amar: por da parte da potencia a von de he mais inclinada a am que a aborrecer; porque amar he acto natural,o abo recer violento. Donde se gue, que convidada igua mente a vontade do odio inimigo para aborrecer, do amor do amigo para mar, naturalmente se ha inclinar mais a amar ao am go,que a aborrecer ao inim go: logo mayor violenc padece a võtade em aborr cer a quem nos ama, que e amar a quem nos aborrec Mais. Amar a quem nos borrece;he acto de genero dade: aborrecer a quem n ama, he acto de ingratidaõ & que coraçaõ haverá ta irracional, que queira ant ser ingrato, que generoso Quem ha de trocar a nobr za, & fidalguia de hũa gen

ro

ſidade pela vileza, & bai-
za de huma ingratidaõ?
nalmente. Mais difficul-
ſo he aborrecer ſem cauſa,
ıc amar com razaõ. Em
ıem me aborrece ha razaõ
ra o amar? porque ſe o
orrecer como inimigo,
ſſo o amar como proxi-
o: Em quem me ama, naõ
couſa para o aborrecer;
rque ſe o deve amar por
oximo, porque o hey de
orrecer por amigo? Logo
ıis difficultoſo he aborre-
r a quem nos ama, q̃ amar
quem nos aborrece.

§. IV.

So Poſta a queſtaõ neſ-
s termos, para eu conti-
ıar o Sermaõ, he neceſſario
mar primeiro os votos aos
ıvintes; porque onde elles
conhecerem a mayor diffi-
ıldade, ahi ſe devem em-
regar todas as forças do diſ-
urſo. Que dizeis pois neſtes
ous caſos? Tendes por mais
fficultoſo o amor dos ini-
igos, ou o odio dos ami-
os? Amar aos que vos abor-
ecem, ou aborrecer aos que
os amaõ? Todos ſe callaõ:
ninguem me reſponde. Mas
jà vejo, que quereis que os
votos ſejaõ ſecretos, para ſe-
rem mais livres, & mais ver-
dadeiros. Vede, ſe os inter-
preto, & diſtinguo bem. De-
ſtas grades para fóra pòde
ſer que haja alguns animos
tam brioſos, ou vingativos,
que tenhaõ por mais diffi-
cultoſo amar inimigos, &
perdoar aggravos. Mas das
meſmas grades para dentro
(que he a melhor, & princi-
pal parte do auditorio) como
os coraçoens naturalmente
ſaõ mais benignos, cuido eu
que o amor ha de ter por ſi
os mais votos, & tanto mais,
& melhores, quanto mais bẽ
entendidos. Do amor (di-
zem as Almas mais diſcretas,
& de melhor coraçaõ) de
amor me livre a mim Deos,
que pelo odio nem me ha de
levar o diabo ao inferno. O
eſtado religioſo, como livre
das injurias do mundo, quaſi
he incapaz de odio: mas pa-
ra o izentar do amor que tem
penas, & azas, naõ baſtaõ
cercas, nem muros. Dado
pois, & naõ concedido, que
algum amor modeſto, & co-
medido podeſſe aqui entrar,

cu entrasse; naõ haver de amar neste caso, nem corresponder com amor hum coraçaõ, que he amado, naõ ha duvida, que este he o põto mais estreito, & difficultoso; & este o preceito mais arduo da Ley de Deos. Assim me parece, Senhoras, q̃ o està votando geralmente, & concedendo o vosso silencio. Com que vem a distinguir sutilmente na segunda parte da nossa mesma questaõ outro terceiro caso, tanto mais escrupuloso, quanto mais delicado; & tanto mais difficultoso, quanto mais repugnante. Naõ amar he menos que aborrecer a quem nos ama; & como no preceito de aborrecer se inclue tãbem o de naõ amar; neste naõ amar, que he o menos, consiste o mais da difficuldade. Assim entendo que o entendem, & estaõ votando os melhores juizos. E porque naõ pareça que dissimulo a força da vossa razaõ, para mais facilmente a desfazer; ponhome primeiro da vossa parte, a quero fortificar & defender, quanto ella merece.

81 Primeiramente ô me
mo Legislador desta Sagr
da Republica S.Bernardo,
bre aquellas palavras dos C
ticos: *Dilectus meus mihi,*
ego illi: ainda das telhas a
ma diz que o amor, com q
a Alma ama a Deos, na
do amor, com que Deos a
a Alma: *Amor Dei amor*
animæ parit. E acrescenta
por isso a Alma ama, porq
sabe que he amada: *Nec*
bitat se amari quæ amat.
amor natural, & cà da ter
passa o mesmo. Hum am
naturalmente chama por o
tro: & naõ ha coraçaõ ne
taõ surdo, que se he cham
do, naõ ouça; nem taõ m
do, que se ouvio, naõ resp
da. Até as penhas dos dese
tos respondem às vozes, &
mesmo eccho, que parece
he repulsa, he correspond
cia. A correspondencia n
he outra cousa, que a refl
xaõ do mesmo amor, q̃ re
na dobrado para dõde vey
E assim como naõ ha ma
more, nem bronze taõ dur
que ferido do rayo do So
naõ respondeo ao mesmo S
com a reflexaõ do seu ray
assim naõ ha coraçaõ taõ
ma

armore na dureza, & taõ
e bronze na resistencia, que
revenido no amor, o naõ
dobre, & corresponda cõ
utro.

82 He taõ certa, & experimentada esta força do amor, & taõ constante no juizo de todos os Sabios, que Poetas, Oradores, Filosofos, & os mesmos Santos Padres a confessaõ, & ncarecem. Entre os Poetas, odos sabem o Epigramma e Marcial: *Ut ameris, ama.* eixo outras citaçoens de uthores desta casta, porque ũ gente, que mais professa lizonja, que a verdade. Entre os Oradores o Principe e todos Marco Tullio, escrevendoa Bruto, diz assim: *lodius valde me amat, quod um mihi persuasum sit, non ubito quin illium quoque judies à me amari.* Quer dizer. Clodio me ama muito, & omo eu estou persuadido a sso, naõ duvido, que vós ambem julgareis, que eu o mo. E porque? *Nihil enim ninus hominis ea, quam non espondère in amore ijs, à quibus provocère.* Porque naõ na cousa (diz) mais alheya do ser de homem, que naõ responder com amor a quem o amou primeiro. De maneira, que em sentença daquelle homem, de cuja lingua estavaõ pendẽtes as sentenças de todos, o homem, q̃ foy amado de outro, ou o ha de amar tambem, ou deixar de ser homem.

83 Entre os Filosofos Hecaton, referido, & seguido por Seneca (que he dobrada authoridade) disse o mesmo; mas com coturno filosofico, & confiança de Mestre dos Mestres. As suas palavras, como se apregoasse, & vendesse amor, saõ estas: *Ego tibi monstrabo amatorium sine medicamento, sine herba, sine ullius veneficæ carmine.* Se alguem dezeja, que o amem, naõ peça hervas à natureza, nem confeiçoens à medicina, nem feitiços à arte magica, venhase a mim, q̃ eu lhe descobrirey hum segredo de mais virtude que todas as hervas, de mais efficacia que todos os medicamentos, & de mais, & mayor força que todos os feitiços. E que segredo he este taõ poderoso? *Si vis amari, ama:*

Se queres ſer amado, ama. Naõ diſſe mais o Filoſofo; & neſtas duas palavras comprehendéo toda a Filoſofia do amor. Amar, & ſer amado, ſaõ relaçoens mutuas, & riciprocas, que poſta, ou ſuppoſto huma, logo naturalmente reſulta a outra. E aſſim como o amar ſó com amor ſe conquiſta, aſſim naõ ha amor taõ forte, ou taõ fortificado, que ſe naõ renda a outro amor. Vamos aos Santos Padres.

§. V.

84 Saõ Joaõ Chryſoſtomo ſem allegar a Hecatón (tambem Grego) diſſe como propria a ſua meſma propoſiçaõ: *Si vis amari, ama.* Mas provou o que elle naõ tinha provado com a natureza do meſmo amor. O amor eſſencialmente he uniaõ, & a uniaõ naõ póde unir hum extremo, ſem que una tambem o outro. Por vẽtura ſe vos atares a hum homem, póde elle deixar de ficar tãbem atado comvoſco? Naõ. Pois da meſma maneira (diz Chryſoſtomo) ſe amaſtes, naõ podeis deixar de ſer mado: *Quomodo enim ſi v te ipſum alteri alligari, aliter poteris, niſi ipſum quo tibi ipſi alliges.* Aſſim ſe un & atou Jonatas a David, David logo ficou un do, atado com Jonatas. Os m mos termos, com que o co ta a Eſcritura declaraõ o mor, & mais a comparaça *Anima Jonathæ conglutin eſt animæ David.* Naõ di que Jonatas amou a Davi & David a Jonatas, ſenaõ a Alma de Jonatas ſe grud com a Alma de David. Po que aſſim como huma tab ſe naõ póde grudar com o tra, ſem que ambas fique unidas, aſſim huma Alm naõ póde amar outra Alm ſem que ambas ſe amem. valor de David movéo a A ma de Jonatas a que o ama ſe, & o amor de Jonatas obr gou a Alma de David a q o correſpondeſſe. Jonat naõ amado, amou; mas D vid depois de amado n póde deixar de amar. O p meiro amor foy livre, o ſ gundo neceſſario. Finalme te conclue o meſmo S. Chry ſoſtomo, que a vontade cad

ada hum he a ley da vonta-
e alheya: *Voluntas tibi sit*
x: porque segundo cada
um quizer, ou naõ quizer
mar, assim serà, ou naõ serà
mado. De sorte que o amar
u, he mandar, & obrigar a
ue me amem. O amor he o
receito, a correspondencia
obrigaçaõ: o amar impe-
io, o ser amado obedien-
ia.

85 Santo Agustinho
m menos palavras naõ disse
enos. *Nulla maior est ad a-*
orem invitatio quam amantẽ
more prævenire. Et nimis du-
us est animus, qui si dilectiõ-
em nolebat impendere, nolit
ependere. O mayor, & mais
erto motivo de ser amado,
he anticipar o seu amor quẽ
quer alcançar o alheyo. To-
dos os outros motivos, por
mais fortes que pareçaõ, &
por mais usados que sejaõ,
conquistaõ vaidades, & enga-
no; mas naõ verdadeiro a-
nor. A fermosura entretem
os olnos, as davidas enchem
as maõs, a discriçaõ lizõgéa
os ouvidos, os regalos sabo-
reaõ o gosto, o poder, & a
Magestade faz dobrar os jue-
lhos; mas sogeitar, & render
o coraçaõ, só o amor. He o coraçaõ humano taõ gene-roso, que naõ se rende, senaõ a seu igual: nem ha outro in-teresse, força, ou arte, com q̃ se possa conquistar, senaõ a-mando: *Nulla maior ad amo-rem invitatio, quam amore prævenire.* A palavra *invita-tio* soa a invite, & o *præveni-re* he ganhar por maõ. Quem tomou a maõ em amar pri-meiro, esse levou o resto ao amor. A razaõ he (diz Agus-tinho) porque se no mundo ouver algum coraçaõ taõ du-ro, & durissimo, que nem ame, nem queira amar, ne-nhum haverà taõ alheyo de toda a humanidade (ainda que seja esse mesmo) o qual depois de amado naõ queira responder com amor: *Et ni-mis durus est animus, qui si di-lectionem nolebat impendere, nolit rependere.* Notay muito aquelle *nolebat*, & este *nolit.* Antes de o amarem poderà haver coraçaõ taõ duro, que naõ ame, nem queira amar; mas depois de se ver amado, ha de amar, & querer amar, ainda que naõ quizesse.

86 He tanto que assim (para que eu tambem fizesse meu

meu encarecimento) he tanto isto assim, que se Deos criàra hum coraçaõ de ferro, & este coraçaõ fosse amado, natural, & necessariamente havia tãbem de amar. Fallãdo Plinio da Magnate, ou Calamita, ou pedra Iman (q̃ me naõ cabe na boca o nome do nosso vulgo) descreveo o seu amor como o ferro, ou os seus amores, desta maneira: *Quid ferri duritiâ pugnatius? Sed cedit, & patitur amores. Trahitur namque à Magnete lapide, dominatrixque illa rerum omnium materia, ut proprius venit, assistit, teneturque, & complexu hæret.* Que dureza mais dura que a do ferro? E comtudo esta maneira domadóra de todas as cousas tambem se deixa penetrar, & padecer de amor. He o ferro amado da pedra Iman (a quem os Francezes discretamente chamaõ Pedra amante) & he taõ milagrosa, ou taõ amorosa entre ambos a força desta natural simpatía, que a Pedra como amante sempre està attrahindo, & o ferro como amado sempre correspondẽdo. Ella o chama, elle se move; ella o guia, elle a segue; ell eleva, elle se suspende; ell ata, elle se deixa prender: ella pára, elle pára: se sob sobe: se desce, desce: se an à roda, rodéa: sempre ju tos, sempre conformes, se pre unidos, & taõ pegad entre si, como se hum; & o tro foraõ de cera. E se i obra no ferro huma calida occulta, que seria no co çaõ, ainda que fosse de ferr hum amor declarado? Hu ferro amado de huma ped naõ pòde deixar de pagar mor com amor: E pode hum coraçaõ humano am do naõ amar? Todos est dizendo, que naõ: & parec que dizeis bem.

87 Sò tem esta regra, opiniaõ geral huma exce çaõ contra si, a qual not Santo Ambrosio, & depo delle Santo Agustinho, a bos pelas mesmas palavr Pondéraõ o caso de Josep & o valor mais que de hom com que fugio, & largou capa nas maõs da Senhor & o que sobre tudo encar cem, he que amado naõ mou: *Adamatus non redam vit.* Logo naõ he taõ cert

ne

m taõ universal a proposi-
ó, que atègora pretende-
os provar, nem taõ repu-
ante, & quasi impossivel
coraçaõ humano, naõ res-
nder com amor, quando
prevenido com outro, ou
ixar de amar, quando he
ado. Bem podèra eu aqui
ponder, que a exceiçaõ de
m exemplo, quando he
m só, ou rarissimo, naõ
faz a regra geral, antes a
nfirma. E a mesma admi-
çaõ, com que os Santos ce-
raõ este caso, & lhe cha-
õ prodigioso, vem a ser
va, & mayor prova de
am proprio, & natural he
vontade, & propensaõ
mana seguir sempre, &
rar o contrario. Mas com
êça de Ambrosio, & Agus-
nho, eu naõ consinto em
e Joseph amado naõ amas-
; antes digo, que naõ só a-
ou, mas com muito mayor
ceſſo do que foy amado.
Egypcia como vil, accu-
u a Joseph, & o que come-
u amor, degenerou em
ngáça: Joseph pelo contra-
o como honrado, estando
nocente, naõ se desculpou,
o que parecia desamor,
mostrou que era fineza. Fi-
no com Deos, porque naõ
quiz peccar; fino com seu
senhor, porque o naõ quiz
offender; & mais fino com
a mesma que o amou; por-
que prezo, carregado de fer-
ros, & quasi condenado à
morte, naõ se desculpou a si
pela naõ culpar a ella. Pa-
goulhe o amor com lhe en-
cobrir o delito. Ella cobrio-o
com a capa, & elle com o si-
lencio. Taõ impossivel he,
que o amor ainda na terra
mais dura, & mais esteril, &
ainda regeitado, & rebatido,
naõ produza amor.

88 Mas admittido que
a Egypcia amasse, & naõ fos-
se amada, & Joseph fosse a-
mado, & naõ amasse; fallan-
do em termos sómente natu-
raes, & humanos, neste caso,
ou noutro semelhante, qual
estado, ou qual fortuna seria
mais cruel, & mais detesta-
vel; a do que ama, & naõ he
amado, ou a do que he ama-
do, & naõ ama? Respondo,
que no tal acontecimẽto (de
que Deos livre a todo o co-
raçaõ humano) o que ama,
& naõ he amado, seria digno
de mayor compaixaõ; & o

que he amado, & naõ ama, de mayor horror. Amar, & naõ ser amado, he o mayor tormento: ser amado, & naõ amar, he a mayor injustiça. Mas aquillo he padecer a sem razaõ, isto he fazella: logo melhor he amar, & naõ ser amado, que ser amado, & naõ amar; porque amar, & naõ ser amado, he ser martyr: ser amado, & naõ amar, he ser tyranno. Sendo pois hum excesso taõ alheyo da razaõ, taõ indigno da humanidade, & taõ contrario a toda a inclinaçaõ natural, naõ pagar amor com amor; quem duvida, ou pòde duvidar, que naõ só o aborrecer a quẽ nos ama (que he acto) mas ainda o naõ amar sómẽte (que he méra suspensaõ) seja a mayor violencia da liberdade humana, o mayor aperto do coraçaõ, & a mayor tyrannia da natureza?

§. VI.

89 Ponderadas assim de qualquer modo as tres difficuldades, em que atégora nos detivemos (cujo pezo, & energía mais se pòde sentir, quẽ declarar) que faria a vontade humana cercada, ou sitiada por todas as partes, & combatida juntamẽte de tres violencias tam fortes? Hum preceito lhe manda amar os inimigos, outro lhe manda aborrecer os amigos, & o terceiro, q̃ deste se segue, lhe manda naõ amar, nem corresponder (para que o digamos por seu nome) aos amantes. E bastando qualquer destas obediencias por si a fazer desmayar & estremecer o mais animoso coraçaõ, todas juntas que será? Pela parte do vivente, pela parte do sensitivo, & pela parte do racional se vé o homem aqui nas mais apertadas angustias. Quem lhe manda amar o inimigo, parece que o quer insensivel; quem o mando aborrecer o amigo, parece que lhe tira o racional; & quem o manda que amado naõ ame, parece que o suppoem pedra, ou mórto. Que remedio logo para satisfazer a tantas, & taõ difficultosas obrigações juntas, & para que naõ fique nellas o entendimẽto esmorecido, a vontade desesperada,

, & toda a Alma opprimi-
? Naõ he taõ pouco ſua-
a Ley de Deos, que ſe dif-
ulta os preceitos, naõ faci-
e os remedios. Todas eſ-
; difficuldades, que taõ
s, & taõ medonhas ſe re-
eſentaõ ao coraçaõ huma-
, aſſim como ellas ſaõ tres,
im ſe vẽcem com tres pa-
vras, que ſaõ as que tomey
r thema: *Diligite, Inimi-*
, *Veſtros.* Manda Chriſto,
nhor noſſo, que amemos
ſſos inimigos. E ſó com a
itaçaõ deſte preceito, que
m alguma difficuldade, ſe
ſervaõ os outros dous, ſem
enhuma difficuldade. Diſſe
com a imitaçaõ, porque
aõ he neceſſaria a obſervã-
a deſte preceito para ob-
rvar os outros. Mas ſe eſte
receito trata dos inimigos,
os outros dous dos ami-
os: ſe eſte preceito manda
mar, & hũ dos outros abor-
ecer: ſe eſte diz, amay a
uem vos tem odio, & o ou-
ro diz, naõ ameis a quẽ vos
ma; como póde ſer, que na
mitaçaõ deſte preceito con-
iſta a obſervãcia dos outros?
Naõ vos parece iſto, que di-
go, huma couſa muito mara-
vilhoſa? Pois eſte he o ſe-
gredo admiravel, q̃ vos pro-
metti.

90 Para intelligencia delle havemos de ſuppor em primeiro lugar, que ha dous generos de inimigos, huns inimigos, que nos querem mal, & nos fazem mal com odio; & outros inimigos, q̃ nos querem mal, & nos fazẽ mal com amor. Os inimigos, que nos querem, & fazem mal com odio, ſaõ os que Chriſto nos mãda amar; & eſte, todos ſabemos quaes ſaõ: Os inimigos, que nos querem, & fazem mal com amor, ſaõ os que o meſmo Chriſto nos manda aborrecer; & eſtes por ventura naõ ſabeis, nem imaginais quaes ſejaõ: & agora o ſabereis. Sabeis quẽ ſaõ eſtes inimigos? Saõ todos aquelles, que por ſangue, & parenteſco, mais, ou menos eſtreito, ou por inclinaçaõ natural, ou por trato, ou por beneficios, ou por eſperanças, & dependencias, ou por graças, & prendas peſſoaes, ou por qualquer outro motivo de affeiçaõ vos amaõ deſordenadamente. A Eſpoſa Santa dizia: *Ordina-*

vit

Cant. 2.4. *vit in me charitatem.* O amor ordenado he charidade, & o amor desordenado, ainda q̃ a desordem seja, ou pareça leve, nem he charidade, nem he amor, he odio. Como pòde ser amar, nem querer bem, o que me priva, ou aparta do summo bem?

91 Daqui se segue a segunda cousa, que havemos de suppor; & he, que assim como ha dous generos de inimigos, assim ha dous generos de amar, & dous generos de aborrecer. Ha amar bem, & amar mal; & ha aborrecer mal, & aborrecer bem. E em que se distinguẽ, ou differença este amar, & este aborrecer? Distinguem-se pelos affectos, & tambem pelos effeitos, porq̃ o amar mal, he aborrecer; & o aborrecer bem, he amar. Os antigos pintavaõ o amor, & o odio igualmente armados, ambos com arco, & aljava; mas o amor diziaõ que atirava com settas de ouro, as quaes tinhaõ por effeito dar vida; & o odio com settas de ferro, que tinhaõ por effeito matar. Agora perguntou: E se o amor, & o odio trocassem as aljavas, que succederia neste caso? Succederia sem duvida o que cõta Ancreonte, que succedéo a mesmo amor com a morte. Caminhavaõ (diz) o amor & a morte, cada hum a seu intentos, & vieraõ ambos a fazer noite, & alvergar na mesma estalagem: levantaraõ-se muito cedo para cõtinuar seus caminhos, & como havia ainda pouca luz, succedéo, que as aljavas se trocàraõ: & porque o amor levou as settas da morte, daqui veyo, que dalli por diante as suas feridas foraõ mortaes. O mesmo digo eu, que succederia no nosso caso, na fabulosa, senaõ verdadeiramente. Se o amor atirasse cõ as settas do odio, o amar seria aborrecer; & se o odio atirasse cõ as settas do amor o aborrecer seria amar. Pois isto mesmo que succederia, he o que succede; & isto mesmo que havia de ser, he o que he, diz Sãto Agustinho. Porque o amor, amãdo mal, aborrece como se fora odio; & o odio, aborrecendo bem, ama como se fora amor: *Si male amaveris tunc odisti: si bene*

ıe oderis, tunc amaſti: Se
ıaſtes mal, entaõ aborrece-
s: ſe aborreceſtes bem, en-
õ amaſtes. He ſentença
preſſa, & ſem variaçaõ al-
ıma, tirada do meſmo tex-
de Chriſto. E porque naõ
reça, que o nome de admi-
vel, que eu dey a eſte ſe-
edo, he poſto por mim, o
eſmo Aguſtinho lhe deu o
eſmo nome: *Magna, & mi-*
ſententia.

92 Supoſtas eſtas duas
erdades, certas, & evidẽtes,
n que muitos coraçoẽs an-
ıõ taõ enganados, & taõ
gos, cuidando que amaõ,
ſaõ amados, quando abor-
ccem, & ſaõ aborrecidos; ve-
e quam facil fica a execu-
ıõ, & quam natural, & leve
exercicio de todas aquel-
ıs, que ao principio nos pa-
eciaõ difficuldades, violen-
ias, & tyrannias. Pergunto:
Naõ he muito facil naõ a-
ıar eu a quem me naõ ama,
aborrecer a quẽ me abor-
ece? Sim. Pois iſto he o que
Deos nos manda. Se os que
ne amaõ, me amaõ mal; da-
qui ſe ſegue, que taõ facil
ıe naõ amar eu, a quem me
ıma, como naõ amar a quem
me naõ ama; porque quem
me ama mal, naõ me ama. E
do meſmo modo, taõ facil
he aborrecer a quẽ me ama,
como aborrecer a quem me
aborrece; porque o amor de
quem me ama mal, taõ fóra
eſtà de ſer amor, que antes he
aborrecimento, & odio. E
ſe alguem diſſer, que ao me-
nos por eſta via naõ guardo
o preceito de amar aos ini-
migos, tambem infere mal,
& ſe engana; porq̃ eſſe meſ-
mo aborrecèllos, & naõ os
amar, he amàllos. A pro-
va he manifeſta, mas ha mi-
ſter attençaõ. Amar mal, he
aborrecer: *Si male amaveris, tunc odiſti*: logo quem me a-
ma mal, aborreceme, & por-
que me aborrece, he meu
inimigo. He meu inimi-
go? Logo tenho obriga-
çaõ de o amar: *Diligite ini-*
micos veſtros. Tenho obri-
gaçaõ de o amar como ini-
migo? Logo ſou obrigado
ao aborrecer bem, aſſim co-
mo elle me ama mal: & ſe
eu o aborreço bem, jà o amo;
porque aborrecer bem, he
amar: *Si bene oderis, tunc a-*
maſti.

Pa-

§. VII.

93 Pareceme que temos filoſofado aſſaz, poſto que toda eſta eſpeculaçaõ foy neceſſaria, para chegarmos ao ponto, em que eſtamos. Agora deſçamos à pratica delle, que he o que mais importa, & ponhamos o exemplo nas amizades, affeiçoens, & correſpondencias, que no mundo ſe uſaõ (& tambem nas que ſe abuſam fóra do mundo) para que a doutrina chegue a todos. Nenhum amor ha mais natural, mais licito, & menos ſuſpeitoſo, que o dos pays para com os filhos; & comtudo he couſa, que excede toda a admiraçaõ, dizer o Divino Meſtre, como referimos no principio, que quem naõ aborrecer ſeu pay, & ſua mãy, naõ póde ſer ſeu diſcipulo: *Qui non odit patrem, & matrem, non poteſt meus eſſe diſcipulus.* Abaixo de Deos devemos amar os pays, que depois delle nos deraõ o ſer: como diz logo o meſmo Deos, que para ſer ſeu diſcipulo, he neceſſario aborrecer, & ter odio aos próprios pays? Bem ſe eſtà vendo, que eſte texto ha miſter declaraçaõ, & nenhuma lha deu milhor que S. Gregorio Papa. Muitas vezes o amor dos pays he deſordenado, & não conforme a Ley, & amor de Deos. Naõ ſaõ todos como Jepte, que ſe ſacrificou a ſua unica: nẽ todos como Abraham, que naõ duvidou levar tambem ao ſacrificio o ſeu primogenito. Quantos pays eſtabelecer a ſucceſſaõ da caſa impedem o eſtado religioſo às filhas; & quãtos pays terem perto de ſi os filhos naõ fazem caſo de que elles andem muito lõge de Deos? E pays, que querem mais ſua caſa, que a minha Alma pays, que eſtimaõ mais o ſeu gosto, que a minha ſalvaçaõ; pays, que porque não deraõ a vida temporal, não apartaõ de ſegurar eu a eterna: Vede ſe ſaõ merecedores de amor, ou de odio. Ditoſas vòs, que por amor do Eſpoſo do Ceo tiveſtes valor para deixar os pays da terra: ditoſas, ſe por vontade ſua os deixaſtes, & muito mais ditoſas, ſe contra ſua

ntade fugistes delles. El-
s voluntariamente deixa-
s sacrificârão em vòs o
u amor: & vòs violenta-
ente fugindo delles, con-
graftes nelles o voſſo odio.
le he o odio ſanto, com q̃
ariſto máda aborrecer pay,
mãy, aos que ſe quizerem
zer dignos de ſua eſcola:
eſte o verdadeiro aborre-
mento, com que lhe devem
gar os filhos o ſeu falſo a-
or. Nem ſe encontra o
eceito de amar os meſmos
ys com eſte preceito, ou
ſelho de os aborrecer (diz
Gregorio) porque ſe elles
e aborrecem com amor, ju-
o he, que eu os ame com o-
io: *Quaſi enim per odium di-
gitur, qui dum prava non
ggerit, non oditur.* Elles a-
orrecémme cõ amor, por-
ue me amaõ mal: *Si male
maveris, tunc odiſti*: & eu
moos com odio, porque os
borreço bem: *Si bene oderis,
unc amaſti.*

94 Depois do amor dos
ays (em que ſe comprehẽ-
em todos os gráos do ſan-
ue) debaixo do nome com-
um de amigos entraraõ
eralmente, & com mayor
decôro, todos os outros que
amaõ, & ſaõ amados. Quan-
do os amigos eraõ verdadei-
ros amigos, era tambem o
nome deſta profiſſaõ ſagra-
da, & veneravel: *Illud amici-
tiæ ſanctum, & venerabile
nomen.* Mas depois que a
ſincéra amizade, a qual en-
tre o coro das virtudes tinha
taõ hõrado lugar, ſe deſcêo
de ſua dignidade, & acõpa-
nhou cõ os vicios, q̃ amigo,
ou chamado amigo, ha hoje,
que aſſim como he o mayor
inimigo de ſi meſmo, o naõ
ſeja tambem do ſeu amigo?
Tertulliano falando de cer-
tos Hereges, que negavaõ a
reſurreiçaõ da carne; ſendo
porèm grãdes amadores del-
la, chamoulhes diſcretamẽ-
te os amiciſſimos inimigos
da carne: *Inimicos carnis, &
nihilominus amiciſſimos ejus.*
E poſta de parte a heregia; q̃
ſaõ os amigos do uſo, ſem
lhe fazermos aggravo, ſenaõ
amigos inimiciſſimos, ou
amiciſſimos inimigos? E ſe-
naõ, dizeyme os mais moços
(para que guardemos eſſe
reſpeito ás cans) dizeyme,
& confeſſay ſem rebuço: De
que vos ſervem eſſes, que tẽ-
des

des por amigos mais intimos, & que amizades saõ as suas? Irem comvosco ao passeyo, & à comedia; levaremvos à casa do jogo, & às casas, ou cerralhos, da ruim conversaçaõ: acompanharemvos de noite aos furtos da honra alheya, ou à vingança oculta: serem vossos padrinhos no desafio, a que vos levaõ já excommungado, & vos trazem morto, ou mal ferido: serem os secretarios de todos vossos cuidados, & pensamẽtos, & os conselheiros de todas as traças, enredos, & excecuçoens de vossas locuras, & appetites sem freyo: Em fim os complices inseparaveis de todos vossos vicios, & peccados, & as guias mais certas para o inferno, cujas estradas vos alargaõ, & asseguraõ: & tudo isto com tal esquecimento da Fé, & desprezo da razaõ, como se naõ ouvera outra vida, nem conta, nem consciẽcia, nem Alma, nem Deos. E se quanto tenho dito he menos do q̃ callo, & vòs sabeis: Julgay, se póde haver algum inimigo mais cruel, & mais inimigo que estes amigos? Naõ só saõ os mayo inimigos; mas muito ma res que o mayor; porqu mayor inimigo pòdevos rar huma vez a vida do co po; & estes tiraõvos mil zes a vida da Alma. Ouv que lhes diz, & como os t ta o Apostolo Santiago.

95 *Adulteri, nesci quia amicitia hujus mundi i mica est Dei*? Adulterio, n sabeis que a amizade de mundo, qual he a vossa, inimiga de Deos? Amiza inimiga lhe chama; porq debaixo do nome de amig saõ os mais crueis inimigo & naõ ha inimizade taõ c traria, nem hostilidade t fera, taõ nociva, & taõ ir miga, como saõ estas amiz des. Mas reparemos no n me extraordinario de Adu teros, com que o Apostolo ou nomea, ou afronta est amigos! O qual nome na só parece improprio de am gos, ou inimigos; mas inc pazes elles mesmos de se l poder applicar. O adulter naõ se póde cometter, c executar, senaõ entre tres: adulterio; a mulher propri a quem se nega o legitim

amor

or; & a estranha, que illi-
amente se busca, & ama.
is se este acto tragico se
ō póde representar cō me-
s de tres figuras: se o adul-
io se naõ póde cometter
naõ entre tres; como pòde
ver adulterio entre dous
igos sómente; & esses a-
dos, & conformes entre
& nenhum offendido do
tro, nem aborrecido? Por
o o Apostolo quando lhe
amou adulteros, lhe cha-
ou tãbem ignorantes: *Al-
teri, nescitis*? porque naõ
bem, que o seu amor he
orrecimento, a sua uniaõ
scordia, a sua fidelidade
aiçaõ, & toda a sua amiza-
e o mayor odio. O adulte-
o divide os seus affectos, ou
sua paixaõ entre duas: a
uma aborrece, a outra ama;
hũa despreza, a outra esti-
a; a huma offende, a outra
egala; a hũa he infiel, a outra
ossa fidelidade; a huma
rata em tudo como amiga,
a outra como inimiga. E
stas mesmas cõtrariedades,
ue no adulterio se reparte
or dous sugeitos, nesta fal-
a, e adulterina amizade,
odas se ajuntaõ, & acumu-
laõ em hum só, que he reci-
procamente cada hum dos
falsos amigos. Como a sua
amizade he inimiga, & o seu
amor naõ he amor, senaõ
odio; o mesmo que em quã-
to amigo he amado, estima-
do, defendido, favorecido,
& servido, & goza apparen-
temente os bẽs do amor; esse
mesmo, em quanto inimigo,
he aborrecido, offendido,
perseguido, maltratado, &
destruido, & padece verda-
deiramente todos os males
do odio. E a razaõ destes ef-
feitos taõ encõtrados, & taõ
unidos, naõ he outra, por ul-
tima conclusaõ, senaõ a que
temos ditto. A amizade de
taes amigos, & o amor dos q̃
assim se amaõ, porq̃ se amaõ
mal, he verdadeiro odio: que
muito logo, que tẽdose ver-
dadeiro odio, se queiraõ mal,
& se façaõ mal? O mesmo
que se querem, isto se fazem,
assim como se fariaõ bem, se
se quizessem bem. Mas q̃ẽ
se quer mal, & se faz mal,
porque se ama mal; naõ se
póde querer bem, nem fazer
bem, senaõ aborrecẽdose bẽ:
*Si bene oderis, tunc amasti: si
male amaveris, tunc odisti.*

Tem-

§. VIII.

96 Tempo he jà de colhermos as redes. E quantos coraçoens ſe acharaõ (pòde ſer) enredados, & prezos nellas? Mas ſe os peixes, que entre todos os animaes ſaõ os mais brutos, fazem tanta força pelas romper, & ſe libertar; que Alma haverá taõ irracional, & taõ inſenſivel, que ſendo a prizaõ mortal, como he, queira antes a prizaõ que a liberdade? O que ſe poſſue com amor (diz o noſſo Saõ Bernardo) naõ ſe pòde deixar ſem dor. E q̃ dor ſeria a de hoje (mas que lagrimas taõ venturoſas, & taõ alegres!) ſe de todos os coraçoens, que ſe amaõ, ſe ouveſſe de fazer hum apartamento geral? Eſte he; & eſte foy o meu intento em todo o diſcurſo, que ouviſtes. E ſe lhe déſtes a attẽçaõ, que vos pedi, bẽ creyo tereis entendido, quam facil reſoluçaõ ſerá a que vos pretendo perſuadir. Naõ digo, que ſe deixem de amar os que ſe amavaõ, nem de quererſe bẽ os que ſe queriaõ bem: ſó digo, que ſe ſe amavaõ, amam, & ſe ſe queriaõ be naõ ſe queriaõ mal. Cõcc demſe logo em ſe amar, o ſe amaõ; mas amemſe, cor devem, & como convem ambas as partes. Quem di que me ama, porque aſſim cuida, ou me quer bem, me quer mal: Se me qu mal; quero o amar con Chriſto: *Diligite inimic veſtros*: ſe me quer bem, qu ro o amar como homẽ; po que todo homem, diz Chri to, ainda que ſeja Gentio ama a quem o ama: *Si en diligitis eos, qui vos diligun nonne & ethnici hoc faciunt* Na noſſa doutrina (que t da he do meſmo Chriſto huma, & outra couſa vem ſer muito mais facil. Se am mal, he aborrecer: que dif culdade tem aborrecer a q me aborrece? E ſe aborrec bem, he amar; que difficu dade ha em amar a quem m ama? Por iſſo digo, que amem os que ſe amaõ; ma de modo que ſe queiraõ be & naõ ſe façaõ mal.

97 E porque neſte apar tamento (que he forçoſo das peſſoas: & neſta troca (

de ser voluntaria) de hum nor, ou modo de amar, em utro; nem os mal amados queixem dos que bem os borrecerem, nem os bem borrecidos dos que mal os navaõ: consolemse huns, outros, com a queixa que zia David dos que pelo esmo caso se queixavaõ elle: *perfectos odio oderam los, & inimici facti sunt mi*. Aborreci com perfeito dio aos que devia aborrer (diz David) & elles endéraõ isto taõ mal, q̃ por to se fizeraõ meus inimios. Pois se vòs os aborrecetes, que muito he, que elles os aborreçaõ? E se vòs lhe iveſtes odio, que muito que lles tambem vos pagassem om odio: & de amigos vos os se trocassem em inimigos! Muito he (diz David) & de quem entende pouco, o que vay de odio a odio. O odio, com que eu os aborreci, foy odio perfeito: *Perfecto odio oderam illos*: & odio perfeito, he verdadeiro amor. Pois se eu os amei com verdadeiro amor, & essa he a perfeiçaõ do odio, com que os aborreci; que causa tiveraõ elles para se fazer̃ meus inimigos: *Et inimicus facti sunt mihi*? Nenhuma causa tem logo de se queixar, ou aggravar deste odio perfeito, nem os que naõ professaõ perfeiçaõ, porque tambem elles saõ obrigados à consciencia: nem (& muito menos) os que a professam; porque seria cometter hum sacrilegio, & consentir, & concorrer para outra, com dobrada offensa, & injuria (por naõ lhe chamar escandalo) da mesma perfeiçaõ. O que devẽ fazer nesta troca do amor imperfeito, & illicito com o odio perfeito, & santo, todos os que amandose mal se aborreciaõ; he daremse o parabem a si, & ao seu mesmo amor; pois naõ póde haver parabẽ mais justo, & bem aceito, q̃ quando o que era mal, se trocou em bem; & quando se começaõ a querer bem sem engano, os que enganados, & cegos se queriaõ mal.

98 E se o nome de odio (que sempre he odioso) ainda com ser perfeito, lhes causa algum horror; ouçaõ a suavidade divina, com que

a ſuprema verdade, & ſabidoria do meſmo Chriſto lhe tirou todo eſte medo com outro mayor: *Qui amat animam ſuam, perdet eam: & qui odit animam ſuam, in vitam æternam cuſtodit eam.* Quem ama a ſua Alma, perdelaha: & quem lhe tiver odio, ſalvalaha para ſempre. Naõ he melhor o odio, que me ſalva, que o amor, que me perde? Naõ he melhor a triaga amargoza, que me dà vida, que o veneno doce, que me mata? Pois eſte he o amor, & o veneno, que o Medico Divino condena, & eſte o odio, & a triaga, que receita, approva, & perſuade. Oh como he louco, & ſem juizo todo o amor deſordenado! Póde haver mayor locura, q̃ eſtimar mais a enfermidade que a ſaude, & mais a morte que a vida? Se vòs amais mal, ao menos naõ mateis a quem vos ama. *Animam ſuam* na lingua em q̃ fallava Chriſto, quer dizer, a Alma, a vida, & a peſſoa. E porque ſe naõ contentarà quem vos ama, de ſer amado, como vòs amais a voſſa Alma, como amais voſſa vida, & como vos amais a vòs meſmo Naõ he iſto deſamar, ner pretendẽo Chriſto, quand o diſſe, que nos amaſſemo menos, mas que fizeſſemo verdadeiros os encarecimẽ tos vaõs dos q̃ ſe amaõ. E taõ amareis a quem vos am como a voſſa vida, como voſſa Alma, & como a vó meſmo em Alma, & corpo quando amardes, & zelarde igualmẽte tanto a ſua ſalva çaõ como a voſſa: a qual ſ naõ conſegue, nem póde cõ ſeguir, ſe naõ por benefici deſte odio: *Qui odit anima ſuam, in vitam æternam cu ſtodit eam.*

Joan. 12. 25

99 Reparay, ſe tende Fé, naquelle *æternam*. A vi da, que depende deſte odio naõ he outra que a eterna Eſta he a que ſe perde po quatro dias de amor; & eſt a que por outros tantos d odio ſe aſſegura para ſempre E entaõ que digaõ, & cui dem, que ſe querem bem, o que ſó por ſe quererem, naõ querem o ſummo bem? E c creamos, que nos amamos & naõ nos aborrecemos, quã do nos aborrecemos para Ceo, & nos amamos para

in-

iferno? Se vos amais,& elli-
ais tanto o ſer amados, por
nor do voſſo meſmo amor
eveis fazer eſtas trègoas, &
la ſuſpençaõ de affectos,
ntre vòs, & com elle. Por-
ue ſe fordes ao Ceo, os
eſmos, q̃ agora vos amais,
vos haveis de amar eter-
amente: E pelo contrario,
e fordes ao inferno (o que
Deos naõ permitta) lá vos
aveis de aborrecer cõ odio
nmortal, em quanto o meſ-
no Deos for Deos. Serà lo-
o bem, que por hum falſo
mor de poucos dias percais
verdadeiro amor de toda a
Eternidade, & que eſte meſ-
no amor, cõ que vos amais
& ſó porque vos amais) ſe
aja de converter em odio e-
erno?

§. IX.

100 Mas ainda que naõ ouvera inferno, nem Paraiſo, nem Chriſtandade, nem Religiaõ, baſtava ſó ter entendimẽto, & juizo, para que eſta apprehenſaõ, & chimera, que ſe chama amor, foſſe aborreccida, & deteſtada como rematada locura. Se no mundo ouvera amor, ainda que a ſima do meſmo mundo (como dizia) naõ ouvera Ceo; nem abaixo delle enferno; eu vos concedèra, q̃ amaſſeis: mas perder, naõ digo jà a Alma, de que agora naõ fallo, mas a liberdade, a quietaçaõ, o ſocego, o deſcanço, & a vida, & condenar o triſte coraçaõ ao perpetuo martyrio de cuidados, confuſoens, & tormento, & a eſtar, ou andar ſempre penãdo fóra de ſi, por huma imaginaçaõ fantaſtica do que naõ ha, nem he, nem o nome de locura, & cegueira baſta de declarar o deſvario de taõ cuſtoſo engano.

101 E para que vos dezenganeis, que naõ ha amor, & que eſte nome eſpecioſo, ainda nos que parece mais fino, he falſo; ponhamos o exemplo em ambos os ſexos; para que chegue o dezengano a todos, & nem os homens ſe enganem com as mulheres, nem as mulheres com os homens. Entre os homens ouve por ventura algum amante mais perdido q̃ Adam por Eva? Taõ perdido, que por ametade de

hũa maçaã deu hum mundo inteiro, & naõ pelo que era a maçaã, ſenaõ pela maõ de quem vinha. Taõ perdido, que perdéo o Paraiſo, & ſe perdéo a ſi, & nos perdéo a nós, & todos ſeus deſcendẽtes, por naõ perder hum leve agrado, de quem imaginava entaõ, que amava muito. Mas aſſim como Adam ſe enganou com o pomo, ſe enganou tambem com o ſeu proprio amor. Chegou a occaſiaõ de moſtrar qual elle era, & logo desfez a meſma fineza taõ groſſeiramente, que ſendo o preceito ſobpena de morte, para elle ſe livrar a ſi, acuſou a Eva: *Gen. 3. 12.* *Mulier, quam dediſte mihi.* Em quanto cuidou, q̃ pena da Ley era ſómente commiñaçaõ, grandes opparencias de fineza (que tudo o q̃ diſſemos foraõ ſó apparencias) mas tanto que vio que a devaça hia deveras, livreme eu huma vez, & padeça Eva embora. Pois eſtes eraõ. Adaõ, os voſſos amores, eſtas as voſſas finezas, eſtes os voſſos extremos taõ affectuoſos? Eſtes eraõ. Eſtes eraõ os de Adaõ, & eſtes ſaõ os de todos ſeus filhos: pa[illegible] que na primeira mulher [illegible] prendaõ as mulheres, & n[illegible] primeiro homem ſe dezer[illegible] ganem de todos.

102 E os homens onc[illegible] conhecéraõ o amor das mu[illegible] lheres? Naõ he neceſſari[illegible] repetir o exemplo, porqu[illegible] jà o vimos na amante de Jo[illegible] ſeph. Naõ reparou na au[illegible] thoridade ſendo Princeſa[illegible] nem na lealdade, ſendo ca[illegible] ſada, nem na deſigualdade[illegible] ſendo ella ſenhora, & el[illegible] eſcravo; porq̃ nada diſto vi[illegible] Por iſſo diz a Eſcritura, na[illegible] que poz os olhos em Joſeph[illegible] ſenaõ que lhos lançou, o[illegible] lhe atirou com elles: *Injec[illegible] oculos in Joſeph*: para ſegnif[illegible] car que em todo o que fez[illegible] & pretẽdéo, obrou como ce[illegible] ga. Mas tanto, que recupe[illegible] rou a viſta, logo vio a falſi[illegible] dade de ſeu amor, & com[illegible] ſe quizeſſe vingar a Eva, [illegible] meſmo que Adaõ diſſe, [illegible] Deos, diſſe ella ao marido [illegible] *Ingreſſus eſt ſervus Hebræus [illegible] quam adduxiſti, ut illuderet [illegible] mihi.* Eiſaqui para que m[illegible] trouxeſtes a caſa o ſervo He[illegible] brèo, para que elle ſe atrè[illegible] veſſe a me querer deſcõpo[illegible]

O[illegible]

)h falsa! Oh desleal! Oh
ementida! Oh traidora!
igora porèm só verdadeira,
uando descobriste o avesso
o teu coraçaõ, & nelle o in-
erior inconstante, & jà mu-
ado, com que a Joseph en-
anavas, & a ti mesma men-
ias. Mas que muito he, que
nudasse taõ de repente a
cena o amor de hũa mulher,
uando o primeiro autor de
emelhante tragedia foy o
rimeiro homem? Se os ho-
nens querem outro exẽplo;
embremse do amor de Dali-
a para com Samsaõ. E se as
nulheres quizerem tambem
utro; naõ se esqueçaõ do a-
nor de Amon para cõ Tha-
nar, no mesmo dia com os
nayores extremos amada, &
o mesmo com muito ma-
ores aborrecida. Assim tra-
ou hum homem, que tinha
brigaçoens de ser honrado,
mulher mais illustre de Is-
ael: & assim pagou huma
nulher, de quẽ se tinha fei-
o a mayor confiança, ao ho-
nem mais famoso do mũdo.
103 Eu bem ouço, que
s mulheres, & naõ os ho-
nens tem a opiniaõ da in-
onstancia; mas elles saõ fi-

lhos dellas. Olhay que bem o notou Job com ser homem. *Homo natus de muliere: nunquam in eodem statu permanet.* Job. 14 1. 2. O homem filho da mulher, he taõ vario, taõ mudavel, & taõ inconstante, q̃ nunca permanece, nem dura no mesmo estado. Mas se todo o homem nasce de mulher, & de homem; porque lhe chama Job neste caso só nascido de mulher: *Homo natus de muliere?* Porque os homens no sexo saem aos pays, & na inconstancia às mays. Porèm daqui mesmo se colhe, que taõ inconstantes saõ os homens, como as mulheres: os homens por filhos de taes mays, & as mulheres por mays de taes filhos. *Homo natus de muliere.* A mulher inconstãte por cõdiçaõ, o hom ẽ incõstãte por nascimento: a mulher, como a Lua, por natureza, o homem, como o Mar, por influencia. Vede o que disse Christo a hũa mulher, a Samaritana. Era ella naõ só a mais discreta, de que se lé no Evangelho, senaõ tambem a mais sabia, pelas questoens que altercou com o mesmo

Christo. E que lhe disse o Senhor? *Quinque viros habuisti: & hunc quem habes, non est tuus vir.* Além do amigo, que agora tens, já tiveste outros cinco. Pois cinco amigos, huns depois dos outros, huma só mulher, & naõ de muita idade? Ahi vereis a inconstancia do amor humano. Mas reparay no que por ventura naõ advertis. Ou a Samaritana deixou aos cinco, ou os cinco a deixáraõ a ella; Se elles a deixáraõ a ella, fiay vos lá de amor de homens? E se ella os deixou a elles, quem se fiará de amor de mulher?

Joann. 4. 18.

104 Bem digo eu logo, que isto, que no mundo se chama amor, he huma cousa, que naõ ha, nem he. He chimera, he mentira, he engano, he huma doença da imaginaçaõ, & por isso basta para ser tormento. Póde haver mayor tormento, que amar, quando menos em perpetua duvida, amar em perpetua suspeita de ser, ou naõ ser amado? Pois este he o inferno sem redempçaõ, a que se condenaõ todos os que amaõ humanamente, & tanto mais, quanto mais amarem. Ouvi humas palavras, que tendes ouvido muitas vezes, mas com huma concideraçaõ, em que nunca reparastes. *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio.* O amor he forte como a morte, & o ciume cruel como o inferno. Assim o declara o texto original Hebréo, o Grego, o Syro, & o Arabico: *Crudelis sicut infernus zelotipia.* Todos sabeis que a morte, a qual he transito, & passagem, se seguem outros dous termos, de que se naõ passa, ou Inferno, ou Paraiso. Pois se o amor he como a morte: *Fortis est ut mors dilectio*: porque se naõ segue tambem depois do amor, ou Paraiso, ou Inferno, senaõ Inferno sómente: *Dura sicut infernus æmulatio?* Porque o amor desta vida, & deste mundo he hũa morte, que só tem preceitos, & naõ tem predestinados: he huma morte, pela qual sempre se vay ao inferno, & nunca ao Paraiso. O Paraiso do amor (se o ouvera) havia de ser amar, & ser amado, & amado com certeza de nunca ser abor-

orrecido. Mas como naõ
a, nem pòde haver no mun-
o, nem este amor, nem esta
erteza, senaõ as duvidas, os
scrupulos, as desconfianças,
s receyos, & as suspeitas de
e me amaõ, ou naõ me a-
aõ, ou de que jà me amaõ
enos que dantes, ou q̃ tro-
õ o meu amor por outro,
a de que outrem pretende
que eu amo: em q̃ consiste
or varios modos o torméto
ruelissimo do ciume; este
ume sẽpre duvidoso, sem-
re credulo, sempre fixo na
naginaçaõ, & nunca satis-
eito, este he o Inferno inivi-
avel, & sem redemçaõ, a
ue todos os que amaõ, se
ondenaõ, & em que saõ a-
ormentados duramente sem
m, & sem remedio: *Dura*
cut infernus æmulatio.

105 Pois se o que neste
undo se chama amor, bem
onsiderado, & conhecido,
: visto com os olhos aber-
os, he hum inferno; que se-
á, se a este inferno ajuntar-
os o da outra vida, no qual
staõ ardendo, & arderàm
or toda a Eternidade tan-
as Almas infelices, que por
marem o que naõ deviaõ, &
como naõ deviaõ, naõ repa-
ráraõ em se condenar para
sempre. Mas graças ao Di-
vino Mestre, & Luz de nos-
sas cegueiras, que se quizer-
mos sair do abismo, & labe-
rinto dellas, ainda estamos
em tempo de trocarmos estes
dous infernos por outros do-
us Paraisos, hum aqui, outro
no Ceo. Aborreçamos com
verdadeiro amor, o que ama-
vamos cõ verdadeiro odio;
queiraõse o verdadeiro bem
os que verdadeiramente se
queriaõ mal. E para que
desde logo entremos no Pa-
raiso preſẽte, livre de penas,
& cuidados, amemos só a-
quelle soberano Amante (&
mais os que o tem por Espo-
so) o qual he certo, & de fé,
que paga huma nossa vonta-
de com duas suas, a divina,
& a humana: taõ fiel, taõ
constante, taõ amoroso, que
a todos os que o amaõ com
verdadeiro amor, postoque
limitado, elle naõ deixou jà
mais de amar com amor im-
menso, & infinito. *Ego dili-* *Prov.*
gentes me diligo: o diz o mes- 8.17.
mo Christo: Eu Deos, & Ho-
mem, amo a todos os que me
amaõ: E o nosso S. Bernardo

prégando aos seus Religiosos, & ajuntando à certeza da Fè as evidencias do que tinha experimentado, dizia: *Ego amans amari me dubitare non possum, non plusquam amare.* Eu quando amo a Jesu, de nenhum modo posso duvidar, que tambem sou amado delle: tão seguro do seu amor, que não vejo com os olhos, como do meu que sinto no coraçaõ.

106 E sendo isto assim, & o mesmo Christo quem he, & nós Christaõs, & tendo fé, que seja tal a nossa demencia, que o naõ amemos a elle, & empreguemos nosso coraçaõ em outro amor! E que haja almas racionaes taõ fóra de juizo, & taõ inimigas de Deos, & de si, que contra si comettaõ hũa tal desumanidade, & cõtra Deos hum taõ descomedido desprezo! Desprezo digo, porque com nome de desprezado, & engeitado se lamenta de nós o mesmo Senhor. Apparecêo Christo, Senhor nosso, a Santa Brigida, com rosto compungido, & cheyo de confusaõ, & como envergonhado, & corrido lhe disse estas sentidas palavras: *Ab omnibus neglectus sum, ab omnibus repulsus sum, qui nemo me in sua dilectione habere desiderat.* Naõ estranhes, Filha, que me fayaõ a rosto estes sinaes da mágoa & sentimento; porque todos me desprezaõ, todos me engeitaõ, & lançaõ de si, & naõ ha quem aceite o meu amor. Verdadeiramente que quem se naõ enternece com estas palavras, & naõ se cõpadece do Filho de Deos, & naõ tem lastima ao seu amor taõ justamente queixoso, & magoado; nem he Christaõ nem he homem. E que seria se nós entrassemos tambem neste numero dos que o engeitaõ, & desprezaõ?

107 Senhor, Senhor naõ permitta vossa Bondade tal, nem nos castigue taõ severamente a justa indignaçaõ de vosso amor. Todos postrados a vossos pès nos arrependemos, naõ de o ter desprezado, naõ; que sempre o estimamos, & adoramos como nosso; mas de o ter taõ cegamente offendido. Confessamos nossa cegueira, confessamos nossa ingratidaõ;

ó, ſó menor que voſſa mi-
icordia. Ella nos valha
n voſco piedoſiſſimo co-
çaõ. E nòs com todos os
ſſos, deſde eſta hora pa-
ſempre, abjuramos, renun-
mos, & cõdenamos a per-
tuo eſquecimento todo o
tro affecto, todo o outro
zejo, & todo o outro pen-
mento, que naõ for de ſó a
s amar, & querer. Morra
ſta hora, & acabeſe neſta
geral deſpedida para ſempre
todo o amor, que naõ for de
Jeſu. E dezenganeſe toda
a outra affeiçaõ, viſta, con-
verſaçaõ, ou correſpondên-
cia humana, que ſó com o
aborrecimento daqui por di-
ante ſerá amada na terra, pa-
ra que o falſo, & breve amor
convertido em verdadeiro,
ſe continúe eternamente, &
dure ſem fim no Ceo.

SER-

SERMAM

DAS

CADEAS DE S. PEDRO

EM ROMA.

Prègado na Igreja de S. Pedro. No qual Sermam he obrigado, por Eſtatuto, o Prègador a tratar da Providencia. Anno de 1674.

Traduzido de Italiano em Portuguez.

Tibi dabo claves Regni cœlorum Matth. 16.

Vinctus catenis duabus. Act. 12.

§. I.

108 IA vio Saõ Joaõ no ſeu Apocalypſe, hum Anjo, o qual em hũa maõ tinha huma chave, & na outra huma cadea: *Habentem clavem abyſſi, & catenam magnam in manu ſua.* E que Anjo he eſte, ò Roma, ſenaõ o teu grande Cuſtodio, Pedro? Pedro com as Chaves, nas maõs: *Tibi dabo claves Regni cœlorum*: & Pedro com as maõs nas Cadeas: *Vinctus catenis duabus.*

. Lá foy visto com a Cha-
em huma maõ, & a cadea
outra, porque assim devia
; mas hoje o vemos cõ as
aves em ambas as maõs,
com ambas as maõs nas
deas, porque havia de vir
mpo em que assim fosse.

109 Este he, Senhores,
ayor espectaculo da sem-
zaõ, que jà mais vio o mũ-
: & este o que eu ao lon-
com dor, & vòs ao perto
n admiraçaõ, estamos ven-
: Pedro com as Chaves
s maõs, & Pedro com as
ôs atadas. Cuidas tu, ò
rodes, que deu Christo
seu Vigario as Chaves pa-
padecer juntamente com
as a servidaõ das Cadeas?
nhor, & cativo? Livre, &
ado? Poderoso, & sem po-
r? Naõ: naõ, Eu bem sey,
e as Chaves de Pedro tã-
m saõ cadeas, mas cadeas
ra atar, & desatar, & naõ
ra ser atado. Notay o Tex-
. *Tibi dabo claves Regni cœ-*
rum, & quodcumque ligave-
s, erit ligatum: quodcumque
lveris, erit solutum. Eu te
rey, diz Christo, as Cha-
es do meu Reyno, & o que
atares, será atado: & o que
desatares, desatado. Tal quiz
o supremo Legislador, que
fosse o governo do seu Rey-
no: governo, que atasse, &
desatasse; & naõ governos,
que nem ataõ, nem desataõ.
Mas se os poderes de Pedro
eraõ Chaves: *Tibi dabo cla-*
ves: parece que havia de di-
zer o Senhor: tudo o que a-
brires, será aberto; & tudo o
que fechares, será fechado;
porque naõ diz logo: o que
fechares, ou abrires, senaõ o
que atares, ou desatares? Pa-
ra mostrar, que as Chaves, q̃
dava a Pedro, tambem eraõ
Cadeas, mas cadeas para atar,
ou desatar a outros, quando
quizesse, & naõ cadeas para
estar elle atado, como hoje o
vemos: *Vinctus catenis duabus.*

110 Ora eu à vista destas Chaves, & destas Cadeas, que farey? Senaõ estivera tambem atado, & me fora livre a eleiçaõ do discurso; de boa vontade o dividiria em duas invectivas, armadas de justiça, de razaõ. & de ira cõtra os dous monstros sacrilegos, que com a primeira, & segunda cadea, em differentes tempos, &

lu-

lugares, ſe atrevérão a prender, & atar a Pedro. Huma invectiva contra ti, ó Herodes, que foſte o Nero de Jeruſalem; & outra contra ti, o Nero, que foſte o Herodes de Roma. Mas porque he obrigação deſta Cadeira neſte dia, que o argumento do Sermaõ ſeja da Providencia; á meſma Providencia, q̃ entregou a Pedro as Chaves, & o deixou atar nas Cadeas, ſerá a glorioſa ſoltura deſta, que nos parecia implicaçaõ. Cõ as Cadeas atarey as Chaves, com as Chaves abrirey as Cadeas: & como a materia das Cadeas, & mais das Chaves toda he de ferro; ſe a imagem, que eu formarey da Providencia, naõ for precioſa, & de luſtre, ao menos ſerà forte, & ſolida. Deos, cuja he a idéa, me aſſiſta com ſua Graça. *Ave Maria.*

§. II.

Tibi dabo claves Regni cœlorum.

111 A Ordem Gerarchica da Providencia Divina no governo de ſuas criaturas he gover
ſuperiores, & ſubditos: n
os ſubditos por meyo dos
periores, & os ſuperiores i
mediatamente por ſi meſm
Huma, & outra couſa
mos nas Chaves, & nas C
deas de Pedro. Em todo
Mũdo Chriſtaõ naõ ha m
que hum ſuperior, & hu
ſubdito, hum Pedro, & h
Igreja: & eſte ſuperior,
eſte ſubdito, eſte Pedro,
eſta Igreja, quẽ os govern
A Igreja governa a Prov
dẽcia de Pedro, q̃ tem o p
der das Chaves: *Tibi da*
claves Regni cœlorum: a P
dro governaõ a Providenc
de Chriſto, que o livrou d
Cadeas de Herodes: *Cæcid*
runt catenæ de manibus eju
Eſte he o dezenho altiſſim
& eſta a fabrica ſeguriſſim
da ſuprema Providencia.
Igreja ſegura na Providenci
de Pedro, & Pedro ſeguro n
Providencia de Chriſto.

112 Caſo foy verda
deiramente admiravel, &
por iſſo notado, & advertid
pelo meſmo Hyſtoriador ſa
grado, que cercado S. Pedr
de guardas, & atado a dua
cadeas, na meſma noite da
quell

lle dia, em que havia de
a morrer, como homem
nenhum temor, nẽ cui-
o, eſtiveſſe dormindo: *In*
nocte erat Petrus dormiẽs.
ẽ paſſarmos da terra ao
r, naõ he caſo menos di-
de admiraçaõ, que cor-
do fortuna a barca de Pe-
com huma terrivel tem-
ade, Chriſto, que hia na
ſma barca, tambem eſti-
ſe dormindo: *Ipſe vero*
miebat. Chriſto, & o Vi-
io de Chriſto ambos dor-
ndo? Chriſto dormindo
meyo da tempeſtade, &
dro dormindo no meyo
guardas, & das cadeas: &
bos com a morte à viſta,
n nenhum cuidado? Sim.
tẽpeſtade dorme Chriſ-
porque a barca eſtà ſegu-
na Providencia de Pedro;
nas Cadeas dorme Pedro,
rque Pedro eſtà ſeguro na
ovidencia de Chriſto. De-
ixo da Providencia de
riſto dorme Pedro ao ſom
s Cadeas, & debaixo da
ovidencia de Pedro dor-
e Chriſto ao ſom da tem-
ſtade, & das ondas.

113 E ſe iſto que digo
s parece ſó Metafora; vol-
temos a ſcena, & o theatro, &
troquem-ſe as figuras: ſeja
Chriſto o que eſteja nas Ca-
deas, & Pedro na tempeſta-
de. Naquella eſcuriſſima
noite, em que prendéraõ a
Chriſto ſeus inimigos, & na-
quelle meſmo lugar, em que
foy prezo, corréo taõ fu-
rioſa tormenta a meſma bar-
ca de Pedro, que a barca, o
piloto, & os companheiros,
todos eſtiveraõ a pique de
naufragar, & faltou pouco
que naõ pereceſſem de todo.
E que fez a Providencia de
Chriſto em taõ extremo pe-
rigo, & taõ univerſal? *Ego autem rogavi pro te*: Eu, diz o Senhor, roguey por ti, ó Pedro. Por ti. Senhor meu? E pelos outros, porq̃ naõ? Vòs naõ diſſeſtes a todos: *Omnes vos ſcandalum pàtiemine in me, in iſta noct̃*? Pois ſe o perigo, & a borraſca ameaça a todos, & a todos tem dorrotado, porque fazeis oraçaõ, & rogais ſó por Pedro? Porque Pedro eſtava à Providẽcia de Chriſto, os outros ficavaõ à Providencia de Pedro. O meſmo Texto o diz: *Ego autem rogavi pro te, ut non deficiat fides tua*: & tu

Luc. 22.32.

Matt. 26.31.

Luc. 22.32.

ali-

aliquando conversus, confirma fratres tuos. Notay muito aquelle *Ego*, & aquelle *Tu.* Eu tive cuidado de ti; tu o terás dos outros. *Ego autem rogavi pro te:* Eisahi a Providencia de Christo para com Pedro: *Tu confirma frátres tuos:* Eisahi a Providencia de Pedro para cõ os demais.

114 E se ainda quizermos ver huma, & outra Providencia, a de Christo, & a de Pedro maravilhosamente praticada; entremos no golfo do mar, & observemos o que faz Christo, & o que faz Pedro, ambos na mesma barca, ou na mesma náo, que assim lhe chamaõ os Evangelistas, quando se engolfa: *Erat navis in medio mari.* Estava pois Christo na nao de Saõ Pedro, hum pouco afastada da terra, & depois de prégar às turbas que em cõfusa multidaõ o ouviaõ desde a ribeyra, mandou o Senhor zarpar, ou levar a anchora, & disse a Pedro, que guiasse ao alto: *Duc in altũ.* Naõ he justo, que eu passe em silencio o que aqui advertio Saõ Chrysostomo, pois esta cadeira, no lugar

Marc 6 47.

Luc. 5 4.

em que está, he sua. Quem s
engolfa, & se mete no al
do mar, perde a terra de v
sta: & por isso (diz Chr
sostomo) manda Christo
Pedro, que guie ao alto: *D*
in altum. Porque quando
náo de Pedro perder a vis
da terra, entaõ navegará se
lizmente. Assim, o prégou
Santo Arcebispo em Con
tantinopla, quando o mu
do secular tinha duas cab
ças, & tambem o pode
prégar ecclesiasticamẽte e
Roma. Mas tornando
meu intento, o que eu po
déro no *Duc in altum*, he
quella palavrinha *Duc.*
Christo está na mesma ná
porque manda a Pedro, q
guie, & naõ guia elle por s
propria Pessoa? Assim co
Christo na officina de Jose
tirava com as suas propri
maõs pela serra, assim
náo de Pedro podia elle ta
bem pegar no leme sem p
rigo de indecencia. Porq
faz pois Christo aqui o o
cio de mandador, & n
Christo, senaõ Pedro o
Timoneiro? Porque e
he a ordem, & esta a
bordinaçaõ de huma, &

ra Providencia. A náo
ordinada a Providencia
Pedro, & Pedro ſubordi-
lo à Providẽcia de Chriſ-
Pedro o piloto da náo,
Chriſto o piloto do pilo-
: *Duc in altum.* Oh admi-
el Providencia do gover-
univerſal da Igreja! A náo
a, & os mandadores dous.
Apoſtolos manejavaõ os
nos, mas debaixo do man-
de Pedro: & Pedro ſuſtẽ-
a o leme, mas debaixo do
do de Chriſto. Pedro era
ue governava, ſim; mas
vernava governado. A
o governada pela direc-
ó de Pedro; mas Pedro go-
rnado pela direcçaõ de
riſto: *Duc in altum.*

115 Dirà porèm alguẽ,
com razaõ, ou apparencia
lla, que naquelle tempo
riſto, & Pedro eſtavaõ
bos na meſma náo, & naõ
maravilha, q̃ entaõ foſ-
ella bem guiada por Pe-
o. Mas depois que Chriſ-
ſubio ao Ceo, & Pedro
ou ſó no mar, como have-
na náo, & no piloto eſta
brada Providencia. As
eſmas palavras o dizem:
uc in altum. A navegaçaõ
o mar alto verdadeiramẽte
he admiravel: *Maria undi-*
que, & undique cælum. Naõ
ſe vê alli mais que mar, &
Ceo. E com tudo naquella
campanha immenſa ſem ra-
ſto, ſem eſtrada, nem baliza
o piloto leva a nàо como
por hum fio; naõ ſó aos ori-
zontes mais remotos deſte
Emiſferio, mas ao porto
mais incognito dos Antipo-
das. E como faz, ou pòde
fazer iſto o piloto? Gover-
nando elle no mar, & ſendo
governado do Ceo. Toma o
piloto o Aſtrolabio na maõ,
mede a altura do pôlo, ou
peza o Sol, como elles dizẽ;
& deſte modo o piloto go-
verna a nàо, & o Sol governa
o piloto. De ſorte, que o que
governa a nàо, eſtà no mar,
& o que governa o piloto,
eſtà no Ceo. Pois iſto meſ-
mo he o que paſſa no gover-
no da Igreja. Ainda q̃ Chriſ-
to ſubio ao Ceo, & Pedro fi-
cou no mundo, Pedro da
popa da nàо governa o mun-
do, & Chriſto do Zodiaco
do Ceo governa a Pedro.

116 Vedeo nas meſmas
Chaves, & nas meſmas Ca-
deas de Pedro. Quando deu
Chriſto a Pedro as Chaves,
& quando o livro das Ca-

deas

deas? As Chaves deulhas Chriſto antes de partir deſte mundo; porque a Providencia de Pedro para cõ a Igreja ficou na terra: & das Cadeas livrou-o, quando havia jà muito tempo que eſtava aſſentado à dextra do Padre, porque a Providencia de Chriſto para com Pedro eſtà no Ceo. Em ſumma, que eſta he a dobrada Providencia, com que o Monarcha, & a Monarchia da Igreja ſe governa no mundo, & ſobre o mundo. No mundo immediatamente por Pedro, como ſe moſtra no poder das ſuas Chaves: *Tibi dabo claves Regni cælorum.* E ſobre o mundo immediatamente por Chriſto, como ſe prova na ſoltura das ſuas Cadeas: *Ceciderunt catenæ de manibus ejus.*

§. III.

117 Mas em hum auditorio taõ douto, & de tanta perſpicacia, vejo quaſi vacilante a firmeza deſte meu diſcurſo, & que das meſmas Chaves, & das meſmas Cadeas ſe formaõ dous argumentos fortiſſimos, hum c
tra a Providencia de Chri
em reſpeito de Pedro, & o
tro contra a Providencia
Pedro em reſpeito da Igre

118 Começando pe
Cadeas, para acabar pe
Chaves; he certo que Chr
to livrou a Sam Pedro
Cadeas de Herodes em
ruſalem: mas tãbem he c
to, que o naõ livrou das
deas de Nero em Roma. I
go a Providencia, que ſu
pomos de Chriſto para c
Saõ Pedro, ao menos he
vidoſa, mal ſegura, & t
que naõ parece ſua. Porq
Providencia, que naõ he
todo tempo, de todo lug
& de todo perigo: Provid
cia, que hũa vez ſe lemb
outra ſe eſquece; huma
acode, outra deſempara
vez prové, & outra naõ p
vé; naõ he Providencia.
ſim he, mas naõ foy aſ
Tudo concedo, & tudo
go. Concedo, que a Pro
dencia, q̃ naõ he continua
nem premanẽte, naõ he P
vidẽcia. Mas nego, q̃ a P
videncia de Chriſto, que
meçou, & reſplandecéo
Cadeas de Herodes, na
co

ôntinuaſſe igualmente, & aõ permaneceſſe a meſma as Cadeas de Nero. E porue? Porque tanta Providenia foy naõ livrar Chriſto a edro das Cadeas de Nero, omo livralo das Cadeas de lerodes. Vede ſe o proo.

119 Joſeph foy duas ezes prezo, huma vez em anaan, por inveja, & odio e ſeus Irmaõs, & outra vez o Egypto, por caſtigo, & gnorancia de ſeu Senhor. Deſtas ſegundas prizoens o ivrou Deos, mas das prineiras naõ o livrou; porque rezo, & manietado, foy vẽido, & entregue aos Ismaeitas. E que ſe ſegue daqui? egueſe porventura, que em umas prizoens o aſſiſtio a Providencia Divina, & nas outras o deixou? De nenhũ nodo, diz o Texto ſagrado. E dá a razaõ. *In vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi ſceptrum Regni.* Nunca a Providẽcia de Deos deixou, nem deſemparou a Joſeph nas ſuas cadeas, atẽ que por meyo de humas, & outras o ſublimou ao Imperio. De ſorte, que os effeitos da Providencia naõ ſe haõ de medir pela diverſidade dos meyos, ſenaõ pela unidade do fim. O fim da Providencia Divina era levantar a Joſeph ao Imperio do Egypto, para o qual o tinha deſtinado: & nanto dependia a fortuna de Joſeph de ſer livre de humas prizoens, como de naõ ſer livre das outras. Se Deos o livraſſe das prizoens de Canaan, nunca havia de ir ao Egypto; & ſe o naõ livraſſe das prizoens do Egypto, naõ havia de ſubir ao Imperio. Neceſſario foy logo, que Joſeph foſſe livre de humas cadeas, & naõ foſſe livre das outras. Para que? Para que Deos, & Joſeph conſeguiſſẽ juntamẽte, Joſeph por Deos os meyos da ſua fortuna, & Deos em Joſeph os fins da ſua Providencia. E ſe a meſma Providencia livrou, & naõ livrou a Joſeph, de hũas, & outras cadeas, porque naõ creremos outro tãto das Cadeas de Pedro?

120 Só do fim ſe póde duvidar, o qual para mim he evidente. O intento de Herodes era cortar a cabeça a S. Pedro, como tinha feito a

Act. 12.2. Santiago: *Occidit autem Jacobum fratrem Joannis gladio*: & naõ quiz a Providencia de Chriſto, que morreſſe Pedro à eſpada, porque o quiz exaltar comſigo à morte de Cruz. Na Cruz eſtava o meſmo Senhor encravado, quando os Judéos o blasfemavaõ, dizendo: *Confidit in Deo; liberet nunc, ſi vult, eum*: *Ma* 27.43 Jà que tem tanta confiança em Deos, porque o naõ livra agora Deos de noſſas maõs? Iſto diſſe a infidelidade, & o meſmo podéra dizer ainda mais apertadamente a Fé. Quando a ambiçaõ cruel de Herodes quiz aſſegurar em ſi a coroa com a morte do Rey novamente naſcido, andou taõ vigilante a Providencia do Eterno Padre ſobre a vida de ſeu Filho, que daquelle diluvio de ſangue, em que padecéraõ tantos mil innocentes, ſó a elle livrou, & poz em ſalvo. Pois ſe o livrou entaõ, porque o naõ livrou tambem agora? Dizerſe que o livrou, porque o quiz izentar da morte, naõ póde ſer; porque deſde o inſtante da ſua Encarnaçaõ, antes deſde o principio ſem principio da Eternidade, t
nha decretado o meſmo Pa
que morreſſe. Pois ſe hav
de morrer huma vez, po
o naõ deixa morrer em Be
lem a maõs de Herodes?
ſe o havia de livar outr
vez, porque o naõ livra e
Jeruſalem das maõs dos J
déos, como elles diziaõ: *L*
beret eum? Porque a meſm
Providencia, que livrou
Chriſto a primeira vez, n
o livrou para lhe impedi
morte, ſenaõ para o guard
de huma morte menos ill
ſtre, para outra morte ma
glorioſa. Em Bellem, co
notou Santo Aguſtinho, h
via de morrer Chriſto à e
pada; em Jeruſalem mor
na Cruz: & porque a Prov
dencia do Padre, para ma
exaltar o Filho, tinha decr
tado, que morreſſe em Cru
(*Mortem autem crucis: pro
ter quod exaltavit illum*:) p
iſſo o livrou em Bellem d
maõs de Herodes, & o n
livrou em Jeruſalẽ das ma
dos Judéos.

121 Tal foy a Prov
dencia de Chriſto para co
Saõ Pedro, quãdo o livro
& quando o naõ livrou. I
vrou

rou-o das Cadeas de Herodes, para que não morresse à espada como Jacobo, & não o livrou das Cadeas de Nero, para que morresse em Cruz, como o mesmo Christo: A espada, & a Cruz amas sahiraõ ao theatro no mesmo dia, & na mesma Roma, ambas foraõ os instrumentos sacrilegos da impiedade de Nero, ambas tiraraõ cruelmente a vida aos dous mayores Atlantes da Igreja; mas a espada a Paulo, a Cruz a Pedro: Paulo degolado, para que conhecesse a Heregia, ainda hoje obstinada, q̃ em Roma, & na Igreja naõ póde haver duas cabeças: & para que o mesmo Paulo: *Capite imminutus*: prègasse, & dezenganasse o mundo, que na terra he menor que Pedro. Quando eu agora passey a Ponte do Tibre, adverti, que Paulo com a espada está à maõ direita, & Pedro com as Chaves à esquerda; mas isso mesmo me prova do que digo. Dar Pedro a Paulo o melhor lugar, he mostrar Pedro, que elle he o dono da casa. Este foy o mysterio, como dizia, porque Paulo perdêo, ou depoz a cabeça nos fios da espada de Nero. Morre porèm Pedro na Cruz inteiro, & em nada diminuido, como aquelle de quem estava escrito: *Os non comminuetis ex eo*: para que a cabeça visivel da Igreja se parecesse em tudo com a invisivel. Christo porèm na Cruz com a cabeça inclinada para baixo, & Pedro na Cruz às avessas cõ a cabeça levantada para sima; porque a cabeça de Christo, & a de Pedro reciproca, & reflexamente se retrataõ, & se vem huma na outra: bem assim como a mesma cabeça vista, & multiplicada no espelho parecẽ duas cabeças, & he huma só. E como Christo queria fazer a seu primeiro Successor taõ semelhãte a si em tudo, essa foy a Providencia continuada, & permanente, & naõ contraria, ou diversa se naõ a mesma com q̃ rotas as Cadeas de Herodes o livrou da espada, & naõ rotas as de Nero, o levou à Cruz. *Joan.* 19. 36.

§. IV.

122 Mas para que he defeder, ou interpretar eu a unidade desta Providencia em humas, & outras Cadeas, se as mesmas Cadeas a provaõ, & com milagrosa demonstraçaõ a fizeraõ evidẽte aos olhos. Estavaõ conservadas, & veneradas em Roma as Cadeas de Nero, quando à Emperatriz Eudoxia, peregrina de Constantinopla a Jerusalem, foraõ presẽtados, como igual thesouro, as de Herodes: vieraõ estas dalli a Roma, mandadas pela mesma Eudoxia a outra tambem Eudoxia, & tambem Emperatriz: & naõ faltando quem duvidasse, se verdadeiramẽte eraõ as mesmas, que succedéo? Toma o Pontifice nas maõs humas, & outras Cadeas, & cotejando as que certamẽte eraõ de Nero com as que se dizia serem de Herodes, no mesmo ponto aquelles sagrados ferros, como se tiveraõ sentidos, & uso de razaõ, por si mesmos se abraçáraõ entre si, & se uníraõ, & ligaraõ de tal sorte, como se nunca tiveraõ sido duas, senaõ hũa Cadea, fabricada pelo mesmo artifice. Oh admiravel & protẽtoso testemunho da Providencia de Christo para com seu Vigario! Oh admiravel, & protentosa confirmaçaõ de ser huma, continuada, & a mesma Providencia, aquella que em Jerusalem rompéo as Cadeas de Herodes, & livrou a Pedro; & aquella que em Roma cõservou inteiras as Cadeas de Nero, & o naõ quiz livrar dellas. Se dividirmos esta Providencia em duas Providencias, & combinarmos huma com a outra pelos effeitos; naõ sõ parecem diversas, senaõ totalmente contrarias: huma de cuidado, outra de descuido: hũa de estimaçaõ, outra de desprezo: huma de liberdade, outra de cativeiro: huma de vida, outra de morte: huma que afrontou, & illudio os intentos de Herodes, & outra que ajudou, & fez triumfar os de Nero. Mas assim como as Cadeas sendo duas, & taõ diversas, se uníraõ em huma sõ Cadea; assim a Pro-

vi-

videncia, que em Jerusalem as rompeo, & livrou a Pedro & em Roma as conservou inteiras, & fortes, & o naõ quiz livrar, foy taobem hũa, & a mesma Cadea; porque foy huma, & a mesma Providencia.

123 Boecio, a quem segue Santo Thomás, & cõmumente os Theologos, definindo a Providencia, diz que he a serie de todas as cousas, & suas causas ordenadas na Mente Divina, & encadeadas, & ligadas entre si com huns nós maravilhosos, & secretos, que ninguem póde delatar: *Providentia est series causarum, rerumque in mente Dei, quæ omnia suis nectit ordinibus miris, arctisque, sed arcanis nobis.* E Cornelio commentando o mesmo Boecio, ainda o declara com mayor expressaõ: *Deus per congruos Providentiæ suæ modos, quo in thesauris sapientiæ suæ reconditos habet, facit ut omnes rerum temporumque successus invicem oppositè nectantur, ac velut ansulæ sibi invicem inserantur, & catenam elegantem efficiant.* De sorte que os successos dos tẽpos, & das cousas, ainda que pareçaõ diversos, & encontrados, estaõ na Mente, & Providencia Divina ordenados, & atados entre si de tal modo, que como anneis, ou fuzís enlaçados huns nos outros, compoem huma uniforme, & elegante cadea. Tal foy em hum, & outro caso a do supremo Artifice Christo, o qual livrando em diversos tempos, & naõ livrando a Pedro, soltando-o em Jerusalem, & deixando-o prender em Roma, tirando-o milagrosamente das maõs de Herodes, & consentindo, q̃ natural, & cruelmente morresse a maõs de Nero; das Cadeas rotas de hum, & das Cadeas naõ rotas de outro formou huma uniforme, & elegantissima Cadea de sua Providencia para mayor ornamento, & gloria do mesmo Pedro.

124 A Araõ, que era o Pedro da Ley Escrita, como Pedro o Araõ da Ley da Graça, mandou Deos fazer para ornato das vestiduras Pontificaes duas Cadeas de ouro, as quaes porẽm: com dous anneis da mesma mate-

ria se uniaõ huma na outra,& sendo duas cadeas,formavaõ huma só: *Facies in rationali catenas sibi invicem cohærentes ex auro purissimo: catenasque aureas junges annulis, qui sunt in marginibus ejus.* Naõ reparo em serem aquellas cadeas de ouro, & estas de ferro; porque jà disse Chrysostomo, que por isso se honrava mais dellas, & se ornava mais com ellas o nosso Pontifice: *His catenis Apostolus ornabatur, & tanquam regalem aliquem ornatum circumferens exultabat.* O que só noto, he a unidade ou a uniaõ, & coherencia de humas, & outras cadeas: *Catenas sibi invicem cohærentes.* Moysés andou coherente nas cadeas de Araõ; porque as formou pelos mesmos moldes: Christo naõ andou coherente nas Cadeas de Pedro; porque as traçou, & dispoz com sucessos, & effeito contrario. Isso he romper humas cadeas, & naõ romper outras: isso he livrar a Pedro, & naõ o livrar. Mas assim como a coherencia daquellas cadeas a fazia a semelhança, assim a coherencia destas a fez contrariedade. E que sendo taõ contrarios os actos da Providencia,sahisse a Providencia taõ uniforme: & sendo hũa Cadea taõ diversa da outra, sahissem ambas as Cadeas entre si taõ coherentes: *Catenas sibi invicem cohærentes?* Essa foy a maravilha.

Exod. 28.22 24.

125 Mas nesta mesma uniformidade, & coherencia da Providencia de Christo, se alguma curiosidade douta perguntar, qual foy mayor Providencia, se aquella, que livrou a Pedro das Cadeas em Jerusalem, ou aquella, q̃ o naõ livrou em Roma? Naõ faltará quem diga, que a de Jerusalem foy mayor; porque lá foy miraculosa, & cá naõ. Lá quebrou as Cadeas, cegou as guardas, abrio as portas, ou deu passo franco por ellas, sem as abrir (q̃ he mais) cá naõ obrou milagre algum, antes totalmẽte naõ obro; porque foy huma mera suspensaõ de todo o acto, & concurso. Comtudo digo, que foy mayor, & mais alta Providencia naõ livrar Christo a Pedro das Cadeas de Nero. que livrálo das Cadeas

leas de Herodes. E porque? Porque nas Cadeas de Herodes conſeguio a Providencia o ſeu fim contra vontade de Herodes, & nas Cadeas de Nero conſeguio tambem o ſeu fim; mas naõ contra, ſenaõ pela vontade do meſmo Nero. O nobre, o alto, o fino, o maravilhoſo da Providencia Divina, naõ he fazer a ſua vôtade violentádo a minha, he deixar livre, & abſoluta a minha vontade, & com a minha, & pela minha conſeguir a ſua.

126 A mayor obra da Providencia de Deos, foy a redempçaõ do mundo por meyo da morte de Chriſto. E como conſeguio a meſma Providencia eſte altiſſimo fim, taõ eſtupendo, como neceſſario? Naõ de outro modo, que entregádo o meſmo Chriſto por decreto do injuſto Juiz à vontade de todos aquelles, que lhe queriaõ tirar a vida: *Jeſum verò tradidit voluntati eorum.* Fez a ſua vontade Judas, fez a ſua vontade Caifaz, fez a ſua vontade Pilatos, fizeraõ a ſua vontade os Eſcribas, & Fariſéos, fez finalmente a ſua vontade o meſmo demonio, que os inſtigava. E que por meyo de tantas vontades, & todas cõtrarias á divina, o fim da divina ſe conſeguiſſe? Eſta foy a Providencia mais nobre, eſta a mais ſábia, eſta a mais ſublime, eſta a mais divina, eſta a mais Providẽcia. E qual he a razaõ? A razaõ he: porque a Providencia, que violenta a vontade, & poder humano, he Providencia, que ſe ajuda da Omnipotencia: porẽm a Providẽcia, que deixa obrar à potencia humana tudo quanto pòde, & deixa executar à vontade humana tudo quanto quer, he Providencia ſem ajuda de outro attributo, & por iſſo pura Providencia. A potencia, & a vontade, de q̃ ſe ſerve a Providẽcia em tal caſo, naõ he a divina, & ſua, ſenaõ a humana, & contraria: & quanto mais permitte à contraria, tanto he mais Providencia; quanto mais concede à humana, tanto he mais divina. Tal foy pois a Providencia de Chriſto em naõ livrar a Pedro das Cadeas de Nero. Na prizaõ de Herodes, para que a Providencia conſeguiſſe o ſeu

fim, rompéo a Omnipotẽcia as Cadeas; porèm na prizaõ de Nero deixou a Providencia as Cadeas inteiras sem usar da Omnipotencia, & comtudo conseguio o seu fim. Logo naõ só foy Providencia, senaõ mayor, & mais gloriosa Providencia, naõ livrar a Pedro das Cadeas de Nero, que livràlo das Cadeas de Herodes. E como as mesmas Cadeas temos jà solto, ou atado o primeiro argumento.

§. V.

127 O segundo, que he contra a Providencia de Pedro, fundado nas suas Chaves, & em respeito de todos aquelles, que por ellas lhe saõ sogeitos, parece mais dificultoso. Assim como Deos deu a S. Pedro as Chaves do Ceo, assim as tinha dado por seu modo antigamente a Elias, & com poder, & authoridade universal, & privativa, de que só elle podesse abrir, ou fechar os thesouros celestes: isto he, as chuvas, & orvalhos do Ceo, com q̃ se secũda a terra, & vive o mũdo. Mas que fez Elias cõ essas chaves na maõ, & co no usou dellas? *Vivit Dominus* (disse elle fallando c ElRey Achab) *si erit anni his ros, & pluvia, nisi juxt oris mei verba.* Eu tenho n minha maõ as chaves d Ceo, & tu, ò Rey, dezenga nate, que nestes annos d meu governo, nem huma s gota ha de cair de agua, o estilar de orvalho sobre a terra, senaõ pelo imperi da minha voz. A terra abra zada, & ardendo abrirà mi bocas, cõ que gemerà, & gri tarà ao Ceo; mas o Ceo de baixo das minhas chaves naõ se moverà a brados, nem a gemidos, & se mostrarà taõ seco, & duro, como se fosse de bronze. Parecevos boa Providencia esta das chaves do Ceo entregues ao arbitrio de hum homem? Pois ainda naõ ouvistes outra circunstãcia mais tirrivel, por naõ dizer deshumana. No mesmo tempo, diz o Texto, morava Elias muy descançado sobre as ribeiras do rio Carith, & hum corvo manhaã, & tarde lhe trazia paõ, & carnes: *Panem, & carnes ma-*

nè ; *panem* , *& carnes* pere. De maneira, que nos ſmos annos, em que o Po- encomendado à Provi- ncia de Elias andava cain- , & eſpirãdo à fome, Elias m proviſaõ ſempre nova, abundante, comia, & ſe galava duas vezes ao dia. os campos naõ ſe via huma ha, nas ſeáras naõ ſe co- ia huma eſpiga ; & a Elias bejavalhe o paõ. As aves ò tinhaõ mais que as pe- s, nem os gados mais que oſſos, & a meſa de Elias a- ſtecida de carne ſobre car- . As fontes ſecas, & mu- s, ſem correr, ou ſuar del- , hũa ſó gota, & Elias cõ a ua a rios. He boa, ou ſerá a eſta Providẽcia das cha- s do Ceo ? E mais ſe as aõs, que tiverẽ o dominio s chaves, naõ forem as de ias? Logo (argumenta o erege, & por ventura tam- m o Politico) logo o meſ- o poderà acontecer às cha- es do Ceo entregues à Pro- idencia de Pedro.

128 Primeiramente di- o, que naõ Poderà. E por- ue? Porque ſe a Providen- ia de Pedro faltaſſe ao offi- cio de Vigario de Chriſto, a Providencia de Chriſto faria o officio de Vigario de Pedro. Eſtava Chriſto na Cruz pouco antes de render o eſpirito, quando o Ladraõ cõvertido lhe preſentou o ſeu memorial, dizendo: *Domine, memento mei, cum veneris in Regnum tuum.* Reſpondeolhe o Senhor em continente: *Hodie mecum eris in Paradiſo.* E eſta foy a primeira vez, que ſe abriraõ as portas do Ceo, atè aquella hora cerradas. Mas vede como replica, & acode pela jurdiçaõ de Pedro Arnoldo Carnotenſe. O officio, & jurdiçaõ de abrir as portas do Ceo, vòs Senhor naõ a tendes dado a Pedro? Sim. Como logo naõ remeteis eſte memorial ao voſſo Vigario? Por ventura porque vos negou no atrio do Pontifice tendelo privado do cargo? Naõ: que Pedro jà eſtava arrependido, & emendado, & reſtituido à graça. Como logo uſa Chriſto das chaves de Pedro, & abre por ſi meſmo a porta do Ceo? Agudamente o meſmo Arnoldo: *Abſens eras, ò Petre, & miniſterii* *Luc.* 23.42 *Ib.* 43.

ſterii tui calves modo non profers: ſupplet vicem tuam (notay as palavras) *ſupplet vicē tuam Summus Sacerdos, apertisque ſeris antiquis, aperiente Chriſto, introducitur Latro in Regnum cælorum.* Quando o Ladraõ preſentou o ſeu memorial, eſtava Pedro auſente: & como o tempo era breviſſimo, & o negocio taõ urgente, que naõ ſofria dilaçaõ; fezſe Chriſto ſubſtituto de ſeu Vigario, & ſupprio a auſencia de Pedro cõ a ſua preſença. Trocou o crucificado Senhor os cravos com as chaves, abrio as portas do Paraiſo ao repentino penitẽte. E porque Pedro naõ acode à obrigaçaõ de ſeu officio como Vigario de Chriſto, acudio Chriſto a ella como Vigario de Pedro: *Supplet vicem tuam, ò Petre.*

129 Eiſaqui como nunca pòde faltar a Providencia das chaves de Pedro, ainda no caſo em que elle por ſi meſmo faltaſſe. Mas antes que deſçamos em particular ao cuidado, vigilancia, & admiravel circũſpecçaõ deſta univerſal Providencia; quero eu acudir pela honra de Pedro, & naõ refutar a ſua improvidẽcia nelle ſo com a ſua Providencia todos; mas ſarando glorio mente huma improviden com outra. Day attençaõ ſucceſſo taõ digno de ſer vido, como imitado.

130 Entrou Chri em caſa de S. Pedro: *Int vit Jeſus in domum Simonis* havia muito tempo que eſ va na meſma caſa a ſogra meſmo Pedro, taõ enfer & poſtrada de humas grav ſimas febres, que naõ p receber ao Senhor ſe pò levantar. Eſſa força tem a lavra *tenebatur* do Evange ſta: *Socrus autem Simonis nebatur magnis febribus*: G de febre, & grande caſo! Q haverá, que naõ repàre note aqui muito a pou Providencia de S. Pedro, a tes o dèmaziado deſcuido negligencia de attender remedio de ſua caſa, & à ceſſidade dos ſeus domeſ cos, & parentes? A ſogra Pedro em caſa de Pedro a dendo em febres: & ſem c ra; padecendo dores, & ſe alivio; atada tanto tempo hum leito, ſem ſaude, ne

quer, melhoria? Naõ he
e aquelle meſmo Pedro, q
ſando pellas ruas, & pelas
ças, ſó com a ſombra ſarà-
todos os enfermos? Co-
logo abuſa de tal modo
ſeu poder, que curando a
los, ſó aos ſeus domeſti-
s naõ cura? Tantos mila-
es para as caſas dos outros,
ó para a ſua caſa nenhum
lagre? Sim. E eſte creyo
que foy o mayor milagre
S. Pedro. Entre todos os
lagres deſte grande prodi-
o do mundo, o mayor mi-
gre foy naõ ſer milagroſo
ſua caſa. Fóra de caſa,
ao Sol fazia ſombra, &
rava milagres; chegado a
a caſa, naõ obrava mila-
es, porq̃ jà naõ tinha ſom-
a.

131 Mas que faraõ em
l caſo os domeſticos de Pe-
o, & que ſerà delles? Vòs
nhores, que ſervis a S. Pe-
o neſta ſua caſa, ſois mais
opriamente os ſeus dome-
icos. E que ſerà de tantos,
ue ſómente vivem da ſua
mbra? Naõ tenhais me-
o. Porque como Chriſto
os caſos de neceſſidade he
igario do ſeu Vigario, ſe
vos faltar a ſombra de Pedro,
naõ vos faltarà a maõ de
Chriſto. Aſſim foy. Chega-
ſe o Senhor ao leito da en-
ferma: *Stans ſuper illam*: dà-
lhe, & tomalhe a maõ: *Ap-*
prehenſa manu ejus: & no
meſmo ponto naõ ſó ficou
livre da febre, mas ſaã, & cõ
todas as ſuas forças: *Surgens*
miniſtrabat illis. Aſſim pro-
vè a Providencia de Chriſto
milagroſamente, onde a Pro-
videncia de Pedro, cõ mayor
milagre, naõ provè. Antes
digo, que aſſim como o naõ
prover em Pedro foy mila-
gre; porque he obrigaçaõ
natural da Providencia de
Chriſto prover elle, onde
Pedro naõ provè. Se Pedro
por exceſſo de generoſidade
ſe deſcuidar dos ſeus dome-
ſticos, Chriſto por exceſſo
de Providẽcia tomarà o cui-
dado delles: & ſe Pedro abu-
ſando glorioſamente do po-
der das ſuas chaves fechar a
porta da ſua caſa a todo o fa-
vor, Chriſto tomandolhe as
Chaves, abrirà a meſma por-
ta, & cheyo de favores, &
graças entrarà em caſa de
Pedro: *Introivit Jeſus in Do-*
mum Simonis. Aſſim que ſe-
guros

Luc. 39. *Marc.* 1. 31.

Luc. 4. 39.

guros eſtaõ ſempre os effeitos da Providẽcia de Pedro; porque quádo elle por qualquer accidente, ou como homem, ou como mais que homem, naõ uſar dos poderes das Chaves por ſi meſmo, faloha melhor por Chriſto, ou Chriſto por elle.

§. VI.

132 E que ſe ſegue, ou ſe prova diſto? Seguеſe, & provaſe o que eu prometti dizer, poſto que pareça que diſſe o contrario. Della improvidencia de Pedro para com a ſua caſa, ſe prova altiſſimamente a Providencia do meſmo Pedro para com a Igreja, que lhe foy encomẽdada. Era o eſpirito ſoberano de Pedro como o daquella excellentiſſima Alma, que diſſe por boca de Salamaõ: *Poſuerunt me cuſtodem in vineis: vineam meam non cuſtodivi.* Puzeraõme por guarda das vinhas, & eu naõ guardey a minha vinha. Pois iſto diz, & iſto faz huma Alma unicamente perfeita, que he a idéa, & exemplar de todas as Almas ſantas? Se diſſe, puzeraõme por guarda das vinhas, parece que havia acereſcentar: & eu guarde com grande cuidado, & gilancia: mas em lugar dizer, q̃ guardou as vinh que lhe encomendaraõ, que naõ guardou a ſua nna: *Vineam meam non ſtodivi?* Sim. Porque o yor teſtemunho, & a ma prova de guardar com t o cuidado as vinhas, que encomendáraõ, era naõ nenhum cuidado de guar a ſua. A vinha (como Ch iſto lhe chamou) compo de tantas vinhas, he a Igr univerſal: & porque a P videncia de Pedro ſe deſc dou totalmente da ſua vi por iſſo teve tanto cuida da de ſeu Senhor.

Cant. 1.5.

133 Notavel couſa ver o zelo, & Providen univerſal, com que Saõ P dro tomava ſobre ſi o q pertencia a todos, como elle fora todos, ou eſtiv ra em todos, & todos n le. Mas por iſſo lhe entreg Chriſto as Chaves, & o c dado do univerſo. As du mayores difficuldades, mais difficultoſas queſtoen que ſe excitàraõ na Eſc

Apoſtolado, foraõ a da vindade de Chriſto, & a verdade do Sacramento. ore a queſtaõ da divinda- depois de ouvidas varias nioens, todas negativas, rgũrou o Senhor: *Vos au- quem me eſſe dicitis*? E lando a pergunta com to- s, Pedro reſpondéo por los, como ſe fallárra ſó cõ e: *Tu es Chriſtus Filius i vivi.* Na queſtaõ do Sa- mẽto parecéo taõ dura a utrina; que muitos por a- r, ou por horror della dei- raõ a Eſcola: entaõ pergũ- u o Senhor aos de mais *Nũ- id & vos vultis abire*? E fal- lo tambem a pergunta cõ dos, Pedro do meſmo mo- reſpõdéo por todos: *Do- ne, ad quem ibimus*? *Verba tæ æternæ habes.* E homem e toma por ſi, o que ſe rgunta a todos, & reſpon- por todos, quando ſenaõ lla ſó com elle; eſte homem m zelo, & Providencia niverſal; a eſte homem, & õ a outro hey de dar as aves da minha Igreja: *Tibi bo claves Regni cœlorum.*

134 Mas naõ aſſentou a eiçaõ de Pedro ſobre eſtas as experiencias ſómente. No monte Tabòr quando vio a gloria, diſſe: *Bonum eſt nos hic eſſe*: & quando ouvio, que para entrar na meſma gloria era neceſſario dar eſmola, como elle tinha deixado tudo, inſtou dizendo: *Ecce nos reliquimus omnia*: *quid ergo erit nobis*? Naõ ſey ſe reparais neſte *nobis*, & naquelle *nos*, hũa, & outra vez repetido? Em tudo moſtrou Pedro ſer Pedro. Se allega ſerviços, allega por todos: *Ecce nos reliquimus*: ſe procura premios, procura por todos: *Quid erit nobis*: ſe dezeja bens, dezeja para todos: *Bonum eſt nos hic eſſe.* Huma vez falla do paſſado: *Reliquimus*: outra vez do futuro: *Quid erit*: outra vez do preſente: *Bonum eſt*: mas ſempre de todos, por todos, & para todos. Naõ ſe ouve da boca de Pedro, nem *ego*, nem *mihi*, nem *me*: ſenaõ *nos* no primeiro caſo, *nobis* no terceiro, & *nos* no quarto: *Nos reliquimus*, *Nobis erit*, *Nos eſſe*: porque a Providencia de Pedro naõ ſabe o nome a ſi, nem trata, ou cuida de ſi, ſenaõ de todos. Se alguma vez ſe lembra Pedro ſó de ſi, he para elles

elle só tirar a espada no Horto, & defender a seu Mestre; he para elle só o seguir atè o atrio de Caifàz cercado de guardas; he para elle só se lançar vestido ao mar, ou pizando as ondas com os pés, ou rompendoas com os braços, para o ir buscar. Sô para os perigos só; mas nunca sô, senaõ com todos, & como todos para o bem, & interesses de todos.

135 Todos digo, huma, & outra, & tantas vezes; porque a Providencia de Pedro sem excepçaõ, nem limite no universal, & no particular, sempre se estendéo, & abraçou a todos: aos grandes, & aos piquenos; aos naturaes, & aos estranhos; aos fieis, & aos infieis; aos presentes, & aos ausentes: aos vivos, & aos mortos. O primeiro acto da Providencia de Pedro, tão que pela morte de Christo lhe succedeo no Pontificado, foy confirmar os outros Apostolos na fé da Resurreiçaõ. Em quanto o disseraõ outros, eraõ delirios: *Visa sunt, sicut deliramentum:* Luc. 24.11 tanto que o disse Pedro, foy verdade infallivel: *Surrexit Dominus verè, & appa Simoni.* Mãdoulhes Chri q̃ esperassem pelo Espi Santo; mas Pedro com P videncia anticipada, & miravel, naõ esperou p vinda do Espirito Santo, ra refazer a quebra de Juc & inteirar o numero do postolado. Quando Chr to subio ao Ceo, deixou ze Apostolos, & quando d céo o Espirito Sãto, jà ach doze. Com esta diligen conseguio Pedro, que vie o Espirito Sãto antes de v porque antes de vir em li guas visiveis, jà tinha vin na lingua invisivel, com q declarou a Mathias: *Ceci fors super Mathiam.* Chey todos os Apostolos do Esp rito Santo, Pedro foy o pr meiro, que no mesmo dia, na mesma hora, & na mes Jerusalem, onde tinha si crucificado Christo, prèg publicamente a Fé da sua D vindade: E com que effe tos? O mesmo Christo pr gando em Judéa tres anno deixou nella só quinhent Christaõs, como consta d primeira Epistola aos Co rinthios, & S. Pedro com

gr

ça ſuperabundante do
ſmo Chriſto, naquelle ſó
, & naquella ſó prègação
ıvertéo tres mil Judéos,
ıoutro dia, & noutra prè-
cação cinco mil, cumprindo-
em Pedro o q̃ o meſmo Se-
or tinha prometido: *Ma-*
a faciet, quia ad Patrem
do.

136 Mas como ſe con-
ıtaria cõ o fruto, que co-
a em Jeruſalem, & Judéa,
em tinha a cargo da ſua
ovidencia o reſto do mũ-
? De Jeruſalem parte Pe-
o a Antiochia, & alli aſ-
ntou a primeira vez a ſua
deira, naõ ſe deſprezãdo,
ndo Principe, & Paſtor do
iverſo, de ſer, & ſe cha-
ar Biſpo de huma Cidade.
Antiochia paſſou a Roma,
como cabeça do Imperio,
era tãbem da ſuperſtiçaõ,
idolatría; para que aſſim
mo tinha prègado em Je-
ıſalem aos Hebrèos, & em
ntiochia aos Gregos, prè-
ıſſe tambem em Roma aos
atinos: & com as tres lin-
uas univerſaes, em que foy
crito o titulo do Crucifica-
o: *Hebraicè, Græcè, & La-*
inè: levantaſſe o Eſtendarte
da meſma Cruz nas tres Me-
tropolis mais conhecidas, &
nos tres Caſtellos mais emi-
nentes do mundo, de que o
dominate era Roma. Quan-
do David derrubou o Gigan-
te, diz o Texto ſagrado, que
poz a pedra na funda, & dã-
do huma, & outra volta, lha
pregou na cabeça: *Circum-* 1. *Reg.*
ducens percuſſit Philiſthæum, 17.49
& infixus eſt lapis infronte e-
jus. E que pedra he eſta, ſe-
naõ Pedro? Ao redor de Je-
ruſalem deu huma volta à
Paleſtina, & ao redor de An-
tiochia deu outra volta à
Grecia, & com eſta dobra-
da força como pedra de Da-
vid ſe veyo meter, & fixar na
teſta do Gigãte, que he Ro-
ma, Cabeça do mundo. Aqui
o derrubou, & poſtrou por
terra, mas para daqui o ſubir
da terra ao Ceo. De Roma,
melhor que os Ceſares aos
Fabios, Metéllos, & Scipio-
ens, repartio S. Pedro os Pã-
cracios, os Berillos, os Mar-
ciaes, os Apollinares, os Pro-
do cimos, os Hermagoras, os
Maternos, os Torcatos, os
Teſifontes, & outros famo-
ſos Diſcipulos de ſua fè, &
eſpirito; os quaes ordenados
de

de Biſpos, & Sacerdotes, penetraſſem a Italia, as Gallias, as Heſpanhas, a Numidia, a Mauritania, & as demais Provincias da Europa, & da Africa (como jà tinha feito na Aſia o meſmo S. Pedro) para que como rayos do meſmo Sol, alumiaſſem, & como rios da meſma fonte, regaſſem, & fecundaſſem aquellas terras.

137 Porèm a verdadeira Providencia, que toda he olhos, naõ ſe contenta com mandar, ſenaõ com ir, nem com ſer informada ſómente, ſenaõ com ver. Por iſſo Pedro ainda que poz a Cadeira em Roma, naõ a fez para ſi Sede fixa, ſenaõ Sede rodante. Là vio Daniel a Deos aſſentado no ſeu trono, & diz que o meſmo trono era fundado ſobre rodas: *Thronus ejus flammæ ignis: rotæ ejus ignis accenſus.* E porque tinha rodas o trono de Deos, ſendo aquelle que *immotus dat cuncta moveri*? Para moſtrar neſta figura viſivel, que aſſim como com ſua immenſidade enche todo o mundo; aſſim com ſua Providencia o vè, & rodéa todo. O meſmo fazia Pedro como Vicede na terra. Nem elle ſe po apartar da Sede Pontific nem a Sede delle; mas le doa ſempre comſigo, co diz S. Lucas, viſitava, & por ſi meſmo a todos: *D pertranſiret univerſos.* T nou outra vez a Jeruſalem outra vez a Antiochia: em Peſſoa a Galacia, a Cap docia, a Aſia, a Bithynia Corintho, ao Egypto, & outras partes da Africa: até à barbariſſima regiaõ Ponto, que naquelle tem era o degredo mais aſpe dos Romanos, & o horro como diz Tertulliano, mundo, naõ faltou a Prov dencia, & preſèça de Ped Em Napoles, & Sicilia ainda hoje memorias ſuas. he autor Metafraſtes, q̃ tam bem paſſou á Heſpanha, prègou em Inglaterra. Aſſi reſpondéo o primeiro Ap ſtolo, ſendo o Principe todos, à ſua primeira voc çaõ. Como Chriſto o tinh chamado para peſcador homens, naõ ſó no Tiberi des, nem ſó no Mediterr neo, nem ſó no Euxino; m tambem no Occeano era

qu

é foſſe lançar ás redes, pa-
que peſcaſſe homens em
ios os mares.

138 Bem quizera a Pro-
dencia de Pedro, aſſim co-
viſitava a todos, aſſiſtir
npre com todos. Mas o
e naõ podia com a preſen-
, & com a voz, fazia com
penna. Ninguem lerà as
iſtolas Canonicas de Saõ
dro, que com admiraçaõ,
aſſombro, o naõ veja, naõ
retratado, mas vivo nel-
. Na mageſtade do eſty-
no ſolido da doutrina, no
ofundo das ſentenças, &
ardente do zelo. Por eſte
yo ſe multiplicava Pedro
todas as partes, & ſe fa-
preſente no meſmo tem-
a todos. Mas o que mais
miro naquellas ſagradas
crituras, he o titulo: *Pe-*
us Apoſtolus, electis adve-
diſperſionis. Naõ hiaõ di-
idas eſtas letras Potificias
s Reys, & Monarchas do
undo, ſenaõ a huns pobres
regrinos, & deſterrados
r todo elle. Lembravaſe
Pedro, que lhe encommẽ-
ra Chriſto duas vezes os
rdeiros, & huma ſó vez as
elhas: *Paſce agnos meos, paſce agnos meos: paſce oves meas.* Nas ovelhas lhe encõ- Joan. 21.16
mendou os grandes, & nos 17.
cordeiros os pequenos: &
por iſſo os pequenos duas
vezes, & em primeiro lugar,
para que tiveſſe delles ma-
yor cuidado. Eſta foy a con-
fiança, com que Cornelio,
ſendo ainda Gentio, naõ du-
vidou em mandar chamar a
S. Pedro, & que foſſe a ſua
caſa, diſtãte ſeſſenta milhas,
como logo foy. Eſtava en-
taõ S. Pedro em Jope, & eſte
nome traz à memoria o Pro-
feta Jonas, o qual no meſmo
porto ſe embarcou, fugindo
de Deos, por naõ ir a Nini-
ve, ſentindo, & deſprezan-
doſe muito de ſer mandado
prègar a huma gẽte taõ vil,
& aborrecida, como eraõ to-
dos os Gentios na eſtimaçaõ
dos Hebrèos. E quando Jo-
nas naõ quiz ir prègar à ma-
yor Cidade do mundo, onde
ſó os innocentes eraõ cento
& vinte mil, vay o Summo
Pontifice da Igreja, & a pè,
deſde Jope a Ceſarèa ſó por
catechizar hum Gentio.

§. VII.

139 Eſtas foraõ, Senhores, naõ todas, mas huma pequena, & abreviada parte das obras maravilhoſas de S. Pedro, & dos exemplos, que deixou à Igreja de ſua univerſal Providencia. Diſſe, deixou, & diſſe mal, porque os naõ deixou. Ainda os continùa depois da morte, como inſiſtio nelles em toda a vida. Morrèo Pedro, mas a ſua Providencia naõ acabou: porque foy, he, & ſerà immortal. S. Pedro de Ravena em huma carta, que eſcrevèo a Eutiches, que anda junta ao Concilio Calcedonenſe, diz, que S. Pedro vive ſempre em todos ſeus ſucceſſores: *Hortamur te frater, ut his, quæ à Beato Papa Romanæ civitatis ſcripta ſunt, obedienter attendas; quoniam Beatus Petrus, qui in propria ſede & vivit, & præſidet, præſtat quærentibus fidei veritatem.* Mas naõ he iſto ſó o que quero dizer. Digo, que no Ceo, onde eſtà S. Pedro, vive, & permanece immortal a ſua meſma Providencia ſobre a Igreja, naõ apartàd jà mais os olhos della, ne faltando, ou tardãdo em l acodir, todas as vezes que ha miſter. Aſſim o prome tèo o meſmo Pedro a tod os Fieis, quando ſe deſped delles na ſua ſegunda Ep ſtola, por eſtas palavras. *Ce tus quòd velox eſt depoſitio ta bernaculi mei, ſecundùm quo & Dominus noſter Jeſ Chriſtus ſignificavit mihi: d bo autem operam, & frequer ter habere vos poſt obitũ meun* Naõ promette aos Fieis pa ra depois da ſua morte as ſu as oraçoens, como fazem outros Santos; ſenaõ a ſu manutenencia: *Frequent habere vos*: Eu vos terey, vos manterey, eu vos cõſe varey. E a palavra, que re ponde a *frequenter*, no orig nal Grego, em que o San Apoſtolo eſcreveo, quer d zer: *Semper, quotidie, ſigill tim*: ſempre, todos os dias, a todos, naõ ſó em cõmun ſenaõ em particular.

140 Quam exactame te cumpriſſe Saõ Pedro e ſua promeſſa, naõ ſe pòd comprehender, nem conta por ſerem ocultas; & inv

ſive

veis as ordinarias, & contiuas assistencias da sua Prodencia; mas bastaõ para perabundãte prova as mafestas, & visiveis. S. Pedro y o que pouco depois de a morte apparecèo ao mesmo Nero, que o mãdou matar, com hum aspecto taõ vero, & terrivel, q̃ assomado o tyranno (como refere Suetonio, sem saber a usa) os poucos dias q̃ deois vivèo, mais parecia jà orto, que vivo, com que essou a perseguiçaõ da Igre. S. Pedro foy o que appaecèo ao Emperador Constntino & em lugar do bacho de sangue dos innocens, o exhortou a que se bahasse no do sangue de Chrio, com que bautizado, & eito Christaõ, os Pontifies, & Sacerdotes, que viiaõ nas grutas dos montes, odèraõ apparecer publicaente nas praças de Roma, collocar as Imagens de Christo nos Templos, & prégar sua Fé por todo o nundo. S. Pedro foy o que durando a perseguiçaõ em nglaterra, & tendo fugido alguns Bispos: para que naõ fugisse tambem o Metropolitano de Cantuaria, como pretendia, o reprehendèo, & castigou por suas proprias maõs de tal sorte, que bastou a vista das chagas, que lhe ficàraõ em todo o corpo, para que os mesmos tyrannos o deixassem viver, & guardar as ovelhas do Pastor, que taõ asperamente punira os pensamẽtos só de as querer deixar. S. Pedro foy finalmente o que no seculo passado apparecèo a Ignacio em Páplona mortalmẽte ferido de huma bala: & o sarou com sua presença, & lhe infundio o seu espirito, para que levãtasse huma nova, & forte Companhia em defensa da Igreja Militante, contra Luthero, & Calvino, & os outros Hereſiarchas de nossos tempos, como diz a mesma Igreja: *Novo per Beatum Ignatium subsidio Militantem Ecclesiam roborasti.*

141 Mas, glorioso Defensor da Fé, & authoridade Romana, & tambem da mesma Roma, & desta vossa Basilica, oitava maravilha do mundo: agora que as Trombetas Ottomanas quasi se ou-

vem dentro de ſeus muros, & jà as meyas Luas Turqueſcas ſe diviſaõ das torres de Italia, & lhe eſtaõ batẽdo às portas; tempo he de outros ſoccorros, & de outras armas. Lembrayvos, ò Pedro, que naõ vos diſſe Chriſto, que depozeſſeis a eſpada, ſenaõ que a meteſſeis na bainha: para a tirar outra vez, & a empunhar, quando a honra de voſſo Meſtre jà triumfante no Ceo, & a voſſa Providencia o pediſſe na terra. Eſta foy a eſpada, com q̃ aſſiſtiſtes fulminante ao lado de voſſo Succeſſor Leaõ, & dèſtes tanta efficacia à ſua eloquencia, & meteſtes em tanto terror a Atila, que naõ ſe atrevendo a dar hum paſſo a diante, voltou as coſtas, & as bandeiras, & confeſſou aos ſeus, tremendo ainda, o que vira. Com eſta eſpada, & veſtido de armas reſplandecentes ſoccoreſtes Alexandria; Cidade da Igreja Romana, ſitiada pelo Emperador Frederico, & capitaneãdo os cercados no aſſalto, cõ que debaixo de falſa trègoa o invadio repentinamente, vòs com immenſa mortanda-

de de todo o ſeu exercito, obrigaſtes fugindo a levãt o ſitio. E quem aſſim ac dio por hũa Cidade da Igr ja Romana, que farà pe meſma Roma, & pela me ma Igreja? Mas aviſinh monos mais à officina cap tal, onde ſe eſtà fabricand & diſpondo o perigo, & e tremos na meſma Conſtant nopla. Emperadores era daquella ſempre infenſa, venenoſa Metropoli, Ba das, & Michael, os quaes nhaõ devaſtado com exqu ſitas crueldades toda a Chr ſtandade do Oriente; qua do vòs apparecendo viſiv aos affligidos Catholicos por hum dos miniſtros voſſa juſtiça, que vos acom panhavaõ armados, naõ os mandaſtes matar; mas f zer em poſtas a ambos: aſſim ſe executou. Tambe era Emperador de Conſta tinopla Alexandre Impiiſ mo, o qual olhando para Eſtatuas dos antigos Idol de Roma, que tinha no ſe Palacio, diſſe: *Quandiu iſt colebant Romani, potentiſſim & invicti perſeverarunt*: E quanto os Romanos ador

ra

aõ a eſtas, foraõ poderoſiſ-
inos, & perſeveráraõ invi-
tos. Mas apenas o Barbaro
nha lançado da boca eſta
lasfemia, quando vós, ſem-
re vingador das injurias de
hriſto, vos preſentaſtes di-
nte, dizendo: *Ego ſum Ro-*
anorum Princeps Petrus. E
o trovaõ deſta voz vomi-
ndo todo a ſangue pela
eſma boca ſacrilega, cahio
orto Alexandre.

142 Aſſim venceis, aſ-
m triumfais, glorioſiſſimo
edro. E ſe hum, *Ego ſum*,
a voſſa boca em Conſtanti-
opla he taõ poderoſo, co-
o outro *Ego ſum* da boca
e voſſo Meſtre, & Senhor
m Geth-ſemani, quando
ſta ſó vez derrubou os eſ-
quadroens de ſeus inimigos:
& quando a voſſa eſpada, co-
mo entaõ começou, os degol-
lára a todos, ſe o meſmo Se-
nhor vola naõ mandára me-
ter na bainha: Agora, agora
he o tempo de a deſembai-
nhar outra vez, ou de tornar
a dizer: *Ego ſum*: para que
trema o Turco, para que ſe
acabe Mafóma, para que as
ſuas Luas ſe ecclypſem, para
que os ſeus exercitos deſ-
mayem; & ſe confundaõ: &
para que em Conſtantino-
pla, como em Roma, & no
Imperio de Oriente, como
no do Occidente, ſe conhe-
çaõ, & ſe venerem ſó as Cha-
ves de Pedro, & com elle, &
por elle, & nelle o nome de
Chriſto. Amen.

SERMAM

DE

TODOS OS SANTOS.

Em Lisboa no Convento de Odivellas.
Anno 1643.

Beati mundi corde. Matth. 5.

§. I.

143 A Festa mais universal, & a festa mais particular: a festa mais de todos, & a festa mais de cada hum, he a que hoje celebra, & nos manda celebrar a Igreja. He a festa mais universal, & mais de todos; porque começando pela fonte de toda a Santidade, que he Christo, & pela Rainha de todos os Santos, que he a Virgem Santissima, fazemos festa hoje a todas as Gerarchias dos Anjos, fazemos festa aos Patriarchas, & aos Profetas; aos Apostolos, & aos Martyres; aos Confessores, & às Virgens. E naõ ha Bemaventurado na Igreja Triumfante, ou Canonizado, ou naõ Canonizado, ou conhecido, ou naõ conhecido na Militãte,

que

ıe naõ tenha a ſua parte, ı o ſeu todo neſte grande ta. E eſte meſmo dia taõ niverſal,& taõ de todos, he ımbem o mais particular,& ais proprio de cada hum; orque hoje ſe celebraõ os antos de cada Naçaõ, os antos de cada Reyno, os antos de cada Religiaõ, os antos de cada Cidade, os antos de cada Familia. Ve- e quam noſſo, & quam par- icular he eſte dia. Naõ ſó elebramos os Santos deſta ıoſſa Cidade, ſenaõ cada hũ le nòs os Sãtos da noſſa Fa- nilia, & do noſſo ſangue. Nenhuma familia de Chriſ- ãos haverà taõ deſgracia- da, que naõ tenha muitos aſ- cendentes na Gloria. Faze- mos pois hoje feſta a noſſos pays, a noſſos avós, a noſſos irmaõs, & os que tendes fi- lhos no Ceo, ou innocentes, ou adultos, fazeis tãbem feſta hoje a voſſos filhos. Ainda he mais noſſa eſta feſta? por- que ſe Deos nos fizer merce de que nos ſalvemos, tãbem virá tempo, & naõ ſerá mui- to tarde, em que nòs entre- mos no numero de todos os Santos, & tambem ſerá noſſo eſte dia. Agora celebramos, & depois ſeremos celebra- dos: agora nòs celebramos a elles, & depois outros nos celebraràõ a nòs. Eſta ulti- ma conſideraçaõ, que he taõ verdadeira, foy a que fez al- gũa devoçaõ à minha tibieza neſte dia taõ ſanto, & qui- zera tratar nelle alguma ma- teria, que nos ajude a conſe- guir taõ grande felicidade. Dividirey tudo o que diſſer em dous diſcurſos, fundados nas duas palavras que tomey por thema, & nas duas do ti- tulo da feſta. Pois a feſta he de todos os Santos, no pri- meiro diſcurſo veremos quam grande couſa he ſer Santos; & no ſegundo, quam facilmẽte o podemos ſer to- dos. O primeiro nos dá a pri- meira palavra do thema: *Beati*: o ſegundo nos dará a ſegunda: *Mundo corde*. Di- gamos à Virgem Santiſſima. *Regina Sanctorum omnium ora pro nobis*: & offereça- moslhe a coſtumada *Ave Maria*.

Matt. 5.8.

§. II.

Beati mundo corde.

144 A Mais poderosa inclinaçaõ, & o mayor appetite do homem, he dezejar ser. Bem nos conhecia este natural o demonio, quando esta foy a primeira pedra, sobre q̃ fundou a ruina a nossos primeiros Pays. A primeira cousa que lhes disse, & que lhes prometéo, foy que seriaõ: *Eritis*: & este *Eritis*, este sereis foy o q̃ destruyo o mundo. Naõ está o erro em dezejarem os homens ser, mas está em naõ dezejarem ser o que importa. Huns dezejaõ ser ricos, outros dezejaõ ser nobres, outros dezejaõ ser sabios, outros dezejaõ ser poderosos, outros dezejaõ ser conhecidos, & afamados; & quasi todos dezejaõ tudo isto, & todos eraõ. Só huma cousa devem os homẽs dezejar ser que he ser Santos. Assim emendou Deos sereis do demonio com outro sereis, dizendo: *Sancti eritis, quia Ego Sanctus sum.* O demonio disse: Sereis como Deos, sendo sabios: & Deos disse: Sereis como Deos, sendo Sãtos. E vay tanto de hum sereis outro sereis, que o sereis do demonio naõ só nos tirou o ser como Deos, mas tirounos tambem o ser, porque nos tirou o ser Santo: & o sereis de Deos exhortandonos a ser Santos, como elle he, naõ só nos restitue o ser como Deos, senaõ tambem o ser. Quando Moyses perguntou a Deos o que era respondeo Deos definindose: *Ego sum qui sum*: Eu sou o q̃ sou, porque só Deos tem por essencia o ser. Agora diz a todos os homens por boca do mesmo Moyses: Se sois taõ amigos: & taõ ambiciosos de ser, sede Santos, & sereis; porque tudo o que naõ he ser Santo, he naõ ser. Sede Rey, sede Emperador, sede Papa; se naõ sois Santo, naõ sois nada. Pelo contrario ainda que sejais a mais vil, & mais desprezada criatura do mundo, se sois Santo, sois tudo o que póde chegar a ser o mayor, & mais bem afortunado homem; porque sois como aquelle, que só he, &

Genes. 3. 5.

Levit. 11. 45

só

tem ſer, que he Deos. To-
o outro ſer, por mayor q̃
reça, naõ he porque vem
arar em naõ ſer. Só o ſer
nto he o verdadeiro ſer;
rque he o que ſó he, & o
e ha de permanecer por-
da a Eternidade.

145 Baſtava eſta ſó ra-
õ para os homens, que te-
os Alma immortal, dezeſ-
mos a ſantidade ſobre to-
s as couſas, & deſprezar-
os todas as couſas ſó por
Santos. Mas quero, que
meſmos Santos, & todos
Santos nos enſinem, &
imem a eſta verdade. To-
s os Santos quantos ha, &
de haver, pela meſma or-
m, em que hoje os celebra
greja, ſe reduzem a quatro
aſſes. Deos, que tambem
preza de ſer, & de ſe cha-
ar Santo: Mãy de Deos,
e he a mais Sãta entre to-
s as puras criaturas: os Sãſ-
s Anjos repartidos em no-
Coros: os homens Santos
vididos em ſeis Gerarchi-
. Ora vejamos como to-
os eſtes Santos nos enſinaõ
eſtimar ſobre tudo o ſer Sã-
os: & comecemos por Deos.

146 Se perguntarmos aos Theologos; qual he o mayor atributo de Deos? Reſpondernoshaõ, q̃ todos ſaõ iguaes; porque todos, & cada hum delles he Deos. Mas ſe perguntarmos, qual he o que mais declara, & engrandece o ſer do meſmo Deos? S. Dioniſio Areopagíta, que he o que mais altamente eſcreveo dos atributos divinos, diz, que o ſer Santo: *Deus per excellentiam cuncta excellentem Sanctus Sanctorum prædicatur.* Quando dizemos, que Deos he Santo, & Santo dos Santos, louvamos em Deos hũa excellencia, que he mais excellente que todas: *Excellentiam cuncta excellentem.* o grãde Doutor da Igreja Santo Ambroſio ainda diſſe mais, ou cõ mayor expreſſaõ: *Nihil pretioſius invenimus, quo Deum prædicare poſſimus, niſi ut ſanctũ appellemus: quodlibet aliud inferius eſt Deo, inferius eſt Domino.* Quando queremos louvar, & engrandecer á Deos, nenhuma couſa achamos de mayor eſtimaçaõ, & de mayor preço, que chamarlhe Santo: porque tudo o demais que diſfer-

sermos, he inferior a Deos, & só quando lhe chamamos Santo, dizemos o que he. Antigamente como Deos era só conhecido em Judéa, no resto do mundo havia muitos chamados Deoses, os quaes todos tinhaõ sacrificios, & Sacerdotes. E que fez o verdadeiro Deos, para se distinguir dos Deoses falsos? Mandou, que o seu Sũmo Sacerdote trouxesse na testa huma lamina de ouro cõ esta letra: *Sanctum Domino*: a Sãtidade ao Senhor. Porque só aquelle Senhor, que tem por attributo o ser Santo, he o verdadeiro Deos.

Exod. 23.36

147 Mais fizeraõ os Profetas: os quaes fallando de Deos, deixavaõ o nome de Deos, & o trocavaõ pelo nome de Santo. Lede Isaias, & os demais, & achareis. *Ad Sãctum Israel respicient: Blasphemaverunt Sanctum Israel: In Sãcto Israel lætaberis: Venia consilium Sancti Israel*: & assim em muitos outros lugares: naõ havendo panegirico, invectiva, ou declamaçaõ, em que naõ tragaõ sempre na boca o Santo de Israel, o Santo de Israel. E

Isai. 17.7. *Isai.* 1.4. *Isai.* 41. 16. *Isai.* 5. 19.

que Santo de Israel he est
He Abrahaõ, Isaac, ou J
cob? He Moysés, Josué,
David? He Elias, ou Elise
Naõ. O Santo de Israel,
que fallaõ os Profetas,
Deos. Pois se he Deos; po
que lhe naõ chamaõ Deo
ou o Deos de Israel, senaõ
Santo de Israel? Porque e
Israel havia naquelle tem
muitos idolatras, que ven
ravaõ, & sacrificavaõ a
Deoses falsos da Gentilid
de: & para destinguir o De
verdadeiro dos Deoses fa
sos, naõ acháraõ os Profet
outra differẽça mais indiv
dual, nem outra distinç
mais adequada, q̃ chama
lhe o Santo. Se lhe cham
raõ Deos, equivocavase
nome de Deos cõ o dos id
los, a quem os idolatras tan
bem chamavaõ Deoses; m
chamandolhe o Santo, tir
vaõ toda a equivocaçaõ,
toda a duvida; porq̃ só o atr
buto da Santidade, era o q
distinguia, & provava no D
os de Israel a unica, & a ve
dadeira Divindade. Tãto si
nifica, tanto monta, & taõ a
ta, & divina cousa he ainc
no mesmo Deos o ser Sant

M

148 Mas ſe os Profetas
eriaõ diſtinguir o Deos
dadeiro dos falſos; por-
s naõ fundavaõ a diſtin-
ó na verdade, ſenaõ na ſan-
ade; porque naõ diziam
erdadeiro de Iſrael, ſenaõ
Santo de Iſrael? Porque
da que o verdadeiro ſe
poem formalmẽte ao fal-
; mais ſe califica o ſer di-
o pelo attributo de San-
, que pelo de verdadeiro.
ivi huma das mayores põ-
raçoens, com que ſe póde
aliar, & conhecer quam
blime, & divina couſa he,
ida na eſtimaçaõ, & vene-
çaõ do meſmo Deos, o ſer
nto. Jurou Deos a David,
e ſeria o ſeu Reyno eter-
, porque delle deſcende-
o Meſſias: & como fez
os eſte juramento, ou por
em jurou? Couſa eſtupen-
! *Semel juravi in Sancto*
o, ſi David mentiar, ſemen
is in æternum manebit: Ju-
y a David pelo meu Santo,
ie naõ hey de faltar à ver-
de do que lhe prometi, &
ie ha de ſer Pay do Meſ-
s: *In ſancto meo*, pelo meu
nto! E que Santo he eſte,
elo qual Deos jura? Já ſa-
beis, que juramento ſe faz ſempre por aquillo que mais ſe venera, ou mais ſe eſtima. Fóra de nòs juramos pela vida d'ElRey, pela Cruz, por Chriſto, por Deos; porque he o que mais veneramos: dentro em nòs juramos por noſſa vida, por noſſa Alma; porque he o que mais eſtimamos. Da meſma maneira naõ tendo Deos fóra de ſi por quem jurar, jura pelo que tem dentro em ſi: & jura por ſi meſmo, em quanto Santo; porque o ſer Sãto he o que mais eſtima, o q̃ mais preza, & ſe ſe póde dizer aſſim, o que mais venera. Parece que havia Deos de jurar pela ſua verdade, & jura pela ſua ſantidade: como ſe ficára mais eſtabelicida a verdade do ſeu juramento na firmeza da ſua ſantidade, que na da ſua meſma verdade. Em Deos tudo he igual, & taõ verdadeiro he, como Sãto, & taõ Santo, como verdadeiro; mas buſcando Deos dentro de ſi meſmo hum attributo, que ou foſſe, ou pareceſſe mais ſoberano, & mais digno de veneraçaõ, pelo qual podeſſe jurar; jurou

Deos,

Deos verdadeiro por Deos Santo: *Semel juravi in Sancto meo.*

§. III.

149 Por taõ altos, & taõ admiraveis termos como eſtes nos enſinou Deos em commum, quam grande couſa ſeja o ſer Santos, & o meſmo documento confirmou cada huma das tres Peſſoas Divinas em particular por exẽplos naõ menos maravilhoſos. Sobre a Encarnaçaõ da Peſſoa do Filho mandou o Eterno Padre por Embaixador o Anjo S. Gabriel,& o que lhe deu por inſtrucçaõ que diſſeſſe de ſua parte à Virgem Santiſſima, foy, que o Filho de Deos, & ſeu, que de ſuas entranhas havia de naſcer, ſeria Santo: *Ideoque & quod naſcetur ex te ſanctum, vocabitur Filius Dei.* De ſorte, que tendo o Eterno Padre hum Filho igual a ſi meſmo, & querendo que por ſegunda geraçaõ, & ſegundo naſcimento, ſendo Deos, foſſe tambem homem, o que lhe deu a elle,& o que prometteo à ſua Mãy, foy, que ſeria Santo: *Quod naſcetur ex te ſanctum.* N tay o *Sanctum*, & o *Ex te*: S to, & de vos. Naõ lhe d riquezas,porque o fez Filh de huma Mãy muito pobre *Ex te*: naõ lhe deu honras porque o fez Filho de hum Mãy muito humilde: *Ex t* naõ lhe deu mandos, ne dignidades, nem imperi temporaes, porque ainda a Virgem era deſcendent de Reys, todos eſſes ſcetro & coroas tinhaõ jà degene rado aos inſtrumẽtos meca nicos de hũ official,cõ quem era deſpoſada: *Ex te*: E qu lhe deu? Deulhe o ſer Santo *Quod naſcetur ex te ſanctum* Pois a ſeu Filho naõ lhe da ria outra couſa hum Pay om nipotente? Os pays tudo quanto tem, & tudo quanto pòdem, daõ a ſeus filhos, & mais ſe ſaõ primogenitos, & unicos, como Chriſto era Pois a hum Filho primogenito, a hum Filho unico, hũ Pay todo poderoſo, hum Pay Deos,& Senhor de tudo,naõ lhe dà outra couſa mais que o ſer Santo? Naõ: & por iſſo meſmo. Ao Filho primogenito, & unico de Eterno

Luc. 1 35.

Padre competialhe a herança de todos os bens de seu y: & todos os bens, que eos tem, & todos os que ôde dar, he fazer a hum homem Santo, & mais Santo; orque tudo o mais, ou naõ e nada, ou para ser alguma ousa, ha de ser tambem santificado, & Santo. Em quan· Filho herdeiro de sua ãy, pertenciaõlhe ao mes· o Christo o scetro de Da· id, & a casa de Jacob, que mbem Deos lhe mandou rometter: *Dabit illi sedem David patris ejus, & regnabit in domo Jacob*: mas essa mesma casa, & esse mesmo cetro deulhe Deos a seu Fino por tal modo, que de têporal que era, o convertèo m espiritual, para que tudo elle fosse só santidade, & lle por todos os modos ms, & mais Santo.

150 Vede como dizem que digo, os que viraõ o mesmo Unigenito do Padre: *Vidimus gloriam ejus gloriam quasi unigeniti à Patre, plenum gratiæ, & veritatis.* Vimos (diz S. Joaõ) a sua gloria, a sua magestade, a sua grandeza, & bem mostrava que era gloria, que era magestade, q̃ era grandeza de Filho Unigenito do Eterno Padre. E em que consistia essa gloria, essa magestade, & essa grandeza? *Plenum gratiæ, & veritatis*: em ser cheyo de graça, & de verdade. A graça he a santidade formal, ou a fórma santificante, que faz, & denomina Santos: & nesta graça, nesta santidade, neste ser Sãto consistia toda a gloria, toda a grandeza, & toda a magestade do Unico herdeiro do Padre. E se perguntardes ao Evãgelista a razaõ de serem só estes os bens, que contêm a herança de hũ Pay todo poderoso, & Senhor de tudo; o mesmo Evangelista tem jà dado a razaõ nas mesmas palavras: *Plenum gratiæ, & veritatis*: cheyo de graça, & de verdade. Porque tudo o que naõ he graça de Deos, & santidade, he mentira. As riquezas mentira, as honras mentira, os mandos mentira: só o estar em graça de Deos he verdade, só o viver em graça de Deos he verdade, só o morrer em graça de Deos, em que consiste o ser Santo, he verdade: *Plenũ gra-*

gratiæ, & veritatis. Isto deu o Eterno Padre a seu Filho, para que vós aprendais a saber o que haveis de procurar aos vossos. Procurailhe, que sejaõ Santos, & esta he a mayor riqueza, a mayor honra, a mayor felicidade, que lhe podeis alcançar, & os mayores, & só verdadeiros bens, de que os podeis deixar por herdeiros.

151 Vamos à Pessoa do Filho. A Pessoa do Filho he a Sabidoria de Deos. Fezse homem a Sabidoria Divina: veyo ao mundo para ensinar aos homens, & que lhes ensinou? Nenhuma outra cousa, senaõ a ser Santos. Naquella escada de Jacob, como todos sabeis, representouse em visaõ, & profecia a Encarnaçaõ do Verbo Eterno. No alto da escada estava Deos inclinado sobre ella, porque hũa das Pessoas Divinas havia de descer ao mundo: ao pè da escada estava Jacob, que era o homem, ou o genero humano; porque o modo, com que Deos havia de descer, era encarnádo, & fazendose homem: & a escada chegava da terra ao Ceo, porque o fim do myst rio da Encarnaçaõ, & o f porque Deos descèo do C a terra, foy para ensinar, mostrar ao homem como h via de subir da terra ao Ce E para esta subida taõ not vel, & taõ nova, que atè e taõ estava ignorado, que o que ensinou o Deos, q descèo, & encarnou, que o que ensinou o Verbo, & Sabidoria Divina a Jacob, ao homem, que nelle se r presentava? O mesmo Ve bo o diz no Capitulo dec mo da mesma Sabidoria, fa lando do mesmo Jacob: *Osd dit illi Regnum Dei, & dec illi scientiam Sanctorum*: M stroulhe o Ceo, & o Reyn de Deos, & ensinoulhe sciencia de ser Santos. D sorte, que vindo a Sabidor Divina em Pessoa, & descer do do Ceo à terra a ser Me stre dos homens, a nova ca deira, que instituio nes grande universidade do mũ do, & a sciencia que profe sou, foy só ensinar a ser San tos, & nenhuma outra. Rethorica deixou-a aos Tul lios, & aos Demosthenes; Filosofia aos Platoens, & ao Ari

iſtoteles; as Mathemati-
, aos Tolomeos, & aos
clides; a Medica aos A-
llos, & aos Eſculapios; a
riſprudencia aos Soloens,
aos Lycurgos; & para ſi,
mou ſó a ſciencia de enſi-
r a ſalvar,& fazer Santos:
gnum Dei, & ſcientiam
nctorum.

152 Em todas as Scien-
as he certo, que ha muitos
ros, dos quaes naſce a dif-
rença das opinioens: em
das as Sciencias ha muitas
norancias, as quaes con-
ſſaõ todos os mayores Le-
ados, que naõ comprehen-
em, nem alcançaõ. Pois ſe
nha a Sabidoria de Deos
o mundo, porque naõ alu-
iou eſtes erros,porque naõ
rou eſtas ignorancias? Por-
ue errar, ou acertar em to-
as eſſas materias, ſabellas,
u naõ as ſaber, nenhũa cou-
a importa: o que ſó impor-
a, he ſaber ſalvar: o que ſó
mporta, he acertar a ſer Sã-
os: & iſto he o que ſó nos
eyo enſinar o Filho de
Deos. Nem enſinou aos Fi-
oſofos a compoſiçaõ do cõ-
inuo; nem aos Geometras a
quadratura do circulo; nem
aos Mareãtes a altura de Le-
ſte a Oeſte; nem aos Chimi-
cos o deſcobrimento da pe-
dra Filoſofal; nem aos Me-
dicos as virtudes das hervas,
das plantas, das pedras, &
dos meſmos elementos; nem
aos Aſtrologos, & Aſtrono-
mos o curſo, a grandeza, o
numero, as influencias dos
Aſtros: ſó nos enſinou a ſer
humildes, ſó nos enſinou a
ſer caſtos, ſó nos enſinou a
deſprezar as riquezas,ſó nos
enſinou a perdoar as injú-
rias, ſó nos enſinou a ſofrer
as perſeguiçoes, ſó nos enſi-
nou a chorar,& aborrecer os
peccados,& a amar,& exerci-
tar as virtudes,porq̃ eſtas ſaõ
as regras, & as concluſoens,
eſtes os preceitos, & os teo-
rémas,por onde ſe aprende a
ſer Santos,que he a ſciencia,
que profeſſou, & veyo enſi-
nar a Peſſoa do Filho de
Deos: *Scientiam Sanctorum.*

153 A Peſſoa do Eſpi-
rito Santo com o ſeu proprio
nome nos prova, & confir-
ma o meſmo. O Padre tam-
bem he Eſpirito, & tambem
he Santo. Pois porq̃ ſe cha-
ma ſó a terceira Peſſoa Eſpi-
rito Santo? A razaõ he (di-
zem

zem todos os Theologos) porque ao Espirito Santo compete o officio de santificar, & de fazer Santos. Todas as obras de Deos, q̃ chamaõ *ad extra*, isto he, que saem de Deos, & se terminaõ às criaturas, saõ indivisamẽte de toda a Santissima Trindade, na qual o poder, & o obrar naõ só he igual, senaõ hum só & o mesmo. Mas por certa propriedade, fundada na natureza ou origem das mesmas Pessoas, humas obras se attribuem a humas Pessoas, & outras a outtas. E porque à terceira Pessoa se attribue particularmente o santificar, & fazer Santos; por isso se chama Santo.

154 E para que vejais quam grande significaçaõ he na mesma Pessoa do Espirito o nome de Santo; & o attributo, ou atribuiçaõ de santificar; notay o muito que com ella se supre, & a grande carencia, ou vazio, que com ella se enche. O nome, ou Antonomasia de Santo, & o officio de santificar, & fazer Santos, naõ lhe podèra competir ao Pay, que he a fonte original, & innascivel da santidade? Naõ lhe pod ra competir ao Filho, q̃ fo o que encarnando nos mer cèo essa mesma santidade Sim. Pois porque se deu a Espirito Santo? Disse co alto pensamento Ruperto, para suprir a infecundidad da terceira Pessoa. A Divi dade no Padre he fecunda no Filho he fecunda, no E pirito Santo naõ he fecund No Padre he fecunda, po que gera o Filho: no Filh he fecunda, porque junta mente com o Padre produ o Espirito Santo: no Espiri to Santo só naõ he fecunda porque naõ produz outr Pessoa Divina. Pois q̃ mey podia haver para suprir n terceira Pessoa esta infecun didade? O meyo foy cede rem nella as outras Pessoa Divinas a virtude, ou attri buiçaõ de santificar, & fa zer Santos, & o titulo, & Antonomasia de se chama Santo. A terceira Pessoa nã pòde gerar, nem produzi Pessoa, que seja Deos? Poi faça Santos. A terceira Pes soa naõ se pòde chamar Pay nem se pòde chamar Filho Pois chameſe Santo. Tan

gran

ande, taõ alta, taõ sublie, taõ divina cousa he ser nto: & com taõ maravioſos documentos nos ensiaraõ esta verdade em si esmas as tres Pessoas Divis.

§. IV.

155 Depois do Padre, lho, & Espirito Santo ſeiete a Filha do Padre, a áy do Filho, a Espoſa do pirito Santo, a Virgem ntiſſima; a qual como a ais Santa entre todas as pus creaturas nos dirà meor q̃ todas quam grãde bem ſermos Santos. No Catulo vintequatro do Eceſiaſtico nos refere a meſa Senhora, como Deos que eſcolhéo por morada, lhe eu a herança de tudo quano tinha vinculado ao Povo e Iſrael, que era o morgado o meſmo Deos: *Tunc præcpit, & dixit mihi creator nnium, & qui creavit me requievit in tabernaculo meo, & ixit mihi, in Iſrael hæreditae.* E que vos parece que eſcolheria, & tomaria para ſi Virgem Maria, de toda a universidade de bens naturaes, & ſobrenaturaes deſte immenſo morgado? Só tomou o que era ſanto, & nenhuma outra couſa. Do que naõ era ſanto, poſtoque foſſe precioſo, & eſtimado, naõ quiz nada, porque tudo he nada: do que era ſanto, tomou tudo, porque ſó o ſer Santo, he tudo. Ouçamos a meſma Senhora; & ponderemos o que diz, com a attenção que ſuas palavras merecem. Primeiramente do que pertence ao lugar, diz que eſcolhéo huma Cidade ſanta, & huma caſa ſanta para nelle ſervir a Deos em ſua preſença ſem nenhum outro cuidado: *In habitatione ſancta coram ipſo miniſtravi, & in civitate ſanctificata ſimiliter requievit.* E quanto ao que pertencia à Peſſoa, ſendo tantos, & taõ excellentes os dotes naturaes, q̃ Deos deſde ſeu principio tinha repartido com as mulheres famoſas daquella naçaõ; de tudo iſſo nenhum caſo fez a Senhora, tudo deixou, tudo deſprezou, & ſó tomou, & quiz para ſi a ſantidade de todos os Santos: *In plenitu-* Eccl. 24. 14 15.

Ibi.16 *dine Sanctorum detentio mea.* Detiveme (diz) na enchente de todos os Santos (porque tudo o que naõ he ser Santo, póde inchar, mas naõ póde encher) aqui me detive, aqui parey, aqui insisti, & naõ passey, nem tive para onde passar daqui.

156 Oh quem me dera ter neste auditorio todas as Senhoras do mundo, taõ prendadas, & taõ prezas; taõ tidas, & taõ retidas das vaidades do mesmo mundo; para que vissem o de que só se haviaõ de deixar prender, & deter à imitaçaõ da mayor Senhora, & Rainha de todas! Tudo quanto a aprehensaõ, & fantesia feminil estima, & preza, vio a benditissima Virgem no grande theatro de Israel, de q̃ Deos a fizera herdeira: *In Israel hæreditare.* Vio a nobreza do sangue, antiga, & illustre em Sára, soberana, & real em Michol; mas naõ a deteve o esplendor da nobreza, nem lhe movéo, ou alterou os espiritos. Vio a fermosura servida, & adorada em Rachel, buscada, & perferida em Abisay; mas naõ a deteve a fermosura; nem julgou p
digna de ser vista a que le
a poz si os olhos. Vio a f
cundidade grande, & inv
jada em Lia, mayor, & ma
desvanecida em Fenéna; n
naõ a deteve o appetite n
tural de ser mãy, nem dez
jou perpetuarse em mais v
das. Vio a riqueza domes
ca em Rebecca, & os theso
ros reaes em Sulamites; m
naõ a deteve cubiça, ou a
biçaõ de riquezas; porq
tinha o coraçaõ em outr
thesouros. Vio as galas,
affeites de Jezabel, & todo
valor do Oriente engasta
nas joyas de Esther; mas n
a deteve a aparencia vaã d
aparatos do corpo, como
que só cuidava em ornar
espirito. Vio a que o mun
chama vẽtura nas vodas n
esperadas de Ruth, & n
muito mais vẽturosas de S
fora; mas naõ a deteve o e
pecioso laço das vodas, ant
lhe fizeraõ horror as delici
do talamo. Vio as vitoria
& triumfos de Debora, &
despojos, & trofeos da fam
sa Iudith; mas naõ a dete
a fama com o ruido de se
aplausos, nem affectou vit
rias

rias, & triunfos. Vio finalmente coroada Abigail, & ſſentada Berzabee em igual rono com Salamaõ; mas naõ a deteve a ſoberania daquellas alturas, porque era nais alto o ſeu animo que os ronos, & de mayor eſfera q̃ s coroas.

157 Pois, Senhora, ſe odos eſtes bens da natureza, & da fortuna, ſe todas eſtas grandezas, & felicidades da vida, que os homens tanto eſtimaõ, tanto prezaõ, & tanto invejaõ, nem divididas, nem juntas vos encheraõ os olhos: ſe por todas paſſaſtes pizandoas, & nenhuma vos pareceo digna, nem de vos deter hum momento, nem de vos fazer parar hum paſſo; que he o que viſtes, que ſó vos agradou, que he o que viſtes, que ſó vos deteve, ou teve maõ, para que alli paraſſem os paſſos do voſſo dezejo, para que dalli naõ paſſaſſem os voſſos affectos? Vi a humildade, diz a Senhora, vi o deſprezo de ſi, & do mundo, vi o recolhimento, vi o ſilencio, vi a modeſtia, vi a temperança, vi a paciencia, vi a fortaleza, vi a mortificaçaõ das paixoens, & a reſignaçaõ da propria vontade, vi o amor de Deos, & a charidade do proximo, vi em fim toda a ſantidade, virtudes, & graça, de que eſtiveraõ cheyos os Santos; & neſta enchente de ſantidade he que ſó tomey pè, neſta parey, neſta me detive, & neſta me detenho: *Et in plenitudine Sanctorum detentio mea.* Iſto he o que diz de ſi a Mãy de Deos: E porque eſte foy o ſeu juizo, & a ſua eleiçaõ, por iſſo foy Mãy de Deos, naõ ſó porque eſtimou o ſer Santa mais que todas as couſas, mas porque deixou, & deſprezou todas as couſas para ſer mais Santa.

§. V.

158 Os Anjos, que ſaõ a terceira claſſe dos Santos, que hoje celebra a Igreja; aſſim como nos perſuadem cõ ſuas inſpiraçoens, nos enſinaõ com ſeu exemplo quam grande couſa he ſer Santos. O exercicio dos Anjos no Ceo he eſtarem ſempre louvando a Deos. Nós naõ o ſabemos louvar, porque o

naõ vemos, elles que o eſtaõ ſempre vendo, ſó o louvaõ como devem. Mas quaes ſaõ os louvores, ou as lizonjas, que os Anjos cantaõ a Deos? O Profeta Iſaias, que huma vez foy admittido aos ouvir, o diſſe: *Seraphim ſtabant, & clamabant alter ad alterum:* *Iſai. 6.2.3.* *Sanctus, Sanctus, Sanctus.* Eſtavaõ os Serafiens divididos em dous coros, & o que cantavaõ alternadamente a grandes vozes, era: Santo, Santo, Santo. Iſto diziaõ, & repetiaõ ſem ceſſar: como tambem os ouvio dahi a oito centos annos S. Joaõ no ſeu Apocalypſe: *Et requiem non habebant, dicentia: Sanctus,* *Apoc. 4.8.* *Sanctus, Sanctus.* Se iſto naõ eſtivera taõ expreſſo em hũ, & outro Teſtamento, quem tal cuidára? Deos naõ he hum objecto immenſo, as grandezas de Deos naõ ſaõ infinitas, os Anjos q̃ o vem, & conhecem intuitivamente, naõ ſaõ taõ entendidos, & taõ ſabios? Pois como naõ variaõ de vozes, nem de penſamento? Porque naõ diſcorrem por outras perfeiçoens divinas, porque naõ louvaõ, & naõ engrandecem outros attributos? Por iſſo meſmo. Porque vem a Deos porque o conhecem, & por que ſaõ entendidos. Quem louva, ou linzõgea diſcretamenta, diz tudo o que pòde & tudo o que mais agrada & a mayor grandeza, que ſe pòde dizer de Deos, & o louvor, que mais lhe agrada, he chamarlhe Santo. Por iſſo o primeiro coro dos Anjos diz Santo, & o ſegundo reſpõde Santo: o primeiro torna a dizer, Santo, & o ſegundo torna a repetir, Santo: & iſto dizem, & iſto eſtaõ ſempre dizendo ſem ceſſar; huma, & mil vezes, & iſto haõ de continuar a dizer por toda a Eternidade; porque depois de dizerem, que Deos he Sãto, Santo, & mais Santo, nem os Serafins do Ceo, que ſaõ os Anjos de mais alto entendimento, & de mais profunda ſciẽcia, ſabem dizer mais, nem lhe fica mais que dizer. He Deos eterno, he immenſo, he infinito, he omnipotẽte; mas tudo iſſo ſaõ grandezas, porque eſtaõ juntas com o ſer Santo. Se Deos por impoſſivel naõ fora Santo, todos os outros ſeus atributos

ca-

recéraõ da ſua mayor perfeiçaõ. Por iſſo he perfeiõ em Deos o ſer eterno, orque he eternamente San-: por iſſo he perfeiçaõ o r immenſo, porque he imenſamente Santo: por iſſo perfeiçaõ o ſer infinito, orque he infinitamente Sã-: por iſſo he perfeiçaõ o r omnipotente, porque he do poderoſamente Santo: *anctus, Sanctus, Sanctus.*

159 Iſto he o que os njos dizem de Deos. E de que dizem, ou que pòdem izer? O que pòdem, & ſaõ brigados a dizer todos os ue perſeveràraõ no Ceo, & naõ perdèraõ; he, que to-o o ſeu bem, & toda a ſua elicidade conſiſtio em ſer antos. Ouve no Ceo entre s Anjos aquella grande batalha, que ſabemos: Lucifer om os màos rebelouſe conra Deos: S. Miguel com os ons ſeguio as partes de ſeu enhor: eſtes vencèraõ, aueſſes foraõ vencidos; & ue ganhàraõ os que ganhàao a vitoria, que perderaõ s que perderaõ a batalha? Nenhuma outra couſa mais que o ſer, ou naõ ſer Santos. Os que ganhàraõ a vitoria, ganhàraõ o ſer Santos, porq̃ ficàraõ confirmados em graça: os que perderaõ a batalha, perdèraõ o ſer Santos, porque foraõ privados da meſma graça, & em tudo o mais que tinhaõ por natureza, ficàraõ como dantes eraõ.

160 Daqui ſe entenderà hum famoſo lugar de Ezechiel no Capitulo vinte oito, onde chama Cherubim a Lucifer: *Tu Cherub extẽtus, & protegens, & poſuite in mõte ſancto Dei, in medio Lapidũ ignitorum ambulaſti: perfectus in viis tuis à die conditionis tuæ, donec inventa eſt iniquitas in te.* Tu, ò Cherubim, eras o Aujo de mayor esfera, & que debaixo de tuas azas tinhas todos os outros: *Tu Cherub extentus, & protegens*: Eu te criei Santo, & em graça, & te puz no Ceo: *Poſuite in monte ſancto Dei*: Tu eſtavas entre os Serafins, onde paſſeavas com liberdade de ſuperior: *In medio lapidum ignitorum ambulaſti*: E deſde o dia de tua criaçaõ foſte perfeito, atè q̃ em ti ſe achou o peccado, & Ezec. 28.14 15.

maldade, que tu inventaſte; *Perfectus in viis tuis, donec inventa eſt iniquitas in te.* Em ſumma, que Lucifer, como diz o Texto, & declaraõ conformemente todos os Padres, era por natureza Serafim, & criado entre os Serafins, & ſuperior a todos. Pois ſe era Serafim, como lhe chama o Profeta em nome de Deos, naõ Serafim, ſenaõ Cherubim? E ſe lhe nega o nome de Serafim, porque jà naõ era Anjo, ſenaõ demonio, porque lhe chama Cherubim: *Tu Cherub?* Porque Serafim ſignifica amor, & amante, Cherubim ſignifica ſciencia, & ſabio; & ainda que Lucifer pela rebeliaõ, & pelo peccado perdeo o amor, & a graça de Deos, & os outros doens ſobrenaturaes, naõ perdéo a Sabidoria, & as ſciencias, nem os outros dotes do entẽdimento, & da natureza, com que fora criado. Taõ Anjo ficou no ſaber, como dantes era, taõ Anjo no poder, taõ Anjo na capacidade da eſfera, taõ Anjo na belleza, & fermoſura natural, & em tudo o mais como dantes: & ſómen privado da graça, & da ſa tidade, em que por ſua cu pa, & maldade ſe naõ qu conſervar.

161 De ſorte que a pri cipal differença, que enta ouve, & hoje ha entre M guel, & Lucifer, he, que M guel chamaſe S. Miguel, Lucifer naõ ſe chama Sant Direis, que tambem foy pr vado Lucifer da gloria, & viſta de Deos. Naõ foy porque eſſa ainda a naõ t nha, que ſe jà tivera viſto Deos, naõ o podèra offe der, nem perder a graça, ſantidade. Mas aſſim com Deos o privou da graça, da ſantidade, porque o na privou tambem do tudo mais? Quando hum vaſſa lo ſe rebella contra ſeu Re confiſcaõlhe todos ſeus ben Pois ſe Lucifer ſe rebello contra Deos, porque lhe cõ fiſcaõ ſó a graça, & a ſantid de, & lhe deixaõ tudo mais? Porque ſó a graça, & ſantidade ſaõ bens: tudo mais que tem os Anjos màos huma vez que naõ tem ſan tidade, antes ſaõ males, qu bens. A ſciencia ſem ſanti

dade

ide, he ignorancia: a fer-
oſura ſem ſantidade, he
aldade: a poder ſem ſanti-
ide, he fraqueza: a grande-
a ſem ſantidade, he miſeria:
por iſſo ſaõ os Anjos màos
mais miſeraveis de todas
criaturas, aſſim como os
njos bons os mais felices,
bemaventurados de todas:
les porque ſaõ Santos, a-
uelles porque naõ ſaõ San-
s.

§. VI.

162 Vamos aos homẽs, perguntay a todos os que ſtaõ no Ceo, que couſa he r Santos? A eſta pergunta aõ quero reſponder cõ Eſ-rituras, nem com palavras naõ com obras. As couſas ſtimaõſe pelo que valem, & elo que cuſtaõ. Tudo o que zeraõ, & padecéraõ os San-os, foy por ſer Santos. A eſ-erança taõ longa, & taõ onſtante dos Patriarchas, a é, & paciencia dos Profetas, zelo, & prègaçaõ dos A-oſtolos, os tormentos, & nortes dos Martyres, as pe-nitencias, & aſperezas dos Confeſſores, a continencia, & pureza das Virgens: Tudo ſanto, & tudo por ſer Santos. Mas naõ he eſta a materia, que ſe haja de paſſar, & eſcurecer cõ huma taõ abreviada generalidade. Diſcorramos por cada huma das Gerarchias dos Santos, & vejamos quanto ſe empenhàraõ por conſeguir eſte nome.

163 Olhay para os Patriarchas nos dous primeiros, & vereis a Iſaac lançado ſobre a lenha, eſperàdo com a graganta nua o rigor, por naõ dizer a deshumanidade do golpe, & a Abrahaõ com a eſpada em huma maõ para cortar a cabeça ao unico filho, & com o fogo na outra para o queimar em holocauſtro, & ſepultar em cinzas. Podia haver mayor reſoluçaõ, nem mais heroico, & deliberado empenho, aſſim na ſogeiçaõ do filho ao pay, como na obediencia do pay a Deos? O meſmo Deos cõfeſſou, que naõ podia ſer mayor. Mas ſe virdes, que hum Anjo naquelle meſmo fragante tem maõ no braço a Abrahaõ; voltay os olhos para o de Jephte armado doutra eſpada, & do meſmo

zelo, & vereis naõ ſuſpenſo, mas executado o tremendo ſacrificio, derramando o pay animoſo com ſuas proprias maõs o ſangue da innocente filha tambem unica, & ſem herdeiro. E porque vos parece que ſe atreveraõ eſtes dous homens, ſendo pays, a huma taõ eſpantoſa, & medonha acçaõ, de que ſe eſtremece o amor, & tapa os olhos a natureza? Abrahaõ por naõ quebrar hum preceito, Jephte por naõ faltar a hum voto, & ambos por ſer Santos. Abrahaõ podia duvidar com grande fundamẽto, ſe hum preceito taõ novo, & inaudito, & taõ repugnante às promeſſas, que o meſmo Deos lhe tinha feito, era illuſaõ: Jephte, com mayor razaõ ainda, podia duvidarſe o voto naquelle caſo obrigava, naõ ſendo tal a ſua tençaõ, nem lhe tendo vindo tal couſa ao penſamẽto; & comtudo ambos ſeguiraõ a parte mais difficultoſa, & mais ſegura, por naõ deixar em eſcrupulo a ſalvaçaõ, nem pôr em duvida o ſer Sãtos.

164 Aos Patriarchas ſeguemſe os Profetas; & ao Profetas os Apoſtolos. E ſ entre os Profetas vos aſſom brais de ver hũ Iſaias ſerra do pelo meyo; & hum Da niel no lago dos leoens, & h Jonas engulido da Baléa; no Apoſtolos, que foraõ meno em numero, vereis a Pedr crucificado, a Paulo degola do, a André aſpado, a Felip pe apredejado, a Barthola meu eſfolado, a Mattheos & Thomé alanceados, a Si maõ, & Thadèo eſpedaçà dos, & todos em fim dand o ſangue, & a vida em teſte n unha da Fé, que prègaraõ naõ ſó para ſer Santos elle em ſi, mas para fazer Santos a outros.

165 E que direy eu d vòs, ò fortiſſimo, & luzidiſ ſimo exercito dos Martyres taõ infinito no numero, co mo nos exquiſitos genero de martyrios? Se entre n Anfiteatro de Roma, vejo vos lançados as feras, ou lançados aos Neros, aos Decios aos Dioclecianos, aos Trajanos mais feros que as meſmas feras. A muitos de vòs reverenciàraõ os Leoens, os Urſos, os Tigres; mas a ne-

nhum perdoou a vida a
piedade mais que brutal
s tyrannos, ſempre mais
ſtinados, & furioſos. As
dras de Eſtevaõ, as ſettas
Sebaſtiaõ, as grelhas de
urenço, & Vicente jà eraõ
rmẽtos vulgares. Que ma-
inas, & invençõẽs de ator-
ctar naõ excogitou a ſevi-
a raivoſa de ſe ver venci-
, para combater, & tentar
ſſa fortaleza? A huns Mar-
res penduravaõ pelos ca-
llos ou por hum pé, ou por
nbos, ou pelos dedos pelo-
áres, & aſſim no ar, & deſ-
idos, cõ azorragues de ner-
os rematados em pelotas de
humbo, ou abrolhos de aço
s batiaõ, & martellavaõ cõ
l força, & continuaçõ os
rueis, & robuſtos algozes,
ue ao principio açoutavaõ
orpos, depois feriaõ as meſ-
as chagas, ou hũa ſó chaga,
tè que naõ tinhaõ jà que
çoutar, nem ferir. A outros
ſtirados, & deſconjuntados
o Eculeo, ou eſtendidos na
Catafta, aravaõ, ou cardavaõ
os membros com pentens, &
garfos de ferro, a que pro-
priamente chamavaõ Eſcor-
pioens, ou metidos debaixo
de grandes pedras de moi-
nho, lhe eſpremiaõ como em
lagar o ſangue, & lhe mo-
hiaõ, & empreſſavaõ os oſ-
ſos, atè ficarem huma paſta
confuſa, ſem figura, nem ſe-
melhança do que dantes e-
raõ. A outros cobriaõ todos
de pez, tezina, & enxofre, &
ateandolhe o fogo, os faziaõ
arder em pé como tochas,
ou luminarias nas feſtas dos
idolos; eſforçandoos para
eſte ſupplicio com lhe dar a
beber chumbo derretido. A
outros nos mais rigoroſos
frios do Inverno metiaõ em
tâques enregelados com ba-
nhos de agua quente à viſta,
& liberdade de ſe paſſarem a
elles, para que enfraqueceſ-
ſe o remedio os que naõ vẽ-
cia o tormento. A outros co-
ziaõ em outros juntamente
com ſerpentes, & caens da-
nados, & aſſim os lançavaõ ao
mar, para q̃ naquella eſtrei-
ta, medonha, & aſqueroſa
prizaõ, primeiro acabaſſem
mordidos, & ataſſalhados
dos dentes venenoſos, do que
afogados das ondas. A ou-
tros eſcallavaõ vivos pelos
peitos, & lhes arrancavaõ o
coraçaõ, & entranhas palpi-
tan-

tantes, ou lhes atavaõ as maõs, & os pès a quatro ramos groſſos de arvores dobrados à força, & ſoltos ao meſmo tempo, com que ſubita, & violentiſſimamente os eſpedaçavaõ em quartos. A outros aſſentavaõ em cadeiras de ferro afogueado, a outros faziaõ andar deſcalços ſobre laminas ardentes, a outros metiaõ em caldeiras de azeite, & alcatraõ fervẽdo, a outros em boys de metal abrazado, a outros em fornalhas de chamas vivas. E tudo iſto ſofriaõ, & ſoportavaõ aquelles valeroſos Cavalleiros de Chriſto, naõ ſó com paciencia, & conſtancia, mas com jubilo, & alegria: porque? ſó por ſer, & ſegurar o ſer Santos, como exclama a Igreja: *Omnes Sancti quanta paſſi ſunt tormenta, ut ſecuri pervenirent ad palmam martirii.*

mundo, & o Sal da terra; aſſim como a tocha ſe co ſume para allumiar, & o S ſe derrete para cõſervar; a ſim elles para allumiar as c gueiras do mundo, & conſe var a Fé, & Religiaõ em ſu pureza, naõ ſó ſe póde dize com verdade, que conſum raõ a vida, mas que derreté raõ, & eſtilàraõ a Alma. To dos eſſes livros tantos, & ta admiraveis de S. Baſilio, d S. Chryſoſtomo, de Sant Athanaſio, de Santo Ambro ſio, de S. Hieronimo, de Sã to Aguſtinho, & dos dou Gregorios, quatro Doutore da Igreja Grega & quatr da Latina, & os dous que de pois ſe acreſcentàraõ a eſt ſagrado numero, Sãto Tho màs, & S. Boaventura: os li vros igualmente doutiſſimo dos Santos Biſpos, Hilario Cypriano, Fulgencio, Epi fanio, Iſidoro, & hum, & ou tro Cyrillo: & os dos anti quiſſimos Padres, Clemente Romano, Dioniſio Areopagíta, Erineo, Juſtino, Gregorio Taumaturgo, Clemẽte Alexandrino, Lactancio, & infinitos outros. Todos eſtes eſcritos, digo, cheyos de

§. VII.

166 Os Santos Doutores, eſquadraõ tambem laureado, naõ fizeraõ, ou naõ ſe desfizeraõ menos por ſer Santos. Foraõ a Luz do

divina,& celeſtial doutri-
, que outra couſa ſaõ ſem
carecimento, nem Meta-
ra, ſenaõ as Almas dos
eſmos Santos,& as quintas
ſencias dos ſeus entendi-
entos, eſtiladas pela pe-
a?

167 Alli ſe vem refuta-
s,& convencidas todas as
eitas dos antigos Filoſofos,
itagoricos, Platonicos, Ci-
icos, Peripateticos, Epicu-
eos, Eſtoicos: alli os myſte-
os profundiſſimos da Fé
cilitados,& creiveis,& os
rgumentos contrarios deſ-
anecidos: alli as tradiç ens
poſtolicas ſucceſſivamen-
e continuadas,& as diffini-
oens dos Concilios geraes,
particulares eſtabeleci-
as: alli as difficuldades da
agrada Eſcritura,& os luga-
es eſcuros della declarados,
o velho,& Novo Teſta-
nento,& os Evangelhos en-
re ſi concordes: alli as que-
ioens altiſſimas da Theolo-
gia futiliſſimamente diſpu-
adas,& reſolutas;as contro-
verſas debatidas,& exami-
nadas; & o certo como cer-
to, o falſo como falſo, & o
provavel como provavel,tu-
do decidido: alli as heregias antigas,& modernas, expugnadas,& as cavillaçoẽs dos Hereges desfeitas,& os Textos ſagrados corruptos, & adulterados por elles; conſervados em ſua original pureza: os Arrios,os Apollinares, os Macedonios, os Neſtorios, os Donatos, os Pelagios, os Manichéos, os Eutiquios, os Elvidios, os Iovinianos, os Vigilancios, & os Luteros,& Calvinos,que em noſſos tempos os reſuſcitàraõ, ſepultados outra vez, & convencidos: alli finalmente os vicios perſeguidos, os abuſos emendados, as virtudes ſincéras,& ſolidas,louvadas, as falſas,& aparentes confundidas, & toda a perfeiçaõ Evangelica digeſta, praticada, & poſta em ſeu ponto.

168 E para tudo iſto (q̃ muitos naõ entendem, nem capacitaõ) que comprehenſaõ, & vaſtidaõ de todas as Sciencias divinas, & humanas era neceſſaria: que memoria de todas as hyſtorias ſagradas,& profanas: que eſcrutinio da Chronologia de todos os tempos: que noticias

cias de todas as terras,& gentes, de ſuas Leys, coſtumes, ceremonias, ritos: que intelligencia, & conhecimento exacto de todas as linguas, Latina, Grega, Hebréa, Caldaica, Syriaca, humas originaes dos Textos ſagrados, outras em que forão vertidos. E que eſtudo, que applicaçaõ, que continuaçaõ, & trabalho era outroſim neceſſario para adquirir eſta immenſa erudiçaõ, ajudado o engenho natural, & elevado de continuas oraçoens ao Ceo, donde vem a verdadeira Luz? Eſtas eraõ as minas, em que cavavaõ, & ſuavaõ aquelles diligentiſſimos, & utiliſſimos operarios, eſtas as riquezas ineſtimaveis, que metiaõ, & acumulavaõ nos theſouros da Igreja, eſtas as armas finiſſimas, & eſcudos impenetraveis, de que forneciaõ a Torre de David, para as futuras occaſioens, & batalhas, como hoje ſe experimenta: empregando, & applicando a eſtas (que com razaõ ſe chamaõ obras) todas as forças do eſpirito, todas as potencias da Alma, & todos os ſentidos do corpo; negandolhe o deſcanço de dia & o repouſo, & ſono de no te; & chegãdo a naõ goſtar nem ſentir a meſmo que co miaõ, como o meſa d'ElRe S. Luis de França lhe acon tecéo a Santo Thomás. Ma como eraõ taõ doutos, & ſa bios, ſabiaõ melhor que to dos, quam grande couſa h ſer Santos, & por iſſo o pro curavaõ elles ſer com eſ vida, & que os demais o fo ſem com eſta meſma doutri na.

169 Por outro cami nho bem diverſo conquiſtà raõ o ſer Santos os Anacoré tas, deixando o trato, & com municaçaõ das gentes, & in doſe viver aos deſertos; ma tambem là lhe naõ faltàra batalhas, porque ſe levava a ſi comſigo; nem vitorias porque os levava Deos. Eſta eraõ as plantas do Ceo, de eſtavaõ cultivados os ermo da Paleſtina, da Thebaida do Egypto, & aqui vivian como Anjos, porque ſoube raõ fugir dos homens, o Paulos, os Hilarioens, o Arſenios, os Inofres, os Pa comios, os Macharios. En muitos annos, & alguns en

to

a a vida naõ ſe viaõ: eraõ
èm muito para ver a-
llas veneraveis caãs nun-
tocadas de ferro, como
zareos da Ley da Graça,
l de noventa, qual de ce-
qual de cento,& vinte an-
s, eſtendendo o jejum,& a
linencia as vidas, que tã-
desbarata,& abrevia o re-
o. Habitavaõ as grutas,
:ovas, das quaes quando
iaõ, mais pareciaõ cada-
res, que homẽs vivos. Das
os de S. Pedro de Alcan-
eſcreve Santa Thereſa,q̃
õ como feitas de raizes:
o meſmo podemos dizer
s eſtatuas, ou ſemelhanças
ſles Santos velhos, ſecos,
llidos, mirrados, & como
tos, ou tecidos das raizes
s meſmas hervas,de que ſe
ſlentavaõ.

170 Mas como na car-
enfraquecida,& debilita-
cõ as penitencias ſe criaõ,
creſcem os mais robuſtos
piritos, invejoſos os do in-
rno de tanta Santidade, ſe
mavaõ fortemente contra
les, & fazendo daquelles
ſertos campanha, lhe da-
õ cruelíſſimos combates.
umas vezes lhe appareciaõ
os demonios transfigurados
em Aſpides, Baſiliſcos, Dra-
goens, & outros monſtros
horrendos, que os queriaõ
tragar, como ao grande An-
tonio: outras os aſſombra-
vaõ com tremores eſpanto-
ſos da terra, relampagos, tro-
voens,& rayos, com que pa-
recia que as meſmas grutas
ſe partiaõ,& cahiaõ ſobre el-
les os montes: & talvez na
mayor ſerenidade, & freſcu-
ra do ar, lhe traziaõ, & pu-
nhaõ diãte dos olhos as meſ-
mas figuras humanas, de que
tinhaõ fugido, mais capazes
pelo geſto, & pelos trajos de
provocar amor, que medo;
& eſte eraõ entre todos os
mais apertados, & furioſos
aſſaltos. Mas que faziaõ a-
quelles conſtãtiſſimos Atle-
tas da caſtidade, quando os
cilicios, de que ſempre anda-
vaõ armados, lhe naõ baſta-
vaõ? Ou ſe valiaõ dos la-
gos, & rios enregelados, co-
mo S. Franciſco, ou das ſil-
vas, & eſpinhos, como Saõ
Bento, ou do fogo metendo
nelle a maõ, & deixando
derreter os dedos, como S.
Diogo: & deſta ſorte com a
memoria do meſmo inferno
que

que lhe fazia a guerra, o vẽciaõ, & triumfavaõ delle. Assim venciaõ, porque eraõ assistidos da Graça de Deos, & assistiaos Deos taõ efficazmente com sua graça, porq̃ elles continuamẽte assistiaõ tambem a Deos, orando, & contemplando.

171 De alguns se escreve, que de noite mediaõ as horas da oraçaõ com hũ novo, & admiravel relogio do Sol; porque começavaõ a orar, quando se punha, & acabavaõ, quando nascia. Mais fazia Simeaõ Estelita, a quem com razaõ podemos chamar Anacoréta do ar, & naõ da terra. Vivia sobre huma coluna de trinta & sinco covados de alto, onde perseverou oitenta annos ao Sol, ao frio, à neve, aos ventos, comendo huma só vez na somana, & orando de dia, & de noite quasi sem dormir. Humas vezes orava de joelhos, & postrado; outras em pè, & cõ os braços abertos, & nesta postura estava reverenciando continuamẽte a Deos com taõ profundas inclinaçoens, que dobrava a cabeça até os artelhos. Theodoreto, testemunha vista, quiz saber o numero destas inclinaçoens, & tendo contado mil duzẽtas & quarenta & quatro, cançado de contar, naõ foy por diante. Oh assombro, oh prodigio, oh exemplo singularissimo do que pòde a fraqueza do nosso barro fortalecida da Graça! Hum tal genero de vida mais foy admiravel, que imitavel. Mas o que mais admira, he, que lhe naõ faltàraõ imitadores. Estelita quer dizer o Habitador da coluna, & ouve outro Estelita tambem Simeaõ, & outro Estelita Daniel, & outros. Tanto preço tem, no que o sabem avaliar, o seu Santo.

§. VIII.

172 Por remate, ou por coroa de todos os Santos poem a Igreja no ultimo lugar o suavissimo coro das Virgens, cujas vozes, posto que mais delicadas, mas igualmente fortes, nos acabaraõ de persuadir, com ellas se persuadiraõ, esta mesma verdade. Pesame de che

gar taõ tarde a eſta Ge-
chia, em que he obriga-
determe mais hũ pouco,
s como a materia he de
à, ao menos das grades
ra dentro ſerà de agrado.
s de fóra ſeja embora de
ciencia.

173 Que extremos naõ
ràraõ as Santas Virgẽs por
Sáras? Que façanhas naõ
prendéraõ varonilmente?
ue rigores, & aſperezas naõ
ecutáraõ em ſi meſmas?
ue galas, que regalos, que
licias, & contentamentos
vida: que riquezas, que
andezas, que pompas, &
rtunas do mundo naõ deſ-
ezáraõ? Que finezas, que
ceſſos, que machinas dos
ue as pretendiaõ, naõ reſi-
raõ? Que vodas humanas,
r altas, & ſoberanas que
ſſem, naõ renunciáraõ, ſó
r conſervar, & defender a
rginal pureza, & manter a
ẽ promettida a Chriſto,
om quem ſe tinhaõ deſpo-
do? Santa Edita, filha de
lgaro Rey de Inglaterra,
orto o pay, & hum irmaõ
ue tinha unico, ficou her-
eira do Reyno, & por mais
ſſancias que lhe fizeraõ os
Povos juntos em Cortes, que
ſe cazaſſe, nem o amor da
Caſa Real, em que naſcéra,
nem a ſucceſſaõ da Familia,
& da Coroa, nem a memoria
do pay, & irmaõ, que nella
ſe extinguia, foraõ baſtantes
para a mover hum ponto da
firmeza de ſeu propoſito, nẽ
para a arrancar do canto de
huma Religiaõ, onde cuber-
ta de cilicio amortalhou a
vida, & depois ſepultou o
corpo, que permanecéo in-
corrupto. Santa Eufroſina,
Senhora illuſtriſſima em A-
lexandria, naõ podendo de
outro modo fugir, & eſcapar
de ſeu pay, & do matrimo-
nio nobiliſſimo concertado
por elle, mudando o trajo de
mulher, & o nome, & cha-
mandoſe Eſmaragdo, deſco-
nhecida, & em terra eſtra-
nha, tomou o habito de Mõ-
ge, em que viveo trinta & oi-
to annos enterrada em huma
eſtreita cela, donde nunca
ſahio. Santa Petronilla, fi-
lha do Principe dos Apoſto-
los S. Pedro (antes de ſer
chamado ao Apoſtolado)
tendo feito voto a Chriſto
de perpetua virgindade, &
naõ ſe podẽdo defender das
vodas

vodas de Flaco, Senhor Romano, que com amor a solicitava, & com poder de armas a queria obrigar a ser sua Esposa, pedio de prazo tres dias para deliberar, & nelles com ferventissimas oraçoens impetrou do mesmo Christo lhe tirasse a vida; & assim o conseguio valerosa, & glorioſamente no fim do terceiro dia. Mais violentamente se defendéo de semelhante perigo Santa Maxelende, illustrissima por sangue nos Estados de Flandes; mas mais illustre pela causa de o haver derramado. Celebráraõse com grande pompa as festas das vodas concertadas por seus pays com Harduino, Senhor principal, rico, & poderoso, que entre muitos que pretendiaõ esta fortuna, a tinha alcançado: foy levada por força a Santa Virgem às mesmas festas; mas negou a maõ com tal dezengano, & perfidia nelle cõ tal firmeza, q̃ afrontado, & corrido o esposo de se ver desprezado, trocádo o amor em furia, se arremeçou à espada, & a Santa se deixou matar intrepidamente.

174 E posto que e tantos, & taõ apertad casos fosse admiravel o va lor, & constancia, com qu todas estas Santas defend raõ a pureza virginal, que t nhaõ promettido a Christo considerada porèm a condi çaõ natural de mulheres, ain da tenho por mayor façanh a de Santa Brigida Virgem chamada a de Escocia, & de Santa Vvilgo fortis, qu alguns com errado, mas ben apropriado nome chamaõ *Virgo fortis*. Eraõ estas San tas o extremo da fermosura & vendose por esta causa so licitadas; & pretendidas d muytos, & poderosos Senho res, para o matrimonio, pedi raõ a seu Divino Esposo a privasse daquella graça, qu outras tanto estimaõ, & con tantas artes affectaõ: & Senhor, que só se namòra d belleza da Alma, se agrado tãto desta petiçaõ, q̃ de repẽ te ficáraõ taõ feas, & disfor mes, q̃ ninguem as podia ver & so ellas se viaõ contentes.

175 Que direy dos ri gores, asperezas, & piedosas tyrannias, com que estes Anjos em carne a morti-

fica-

avaõ, affligiaõ, & verda-
iramente martyrizavaõ?
auſteridade de vida, o ri-
r, & horror das penitencias
Santa Clara, primeira co-
a do retrato original de
riſto crucificado, ſeu Pa-
e Sam Franciſco, quem ha
ie a poſſa declarar? A de
nta Azella, Virgem Roma-
, dentro em Roma, & quan-
Roma era o mayor thea-
o das delicias, & vaidades
mundo, declarou S. Hie-
nimo. Diz, que da mais
opuloſa Cidade fez ermo:
ie a terra nua lhe ſervia de
ma, & de lugar da Oraçaõ:
ie os juelhos, pela muita
ntinuaçaõ della, ſe lhe ti-
naõ endurecido em callos
mo de camello: que ſe ſu-
entava do jejum, & que ſó
quebrava cõ paõ, & agua;
as com tal moderaçaõ, &
rcimonia, que nunca nem
om o paõ matava a fome,
em com a agua a ſede: que
mais vio, nem foy viſta de
omem, ainda quando viſi-
va os ſepulchros dos Mar-
res, & que tendo huma ir-
aã tambem Donzella, eſta
amava, mas naõ a via. San-
Margarida, filha dos Reys
de Ungria, de quatro annos
tomou o Habito de Monja,
& de cinco ſe viſtio de cili-
cio: de dia para mortificar
os paſſos, entre os pès, & o
calçado metia certos abro-
lhos de ferro, & de noite pa-
ra o pouco ſono, que toma-
va ſobre huma taboa, ſe cin-
gia de pelles de ouriços com
todos ſeus eſpinhos. Santa
Genovefa, Padroeyra da Re-
al Cidade de Pariz, a quem
o famoſiſſimo Simeaõ Eſte-
lita deſde a Grecia, onde vi-
via ſobre a ſua coluna, man-
dava viſitiar a França, & en-
comendarſe em ſuas oraçoẽs
Santa Macrina irmaã de S.
Baſilio Magno, tanto no ſan-
gue, como na aſpereza, &
ſeveridade da vida: Santa
Lutgardis legitima filha do
glorioſiſſimo Patriarcha S.
Bernardo, ſingular herdeira
de ſeu ardentiſſimo eſpirito,
& digniſſimo exemplar de
todas as que veſtem, & pro-
feſſaõ o meſmo Habito:
Eſtas Santas Virgens, & mui-
tas outras, que extraordina-
rios modos de penitencias
naõ inventàraõ, mais enge-
nhoſas para ſe martyrizar a
ſi meſmas, que os tyrannos

para atormentar os Martyres?

176 He couſa digna de admiraçaõ, que padecendo os Martyrios pela Fé, & culto de Chriſto, os tyrannos naõ deſſem em executar nelles os meſmos tormentos da Paixaõ de Chriſto: mas iſto inventou, & executou em Santa Catharina de Sena, & em Santa Clara de Monte Falco o amor de ſeu Divino Eſpoſo. Catharina com as Chagas nas maõs, nos pès, & no lado, & a Coroa de eſpinhos na cabeça: & Clara com todos os inſtrumentos da meſma Paixaõ do Senhor inſculpidos, & entalhados no coraçaõ. Atè as doenças mais penoſas provocavaõ, & conſeguiaõ, para que onde naõ podiaõ chegar as dores fabricadas da arte, penetraſſẽ as da natureza, & naõ ouveſſe em corpos taõ delicados parte alguma dentro, nem fóra dos oſſos, que naõ penaſſe com particular tormẽto. Todas as enfermidades, de quantas he capaz o corpo humano, padeceo juntamente, & por toda a vida, Santa Lidovina com exceſſo da paciencia de Job, & afronta d induſtria do demonio. Hum Chriſtina ouve entre as ou tras; que naõ ſe ſatisfazend das penas deſta vida, pade ceo as do Purgatorio po muitos annos: como tam bem Santa Thereſa experi mentou as do inferno. meſma Santa Thereſa dizia *Aut pati, aut mori*: ou pade cer, ou morrer; porque naõ atrevia a viver ſem pa decer. E Sãta Magdalena d Pazzi, naõ ſey ſe cõ mayo energia: *Pati, non mori*: pa decer ſim, morrer naõ; pou que na morte acabaſe o exer cicio de padecer, & na vida dura, & perſevera. Mas di zeyme, Virgens puriſſima (ou dizeyo aos que o na ſabem entender) porque fo ſtes taõ ambicioſas de pe nas? A voſſa vida naõ er inculpavel, & innocente? A voſſas Almas naõ eraõ grati ſimas a Deos? Pois porqu ſois taõ inimigas, ou ta tyrannas de voſſos corpos Deixaõ eſſes rigores, & eſſa penitencias para as Theodo ras, & Pelagias, que fora grandes peccadoras: dei xayas para huma Maria Egy

pcia

iaca; que viveo dezasete
nos em torpezas enlaçada
demonio, & sendo laço
s homens; mas vòs, que
ō tendes peccados graves
ie pagar, & se alguns tive-
es leves, os tendes taõ abũ-
ntemente satisfeito, por-
ie vos mortificaes, porque
os affligis, porque vos mar-
rizais com tanto excesso?
orque sabiaõ quam grande
oula era ser Sãtas, & o que-
aõ ser mais, & mais.

§. IX.

177 E se estes extremos
zeraõ as Santas Virgẽs por
onservar a pureza virginal
a paz, que fariaõ para a de-
ender na guerra? A mayor,
mais dura guerra, com que
odiaõ combater a constan-
ia daquellas fortissimas dõ-
zellas os amorosos inimi-
gos, que taõ prendados esta-
vaõ de sua belleza, era a ter-
ivel, & perigosa indifferen-
ça, com que lhe propunhaõ
a eleiçaõ de hum de dous ex-
tremos, ou o matrimonio, ou
o martyrio; ou casar, ou
morrer; ou perder o estado
virginal, ou a vida. Entre
estes dous extremos naõ se
dava meyo, & cada hum
delles vestido das circũstan-
cias, que o acompanhavaõ,
ainda era mais perigoso, &
mais terrivel. Porque a vida,
que se lhe offerecia no ma-
trimonio, era adornada de
joyas, de riquezas, de deli-
cias, de grãdezas, de coroas,
& ainda do mesmo Imperio
do mundo: & a morte, que
se lhe ameaçava no martyrio
era armada de afrontas, de
açoutes, de carceres, de ca-
deas, de grilhoens, de alge-
mas, de espadas, de torque-
zes, de ferras, de rodas de
navalhas, de fogueiras, & de
todos os instrumentos, &
machinas, com que pòde a-
tormentar o ferro, & o fogo.
Deixo os menores estados, &
fortunas, posto que illustres,
& grandes, que a Santa Ci-
cilia se dotavaõ com as vo-
das de Valeriano, a Santa
Tecla com as de Tamiris, a
Santa Ines cõ o filho do Pre-
feito de Roma, a Santa Lu-
zia, a Santa Felicula, a Sãta
Flavia Domitilla cõ outros
de semelhãte calidade, & ri-
queza; só he muito para naõ
passar em silencio, que a San-

ta Diphna se offerecesse com o matrimonio a Coroa de Hibernia, a Santa Efigenia a de Ethyopia, & a Santa Catharina, & Santa Suzana todo o Imperio Romano, que naquelle tempo dominava o Universo; a huma com as vodas do Emperador Maximino, & a outra com as de Maximiano. Mas pezou tanto mais que tudo isto na estimaçaõ daquelles invenciveis coraçoens a pureza virginal, que professavaõ, & tinham consagrado a Christo, que pela cõservar inteira, & sem mancha dariaõ mil Coroas, & mil Imperios, pezandolhe sómẽte de ter huma só vida, & naõ mil vidas, a que deraõ, & sacrificàraõ pela defender. Naõ chegava Ines a ser mulher; porque era minina de treze annos, mas foy tam varonil, & tam bizarro o seu animo, que naõ só aceitou a morte como martyrio, mas a justificou como castigo. Disse quando a levavaõ a morrer, como refere Santo Ambrosio, que justamente hia sentenciado, & condenado à morte o seu corpo, pois contentàra a outros olhos, que naõ eraõ os de seu Esposo Christo: *Pereat corpus, quod amari potest oculis quibus nolo.*

178 E jà que estamos nesta materia, naõ vos quero ficar devedor de dous casos que em toda a Hystoria Ecclesiastica me contentáram singularmẽte, & de tal resoluçaõ, & bizarria, que só por instinto Divino se poderaõ emprender, & executar. Nã me noteis de multiplicar tãtos exemplos, porque quando se ha de fallar de muitos Santos, senaõ no dia de todos? A mayor deshumanidade, que os tyrannos usavaõ com as Santas Virgens, era mãdalas meter nas casas publicas entre as mulheres infames, para que alli perdessem por força a mesma castidade virginal, que defendiaõ; naõ entendendo q̃ esta virtude, como as demais, està na Alma, & naõ no corpo, & que só se perde pelo consentimento, & naõ pelo sentimento. Sendo pois levada Santa Eufrasia a huma destas casas, seguio-a hum soldado denodado, para lograr a occasiaõ. Era virgem pru-

udente, levava huma re-
ma de oleo comsigo, &
se ao soldado desta ma-
ira. Com condiçaõ, que
sistas do teu intento, eu te
rey hum oleo, com o qual
entrares untado nas bata-
as, naõ poderàs ser ferido
s inimigos. E para que
jas por experiencia a vir-
de deste oleo, eisaqui me
to o pescoço com elle, fa-
tu a prova com a tua es-
da, & seja com toda a for-
Fello assim o soldado, &
scarregando hum talho cõ
nayor força que pode; a
beça da Santa saltou fóra
s hombros, o corpo cahio
orto em terra, & a pureza
rginal ficou em pé, & in-
ira. Era Santa Eufrasia de
ntiochia, a que agora se se-
ie era de Aquilèa, & cha-
avase Digna. Tendo ren-
do aquella Cidade Atila
ey dos Hunos, gente fe-
z, & barbara, coube esta
nta donzella por despojo
hum Capitaõ, o qual tam-
em a quiz despojar da mais
timada joya, que como tal
nha consagrado a Christo.
stavaõ alojados em huma
orre, que cahia sobre o rio
Natizon, & provocada Di-
gna do seu Patraõ, sem mo-
strar que se negava ao q̃ elle
pretendia, pediolhe que qui-
zesse subir ao alto da torre,
como a lugar mais retirado:
subiraõ, & tanto que là sevio
Digna, voltada para o bar-
baro, que vinha atrás, disse-
lhe: Se me queres lograr, si-
gueme: & dizendo isto, lan-
çouse da torre abaixo no
rio, onde afogando com a
vida a sua injuria, salvou cõ
a morte a sua castidade. Oh
Digna verdadeiramente di-
gna de eterna memoria, &
q̃ ao teu valor, & ao de Eu-
frasia se levantem duas esta-
tuas de bronze no Templo
da Virtude! Ambas tirastes
do perigo mais purificada a
pureza, huma por agua, ou-
tra por sangue; merecedoras
ambas, que por vòs se disses-
se de vosso Divino Esposo:
*Hic est Jesus, qui venit per a-
quam, & sanguinem; non in
aqua solum, sed in aqua, &
sanguine.*

179 Mas tornando às Santas Virgens, que aceitàraõ antes a morte, que o Matrimonio, só por conservar o estado virginal, ainda temos ou-

outras, que fizeraõ mayor façanha, porque conſervá-raõ o meſmo eſtado virginal juntamẽte com o Matrimonio. Iſto foy conſervarſe a C,arça verde no meyo das chamas,& naõ martyrio,que paſſou em hum, ou em poucos dias, ſeraõ de toda a vida. Santa Pulcheira, filha do Emperador Arcadio, & por morte de ſeu irmaõ Theodoſio herdeira do Imperio, cazou com Marciano, com tal condiçaõ, que ella havia de guardar o voto, que tinha feito de perpetua virgindade; & aſſim o guardou: o trono era commum, mas o talamo dividido. Mais fizeraõ aquelles dous famoſiſſimos pares, hum de Alemanha, outro de Inglaterra, a Emperatriz Santa Conegundes, & o Emperador Santo Henrique; a Rainha Santa Edita, & o Rey Santo Eduardo. Ambos eſtes Principes foraõ cazados, & em toda a vida, naõ ſó hum delles, ſe naõ ambos, reciprocamente virgens. E porque naõ pareça,que eſta ſoberania anda vinculada às coroas, & ſó ſe acha em animos reaes, na meſma virtude foraõ inſ gnes Santa Baſiliza, & S. Ju liaõ cazados,de fortuna par ticular, poſtoque de nobr ſangue. Mas ſe o eſtado d Matrimonio he taõ ſanto, ſendo dantes puro contrato o fez Chriſto hum dos Sa cramentos de ſua Igreja, & como tal huma das fontes d graça: ſe o uſo, & cõmerci natural delle he licito, & ju ſto; porq̃ ſe abſtiveraõ eſte Sátos, dos intereſſes do meſ mo cõmercio, do agrado ta doce, & lizõgeiro dos filhos da multiplicaçaõ da familia que o meſmo Deos cham bençaõ ſua; da ſucceſſaõ d caſa propria, para a qual o ſe trabalha, he com goſto, & o que ſe aquire,ſem dor,por que naõ ha de paſſar a ou tros, & finalmente porque ſ privàraõ daquelle unico re paro da mortalidade, & qui zeraõ naõ ſó morrer em ſi mas acabar comſigo? Só ſ admirarà deſta reſoluçaõ como de todas as outras, qu temos referido, quem na ſouber quam grãde couſa h ſer Santo, & quanto pòde ambiçaõ deſta grandeza, no que verdadeiramente a co

nhe

ıecem. Tudo o que a na-
reza appetece, tudo o que
ſentidos amaõ, tudo o que
goſto dezeja, tudo o que
ais ſolicita, & ſe pega ao
ıraçaõ, tudo o que honra a
emoria, & canſerva a po-
eridade, deixáraõ, & deſ-
rezáraõ eſtes Santos: & pe-
o contrario, tudo o que en-
ontra, & repugna a eſſes
eſmos appetites naturaes,
ıdo o que moleſta, & ffli-
e eſſes meſmos affectos hu-
ıanos, tudo mortificàraõ,
ıdo vencéraõ, tudo ſopeà-
aõ, tudo abraçáraõ por von-
ade, & ſem obrigaçaõ; por
oſto, & ſem repugnancia:
or amor, & ſem difficulda-
le: Porque? Porque que-
iaõ ſer, & haviaõ de ſer Sã-
os: & por iſſo hoje o ſaõ, &
s celebramos como Bem-
ıventurados: *Beati.*

§. X.

180 De todo eſte largo diſcurſo eſtou vendo que tiraſtes duas concluſoens, todos os que me ouviſtes; hũa muito conforme ao aſsũpto, que propuz, & outra muito contraria a elle. A primeira concluſaõ he, que verdadeiramente, & ſem duvida, he muito grande couſa o ſer Sãtos. Porque ſe Deos entre todos ſeus attributos de infinita perfeiçaõ eſtima, & em certo modo reverẽcia ſobre todos o attributo de Santo: & ſe todas as Peſſoas da Santiſſima Trindade, & cada huma em particular, nos deraõ tam ſoberanos exẽplos, & documentos deſta meſma eſtimaçaõ: ſe a Virgem Mãy de Deos, por Antonomaſia Virgem, prudentiſſima, entre todos os bens, & felicidades da terra, & do Ceo, nenhuma outra lhe levou os olhos, roubou o coraçaõ, & prẽdeo os paſſos, ſenaõ a ſantidade de todos os Sãtos, em q̃ tambem o meſmo Deos ſeu Filho a ſublimou ſobre todos; ſe os Anjos, & Serafins, que aſſiſtem ao lado do Trono Divino, o que ſó exaltaõ, & apregoaõ, & os louvores, que cantaõ à Mageſtade de ſeu Senhor, he ſer Santo, Santo, & mais Santo: & ſe a excellencia, em que o meſmo Senhor confirmou aos Anjos bons, & obedientes, & a de que privou aos maos, & rebeldes, foy a de ſer Santos: & ſe os Santos de todas as

Gerarchias Patriarchas, Profetas, Apoſtolos, Martyres, Confeſſores, Virgens, tanto trabalháraõ, tanto padeceraõ, & taes extremos, & exceſſos fizeraõ por chegar, como chegaraõ, a ſer Santos; naõ ha duvida, que o ſer Santo he grande couſa, & naõ ſó grande, ſenaõ a mayor de todas. E eſta he a primeira cõcluſaõ, que inteiramẽte concorda com a primeira parte do meu aſſumpto.

181 A ſegunda concluſaõ, & totalmente contraria à ſegunda parte delles, he q̃ eu prometti de vos provar quam facilmente podemos todos ſer Santos, & tudo quanto atègora tenho moſtrado, & diſcorrido pelas vidas, & acçoens dos meſmos Santos, & por ſuas grãdes batalhas, & vitorias, ſaõ couſas todas taõ difficultoſas, & repugnantes à natureza, & taõ ſuperiores à fraqueza humana, que antes parecenos impoſſibilitaõ totalmente, & nos tiraõ toda a eſperança, naõ ſó de chegar a ſer, mas ainda de aſpirar a ſer Sãtos. Ora naõ vos deſanimeis os q̃ iſto inferis, antes vos animay, & conſola muyto; porque a facilidade que vos prometti, ainda h mais facil do que eu o pro puz, & vôs podeis imagina Tudo o que fizeraõ os San tos por ſer Santos, foy muit bem empregado, & aind pouco; porque muito mai importa, muito mais val, & muito mais he ſer Santos mas para chegar ao ſer, na he neceſſario tanto, ſenaõ muito menos. Naõ he ne ceſſario guardar a perpetua continencia das Virgens porque tendes a licença, & liberdade do Matrimonio cõ que foraõ Santos, Adaõ & Eva, Zacharias, & Iſabel Joachim, & Anna. Naõ h neceſſario ſer Anacoréta, ni ir viver aos deſertos, porque podeis ſer Sãtos na voſſa caſa, como Joſeph, Samuel, David, que morreraõ na ſua Naõ he neceſſario ſer Doutor, nem queimar as peſtanas ſobre os livros, porque baſta que ſaybais os Myſterios da Fé, & os Mandamentos, como S. Paulo, por ſobrenome o Simplez, S. Junipero, S Hermano, & aquelles de quem dizia Santo Aguſtinho

o: Levantaõſe os indou-
, & levaõ o Reyno do
o aos Letrados. Naõ he
ceſſario ſer Martyr, porq̃
õ ſó naõ padecendo mar-
rio, mas fugindo delle, &
condendovos, podeis ſer
nto, como o foy Santo
hanaſio, S. Feliz, S. Sil-
ſtre, & outros. Nem me-
s he neceſſario ſer Apoſ-
lo, Patriarcha, ou Profe-
, porque eſſes officios, &
gnidades paſſaraõ com o
mpo, & podeis ſer Santos,
mo o foraõ todos os que
pois delles vieraõ.

182 Pois que he neceſ-
rio para ſer Santo? Huma
couſa, & muito facil, &
ie eſtà na maõ de todos, &
e a boa conſciencia, ou lim-
eza de coraçaõ, como diz
noſſo thema: *Beati mundo*
rde. Olhay como Deos
uiz facilitar o Ceo, & o ſer
ntos, que poz a Bemaven-
urança, & Santidade em hũa
ouſa, que ninguem ha que
aõ tenha, & a mais livre, &
ais noſſa, que he o cora-
aõ. Aſſim como o coraçaõ
e a fonte da vida, aſſim he
mbem a fonte da ſantida-
e: & aſſim como baſta o
coraçaõ para viver, ainda q̃
faltem outros membros, &
ſentidos, aſſim, & muito
mais baſta a pureza de cora-
çaõ para ſer Santo, ainda que
tudo o mais falte. Se o ſer
Santo dependera dos olhos,
naõ fora Santo Tobias, que
era cego: ſe dependéra dos
pès, naõ fora Sãto Jacob, que
era manco: ſe dependéra de
algũ outro mẽbro do corpo,
naõ fora Santo Job, que eſta-
va tolhido de todos, & ſó
lhe ficou a lingua; & ainda
que naõ tivera lingua, tam-
bem fora Santo, porque San-
ta Catharina, ſendolhe a lin-
gua cortada, louvava a Deos,
com o coraçaõ; & com o co-
raçaõ ſem lingua, eraõ taes
as ſuas vozes, que as ouviaõ,
naõ ſó os Anjos no Ceo, ſe-
naõ tambem os circunſtãtes
na terra. De ſorte, que para
hũ homem ſer Santo, naõ he
neceſſario couſa algũa fóra
do homem nem ainda he ne-
ceſſario todo o homem: ba-
ſtalhe huma ſó parte, & eſſa
a primeira, que vive, & a ul-
tima que morre, para que
lhe naõ poſſa faltar em toda
a vida, que he o coraçaõ.

183 Tendo o coraçaõ pu-

puro, & ou vos faltem, ou ſobejem todas as outras couſas, nem a falta vos ſerà impedimento, nem a abundancia eſtorvo para ſer Santo. Prov. 30.8. Salamaõ pedia a Deos, que o naõ fizeſſe rico, nem pobre; mas que lhe deſſe o neceſſario para paſſar a vida, receando que naõ poderia ſer Santo em qualquer daquelles extremos; mas eu vos aſſeguro, que ou ſejais rico, ou pobre, ou pobriſſimo, de qualquer modo podeis ſer Santo. Se fordes rico, & poderdes dar eſmola, daya, & ſereis Santo, como foy S. Joaõ Eſmoler: ſe fordes pobre, & tiverdes neceſſidade de pedir eſmola, pedia, & ſereis Santo, como foy Santo Alexo: & ſe fordes taõ deſemparado, que naõ tenhais quem vos dé eſmola, tende paciencia, & ſereis Santo, como foy S. Lazaro.

184 Tertulliano teve para ſi, que os Reys, & Emperadores naõ ſó naõ podiaõ ſer Santos, mas nem ainda Chriſtaõs; mas errou neſte ſentimento, como em outros Tertulliano; porque eſcreveo quando ainda no Chriſtianiſmo naõ havia ma coroas que as do martyri Rey foy de França S. Luis Rey de Inglaterra Santo E duardo, Rey de Eſcocia Guilhelmo, Rey de Suec S. Erico, Rey de Dinamarc S. Canuto, Rey de Boem S. Caſimiro, Rey da Noro ga S. Oláo, Rey de Caſtel S. Fernando, & Emperad Santo Henrique; & tod Santos. Porque ſe na gra deza da ſua fortuna tem m yor materia para os vicios Principes, tambem tem ma alta esfera para as virtude

185 Das Dignidad Eccleſiaſticas ſe deve faz o meſmo juizo. Huns Sa tos vereis cõ Mitras de Bi pos, com Capellos de Ca deaes, & Teàras de Pontif ces na cabeça, & outros co eſſas Mitras, Capellos, Teàras aos pès: & porque Huns, porque deixàraõ luſtre da dignidade, outr porque ſuſtentàraõ o pezo huns porque reconhecèraõ perigo, outros porque cont nuàraõ o trabalho; mas hũ & outros, Santos. Naõ fo menos Santo Saõ Gregori ſendo Papa, do que S. Pedr

Ce

leſtino porque renunciou
eàra: nem menos Santo
uſtinho ſendo Biſpo, de
e Santo Thomás porque
uſou as Mitras: nem me-
s Santo S. Carlos Borro-
o ſendo Cardeal, do que
Franciſco de Borja, porque
ō quiz aceitar os Capel-
.

186 Aquelle he, & ſerà
is Sáto em qualquer eſta-
, que uſar delle com mais
ro coraçaõ. E ſenaõ diſ-
rrey por todos os eſtados,
altos, ou baixos do mun-
, & achareis nelles o voſ-
, para que vejais, que no
ſſo, ſe quizerdes, podeis
r Santo. Que lugares ha
is mal avaliados no mun-
que os Palacios dos Reys,
mo officinas da vaidade,
potencia, da inveja, & do
gano, onde nunca, ou ra-
mẽte entra a verdade mas
em por iſſo ha nelles offi-
o, que naõ eſteja ſantifica-
. Mordomo Môr foy S.
codegario, Camareiro Môr
Jacinto, Eſtribeiro Môr
Vandrigilo, Monteiro
Môr S. Maureneo, Porteiro
Môr S. Patricio, Copeiro
Môr S. Patróclo, Capitaõ da
Guarda S. Sebaſtiaõ, Veador
S. Saturo, Sacretario Santo
Anaſtaſio, Conſelheiro S.
Joaõ Damaſceno, S. Germa-
no, S. Melanio, & em cada
hum deſtes officios muitos
outros Santos.

187 Huma das profiſ-
ſoens mais arriſcadas a naõ
ſer juſto, he a dos Miniſtros
da Juſtiça, ou ſejaõ os que a
ſentenceaõ, ou os que a de-
fendem, ou os que a eſcrevẽ,
ou os que a executaõ; mas
todos, ſe o fizerem com pu-
reza de coraçaõ, pòdem ſer
Santos. Santo Ereberto, &
Santo Thomàs de Cantuaria
foraõ Chancelleres. S. Hye-
roteo, & S. Dionyſio Areo-
pagíta Dezembargadores, S.
Pudente, & S. Apollonio,
Senadores, S. Fulgẽcio Pro-
curador da Fazenda Real:
Santo Ambroſio, S. Chryſo-
ſtomo, & S. Cypriano Avo-
gados: Saõ Marciano,
Saõ Geneſio, & Saõ Clau-
dio Eſcrivaens: Santo Ana-
ſtaſio, & S. Ferreolo Juizes
do Crime: S. Aproniano, &
S. Baſilides Esbirros, ou Be-
leguins; & atè no viliſſimo
exercicio de Algozes foraõ
Santos S. Cyriaco, S. Eſtra-
to-

tonico, & outros.

188 Em nenhum genero de vida parece que anda mais arriſcada a eterna, que no daquelles, que trazem a ſoldo a temporal à cuſta do ſangue proprio, & alheyo: taõ duros como o ferro, de que ſe veſtem, taõ violentos como o fogo, de que ſe armaõ, & taõ vaõs, & jactancioſos como o vento, que nas caxas, & trombetas os chama, & nas bandeiras os guia. He porèm infinito o numero de Soldados Santos, que dando a vida conſtantemente por Chriſto na Igreja Militante, ornados de coroas, & palmas entráraõ na Triumfante. Sò na perſeguiçaõ de Trajano padecèraõ Martyrio de huma vez. Seis mil Soldados, que foy a famoſa Legiaõ dos Thebèos: & na de Diocleciano, & Maximiano tambem em hum ſó dia. Dez mil, deſterrados primeiro para a Armenia, & depois crucificados. Naõ fallo nos Generaes, como S. Euſtachio, & Conſtantino, nem nos Marichaes, como S. Nicoſtrata, & Santo Antiocho; nem nos Tribunos, ou Meſtres de Campo, como S. Marcellino, & S. Floreano nem nos Capitaens de Cavallos, como S. Querino, & S. Vital; nem nos Capitaens de Infantaria, como S. Gordio, & S. Marcello, nem nos Alferes, como S. Exuperio & S. Juliano; porque da virtude, & valor dos Soldados ſe vè quam Santos ſeriaõ os que os governavaõ.

189 S. Paulo diſſe, que a raiz de todos os peccados he a cubiça; & eſtando eſtas raizes taõ arraygadas nos profeſſaõ a mercancia, & taõ eſtendidas em cada hum por todas as partes do mundo nem por iſſo deixaõ de produzir frutos de Santidade. Dellas naſcèo hum S. Franciſco de Aſſiz, hum S. Fulgencio, hum S. Guido, & naõ ſó hum, ſenaõ dous Firumencios, ambos Santos, & outros muitos.

190 E ſe de todos eſtes exercicios de ſua natureza taõ perigoſos, & quaſi encontrados com aquelles, em que ſe lavraõ os Santos, tem dado a terra ao Ceo tantos & taõ glorioſos, que ſerà nos officios, & artes mecani-

as, em que o trabalho cõ-
heiro inſeparavel das
tudes, deſterra a ocioſida-
, q̃ he origem de todos os
ios ? Naõ fallando no
rioſiſſimo S. Joſeph, nos
tos Apoſtolos , & no
ſmo Chriſto , que depois
fabricar o mundo, ſe nam
prezou de trabalhar em
na deſtas artes, eſcolhen-
entre todas a q̃ mais ſim-
ia tinha com o Lenho da
uz. S. Jacobo de Boemia
Carpinteiro , S. Sinfo-
no Eſcultor, S. Paulo Hel-
ico Torneiro , S. Floro
rador, S. Eligio Ourives,
Andronico Prateiro , S.
uſtano Ferreiro , S. Mar-
no Armeiro , S. Gildas
ndidor , S. Proculo Pe-
eiro , S. Criſpim C,apatei-
, S. Homobono Alfayate,
Onufrio Tecelaõ, S. Gual-
do Celeiro , S. Aquilas
rrieyro , S. Joaõ de Deos
vreiro , S. Iſidoro Lavra-
r , S. Mauricio Hortelaõ,
eonardo Paſtor , S. Alde-
o Vaqueiro , S. Arnoldo
rinheiro , S. Pathenio
ſcador , S. Venthiro Al-
ereve, S. Richardo Carrei-
, S. Adriano Correyo , S.
Guilhelmo Moleiro , S. Ge-
miano Taverneiro , S. Qui-
riaco Cozinheiro, S. Alexan-
dre Carvoeyro , S. Henrique
Carniceyro , S. Erinéo Var-
redor das immundicias , ou
Carretaõ : & naõ ha officio,
eſtado, ou exercicio tam tra-
balhoſo, tam baixo , & ainda
tam pouco limpo , que ſe ſe
faz com limpeza de cora-
çaõ , naõ poſſa fazer Santos.
Beati mundo corde.

§. XI.

191 Temos viſto como em todos os eſtados , em to-
dos os officios , & em todas as fortunas, podemos alcáçar a mayor fortuna de todas , q̃ he ſer Santos : temos viſto, q̃ o inſtrumento neceſſario pa-
ra ſer Santos, he ſó, & unica-
mente o coraçaõ , com tanto que ſeja puro , & limpo ; ſó reſta para complemento da facilidade, com que vos pro-
metti , que todos podemos ſer Santos , declarar quam facilmente pòdem todos cõ-
ſeguir eſta meſma limpeza. A limpeza do coraçam con-
ſiſte em eſtar limpo de pec-
cados , & naõ ha nenhum pec-

peccador; por grande que seja, que naõ possa conseguir esta limpeza de coraçaõ, taõ breve, & taõ facilmente, q̃ se entrou nesta Igreja peccador, naõ possa sair della Santo. Presentouse a Christo hum Leproso, & pondose de joelhos: *Genu flexo*: disse assim: *Domine, si vis, potes me mundare*: Senhor, se quereis, bem me podeis alimpar desta lepra. Respondeo o Senhor: *Volo, Mundare*: Quero, Sé limpo: & no mesmo ponto ficou limpo daquelle taõ feyo, & taõ asqueroso mal: *Et confestim mundata est lepra ejus.* Pòde haver mayor brevidade, pòde haver mayor facilidade de cõseguir a limpeza? Parece q̃ naõ. Pois eu vos digo, & he de Fé, que muito mais breve, & muito mais facilmente podeis conseguir a limpeza de coraçaõ, se o mesmo coraçaõ quizer. A lepra do coraçaõ mais fea, mais immunda, & mais asquerosa que a do corpo, he o peccado. E para que vejais quanto mais facil, & mais brevemente se consegue a limpeza desta lepra; ponhamos o mesmo Leproso, que Christo curou, vista de hum coraçaõ tam bem leproso pelo peccado & veremos qual consegue limpeza com mayor facilidade.

Matt. 8.3.

Ib. 3.

192 Estava leproso coraçaõ de David, naõ outro senaõ aquelle coraçaõ, quem elle disse com os mesmos termos do nosso Texto *Cor mundum crea in me Deu* E estava taõ penetrado lepra, que havia jà hũ ann que perseverava no peccad quando o exhortou o Prof ta Natan, a que considera o estado miseravel de s consciencia, & se converte se de todo coraçaõ a Deos de quem vivia taõ esquec do. Fello assim David: m que fez? Sómente disse: *p cavit*: Pequey: & naõ tin bem pronunciado esta pal vra, quando o Profeta l disse, que jà estava perdo do, & restituido à graça Deos: *Dominus quoque tra stadit peccatum tuum.* Co paray me agora a David co o Leproso, & vede qual c seguio a limpeza da lep mais facil, & mais brevem te. O Leproso pozse de ju lho

os: *Genù flexo*; & David
ō ſe ajuelhou: o Leproſo
ſe cinco palavras: *Sivis*,
tes me mundare: & David
ō diſſe mais que huma:
ccavi: & com tudo iſto o
proſo naõ tinha ainda cō-
guido a limpeza, antes eſ-
va duvidoſo della: *Sivis*:
David jà a tinha conſegui-
, & eſtava certificado diſ-
da parte do meſmo Deos:
*ominus quoque trāſtulit pec-
tum tuum.* Logo muito mais
cil, & muito mais bre-
mente conſeguio o cora-
ō de David a limpeza da
a lepra, do que o Leproſo
da ſua. Mas quando a con-
guio o Leproſo? Quando
hriſto lhe reſpondeo: *Volo
Aundare*: Quero, Sé limpo.
gora vos peço eu, que me
ſpondais a mim, & eu vos
remetto, que com a voſſa
epoſta ficaràõ limpos os
oſſos coraçoens, ainda mais
revemente que o Leproſo
om a repoſta de Chriſto;
orque a repoſta de Chriſto
ommunicou a limpeza ao
eproſo com duas palavras,
a voſſa repoſta ha de com-
unicar a limpeza aos voſ-
os coraçoens ſó com huma
ſillaba. Reſpondey pois, Chriſtaõs, ao que vos pergunto. Naõ vos peſa muito de ter offendido a hum Deos infinita Mageſtade, & Bondade, por ſer elle quem he? Naõ vos peſa, & vos arrependeis entranhavelmẽte de ter ſido taõ ingratos a hum Deos, que vos criou, & vos deu o ſer, & vos remio com ſeu ſangue? Naõ deteſtais de todo coraçaõ todos voſſos peccados, por ſerem offenſas ſuas? Naõ tendes neſta hora firmes propoſitos de nunca mais o offender? Sim? Pois eſte ſim dito de todo coraçaõ baſta, para que o meſmo coraçaõ fique, & eſteja jà limpo de todos ſeus peccados: & eſte ſim, ſendo huma ſó ſillaba, fez nos voſſos coraçoens o meſmo effeito, & mais maravilhoſo, ainda que as palavras de Chriſto no Leproſo.

193 Pois ſe na limpeza do coraçaõ conſiſte o ſer Sãtos, & eſta limpeza de coraçaõ ſe pòde conſeguir taõ facilmente ſó com hum movimento do meſmo coraçaõ: que coraçaõ haverà taõ fraco,

co,

co, ou que homem de taõ fraco, & de taõ pouco coraçaõ, que naõ ſe reſolva a ſer Santo? Se o ſer Santo fora huma couſa muito difficultoſa, bem nos merecia o Ceo, & a Bemaventurança, que pela gozar eternamente ſe venceraõ todas as difficuldades. Mas he taõ facil, que ſem vos bolir do lugar, onde eſtais, & ſem mover pè, nem maõ, nem fazer, ou padecer couſa alguma, ſó com hum acto do coraçaõ, & o acto mais natural, mais facil, & mais ſuave do meſmo coraçaõ, que he amar, & amar o ſummo bem, podemos ſer Santos. Exhorta Moyſés a amar a Deos de todo coraçaõ, que he o Mandamento, em que ſe encerraõ todos, & conclue aſſim: *Mandatum hoc non ſupra te eſt, neque procul poſitum*: Este Mandamento nam he ſobre nòs, nẽ eſtà longe de nòs: ſe fora ſobre nòs, & eſtivera là no Ceo: *In cælo ſitum*: telohiamos por impoſſivel: ſe eſtivera longe de nòs, & com muito mar em meyo: *Trans mare poſitum*: telohiamos por muy difficultoſo. Mas he muito facil

Deut. 30.11.
Ib. 12.
Ib. 13.

& eſtà muito perto, porq eſtà o cumprimento del dentro do noſſo coraçam: S *juxta te eſt ſermo valde in c de tuo.* Moyſés, que naõ pr mettia o Ceo, diſſe, q̃ eſta perto de nòs o cumprime to deſte preceito: mas Ch ſto, que promette o Ceo, ai da diſſe mais, & melho porque diz, que o preceit & o Ceo, & o merecimen delle nam ſó eſtà perto nòs, ſenam dentro de nòs *Regnum Dei intra vos e* Cuidamos, que o Ceo, ond ſubíraõ os Santos, eſtà muit longe, & enganamonos: Ceo nam eſtà longe, ſena muito perto, & mais ainc que perto, porque eſtà de tro de nòs, & dentro do qu eſtà mais dentro, que he coraçam. E que haja Alma & tantas Almas, que tendo Ceo dentro de ſy na vida, f quem fóra do Ceo na mo te: & quem podendo tam fa cilmẽte purificar o coraçaõ & ſer Santas, ſó porque nã querem, o nam ſejaõ? Se pa ra amar a Deos, & ganhar Ceo, ouveramos de atrave çar os mares tormentoſos, & contrattar com todos os ele

men

entos; pouco era que se fi-esse pela Bemaventurança erta do Ceo, o que tantos zem por tam pequenos in-ereſſes da terra: mas tendo-os Chriſto tam facilitada a emaventurança, que entre meſma Bemaventurança, & coraçam naõ haja mais que condiçam de ſer limpo: *Beati mundo corde*: & poden-o o meſmo coraçam alcan-ar eſſa limpeza em hum inſ-ante de tempo, & com hum ſto de amor, & de amor o ſummo bem; que naõ ſe-amos todos Santos, & nam ueiramos ſer Bemaventu-ados?

194 Quero acabar eſta dmiraçam com hum ay de . Bernardo prègando neſte eſmo dia aos ſeus Religio-os, o qual a elles, & a todos òde ſervir de exemplo, & e confuſaõ: *Beati mundo orde, quoniam ipſi Deum vi-ebunt: Beati planè, & omni-ò beati, qui videbunt, in quem eſiderant Angeli proſpicere. ibi dixit cor meum, exquæſi-it te facies mea, faciem tuam Domine requiram. Quid enim ihi eſt in cœlo, & à te quid olvi ſuper terram? De-fecit caro mea, & cor meum, Deus cordis mei, & pars mea, Deus in æternum: quando adimplebis me lætitiâ cũ vultu tuo? Uæ mihi ab immunditia cordis mei, quâ impediente, ne-dum mereor ad beatam illam viſionem admitti.* Quer dizer. Bemaventurados os limpos de coraçam, & verdadeira-mente Bemavẽturados, por-que elles veràm aquella face divina, a qual os Anjos ſem-pre eſtaõ vendo, & ſempre eſtaõ dezejando ver. A vòs, Senhor, diz o meu coraçaõ: Nenhuma couſa dezejo, ſe-naõ vervos de face a face, porque nenhuma outra ha para mim, nem na terra, nem no meſmo Ceo. Deſmaya o meu coraçam nas ancias de-ſte dezejo, porque ſó o Deos do meu coraçam he o unico, & todo o bem, que o pòde ſatisfazer. E quando che-garà aquella ditoſa hora, em que com a viſta de voſſo ro-ſto fique ſatisfeito? Mas ay de mim, diz Bernardo, que pela pouca limpeza de meu coraçaõ (quero-o dizer com as ſuas proprias palavras) ay de mim, que a impureza, & immundicia de meu coraçaõ

me impede; & faz indigno de ser admittido àquella bẽaventurada vista? *Væ mihi ab immunditia cordis mei, quâ impediente nedum mereor ad beatam illam visionem admitti.* E se isto dizia de sy hum coraçaõ tam puro, hum coraçam tam santo, hum coraçaõ tam elevado, tam extatico, tam serafico, & taõ abrazado no amor divino? Se isto dizia no coraçaõ de Bernardo a humildade; que dirà noutros coraçoens a verdade? Se o corpo estiver no clausstro, & o coraçam no mundo? Se o coraçam depois de se dar a Deos, estiver sacrificado ao idolo? Se o coraçaõ, que devèra estar cheio de charidade, & amor de Deos, estiver ardendo em amor, que naõ he charidade? Se as palavras, que saem do coraçaõ, & os pensamẽto que naõ saem, forem envo tos em impureza? Ay de coraçaõ, & de quem o te *Væ mihi ab immunditia c dis mei!* Este *Væ* & este de Sam Bernardo em dia Todos os Santos fique p materia de meditaçaõ a t dos os que o querem ser. A virtaõ porém, & tenhaõ p certo, que se este ay de c nhecimento, & temor se c verter em ay de dor, em de pesar, em ay de verdade ro, & firme arrependiment esse mesmo ay ditto de to coraçam, com ser huma sillaba (como dizia) basta para purificar de tal sorte mesmo coraçam, que sen nesta vida santificado p Graça, mereça ser na out beatificado por Gloria: *Bea mundo corde.*

SERMAM

DA

SEGUNDA DOMINGA DA

QVARESMA

Em Lisboa na Capella Real. Anno de 1651.

Resplenduit facies ejus sicut Sol ? vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix. Matt. 17.

§. I.

195 O Quinto Domingo da Quaresma chamase vulgarmẽte na nossa terra o Domingo das Verdades; & este Segundo Domingo, em que estamos, se he licito fallar assim, chamàralhe eu o Domingo das Mẽtiras. Mas que fundamento posso eu ter (me diram todos, & com razaõ) que fundamento, ou motivo posso eu ter para dar hum nome tam novo, & ainda taõ mal soante, & indecente a hum dia tam sagrado, como saõ entre todos os do anno os Domingos, & a hum Domingo taõ singular, como he entre todos os desta santa

ſanta Quarentena aquelle, a que a Igreja dedicou o Myſterio altiſſimo da Transfiguração do Senhor? As cauſas porque Chriſto, Senhor noſſo, ſe transfigurou com tantas circunſtancias de reſplandor, grandeza, & mageſtade, deſcendo do Ceo o Padre, ſubindo do Seyo de Abraham Moyſes, & vindo do Paraiſo Terreal Elias, & aſſiſtindo a tudo os tres mayores Apoſtolos (como notaõ com Santo Aguſtinho os Padres, & com Santo Thomàs os Theologos) foram duas. A primeira, para nos dar algũas moſtras na terra, da Gloria que havemos de gozar no Ceo: a ſegunda, para que a verdade da meſma Gloria ficaſſe provada, & eſtabelecida com o teſtimunho univerſal de todas as tres Leys, a da Natureza em Moyſes, a da Eſcrita em Elias, & a da Graça nos Apoſtolos: & ſobre tudo com a voz infalivel do meſmo Deos, que de todos foy ouvida. Pois ſe no myſterio, & teſtemunho da Transfiguraçam de Chriſto nam ſó ſe contèm a Gloria da Bema-

Div. Aug. Div. Thom.

venturança em ſy meſma, ſ
naõ tambem a verdade
meſma Gloria para com no
co: & eſta Gloria, & eſ
verdade he o que hoje cel
bra, & manda prègar a todo
os Fieis a Igreja Catholica
como me atrevo eu a dizer
que hum dia tam ſolenne, &
glorioſo, & mais do Ceo,
da terra, ſe pòde, ou podi
chamar o Domingo das Mẽ
tiras? Reſpondo, que po
iſſo meſmo, & que em ſenti
do bem entendido, & decẽt
ſe pòde chamar aſſim. E por
que? Porque o que hoje ſ
prèga, ſaõ as excellencias d
Gloria do Ceo: & tudo o qu
ſe apregoa, & encarece d
Gloria do Ceo, poſto que n
que ſe quer dizer, ſeja verda
de, no que ſe diz he menti
ra.

196 Agora vereis, ſe h
arrojamento o que digo. En
tre os extraordinarios favo
res, que Deos fez a David
como homem tanto do ſe
coraçam, hum delles foy, &
por ventura o mayor, arre
batàlo hum dia, & levalo
em eſpirito ao Ceo, ond
correndo as cortinas ao Tro
no da Mageſtade Divina, &
a to-

todo o Teatro da Gloria, ne mostrou a que elle havia e gozar depois, quando o ilho de Deos, & Filho do nesmo David a comprasse om seu Sangue. Vendo pois David a Gloria dos Bemaenturados, que havia de ser ambem sua; que conceito os parece que faria da Gloia? Elle mesmo o disse, & oy admiravel: *Ego dixi in xcessu meo: Omnis homo mendax.* Naquelle extasi em que uy arrebatado, & levado ao Ceo, que fiz depois de ver o que vi, foy dizer, & exclamar, que todo o homem, mẽte. Notavel consequencia! Pedro vẽdo a Gloria do Tabôr, diz: *Bonum est nos hic esse*: & David vendo a Gloria do Ceo, diz: *Omnes homo mendax?* Sim: & com admiravel discurso. Como se dissera: he possivel, que esta he a Bẽaventurança do Ceo, he possivel, que isto he o que lá no mũdo chamamos Gloria? Ora o certo he, que nenhum homem ha que fallando da Gloria, naõ diga huma cousa por outra: nenhum homem ha que fallando da Gloria, diga o que ella he, senaõ o que naõ he: em fim, que fallando da Gloria, todo o homem mente: *Omnis homo mendax.* Este foy o conceito, que fez David, quando foy arrebatado ao Ceo: & nem eu tinha habilidade para dar em taõ alto pensamento, nem tivera confiança para sair com elle a publico; se o naõ dissera primeiro, commentando as mesmas palavras Theodoro Heracleóta, insigne entre os Padres Gregos, que floreceo ha mil & trezentos annos, Bispo de Heracléa na Thracia, & doutissimo Interprete das Escrituras sagradas, como delle escreve S. Hieronymo no Cathalogo dos Escritores Ecclesiasticos. As suas palavras saõ estas. *Exclamavit David in excessu suo: Omnis homo mendax: qui enim voce ineffabilia hortatur, mendax est: non quod oderit veritatem, sed quia deficit in rei intellectæ expositione.* Exclamou David no seu extasi (diz o grande Heracleóta) & naõ duvidou dizer, que todo o homem mente, porque todo o homem, que quiz explicar com palavras as cousas, que

Theo. Heracleót a.

Div. Hier. in Cathal. Script. Eccl.

saõ ineffaveis, & naõ tem termos, com que se declarar, necessariamente ha de mentir: naõ porque seja inimigo da verdade, mas porque a naõ pòde dizer como ella he. E esta he a razaõ, & o sentido verdadeiro com que eu digo, que o dia, em que os Prègadores fallamos das excellencias da Gloria, he o dia das mentiras.

§. II.

197 Mas antes que passemos a diante, deixaime provar, que o sentido, que acabo de referir, he o proprio, & genuino do Texto de David. A regra certa de conhecer o verdadeiro sentido de qualquer texto, como ensinaõ com Santo Agustinho todos os Theologos, & Interpretes das Escrituras, he a coherencia, q̃ tem o texto com os antecedentes, & consequentes delle. Se o que fica atràs, & o que se segue a diante correm naturalmẽte, & concordaõ com o que diz o texto, he final certo, & evidente de que aquelle he o seu proprio, literal, & verdadeiro sentido. Vejamos agora, que diz David antes, & depois de referir o seu extasi & a exclamaçaõ que nelle fez.

198 As palavras antecedentes saõ estas, & nenhũa outra mais, porque assim começa o Psalmo: *Credidi propter quod locutus sum, ego autem humiliatus sum nimis.* Eu (diz David) fallei conforme o que cri, & fiquei muito humilhado. Pois de fallar conforme o que cria, podia ficar humilhado hum taõ grande Profeta? Só no caso presente, sim. O que cria David, era o que lhe ensinava a Fé, & nenhuma cousa pòde humilhar a Fé, senaõ a vista. Foy arrebatado ao Ceo, vio là o que he a Gloria: & como as evidencias claras da Gloria excedem infinitamẽte todas as apprehensoens escuras da Fé, ficou humilhado, & como envergonhado David do pouco que tinha dito da mesma Gloria, quando fallou della guiado sómente pelo que cria: *Credidi propter quod locutus sum, ego autem humiliatus sum nimis.* Aquelle Cego de seu nasci-

men-

ento, a quem Chriſto deu iſta, muitas vezes tinha ouido fallar no Sol, mas quando com os olhos abertos vio verdadeiramente o que he o Sol, entaõ conhecèo quam differente, & quam baixo conceito era o que tinha feito da ſua luz, & da ſua fermoſura, que ſó conhecia de ouvidas. O meſmo lhe ſucedeo a David. Tinha fallado da Gloria ſó pelo que tinha ouvido à Fè: & por iſſo quando a vio com ſeus olhos, ficou taõ humilhado, taõ confuſo, & taõ corrido do pouco que tinha dito, que naõ duvidou de ſe deſdizer, & ſe deſmentir a ſi meſmo, & a todos os homens, que della fallàraõ: *Ego dixi in exceſſu meo: Omis homo mendax.*

199 As palavras, que logo acreſcenta, & ſe ſeguem immediatamente ao meſmo Texto, ſaõ eſtas: *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi?* Naõ pòde haver mayor coherencia, nem mayor propriedade. Com que pagarei (diz) a Deos, o muito com que Deos me pagou? Pois, David, jà Deos vos pagou, eſtando vos ainda neſta vida? Sim. Porque jà me moſtrou no meu extaſi a Gloria, que me tem apparelhado, & com que me ha de pagar no Ceo. Por iſſo lhe chama propriamẽte, naõ dadiva, nem merce, ſenaõ retribuiçaõ: *Pro omnibus quæ retribuit mihi.* A Gloria he a retribuiçaõ, o premio, & a paga, com que Deos paga no Ceos os ſerviços, que lhe fazemos na terra: & como Deos naquelle extaſi moſtrou a David a Gloria, com que lhe havia de pagar ſeus ſerviços; por iſſo elle com affecto de agradecimento, & com dezejo de fazer algum novo ſerviço a Deos, q̃ foſſe digna correſpondencia de tamanho premio, querendo pagar huma retribuiçaõ com outra retribuiçaõ; rompèo naquellas palavras: *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi?* Mas como dezejava David pagar a Deos eſta meſma paga, ſe os Bemaventurados, quando a recebem, nem a pagaõ, nem a podem pagar? A razaõ, & differença he, porque os Bamaventurados do Ceo jà

naõ eſtaõ em eſtado de merecer, nem ſervir. Porèm David depois de arrebatado, & levado ao Ceo, tornou a eſte mundo, & por iſſo era capaz de pagar a Deos a meſma paga, que lhe tinha moſtrado, & huma retribuiçaõ com outra.

200 Duvidoſo pois David, & excogitando o modo que podia ter neſta vida para pagar a Deos com paga equivalẽte à meſma Gloria, que lhe tinha apparelhado no Ceo, allumiado pelo meſmo Deos deu em hum penſamento altiſſimo, com que milagroſamente ſe confirma tudo o que dizemos: *Calicem ſalutaris accipiam, & nomen Domini invocabo*: Offerecerei a Deos em ſacrificio o Calix do Salvador, invocando ſeu ſanto nome: E deſte modo lhe aggradecerei, & pagarei a meſma Gloria, que me tem apparelhado no Ceo. Pois o Calix do Salvador he o agradecimento, & a paga, com que David ha de pagar a Deos a Gloria, com que o meſmo Deos ha de pagar, & remunerar a David os ſeus ſerviços? Sim. Nem pòde haver outra igual E porque? Porque o preço com que o Salvador nos cõprou a Gloria, foy o Calix do Sangue da ſua Paixaõ, & he o meſmo Calix, & o meſmo Sangue, que ſe conſagra no Sacramento: & ſó offerecendoſe a Deos em ſacrificio eſte Calix, & eſte Sangue, ſe pòde pagar a Deos a Gloria, que nos dá na Bemaventurança; porque he pagar a Gloria, naõ ſó com preço igual; ſenaõ com o meſmo preço, com que foy comprada. Comprouſe a Gloria com o Calix do Sangue do Salvador? Pois com o Calix do meſmo Sangue a pagarey eu a Deos: porque ſó por eſte modo pòde ſer a retribuiçaõ do agradecimento igual à retribuiçaõ do premio: *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi? Calicem ſalutatis accipiam, & nomen Domini invocabo.*

201 De maneira (tornando ao noſſo Texto) que ſendo David arrebatado em eſpirito, & levado ao Ceo, vio lá a Gloria dos Bemaventurados, & comparando o conhecimento claro, & ver-

da-

deiro da Gloria, que vio,
m o conceito que fazem
meſma Gloria, & que di-
m della os que a naõ vi-
ó, o que inferio deſta viſta,
a conſequencia que tirou,
oy dizer, que todo o homẽ
ente: *Ego dixi in exceſſu*
eo: *Omnis homo mendax*:
ó abſolutamente, & em
ualquer outra maneira, ſe-
ó particularmente nella,
quando fallaõ da Gloria.
igo quando fallaõ da Glo-
a; porque ſó neſte ſentido
verefica com propriedade
Texto de David, o qual
oſolutamente tomado, &
omo vulgarmente ſe enten-
è, tem grande contrarieda-
e na meſma Eſcritura. No
apitulo quatorze do Apo-
alypſe diz S. Joaõ, que vio
uitos milhares de homens,
m cuja boca nunca ſe achou
entira: *In ore eorum non eſt*
inventum mendacium. Tal
oy Nathanael, de quem diſ-
e Chriſto: *Ecce verè Iſrae-*
ita in quo dolus non eſt: Tal
oy o Bautiſta, de quem ca-
a a Igreja: *Ne levi poſſes*
maculare vitam crimine lin-
guæ. E verdadeiramente pa-
ra naõ mentir, naõ he neceſ-
ſario ſer Santo, baſta ſer hon-
rado: porque naõ ha couſa
mais afrontoſa, nem que ma-
yor horror faça a quem tem
honra, que o mentir. Pois ſe
he de Fé, que ha tantos, que
nunca mentiraõ, como diz
David, que todo o homem
mente: *Omnis homo mendax?*
Os que querem defender a
propoſiçaõ de David no ſen-
tido vulgar, dizem, que naõ
falla do acto, nem do habito
da mentira, ſenaõ da corrup-
çaõ da natureza. Mas ſe
baſta a corrupçaõ da natu-
reza, pera dizer que todo o
homem he mentiroſo, tam-
bem baſtarà para dizer que
todo o homem he homicida,
ladraõ, & adultero; o q̃ nin-
guem jà mais diſſe, nem pòde
dizer. Aqui vereis quam
proprio, & verdadeiro he o
ſentido, em que temos decla-
rado com Theodoro o Tex-
to de David. Quando diz,
que todo o homem mente,
naõ falla em geral de toda a
materia, ſenaõ daquella, que
actualmẽte eſtava vendo no
ſeu extaſi, que era a Gloria:
& eſta ſó, & em particular
he que diz, que ninguem
ouve, que fallaſſe della,
que

que naõ mentiſſe.

202 Mas ſuppoſto que David inferia, & tirou eſta conſequencia, da Gloria que vio; eu tambem quero inferir, & tirar conſequencia da ſua propoſiçaõ. Dizeis, David, que todo o homem, quando falla da Gloria, mẽte, porque diz menos do que he? Logo tambem vòs, q̃ ſois homem, quando fallaſtes da Gloria, mentiſtes? Concedo: diz David. Que eſſe mentir naõ he culpa. E ſe vòs, que foſtes o mais allumiado de todos os Profetas, neſte ſentido mentiſtes, diremos tambem, que os outros Profetas, quando nella fallàraõ, mentiraõ? Tambem, diz David, no ſentido em que eu o diſſe, que tanto o diſſe por mim, como por elles. E ſe os Profetas, quando fallàraõ da Gloria, mentiraõ, que diremos dos Evãgelliſtas? No meſmo ſentido, em que fallou David, elle diz, que ſim, & eu tambem com elle. E naõ temais, que ſeja diſcredito da verdade dos Evangeliſtas, ſenaõ credito da excellencia da Gloria. Eſtay comigo, & aſſentemos o admiravel deſta propoſiçaõ ſ bre as baſes mais ſolidas Theologia.

203 Santo Thomás d vidindo a mentira em ſu eſpecies na queſtaõ cento dez, articulo ſegundo, d aſſim com Ariſtoteles, a q cita no quarto das Ethica Vede ſe ſaõ os dous Coriféo da Filoſofia, & da Theol gia. *Mendacium in duo div ditur, ſcilicet, in mendacium quod tranſcendit veritatem manus, & mendacium, qu deficit à veritate in minus.* mentira, diz Santo Thomá divideſe em duas eſpecies huma por exceſſo, & outr por defeito: a mentira p exceſſo, he a que excede verdade, porque diz mais; a mantira por defeito, he que falta à verdade, porqu diz menos. Fundaſe eſta di viſaõ (a qual he adequada na oppoſiçaõ que a mentir tem com a verdade: porqu a inteireza da verdade con ſiſte em dizer o que he, aſſi como he: & aſſim como di zer mais do que he, he men tira por exceſſo; aſſim dize menos do que he, he men tira por defeito. E deſte ſe gun

nda especie de mentira
ue he natural, & naõ mo-
l) nem os Profetas, nem os
angelistas se pòdẽ livrar,
ando fallaõ da Gloria: naõ
rque naõ queriaõ dizer a
rdade, & a digaõ do modo
e pòdem; mas porque as
rdades da Gloria saõ taõ
as, taõ sublimes, & taõ
periores a toda a capacida-
, & linguagem humana,
e por mais que digaõ o q̃
, sempre dizem muito me-
s.

§. III.

204 Comecemos pelos
angelistas, & seja S. Mat-
eus o primeiro no mesmo
angelho de hoje. Conta
õ Mattheus a famosissima
storia da Transfiguraçaõ
e Christo, Senhor nosso, no
onte Tabòr, aonde levou
msigo os tres mais avente-
dos, & mais familiares dis-
pulos, & se lhe manifestou
orioso. E que he o que re-
re desta Gloria o Evange-
sta? Diz, que o rosto do
enhor ficàra resplandecen-
como o Sol, & as suas ve-
duras alvas como a neve:
esplẽduit facies ejus sicut Sol:
stimenta autem ejus facta
sunt alba sicut nix. Por certo,
que se a Gloria, que Christo
mostrou aos discipulos, naõ
foy mais que esta, nem he
necessaria para a ver ir ao
Ceo, nem ainda subir ao mõ-
te: resplandor como o do
Sol, & brancura como a da
neve, em qualquer valle se
acha, & de qualquer valle se
vé. S. Joaõ Chrysostomo
descrevendo o resplandor, q̃
teraõ no Ceo os corpos glo-
riosos dos Bemaventurados,
diz, q̃ faraõ tanta ventagẽ à
luz do Sol, quanta faz a luz
do Sol a huma candea: *Erit*
lux non quæ nunc est, sed planè
alia, quæ hanc tantum supera-
bit fulgore, quãtum ista lumen
lychni. E se a luz de qual-
quer corpo glorioso naõ só
he taõ superior à do Sol, se-
naõ totalmente diversa, &
doutra especie: *Non quæ*
nunc est, sed plane alia: sendo
o resplandor do corpo de
Christo glorioso quasi infi-
nitamente mayor que o de
todos os Bemaventurados,
como diz o Evangelista, que
era como o Sol? Santa The-
resa, a quem Christo repar-
tidamente mostrou as mes-
mas galas do Tabòr, diz, que
aquel-

Chrysost. Taræ-net. 1. ad. Theo.

aquelle reſplandor, & brancura ſaõ taõ differentes de tudo o que cà ſe vè, & a que ſe ſabe o nome, que a neve lhe parecia preta, & o Sol eſcuro, & indigno de ſe pórem nelle os olhos. Os meſmos tres Apoſtolos experimentàraõ bem no meſmo caſo eſta grande differença: porque com a viſta do Senhor tranſfigurado ficàraõ taõ aſſombrados, & attonitos, q̃ eſtavaõ fóra de ſi, como notou *Marc. 9. 5.* S. Marcos; *Non enim ſciebat quid diceret: erant enim timore exterriti.* Logo ſe em homẽs coſtumados a ver o Sol, & a neve cauſou aquella viſta taõ eſtupendos effeitos, muito differentes eraõ do Sol, & da neve, o reſplandor, & brancura, que viaõ. Finalmente S. Joaõ Damaſceno, Santo Epifanio, S. Gregorio Nazianzeno, Santo Aguſtinho, & outros Padres dizem, que aquelle reſplandor, & aquella brancura naõ ſó emanou do corpo glorioſo, nem ſó da alma ſempre Bemaventurada de Chriſto, ſenaõ da meſma Divindade do Verbo unido hypoſtaticamente a huma, & outra parte da Humanidade ſagrada, da qual Divindade como de fonte, & principi principal ſe diffũdiaõ no roſto, & nas veſtiduras do Senhor, aquelles admiravees effeitos em prova manifeſta & quaſi ſenſivel, de que homem, que viaõ, era juntamente Deos, como logo pregoou a voz do Padre: *H eſt Filius meus dilectus.* Verbo Divino chamaſe n Eſcrituras Reſplandor Gloria, & figura da ſuſtancia do Padre: *Splendor gl riæ, & figura ſubſtantiæ ejus* & tambem ſe chama Candor & brancura da luz eterna *Candor eſt enim lucis æterna* & deſte reſplandor divino h que manou o reſplandor d roſto, & deſte candôr tãbe divino a brancura das veſt duras na Transfiguraçaõ d Chriſto.

Dam. Epiph. Noz. Aug. apud Deleg. ibi.

205 Pois ſe a compara çaõ do Sol, & da neve ap plicada a qualquer corp Bemaventurado, & glorioſo mais he injuria, que ſeme lhança: ſe o reſplandor, brancura do roſto, & veſt duras de Chriſto excedia com infinitas ventagẽs a fer moſu

ɔſura, & galas de toda a
ɔrte do Empireo : & ſe
es dous reflexos da Mageſ-
de, ou eſtas duas amoſtras
Gloria no Senhor della,
ais tinhaõ de divinas, que
ſobrenaturaes : & no can-
ɔr, & na luz eraõ rayos ex-
eſſos da Divindade ; como
z o Evangeliſta, que o reſ-
andor do roſto era como o
) Sol : *Reſplenduit facies e-*
s ſicut Sol: & a brancura das
upas como a da neve : *Ve-*
menta autem ejus facta ſunt
ba ſicut nix ? Aqui vereis cõ
ıanta verdade diſſe David,
ıe nas materias da Gloria:
mnis homo mendax : nam
ɔceptuando nenhum ho-
em, ainda que ſeja Evange-
ſta. A verdade dos Evan-
eliſtas em todas as outras
aterias he tam adequada,
mo infallivel ; mas quando
ıegam a fallar da Gloria,
ıõ por defeito do Hyſto-
ador, mas por exceſſo da
eſma Gloria, ſaõ tam im-
ɔrfeitas as cores, com que a
ntaõ, & taõ deſiguaes as ſe-
elhanças, com que a deſ-
evem, que nam dizem o q̃
e, como he, ſenaõ como naõ
e. Declaraõ o muito pelo
pouco, encarecem o mais pe-
lo menos, explicam o que
chamaõ ſemelhante, pelo q̃
naõ tem ſemelhança. Em fim,
de tal maneira narraõ as ver-
dades da Gloria, que ſempre
ficaõ dentro dos termos, &
diviſaõ da mentira. Naõ diz
Santo Thomàs, que a men-
tira por defeito he dizer me-
nos do que he : *Mendacium*,
quod deficit à veritate in mi-
nus ? Pois iſto he o que ſuc-
cede atè aos Evangeliſtas,
quando fallaõ da Gloria.

§. IV.

206 No carro de Eze-
chiel, chamado o Carro da
Gloria de Deos, o roſto de
homem ſignificava a S. Mat-
theus, & o de Aguia a Sam
Joaõ. Ora vejamos ſe o Evan-
geliſta S. Joaõ, como Aguia
de mais aguda viſta, alcança
a dizer mais q̃ S. Mattheus.
No Capitulo vinte hum, &
vinte dous do ſeu Apocaly-
pſe diz S. Joaõ, que vio deſ-
cer do Céo a Cidade triun-
fante da Gloria, ornada co-
mo a Eſpoſa no dia das vo-
das : *Vidi Civitatem Ieruſa-*
lem novam deſcendentem de
Cælo *Apoc. 21. 2.*

Cælo à Deo paratam. ſicut Sponſam ornatam viro ſuo. E começando a deſcripçam da Cidade, aſſim como Deos a fabrica do mundo, pela luz, diz q̃ a allumiava a claridade de Deos, & que eſta claridade era ſemelhante a huma pedra precioſa, & eſta pedra precioſa ſemelhante a Jaſpe, & eſte Jaſpe ſemelhante a Criſtal: *Habentem claritatem*
Ib. 11. *Dei, & lumen ejus ſimile lapidi precioſo, tanquam lapidi jaſpidis, ſicut cryſtallum.* O Jaſpe, de que aqui falla Sam Joaõ, nam he aquella pedra vulgar, & groſſeira, a que nòs damos o meſmo nome; mas outra ſó parecida com ella no arremedado, ou remẽdado das cores, a que os Gregos chamàraõ Esfingites. Deſta pedra refere Suetonio, que lavrou para ſy huma galaría o meſmo Emperador Domiciano, que deſterrou para a Ilha de Patmos a Sam Joaõ. E acreſcenta Plinio, que pouco antes tinha ſido deſcuberta em Capadocia no tempo de Nero, o qual com laminas da meſma pedra veſtíra o interior do Tẽplo da Fortuna, & era tal o ſeu natural reſplandor, q
com as portas, & janellas f
chadas ao Sol, cõſervavaõ
luz do dia.

207 Vay por diante
Evangeliſta na ſua deſcr
pçam da Cidade da Gloria
cujos muros altiſſimos,
fortiſſimos, diz que eraõ ed
ficados em quadro, & tod
deſte meſmo Jaſpe. Medí
os hum Anjo com huma c
na de ouro; & achou que t
nhaõ por cada lado doze m
eſtadios de cumprimento,
fazem das noſſas legoas, qu
trocentas & quarenta & qu
tro, para que atè o nume
ſeja quadrado, em tudo
gnificador de firmeza. N
quatro lanços do muro hav
doze portas, as quaes nun
ſe fechavaõ, porque naque
la regiaõ naõ ha noite. E d
ſtas doze portas, tres olh
vaõ para o Oriente, tres pa
o Occidente, tres para o S
tentriaõ, tres para o Mey
dia; em final de que para t
das as partes do mundo,
para todas as Naçoẽs, & Eſt
dos delle, ſem excluir a ni
guem, eſtà o Ceo patente.
portas todas eraõ da meſm
architectura, & todas
me

eſma grandeza, proporcio-
ada à altura, & à magnifi-
encia dos muros, & cada
uma dellas aberta em huma
erola: *Et ſingulæ portæ erãt*
ſingulis margaritis. Se no
ntigo Pantèon, que era o
emplo de todos os Deoſes,
por iſſo figura do Ceo, ſe
oſtra ainda hoje por mara-
ilha a porta delle aberta em
uma ſó peça de marmore;
uam admiraveis ſeriam a-
uellas portas muito mayo-
es que o meſmo Templo,
bertas em huma ſó perola?
eſtas doze portas reſpon-
iaõ outros tantos fundamẽ-
os, ſobre os quaes aſſentava
oda a Cidade, & cada hum
ra lavrado naõ da meſma,
enaõ de varias pedras, & taõ
recioſas, como varias. O
rimeiro fundamento, diz
. Joaõ, era de Diamante, o
egundo de Safira, o terceiro
e Carbunculo, o quarto de
ſmeralda, o quinto de Ru-
í, o ſexto de Sardio, o ſe-
timo de Chryſolito, o oita-
vo de Byrillo, o nono de To-
azio, o decimo de Chryſo-
raſo, o undecimo de Jacin-
o, o duodecimo de Ame-
iſto. E ſegundo o numero,
& ordem deſtes doze funda-
mentos, eſtavaõ eſculpidos,
& gravados nelles os meſ-
mos doze Apoſtolos; por-
que ſó fundada na Fé, &
doutrina dos Apoſtolos, pò-
de eſtar ſegura a eſperança
de entrar na Gloria.

208 Mas ſe tam ſum-
ptuoſo, & magnifico era o
exterior da Cidade, qual vos
parece que ſeria, ou ſerà o in-
terior? Toda a Cidade em
toda ſua grandeza, todos
ſeus edificios, & palacios (q̃
todos ſaõ palacios reaes) to-
das ſuas ruas, & praças, diz
o Evangeliſta, que eraõ de
ouro puro, & ſolido: mas naõ
ouro eſpeſſo como o noſſo,
ſenaõ diafano, & tranſparen-
te como vidro: *Ipſa verò Ci-* *Apoc.*
vitas aurum mundum ſimile 21.18.
vitro mundo: & platea Civi- 21.
tatis aurum mundum tãquam
vitrum perlucidum. De ſorte,
que a Cidade da Gloria no
pavimento, nas paredes, &
no interior dos apoſẽtos, to-
da he hum eſpelho de ouro;
porque todos perpetuamen-
te ſe vem a ſy meſmos, todos
vem a todos, & todos vem
tudo. Nada ſe eſconde alli,
porque lá naõ ha vicio: nada
ſe

se encobre ; porque tudo he para ver : nada se recata , ou dissimula ; porq̃ tudo agrada; & porque tudo he amor , tudo se communica. Ainda tem outra excellẽcia aquella Bẽaventurada Cidade, a qual se lhe faltàra , naõ fora da Gloria. Vindo a Roma nos tempos de sua mayor opulencia, & grandeza , hum Embaixador de Pirrho , Rey dos Epirôtas , naõ fazia fim de admirar o que o poder , & a arte tinha junto naquelle Emporio de riquezas , & delicias. E perguntado pelos Romanos se achava algum defeito na sua Cidade ? Sim acho, respondéo o Embaixador. E qual he ? Que tambem em Roma se morre. Naõ assim, diz S. Joaõ , nesta riquissima Cidade , que vos tenho descrito. *Mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor , neque dolor erit ultra.* Nam ha là morte, nem lutos, nem dor, nem queixa : porque do trono do supremo Rey sae hum rio de crista! , que rega toda a Cidade , cujas margẽs estaõ cubertas de arvores , & as arvores carregadas de frutos, & os frutos melhores que os da arvore da vida, que naõ só f zem os homens immortae senaõ eternos: *Fluvium aq vivæ splendidum tãquam cr stallum, procedẽtem de sede D & Agni. In medio plateæ ej & ex utrâque parte flumi Lignum vitæ.*

Ib. 4.

§. V.

209 Esta he , Senhore a Cidade da Gloria , descri pelo Evangelista S. Joaõ : basta que fosse assim com se descreve, para ser merec dora das nossas saudades , que fizessemos mais , do qu fazemos , por ir viver nell Mas he necessario entend com distinçaõ , isto mesmo està ditto. Em dizer o Eva gelista , que naquella Bem vẽturada Patria naõ ha mo te, nem dor, nem tristeza, n queixa , nem algum dos ou tros accidentes , que taõ mo lesta fazem a vida deste va le de lagrimas , he verdade entendida assim como soa em que naõ póde haver du vida. Porèm isto naõ he d zer o que ha no Ceo, senaõ que naõ ha. Naõ ha morte naõ ha dores , naõ ha trab lho

os. O demais que pertenà magnificencia, & riquedа meſma Cidade, o ou, as perolas, os diamantes, todo o outro apparato, & eço da pedraria, de que ſaõ ificados os muros, & quanelles abraçaõ, & cercaõ, he le que ſó ſe duvída. E com zaõ. Alguns Doutores tem r provavel, que tudo iſto ja no Ceo, os demais o neõ abſolutamente, & para m com evidencia. Os voſs meſmos olhos, & os voſs meſmos penſamentos me õ de fazer a prova. Perinto: Viſtes jà ouro, viſtes perolas, viſtes jà diamanss, & todas as outras pedras preço, de que Saõ Joaõ brica a Cidade da Gloria? m. Logo he certo, & evinte, que a Cidade da Glo naõ he edificada deſſe ou, nem deſſas pedras. Porue? Porque S. Paulo, que y ao Ceo, & vio o que là , diz, que o que Deos tem parelhado na Bemaventuça para os ſeus eſcolhidos, õ tudo couſas, que nunca olhos viraõ: *Oculos non idit, quæ præparavit Deus , qui diligunt illum.* Logo pelo meſmo caſo que nós vemos eſſe ouro, & eſſas pedras, ſegueſe com evidencia, q̃ naõ ſaõ eſſes os materiaes, de que he fabricada a Cidade, ou Corte da Gloria. Dirà alguem, que ainda que vemos ouro, & pedras preciosas, naõ vimos nunca Cidade alguma, nem ainda huma ſó caſa fabricada deſſe ouro, & deſſas pedras: & a Cidade, que deſcreve S. Joaõ, naõ ſó he Cidade de qualquer modo, ſenaõ huma Cidade de mais de quotrocentas legoas em quadra. Boa ſoluçaõ, ou inſtancia. Mas eu torno a perguntar. E imaginando vós com o penſamento, podeis conceber, & fabricar nelle huma Cidade taõ grande como eſtà, edificada toda de ouro, de diamantes, & perolas? Naõ ha duvida, que ſem ſermos taõ grandes architectos, como Vitruvio, a podemos imaginar, & idear aſſim; & ainda mais a goſto de cada hum. Logo a Cidade da Gloria naõ he como a deſcreve S. Joaõ; porque o meſmo S. Paulo diz, que o que Deos là nos tem aparelhado, naõ ſó naõ o viraõ

raõ jà mais olhos; mas que nem o pòde conceber o penſamẽto, nem entrar na imaginaçaõ humana: *Oculus non vidit, nec in cor hominis* *Ibid.* *aſcendit.* Pois ſe iſto he aſſim com verdade infallivel, & irrefragavel; como nos pinta o Evangeliſta S. Joaõ, & nos deſcreve a Cidade do Ceo feita toda de ouro, & pedras precioſas?

210 Explicarey eſte dezenho do Diſcipulo amado de Chriſto, como que acontecéo a hum diſcipulo de Zeuzis, famoſiſſimo Pintor da antiguidade. Diſſelhe o meſtre, que por obra de examinaçaõ lhe pintaſſe hũa imagem da Deoſa Venus cõ todos os primores da fermoſura, a que podeſſe chegar a ſua arte. Fello aſſim o diſcipulo, & com eſtudo, & applicaçaõ de muitos dias, & deſvelo de muitas noites preſentou o quadro ao meſtre. Viaſe nelle a Deoſa toda ornada, & enriquecida de joyas, que mais pareciaõ roubadas à natureza, que imitadas da arte: nos dedos anneis de diamãtes, nos braços braceletes de rubís, na graganta afogador de gran des perolas, no toucado gr nalda de eſmeraldas, nas or lhas chuveiros de aljofar, n peito hum camafeo em f gura de Cupido, cercado d huma roſa de jacintos, co os ays da meſma flor pe rayos: as alpargatas ſemead de todo o genero de pedr ria, as roupas recamadas d ouro, & tomadas ayroſame te em hum cintilho de Saf ras. Eſta era a fórma do qu dro, & nelle todo o engenh & arte do diſcipulo. Eſtav eſperando a approvaçaõ d meſtre. Mas que vos pare que lhe diria Zeuzis? *Fec ſti divitem, quia non potui facere pulchram*: Fizeſtea r ca, porque a naõ podeſte f zer fermoſa. O meſmo dig eu ao ouro, às perolas, & pedras precioſas, com que Joaõ nos deſcreve a Cidad da Gloria. Evangeliſta f grado, riquiſſima eſtà a C dade, que nos pintaſtes; ma fizeſtela taõ rica, porque naõ podeſtes fazer fermoſ A fermoſura, que eſpera ve a noſſa Fé no Ceo, naõ d como eſta, em que ſó ſe pò de enlevar a cubiça da terra

Ber

em o advertistes vòs, Aguia ivina, quando tomastes or salva, que a Cidade, que escrevieis, era descida do eo à terra: *Civitatem Jerusalem descendentem de cœlo.* ouro, os diamantes, as pelas, tudo he terra, & da rra. E como pòde o luroso, & percioso da terra formarnos com verdade belleza sobrenatural, & rmosura inestimavel da loria? He verdade, que S. aõ na idéa, que formou, aginou quanto se podia aginar, & na descripçaõ, ue fez, disse quanto se po- a dizer; mas como as cous da Gloria saõ taõ diver- s de tudo o que se vè, & õ levantadas sobre tudo o ue se imagina, por mais, & ais que se diga dellas, sem- re se diz menos. E como o zer menos na Filosofia de ristoteles, & na Theologia e Santo Thomàs, he huma s especies da mentira, nin- uem se deve admirar, que o sentido em que fallo, pa- ça que o mayor dos Evan- elistas encorresse na sua vi- õ aquella glorioza censura ue David tambem arreba- tado no seu extasi deu a todos os que fallaõ na Gloria: *Ego dixi in excessu meo: Omnis homo mendax.*

§. VI.

211 Dos Evangelistas passemos aos Profetas, Isaias, que he o mayor de todos, & neste pôto he singular entre os demais, porque vio a Deos no trono da Gloria, diz assim: *A sæculo non audierunt, neque auribus perceperunt, quæ præparasti exspectantibus te.* Quer dizer: que as cousas, que nos esperaõ, & Deos nos tem preparado na Gloria, saõ taõ altas, taõ sublimes, & taõ superiores a tudo o de que neste mundo se tem noticia, que nunca jà mais chegàraõ aos ouvidos dos homens. Que sejaõ as cousas da Gloria mayores q̃ tudo o que viraõ os olhos, & tudo o que pòde inventar a imaginaçaõ, jà o mostràmos; mas que sejaõ tambem mayores que tudo o que ouviraõ os ouvidos, he cousa para mim muito difficultosa. Que ha, ou que pòde haver, que naõ tenhaõ ouvido os *Isai. 64.4.*

ouvidos? Ouviraõ tudo o que eſcrevéraõ os Hyſtoriadores, ouviraõ tudo o que fingiraõ os Poetas, ouviraõ tudo o que eſpeculàraõ os Filoſofos, ouviraõ tudo o q̃ publicou, acreſcentou, & exagerou a fama, ouviraõ tudo o que debaixo do mais ſagrado ſecreto deſcubrio,& naõ callou o ſilencio. Mas naõ eſtà aqui a difficuldade. Pois em que eſtà? Eſtà em que os ouvidos tem ouvido tudo o que diſſeraõ os Profetas, & tudo o que eſtà eſcrito, & dito nas Eſcrituras ſagradas. Argumento agora aſſim. He certo, que os Profetas, & os outros Eſcritores ſagrados fallaõ muitas vezes na Gloria, & no que Deos tẽ prometido, & aparelhado no Ceo para Bemaventurança, & premio dos que o ſervem neſta vida. Tambem he certo, que tudo o que nos Profetas, & nos outros Livros ſagrados ſe diz, & nelles eſtà eſcrito, nòs o lemos, & ouvimos. Logo ſe as Eſcrituras ſagradas dizem o q̃ Deos nos tem aparelhado na Gloria, & nòs ouvimos tudo o que dizem eſſas meſmas Eſcrituras, como diz Iſaias que ninguem ouvio o qu Deos nos tem aparelhado n Gloria: *A ſæculo non audi runt, quæ præparaſti expectan tibus te?*

212 A ſoluçaõ deſt fortiſſimo argumento he mais evidente prova de tud o que himos dizendo. C Profetas, & as outras Eſcri turas fallaõ da Gloria: nò ouvimos tudo o que dizer os Profetas, & as Eſcrituras & cõtudo naõ ouvimos na da da Gloria; porque po mais que os Profetas, & a Eſcrituras digaõ da Gloria nunca chegaõ a dizer o qu ella he. E porque elles dizẽ do naõ dizem, por iſſo nò ouvindo naõ ouvimos: *A ſæculo non audierunt.* Mai ainda. Se ninguem ouvio que he a Gloria, ſegueſe, qu nem os Profetas, que fallà raõ della, o ouviraõ. Mara vilhoſa conſequencia, ma verdadeira! E aſſim he. Ou viraõ huns Profetas aos ou tros Profetas, & ouviaſe ca da hum a ſi meſmo; mas nem ouvindo todos a todos, nem ouvindoſe cada hum a ſi ouviaõ o que he a Gloria;

por-

orque por mais levantado ue seja o espirito dos Pro-etas, por mais sublime que eja o seu estylo, & por mais ue sobre humana a sua elo-uencia: em chegando a fal-ar da Gloria, ou naõ dizem que he, ou dizem o que naõ e. Dizem figuras, dizem õparaçoens, dizẽ semelhan-as: mas todas essas çompara-oens saõ taõ desiguaes, to-as essas semelhãças taõ dif-erentes, & todas essas figu-as taõ pouco parecidas, que as comparaçoẽs fica a Glo-ia totalmente abatida, nas emelhanças desluzida, & as figuras desfigurada. E se-aõ, vejamos, ou ouçamos o ue os mesmos Profetas tem ito.

213 Quer Isaias que omecemos desde o princi-io do mundo: *A sæculo non udierunt.* Seja assim. E uaes foraõ desdo principio o mundo as figuras, com que Moysés, & os outros Profe-as nos representáraõ a Glo-ia? A primeira foy o Parai-o Terreal, depois o Taber-naculo, & a Arca do Testa-mento, o Mannà, a Terra de Promissaõ, a Cidade de Je-rusalem, o Templo de Sala-maõ. Mas que semelhança tem estas cousas, por mais q̃ fossem os milagres da natu-reza, & da arte, com a Gloria do Ceo? No Paraiso Terreal entrou a serpente, & o pecca-do; & a primeira prerogati-va da Gloria he a segurança da Graça, em que todos os que lá vivem, saõ confirma-dos. No Tabernaculo de Moysés andou a Arca do Testamento com os filhos de Israel peregrinando pelo de-serto; no Ceo està Deos, & os Bemaventurados de assen-to, como na propria Patria. O Mannà, posto que tinha todos os sabores, naõ durava de hũ dia para o outro, por-que se corrompia; & a Glo-ria naõ só he perpetua, & in-corruptivel em si, mas aos mesmos nossos corpos de carne faz incorruptiveis, & immortaes. Da Terra de Promissaõ se dizia, por en-carecimento, que manava leite, & mel. Mas que com-paraçaõ tem o leite com os deleites do Ceo, & o mel com as doçuras da Gloria? A Ci-dade de Jerusalẽ quer dizer Visaõ de paz, & quantas ve-

zes se vio a mesma Jerusalem combatida, sitiada, & destruida com guerras? Sò no Ceo he a paz segura, & sem temor, porque dentro naõ póde haver desuniaõ, & de fóra naõ chegaõ lá inimigos. No Têplo de Salamaõ estava cuberto com hum veo o Sancta Sanctorum, donde Deos occulto, & invisivel fallava por oraculos, & onde só podia entrar o Summo Sacerdote huma vez no anno: mas na Gloria, sem veo, nem cortina se deixa Deos ver, & gozar manifesto a todos, & naõ em hum só dia, ou anno (que fora assás) senaõ por toda aquella Eternidade, inteira sem divisaõ, & continuada sem limite, em q̃ naõ ha annos, nem dias.

214 Que mais dizem os Profetas? Dizem, que o Ceo he hum rio de delicias, que sempre corre: *Torrente voluptatis tuæ potabis eos.* Mas se todo o mar Occeano comparado com a immensidade das delicias celestiaes he estreito, que será hum rio? E se as mesmas delicias saõ permanentes, & eternas, & naõ diversas, senaõ sempre as mesmas, como pòdem ser correntes? Dizem, que o Ceo he hum perpetuo convite de exquisitos, & soberanos manjares: *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium pinguium medullatorum.* Mas os convites começaõ com fome, continuaõ com gosto, & acabaõ com fastio. A Gloria pelo contrario he huma perpetua satisfaçaõ do dezejo, e hum perpetuo dezejo da mesma satisfaçaõ: em que naõ ha fome, porque a fome moleста; nem fastio, porque o fastio cança; nem o gosto acaba já mais, porque nam tem fim. Dizem, que he hum Reyno, em que todos os que nelle entraõ, recebem a coroa da maõ de Deos: *Accipient Regnum decoris, & Diadema speciei de manu Domini.* Mas o Reyno compoem-se de Rey, & vassallos, & na Gloria naõ ha subditos: todos saõ sogeitos a Deos por vontade os que reynaõ com elle & essa mesma sogeiçaõ amorosa he o cetro da liberdade & a coroa do alvedrio. Dizem, que he hum dia de vodas com vinculo indissolu vel: *Sponsabo te mihi in sem pi*

Psal. 35. 9.

iternum. Mas que amor, ou
ue gosto ha nas vodas, que
m poucos dias naõ enfra-
ueça, ou se mude? Cresce
om a esperança, satisfazse
om a novidade, & diminue
om a posse. Na Gloria naõ
e assim: porque o bem infi-
ito sempre he novo, & onde
novidade naõ envelhece, o
mor, & o gosto naõ dimi-
ue. Dizem finalmente, que
alegria da Gloria serà co-
no a dos Lavradores no dia
da messe, quando cólhem o
fruto de seus trabalhos, &
como a dos Soldados vito-
riosos, quando repartem os
despojos dos inimigos ven-
cidos: *Lætabuntur coram te, sicut qui lætantur in messe, sicut exultãt victores captâ prædâ, quando dividunt spolia.* Mas que semelhança tem a baixeza destas comparaçoẽs, & a desproporçaõ de todas as outras, para medirmos, ou estimarmos por ellas as felicidades do Ceo? Mais parecem invẽtados para abater a grandeza da Gloria, para escurecer seu resplandor, & para afear sua fermosura, que para nos representar nem as sombras do que ella he.

215 Quasi lhe aconteceo aos Profetas com o Ceo lá de sima, que naõ vemos, o mesmo que aos Mathematicos, & Astrologos com este Ceo cá debaixo, onde chega a nossa vista. Viraõ os Mathematicos esse laberinto de luzes, de que està semeada sem ordem toda a Esfera Celeste, taõ diversas na grãdeza, como varias no movimento, & infinitas no numero; & para assentar alguma cousa certa em huma confusaõ taõ immensa: que fizeraõ? Repartiraõ o mesmo Ceo, & fingiraõ em todo elle grande multidaõ de figuras, humas naturaes, outras fabulosas. Aqui puzeraõ hum Touro, alli hum Leaõ, acolá huma Serpente: Aqui hum Cervo, alli hum Cisne, acolá huma Aguia: Em huma parte a Hercules, em outra a Orion, em outras a Medusa, a Berenice, a Andromeda: O Cavallo Pegaso voando com azas, o rio Erídano volteando a corrente, a nao Argos navegando: hum Golfinho, hum Caranguejo, huma Balança, hum Carro: O Escorpiaõ, o Centauro, a Hidra, o

Capricornio; & outras chimeras como eſtas, taõ feas nos aſpectos, como nos nomes. Pois no Ceo ha eſtes animaes, eſtas fabulas, eſtes monſtros? Naõ: que tudo ſaõ Eſtrellas reſplandecẽtes, & fermoſas. Mas foy neceſſario aos Mathematicos fingir no Ceo eſtas mentiras, & pôr lá eſtas fabulas, para por meyo dellas ſe entenderem entre ſi, & enſinarem de algum modo ao mundo a verdade do que paſſa no Ceo.

216 Perdoaime a comparaçaõ, Profetas ſagrados, & agradecei à reverencia dos voſſos Oraculos naõ uſar eu do nome, & da licença, que já me deu hum de vós, & o mais allumiado de todos. No Ceo naõ ha Segadores, meſſes, nem Soldados, nem deſpojos: no Ceo naõ ha convites, nem vodas, nem inundaçaõ de torrentes: no Ceo naõ ha Jeruſalens, nem Tabernaculos, nem Paraiſos Terreaes, nẽ Terras de Promiſſaõ; que tudo iſſo he terra, & couſas da terra. Mas vós como Mathematicos do Ceo Empireo pozeſtes lá todas eſſas figuras, com taõ pouca ſemelhança; & proporçaõ, como com neceſſaria impropriedade, para por meyo dellas enſinar a noſſa rudeza, & pela conſideraçaõ dos goſtos groſſeiros, q̃ percebemos, nos levantar a Fè, & o penſamento à conjectura dos que naõ alcançamos. Nem podia haver outro argumento, ou experiencia, que melhor nos demonſtraſſe o eminentiſſimo conceito, que devemos fazer das couſas da Gloria: pois os voſſos meſmos entendimentos, ainda ſobrenaturalmẽte elevados, naõ tem conceitos, nem palavras baſtantes, com que nos declarar ſuas grandezas.

§. VII.

217 E ſe os meſmos Profetas quando chegaõ a fallar da Gloria, dizem tanto menos do que ella he, ou verdadeiramente o que naõ he; que podemos nòs os Prègadores dizer, em materia q̃ tanto excede toda a capacidade mortal? Por iſſo ainda quando mais encarecemos, ſempre mentimos. Sò Sam Pau-

lo podera prègar da
oria; porque era Prèga-
, que a vio cõ seus olhos:
s ouçamos o que elle dis-
depois de a ver: *Raptus*
in Paradisum, & audivit
ana verba, quæ non licet
ini loqui: Eu, diz Paulo,
llando de si em terceira
soa) fuy arrebatado ao
o, & lá vi o que Deos tem
arelhado para os seus es-
lhidos; mas saõ cousas taes,
e me naõ he licito dizel-
. Neste, naõ me he licito,
paro. Que cousa mais lici-
que cousa mais justa, que
usa mais santa, mais util, &
is necessaria, que fallar da
oria do Ceo, & mais quem
inha visto? O Rico Ava-
nto teve para si, que faria
ayor impressaõ de temor
n seus Irmãos a prègaçaõ
Lazaro; porque tinha vi-
as penas do Inferno: &
õ ha duvida, que tambem
n nòs excitaria muito mais
dezejo a prègaçaõ de Sam
ulo; porque tinha visto a
loria do Ceo. Pois se esta
règaçaõ era taõ efficaz, &
õ util para a salvaçaõ de
uitas Almas, que taõ es-
ecidas vivem do Ceo; por-
que se escusa S. Paulo de prè-
gar, & apregoar os bens da
Gloria, & se escusa com lhe
naõ ser licito: *Non licet?*

218. Ha casos, em que
muitas cousas vedadas se dis-
pensaõ, & se pódem fazer li-
citamente; mas a mentira,
ainda em materia leve, he de
sua natureza taõ intrinsecа-
mente mà, que em nenhum
caso he licito mentir. E por-
que o mentir, nem por salvar
Almas he licito, & as cousas
da Gloria se naõ pódem di-
zer sem mentir, por isso Sam
Paulo, em todo o rigor da
Palavra, se escusou com lhe
naõ ser licito: *Non licet ho-*
mini loqui. De sorte, que re-
duzido nas materias da Glo-
ria a termos, ou de mentir, ou
de callar, tomou por expe-
diente o callar, porque lhe
naõ era licito o mentir. Mas
se a S. Paulo naõ era licito
fallar na Gloria com este de-
feito; logo tambem aos Pro-
fetas, & aos Evangelistas
naõ foy licito? Sim foy. Por-
que elles naõ tinhaõ visto a
Gloria, S. Paulo sim. S. Pau-
lo, como testemunha de vi-
sta, tinha obrigaçaõ de dizer
tudo o que vira, sob pena de
des-

desacreditar, & infamar a Gloria: os demais, que a naõ tinhaõ visto, naõ eraõ obrigados a dizer de suas grandezas, senaõ o que podiaõ, & do modo que podiaõ, como fizeraõ. E postoque disseraõ da Gloria muito menos do que ella he, & merece, nẽ por isso encorreraõ em culpa: porque quando David disse, que todos mentiaõ, fallou da mentira material, a qual naõ he illicita, nem culpavel, antes neste caso louvavel, & de grande gloria da mesma Gloria. A razaõ da differença he, porque como define Santo Agustinho: *Mentiri est contra mentem ire*: O mentir com mentira formal, & illicita, he dizer hum homem o contrario do que entende. Os outros Escritores sagrados no que disseraõ da Gloria, disseraõ o que entendiaõ, & o que podiaõ: porèm S. Paulo ainda que disesse o que podia, sempre avia de dizer cõtra o que entendia, como homem que tinha visto a Gloria: & por isso naõ lhe era licito: *Non licet homini loqui.*

21) Assim callou o mayor Prègador do mun & assim podera tambem Igreja mandar aos Prègad res, que callassemos ne dia, pois o callar sempre licito. Mas quiz antes q dissessemos (ou mentis mos) esse pouco que pod mos dizer, do que passarm totalmente em silencio grandezas da Gloria; porq a mayor grandeza das su grandezas he naõ se pod fallar nellas sem mentir.

220 E se algum Criti acaso tiver estranhado a p lavra, & o assumpto; saib que usar talvez da menti para persuadir a verdad naõ só naõ encontra as le da boa, & verdadeira Reth rica; mas he hum dos may res primores da sua energi Falla Seneca da Hyperbo taõ usada de todos os q fallaraõ em cousas grande & diz assim: *In hoc omn Hyperbole extenditur, ut verum mendacio veniat.* fim porque a Hyperbole estende tanto fóra dos me mos limites do que preten persuadir, he porque que chegar à verdade por mey da mentira: mente, & di

ma

is do que a cousa he, para
e se lhe venha a crer o que
. *Nunquam tantum sperat*
yperbole, quantum audet:
õ he taõ mal entendida a
perbole, que espere tan-
do ouvinte, quanto ella se
eve a affirmar: *Sed incre-*
ilia affirmat, ut ad credibi-
perveniat: mas affirma o
e he increivel, para que
lhe crea tudo o que se pó-
crer. Por este exemplo
arà entendido o fim, &
ndamento do meu discur-
. O estylo que segui, foy
ma Hyperbole às avessas.
a Hyperbole por excesso,
Hyperbole por diminui-
õ: & ambas mentem para
egar à verdade: *Ut ad ve-*
m mendacio veniant. A Hy-
rbole por excesso diz o
uito que se naõ póde crer,
ra que se crea o que he: &
Hyperbole por diminui-
õ diz o pouco que se póde
izer, para que se crea o que
rà. O que serà a Gloria do
eo, he o que se colhe effi-
azmente do meu discurso.

221 E certo, que basta-
a só a consideraçaõ, ou a
uspensaõ deste que serà, pa-
a todos os que temos Fé, nos
levantarmos sobre todas as
cousas da terra, & as tratar-
mos com o desprezo, que
pede o altissimo fim para que
fomos criados. Se tudo o que
temos ditto, se tudo o que
todos disseraõ, se tudo o que
todos escreveraõ, se tudo o
que todos imaginàraõ, em
comparaçaõ da Gloria me-
rece nome de mentira, a ver-
dade que serà? Ha menti-
ras, que se vem, como diz o
Espirito Santo: *Visa menda-* *Eccl.*
cia: E taes saõ as apparencias 34.2.
deste Ceo inferior, que ve-
mos, ou cuidamos que vemos.
Cuida o vulgo, que vé o Ceo,
& enganase; porque naõ che-
ga lá a nossa vista. Isto, que
chamamos Ceo, he huma mẽ-
tira azul, & o que chamamos
Iris, ou Arco celeste, he ou-
tra mentira de tres cores: &
se as mentiras do Ceo da ter-
ra saõ taõ fermosas, quaes
seràõ as verdades do Ceo
do Ceo: *Cælum cæli Domino*? *Psal.*
S. Bernardo, sem subir tanto 113.
a sima, tomou por empreza 16
huma harpa com a letra que
dizia: *Quidcrit in Patria*? Se
no desterro ha tal harmonia,
& tal suavidade, na Patria q̃
serà? Mas muito melhor o

nosso

noſſo David, depois que vio na meſma Patria, naõ o que ſerá por conjectura, ſe naõ o que he por realidade. Trocou a empreza, & deſencordoou a ſua harpa: E que diſſe? Que tudo quanto tinha cantado a ella, & quanto cantaõ, & contaõ todos os que fallaõ na Gloria, tudo he mentira: *Ego dixi in exceſſu meo: Omnis homo mendax.*

§. VIII.

222 Suppoſto pois (dayme agora huma breve attençaõ) ſuppoſto pois que tudo o que ſe tem dito, tudo o que ſe diz, & tudo o que ſe póde dizer da Gloria, que nos eſpera no Ceo, he tanto menos, & taõ pouco, & taõ nada, que ſem encarecimento ſe póde chamar mentira: que avemos, ou que podemos fazer para ſaber verdadeiramente o que he, & como he a Gloria? Naõ ha, nem póde haver mais que hum ſó meyo, mas eſſe muito certo, & adequado. E qual he? Ir ao Ceo, & vela. Perguntáraõ huma vez a Chriſto dous, que queriaõ ſer ſeus diſcipulos, onde morava: *Rabi ubi habitas?* E o Senh que naõ tinha caſa na ter ſenaõ no Ceo (donde nun ſahio, ainda quando veyo mundo) que reſponde *Venite, & videte:* Vinde, veloheis. E ſem irem, & v rem naõ o podiaõ ſabe Naõ. Excellentemente A cuino, & Bèda: *Ideo non exit, ubi habitaret, ſed illos, venirent, & viderent, invit vit; quia habitatio, ideſt Gl ria Chriſti, videri quidem p teſt, verbis explicari non p teſt.* Naõ diſſe o Senhor o de morava aos que o queri ſaber, & ſómente lhes reſp deo, que vieſſem, & viſſe *Venite, & videte.* Porque morada de Chriſto he a Gl ria, & o que he, & como h a Gloria, ſó ſe póde ver, m naõ ſe póde dizer: *Videri p teſt, explicari non poteſt.* I he o que reſpondeo Chriſt & iſto he o que eu digo, & que ſó pódem dizer os Pr gadores ſobre eſte aſſumpt Façamos muito por ir a Ceo, & lá veremos o que h a Gloria: *Venite, & videt* Vinde, & veloheis. E quan do por merce de Deos for mos ao Ceo, & virmos ver

da

leirâmẽte o que he a Glo-
, entaõ veremos, & co-
eceremos tambem, quam
uca semelhança tem de
rdade quanto cà se diz, &
ouve.

223 Quando a Rainha
bà vio a Corte, & Casa
al de Salamaõ, naõ só ad-
irada do que se via, mas,
mo diz o Texto sagrado,
iasi desmayada de pasmo:
mpéo nestas palavras:
on credebam narrãtibus mi-
, donec ipsa veni, & vidi o-
lis meis, & probavi quòd
edia pars mihi nuntiatu non
erit. Maior est sapientia tua,
opera tua, quàm rumor, quẽ
divi. Beati viri tui, & bea-
servi tui, qui stant coram te
mper. Eu, sapiẽtissimo Rey
lamaõ, quando estava nas
inhas terras (diz a Rai-
ha) muitas cousas tinha ou-
ido da vossa sabidoria, da
ossa grãdeza, da vossa Cor-
, & da magnificencia da
ossa Casa: às quaes porèm
aõ dava credito, por me pa-
ecerem increiveis; mas de-
ois que vim, & as vejo com
eus olhos, jà tenho conhe-
ido, & provado, que nem
metade se me tinha dito do
que verdadeiramẽte he. Bẽa-
venturados os vossos servos
& bemaventurados os vossos
Cortezãos, pois tem, & go-
zaõ a felicidade de estar sẽ-
pre em vossa presença. Pa-
rece, que naõ podèra dizer
mais, se fallàra com Deos na
Gloria. E se as grandezas da
Corte, & Casa de Salamaõ
as naõ pode crer, nem perce-
ber huma Rainha tam sábia,
senaõ depois de vir, & ver:
Donec ipsa veni, & vidi: E
se tudo o que tinha ouvido
na sua terra, naõ chegava a
ser ametade do que agora via
cõ seus olhos; que proporçaõ,
& que semelhança pôde ter
o pouco, ou nada, que cà di-
zemos, & ouvimos, com o
muito, com o infinito, com
o immenso da Gloria, que là
vem, os que a gozaõ? Por is-
so o Senhor, & Autor della
nos diz: *Venite, & videte*:
Vinde, & vede.

224 Mas o mal, & a
desgraça he, que todos que-
rem ver, & ha muito poucos,
que queiraõ vir. Todos que-
rem ver, & gozar a Gloria;
mas ha muito poucos, que
queiraõ vir, & seguir a Chri-
sto pelo caminho, que elle
nos

nos veyo enſinar, para chegarmos a ella. Se o Divino Meſtre trocàra os termos, & aſſim como diſſe, *Venite, & videte*, diſſera, *Videte, & venite*: ſe fora poſſivel, & conveniente, que primeiro ſe nos déſſe viſta da Gloria, & depois ſe nos prometeſſem os meyos de a cõſeguir: como he certo, q̃ naõ ſeria neceſſario, que Deos nos chamaſſe, ou rogaſſe, ſenaõ que nòs meſmos arrebatados daquella immenſa fermoſura, & felicidade incomprehenſivel, naõ ſó com vontade, & dezejo, mas com impeto, & violencia romperiamos por todas as difficuldades da vida, & pela meſma vida, & mil vidas por alcançar tanto bem. Porèm, que merecimento ſeria entaõ o da Fé, q̃ premio o da Eſperança, & que valor o da Charidade, ſendo neceſſaria, & naõ livre? Para mayor bem do meſmo bem, & para mayor augmento da meſma Gloria nos pede Deos primeiro os paſſos, & depois nos promete a viſta: *Venite, & videte.*

225 E verdadeiramente, que ainda que o caminho do Ceo, & a paſſagem del Cabo de Boa Eſperança vera mayores difficuldade bem ſe poderaõ emprend todas, ſem o teſtimunho viſta debaixo da palavra Chriſto. Quando o meſm Senhor, antes de ſe fazer h mem por nòs, diſſe a Abr ham, que deixaſſe a ſua p tria, naõ lhe promettéo Ceo, ſenaõ outra terra, naõ lha moſtrou entaõ, m ſómente lhe diſſe, que lh moſtraria depois: *Veni terram, quam monſtravero t bi.* E que fez Abraham d baixo deſta palavra? A pen ſe pòde dizer ſem injuria, afronta da noſſa Fé. Deixo a patria, deixou a caſa nobr & rica, que tinha herdado d ſeus Pays, deixou a compa nhia dos parentes, o amo dos amigos, a familiaridad dos conhecidos, para ir pe regrinar entre gentes eſtra nhas. Em fim rompéo toda aquellas cadeas, com que criaçaõ, & a natureza coſtu ma prender o coraçaõ huma no: que tudo nota, & pon dèra a Hyſtoria ſagrada. que tudo iſto executaſſe con tanta promptidaõ de animo hum

im homem, que pouco an-
s fora Gentio, & adorava
Deoſes falſos? Sim, diz
nto Eſtevaõ, & ninguem
eſpante; porque o Deos q̃
andou a Abrahaõ, que fi-
ſſe eſte divorcio, & renun-
a geral de quanto tinha, &
nava no mundo, era o Deos
Gloria: *Deus gloriæ ap-*
ruit Patri noſtro Abraham,
dixit ad illum: Exi de ter-
tua, & de cognatione tua, &
ni in terram, quam monſtra-
ro tibi. Em toda a ſagrada
ſcritura ſe naõ lê; ou dà a
eos ſemelhante titulo, ou
piteto de Deos da Gloria,
naõ neſte lugar unicamen-
. E porque uſou de tal pa-
fraſi aquelle famoſo Prè-
ador apedrejado, a quem
ntre as meſmas pedras ſe
ie abrio o Ceo? Naõ foy ſó
ara encarecer a fineza do q̃
brahaõ obràra; mas para
iſtinguir os motivos, que
lle podia ter na meſma o-
ra & nòs podemos ter nas
oſſas. Se naõ fazemos gran-
es couſas por amor de Deos,
orque he Deos; ao menos
orque as naõ faremos, por-
ue he Deos da Gloria: *Deus*
loriæ: Fazellas por Deos,
orque he Deos, he fine-
za: fazellas põr Deos,
porque he Deos da Gloria,
he conveniencia; fazellas
por Deos, porque he Deos
he amor de Deos: fazellas
por Deos, porque he Deos
da Gloria, he amor proprio.
E que nẽ por eſte amor pro-
prio, nem porque Deos nos
ha de premiar com a Gloria,
lhe façamos taes ſerviços, q̃
ſejaõ merecedores della?
Grande miſeria.

226 E ſe he miſeria
grande, o pouco que faze-
mos por alcançar, & ver a
Gloria; muito mayor miſe-
ria he o muito que fazemos
pela perder, & naõ ver. Ca-
da peccado, que comete-
mos, he hum peccado, &
duas offenſas: huma offenſa
contra Deos, & outra offen-
ſa contra a Gloria. Aſſim o
entendeo aquelle moço Pro-
digo, a quem a experiencia
das pagas, que o mundo dà,
reſtituio o entendimento, q̃
o meſmo mundo lhe tinha
tirado. *Patre peccavi in cœ-* *Luc.*
lum, & coram te: Pay meu 15.18
(dizia elle falládo cõ Deos)
pequei contra o Ceo, & pe-
quei contra vòs: contra o
Ceo, que he a Gloria, para
que fuy criado, & cõtra vòs,
que

que fois o Deos; que me criaſtes para ella. Em primeiro lugar poz a offença do Ceo, & no ſegundo a de Deos: porque como era homem, que ſe tinha poſto à ſoldada, mais ſentia a pedra do galardaõ, que o deſagrado do amo. Eu jà me contentàra, que nas noſſas fidalguias ſe uſàraõ com o Ceo, & com Deos eſtes deſprimores. Se naõ deixamos os peccados por contriçaõ, & por ſerem offenſas de Deos; deixemolos ao menos por atriçaõ, & porque nos privaõ da Gloria. Naõ offender a Deos, porque he Deos, he obrigaçaõ: naõ o offender por naõ perder a Gloria, he intereſſe. E ſendo nòs taõ intereſſeiros, ou taõ ſervos, & taõ eſcravos dos intereſſes da terra; que ao menos pelos intereſſes do Ceo, & da Gloria naõ deixemos de offender a quem nola ha de dar, ou tirar para ſempre? Naõ foy o Prodigo o prodigo: nòs o ſomos, & mais feamente. Elle diſſe: *Peccavit in cælum*: & naõ foy prodigo do Ceo, ſenaõ da fazenda: nòs ſomos avarentos da fazenda, & prodigos do Ceo & da Gloria.

227 Oh como pòde temer, que naõ ſaõ criad para ella, os que taõ pouc fazem pela ver, ou tanto f zem pela naõ ver! De quan tos deixàraõ o coraçaõ n Egypto, nenhum chegou ver a Terra de Promiſſaõ porque ſem vir naõ ha ver, quem naõ vem de todo coraçaõ, naõ ſe move. De de eſſas moradas eternas nc eſtà Chriſto Glorioſo cha mando, & convidando a to dos: & dizendo como ao que lhe perguntàraõ ond morava: *Venite, & videte* Vinde, & vede. *Venite* no dizagora aquelle meſmo Se nhor, que no dia do Juizo unidas outra vez noſſas Al mas a eſtes meſmos corpos ha de dizer aos que ouvirem ſua voz: *Venite benedicti* Vinde nos diz: E donde, & para onde? Da terra para Ceo, do deſterro para a Pa tria, do cativeiro para a li berdade, da guerra para paz, da tempeſtade para porto, do trabalho para deſcanço, do tempo para Eternidade, do valle de la

gri

imas parã o Monte da Glo-
ı. E que haja ainda quem
ıvide vir? *Venite*, Vinde.
naõ vos digo (diz o Se-
ıor) que venhais como eu
m pelo Monte Calvario,
ıſtame; que venhais pelo
abôr o mais ameno do mũ-
, com tanto que venhais
n meu ſeguimento. E ſe
nda pelo Tabôr naõ vos
reverdes a vir, como Pe-
ro, Joaõ, & Diogo, pelo ca-
inho eſtreito dos cõſelhos:
inde como Moyſés, & Elias
elo mais largo dos Manda-
ıentos, que para iſſo fiz
ous caminhos, dezejando
ue venhaõ todos: *Venite.*
Vinde em fim, & vereis o que
ntes de vir ſe naõ póde ver:
Venite, & videte. Vereis o que
ıunca viſtes, vereis o que
ıunca ouviſtes, vereis o que
nunca imaginaſtes: & vereis quaõ differentes, quam outras, & quaõ infinitamente incomparaveis ſaõ as couſas da Gloria a todas as que lá vos differaõ os meus Profetas, & Evangeliſtas: naõ por elles quererem mentir (que naõ he poſſivel) mas porque tudo o que ha na terra, ou deſde a terra ſe vê no Ceo, nenhuma comparaçaõ tem, nem ſemelhança com o que ſe vê, & goſa na Gloria. Em particular vos convido, como a homens, a ver glorioſa em ſeu trono a minha Humanidade. E entaõ julgareis, ſe os rayos, de que ſe coroa, ſaõ de Sol, & a cor, de q̃ veſte, de neve: *Reſplenduit facies ejus ſicut Sol: veſtimenta autem ejus facta ſunt alba ſicut nix.*

SERMAM

DA

PRIMEIRA SEXTA FEIRA DA

QVARESMA.

Na Capella Real. Anno de 1651.

Ego autem dico vobis : Diligite inimicos vestros , benefacit
his , qui oderunt vos , Matth. 5.

§. I.

228 QUe depressa nos leva a Igreja a Deos, & com toda a Alma! Antehontem nos excitou a memoria , hontem nos illustrou o entendimento , hoje nos aperfeiçoa a vontade. Excitounos a memoria com a lembrança da morte : *Memento homo , quia pulvis es* illustrounos o entendimento com o mayor exemplo da Fè : *Non inveni tantam fidem in Israel* : aperfeiçoanos a vontade com o acto mais heroico da charidade , que hè o amor dos inimigos : *Diligite inimicos vestros.* Este acto

ſtõ como tam ſingular da ey, & tam proprio da proſſaõ Chriſtaã, ſerà o aſſumto unico de todo o meu diſurſo. E poſto que a materia do amor dos inimigos ſeja tam prègada, & tam batida; o que determino tratar obre ella hoje, he huma queſtaõ muito nova, & muito propria deſte lugar. Fundase toda ſobre aquelle *Vòs* do noſſo Texto: *Ego autem dico vobis.* E a queſtaõ, ou duvida he: Se debaixo deſte vòs ſe entendem tambem as Altezas, & as Mageſtades? As Peſſoas ſoberanas ſaõ ſuperiores a toda a Ley, & por iſſo ſerà neceſſario examinar exactamẽte atè onde ſe eſtẽde o preceito de Chriſto, & reſolver cõ a Graça do meſmo Senhor, & ſem lizonja de nenhum outro, ſe ſaõ obrigados tambem os Reys a amar ſeus inimigos?

§. II.

229 Primeiramente parece que naõ ſaõ obrigados. E eſtá por eſta parte toda a authoridade de Salamaõ em huma obra famoſa de ſua ſabidoria, & grandeza. No Capitulo terceiro dos Canticos deſcreve elle a fabrica de huma carreça triumfal, em que ſahia a paſſear pela Corte de Jeruſalem nos dias de mayor ſolemnidade. A materia era dos lenhos mais precioſos, & cheyroſos do Libano, as colunas de prata, o trono de ouro, as almofadas de purpura, & no eſtrado, onde punha os pès, eſtava eſculpida a Charidade. *Ferculum fecit ſibi Rex Salomon de lignis Libani: columnas ejus fecit argenteas, reclinatorium aureum, aſcenſum purpureum: media charitate conſtravit.* Neſtas ultimas palavras eſtà o reparo, naõ ſó grande, mas digno de ſumma admiraçam. He poſſivel, que hum Rey tam ſabio como Salamaõ, & naõ Gentio, ſenaõ fiel, quando faz a mayor oſtentaçaõ de ſua grandeza, & mageſtade, leve a Charidade debaixo dos pès? O Rey aſſentado no trono; & a Charidade debaixo dos pès do Rey? O Rey entronizado, & a Charidade pizada: *Media charitate conſtravit?* Sim. Porque cuidaõ al- *Cant. 3. 9. 10.*

guns Reys (ou obraõ, como ſe o cuidáraõ) que taõ fóra eſtaõ de ſerem ſugeitos às leys da Charidade, que antes a meſma Charidade, & todas ſuas leys lhe eſtaõ ſugeitas a elles. Naõ fallo dos Neros, nem dos Calligulas, & muito menos dos Sardanapalos: que ſemelhantes monſtros da natureza humana eraõ tyrannos crueliſſimos, & naõ Reys, nem homens. Fallo dos que ſaõ como Salamaõ naquelle tempo, & do meſmo Salamaõ particularmente; o qual para pompa, & vaidades inuteis, & para fazer a ſua Corte inveja das outras, & oſtentaçaõ de todo o mundo, carregou, & opprimio os ſeus Povos com tal exceſſo, que chegáraõ por deſeſperaçaõ a ſacudir o jugo, & privar da obediencia, & do Reyno a Roboaõ ſeu Primogenito. Se ſe antojava o appetite, & vaidade de Salamaõ já perdido, que ouveſſe prata, & mais prata; *Columnas argenteas*: q̃ ouveſſe ouro, & mais ouro: *Reclinatorium aureum*: que ouveſſe purpura, & mais purpuras: *Aſcenſum purpureum*: tudo iſto ha de aver, dizia elle por qualquer via, por mai violenta que ſeja: E ſe a Charidade o contradiſſer, metaſe a Charidade debaixo dos pès. Pois naõ vez, ò Rey ſábio, a oppreſſaõ, & oppreſſoens do teu Povo? Naõ ouves os gemidos dos pobres? Naõ te laſtimaõ as lagrimas dos miſeraveis? Naõ conſideras, que o nome de Rey te obriga a ſer pay dos vaſſallos? Naõ reconheces no ſeu meſmo ſofrimento, que todos te amaõ como filhos: & que quando te aborrecéraõ, & foraõ teus inimigos, os deveras com tudo amar? Onde eſtá a proximidade? Onde eſtá a humanidade? Onde eſtá a Charidade? Onde? Lá eſtá debaixo dos pés do Rey; porque os Reys naõ ſaõ ſugeitos à Charidade, nem a ſuas leys: *Media charitate conſtravit.*

230 A eſte Jeroglifico de Salamaõ ſe ajunta hum argumento para mim de muito formal conſequencia. Os Reys naõ ſaõ obrigados a amar os amigos: logo muito menos a amar os inimigos. Quem naõ tem amor para o amor,

nor, como ha de ter amor
ıra o odio? Naõ ha entre
dos os coraçoẽs humanos,
entre todos os eſtados do
undo, nem vontades mais
ſamoraveis, que as ſobera-
ıs, nem couſa mais oppo-
ı ao amor, que a Mageſta-
e. E porque razaõ, ſe ra-
ıõ ſe póde chamar? Por
ıas. Pela deſigualdade, &
ela obrigaçaõ dos vaſſallos.
amor reciproco, que por
ıtro nome ſe chama amiza-
e, diz Ariſtoteles que o naõ
ode haver ſenaõ entre igua-
: & como entre os Reys, &
; vaſſallos ha huma deſi-
ıaldade taõ diſtante, co-
o do inferior ao ſupremo,
meſma ſoberania, que os
emonta ſobre a igualdade,
; deſobriga da correſpon-
encia. E porque amarem
; vaſſallos ao Rey, he obri-
açaõ natural, eſta he a ſe-
unda izençaõ, ou Regalía,
ue lograõ as Mageſtades,
ara nem lhe ſer neceſſario
mar para ſer amados, nem
epois de ſer amados, fica-
em obrigados a amar. Co-
ıo o amor dos vaſſallos he
ivida, nem os Reys ficaõ
brigados à paga, nem os
vaſſallos tẽ acçaõ para a de-
zejar, nem pedir. Daqui ſe
ſegue aquella grãde dor (por
lhe naõ chamar injuſtiça) de
que tenha mais ventura com
os Reys o ſervir, que o amar:
porque os ſerviços alguma
vez ſaõ premiados, o amor
nunca he correſpondido.
Naõ ſeriaõ as Mageſtades
Mageſtades, ſe ſe ſugeitaſſem
a amar. Porque? Por outras
duas razoens da ſua parte.
Amar he inclinarſe à vonta-
de primeiro, & depois ren-
derſe: & o renderſe he contra
a potencia da Mageſtade, o
inclinarſe contra a ſoberanía. Por iſſo diſſe bem quem
lhe conhecia eſta condiçaõ,
q̃ nem pòde haver Mageſta-
de com amor, nem amor com
Mageſtade: *Non bene conve-
niunt, nec in una ſede morantur
maieſtas, & amor.* E ſe os
Reys, como dizia, nem ama-
dos ſe inclinaõ a amar os a-
migos, odiados, & aborreci-
dos, como ſe haõ de ſogeitar
a amar inimigos?

231 Seja exemplo o
Rey do melhor coraçaõ de
quantos impunháraõ cetro.
Teve David muitos, & gran-
des inimigos (que naõ fora

David, se os naõ tivera.) E como os amava? Elle mesmo o diga: *Persequar inimicos meos, & comprehendam illos, & non convertar, donec deficiant: confringam illos, nec poterunt stare, cadent subtus pedes meos.* A meus inimigos heyos de perseguir atè os tomar às máos, nem hey de desistir, ou descançar atè os desfazer, & consumir de todo. Eu lhes quebrarey o orgulho, & lhes torcerey o pescoço atè os meter debaixo dos pès. E se Christo manda, que naõ só façamos bem aos inimigos, mas que oremos por elles: *Et orate pro persequutibus, & calumniatibus vos*: ouvi como os encommendava o mesmo David a Deos em suas Oraçoens: *Averte mala inimicis meis, & in veritate tua disperde illos.* O mal, que me dezejaõ meus inimigos, peçovos, Senhor, que o convertais contra elles, & que pela má vontade que me tem, vòs lhe ponhais as máos, & a boa vontade, destruindoos, & aniquilandoos: que isso quer dizer *Disperde*. Finalmente chegado à hora da morte, tempo em que até os coraçoens mais duros naõ só perdoaõ a seus inimigos, mas lhe pedem perdaõ; duas mandas do testamento de David foraõ deixar muito encarregado a seu filho Salamaõ, que de nenhum modo se esqueceſſe de mandar matar a Joab, & a Semey, por certos aggravos que lhe tinhaõ feito. E se desta maneira amava a seus inimigos hum Rey canonizado, que se levantava à meya noite a rezar o Psalterio, & debaixo da purpura vestia cilicios: os que naõ saõ taõ santos, nem taõ beatos, vede como guardaràõ o *Diligite inimicos vestros*: & como tomaráõ por si o *Dico vobis*?

Psf. 17. 38. 39.

Matt. 5. 44.

Psal. 53. 7.

§. III.

232 Isto he o que se offerece pela primeira parte, & mais apparente, que solida da nossa questaõ: a segunda naõ só defende, mas define, que tambem as Altezas, & Magestades, por mais altas, & soberanas que sejaõ, se entendem, & comprehendem debaixo daquelle *Vobis*, & que

que todas igualmente, como os outros Christãos, sem nenhuma exceiçaõ, nem privilegio estaõ sugeitos ao preceito de Christo, & obrigados a amar seus inimigos, & a lhe fazer bem: *Diligite inimicos vestros, & benefacite iis, qui oderunt nos.*

233 O fundamento desta obrigaçaõ está na primeira palavra do mesmo Texto: *Ego autem dico vobis*: *Ego*, Eu. E quem he este Eu? Naõ he Plataõ, nem Licurgo, nem Numa Pompilio, cujas Leys comtudo, por serem racionaes; as veneravaõ, & obedeciaõ todos os Reys, que alcançáraõ fama de justos; mas he aquelle, Eu, que disse a Moysés: *Ego sum qui sum*: Eu sou o que sou, o que só tem o ser de si, & o deu a todas as cousas: aquelle Eu, que faz os Reys, & tambem os desfaz, quando elles naõ fazem o que devem: *Per me Reges regnant*: aquelle Eu, que traz escrito na orla da oppa real: *Rex Regum, & Dominus Dominantium*: Rey dos Reys, & Senhor dos Senhores: aquelle Eu, de quem os Reys saõ mais subditos, do que os vassallos dos Reys; porque os Reys todos receberaõ o dominio, & jurdiçaõ da maõ, & consenso dos Povos: & se conservaõ em si, & perpetuaõ na sua posteridade o mesmo poder, & soberanía, he por merce, & à merce de Deos, em quanto elle for servido, & com hum aceno da sua vontade naõ mandar o contrario. E este Eu: *Ego autem dico vobis*: Este Eu he o que diz a todos sem distinçaõ, nem exceiçaõ de pessoas, ou dignidades: *Diligite inimicos vestros*: para que entendaõ os Reys da terra, & de terra: *Et nunc Reges intelligite: erudimini qui judicatis terram*: que este, & qualquer outro preceito de Deos o devem receber naõ pezadamente, senaõ com alegria, & observar com temor, & tremor: *Servite Domino in timore, & exultate ei cum tremore*: sobpena de que se elles naõ amarem os inimigos, Deos os terà por inimigos a elles, & os destruirà, & pereceràõ como taes: *Ne quando irascatur Dominus, & pereatis de via justa.*

Ps. 2. 10.

Ps. 2. 11.

Ib. 12.

234 Nem faz contra iſto o exemplo allegado de David, antes perſuade o contrario; porque David era Soldado de Deos, & Capitaõ General de ſeus exercitos, & aquelles, a quem chamava ſeus inimigos, eraõ os inimigos de Deos: obſervando tal differença, & diſtinçaõ entre huns, & outros, que aos inimigos ſeus amava, & fazia bem, & ſó aos de Deos perſeguia, & fazia cruel guerra: taõ inſigne vingador das injurias divinas, como perdoador das proprias. Aſſim perdoou tantas vezes a Saul, & dezejou perdoar a Abſalaõ, & ſentio, & lamentou ſua morte, como a de Abner: allegando ſempre a Deos, que a nenhum ſeu inimigo dera mal por mal: *Si reddidi retribuentibus mihi mala*: ſendo elles taõ ingratos, que lhe davaõ mal por bem: *Retribuebant mihi mala pro bonis*. E ſe mandou matar a Joab, & a Semey, foy por juſtiça, como Rey, & naõ por vingança: guardando eſtas duas ſentenças, & execuçoẽs para o teſtamento, & para a hora da morte, para que ſe viſſe, que o fazia por eſcrupulo, & naõ por odio. Eſte era o coraçaõ de David, & por iſſo coraçaõ verdadeiramente real, & digno de q̃ Deos tiraſſe a coroa da cabeça de Saul, para lha pôr na ſua, como o meſmo Saul confeſſou.

Pſal. 7.5.

Pſ. 34 12.

235 Andava Saul pelos montes à caça de David para lhe tirar a vida, quando acaſo entrou ſó em hũa gruta, onde o meſmo David eſtava eſcondido com os poucos que ſeguiaõ ſua fortuna. Todos lhe diſſeraõ, & inſtáraõ, que lograſſe a occaſiaõ, que Deos lhe tinha metido nas mãos, & com a morte de Saul ſe livraſſe de huma vez das ſuas perſeguiçoens. Mas elle cõtẽtandoſe cõ lhe cortar hũ retalho da roupa para amoſtra da ſua fidelidade, depois que Saul ſahio da gruta, appareceo ſubitamente diante delle, & moſtrandolhe aquelle teſtimunho taõ claro do perigo em que eſtivera, & da vida que lhe naõ quizera tirar, nem conſentir que lha tiraſſem, poſtrado a ſeus pès lhe diſſe deſta ſorte: Eiſaqui, ò Rey de

If-

ael, a quem andas buscan-
pelos desertos para o ma-
: Eisaqui aquelle bichi-
o vil da terra, à caça do
al sae da sua Corte em pes-
a hum taõ grande Monar-
a: Eisaqui como te mere-
que o persiguas com taõ
ortal odio, & o faças andar
terrado, & fugitivo de ti
r estes montes. Ficou as-
mbrado do que via, & do
e ouvia Saul, & compun-
do, & com as lagrimas nos
hos, lhe disse: Agora co-
neço, David (& naõ só lhe
amou David, senaõ filho)
ora conheço, filho, & sey
rtissimamente, que has de
eynar, & que deste mesmo
eyno de Israel, que eu cha-
o meu, has de ser tu o Rey:
Nunc scio, quòd certissime re-
naturus sis, & habiturus in
anu tua Regnum Israel. O
ue só te peço, he, que me
rometas, & jures diante de
eos, que a mesma piedade,
ue usastes comigo, a teràs da
inha casa, & descendencia,
naõ extinguiràs do mun-
o o meu nome: *Jura mihi,*
e deleas semen meum post me,
eque auferas nomen meum de
omo patris mei. Taõ certa,
& infallivelmentẽ conhe-
ceo, & creo Saul, que havia
David de ser Rey. Mas don-
de tirou esta certeza, que
chama certissima, & naõ an-
tes, senaõ agora, & neste mes-
mo caso: *Nunc scio, quòd cer-*
tissime regnaturus sis?

236 Abulense, & todos os outros Expositores dizem, que o inferio Saul da gene- *Ib.* 18.
rosidade de animo, com que
sendo taõ capital inimigo
de David, elle lhe perdoára.
Mas naõ he necessario, que
o digaõ Expositores porque
o mesmo Saul o ponderou, &
o disse. Noray todas as pa-
lavras: *Tu enim tribuisti mi-* *Ib.* 19.
hi bona ego autem reddidi tibi
mala. Porque tu David dés-
teme bem por mal, sendo q̃
eu sempre te dey mal por
bem. *Et tu indicasti hodie*
quæ feceris mihi bona: quomo-
do tradiderit me Dominus in
manum tuam, & non occideris
me: E bem mostraste, & pro-
vaste hoje isto que digo, pois
entregandome Deos nas tuas
mãos, & podendome matar,
me dèste a vida. *Quis enim* *Ib.* 20.
cum invenerit inimicum suum,
dimittet eum in via bona: Por-
que que homem ha, que ten-
do

do seu inimigo debaixo da lança, lhe perdoe, & o deixe ir em paz? *Sed Dominus reddat tibi vicissitudinem hãc pro eo quod hodie operatus es in me.* Mas eu confio, & estou certo, conclue Saul, q̃ Deos naõ ha de deixar sem premio esta differença, que hoje usaste comigo. E como? Tirandome a mim a coroa da cabeça, & pondoa na tua: *Quia scio, quòd certissimè regnaturus sis.* Assim entendeo Saul, posto que obrava o contrario, que hum homem, que tendo na sua maõ a vingãça, naõ sabia vingar aggravos: hum homem, que podendo fazer mal a seu mayor inimigo, lhe fazia os mayores bẽs: hum homem, que pagava o odio com amor, & a morte que lhe queriaõ dar, com a vida; hum tal homem como este, naõ o tinha Deos dotado de hum coraçaõ taõ generoso, & taõ real, senaõ porque o queria, & havia de fazer Rey: *Quòd regnaturus sis.*

237 Reparem muito os Reys, no que inferio cõ tanta certeza este Rey: & reparem tambem, no que eu agora quero inferir, naõ co menor certeza. Assim con he certo que Deos deu a c roa a David, porque se n vingou de Saul, assim dig & tenho por certo, que David pelo contrario se vi gára, ainda q̃ Deos o tive destinado para a coroa, l naõ havia de dar. Caso n tavel he, que repartindo J cob na hora da morte a be çaõ, que tocava, ou hav de tocar a cada hum de se filhos, a do cetro, & cor de Israel a dèsse, & colloca se no quarto. Este quarto lho era entaõ Judas, do qu descenderaõ os Davis, os S lamoens, & outros Reys Reyno, por isso chamado Juda; & do qual tambe descendeo Christo. M porque razaõ? O Reyno, a primeira bençaõ, segund o uso dos Patriarchas, & con forme à Ley natural, qu ainda hoje se observa, pertẽ cia ao primogenito, que e Rubem. E posto que Ru bem perdeo este direito, se fez indigno da coroa, pel gravissima injuria que co metteo contra seu Pay, n incesto que todos sabem;

Ru

bem seguiase com o mes-
direito Simeaõ, que era
lho segundo, & a Simeaõ
eguia Leví, que era o ter-
ro. Pois porque naõ deu
ob a bençaõ, ou inveſti-
ra do Reyno, nem a Si-
aõ, nem a Leví, senaõ a
das, & deixando desher-
dos daquelle grande, &
premo morgado ao se-
ndo, & ao terceiro filho, o
entou, & inſtituio no
arto?

238 Tambem aqui naõ
vemos miſter Doutores,
rque na bençaõ de ambos
desherdados dá o meſmo
exto, & o meſmo Jacob a
uſa: *Simeon, & Levi fra-*
es, vaſa iniquitatis bellantia:
conſilium eorum non veniat
ima mea, & in cætu illorum
n ſit gloria mea; quia in fu-
re ſuo occiderunt virum, &
voluntate ſua ſuffoderunt
urum. Maledictus furor eo-
m, quia pertinax, & indi-
natio eorum, quia dura. Si-
eaõ, & Leví foraõ aquelles
ous irmãos, que para vin-
ar a injuria, que o Principe
ichem tinha feito a ſua ir-
mãa, matáraõ ao meſmo Si-
hem, & a todos os Sichimi-
tas, & lhe deſtruiraõ, & aſſo-
láraõ a Cidade. E homens
taõ duros de coraçaõ, ho-
mens taõ furioſos, pertina-
zes, & vingativos (poſto que
a cauſa pareceſſe juſtificada)
naõ ſó naõ saõ dignos de
reynar, nem de ter o ſupre-
mo dominio ſobre os outros
homens, mas merecem ju-
ſtiſſimamente, que ſe por
outra qualquer via lhe per-
tence o cetro, & a coroa, de
nenhum modo, & em ne-
nhum tempo a logrem, antes
ſejaõ para ſempre privados,
& desherdados do Reyno,
como eu com a minha mal-
diçaõ em nome de Deos os
desherdo. Iſto diſſe, & fez
Jacob, desherdando, & pri-
vando do Reyno aos deus fi-
lhos, a quem de direito per-
tencia, ſó por ſerem vinga-
tivos, & naõ perdoarem ag-
gravos. E o meſmo ſucce-
deria ſem duvida a David, ſe
elle com o perdaõ de Saul
lhe naõ tirára da cabeça a co-
roa, de que por inimigo era
indigno, & a puzera na ſua.

239 De taõ longe hia
Deos eſtabelecendo, & fun-
dando já o preceito, que ho-
je havia de promulgar por
ſua

ſua propria boca; enſinando com taõ graves, & temeroſas experiencias aos Reys, q̃ quando diſſeſſe: *Ego dico vobis*: tambem fallava com elles. E notem os que de preſente reynaõ, que com muito mayor razaõ lho diz hoje Chriſto, do que o diſſe antigamente; porque aquelle Eu: *Ego autem*: ainda entaõ naõ era o que hoje he. Era Deos, era ſupremo Legislador, era Rey dos Reys; mas ainda naõ era Rey, que tiveſſe pedido perdaõ pelos q̃ o crucificavaõ, nem Rey que tiveſſe tomado por titulo, Rey dos que lhe tiráraõ a vida. Lendo Santo Aguſtinho no titulo da Cruz: *Rex Iudæorum*: admiraſe muito, de que Chriſto tomaſſe titulo de Rey dos Judeos, ſendo Rey de todo o mundo, & de todas as Naçoens delle. Nos quatro braços da meſma Cruz ſe ſignificava o dominio, que tinha o Rey crucificado ſobre as quatro partes do mundo; & nas letras Hebraicas, Gregas, & Latinas, que eraõ as mais univerſaes, o ſenhorio, & imperio de todas as Naçoẽs. Pois ſe Chriſto era Rey de todo o mu
do, & de todos os homen
porque toma ſó por titulo
de Rey dos Judeos? Porq
ainda que era Rey de todo
& morrera por todos, ſó
Judeos foraõ aquelles, q̃ lh
tiráraõ a vida: & onde fo
mayor o amor dos inimigo
alli aſſentou melhor o titu
de Rey. Rey de todos, Re
demptor de todos, & o qu
perdoou os peccados de t
dos; mas dos Judeos, de qu
recebeo os mayores aggra
vos; dos Judeos, que lhe t
veraõ o mayor odio; dos Ju
deos, que mais que todos fo
raõ ſeus inimigos, deſſe
particularmente Rey: *Re*
Judæorum. Para que acabe
de entender os que ſaõ, & ſ
chamaõ Reys, que naõ ſ
pelo preceito, que lhe puz
ſenaõ pelo exemplo que lh
dey, & para perpetuarem o
ſeus Reynos, como eu eter
nizey o meu, todos ſem ex
ceiçaõ ſaõ obrigados ao a
mor dos inimigos, & todo
a fazer bem aos que lhe tive
rem odio: *Diligite inimicos*
veſtros, & benefacite his, qu
oderunt vos.

Ioan. 19.19 *Aguſt.*

De

§. IV.

240 Declarado o *Dico bis*; & provado como tam-m aos Reys comprehende receito de amar os inimi-; ſegueſe a declaraçaõ do *ligite*, & o modo com que haõ de amar, cuja pratica, for como ſe uſa, naõ tem mos difficuldade, nem me-r perigo. Mas antes que eguemos a eſte ponto, he ceſſario averiguar outro, ſaber, & diſtinguir quem os inimigos dos Reys? rguntando hum Doutor Ley a Chriſto, Senhor ſſo, que havia de fazer pa-ſe ſalvar? Reſpondeo o nhor, que amar a Deos ſo-e todas as couſas, & ao pro-no como a ſi meſmo, fa-ndolhe primeiro repetir o exto: *Diliges Dominum eum tuum ex toto corde tuo, proximum tuum ſicut te um.* Porêm o Doutor para juſtificar, como diz S. Lu-s: *Volens juſtificare ſe ipſum*: ſta meſma repoſta de Chri-levantou outra queſtaõ, zendo: *Et quis eſt meus oximus?* Bem eſtá, que ſe-ja eu obrigado a amar a meu proximo; mas eſſe meu proximo quem he? O meſmo digo eu, ou me pódem dizer, & perguntar a mim. Bem provado eſtá, que os Reys tẽ obrigaçaõ de amar a ſeus inimigos; mas eſſes inimigos dos Reys quem ſaõ? A repoſta naõ he facil, antes tal, & de taõ mao goſto, que ſe eu a der, como devo, tambem póde grangear inimigos.

241 Começando pelos de mais longe, parece que os inimigos dos Reys ſaõ os que lhe impugnaõ o Reyno, os que lhe ſitiaõ as Cidades, os que lhe infeſtaõ os mares, os que lhe roubaõ as Conquiſtas, & os outros, que por qualquer modo lhe fazem guerra. Mas eſtes naõ ſaõ os de q̃ mais propriamente falla Chriſto. Os que nos fazem guerra (poſto que a noſſa lingua equivocadamente lhe dè o meſmo nome) naõ ſe chamaõ propriamente *inimicos*, chamaõſe *hoſtes*. *Inimicos* ſaõ os inimigos por inimizade, & odio, como coſtumaõ ſer os de dentro: *hoſtes* ſaõ os inimigos por hoſti-

ſtilidade, & por guerra, que ſó pòdem ſer os eſtranhos, & os de fóra. Iſto poſto, Tertulliano teve para ſy, que nenhum Chriſtam podia ſer hoſte: *Criſtianus nullius eſt hoſtis.* E perſiſtindo coherẽtemente neſte ſeu parecer, chegou a affirmar, que nenhum Rey podia ſer Chriſtaõ, nem algum homem, q̃ foſſe Chriſtam, podia ſer Rey: *Si Chriſtiani Cæzares eſſe poſſent aut Cæſares Chriſtiani.* E que fundamento teve, ou podia ter eſte antiquiſſimo Autor, & de muito ſaõ, & profundo juizo em outras materias (ao qual S. Cypriano chamava o Meſtre) para enſinar hũa doutrina tam alheia do que hoje ſe pratíca em toda a Chriſtandade? O fundamento que teve, foy o exemplo da humildade, & paciencia de Chriſto, perſuadindoſe, que as armas do Chriſtaõ nam podiaõ ſer a eſpada que o meſmo Senhor mandàra embainhar a S. Pedro, ſenam a manſidaõ, & a paciencia. E como via pelo contrario, que à obrigaçaõ, & officio dos Reys, & Emperadores, eraõ neceſſarias as ãrmas, & os exercitos para defender ſeus Eſtados, & vingar as injurias que lhe fizeſſem, ou intentaſſem fazer ſeus inimigos; eſta meſma vingança dos inimigos julgou, que excluia da Ley do Evangelho, & os fazia incapazes de ſer Chriſtaõs: definindo como por concluſaõ evidente que todo aquelle, que por eſte modo fizeſſe mal a ſeus inimigos, & por conſequencia os nam amaſſe; ſe foſſe Rey, nam podia ſer Chriſtaõ, & ſe quizeſſe ſer Chriſtaõ, havia de deixar de ſer Rey.

Tertull.

242 Eſte erro de Tertulliano (que ainda hoje ſeguem os Hereges Anabaptiſtas) ſe refutou, & deſfe publicamente dahi a cem & vinte annos com a cõverſaõ, & bautiſmo do Emperador Conſtantino Magno, foy o primeiro Principe Chriſtaõ que ouve no mundo; o qual com tudo ſendo convertido pelo meſmo S. Pedro, nem por iſſo deſiſtiu da guerra, & emprezas militares, armando, como dantes, exercitos, dando bat-

lha

s, alcançando vitorias, quistando Cidades, & vincias. Nem daqui se ue, q̃ elle, ou outro Em- ador, & Rey Christaõ leſſe ter odio a ſeus ini- os, & fazerlhe mal: por- (como bem ſuppunha rtulliano neſta parte) ſe- obrar direitamẽte contra receito expreſſo de Chri- , que manda amar, & fa- bem a todos, & quaeſ- r inimigos: *Diligite ini- os veſtros, & benefacite qui oderunt vos.*

243 Mas ſe eſſes Reys riſtaõs na invaſaõ das ter- de ſeus inimigos talaõ os npos, arrazaõ caſtellos, eſ- laõ Cidade, & derramaõ to ſangue, matando ho- ns a milhares, como po- n fazer tudo iſto, & amar tamente aos meſmos ſeus migos? Eu o direy, & reſ- ndo a huma pergunta com ra. Quando o legitimo z ſegundo o merecimen- los autos condena à mor- & à confiſcaçam de bens n reo, & manda executar le a ſentença, póde fazer ſem odio? He certo, que n ſó ſem odio, ſenaõ amã- do muito ao meſmo homem, & nam procedendo àquelle rigor, ſenaõ muito a ſeu peſar, & obrigado ſómente das Leys da juſtiça, de que he miniſtro. Pois do meſmo modo obra o Rey Chriſtam na guerra, que faz a ſeus inimigos, porque naquelles caſos elle, & ſó elle he o legitimo Iuiz. Qual cuidais que he a mayor dignidade, & authoridade do Rey? Por ventura o dominio, & ſuperioridade ſuprema ſobre tantas Cidades, & Povos, de quantos ſe compoem hum Reyno, ou muitos Reynos? Naõ. A mayor authoridade & ſoberania dos Reys, he que nas controverſias com outros Principes eſtranhos, elles ſejaõ, & Deos fiaſſe delles, o ſerem Iuizes em cauſa propria. E como os Reys ſaõ Iuizes, & Iuizes poſtos por Deos em ſeu lugar; aſſim como o Iuiz inferior póde ſentenciar o reo a perdimento da vida, & da fazenda ſem odio, antes com amor; aſſim o Rey na guerra juſta, & julgada por ſua propria autoridade, póde mandar matar, & deſpojar ſeus inimigos; amar-

amandoos juntamente, & obſervando o preceito de os amar: *Diligite inimicos veſtros.*

244 Iſto quanto à primeira parte do preceito eſtá claro: mas quanto à ſegunda, ainda parece difficultoſo. Porque Chriſto naõ ſó manda, que amemos aos inimigos, ſenaõ que lhe façamos bem: *Et benefacite his, qui oderunt vos.* Pois ſe o Rey Chriſtaõ com a guerra, & hoſtilidades della faz a ſeus inimigos o mayor mal deſta vida, antes os dous mayores males, que he deſpojallos dos bens, que poſſuem, & da meſma vida, ſe reſiſtirem; como póde eſtar com iſto o naõ lhe fazer mal (que naõ baſta) mas o fazerlhe poſitivamente bem, que he o q̃ manda o preceito: *Diligite, & benefacite?* Tambem a eſta pergunta reſpódo com outra dentro no meſmo exemplo. Quãdo o Juiz entre dous litigantes condena o injuſto poſſuidor, & o executa com violencia, privandoo do que injuſtamente poſſuia, fazlhe bem, ou mal? Naõ ha duvida, que lhe naõ faz mal, ſe naõ bem; & o mayor de to dos os bens. Porque? Po que o obriga a reſtituir po força, o que nunca havia reſtituir por vontade; & po meyo deſta reſtituiçaõ, fe a qual ſe naõ podia ſalva o poem em eſtado de ſalv çaõ. Tal he o bem, & gra diſſimo bem, que os Re Chriſtãos fazem aos outr Principes ſeus inimigo quando por meyo da guer juſta, & poderoſa recupera delles as terras, Cidades, Reynos, que elles, ou ſe mayores lhe tinhaõ uſurp do. Porque obrigandoos p força a reſtituir o alheyo, deſobrigaõ da reſtituiçaõ q nũca haviaõ de fazer de gr do: ſendo neſtes caſos ma venturoſos os deſpojados, vencidos, do que cuidaõ, feſtejaõ os vencedores. eſpada antigamente era a i ſignia do Juiz, por onde d ſe S. Paulo: *Non enim ſ cauſa gladium portat*: & c mo os Juizes inferiores n tem jurdiçaõ, nem alça ſobre os pleitos dos Reys que elles naõ pódem con eſpada da juſtiça, fazem Reys com a juſtiça da eſpa

e verdade, que derramaõ
ngue, & muito sangue, mas
im como o Medico o tira
m querer mal, nem fazer
al, assim o pòdem fazer os
eys: nam por odio, senam
m boa vontade, & nam pa-
matar o corpo mal affe-
, senaõ para o descarregar
humor, que o mata, & o
duzir à saude. Esta he a
sta intençaõ; com que de-
proceder na guerra todo
Rey justo: por duas razoẽs.
primeira para obedecer ao
receito de Deos, que he o
nhor dos exercitos: a se-
nda para o fazer propicio
suas armas, que movidas
r odio, ou vingança, nun-
pòdem ter bom successo.
im e entendèo, & deixou
crito aquelle tam grande
ey, como Soldado, David:
reddidi retribuentibus mihi
ala, decidam meritò ab ini-
icis meis inanis.

§. V.

245 Temos visto, & di-
inguido quaes saõ os inimi-
os, que se chamaõ hostes, &
eclarado em todo o rigor
a Theologia, como se pò-

dem amar, & devem amar, ainda quando se lhe faz, ou faça guerra. (Materia muito propria do tempo presente, & naõ menos necessaria a purificar a emulaçam nacional, q̃ entre gente de pouca nobreza, & entendimẽto, passa tal vez a ser odio.) Agora recolhendonos dos muros, ou das rayas a dẽtro, segue-se ver quaes sejaõ os outros, q̃ propriamẽte se chamaõ *Inimicos*: *Diligite inimicos vestros.* E supposto que nam fallamos de inimigos em geral, senam dos inimigos dos Reys dentro dos limites da nossa questaõ; huma cousa entendo neste ponto, & outra parece que se nam pòde entender. Entendo, que os inimigos dos Reys neste caso nam pòdem ser outros, se naõ os vassallos; mas naõ entendo, nem sey como se pòde entender, nem imaginar (ao menos entre nòs) que haja homem tam indigno, & tam vil, que mereça tam abominavel nome. Se o primeiro, & mayor amor dos vassallos he o do seu Rey: Se os mortos suspiravaõ por este nome, & nelle se susten-

tam os vivos? Se para o ſuſtentar, defender, & conſervar, todo o outro amor jà nam he amor, deſprezandoſe a fazenda, o ſangue, a vida, a mulher, os filhos: como pòde ſer, que haja ainda, ou poſſa haver, nam digo homens, ſenaõ monſtros, que ſejam, & ſe poſſam chamar inimigos dos Reys? Eu nam direy quaes ſaõ, porque o nam ſey entender, como jà diſſe; mas referirey, & me referirey ſómente aos que os nomeaõ: & ſaõ teſtimunhas todas legaes, & a quem a opiniaõ do mundo dà grande credito.

246 Entre os Politicos, Xenofonte, Tacito, Caſſiodòro: entre os Hyſtoricos, Titolivio, Suetonio, Quinto Curcio: Entre os Filoſofos, Seneca, Plutarco, Severino Boecio: Entre os Santos Padres, Hieronymo, Chryſoſtomo, Gregorio, Aguſtinho, Bernardo (deixando os demais) todos ſó com diſcrepãcia no encarecimẽto, dizẽ, & enſinaõ concordemente, q̃ os inimigos dos Reys, & os mayores inimigos ſaõ os Aduladores. E ſuppoſto que ſejam os Aduladores, com logo ſe provarà largamente onde vivem, ou onde eſta encaſtellados eſtes inimig dos Reys? He certo, q̃ na ſaõ os que lavraõ os campo nem os que araõ os mare nem os que perſidiaõ as to res, nem os que pleiteaõ n Tribunaes, nem os que com merceaõ nas praças, nem m nos todos os outros, que cõ o trabalho de ſuas maõs ſe vem à Republica, & ſó cõ nhecem de Palacio as par des, & as adoraõ de fóra. L go ſe nam ſaõ os que ſóme te as vem de fóra, devem ſer ſem duvida os que as fr quentam de dentro, veri candoſe tambem dos Reys o que Chriſto pronunci geralmente de todos os h mens: *Inimici hominis dom ſtici ejus.* Os domeſticos, familiares, os que ſó ſaõ a mittidos a ouvir, & ſer ouv dos, eſtes ſaõ os Aduladore & por iſſo os inimigos. A ſim commenta o Texto Chriſto S. Bernardino de S na, declarando, que a raza de ſerem inimigos os dom ſticos, he por ſerem adul dores, & que eſta penſaõ, de

sgraça he a mais perniciodos Principes: *Nihil incipi pernitiosius esse pot, quàm domesticus inimis, hujusmodi autē sunt adutores.*

247 S. Gregorio Mano, que depois de grandes rgos politicos nas duas ayores Cortes de Roma, & onstantinopla, foy cabeça iprema de toda a Igreja, & or sy mesmo, & seu juizo, ciencia, & experiencia, hũa as mais eminentes cabeças o mundo; nam só diz que s Aduladores secretos saõ ublicos inimigos dos Reys, nas dà por regra, & cautella os mesmos Reys, que quano virem, que saõ mayores s louvores, com que forem dulados delles, tanto os reonheçam por mayores inigos, & creaõ, que o saõ: *Tantò maiores hostes credendi unt, quantò magis laudibus dulantur.* E se isto naõ vem claramente todos os Reys, he porque he tal o doce veneno da lizonja, que entrãdo pelos ouvidos, lhe cega tambem os olhos. Por isso S. Pedro Damiaõ tam pratico, & desenganado das Cortes, que por fugir muito longe dellas, renunciou a purpura: a que compararia os Aduladores de Palacio? Comparou-os às andorinhas de Tobias, as quaes fazendo o ninho na sua casa, lhe pagàraõ a hospedagem com lhe tirar a vista. Taes, diz elle, saõ os Aduladores: *Qui dum adulationis oleo audiētis caput impinguant, interiores oculos, ne solitâ luce fruantur, excæcant.*

248 Santo Agustinho, Autor em toda a materia primáz, com doutrina tirada da escolha d' ElRey David, ensina, que ha dous generos de inimigos, huns, que perseguem, outros que adulam: mas que mais se ha de temer a lingua do adulador, que as maõs do perseguidor: *Duo sunt genere inimicorum, persequentium, & adulantium, sed plus persequitur lingua adulatoris, quàm manus persecutoris.* A maõ do perseguidor armase com a espada, com a lança, com a seta, com o veneno, & com todos os outros instrumentos de ferir, & matar, que a furia, & violencia do fogo acrescentou à dureza do ferro: & com tudo diz

o mayor Doutor da Igreja, que mais ſe ha de temer a lingua deſarmada do adulador, que todas as armas do preſeguidor, & inimigo. Mas porque, diram os Palacianos (como dizem aos da noſſa profiſſaõ) que fallou Santo Aguſtinho como Theologo, & como Santo, & nam como Politico. Ponhamoslhe de hum lado a Pitagoras, & do outro a Socrates, que nem foraõ Thelogos, nẽ Santos; mas ambos famoſiſſimos Meſtres da Republica mais politica, qual foy a de Athenas. Que diz Pitagoras? *Gaude potius arguentibus, quàm adulantibus, & tanquã deteriores inimicis adulatores averſare*: Goſta antes dos q̃ te arguem, que dos que te adulaõ, & tem mayor averſaõ aos aduladores, que aos inimigos, porque ſaõ peiores. E Socrates q̃ diz? *Adulatorum bene volentiæ tanquam hoſtibus dato terga, fuge infortunium*: à benevolencia dos aduladores dalhe logo as coſtas, & fuge delles como de inimigos, porque te naõ ſuccede algum infortunio dos que a adulaçaõ traz ſempre comſigo. Creaõ ao menos Socrates, & a Pitagoras, que naõ quizerem dar cred to a Santo Aguſtinho.

249 Syneſio, aquelle i ſigne Varaõ que compoz livros *de Regno*, & depois governar prudentiſſimam te o mundo, com igual zel & ſantidade governou, illuſtrou a Igreja; eſcreve do ao Emperador Arcadi o conſelho que lhe dá ſob todos, exhortandoo a que obſerve com o primeiro, mayor cuidado, he que na conſinta junto a ſy adulad res, & ſe guarde, & vigie de les; porque por mais cerc do que eſteja de guardas ſeu Palacio, a adulaçam ſabe introduzir ſutiliſſim mente, ſem ſer ſentida, & b ſtará ella ſó para primeiro fugeitar, & dominar a elle, depois o deſpojar do Imp rio: *Sola quippe adulatio n quicquam vigilantibus fatell tibus in ima uſque conclavi ſenſim penetrat, & in perim deprædatur*. Couſa difficul toſa parece, que tendo Arc dio preſidiado o ſeu Imp rio com as Legioens Roma nas, & naõ havendo entr

ini

migo estranho, que com
deroſos exercitos lhe fi-
ſe guerra, ouveſſem de ba-
r poucos homens deſar-
dos, para dentro em ſua
ppria caſa deſtruirem o
perador, & mais o Impe-
. Mas tam occulta, &
deroſa guerra he a que faz
s Principes a adulaçam, &
n pernicioſos inimigos
is que todos ſaõ os adula-
res. Ouçam os Politicos
Texto da ſua Biblia. *Adu-
io perpetuum malum Regũ,
orum opes ſæpius aſſentatio,
am hoſtis evertit.* A adula-
m he aquelle perpetuo
al, ou achaque mortal dos
eys, cuja grandeza, opulẽ-
a, & Imperios muitas mais
ezes deſtruio a lizonja dos
luladores, que as armas dos
imigos.

250 Commentando eſte
exto de Cornelio Tacito
utro Cornelio de mayor
rudiçaõ, de melhor juizo,
de mais largas experien-
ias que elle, confirma a
erdade do ſeu ditto com a
alta da verdade, de que ſó
recem os que ſaõ ſenhores
e tudo: & com os exemplos
e Nero, Ceſar, & Roboam,
todos deſeſtradamente per-
didos, naõ por inimigos de
fora, mas pelos aduladores
domeſticos. *Et quidem Re-
ges abundant rebus omnibus in
aula, exceptâ veritate. Quid
Neronem caſtiſſimè educatum
crudelem fecit? Adulatio.
Quid Cæſarem contra patriam
rebellare fecit? Adulatio.
Quid Roboam tyrannum red-
didit? Adulatio.* Nem a
Roboam aproveitou ter por
pay a Salamaõ, nem a Nero
ter por meſtre a Seneca, nem
a Ceſar terſe eſmerado nelle
a natureza em o dotar de hũs
eſpiritos tam generoſos, &
verdadeiramente reaes: para
que a adulaçam de ſeus pro-
prios familiares a hum nam
corrompeſſem as virtudes, a
outro nam deſpojaſſem do
Reyno, a outro nam tiraſsẽ a
vida, & a todos naõ deſtruiſ-
ſem tam infauſta, & miſera-
velmente, como todos ſabẽ.
Eſta meſma concluſaõ infi-
riram ſobre a liçam de todas
as Hyſtorias do mundo a-
quelles dous grandes Hyſto-
riadores, que em ſentença de
Lipſio, depois de Saluſtio, &
Livio, merecem os dous ſe-
guintes lugares, entre os La-

tinos Curcio, & entre os Hespanhoes, Marianna: *Regnum sæpius ab assentatoribus, quàm ab hostibus everti solet*: diz Curcio na Hystoria de Alexandre. *Vide hìc ut magis adulatio, quàm hostis Reges, & Principes perdat*: diz Marianna no Commentario de Oseas. De sorte, que tudo o que se sabe por vista, ou por memoria dos periodos, & cataſtrofes dos Reynos, & dos fins malafortunados dos Reys, & causas delles; as menos vezes se deve attribuir aos inimigos de fóra, q̃ saõ os que só se temem; senam a quem? Aos lizongeiros, & aduladores de dentro, aos que tem as entradas francas, & as chaves tam douradas como as linguas, aos que participaõ os segredos, & arcanos da Monarchia, & os que só saõ admittidos a dizer, & a ser ouvidos; em fim, aos inimigos interiores, & domesticos, que saõ os que mais se devèram temer.

§. VI.

251 Antes porèm que refira o que dizem os demais (pois sómẽte sou relator n ste ponto) para que se ou com mayor attençam, & dè inteiro credito ao que e les differem; he neceſſar ſocegar primeiro hum escr pulo, ou ſuſpenſaõ, com q estou vendo, que este non de inimigos dos Reys, ou reputa por injusta censura ou quando menos por dem siado encarecimento. Tod as pessoas, que os Reys a mittem à assistencia mais i terior de Palacio, alèm d calidades, & talentos, que fazem dignos de tam sob rana eleiçam; ninguem p de duvidar, que o seu m yor cuidado, & desvello servir, & agradar ao seu Prin cepe: & que elles saõ os qu mais lhe dezejam a vida, procuram a saude: elles os mais solicitam o bem, a con servaçam, & augmento d Reyno: elles os que de dia & de noite, sem descançar mais se empregam, & ma trabalham no que mais q tudo importa. E posto qu as suas palavras (como ped o respeito, & reverẽcia real se pronunciem vestidas, o adornadas com algum da quel-

elles enfeites, que popu-
mente se chamaõ lizõjas,
m por isso desmerece o af-
cto de seus coraçoens o no-
e de amigos, & verdadei-
s amigos; com que vem a
r afronta nam só injusta, &
lumniosa, mas indigna de
dizer, nem ouvir, que su-
eitos tam illustres, & tam
aes, sejam chamados inimi-
os dos Reys, & se lhe appli-
ue no Texto de Christo a
ensura de *Inimicos vestros.*

252 Tudo isto digo eu
mbem, & geralmente assim
e. Mas porque nesta Re-
ra, como em todas, pòde
aver alguma exceiçam, ou-
amos sobre ella o mesmo
egislador, que he o melhor
nterprete das suas Leys. E
ssim o mesmo Christo, que
disse, *Diligite inimicos ve-*
stos, será tambem o que nos
declare estes inimigos quem
saõ, & como o saõ, & como
nam pòdem deixar de o ser.
Nemo potest duobus Dominis
servire (diz Christo) nin-
guem pòde servir a dous Se-
nhores. E porque? Porque
se tiver amor a hum, hade
ter odio aò outro: *Aut enim*
unum odio habebit, & alterum
diliget. Supposta esta difini-
çaõ infallivel da summa ver-
dade; pergunto agora: E os
que servem aos Reys em Pa-
lacio, a quãtos Senhores ser-
vem? Se alguns se nam qui-
zerem lizongear tambem a
sy mesmos, he força, q̃ con-
fessem, que servẽ a dous Se-
nhores: ao Senhor Rey, &
ao Senhor interesse proprio.
Logo segue-se, que se amaõ
a hum, tem odio a outro, &
que se de hum destes Senho-
res sam amigos do outro sam
inimigos: *Aut enim unum*
odio habebit, & alterum dil-
get. Notay, que naõ diz
Christo: *Unum diliget, & al-*
terum non deliget: senaõ: *Unũ*
odio habebit, & alterum dili-
get. Porque se nam pòde
servir, & amar a hum, sem ser
inimigo do outro. E se em
algum dos que servem ao
Rey se provasse, que ama
mais o seu interesse q̃ o Rey,
provado estava, que este tal
he inimigo do Rey.

253 O Papa chama-se
Servus servorum: E creyo eu
que a muitos Reys se podèra
estender o mesmo titulo sem
offensa da Sè Apostolica.
Porque ha tantos, que quei-

raõ ſervir de perto aos Reys? Porque querem, que tambem os Reys os ſirvam a elles? Naõ digo tanto. Servem aos Reys, porque lhe ſerve o ſervillos. Arrimaſe a hera à torre, naõ por amor da torre, ſenaõ por amor de ſy: naõ porque queira corear a torre (q̃ as coroas de hera naõ ſaõ as dos Reys) mas porque a hera naõ pôde creſcer ſem arrimo, & ella quer creſcer, & ſubir. Por iſſo vemos tam ſubidos, & tam creſcidos os que tal vez antes de chegarem a eſte arrimo, mal ſe levantavam da terra. Pelo cõtrario vemos tambem, que muitos ſe retiràram do ſerviço do Rey, porque lhe negàram, ou dilatàram a ſubida. Logo ao Senhor intereſſe he que ſerviam, & naõ ao Rey. Sete annos de Paſtor ſervíra Jacob a Labam, pay de Rachel, mas naõ ſervia a elle, ſervia a ella. E porque ſervia Jacob a Rachel, & naõ a Labam? Porque Rachel era a que amava. Porque amava a Rachel, por iſſo ſervia a Labam, & o amor naõ eſtà no por iſſo, eſtà no porque. Porque amaõ o ſeu intereſſe, por iſſo ſervem a Rey. Indigna couſa por certo, que ſeja o Rey o Labam quando o vil intereſſe he Rachel. Mas ouçamos a outro melhor Autor.

254 *Stellio manibus nitur, & moratur in ædibus Regis.* A aranha, diz Salamaõ, naõ tem pès, & ſuſtentandoſe ſobre as mãos, mora nos Palacios dos Reys. Bom fora, que moràram nos Palacios dos Reys, & tiveram nelles grande lugar os que ſe tem maõs. Mas a aranha naõ tem pès, & tem pequena cabeça, & ſabe muito bem ſeu conto. Sobeſe maõ antemaõ a hum canto deſſas abobadas douradas, & a primeira couſa que faz, he deſentranharſe toda em finezas. Com eſtes fios tam finos, que ao principio mal ſe diviſam lança ſuas linhas, arma ſeus teares, & toda a fabrica ſe vem a rematar em huma rede para peſcar, & comer. Taes ſaõ (diz o Rey q̃ mais ſoube) as aranhas de Palacio. Quem vir ao principio as finezas, com que todos ſe desfazem, & detentranham em zelo do ſerviço do Prin-

cepe,

pe, parece que o amor do
esmo Principe he o que
icamente os trouxe alli;
as depois que armáram os
ares como tecedeiras, & as
des como pescadores, logo
descobre, que toda a tea,
r mais fina que parecesse,
a urdida, & endereçada a
scar, & nam a pescar mos-
s. E se nam vejase o que
dos pescam. As melhores
ommendas, os Titulos, as
residencias, os Senhorios, &
l vez, diz o mesmo Sala-
aõ, que sendo a malha tam
iuda, pescaõ o mesmo do-
o da casa. *Homo, qui blan-
s, fictisque sermonibus loqui-
r amico suo, rete expandit
ressibus ejus.* As palavras
randas do adulador, saõ re-
es, que elle arma para tomar
ellas ao mesmo adulado. E
le he o artificio sem arte
os aduladores reaes. Ser-
em lizongeiramente aos
rincipes, para os ganhar, ou
es ganhar a graça, & para
servirem da mesma graça,
ara os fins que só pretẽdem
e seus proprios interesses
como por declaraçam do
esmo Legislador do nosso
Texto ninguem póde servir
a dous Senhores, sem amar a
hum, & ser inimigo do ou-
tro; provado fica sem repli-
ca, & concluido, que quãtos
forem em Palacio os amigos
de seus interesses, tantos saõ
os inimigos dos Reys.

§. VII.

255 E se elles disserem,
que saõ isto discursos, tam-
bem eu folgára muito, que
naõ só foraõ discursos, senaõ
muito mal fundados, &
muito falsos: mas no nosso
mesmo Texto o *Benefacere*
he prova do *Diligere*: *Diligi-
te, & benefacite.* Vejamos
pois o bem, ou mal, que os
aduladores fazem aos Reys,
& logo se verà claramente, se
os amaõ, ou saõ seus inimi-
gos. A mayor fatalidade
dos Reys, he nascerem todos
em signo de ser louvados.
Lançou Jacob a bençaõ a Ju-
das seu quarto filho, & as
palavras por onde come-
çou, foraõ estas: *Juda, te lau-
dabunt fratres tui*: Judas, ati
louvaràm teus irmãos. Os *Genes.* 49. 8.
Irmãos eraõ onze, & muitos
delles tiveràm muito q̃ lou-
var: pelo contrario Judas
nam deixou de fazer muitas
acções dignas de ser vitupe-
ra-

radas. Pois se nos outros ouve tambem cousas merecedoras de louvor, & em Judas merecedoras de vituperio; porque se dá por bençam só a Judas, que elle serà o louvado, & que todos o louvaràm: *Te laudabunt*? Porque Judas, como vimos ao principio, ainda que era o filho quarto, foy o que levou o cetro, & a coroa, & em quem se fundou o direito hereditario da casa, & succeſſaõ real: & he bençaõ, ou fatalidade dos Reys, que tudo o que fizerem, ou quizerem, ainda que nam seja louvavel, seja louvado: *Te laudabunt.* Se o Rey, como Saul, tomar para sy os despojos de Amalec consagrados a Deos, & os applicar a usos profanos: *Te laudabunt.* Se o Rey, como David, por huma simples informaçam suspeitosa, singular, & sem nenhuma legalidade privar do patrimonio a Mephiboseth, & o der ao seu criado Siba: *Te laudabũt.* Se o Rey, como Salamaõ, para edificar soberba, & deliciosamente o bom, ou mao retiro do Libano, derrubar as casas dos poucos poderosos, & queimar as choupanas dos miseraveis: *Te laudabũt.* Se o Rey, como Roboam, sobre o jugo pezadissimo, & intoleravel de seu pay acrescentar tributos sobre tributos, oppressoens sobre oppressoens, & rigores sobre rigores, nadando todo o Reyno em rios de lagrimas: *Te laudabunt.* E quem saõ os Panegiristas destes louvores? Naõ saõ os que padecem o diluvio fóra da arca, nam saõ os que moraõ, & morrem fóra das paredes de Palacio; senam os que vivem, & reynaõ das portas a dẽtro. Estes saõ os aduladores, que louvaõ, o que nam devèraõ louvar, & applaudem, o q̃ nam devèram applaudir, & ajudaõ o que devèraõ estorvar: attentos sómente a nam desgostar, ou entristecer o agrado, em que tem fundado seus interesses, sem attençaõ ao credito, & à fama, nem tal vez á consciencia dos mesmos Reys, como verdadeiros inimigos: *In malitia sua lætificaverunt Regem.*

256 Eu bem creyo do bom entendimẽto de alguns que no mesmo tempo, em o lou

cuvaõ, & applaudem com a
oca, gemem, & choraõ cõ
coraçam. Nem elles dei-
aõ de o confessar assim, on-
le nam he perigoso o sigillo.
Mas como servem mais ao
roprio interesse, q̃ ao Rey,
sta corvarde depẽdencia lhe
quivoca a dor com a ale-
ria, & o coraçaõ com a lin-
ua. Caso verdadeiramente
amentavel, & tragico, mas
à representado no theatro
le Roma. Depois que o
Emperador Nero se esque-
cèo de sy, & da temperança,
& compostura real, em que
ora criado, fez tam pouco
aso da propria authoridade,
& decẽcia, que entre os Ci-
haredos, & Estriões sahia
no theatro publico a compe-
ir com elles em todas as bai-
ezas ridiculas daquellas ar-
es, proprias de gente vil, &
nfame. A este espectaculo,
ou ludibrio da mayor fortu-
na, assistiaõ todas as Ordẽs,
Senatoria, Cõsular, & Eque-
stre: assistiaõ os Centuriões,
os Tribunos, & toda a flor
das Legiões Romanas: assi-
stiaõ principalmente todos
os familiares do Palacio Im-
perial, & entre elles diz com grande ponderaçaõ Tacito: *Et mærens Burrhus, ac laudans.* Era Affranio Burrho, homem de grave, & maduro juizo, Mestre, ou Ayo q̃ tinha sido com Seneca do mesmo Nero. E quando todos os outros faziaõ grandes applausos às mudanças, saltos, & gestos do Emperador Citharedo, como se forão outros tantos triumfos; só Affranio estava triste, mas tambem louvava como os demais: *Et mærens Burrhus, ac laudans.* Pois homem, ou animal (que te nam quero chamar com o nome proprio, por nam parecer que o faço appellativo) se conheces a indecencia, a desauthoridade, & a afronta do teu Principe; se estás engolindo as lagrimas, & afogando os gemidos; porque ao menos naõ emmudeces, & callas; para q̃ veja Nero na tua tristeza a tua dor, & lea no teu silencio o teu voto? Mas no mesmo tẽpo, em q̃ estàs chorádo o q̃ cõdenas, has de louvar o q̃ choras: *Et mærẽs Burrhus, ac laudans:* Sim, que taes saõ os aduladores de Palacio, ainda os de mayores obrigaçoẽs,

çoẽs, & de menos corrupto juizo.

257 Huns Authores comparaõ eſtes aduladores ao Camaleaõ, que nam tendo cor certa, nem propria, ſe reveſte, & pinta de todas as cores, quaeſquer que ſejam as do objecto viſinho. Outros os compàraõ a ſombra, que nam tem outra acçaõ, figura, ou movimento, que a do corpo interpoſto à luz, do qual nunca ſe aparta, & ſempre, & para qualquer parte o ſegue. Outros os cõparaõ ao eſpelho, retrato natural, & reciproco de quem nelle ſe vè; porque ſe lhe pondes os olhos, olha para vòs; ſe rides, rì; ſe chorais, chora; lagrimas porèm ſem dor, & rizo ſem alegria: que nam fora o eſpelho adulador, ſe aſſim nam fora. Mas como o Camaleaõ, a ſombra, & o eſpelho tudo ſaõ aſſiſtentes mudos; a comparaçam de Santo Aguſtinho he a mais propria, & ſemelhante de todas; porque os comparou ao Eccho: *Iucundum eſt, ac volùpe cum clamantibus nobis reſponſant ſylvæ, & acceptas voces numeroſiori reper-*

Aug. *cuſſu reddunt. Talis eccho adulator.* O Eccho ſempre repete o que diz a voz, nem ſabe dizer outra couſa: & onde as concavidades saõ muitas, he ſcena verdadeiramente aprazivel ver como os Ecchos ſe vaõ reſpondendo ſucceſſivamente huns aos outros, & todos ſem diſcrepancia dizendo o meſmo. O que diſſe a primeira voz, he o que todos uniformemente repetem. E iſto que fez a natureza nos boſques, faz a adulaçam nos Palacios, diz Aguſtinho. Diz o Rey, que quer fazer huma guerra: & ainda que a empreza ſeja pouco provavel, & o ſucceſſo de perigoſas conſequencias; que reſpondem os Ecchos? Guerra, guerra, guerra. Diz, que quer fazer hũa paz; & ainda que a occaſiaõ ſeja intempeſtiva, & os pactos, & condiçoens pouco decoroſas; que reſpondem os Ecchos? Paz, paz, paz. Diz, que quer enriquecer o erario, & para iſſo multiplicar tributos, & ainda que os fins, ou pretexto tenhaõ mais de vaidade, que de utilidade; que reſpondem os

Ecchos:

chos? Tributos, tributos, butos.

258 E para que eu tam- m acrescẽte a minha com- reçam, saõ parecidos os uladores àquelles quatro imdes do Apocalypse, os aes cercavaõ o Trono do rdeiro dominador da ter- ,& tẽdo cada hũ delles qua- o rostos, & quatro linguas, nhuma cousa diziaõ, nem diaõ dizer, senam Amen: *t quatuor animalia dicebant, nen.* Pois para isto assi- em ao Trono, para isto os junto a sy o supremo Do- inante? Para isto tanta di- ersidade de rostos, & tanto pparato de linguas? Sim, ara isto, & só para isto: para uando sair do Trono a voz, les dizerem os Amens. E ara q os Amens digaõ com rosto, & o rosto nam desdi- a do que elles dizem; por o sendo a voz huma só, os ostos saõ muitos, & tam arios, quantos pòdem ser os ectos da Magestade adu- da. Se o Rey está benigno, humano; para isso tem ro- o de Homem: *Facies ho- inis*: Se está colerico, & ado; para isso tem rosto de Leaõ: *Facies leonis*: Se está sobrelevado, & altivo; para isso tem rosto de Aguia: *Facies aquilæ*: Se está malencon- nico, & carregado; para isso tem rosto de Bezerro: *Facies bovis*. Em fim muitos rostos, & huma só voz; porque sem- pre a lingua, & os gestos es- taõ aparelhados, ou na von- tade declarada para a apro- var, ou na inclinaçam só pre- sumida para a prevenir.

§. VIII.

259 A intençam recta dos Principes nam he esta, senam que cada hum diga li- vremente o que entende, & aconselhem o que mais im- porta; mas como o Norte sempre fixo do adulador he o interesse, & conveniencia propria, nenhum ha que se fie deste seguro real, & todos temem arriscar a graça, onde tem posta a esperança. Di- zia Seneca (& dizia o que obrava) que antes queria of- fender com a verdade, que agradar com a lizonja: *Ma- luerim veris offendere, quam placere adulando.* Mas quem era Seneca? Era aquelle gran- de

de Estoico, em cuja estimaçaõ a mayor riqueza era o desprezo de todas. Era tam opulento o seu patrimonio, que só elle podèra fundar, & enriquecer muitas casas, & tam grandes como as que hoje saõ titulares: & tudo renunciou Seneca, & applicou ao Fisco Real. E quem com a sua fazenda quer acrescentar os thesouros do Rey, escolhe antes offender com a verdade, que agradar com a adulaçam. Porèm aquelles, que com os thesouros do Rey querem acrescentar a sua casa, & enriquecer a sua pobreza, ou a sua vaidade, q̃ se pòde crer, ou esperar, que façaõ? Que digaõ sincoenta lizonjas para grangear huma Commenda, & que nam se atrevaõ a dizer meya verdade, por se naõ arriscar a perdèlla. Oh Reys, oh Monarchas do mundo, que por esta causa, & só por esta, he digna de compaixaõ a vossa suprema fortuna!

260 O Psalmo *Miserere mei Deus* nam só o fez David para lamẽtar a sua miseria como peccador, senam tambem como Rey. Esse foy o seu pensamento; & o s sentimento, quando disse *Tibi soli peccavi*: Eu, Senho só para vòs pequey. E po que só para vòs, & nam pa os outros? Porque só vòs n estranhastes o meu peccad porque fuy peccador: & n nhum dos outros mo estr nhou; porque era Rey. E proprios termos Hyschi *Quoniam reliquis omnibus tanquam Regi indulgentibu solus Deus misit Nathan, nefarium scelus reprehend* O peccado de David só pa Deos foy peccado; porq para todos os outros, cou era Rey, foy indulgenci Eisaqui de que serve a Reys o ser Reys, & quam l zongeiramente o servem que o servem. Se algun vez na antecamara de Dav (onde elle o nam ouvisse) tocou no seu peccado, o q os Palacianos discorriaõ, e desta maneira. Que o am de Berzabè fora hum gala teio de Principe Soldad que o casarse com ella, fo huma honrada restituiça da sua fama: que o matar Urias fora hũ cõselho nece sario, prudente, & generos

g

neroso; porq̃ o fez morrer
bremente na guerra: pru-
nte; porque parecèo aca-
o que foy industria: & ne-
sario; porq̃ o modo mais
uro de sepultar o aggravo,
meter debaixo da terra o
gravado. Tam levemente
fallava em Palacio em hũ
so mais que escandaloso,
roz: chamando ao adulte-
o galantèio, ao homicidio
ceilidade, & à aleivozia
udencia. No Capitulo oi-
vo do segundo Livro dos
eys se nomeaõ as pessas,
que constava a casa, & fa-
ilia superior de David: &
e cousa, que excede todo
encarecimento da lizonja,
e em tantos homẽs de tam
randes calidades, & suppo-
çoens, se naõ achasse nem
um só, que ou por zelo da
onra, ou por escrupulo da
onsciencia, ou por obriga-
am do officio, ou por me-
oria de beneficios, & mer-
es recebidas, se atrevesse a
ccudir a hũ Rey na sua des-
raça, & lhe abrir os olhos
om a verdade em tam peri-
osa cegueira. Por isso elle
onsiderando o seu desem-
aro, & conhecendo o risco
da propria salvaçaõ, orava, &
clamava a Deos, dizendo: *Psal.* 11. 2.
Salvum me fac, Domine, quoniam defecit sanctus, quoniam diminutæ sunt veritates à filijs hominum: Salvayme vòs, Senhor, acudime, & socorreyme, como Deos; porque entre os homens jà naõ acho nem hum só, que tenha virtude, & valor para me dizer a verdade.

261 Dous porques apõta David nestas palavras, muito dignos de reparo: porque faltàraõ os Santos: *Quoniam defecit Sanctus*: & porque faltàraõ homens, que com inteireza lhe disseſſem a verdade: *Quoniam diminutæ sunt veritates à filijs hominũ.* *Filij hominum* em frase da Escritura significà os homens de illustre geraçaõ, quaes saõ os que assistem ao lado dos Reys: & de lhe faltarẽ estes, se lamentà David. Pois porque faltàram os Santos, por isso nam hà quem falle verdade aos Reys? Sim: de hum porque se segue o outro porque. Porque faltàram os Santos, que saõ os que naõ querem nada deste mundo; essa hè a razaõ porque David, & *Psal.* 11. 2.

os outros Reys nam tem quẽ lavando humas hervas pa
lhe diga a verdade, eſtando comer, & diſſelhe hum d
cercados de tantos, que os li- que paſſavaõ: Se tu adul
zongeaõ, & adulaõ. Atè en- ras a Dionyſio, nam comèr
tre os Gentios era verdadei- hervas. E elle reſpondèo:
ra eſta conſequencia. Entre ſe tu te contentàras com c
os Gentios tambem, por ſeu mer hervas, nam aduláras
modo, havia ſantos, os quaes Dionyſio: *Si tu Dioniſio ad*
eraõ os Filoſofos, principal- *lari velles, iſta non ederes*
mente Eſtoicos, & Cinicos. *cui reſpondit: Si tu iſta ede*
Diogenes Filoſofo Cinico *velles, Dionyſio adulari nolle*
queria tam pouco das cou- Porque os Reys ſe nam ſe
ſas deſte mundo, que nem vem de homens, que ſe con
huma choupana tinha em q̃ tentem com comer hervas
viver, & morava dentro em por iſſo eſtaõ comidos d
huma cuba. Foy o ver, por aduladores, & cercados d
maravilha, Alexandre Mã- inimigos: *Quoniam defec*
gno: & dizendolhe com ſua *ſanctus.* Para ſer ſanto deſt
natural magnificencia, que genero nam he neceſſario,
pediſſe quanto quizeſſe: que faça milagres o que ſerve a
reſponderia Diogenes? Pe- Rey; baſta ſer homem, qu
çote, que me naõ tires o que ſe contẽte com o ſeu pouco
me naõ pòdes dar. E diſſe & nam aſpire a ter mais d
iſto, porque era Inverno, & que tem, nem a ſer mais d
Alexandre com a ſombra do que he.

corpo lhe tirava o Sol. Pare- 262 Mas ſe ha algu
cevos, que adularía aos Reys deſtes (que ſim ha) o pri
hum homem, que tam pou- meiro cuidado dos quatr
co queria delles? Bem o mo- animaes, que eſtaõ *in circuit*
ſtrou em huma famoſa repo- *throni*, & nelle tem cercados
ſta ſua, que refere Valerio ou ſitiados os Reys; o pri
Maximo. No tempo, em meiro, & mayor cuidado do
que reynava Dionyſio em aduladores he, que Diony
Sicilia, eſtava Diogenes à ſio nam ouça a Diogenes, an
porta, ou à boca da ſua cubà tes ſe aſſeſte contra elle tod

a ar

rtelharia, para quem nam
ceda romper as linhas da
cumvallaçaõ, & por for-
, ou por vontade se retire
ito longe da Corte. He
to, & caso expresso da
critura sagrada, naõ já em
mem Filosofo, senam
ofeta. ElRey Ieroboam
pois da divisaõ das Coroas
Israel, & Iuda tinha o seu
lacio em Bethel, & junto
lle a Mesquita, que edifi-
ra aos dous Bezerros de
ro, para divertir o Povo
irem sacrificar ao Templo
Ierusalem. Vivia na mes-
a Cidade de Bethel o Pro-
ta Amòs, o qual dizia a Ie-
boam algumas verdades
s que Deos lhe revelava
erca daquelle Reyno, &
u perigo. E como os adu-
dores de Ieroboam se te-
essem da efficacia, & ener-
a de Amòs, ao qual calum-
avaõ com o Rey, que to-
lmente lhe naõ tinha per-
do o amor, & reverencia;
um delles chamado Ama-
as se foy ter com o Profeta,
lhe disse em termos de a-
izade estas palavras: *Qui*
ides gradere, fuge in terram
uda, & comede ibi panem, &

prophetabis ibi. Et in Bethel non adjicies ultra, ut prophetes, quia sanctificatio Regis est, & domus Regni est. Quer dizer: Tu Amòs, que ves os futuros, poemte logo a caminho, & fuge daqui, & vayte para a tua patria, là comeràs o teu paõ, & profetizaràs: porèm aqui naõ te aconteça fallar mais palavra, porque Bethel he a casa, & Palacio do Reyno, & a santificaçam do Rey. Reparay muito nesta ultima clausula, que em moral, & politico sentido fecha admiravelmente todo o nosso discurso. *Quia sanctificatio Regis est, & domus Regni est.* De maneira, que exhortando Amasias ao Profeta Amòs, ou cominandolhe, que se saya da Corte, & fuja della, o motivo, q̃ allega para isso, he que a casa, & Palacio Real he a santificaçam do Rey. E porque? Nam podèra melhor definir hum adulador o que he Palacio. He o Palacio na definaçam dos aduladores a santificaçam do Rey, porque alli saõ santificados os Reys, & todas suas acçoens: & quanto o Rey faz, ordena, dezeja;

ou imagina, tudo he santo. Se Ieroboam se devide de Roboam seu legitimo Senhor, ainda que seja rebelliaõ; santo: Se prohibe ao Povo, que appareça no Têplo de Ierusalem tres vezes no anno, ainda que seja contra a Ley expressa de Deos; santo: Se levanta altares aos Bezerros de ouro, & os mãda adorar, ainda que seja manifesta, & publica idolatria; santo. E porque tù Amòs (diz Amasias) aconselhas outra cousa ao Rey contra o que todos seus criados lhe aprovamos, & naõ queres ajuntar a tua voz com as nossas, dizendo tambem cõnosco, santo, santo, santo, naõ sô naõ has de entrar mais em Palacio, mas sair logo da Corte, e de todo o Reyno: *Grădere, & fuge in terram Iuda: & in Bethel non adjicies ultra, ut prophetes.*

263 Tal he a sagacidade dos aduladores, & sua potencia. E tam tyrannizadas andaõ entre elles as mesmas Magestades aduladas; que nam só lhe nam dizem a verdade, nem querem que outros lha digaõ; mas afastaõ, & lançaõ muito longe Corte a todos os que lha pedem dizer. Naõ he isto manifesta tyrannia? Biantes hum dos sete Sabios da Grecia, perguntado qual era animal mais venenoso? Respondeo, que dos bravos tyranno, dos mansos o adulador. Em chamar veneno adulaçaõ, acertoulhe o nome; mas em distinguir o tyranno do adulador, naõ disbem; porque todo o adulador he tyranno. O mayo tyranno, que ouve no mundo, foy Herodes; mas seus aduladores ainda fora mayores tyrannos: porque Rey foy tyranno dos vassalos, & os aduladores fora tyrannos do Rey. O Text de Michèas, que lhe explicăraõ acerca do nascimento do novo Rey, falla expressamente de dous nascimento do Messias, hum tempora como Homem, & outro eter no como Deos: o tempora como Homem: *Ex te enim exiet dux, qui regat populum meum:* o eterno como Deos *Et egressus ejus ab initio, diebus æternitatis.* E os adu ladores, que fizeraõ? Calla

raõ

totalmẽte o segundo nas-
nento, & só fizeraõ men-
n do primeiro, com que
ganado Herodes, & sup-
ndo que o nascido em Be-
n era sómente homem, &
m Deos, entendéo, que o
dia matar; & assim se de-
erou à morte dos Innocẽ-
. Mas qual foy o motivo
ste engano? O que os adu-
lores tem em todos os seus,
e he o proprio interesse.
vinamente S. Joaõ Chry-
stomo: *In adulationem pro-
tò Regis, ut ad humanæ
atiæ lucrum veritatis dam-
proficerent.* Sendo a mate-
a tam grave, & a mais gra-
que podia havor, pois en-
olvia a coroa, & a salvaçaõ,
m duvidàraõ com tudo os
luladores de mentir, & li-
ongear ao Rey, para que os
nos da verdade fossem lu-
os do interesse: *Ut ad hu-
anæ gratiæ lucrum damna
ritatis proficerent.* Tam
rta he a proposiçam do
sso assumpto, & tam ver-
adeira, & solida a razam
ndamental delle: que to-
os os que em Palacio saõ
nigos do seu interesse, sam
imigos dos Reys: *Inimicos
estros.*

§. IX.

264 Supposto pois que os aduladores saõ inimigos dos Reys, & os Reys como todos os outros Christaõs tẽ tambem obrigaçam de amar a seus inimigos, & fazerlhe bem; seguiase agora exhortar os Principes a este amor, & beneficencia: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos.* Mas este meu Sermaõ hoje será a primeira oraçam Evangelica, q̃ contra todas as Leys da Rethorica acabarà sem peroraçaõ. Se a Christandade de todos os Principes Catholicos na observancia deste preceito de Christo he tam commua geralmente, & tam notoria, q̃ sendo os aduladores de Palacio os seus mayores inimigos, esses saõ os mayores validos, os mais favorecidos, & os mais amados conforme o *Diligite*; & esses os mais cheios de honras, merces, & beneficios conforme o *Benefacite*; nenhum lugar nos fica para a peroraçam do discurso, pois os mesmos exemplos deste amor, & be-

neficencia real excedem todos os limites da efficacia, a que se podia estender a exhortaçam. Assim viramos estimados, premiados, & satisfeitos os que nam servem à sombra de telhados de ouro, nem ao calor de brazeyros de prata, senaõ ao Sol, & ao frio, lidando com as ondas, & com as balas.

265 Huma só invectiva me occorria para poder acabar o Sermaõ, mas essa contra ElRey David, estranhandolhe, & reprehendendo muito o modo taõ alheio desta charidade, com q̃ elle tratava aos adullladores seus inimigos. No Psalmo sessenta & nove diz David estas palavras, ou as torna a repetir; porque jà tinha dito as mesmas no Psalmo trinta & nove: *Avertantur retrorsum, & erubescant, qui volunt mihi mala: avertantur statim erubescentes, qui dicunt mihi, euge, euge.* Primeiro que tudo se deve advertir em confirmaçam do que fica dito, que aquelles, *qui dicunt mihi, euge, euge*, saõ os mesmos, *qui volunt mihi mala*, porque adular he querer mal; & ser adulador he ser inimigo: quãtos saõ os euges, que v dizem, tantos saõ os mal que vos querem. E a es aduladores, que David rec nhecia por seus inimigos, q he o que lhe fazia, ou reso via fazer, como Rey? Qu tro cousas. Primeira: q experimentassem a gran aversaõ q̃ lhes tinha: *Ave tantur, avertantur.* Segund que logo, logo sahissem sua casa & naõ appareceße mais em sua presença: *Ave tantur statim.* Terceira: q naõ fossem adiantados nada, senaõ abatidos, & atr zados: *Avertantur retro sum.* Quarta, & ultima: q pois se naõ envergonhàra de ser aduladores, padeceß a vergonha de ser conhec dos publicamente, & trat dos como taes: *Avertantur & erubescant*: *Avertant statim erubescentes.* Isto he David, o que vòs fazieis a aduladores, vossos inimigos como Rey; mas naõ he is o que lhe devieis fazer com Profeta, que tam clara lu tivestes do Evangelho d Christo. Pois se Christo v manda, que ameis a voss

Psal. 69.4. *Psal.* 39.15.

in

imigos : *Diligite inimicos ſtros* : como vòs os aborre-is tanto, que os naõ podeis r, & os lançais de voſſa ca-, e de voſſa preſença? E ſe riſto vos manda, que lhe çais bem : *Et benefacite his, i oderunt vos* : como vòs e fazeis tanto mal, que os rontais, & envergonhais, õ ſecretamente, mas com famia publica : que para mens que tiveraõ tam hon-dos poſtos, he o mayor vi-perio?

266 Reſponde David, a invectiva, que eu fazia ntra elle, revolta elle con-a mim. E tu, Prègador, es loſofo, & Theologo, & nda nam ſabes a definiçaõ amor? *Amare, eſt velle num alicui* : Amar, he que-r bem àquelle a quem ſe a-a. E que mayor bem poſ-eu querer a hum adulador, ue fazer, que nam continùe n tam vil exercicio? E que ayor beneficio pòde eſpe-r de mim hum amigo do u intereſſe, & inimigo da erdade, que tiralo da occa-aõ de fazer traiçoens à meſ-a verdade, & a vender in-amemente pelo intereſſe? Se elles adulandome ſam meus inimigos, mayores inimigos ſaõ de ſy meſmos; & eu quero, que ceſſem deſte odio, que ſe tem, tanto mayor, quanto menos conhecido. E ſe adulandome podem fazer mal ao meu governo, & à minha coroa, muito mayor he o mal, que ſe fazem às ſuas conſciencias, & às ſuas Almas; & eu quero, que deſiſtaõ deſte grande mal contra ſeu goſto, pois o naõ haõ de fazer por vontade. Se Aſſuero, depois que conhecèo a cubiça, & falſo amor de Aman, o lançàra de ſua graça, & de ſua caſa, nam chegàra elle a ſer tam moſino, que vieſſe a morrer em hum pào; & o que aquelle Rey nam ſoube fazer a tempo as ſeus aduladores, faço eu logo aos meus ſem os diſſimular; porque os amo, & lhe dezejo o verdadeiro bem, & quero obſervar nelles o preceito de Chriſto : *Diligite inimicos veſtros, & benefacite his, qui oderunt vos.* Deſte modo rebatèo David a minha invectiva, & ajuntando eu ao exẽplo, que me allegou, de Aman, o de Seyano

em Roma ; o de Oliváto em França , o de Volſeu em Inglaterra , o de Alvaro de Luna em Heſpanha, & os da antiga , & freſca memoria no noſſo Portugal ; conheci a verdade ſobrehumana da razaõ de David, & fiquey convencido della.

267 Mas porque eu em todo eſte Sermaõ ſó profeſſey , & proteſtey referir , & nam ajuizar ; poſto finalmẽte agora entre dous extremos tam contrarios, como o d'El-Rey David , & o dos outros Reys : acabarey com o exemplo do primeiro Fundador da noſſa Corte , o qual entre hum , & outro extremo tomou hum tal meyo de compoſiçam , que parece ſatisfez a ambos. E que meyo foy eſte ? Ouvir os aduladores, mas nam ſe mover por elles. S. Pedro Damiaõ , & outros Santos compàraõ os aduladores às Seréas , as quaes com a ſuavidade das ſuas vozes de tal modo encantavaõ os navegantes , que voluntariamente ſe lançavaõ, & precipitavaõ às ondas , & ſe afogavaõ no mar , em que ellas viviaõ. Ouve de paſſar por eſte meſmo mar (que era jú to a Scilla , & Caribdes) Fundador de Lisboa Vly ſes , & uſando da ſua ſcien cia , & ſagacidade , que fez Navegava em huma ſermo gallè da Grecia , & para qu a chuſma naõ faltaſſe à voz dos remos , nem a outra ger te nautica à mareaçaõ d vellas , & todos eſcapaſſe do encanto das Seréas , t poulhes a todos os ouvid de tal ſorte , que as naõ ou viſſem. Elle porèm para qu podeſſe ouvir as vozes , de xou os ouvidos abertos , para naõ padecer os effeit do encanto , nem ſe precip tar ao mar, como acontecia todos, mandouſe atar ao m ſto tam fortemente , que ai da que quizeſſe , naõ ſe p deſſe bulir , nem mover. E he a hyſtoria , ou fabula , e genhoſamente finginda p Homero, para enſinar, que varoens ſabios,& conſtante como Ulyſſes , ainda que ou çaõ os aduladores , & o co traponto doce das ſuas lizo jas ; nem por iſſo ſe haõ deixar vencer de ſeus eng nos , & artificios, mas per ſtir,& cõtinuar a derrota ce

ſem mudar, deter, nem
cer a carreira do bom go-
rno. Aſſim o poderà fazer
mbem, quem táto confiar,
preſumir de ſua conſtan-
a, & naõ conhecer, que iſto
eſmo, ainda ſómente ditto,
fabula. Mas ſe eu tivera
thoridade para emendar a
omero, & confiança para
conſelhar a Ulyſſes; nam o
avia de querer com os ou-
idos abertos, & as mãos ata-
das, ſenaõ com os ouvidos tapados, & as mãos ſoltas. Porque com os ouvidos tapados naõ daria entrada à adulaçaõ, & com as mãos ſoltas ſeriaõ todas as acçoens ſuas, & como ſuas verdadeiramente reaes. Deſte modo ſe conquiſta no mundo a fama immortal, & ſe aſſegura tambem no Ceo a Gloria eterna.

SERMAM

DE

SANTA THERESA

NO COLLEGIO DA COMPANHIA
de Jesu da Ilha de S. Miguel:

AVENDO ESCAPADO O AUTOR D
hum terrivel naufragio, & apportado âquella Ilha.

Quinque autem ex eis erant fatuæ, & quinque prudentes. Matth. 25.

§. I.

268 Quantas vezes os q̄ parecèram acasos, foraõ conselhos altissimos da Providencia Divina! Acaso parece que estava Christo encostado sobre o poço de Sichar: & era conselh
da Providencia Divina; por
havia de chegar alli hũa m.u
lher (a Samaritana) que se ha
via de converter. Acaso pare
ce que entrava Christo pel
Cidade de Naim: & era con
selho da Providencia Di
vina; porque havia de sai
dall

lli hum moço defunto, que
via de reſuſcitar. Acaſo
rece que paſſeava Chriſto
las prayas do mar de Gali-
a: & era conſelho da Pro-
dencia Divina; porque ha-
ia de chamar dalli a dous
eſcadores, que deixadas as
des, & o mundo, o haviaõ
ſeguir. Pareceme, Senho-
s, que me tenho explica-
o. Acaſo, & bem acaſo,
ortey às prayas deſta Ilha:
caſo, & bem acaſo entrey
elas portas deſta Cidade:
caſo, & bem acaſo me vejo
oje nelte pulpito: que he
erdadeiramente o poço de
ichar, onde ſe bebem as
guas da verdadeira doutri-
a. E quem me diſſe a mim,
em a vòs, ſe debaixo deſtes
caſos ſe occulta algum gran-
e conſelho da Providencia
ivina? Quem nos diſſe, ſe
averà neſta Naim algum
ancebo morto no ſeu pec-
ado, que por eſte meyo ha-
de reſuſcitar? Quem nos
iſſe, ſe haverà neſta Sama-
ia alguma mulher de vida
erdida, que por eſte meyo
e haja de converter? Quem
os diſſe, ſe haverà neſta Ga-
ilèa algum Pedro, ou algum
André, engolfados no mar
deſte mundo, que por eſte
meyo hajaõ de deixar as re-
des, & os enredos? Bem vejo
que a força dos ventos, & a
violencia das tempeſtades
foy a que me trouxe a eſtas
Ilhas; ou me lançou, & arre-
meçou nellas. Mas quem
pòde tolher ao Autor da gra-
ça, & da natureza, q obre os
effeitos de huma pelos inſtru-
mentos da outra: & que com
os meſmos ventos, & tem-
peſtades faça naufragar os re-
medios para ſoccorrer os
perigos? Obrigado da tem-
peſtade, & do naufragio che-
gou S. Paulo à Ilha de Mal-
ta, & do que alli entaõ prè-
gou o Apoſtolo, tiveraõ
principio aq ellas religioſas
luzes, com que hoje ſe alu-
mia, & ſe defende a Igreja.
Bem conheço quam falto
eſtou da eloquencia, & mui-
to mais do eſpirito de Sam
Paulo; mas na occaſiam, &
nas circunſtancias preſentes,
ninguem me poderà negar
huma grande parte de Prè-
gador, que he chegar a eſta
Ilha vomitado das ondas.

269 Huma das couſas
mais admiraveis, ou a mais
ad-

admiravel de todas as que ſe lem em materia de prègaçaõ, he o grande, & univerſal fruto, que fez a do Profeta Jonas em Ninive. As maldades da Cidade eraõ as mais enormes, o povo gentilico, & ſem fé, o Prègador eſtrangeiro, & naõ conhecido, o Sermaõ breviſſimo, deſarmado, & ſeco, ſem prova de razaõ, nem de Eſcritura: & com tudo, que eſte Sermam, & eſte Prègador converteſſe o Rey, & a Corte, & a populoſiſſima Cidade a huma penitencia tam geral, tam extraordinaria, tam publica? Mas era Jonas hum Prègador vomitado das ondas. Prègava nelle a tempeſtade, prègava nelle a Balèa, prègava nelle o perigo, prègava nelle o aſſombro, prègava nelle a meſma morte, de que duas vezes eſcapàra. Por certo que naõ foy tam grande a tempeſtade de Jonas, como a em que eu, & os companheiros nos vimos. O navio virado no meyo do mar, & nòs fóra delle pegados ao coſtado, chamando a gritos pela miſericordia de Deos, & de ſua Mãy. Naõ apparecèo alli Balèa, que nos tragaſſe mas appareceo (naõ meno prodigioſamente naquell ponto) hum deſſes monſtro marinhos, que andaõ infe ſtando eſtes mares: Ell nos tragou, & nos vomito depois em terra. Vomitad aſſim em terra Jonas, o them que tomou, foy: *Adhuc qua draginta dies & Ninive ſub vertetur.* Daqui a quarent dias ſe ha de ſoverter Nini ve. Em terra, onde os terre motos ſaõ tam continuos, & tam horrendos: em terra on de os mõtes ſaõ vivos, & co mem, & ſe ſuſtentaõ de ſua proprias entranhas, & eſtar lançando de ſy os incendio a rios: em terra onde o fog he mais poderoſo que o meſ mo mar Oceano, & levant no meyo delle Ilhas, & deſ faz Ilhas: em terra onde po voaçoens inteiras em hũ mo mento ſe viraõ arruinadas, & ſovertidas; que thema mais propoſito que o de Jonas *Adhuc quadraginta dies & Ninive ſubvertetur*? Se Ni nive ſe ſoverteſſe, ſeria mila gre, & caſtigo; mas ſe ſe ſo verteſſe (o que Deos nar permittirà) eſta Cidade, po

di

ſer caſtigo ſem ſer mila-
c. Suppoſtas todas eſtas
rcunſtancias, muy a propo-
o vinha o thema ao Prèga-
r, & ao lugar; mas he o
a muy de feſta para aſſum-
o tam triſte, & tam fune-
o.

270 Glorioſa Thereſa,
rra onde vòs eſtais, & onde
devaçaõ dos moradores tan-
vos venera, ſegura pòde
ſar de ſer ſovertida. Con-
ertida ſim, ſovertida nam.
or meyo de Jonas conver-
éo Deos a Ninive: & era
onas tam imperfeito na-
uelle tempo, que deſobe-
ecia a Deos, & fugia delle.
Mas tanto pòde a força da
Graça! Quando vòs, Santa,
iveis na terra, o mayor em-
prego de voſſas oraçoens, era
ncomendar os Prègadores a
Deos, para q̃ converteſſem,
& levaſſem a elle muitas Al-
mas, como vòs levaſtes tan-
tas. Oh quem merecèra ne-
ſta hora hum rayo da voſſa
luz, & hum aſſopro do voſſo
eſpirito! Naõ he menor ho-
je a voſſa charidade, nem
menos poderoſa a voſſa va-
lia. Entercedey, glorioſa
Virgem, com a Virgem, & Máy de voſſo Eſpoſo, para que me alcance do ſeu eſta graça. Bem ſabeis, Santa, que graça he a que eu dezejo: naõ aquella graça, que faz ſoar bem as palavras nos ouvidos, naõ aquella graça que deleita, & ſuſpende os entẽdimentos, ſenaõ aquella graça, que acende as vontades, aquella graça que abranda, que rende, que fere, que inflamma os coraçoens. Deſta graça nos alcançay da Virgẽ Santiſſima quanta ella ve que ha miſter a dureza de noſſas Almas, & a frieza da minha. *Ave Maria.*

§. II.

Quinque autem ex eis erãt fatuæ, & quinque prudentes. Matt. 25. 2.

271 COm os olhos no Ceo, com os olhos na terra, & com os olhos no Evangelho determino prègar hoje; que he o modo com que nas feſtas dos Santos ſe deve prègar ſempre. Deveſe prègar com os olhos no Ceo, para que vejamos o que havemos de imitar nos Santos: deveſe prègar com os olhos na terra,

ra, para que saibamos o que havemos de emẽdar em nós: & deveſe prẽgar cõ os olhos no Evangelho, para que o Evangelho, como luz do Ceo na terra, nos encaminhe ao que havemos de emendar na terra, & ao que havemos de imitar no Ceo. O que hoje nos poem diante dos olhos o Evangelho, saõ dez Virgens, sinco neſcias, & sinco prudentes: & isto he o que dizem as palavras, que propuz: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, & quinque prudentes.* Mas quando olho (couſa notavel!) quando olho para as Virgens prudentes com os olhos no Ceo, & quando olho para as neſcias com os olhos na terra, vejoas com os appellidos trocados. As prudentes viſtas com os olhos no Ceo, parecemme neſcias: & as neſcias viſtas com os olhos na terra, parecemme prudentes. Isto he o que ſe me affigura hoje, & eſta ſerà a materia do Sermaõ: que as prudentes viſtas com os olhos no Ceo, foraõ neſcias: & que as neſcias viſtas com os olhos na terra foraõ prudentes. Mais claro. Que as virgens prudẽtes cõ paradas com Santa Thereſa foraõ neſcias: *Quinque ex ei erant fatuæ*: & que as Vi gens neſcias comparadas c noſco, foraõ prudentes: *E quinque prudentes.*

§. III.

272 A primeira couſa em que as Virgens prudente comparadas com Santa The reſa foraõ neſcias, he, que a Virgẽs prudentes dormiraõ quando tinhaõ obrigaçaõ d vigiar: & Santa Thereſa vi giou quando tinha ſeguran ça para dormir. A obriga çaõ que todas as Virgens ti nhaõ de vigiar, declaro Chriſto no fim do Evange lho, quando diſſe: *Vigilate quia neſcitis diem, neque ho ram*: Vigiay, porque nam ſabeis o dia, nem a hora. Ma poderà alguem replicar, & naõ ſem fundamento, q̃ eſta Virgens, ainda que naõ ſa biaõ a hora, ao menos ſabiaõ o dia, porque foraõ convi dadas para o dia das vodas Com tudo he certo, que naõ ſabiaõ, nem o dia, nem a ho ra: naõ ſabiaõ a hora em que ha-

via de vir o Eſpoſo; por-
e havendo muito que eſ-
ravaõ, veyo à meya noite:
ediâ autem nocte: & naõ ſa-
aõ o dia; porque quem
yo á meya noite; ſe viera
m pouco antes, vinha em
m dia; & ſe viera hum pou-
depois, vinha em outro.
como o Eſpoſo veyo ao
nto da meya noite, em que
m dia natural acaba, & o
tro começa, ainda depois
e vir, naõ ſe ſabe em q̃ dia
eyo. Naõ ſe ſabe ſe foy no
ia dantes: ou no dia de de-
ois: nem ſe ſabe ſe foy em
mbos os dias, ou em nenhum
elles; porque o ponto da
eya noite he iſſante, &
quelle inſtante naõ he parte
e nenhum dos dias, porque
aõ he tempo: ſendo pois
ſſim que as Virgens naõ ſa-
iaõ o dia, nem a hora; que
omtudo ſe deſcuidaſſem, &
dormeceſſem todas, neſcias,
x prudentes: *Dormitave-*
unt omnes, & dormierunt:
naõ ha duvida, que foy gran-
de fraqueza: nas neſcias foy
er o que eraõ, nas prudentes
oy ſerem neſcias. No meſ-
no Evangelho o temos.

273 Diz o Evangelho, que ſahiraõ dez Virgẽs a receber o Eſpoſo: & que tardando o Eſpoſo, adormecêraõ todas. Mas notay: quando diz, que ſahiraõ, faz diſtinçaõ de humas a outras, & diz, que humas eraõ neſcias, & outras prudentes: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, & quinque prudentes*: Quando porem diz, que adormecêraõ, & dormiraõ, naõ faz diſtinçaõ alguma, de todas falla pela meſma linguagem: *Dormitaverunt omnes, & dormierunt.* Pois ſe o Evangelho faz diſtinçam de prudentes a neſcias, quando ſahiraõ, porque naõ faz a meſma diſtinçaõ de prudentes a neſcias, quãdo dormirãõ? Porque quando ſahiraõ, foram differentes no cuidado, & quando dormiram foraõ iguaes no deſcuido: quando ſahiraõ foraõ differentes no cuidado, porque ſinco levâraõ oleo nas redomas, & ſinco naõ: quando dormiram, foraõ iguaes no deſcuido, porque humas ſinco, & outras ſinco, nenhuma reſiſtio ao ſono, todas dormiraõ. E como ao ſair ſinco foraõ cuidadoſas, & ſinco deſcuidadas;

das; por isso falla dellas com distinçaõ o Evangelista, & a sinco chama nescias, & a sinco prudentes: porèm ao dormir como todas foraõ descuidadas, & nenhuma ouve que vigiasse; por isso falla de todas sem distinçaõ, porque naõ ouve entre ellas, nescias, & prudentes, todas foraõ nescias.

274 Todas as dez Virgens foraõ nescias neste caso, se bem as prudentes menos nescias que as nescias; porq̃ as nescias dormiraõ sem desculpa; as prudentes podiaõ dizer, que quem està prevenido, naõ dorme. Nas nescias tudo dormia; nas prudẽtes dormiaõ os olhos, mas vigiavaõ as redomas. Em fim as Virgens prudentes comparadas com as nescias, foraõ prudentes, porque tiveraõ mais prevençaõ: mas cõparadas com Santa Theresa, foraõ nescias. Porque? Porque ellas dormiraõ tendo obrigaçaõ de vigiar, pois naõ sabiaõ o dia, nem a hora: & Santa Theresa vigiou, tendo segurança para dormir; porque sabia o dia, & a hora, & ainda mais,

§. IV.

275 Hum dos mayo
res favores que Santa There
sa recebèo de Deos, & e
que excedèo a todos, o
quasi todos os Santos; fora
dous secretos, que o mesm
Senhor lhe revelou, occulto
a todos os homens: o pri
meiro quando havia de mor
rer; o segundo, que se havi
de salvar. Alguns Santos ti
veraõ revelaçaõ de sua mor
te, Santa Theresa teve-a d
sua morte, & de sua prede
stinaçaõ. Por isso digo, qu
Santa Theresa vigiou saben
do mais que o dia, & mais
a hora: soube o dia, & a ho
ra, porque soube quando ha
via de morrer, & soube mai
que o dia, & mais que a ho
ra; porque soube tambem
morrendo se havia de salvar
E que sobre estas duas cien
cias, sobre a ciencia, & certe
za de quando havia de mor
rer; & sobre a ciencia, & cer
teza de que se havia de sal
var; vigiasse com tudo San
ta Theresa, sem adormecer,
nem se descuidar hum mo
mento, antes fazendo huma

vida

da tam rigurosa, & tam
ravilhosa. Esta he a ma-
r maravilha de toda a
a.

276 Todos os homens
este mundo vivemos com
as ignorancias; a primeira
morte, a segunda da pre-
stinaçaõ. Todos sabemos,
e havemos de morrer; mas
nguem sabe o quando. To-
os sabemos, que nos have-
os de salvar, ou condenar;
as ninguem sabe qual de-
as duas ha de ser. E porque
denou Deos, que a morte
sse incerta, & a predestina-
õ duvidosa? Naõ podêra
eos fazer, que soubessemos
dos quando haviamos de
orrer, & se eramos, ou naõ,
redestinados? Claro está
ue sim: mas ordenou com
mma providencia, q̃ esti-
essemos sempre incertos da
orte, & duvidosos da pre-
stinaçam; para que a mor-
e nos suspendesse sempre o
emor com a incerteza: & a
redestinaçaõ nos sustentas-
e a perseverança com a du-
ida. Se os homens soube-
aõ quanto haviaõ de viver,
quando haviaõ de morrer;
ue seria dos homens? Se eu
sabẽdo que posso morrer ho-
je, me atrevo a offender a
Deos hoje: quem soubesse
que havia de viver quarenta
annos, como naõ offenderia
confiadamẽte a Deos, ao me-
nos os trinta, & nove? Por
esta causa ordenou Deos, que
a morte fosse incerta: & pela
mesma, que a predestinaçaõ
fosse duvidosa. Se os homens
soubessem que eraõ precitos,
como desesperados haviaõse
de precipitar mais nas mal-
dades: se soubessem, q̃ eraõ
predestinados, como seguros
haviaõse de descuidar na vir-
tude: pois para que os màos
sejaõ menos máos, & os bons
perseverem em ser bons, nem
os màos faibaõ que saõ pre-
citos, nem os bons saibaõ que
saõ predestinados. Naõ sai-
baõ os maos que saõ precis-
tos, para que naõ se despe-
nhem como desesperados;
nem saibaõ os bons que saõ
predestinados, para que se
naõ descuidem como segu-
ros. Demaneira, que estas
duas ignorancias, a ignoran-
cia da morte, & a ignorancia
da predestinaçaõ, saõ as ba-
zes do temor da morte, & do
temor do inferno, & estes
dous

dous temores as duas mais fortes colunas, sobre que todo o edificio da vida Christãa se sustenta, para que os homens naõ vivessem como nescios, mas obrassem como prudentes. Porèm a Santa Theresa tratou-a Deos com tal exceiçaõ, & fez da lealdade do seu amor tam differente confiança, que em lugar destas duas ignorancias, lhe deu as duas ciencias contrarias: a ciencia de quando havia de morrer, & a ciencia de q̃ se havia de salvar; porque sabía, que nem a ciencia, & certeza da hora da morte lhe havia de diminuir a vigilancia, nem a ciencia, & segurança da salvaçaõ lhe havia de intibiar o cuidado. Saiba Theresa quando ha de morrer, & saiba que se ha de salvar, para que obrando sobre estas duas ciencias, saiba tambem o mundo quam fielmente me ama.

277 Tendo o Evangelista S. Joaõ escrito as acçoẽs da vida de Christo, & passando a escrever as da sua morte, & vesporas della, diz assim: *Ante diem festum Paschæ sciens Iesus quia venit hora ejus*: Antes do dia da Pa choa sabendo Iesus, que e chegada a hora de sua mo te: *Cum dilexisset suos, q erant in mundo, in finem dil xit eos*: Como tivesse am do aos seus em todo o temp da vida, neste fim os amo mais. Vay por diante o Evi gelista: *Sciens quia à Deo ex vit, & ad Deum vadit*: E sa bendo mais que hia para Ceo, & para Deos, assim co mo de là tinha vindo: *Pon vestimenta sua, & capit lav re pedes discipulorum*: Tiro o Senhor os vestidos, & põ dose em trajos de servo, co meçou a lavar os pès ao Discipulos. E assim vay con tinuando tudo o que o Se nhor obrou naquellas hora ultimas, & tam cheias. D modo que antes de S. Ioa descrever as ultimas, & ma yores acçoens de Christo, reparo que fez, & o prolog de que usou, foy advertir, & ponderar, que tudo fizera Senhor com duas ciencia particulares: com cien cia da hora de sua morte *Sciens quia venit hora ejus*: & com ciencia de que hia pa ra o Ceo: *Sciẽs quia ad Deum*

Ioan. 13.1.

dit. Mas com que funda-
nto, & com que energía
ndera o Evangeliſta neſte
ſo, que obrava Chriſto cõ
as duas ciencias? Para ſa-
rmos, q̃ Chriſto, em quan-
Deos, & em quanto Ho-
m tinha ciencia de todas
couſas preſentes, & de to-
as futuras, naõ era ne-
ſario que o Evágeliſta no
advertiſſe. Pois porque
ta, & pondèra tanto neſte
ſo, que tinha Chriſto
ncia do dia, & da hora da
morte, & ciencia de que
, & havia de ir ao Ceo? A
raõ foy, porque Chriſto,
hor noſſo, viveo cõ tan-
cautella, & vigilancia em
a a ſua vida, como ſe naõ
era conhecimento da ho-
de ſua morte: & prepa-
ſe com tantas diligẽcias,
am grandes, & heroicas
as para a morte, como ſe
o tivera conhecimẽto, nẽ
teza de ſua ſalvaçaõ. E q̃
do Chriſto ciencia, &
teza da ſalvaçaõ: *Sciens*
ad Deum vadit: fizeſſe
tas diligẽcias para a mor-
& que tendo ciencia, &
teza do dia, & da hora da
rte: *Sciens quia venit hora*
ejus: ſe portaſſe com tanta
cautella, & vigilancia na vi-
da? Foraõ humas circun-
ſtancias de virtude, & exem-
plo tam relevantes eſtas, ain-
da na vida, & na morte do
meſmo Chriſto; que quiz
elle, que as advertiſſe, & põ-
deraſſe o Evangeliſta, & q̃
nòs reparaſſemos muito nel-
las: *Sciens quia venit hora e-*
jus: *In finem dilexit eos*: *Sciẽs*
quia ad Deum vadit, ponit ve-
ſtimenta ſua.

278 Ah prudentiſſima
Virgem Thereſa, que com
eſte dobrado *Sciens* cõ eſtas
meſmas duas ciencias fize-
ſtes neſcias as que o Evange-
lho canoniza de prudentes!
Vigilate, quia neſcitis diem, ne-
que horam. Ellas naõ ſaben- *Matt.*
do o dia, nem a hora, dormi- 25. 13
raõ: vòs ſabendo mais que o
dia, & mais que a hora, vi-
giaſtes. As duas ciencias, q̃
Chriſto tinha por natureza,
& por graça, tinha Sãta The-
reſa por revelaçaõ. Sabía
por revelaçaõ o dia, & a ho-
ra de ſua morte: *Sciens quia*
venit hora ejus: ſabia por re-
velaçaõ, que ſe havia de ſal-
var, & gozar de Deos: *Sciens*
quia ad Deum vadit: & vivia

com tanta vigilancia ſobre ſuas acçoens, como ſe o naõ ſoubera, antes receàra muito o contrario. Sabía, que lhe havia de durar ainda a vida muitos annos, & vivia com tanta cautella, como ſe temé-ra morrer naquelle dia. Sabia, que era predeſtinada, & que ſe havia de ſalvar, & preparavaſe com tam extraordinarias obras para a morte, como ſe duvidàra muito de ſua ſalvaçaõ. Em fim obràraõ em Thereſa eſſas duas ciencias, o que naõ chegaõ a obrar em nenhum homem aquellas duas ignorancias; naõ tendo a Eſpoſa de Chriſto outro paralelo das finezas de ſeu amor neſte caſo, mais que as do proprio Eſpoſo.

279 Se Chriſto fora hum homem como nòs, & naõ ſoubera quanto lhe havia de durar a vida, nem ſe havia de ir ao Ceo depois da morte; que na vida fizeſſe o que fez, & antes da morte ſe diſpuzeſſe como ſe diſpoz; menos admiraçaõ fora: mas que tendo os annos, & dias da vida ſabidos, & o Ceo certo, & ſeguro; que deſdo principio da vida ſe dedica ſe a taes extremos de pobr za, de humildade, de ſuge çaõ, de perſeguiçoens de t balhos: & que antes da mo te (com mayor, & mais eſſ pendo exemplo) diſpa os v ſtidos, lave os pés aos Diſ pulos, ore com tanta effic cia no Horto, emmudeça injurias, ſofra açoutes, & pinhos, peça perdaõ pel inimigos, & encommen ſua Alma nas mãos do Pad com vozes, & com lagrim Grande circunſtancia, & grande valor, & admiraç nas obras de Chriſto!

280 Vede agora, ſe ſe tambem grande nas de Th reſa. Que comece Ther deſde minina, juntame com o uſo da razaõ o uſo penitencia, & das virtud & que ſabendo quando ha morrer, & que lhe reſ muitos annos de vida, n afroxe hum momento, an acreſcente rigores? Que mece Thereſa a fazer ſua ſalvaçaõ o mais que fi raõ os mayores Santos; que ſabendo de certo que predeſtinada, & que ſe ha ſalvar, ſe ponha a retra

as acçoens na melhor, & ayor idade da vida pelas ie Chriſto obrou nas veſ- ras da morte? Que tẽdo o eo ſeguro, deſpiſſe os veſti- os, naõ do mundo, mas da eligiaõ moderada, & deſ- lçaſſe os pès, & ſe veſtiſſe as primitivas aſperezas de lias? Que tendo o Ceo ſegu- o, ſe retiraſſe totalmente do ato humano, & gaſtaſſe aõ huma, naõ duas, & tres oras, ſenaõ toda a vida em raçaõ, & uniaõ com Deos am alta? Que tendo o Ceo eguro, ſe diſciplinaſſe com adeas de ferro; & dos eſpi- hos, de que ſeu Eſpoſo for- nou a coroa, teceſſe ella ci- icios? Que tendo o Ceo ſe- guro, naõ fallaſſe, nem reſ- pondeſſe huma palavra con- ra os q̃ tam gravemẽte a in- famàraõ, & perſeguíraõ? Que tendo o Ceo ſeguro, naõ ſó perdoaſſe a ſeus ini- migos; mas oraſſe efficaz- mente por elles a Deos, & lhes alcançaſſe merces? E que tẽdo o Ceo ſeguro, cho- raſſe os peccados, que naõ ti- nha, como ſe foſſe a mayor peccadora?

281 Atèqui, Thereſa, as imitaçoens de voſſo Eſpo- ſo. Naõ ſey ſe paſſe daqui; mas quero paſſar, pois elle quiz, que vòs paſſaſſeis. Que tenha Thereſa o Ceo ſeguro, & que quando mais a aper- tavaõ as dores terriveis de ſuas enfermidades, pediſſe a Deos lhas dilataſſe atè o fim do mundo? Que tenha The- reſa o Ceo ſeguro, & que vi- va com tanto eſcrupulo, & delicadeza de conſciencia, què naõ cometteſſe nenhum peccado venial, com adver- tencia? Que tenha Thereſa o Ceo ſeguro, & que diga a Deos: *Aut pati, aut mori.* Se- nhor, ou padecer, ou mor- rer: eſtimando mais a vida com tormẽtos, que a meſma Gloria, a que havia de ſubir, morrendo? Finalmente, que tenha Thereſa o Ceo ſeguro, & que ſe và livremente a pa- decer as penas do inferno em vida, porque as naõ havia de padecer depois da morte? Eſta circunſtancia he, glo- rioſa Thereſa, a que faz ſin- gulares voſſas vitorias, ainda aquellas em que outros San- tos ſe parecéraõ comvoſco. Elles obràraõ, & vòs obra- ſtes: mas elles, como nòs, in-

certos da morte; vòs, como Chriſto, com certeza da vida: Elles, como nòs, como o Ceo duvidoſo, vòs, como Chriſto, com o Ceo ſeguro: Elles, como nòs, entre o temor da morte, & do inferno, vòs, como Chriſto, livre, & ſuperior a todos os temores.

§. V.

282 Toda a ſantidade, & toda a virtude deſte mundo bem conſiderada, he temor. A mayor, & mais calificada façanha, que neſte mundo ſe fez por Deos, foy a de Abraham. Leva Abraham ſeu filho Iſaac ao monte, ata-o ſobre a lenha do ſacrificio, tira pela eſpada para lhe cortar a cabeça: mandalhe Deos ſuſpender o golpe, & dizlhe eſtas palavras: *Nunc cognovi quòd timeas Deum*: Agora conheço, Abraham, que temes a Deos. Que temes a Deos? Pois como aſſim? Quando Abraham por amor deDeos ſacrifica ſeu proprio filho: quando Abraham por amor de Deos corta as eſperanças de ſua caſa: quando Abraham por amor de Deos mata a ſeu meſmo amor; parece que entaõ havia de dizer Deos, agora, Abraham, conheci, que me amas; mas agora conheci, q̃ me temes? Sim. Porq̃ bẽ conſiderada aquella façanha de Abraham, & viſta por dẽtro, como Deos a via, teve mais de temor, q̃ de amor. Bem via Abraham, q̃ matar a Iſaac, era matarſe a ſy meſmo; mas via tambem, que ſe o naõ matava, deſobedecia; que ſe deſobedecia offendia a Deos; que ſe offendia a Deos, condenavaſe: & eſte temor de ſe naõ condenar o pay, foy o que poz a eſpada na garganta ao filho. Quando o pay, & o filho hiaõ caminhando para o ſacrificio, diz'o Texto, que levava Abraham em huma maõ a eſpada, e na outra o fogo: *Ipſe verò portabat in manibus ignem, & gladium.* Oh que bons dous eſpelhos para aquella occaſiaõ! Na maõ da eſpada hia a morte do filho, na maõ do fogo hia o inferno do pay. Se obedece, has de matar: ſe deſobedeces, has de arder. O amor viaſe ao eſpelho da eſpada, o

Geneſ. 22.12

mor viaſe ao eſpelho do
go. He poſſivel, pay, di-
a o amor, que has de matar
teu filho unico, & amado?
que a vida, & o ſangue, que
ıe dèſte, o has de derramar
ɔm tuas proprias maõs?
aõ ha de ſer aſſim: viva
ſaac: & caya rendido o bra-
ɔ da eſpada. Mas ſe naõ
ıorre Iſaac, replicava o te-
ıor, ſe Iſaac ſacrificado ſe
aõ abraza neſte fogo, ha de
Abraham por deſobediente
rder no do inferno. Ou ar-
er Abraham, ou morrer
ſaac. Oh que cruel dilem-
ıa para hum pay! Mas paſ-
ar a eſpada pela garganta de
ſaac, he hum momento, in-
ſava o temor, & arder Abra-
ıam no inferno, he hũa eter-
ıidade: pois padeça hum
nſtante o filho, para que naõ
ɔene eternamente o pay. Tor-
ıeſe a levantar o braço da eſ-
ɔada; & jà hia deſcarregan-
lo reſolutamente o golpe;
nas acudio Deos. E como
oda eſta reſoluçaõ de tirar
Abraham a vida a ſeu filho,
ſoy por temor de naõ offen-
der a Deos, & ſe condenar;
por iſſo Deos nos diſſe: A-
gora conheci, Abraham, que
me amas; ſenaõ, agora conhe-
ci, que me temes: *Nunc co-
gnovi quòd timeas Deum.*

283 Tal foy o ſacrifi-
cio celebradiſſimo de Abra-
ham, & taes ſaõ ordinaria-
mente quaſi todos os ſacrifi-
cios dos homens, ainda os
mais celebrados: chegadas
ao exame dos olhos de Deos
as mayores finezas, vem a
ſer temor. Naõ aſſim os ſa-
crificios de Thereſa. Como
ſabia de certo, que era prede-
ſtinada, como eſtava ſegura,
que ſe naõ havia de conde-
nar, era Santa ſem temor de
Deos. E que naõ temendo
a Deos, ou naõ tendo que te-
mer em Deos, foſſe tam ti-
morata, que nem hum pec-
cado venial cometteſſe, com
advertencia: & que naõ te-
mendo a Deos, ou naõ tendo
que temer em Deos, foſſe
tam temente a Deos, que lhe
pediſſe por muitas vezes an-
tes o inferno, que offendèlo?
Eſte foy o ſubir mais alto da
perfeiçaõ, eſte foy o adelga-
çar mais fino do amor de
Thereſa.

284 Os outros grandes
amadores de Deos amaõ a
Deos com todos ſeus attri-

butos : Santa Thereſa amou a Deos com hum attributo menos. Revelando Deos a Santa Thereſa, que era predeſtinada, & que ſe havia de ſalvar, ficou Deos para com Thereſa como ſe naõ tivera juſtiça ; porque ſuppoſto o decreto da predeſtinaçam, nem a Juſtiça Divina a havia de condenar, nem podia. E amar a Deos com o attributo da juſtiça menos, he o mais a que podia chegar a fineza, & a fidalguia do amor. Por todos ſeus attributos deve Deos ſer amado. Deve ſer amado por ſua omnipotencia ; porque nos criou; & por ſua bondade ; porque nos remio : deve ſer amado por ſua ſabidoría ; porque nos governa : & por ſua providencia, porque nos ſuſtenta : deve ſer amado por ſua liberalidade ; porque nos ha de premiar : & por ſua fermoſura ; porque o havemos de ver. E com iſto ſer aſſim, por nenhum attributo he Deos mais amado, que pelo da ſua juſtiça. Se em Deos naõ ouvera juſtiça, & ſe na outra vida naõ houvera inferno, que poucos haveria q̃ amaſſem a Deos ? Epicùro, aquelle grande ſectario da Gentilidade, fez dous Canones notaveis na ſua ſeita. O primeiro, que a Bemaventurança conſiſtia nas delicias deſta vida : o ſegundo, que em Deos naõ havia juſtiça. Ambos eſtes Canones foraõ errados, & ambos ſaõ hereticos. Mas ſuppoſto o erro do primeiro, eſteve poſto com grande juizo o ſegundo. Poz a Bemaventurança nas delicias deſte mundo, & logo negou o attributo da juſtiça a Deos : porque mal podia ter por gloria os goſtos deſta vida, quem tiveſſe por fè, que podia ſer por elles condenado na outra. Daqui infiro eu, que ha Chriſtaõs mais q̃ Epicùros. Que tenha por gloria as delicias deſta vida quem tem por fè, que naõ ha juſtiça que o condene na outra ; erro he, mas erro com alguma deſculpa : porèm que crea eu de Fè, que Deos tem juſtiça, & que me ha de caſtigar, & condenar na outra vida, & que com tudo tenha por gloria as delicias, & os goſtos deſta : Vede, ſe pòde ter algũa deſculpa taõ gran-

de

de cegueira ; & tam barbara.

285 Ora iſto que Epicúro teve por fè , teve Thereſa por privilegio. Epicùro fingio a Deos ſem attributo de juſtiça , & Deos revelando a Thereſa que a naõ havia de condenar , pozſe para com ella no meſmo eſtado , como ſe a naõ tivera. Mas que differentes conſequencias foraõ as de Thereſa ? Epicùro tanto que conſiderou a Deos ſem juſtiça , teve por delicias , & por gloria offender a Deos : E Thereſa tanto que vio a Deos ſem juſtiça , entaõ teve por gloria ſó amálo , & querer antes mil infernos , que offendèlo. Oh que grande documento ſe pòde tirar daqui para amar , & para temer a Deos ! Quando quizermos temer a Deos , havemos de lhe tirar hum attributo ; & quando o quizermos amar , havemoslhe de tirar outro : temer a Deos , como ſe naõ tivera miſericordia : amar a Deos , como ſenaõ tivera juſtiça. Aſſim amava Thereſa , mas naõ temia aſſim ; porque nam tinha que temer. Para Thereſa amar mais perfeitamente a Deos , & para Deos ſer mais perfeitamente amado , Deos (digamolo aſſim) deſpioſe de hum attributo , & Thereſa de huma virtude : Deos pòz de parte o attributo da juſtiça , Thereſa poz de parte a virtude do temor : & como Deos eſteve com menos eſte attributo , & Thereſa cõ menos eſta virtude , neſtes dous menos conſiſtio a perfeiçam de mais amar , & de ſer mais amado : Em Deos a perfeiçaõ de ſer mais amado , porque foy amado ſem ſer temido : em Thereſa a perfeiçaõ de mais amar , porque amou ſem temer. E que tendo Thereſa tam longe de ſy as cauſas de temer , ſe viſſem nella tam em ſeu ponto os effeitos do temor ? O cuidado , a cautella , a vigilancia : tam ſolicita , tam ancioſa , tam diligente : ſem divertir , ſem afroxar , ſem adormecer ; por iſſo diſſe , & torno a dizer , q̃ as prudentes do Evangelho em ſua comparaçaõ foraõ neſcias : ellas tendo tanta obrigaçaõ de vigiar , dormíram : *Dormitaverunt omnes , & dormierunt* : Thereſa tendo

tanta segurança para dormir, sempre vigiou; *Vigilate, quia nescitis diem, neque horam.*

§. VI.

286 A segunda cousa, em que as Virgens prudentes comparadas com Santa Thereſa foraõ neſcias, he que as prudentes em materia de ſalvaçaõ quizeraõ ſó o que baſta: & Santa Thereſa quiz mais do que ſobeja. Achando as Virgens neſcias, que ſe lhe apagavaõ as lampadas, chegáraõſe às prudentes a pedir, que lhe quizeſſem dar do oleo, que traziaõ prevenido: *Date nobis de oleo veſtro.* Matt. 25. 8. Reſpondêraõ as prudentes, que o foſſem antes comprar; porque podia ſucceder, que naõ baſtaſſe para humas, & mais para as outras: *Ne forte non ſufficiat nobis, & vobis.* Iſto reſponderaõ as prudentes, & niſto digo eu, que ſe moſtráraõ neſcias. Neſcias? Antes parece, que prudentes, & prudentiſſimas. Se eu diſſera, que ſe moſtráraõ avarentas: ſe eu diſſera, que ſe moſtràraõ ruins amigas: ſe eu diſſera, que ſe moſtráram crueis, ou quando menos pouco piedoſas; cenſura he eſta, que outros daõ as prudentes neſte caſo. Mas neſcias, quando em materia taõ importante naõ querem dar o que duvidaõ ſe lhe baſtaria, ou naõ baſtaria? Sim: & por iſſo meſmo. Porque duvidàraõ, ſe baſtaria, ou nam baſtaria, quando haviaõ de duvidar, ſe ſobejaria, ou nam ſobejaria: porque em materia de ſalvaçaõ, ſó o que ſobeja he baſtante, o que baſta, naõ baſta. Bem vejo, que haveis de ter eſta minha propoſiçaõ por paradoxa: & tomára eu muito, que naõ fora taõ verdadeira como he. Torno a dizer, Chriſtãos, que em materia de ſalvaçaõ ſó o que ſobeja he baſtante, o que baſta, naõ baſta. Và em todo o rigor da Theologia. He certo, que ninguem ſe pòde ſalvar ſem auxilio de Deos: he certo, que os auxilios de Deos huns ſaõ ſufficientes; outros efficazes: he certo, q̃ ſó com os auxilios ſufficientes, em quanto ſe lhe naõ ajunta a efficacia, ninguem ſe ſalvou nunca, nem ſe ha de ſalvar. Argumento agora

Ib. 9.

affim.

im. Os auxilios ſufficien-
; chamaõſe ſufficientes, por-
e baſtaõ para hum homem
rar bem, & ſe ſalvar. Pois
ſaõ ſufficientes, ſe ſaõ ba-
ntes, ſe baſtaõ, como ſe
õ ſalva, nem ha de ſalvar
nguem com elles, em quan-
ſómente taes? Por iſſo
eſmo. Porque ſaõ ſómen-
baſtantes; & em materia
ſalvaçaõ o que baſta, naõ
ſta. Ha de ſer mais que ba-
nte para baſtar porque ſó
ſta o que ſobeja.

287 Nas obras he o eſmo que nos auxilios. (Que õ as duas couſas da parte Deos; & da noſſa, ſem as aes naõ póde haver ſalva-õ.) E ſenaõ reſpondey-e, & dayme a razaõ, porque perde, & ſe condena tanto ndo, ſendo tantos os que m a verdadeira Fè de Deos, o conhecem, & a profeſſaõ? razaõ he (& julgueo cada m em ſy) porque na ma-ria da noſſa ſalvaçaõ nos ntentamos ſó com o que ſta: & neſta materia o que ſta naõ he baſtante. Para m homem ſe ſalvar baſta orrer bem: & para morrer m he neceſſario mais al-guma couſa? He neceſſario viver bem. Logo para hum homem em materia de ſalvaçaõ ter o que baſta, he lhe neceſſario muito mais do que baſta: porque para ſe ſalvar, he lhe neceſſario morrer bẽ, que he muito; & para morrer bem, he lhe neceſſario viver bem, que he muito mais. Mas porque nòs queremos o morrer bem ſem o viver bem, porque queremos o que baſta ſem o que o faz baſtar, por iſſo nos perdemos, & nos condenamos. Dezejamos os Chriſtãos ſalvarnos aſſim, nem mais nem menos como o dezejava o Profeta Balaam: *Moriatur anima mea morte juſtorum.* Oh morra a minha Alma (dizia Balaam) como morrem as dos juſtos. Calla neſcio, diz Santo Aguſtinho. Naõ has de dizer: Morra a minha Alma como as dos juſtos: ſenaõ: Viva a minha Alma como as dos juſtos: porque a regra da morte he a vida. Quem vive bem, morre bem: quẽ vive mal, morre mal: & viver mal, como tu vives, & depois morrer bem, como tu queres, he impoſſivel. Donde ſe ſegue, que o mor- *Num.* 23. 10

morrer bem ; quẽ he o que baſta para a ſalvaçaõ, naõ baſta : baſta, porque quem morre bem ſalvaſe : naõ baſta, porque para morrer bem he neceſſario viver bem. Tudo temos na Parabola do Evangelho.

288 Perdéraõſe as ſinco Virgens neſcias, & ficàram fóra das vodas, porque lhes faltou o oleo. E porque lhes faltou ? Porque o oleo, que baſtava, naõ baſtou. Ora vede, ſe eſtà bem arguido. Quádo à meya noite ſe deu rebate às Virgens, que vinha o Eſpoſo, acordáraõ todas, & achàraõ as neſcias, que as ſuas alampadas ſe hiaõ apagando : *Matt. 25. 8.* *Quia lampades noſtræ extinguuntur* : & hiaõſe apagando as alampadas, porque eſtiveraõ ardendo atè a meya noite, em quanto ellas dormiraõ. Pois vinde cà mulheres, aſſim vòs, que de neſcias tendes o nome, como vòs, q̃ o tendes de prudentes, porque deixaſtes gaſtar o voſſo oleo debalde tantas horas ? Em quanto nam vinha o Eſpoſo, baſtava que eſtiveſſe aceza huma alampada, donde depois ſe accendeſſem as demais. Aſſim como nos lhos de huma ſentinella v gia todo o exercito, aſſim braza de hum murraõ eſta acezas todas as armas. If meſmo me parece a mim, q deviaõ fazer as Virgens e quanto eſperavaõ pelo Eſp ſo, principalmente tendo e las ſentinella ao largo, trazendo elle corredores d ante, que foraõ os que br dáraõ : *Clamor factus eſt : E ce Sponſus venit.* Podiaõ t huma alampada aceza, & nove apagadas, com que poupava muito oleo. E qu do o naõ fizeſſem as ſinc que o tinhaõ de ſobejo n redomas, deviaõno fazer outras ſinco, que naõ tinh eſſa prevençaõ : porque d pois ninguem lhe podia n gar o fogo para acender alampadas apagadas, aſſi como lhe negáraõ o oleo, p ra prover as vazias. Pois por eſta via ſe poupava o leo, & ſe eſcuſavaõ todas outras prevençoens, porq o nam fizeraõ aſſim, nem neſcias, nem as prudente antes tiveraõ as alampad acezas toda a noite ? Sabe porque ? Porque o lume d

que

ellas alampadas, como di-
m todos os Doutores, he a
aça de Deos; & o oleo, ſaõ
obras noſſas, com que nos
vemos de ſalvar: & as
ampadas de noſſa ſalvaçaõ,
naõ eſtaõ acezas antes de
r o Eſpoſo, quando vem o
poſo, nam ſe pòdem acen-
r. As alampadas do fogo
aterial pòdemſe acender
mas com o fogo das ou-
as, & pòdemſe acender na-
elle ponto eſtando apaga-
s atè entam: porèm as alã-
das da graça, & da ſalva-
õ naõ ardem com o fogo a-
eio, ſenaõ com o proprio;
ſe nam eſtam, & perſevè-
õ acezas de antes, nam ſe
òdem acender depois. Cui-
r alguem, que ha de ter a
ampada apagada toda a
oite, & que a ha de acender
uando vier o Eſpoſo: cui-
r alguem que ha de eſtar
n peccado toda a vida, &
ue ſe ha de pòr em graça na
ora da morte; he engano do
emonio, & injuria, que ſe
z à juſtiça, & à miſericor-
ia de Deos. He verdade,
ue para hum homem ſe ſal-
ar baſta que Deos o ache
m graça na hora da morte;
mas para eſtar em graça na hora da morte naõ baſta buſcàla naquella hora, he neceſſario tela na vida. De maneira que para a ſalvaçaõ baſta a graça da morte, & ſobeja a graça da vida; mas para a graça da morte, que baſta, he neceſſario a da vida, que ſobeja. O oleo, que tinhaõ as Virgens ſegundo a conta, que nòs lhe faziamos, & a que ellas deviaõ de fazer, bem baſtava; mas porque ſómente baſtava, nam baſtou. Era neceſſario que ſobejaſſe para baſtar, porque ſó no que ſobeja, ſe ſegura o que baſta.

289 Deſafiava o Gigante Golias, & afrontava arrogante os eſquadroens de Iſrael, & querendo David ſair ao deſafio, vayſe ao rio, toma ſinco pedras, deita quatro no ſurraõ, mete huma na funda, faz tiro, & derruba o Gigante. Pois David, tirador famoſo, ſe para derrubar o Gigante baſta huma pedra, para que levais ſinco? Porque quiz David ſegurar o tiro, & o que ſobeja, he o que ſegura o que baſta. A pedra, que ſe tirou, derrubou o Gigante, as que ficavaõ no ſurraõ,

raõ ſegurâraõ o tiro. Quem tem muitas balas, ſegura o ponto, porque tira com confiança: quem nam tem mais que huma bala, & nella leva, ou a morte do inimigo, ou a ſua, tremelhe o braço porque tira com receio. Por iſſo David levou ſinco pedras, para que o tiro com quatro fiadores foſſe ſeguro. Donde eu infiro, que mais ſe deve a vitoria às quatro do ſurraõ, que à da funda; porque o ſucceſſo nam eſteve no tiro, ſenam no acerto: & a da funda executou o golpe, as do ſurram ſegurâraõ o braço. Huma pedra baſtou, quatro ſobejâraõ, & as quatro, que ſobejâram, fizeram que baſtaſſe huma. Aſſim que a pedra da funda, ſe bem ſe conſidera, era baſtante, & nam era baſtante: era baſtante, porque baſtou; & nam era baſtante, porque podêra nam baſtar. E como nas materias de duvidoſa execuçam nam baſta o que ſó baſta, & ſó baſta o que ſobeja; por iſſo digo, que as prudentes na repoſta, que deraõ às neſcias, foraõ tambem neſcias, porque puzeram a duvida no baſtar, ou nam baſtar do oleo, quando a deveram pôr no ſobejar, ou nam ſobejar. Comparadas as prudentes com as neſcias, foram prudentes, porque as neſcias nam tiveram cuidado de que ſobejaſſe o oleo, nem ainda de que baſtaſſe: mas comparadas com Santa Thereſa por mais que ſe chamem prudentes, foraõ neſcias; porque ellas em materia de ſalvaçam contentâraõſe com que baſta: & Thereſa nam ſe contentou, nem com o que baſta, nem com o que ſobeja. Dayme attençam.

§. VII.

290 Para hum homem ſe ſalvar, baſta naõ fazer peccado mortal; & ſe tambem naõ fizer peccado venial, ſobeja: & Santa Thereſa nam ſe contentou com nam cometter peccado mortal, que he o que baſta, nem ſe contentou com nam comette peccado venial advertidamente, que he o que ſobeja. Senaõ que fez voto a Deos de em todas as ſuas acçoens buſcar ſempre o que foſſe mayor perfeiçam. Valenti-

eſpirito, & reſoluçam
odigioſa, & q̃ de nenhum
tro Santo ſe lè ſemelhan-
Mais. Para huma Alma
ſalvar baſta obedecer a
os; & ſe ſe conformar em
do com ſua vontade, ſobe-
& Thereſa nam ſó ſe con-
ou com obedecer, que he
ue baſta, nem ſó com ſe
nformar, que he o que ſo-
ja, ſenam que paſſou de
nformidade a transforma-
n, & ſe transformou de
modo na vontade divina,
e ella, & Chriſto viviaõ, &
avaõ com hum ſó cora-
n. E em final diſto lhe
rio hum Serafim o lado eſ-
erdo com huma ſetta de
o, & lhe tirou nas farpas
la o cadaver do coraçam
e tivera, & lhe ficàra no
to ſepultado. Mais. Para
ma Alma ſe ſalvar, baſta
tar da ſalvaçam propria,
e tratar tambem da ſalva-
n, & reformaçam das Al-
s alheias, dentro dos limi-
de ſeu eſtado, ſobeja: &
éreſa nam ſó ſe contẽtou
n tratar da ſalvaçam pro-
a tam exactamente, que
o que baſta: nem com tra-
da reformaçam, & per-
feiçam das Almas alheias dẽ-
tro de ſeu eſtado, que he o
que ſobeja; mas excedendo
os limites de mulher, paſſou
a ſer Doutora da Igreja, & a
eſcrever livros de perfeiçaõ,
& a enſinar, & alumiar o mũ-
do em pontos de eſpirito, &
de contemplaçaõ altiſſimos,
a quem nenhuma pena antes
da ſua tinha chegado. Mais.
Para ſe ſalvar hũa Alma baſ-
ta ſofrer os trabalhos cõ pa-
ciencia, & ſe chegar a tanta
perfeiçam, que os ſofra com
alegria, ſobeja: & Sãta The-
reſa, ſendo tantas as perſe-
guiçoens, & trabalhos de ſua
vida, nam ſó os ſofria com
paciencia, que he o que ba-
ſta; nem ſó com alegria, que
he o que ſobeja, ſenam que
chegou aos receber, & acei-
tar por premio dos ſerviços
que fazia a Deos. E aſſim
dizia de ſy: *Nunca hize a*
Dios algun ſervicio, que no me
lo pagaſſe con algun trabajo.
Mais. Para huma Alma ſe
ſalvar baſta amar aos inimi-
gos, & ſe chegar a lhe fazer
boas obras, ſobeja: & Santa
Thereſa tendo tantos inimi-
gos, & perſeguidores, & ain-
da aquelles, que por habito,
&

& profiſſaõ o nam devéram ſer, nam ſó os amava, que he o que baſta, nem ſó lhes fazia bem, que he o que ſobeja, ſenaõ que tomava ſobre ſy os ſeus males, & ſe offerecia a fazer a penitencia dos meſmos aggravos q̃ lhe faziaõ, ſendo ella a que recebia a injuria, & a que a pagava. Mais. Para huma Alma ſe ſalvar baſta guardar continencia, & ſe guardar, & votar virgindade perpetua, nam ſò baſta, mas ſobeja: & Santa Thereſa nam ſò ſe contentou com ſer continente, que he o que baſta, nem ſò com ſer virgẽ, que he o que ſobeja; mas competindo em certo modo com a Mãy de Deos, paſſou a ſer Virgem, & Mãy juntamente. Digaõno tantos Cõventos de Anjos humanos, huns com nome de mulheres, outros com nome de homẽs, que todos reconhecem a Santa Thereſa por Mãy. E para que eſta maternidade de Thereſa ſe pareceſſe em tudo com a da Virgem Maria, aſſim como Chriſto teve duas geraçoens, huma eterna, em que naſcèo de Pay ſem Mãy, & outra temporal, em que naſceo de Mãy ſem Pay: aſſim a Regra, & Religiaõ Carmelitana regenerada teve duas geraçoens, & dous naſcimentos, hum antiquiſſimo de Pay ſem Mãy quando naſceo de Elias, & outro moderno de Mãy ſem Pay, quando naſceo de Thereſa. Finalmente para huma Alma ſe ſalvar baſta guardar os Mandamentos de Deos & ſe guardar tambẽ os Conſelhos de Chriſto, naõ ſó baſta, mas ſobeja: & Sãta Thereſa nam ſó guardou os Mandamentos de Deos, que he o que baſta, nem ſó os Conſelhos, que he o que ſobeja mas fez muitas couſas, que nam caem debaixo de preceito, nẽ de conſelho. Chorar os peccados alheios, fazer penitencia por elles, antepor o padecer por Deos ao ver a Deos: jejuar ſete mezes no anno, & paſſar muitas vezes muitos dias ſem comer totalmente; querer eſtar no Inferno atè o dia do luizo ſó pela ſalvaçam de huma Alma: iſto nam he preceito que o mande, nem conſelho particular q̃ o perſuada: & iſto fez There-

Aſſi

ſſim ſe nam contentava a-
uelle eminentiſſimo Eſ-
irito, aquelle immenſo
oraçam, aquella Alma ſu-
erior a tudo, & mayor que
udo; aſſim ſe nam contenta-
a com o que baſta, aſſim ſe
am contentava com o que
obeja, aſſim anhelava ſem-
re a mais, & mais. Mas ba-
te ao noſſo diſcurſo quanto
em corrido em ſeguimento
leſte glorioſo nam baſtar, &
leſcancemos hum pouco na
ponderaçam, ou na viſta del-
e.

291 Ungío a Madale-
na os pès, & a cabeça de
Chriſto, & diſſe o Senhor,
que aquelles unguentos, que
admittia, eraõ a unçaõ anti-
cipada de ſeu Corpo, para
quando o levaſſem à ſepul-
tura: *Mittens hæc unguentum in corpus meum, ad ſepeliendũ me fecit.* Morre Chriſto na Cruz, & diz o Texto, que veyo Joſeph, & Nicode-
mus, & que ungíram o ſagra-
do Corpo com cem livras de unguentos. E a eſta ſegunda unçam eſtava preſente a Ma-
dalena, que fizera a primei-
ra, & Sam Ioaõ, que ouvira as palavras de Chriſto, & as refere. Pois ſe o Corpo de Chriſto jà eſtava ungido pe-
la Madalena, & ungido para a ſepultura: *Ad ſepeliendum me*: porque o tornaõ a ungir agora Joſeph, & Nicode-
mus? Dirmeheis, que ungi-
raõ ao Senhor ſobre eſtar un-
gido, porque nas obras do ſerviço de Deos nam nos ha-
vémos de contentar com o q̃ baſta, ſenaõ com o que ſobe-
ja. Aceito a repoſta. Mas ainda tem outra mayor in-
ſtancia. Ungido Chriſto, levaõno à ſepultura, paſſa o Sabbado, em que nam era li-
cito comprar, nem vender, amanhece o Domingo, & ainda nam era bem deſcu-
berta a manhãa, quando par-
tem as Marias a comprar un-
guentos, & vem com elles para ungirem outra vez ao Senhor: *Emerunt aromata, ut venientes ungerent Ieſum.* *Marc.* 16. 1. Ha tal teimar a ungir como eſte? Nam eſtà o Corpo de Chriſto ungido pela Mada-
lena, nam eſtà ungido por Joſeph, & por Nicodemus? Pois ſe jà eſtà ungido huma vez, & outra vez, poſq̃ vem as Marias a ungilo ainda? Porque o amor acreditaſe no ſu-

ſuperfluo : quem ama pouco, contentaſe com o que baſta : quem ama muito, contentaſe com o que ſobeja; & quem ama mais que muito, nem com o que baſta, nem com o que ſobeja ſe contenta, ainda ſobe mais a ſima, ainda paſſa mais a diante. Os unguentos da Madalena baſtavaõ, os unguentos de Joſeph, & Nicodemus, ſobejavaõ, os unguentos das Marias ficàraõ ſuperiores a todos, porque foraõ ſobre os que baſtavaõ, & ſobre os que ſobejavaõ. Iſto fizeraõ aquellas Sãtas mulheres, criadas na eſcola, & na familiaridade de Chriſto; & iſto fez a noſſa Santa Thereſa criada na meſma eſcola, & na meſma familiaridade. Por eſta acçaõ merecèraõ as Marias ver os Anjos, & ver a Chriſto reſuſcitado, primeiro que os Apoſtolos. E ao merecimento deſtas acçoens ſe devem attribuir tambem as grandes, & extraordinarias viſoens, com que Deos favoreceo, & honrou a Santa Thereſa quaſi ſobre todos os Santos. As viſoens das Marias meteraõ medo aos Apoſtolos, & Diſcipulos, era o pequeno rebanho, que entaõ conſtava a Igreja *Mulieres ex noſtris terruerũnos.* E as viſoens de Santa Thereſa puzeraõ em medo & cuidado a meſma Igreja de Deos na ſua mayor grandeza, que por iſſo foraõ tam examinadas, & tam duvidadas, atè que ſe approvàraõ de todo. Mas as Marias viraõ huma ſó vez os Anjos Sãta Thereſa vio Anjos muitas vezes. As Marias viraõ ſó duas vezes a Chriſto, hũ no dia da Reſurreiçam, outra no dia da Aſcenção: Santa Thereſa vio a Chriſto em differentes figuras, jà de glorioſo, jà de paſſivel, quaſi todos os dias. Das Marias naõ ſabemos que tiveſſem viſoẽs da Divindade, & de Santa Thereſa lemos em ſua vida, que vio como as criaturas eſtaõ eminẽtemẽte em Deos, que vio como ſe diſtinguem as tres Peſſoas Divinas, ſendo huma ſó eſſencia : que vio como eſtà o Filho no peito do Padre: & outros ſegredos da Divindade altiſſimos, que cà ſe crem, & naõ ſe entendem, & ſó ſe haõ de ver, & en-

tender na Patria. De ſorque parece andava Deos amoroſa emulaçaõ, & liral competencia cõ Theſa: Ella em ſervir, & amar, Deos em pagar, & ſe comunicar: Ella naõ ſe contendo com o que baſta, nem ſatisfazẽdo com o que ſoja, & Deos excedendo ſem nhum limite o ſuperfluo, quillo que de nenhũ mo he neceſſario. Viſoens, evelaçoẽs, Extaſis, Raptos, nõ ſaõ neceſſarios nem para ſalvaçaõ, nem para a periçam. E neſtas amoroſas, divinas ſuperfluidades pava Deos a Thereſa o nam e contentar ſeu eſpirito cõ neceſſario, nem ainda com ſuperfluo, o naõ ſe contẽar com o que baſta, nem inda com o que ſobeja.

292 Aſſim pagava Deos Thereſa: mas eu naõ me pago tãto de ver como Deos paga, quanto de ver como os Santos ſervem. E o que muito nota naquellas grandes acçoẽs do eſpirito de Sãta Thereſa, he que bem conſideradas ellas, o ſeu ſervir a Deos, foy pagar a Deos. Notay. Para Deos remir ſufficientemente o mundo, baſtava querer: para o remir por modo mais alto, baſtava encarnar: mas andou Deos taõ fino comnoſco na Redempçaõ, que naõ ſe contentou de remir ſó com o querer, q̃ baſtava; nem de remir ſó cõ o encarnar, que ſobejava; ſenaõ que paſſou exceſſivamente muito avante, & quiz remir morrendo, & padecendo. Eſta fineza fez Deos pelos homens, & eſta lhe eſtivemos devendo, atè que Thereſa nos deſempenhou, & pagou por nòs. Deos com a redempçaõ pagou noſſos peccados, & Thereſa com os ſeus extremos pagou a noſſa redempçam. Porque ſó Deos no remir os homens ſe naõ contentou com o que baſtava, nem com o que ſobejava; Thereſa no ſervir a Deos naõ ſe contenta com o que baſta, nem com o que ſobeja. Oh como ſe parecem nos paſſos a Eſpoſa, & o Eſpoſo! Ainda que Thereſa fora das Virgens, que hoje foraõ comprar o oleo, eu fio que ſe encontràra com ella. Diz o Texto: *Dum autem irent emere, venit ſponſus*: que indo *Matt.* 25.10.

indo as Virgens, veyo o Esposo. Pois se ellas hiaõ, & o Esposo vinha, porque se naõ encontràraõ? Porque hiaõ por differẽte caminho. Naõ assim a nossa Theresa: caminhava tanto pelo mesmo caminho, & pelos mesmos passos do Esposo, que porque elle senaõ contentou cõ o que bastava, nem com o q̃ sobejava em nos amar, tambem ella se nam contenta cõ o que basta, nem com o que sobeja em o servir. Vede agora em comparaçam deste saber se foraõ nescias as Virgens prudentes? Ella nam se contenta, nem ainda com o que sobeja; & ellas punhaõ em duvida só se bastaria: *Ne fortè non sufficiat nobis, & vobis.* Ib. 9.

§. VIII.

293 A terceira cousa, em que as Virgens prudentes comparadas com Santa Theresa foraõ nescias; he que as prudentes cuidàraõ, que arriscandose por soccorrer as companheiras, corriaõ perigo; & Santa Theresa entendèo, que tudo o que se arrisca pala charidade, quando mais se arrisca, entam està mais seguro. Bem quizeraõ as Virgens prudentes soccorrer, & suprir a falta das companheiras, quando nam por companheiras, & por amigas; ao menos por authoridade, & magestade da festa, & pelo que a ellas mesmas lhes tocava; porque sem as outras sinco diminuiaõse muito as luzes, descompunhaõse as parelhas, & ficava desairoso o acompanhamento. Com tudo por se naõ arriscarem a ficar de fóra das vodas, quizeram antes entrar sós, que poremse a perigo de nam entrar: *Ne fortè non sufficiat.* Aquelle *ne fortè* foy o ponto em que tocou fraco a sua prudencia. Imaginàraõ, que arriscandose pela charidade, podiaõ correr perigo, & foy errado pensamento; porque ninguem melhor se assegura a sy, & a suas cousas, que quem pela charidade as arrisca, & se arrisca. Ouvi o mayor caso, que se lè em todas as Hystorias sagradas, & humanas.

204 Sitiada pelo exercito de Olofernes a Cidade de Betulia, tomados, & quebrados os canaes, & divertidas

s as fontes, de que bebiam, tavaõ jà deſmayados to-s, & determinados a ſe en-egar ao inimigo, por nam rrecer à ſede; quando Ju-th nam podendo ſofrer a ntrega, & cativeiro da ſua tria, ſe deliberou ao mais ro penſamento, que podè-caber em hum homem a-evido, & denodado, quan-mais em huma mulher, ſanta. Deſpe o cilicio, e q̃ eſtava toda cuberta, en-uga os olhos das lagrimas, om que orava ao Ceo, mã-a vir cheiros, joyas, galas, ſpelho: veſte, compoem, nriquece, eſmalta os cabel-os, a garganta, o peito, as nãos, os braços, & atè os ès naõ de todo cubertos (q̃ ſſim o nota a Eſcritura) & eita Judith hum theſouro la cubiça, hum paſmo da ermoſura, & mil laços do ppetite, ſae confiada pelas ortas da Cidade, falta o foſ-o, paſſa as ſentinellas, entra elo exercito inimigo, & vay direita à meſma tenda de Olofernes. Bravas acçoens de mulher, mas mais bravos ainda os penſamentos! Os ſeus intentos eraõ (como re-fere a meſma Judith no Tex-to) que Olofernes com ſeus proprios olhos ſe cativaſſe de ſua fermoſura, & que ella com palavras diſcretas, & amoroſas, o prendeſſe mais: para que aſſim prezo, & ca-tivo, lhe meteſſe a occaſiam os cabellos do tyranno em huma maõ, & a eſpada na outra, com que lhe cortaſſe a vida. Valentes intentos, Judith, mas arriſcados mui-to. Reparay, Senhora, co-mo mulher, reparay como nobre, & reparay tambem, & muito mais, como Santa. Se como mulher, mais que mu-lher naõ reparais nos riſcos da vida entre eſquadroẽs ar-mados de barbaros; como nobre, porque naõ reparais na opiniaõ; & como Santa, porque naõ reparais na ho-neſtidade? Os meſmos la-ços, que armais a Olofernes, como podeis vòs eſcapar delles? As prizoens quando prendem, tambem ſe pren-dem. Antes parece que Ju-dith primeiro ſe prendeo a ſy, do que a Olofernes, & que antes de Olofernes cair, jà Judith eſtava cahida. Por-que a obrigaçaõ, & pureza

da Ley de Deos naõ só prohibe o peccado, senaõ o perigo; & quem se deliberou a perigar, já cahio, porque se expoz a cair. *Qui amat periculum, in illo peribit*: diz a mesma Ley Divina. Pois se Judith era tam santa, & tam observante da Ley de Deos, como poem a tam manifesto risco a sua honestidade, & com ella a consciencia? Que arrisque a vida, seja valor: que arrisque tambem o credito, seja excesso de amor da patria: mas a honestidade, & a consciencia, que por nenhum preço se ha de arriscar, nem pela vida, nem pela hõra, nem pela liberdade, nem por huma Cidade, nem por hum Reyno, nem por todo o Mũdo, que a arriscasse Judith, & que a arriscasse sendo Santa? Sim: & naõ. Sim; porque tudo isso arriscou Judith pela charidade: & naõ; porque tudo o que se arrisca pela charidade, entam se segura mais. Arriscou a vida, arriscou a opiniaõ, arriscou a honestidade; mas segurou a honestidade, segurou a opiniaõ, & segurou a vida; porque tudo arriscou pela charidade, & por livrar sua patria de cativeiro. E com Judith sabía, que Deos he assegurador dos riscos, que se emprendem por seu amor & dos proximos; por isso fiada no seguro de Deos, naõ encorréo no crime dos que se poem a perigo, porque quem arrisca com seguro naõ corre risco. Nem o Texto da Ley Divina, se bem se pondéra, quer dizer outra cousa. Notay. *Qui amat periculum, in illo peribit*: quem ama o perigo, perecera nelle. Huma cousa he entrar no perigo amando o perigo, outra cousa he entrar no perigo amando a Deos: quem entra no perigo por amor do perigo, perece nelle, porque o mesmo perigo, a quem ama, & por quem se arrisca, o perde: mas quem entra no perigo por amor de Deos, naõ perece, nem pòdo perecer, porque o mesmo Deos, a quẽ ama, & por quem se arrisca, o guarda. Se vòs entrais no perigo por amor da cubiça, quem vos ha de guardar? A cubiça? Se vòs entrais no perigo por amor da soberba, quem vos ha de guardar? A so-

Eccl. 3 27.

erba? Se vòs entrais no igo por amor do amor, em vos ha de guardar? O or profano, & cego? En- y vòs nos perigos por a- r de Deos, & do proxi- , & vereis como Deos vos ra, & vos ſegura nelles. 295 Ah Senhor, bem- a ſeja, & infinitamente ndita voſſa Bondade! Fal- nos neſte paſſo o exemplo Evangelho: porque fal- raõ as Virgens prudentes conhecimento deſta ver- de, & no exercicio deſta nfiança. Mas a prova, que nò temos no Evangelho, te- ola no Prègador. Muy in- rato ſeria eu, & ſerey a eos, ſe aſſim o naõ confeſ- ra, & aſſim o nam confeſ- r toda a vida, & toda a ternidade. A quem aconte- èo jà mais depois de virado navio, & depois de eſtarem odos fóra delle ſobre o co- tado, ficar aſſim parado, & mmovel por eſpaço de hum uarto de hora, ſem a furia os ventos o deſcompor, ſem impeto das ondas o ſoſſo- rar, ſem o pezo da carga, & da agua, de que eſtava atè o neyo alagado, o levar a pi- que: & depois dar outra vol- ta para a parte contraria, & pòrſe outra vez direito, & admittir dentro em ſy os q̃ ſe tinhaõ tirado fóra? Teſti- munhas ſaõ os Anjos do Ceo, cujo auxilio invoquey naquella hora, & naõ o de todos: ſenaõ daquelles ſó- mente que tem à ſua conta as Almas da Gentilidade do Maranhaõ. Anjos da guarda das Almas do Maranhaõ, lê- brayvos que vay eſte navio buſcar o remedio, & ſalvaçaõ dellas. Fazey agora o que podeis, & deveis, naõ a nòs, que o naõ merecemos, mas áquellas tam deſemparadas Almas, que tendes a voſſo cargo. Olhay, que aqui ſe perdem tambem comnoſco. Aſſim o diſſe a vozes altas, q̃ ouviraõ todos os preſentes, & ſuprio o merecimento da cauſa a indignidade do Ora- dor. Obraraõ os Anjos, por- que ouvio Deos a oraçam. E não podia Deos deixar de a ouvir, porque orava nella o meſmo perigo. Sabe o meſ- mo Senhor, que por nenhum intereſſe do mundo, depois de eu o ter tam conhecido, & tam deixado, me tornara a me-

meter no mar, ſenaõ pela ſalvaçaõ daquelles pobres theſouros, cada hum dos quaes val mais que infinitos mundos. E como o perigo era tomado por amor de Deos, & dos proximos; como podia faltar a ſegurãça no meſmo perigo? O meſmo perigo nos livrou, ou ſe livrou a ſy meſmo. Os perigos da charidade ſaõ riſcos ſeguros, & nos riſcos ſeguros naõ pòde haver perigo. Aſſim que, Senhor, mudo o eſtylo, & naõ vos dou jà as graças, por me livrares do perigo, ſenam por me meteres nelle. Quando por tal cauſa me meteſtes no perigo, entaõ me livraſtes. Grandes ſaõ os perigos, que ainda me reſtaõ, & me ameaçam neſte tam temeroſo golfo, & mais em Inverno tam verde, & em anno tam tormentoſo: Mas como ha de temer os perigos, quem nelles leva a meſma ſalvaçaõ, que vay buſcar por meyo delles?

296 Quem cuidais, que tirou do perigo a Jonas, & quem cuidais que o metteo no perigo? O naõ querer ir buſcar a ſalvaçaõ dos proximos, o meteo no perigo & o meterſe no perigo pe ſalvaçaõ dos proximos, o t rou delle. Mandou Deos Jonas, que foſſe prègar a Gentios de Ninive: naõ qui Jonas: & para fugir da mi ſaõ, & ainda do meſm Deos, que lha encomendav embarca-ſe de Joppe pa Tarſis. E que lhe ſuccede a Jonas neſta viagem, ou ne ſta fugida? O que lhe ſucce dèo, foy que indo todos c navios com vento a popa, mar bonança, ſó contra de Jonas ſe levantou hũa tẽ peſtade tam terrivel, q̃ na baſtando amainar vellas, & calar maſtos, naõ baſtand alijar ao mar a carga, naõ ba ſtando tudo o mais que ſabe & pòde a arte em ſemelhan tes trabalhos, deixado jà leme, & o navio à mercè do mares, & dos ventos, & deſ cõfiados atè do ſoccorro d Ceo, o Piloto, & Marinhei ros, que eraõ Gentios, deſce raõ ao pôraõ, onde vinha Jo nas, a pedirlhe, que fizeſſ oraçaõ ao ſeu Deos, pois o ſeus Deoſes naõ lhe valiam. Tal era a tempeſtade, tal perigo, tal a deſeſperaçaõ de

to

dos. E bem Profeta Jonas, vòs naõ quereis ir prègar ſalvar as Almas do Gen-os, a que Deos vos manda: is quando cuidaveis, que gieis do trabalho, encor-reis no mayor perigo, & recereis, onde vòs quize-es, porque naõ quizeſtes lvar os proximos, onde eos queria. De maneira, q̃ naõ querer ir buſcar a ſal-açaõ dos proximos, foy o ue metèo no perigo a Jo-as. E que fez Jonas para ir daquelle perigo? Nota-el caſo! Para Jonas ſair da-uelle perigo, meteſe nou-ro perigo mayor pela ſalva-aõ dos proximos. E eſte ſe-gundo perigo o ſalvou, & li-rou do primeiro. Ora ve-le,

297 Subido Jonas ao convez do navio, reconhe-ceo, que elle era a cauſa da tempeſtade, & para que os demais ſe ſalvaſſem, & elle ſó pereceſſe, pedio que o lan-çaſſem ao mar. De forte, que aquelle meſmo Jonas, q̃ pou-co ha ſe embarcou neſte na-vio, por naõ ir ſalvar os Gẽ-tios de Ninive, eſſe meſmo pede agora, que o lancem do navio ao mar, para que ſe ſal-vem os Gentios do navio. Fazemno aſſim por ultimo remedio os Marinheiros, vay Jonas ao mar, tragaõ huma Balèa, mergulha para o fun-do o monſtro, ſomemſe, & deſaparecem ambos. Pòde haver mayor perigo? Pode-ſe imaginar mayor? Nam pòde. No mar podia-o ſal-var, ou entreter huma taboa; no ventre da Balèa a morte, & a ſepultura tudo foy jun-to. Mas Jonas naõ ſe arrojou a eſte perigo, por ſalvar os mareantes do ſeu navio, pro-ximos, ainda que Gentios? Sim. Pois tende maõ, que ainda naõ deſconfio de ſua vida. Perigo tomado pela ſalvaçaõ dos proximos, nam pòde ſer perigo, em que ſe perigue. Arrojado do navio, & naufragante, ſim: tragado, & engolido do monſtro ma-rinho, ſim: metido no pro-fundo do mar, & ſepultado nos mais eſcuros abiſmos, ſim: mas afogado, mas mor-to, mas digerido, ou maſti-gado da Balèa, quẽ ſe lançou ao mar pela ſalvaçaõ dos proximos; naõ pòde ſer. Torno a dizer, que naõ pò-

de ſer: & já o vejo. Olhay para as prayas de Ninive. Paſſados tres dias, & tres noites apparece ao romper da alva diante do porto de Ninive huma Gallè de fórma nunca viſta á vella, & ſó com dous remos. A vella era a nuvem de agua, que reſpirava a Balea, & humas vezes parece q̃ ſubia, outras que ſe amainava: os remos eraõ as duas grandes barbatanas, cõ que batendo a compaſſo, hia vogando. Abica á praya o deſconhecido baixel, levanta aberto pelo meyo o caſtello de proa, que entaõ ſe conheceo que era boca, eſtende a lingua como prancha ſobre a areya, & ſae de dentro vivo o ſepultado Jonas. Paſmais do caſo? Nam paſmeis. Naõ vos dizia eu, que nam podia perigar quem por ſalvaçam dos proximos ſe entregou no mar, & aos perigos? Pois aſſim lhe aconteceo ao feliciſſimo Jonas. Levado de hum perigo em outro perigo, huns o liviàram dos outros. No navio perigava dos ventos, no mar perigava das ondas, na Balea perigav. do aperto da reſpiraçam, & de tudo; mas como o primeiro perigo foi tomado por charidade, todos os outros perigos eraõ remedios. O perigo do mar livrou-o do perigo do navio, o perigo da Balèa livrou-o do perigo do mar, & eſte perigo, como era o ultimo, & o mayor de todos, livrou-o de ſy meſmo. Hà mais ſeguro perigar? Hà menos perigoſa ſegurança? Com razam diſſe Sam Zeno Veronenſe, que foy Jonas mais venturoſo no ſepulchro que no navio: *Felix magis ſepulchro, quam navi*: porque huma vez que a Balèa lhe guardou a vida, muito mais ſeguro navegava nella que no navio: o navio podia perigar nos mares, & nos vẽtos, a Balèa era embarcaçaõ ſegura das tempeſtades.

298 Mayor tempeſtade padecèraõ as Virgens no oleo das ſuas redomas, de que Jonas em tanto mar. Todas naufragàram, porque todas deraõ em ſeco: as neſcias no das ſuas alampadas, & as prudentes no da ſua avareza. Forte *ne ſortè* foy aquelle. Perderaõſe ſinco, quando ſe po-

ɔdèram ſalvar todas, por-
ıe nam tiveram charidade
outras ſinco, para ſe arriſ-
ırem com ellas. Tanto pe-
gàram as neſcias no ſeu pe-
go, como na demaſiada ſe-
urança das prudentes. Se as
rudentes ſe quizeraõ arriſ-
ır por ellas ſoccorrendoas,
eſſe meſmo riſco ſe ſalva-
ıam humas, & outras: as
eſcias, pelo ſoccorro que
ecebiam; & as prudentes,
elo ſoccorro que davaõ: ou
ara o dizer com mais certe-
a, as neſcias pelo riſco de q̃
e tiravaõ, & as prudentes
elo riſco em que ſe metiaõ:
ue quem ſe arriſca pela cha-
idade, nam pòde correr riſ-
o. Nenhuma communida-
e eſteve jà mais tam arriſca-
la como o Povo de Iſrael,
uando Deos o quiz acabar
ıo deſerto: & o que fez
Moyſés para o livrar daquel-
e riſco, foy arriſcarſe tambẽ
om elle: *Aut dimitte eis hãc*
ıoxam, aut dele me de libro
uo: Senhor, ou haveis de
erdoar ao povo, ou riſcay-
ıe do voſſo livro. He certo,
que Moyſés nam podia lici-
amente querrer ſer riſcado
dos livros de Deos, & foy
elle o mais arriſcado lanço,
em que ſe metèo nenhum ho-
mem. Com tudo pedio eſte
riſco, & meteoſe neſtes riſ-
cos Moyſés, ſeguro de que
Deos o nam riſcaria, por elle
ſe arriſcar, quando o fazia
pela charidade dos proxi-
mos; porque os riſcos da
charidade nem riſcam, nem
arriſcaõ. Tam longe eſteve
Moyſés de ſer riſcado dos li-
vros de Deos por eſta cauſa,
que antes mandou Deos, q̃
ſe eſcreveſſe em ſeus livros,
q̃ chegára Moyſés por chari-
dade a pedir, que o riſcaſſem
delles. Se Moyſés ſe naõ ar-
riſcàra, ſalvaraſe elle, & pe-
recèra o Povo; mas porque
ſe quiz arriſcar pelo Povo,
elle, & o Povo todos ſe ſal-
vàram. O meſmo havia de
ſucceder ás noſſas prudentes,
ſe ellas o ſouberam ſer, & ſe
ſouberam arriſcar; mas por-
que lhes faltou eſta ciencia,
& eſta prudencia, em q̃ San-
ta Thereſa foy tam eminen-
te, por iſſo eu em compara-
çam della digo que foram
neſcias. Em comparaçaõ das
neſcias do Evangelho foram
prudentes as prudentes, por-
q̃ as neſcias cuidaraõ, q̃ ha-

via outrem de fazer por ellas o que ellas nam fizeram por amor de sy: & as prudentes nam quizeraõ fazer por amor de outrem, o que outrẽ nam havia de fazer por ellas. Mas essas mesmas prudentes comparadas com Santa Theresa foraõ nescias; porque ellas cuidàram, que arriscandose por amor de Deos, & dos proximos, corriaõ perigo: & Santa Theresa entendia, & sabia por experiencia, que tudo o que se arrisca pela charidade, quando mais se arrisca, entam se segura mais.

299 Tudo quanto teve, & quanto podia ter, arriscou Santa Theresa por amor de Deos, & dos proximos. E estes mesmos riscos foram huma prudente industria, cõ que tudo accrescentou, & segurou mais. Arriscou a vida, arriscou a honra, arriscou a mesma perfeiçam de sua Alma; & do primeiro perigo sahio com mais saude, do segundo com mais credito, do terceiro com mayor santidade. Era Santa Theresa tam enferma, como lemos em sua vida, & o que mais sentia nesta fraqueza natural era o impedimento, que a enfermidades lhe faziaõ ao exercicios da oraçaõ, & da penitencia. Veyo finalmente a resolverse comsigo, & contra sy, a orar com toda a continuaçaõ, & a tratar seu corpo com todo rigor, ainda que perdesse totalmente a vida. E que tirou a Santa desta resoluçaõ? Cousa maravilhosa! A saude que lhe não poderaõ dar nenhuns remedios, lhe deraõ os mesmos riscos, em que a punha. Com a penitencia, com que mais havia de enfermar, lhe crescia a saude, & com o trabalho, com que mais havia de enfraquecer, se lhe augmentavaõ as forças.

300 As perseguiçoens, a que Santa Theresa se expoz quando emprendèo reduzir a Regra Carmelitana moderada ao antigo rigor, & inteireza de seu primeiro Instituto, foraõ mayores do que se pòdem imaginar, & do q parece se podiaõ sofrer. Armouse cõtra ella a Religiaõ & armouse o mundo; & o que mais he, que os bons do mundo, & os melhores da

Re-

eligiaõ (poſto que com
m zelo) eraõ os que mais
perſeguiaõ. Raros eraõ os
ue defendiaõ ſeu eſpirito,
dos o tinhaõ por illuſaõ, &
redo do demonio, muitos
or fingimento, & hipocre-
; & naõ faltava quem lhe
ſſe ainda mais eſcandalo-
s cenſuras. Tudo occaſio-
avaõ os tempos, que com
novas heregias de Lutero
ndavaõ muy perigoſos, &
eios de temores. Mas co-
o a Santa ſe arriſcava a to-
os eſtes deſcreditos pela
lvaçaõ, & perfeiçaõ dos
roximos, em que veyo a pa-
ar tudo? Os deſcreditos pa-
àraõ em mayor eſtimaçam,
s injurias em mayor honra,
s perſeguiçoens em mayo-
es applauſos: & os meſmos
eligioſos, que tinhaõ a
Thereſa por indigna filha, a
ecebèraõ depois por digniſ-
ma Máy; como de tal
e honraõ, & a veneraõ.

301 Finalmente ouve
uitas peſſoas timoratas, &
outas, que a conſelhavaõ a
anta Thereſa, que ſe reti-
aſſe do magiſterio eſpiritual
las Almas, & que na vida
articular, & ſolitaria, a que
a meſma doçura da contem-
plaçaõ a inclinava, vacando
ſómente a Deos, & a ſy, ſeria
mayor o aproveitamento de
ſeu eſpirito. Foy eſta a ma-
yor prova, por lhe naõ cha-
mar a mais apertada tenta-
çaõ, que podia ter a Alma de
Thereſa, cujos mais prezados
intereſſes, cujas mais a-
madas delicias, cujos rega-
los, cujas ancias, cujos ſuſpi-
ros, era aquella intima uniaõ
cõ Deos, quieta, & ſuaviſſi-
ma, em que elevada ſobre
todas as couſas da terra, tam
celeſtialmẽte o gozava. Con-
tinuou com tudo a Sãta pro-
ſeguindo na empreſa come-
çada, ſem reparar neſtes riſ-
cos de ſua mayor perfeiçaõ,
& noutros ainda mayores q̃
lhe ameaçavaõ: & como to-
dos eraõ tomados pela cha-
ridade, quanto mais parece
q̃ arriſcava os doẽs do Ceo,
tanto mais ſe achava rica, &
favorecida delles. Era muito o que arriſcava, mas muito mais o que recebia. Mercès ſobre mercés, favores ſobre favores, glorias ſobre glorias, como ſe os meſmos riſcos feſſem degráos para mais ſubir, & creſcer. Em

ſum-

ſumma, que arriſcando Thereſa por amor de Deos, & dos proximos, ſaude, honra, & perfeiçaõ; dos perigos da ſaude ſahia mais forte, dos perigos da honra mais acreditada, dos perigos da perfeiçaõ mais Santa. Oh quantos, & quam ſeguros louvores ſe poderaõ agora diſcorrer ſobre todos eſtes perigos, & muito mais ſobre o terceiro. Parece que pugnava nelle o eſpirito contra o eſpirito, a virtude contra a virtude, a ſantidade contra a ſantidade: mas neceſſaria era tam glorioſa peleja para tam excellente vitoria. Corto o fio, & naõ ſem dor, ao que quizera dizer. Peçovos com tudo licença para concluir o Sermaõ na fórma em que o propuz ao principio, ſuppoſto que vos naõ hey de cançar outra vez, perdoayme eſta.

§. IX.

302 A quarta, & ultima couſa, em que as Virgens prudentes comparadas com Santa Thereſa foraõ neſcias, he, que as prudentes podendo rogar ao Eſpoſo, que eſperaſſe pelas companheiras, ou quando menos, que lhes naõ fechaſſe as portas, nam entercedêraõ por ellas: & Santa Thereſa entercede ſempre efficazmente por ſeus devotos, & por todos os que lhe pedem favor, & a ella ſe encomendaõ. Eſta foy a quarta, & ultima imprudencia das prudentes. Nas quaes, ſe bem reparaſtes, achareis, q̃ as notàmos de imprudentes, nas obras, imprudentes nas palavras, imprudentes nos penſamentos, & imprudentes nas omiſſoens, que ſaõ os quatro modos geraes, porque ſó ſe pòde peccar contra huma virtude. No primeiro foraõ imprudentes de obra, porque dormiraõ, quando haviaõ de vigiar: no ſegundo foraõ imprudentes de palavra, porque diſſeraõ, naõ baſte, quando haviaõ de dizer, naõ ſobeje: no terceiro foraõ imprudentes de penſamento, porque cuidàraõ, que arriſcandoſe pela charidade, podiaõ correr perigo: no quarto foraõ imprudentes de omiſſaõ, porque ao menos naõ pediraõ por quem lhes

es pedia. Ellas naõ pedi-
ó, nem entercedèram por
em lhes pedio: & Santa
hereſa, como dizia, pede
entercede efficazmẽte por
dos os que lhe pedem, &
valem de ſeu favor. Mas
te ponto naõ o hei de pro-
ir, eu porque na meſma in-
tuiçaõ deſta feſta eſtà pro-
ido.

303 Bem podèra a Cõ-
nhia de Jeſu feſtejar em
das as ſuas Caſas a Santa
adre Thereſa de Juſu, co-
o Santa muito ſua, porque
meſma Sãta em muitos lu-
ares de ſeus Livros cõfeſſa,
ue dos Religioſos da Com-
anhia de Jeſu recebèo gran-
es augmentos, & grandes
uzes o ſeu eſpirito; por ſi-
al, que ordinariamente lhe
hama: *Aquellos benditos Pa-
res.* Com tudo a feſta de
oje nam ſe celebra por eſta
auſa, ſenam pela que eu di-
ia. Eſtava hum enfermo
como todos ſabeis, & vi-
es) na ultima deſeſperaçaõ
a natureza, & na ultima
eſconfiança da arte: em fim
no ultimo eſtado em q̃ eſta-
vaõ as alampadas das finco
Virgens; *Quia lampades no-*
ſtræ extinguntur: nam lhe *Matt.*
reſtava mais que metermelhe 25 8.
na maõ a Candea da Fé: tan-
to por momentos ſe lhe hia
apagando a da vida. Aſſim
menos vivo que morto, re-
corrèo a Santa Thereſa, in-
vocando ſeu favor naquelle
extremo perigo, & obrigan-
doſe com voto ao publico
reconhecimento delle por
toda a vida, ſe de ſua maõ a
recebeſſe. Nam foy a Vir-
gem prudentiſſima como as
prudentes, que negáram o
oleo a quem lho pedia, por-
que logo o concedéo inviſi-
velmente, mas com effeito
viſivel, & manifeſto. No
meſmo ponto revivèo a alã-
pada, que ſe hia apagando,
& reſuſcitou a vida jà quaſi
morta. E eſte he o ſegundo
anno, em que com eſta de-
monſtraçam publica ſe dà cũ-
primento ao voto. Oleo cha-
mey à virtude milagroſa de-
ſte beneficio, & nam he ſó
propriedade da metafora, ſe-
nam realidade viſta, & co-
nhecida.

304 Do ſepulchro de
Santa Thereſa mana hũ oleo
ſuaviſſimo, de que recebem
ſaude muitos enfermos. E he
mui-

muito para notar, que do lugar, onde eſtà Santa Thereſa morta, ſaya oleo, que dà vida: como ſe com eſte oleo déra em roſto a charidade de Santa Thereſa à pouca que tiveraõ as Virgẽs do Evangelho. Ellas deixáraõ apagar as alampadas alheias, por mais conſervar o lume das ſuas: & Santa Thereſa apagou a ſua para acender as alheias. Iſſo quer dizer, ſair o oleo da ſua ſepultura, & o remedio da vida, donde ella eſtà morta. Com toda a verdade aſſim foy; porque eſta foy a fineza donde naſcèo a efficacia da ſua interceſſam. Hum dia em que eſtava a Santa mais favorecida de Chriſto, diſſelhe o Senhor, que pediſſe o que quizeſſe. E que vos parece que pediria Thereſa? Se fora alguma das prudẽtes do Evangelho, havia de pedir para ſy, & quando menos para ſy primeiro: o *Nobis* havia de ir diante: *Nobis, & vobis.* Mas foy tanta a prudẽcia de Thereſa, & tanta a ſua charidade, que naõ pedindo nada para ſy, tudo pedio para nòs: pedio, que todas as vezes que rogaſſe por ſeus devotos, lhe concedeſſe o Senhor o què pediſſe: & aſſim lhe foy outorgado. As prudentes do Evangelho nem deraõ o que lhe pediaõ, nem pedíraõ por quem lhe pedia: Santa Thereſa pedio por todos os que lhe pediſſem, para poder dar tudo o que lhe pedirem. Eiſaqui Chriſtãos, o grande, & ineſtimavel theſouro, que tendes depoſitado naquellas maõs ſantas. Em todas voſſas neceſſidades, em todos voſſos trabalhos, em todos voſſos perigos, em todas vaſſas enfermidades do corpo, & muito mais da Alma; recorrey ao amparo, ao patrocinio, & à charidade deſta piedoſa Virgem, que tanto pòde com Deos, & vereis como vos ſoccorre.

Matt. 25 9.

§. X.

305 E para que conheçamos todos quanta neceſſidade temos dos ſoccorros, & auxilios ſuperiores; volte-mos hum pouco ſobre nòs os olhos, que atègora tivemos poſtos em Santa Thereſa, & veremos para mayor gloria ſua,

a, & mayor confuſaõ noſ-
, que ſe as prudentes com-
radas com ella foram neſ-
as, as neſcias comparadas
mnoſco foraõ prudentes.
am neſcias, & tam impru-
ntes ſomos nas materias de
ſſa ſalvaçaõ. As pruden-
s, como vimos, em compa-
çaõ de Sãta Thereſa foraõ
iatro vezes neſcias: as neſ-
as em noſſa comparaçam
raõ oito vezes prudentes.
imeiramente as neſcias pa-
ſe ſalvarem, eſcolhèram o
lado de Virgens, que he
m alto, & tam parecido ao
Ceo: *Simile eſt Regnum*
lorum decem virginibus: &
uitos Chriſtãos que eſtado
maõ? O da torpeza, e da
nſualidade, o dos adulte-
os, o das affeiçoens ſacrile-
s com Almas dedicadas a
eos, & outras abominaçoẽs
nda de peiores nomes; &
ſto paſſaõ hum anno, &
tro anno, & toda a vida.
ede, ſe ſois mais neſcios q̃
neſcias?

306 As neſcias (& he a
gunda prudencia) ſahiraõ
ſuas caſas, mas ſahiram a
companhar o Eſpoſo, & a
ſpoſa: *Exterunt obviam ſponſo, & ſponſæ.* E os ho-
mens ordinariamente a que
ſaem? Huns ſaem ſó a ſair,
que he perder tempo, outros
ſaem a ver, & ſer viſtos, que
he perder as Almas proprias,
& as alheias, outros ſaem a
jugar, a pleitear, a murmurar,
que he perder o dinheiro, a
fama, & a conſciencia; &
ainda quando ſaem à Igreja,
que he as menos vezes, ſaem
a offender, & injuriar a Deos
em ſua propria caſa. Vede, ſe
ſomos nòs os neſcios mais q̃
as neſcias?

307 As neſcias (& vay
a terceira prudencia) he ver-
dade que adormecêram, &
dormíraõ, mas tanto que ou-
víraõ a primeira voz, ou o
primeiro clamor, de que vi-
nha o Eſpoſo: *Tunc ſurrexe-* *Ib.* 1.
runt omnes virgines illæ: no
meſmo ponto ſe levantâ-
raõ. Quantas vezes clamaõ
os Pregadores nos pulpitos,
quantas vezes clamaõ dentro
no peito as proprias conſciẽ-
cias, quantas vezes clama o
meſmo Deos com as vozes,
& com os brados de todas as
criaturas (como neſta Ilha)
jà com a terra tremendo, jà
com o fogo rebentando, jà
com

com as cinzas chovendo; & os homens com ellas sobre a cabeça sepultados no sono do peccado, & da occasião, sem abrir os olhos, nem esperter, continuando a dormir cegos como dantes. Vede se somos nòs mais nescios que as nescias?

308 As nescias (& he a quarta prudencia) ornáram as suas alampadas: *Ornaverunt lampades suas*: & o mundo, onde tanto se trata hoje do ornato, de que ornato he que trata? Galas, & mais galas para o corpo, sedas, & mais sedas para o corpo, ouro, & mais ouro, joyas, & mais joyas, vaidades, & mais vaidades para o corpo; & a pobre Alma desprezada, rota, despida, envergonhada, sem ter com q̃ cobrir a fealdade, & ignominia, em que os peccados trocàraõ sua natural fermosura? Vede, se somos nescios mais que as nescias? *Ib.* 7.

309 As nescias (& foy a quinta prudencia) vendo que se lhe apagavaõ as alampadas, com ser cousa de tanta repugnancia o pedir aos iguaes, nam duvidáraõ, nem reparáram em pedir às com panheiras: *Date nobis de ole vestro.* Quantos ha, que que rem antes roubar, que pedi Quantos, que querem ante vender a Alma, & ainda corpo, que pedir? Quantos & quantas, que querem an tes darse ao demonio, qu pedir, nem ao mesmo Deos E nam só naõ pedẽ a Deos remedio para a necessidade nem o soccorro para a tenta çam, mas nem ainda depo do peccado lhe querem pe dir o perdaõ delle? Vede, somos nòs os nescios mais as nescias?

310 As nescias (& va a sexta prudencia) ainda as prudentes lhe nam quize ram dar o oleo, tomáraõ cõ tudo o conselho, que lh deram, de que fossem cõ prar: *Ite potius ad vendent* Quantas vezes nos daõ bo conselhos os Confessores Quantas vezes nos daõ bo conselhos os pays? Quant vezes nos daõ bons cõselh os amigos? Quantas vez nos daõ bons conselhos os vros? Quantas vezes nos d bons conselhos os Anjos guarda por meyo das insp

raçoens? Quantas vezes nos daõ bõs conſelhos os exemplos, os caſtigos, & os caſos tam raros, & portentoſos, que vemos ſucceder no mundo, para que eſcramentemos em cabeça alheia; & nòs com tudo tam loucos, & tam deſaconſelhados? Vede, ſe ſomos mais neſcios que as neſcias?

311 As neſcias (& foy a ſeptima prudẽcia) ſem reparar no trabalho, nem no dinheiro, nem na authoridade, foraõ comprar o oleo às tendas: *Dum autem irent emere.* E nòs, ſendo que tudo nos cuſta, & tudo cõpramos, & a tam caros preços; ſó o Ceo nam queremos cõprar. Ha dinheiro para o apetite, ha dinheiro para a vaidade, ha dinheiro para a vingança, ha dinheiro para o jogo, ha dinheiro para a peita: mas nam ha dinheiro para a reſtituiçaõ, nam ha dinheiro para a eſmola, naõ ha dinheiro para as Capellas, & obrigaçam do Morgado, naõ ha dinheiro para os legados, & ſatistaçam do teſtamento, & quando nam queremos o Ceo de graça, para comprar-mos a pezo de ouro o Inferno, nam falta dinheiro. Vede, ſe ſomos nòs os neſcios muito mais que as neſcias?

312 As neſcias finalmente (& he a oitava, & ultima prudencia) vieraõ, ainda que tarde, batêraõ a porta do Ceo, & chamáraõ muitas vezes pelo Eſpoſo: *Noviſſime verò veniunt, & reliquæ virgines, dicentes, Domine, Domine, aperi nobis.* Matt. 25.11 Ellas vieraõ, batêraõ, & chamàraõ; nòs nem viemos, nem batemos, nem chamàmos: antes eſtá a repreſentaçam, & a tragedia tam trocada em tudo, que Deos he o que vẽ, & nòs fugimos; Deos o que chama, & nòs naõ reſpondemos; Deos o que bate, & nòs nam abrimos. Vem Deos, & eſtà batendo, & chamando às portas do noſſo coraçam: *Ego ſto ad oſtium, & pulſo:* Apoc. 3.20. E nòs reſpondemos ás tres Peſſoas da Santiſſima Trindade: *Neſcio vos.* Matt. 25.12 Dizeyme, ou digaſe cada hum a ſy meſmo: Quantos tempos ha que Deos vos anda batendo á Alma (& pòde ſer que a ultima vez foſſe neſte meſmo Sermaõ.) Filho, Eu

crieyte : Filho , Eu remite com o meu Sangue : Filho,tu has de morrer : Filho,Eu naõ te hey de salvar,nẽ posso,sem boas obras : pois que he o que determinas ? Isto nos diz Deos , & isto vos digo eu em seu nome. Que determinamos , Christãos , que determinamos ? Esperamos , que se nos feche a porta do Ceo ? Esperamos, que se nos diga
Ib. 10. para sempre : *Clausa est janua* ? As Virgens , que tiveram as alampadas acẽzas cõ boas obras , entràraõ ; as que as tiveram apagadas , ficàraõ de fóra. Respondeyme por reverencia de Deos a duas pergũtas muitos breves. Pergunto : Credes , & tendes por fé , que sem boas obras ninguem se pòde salvar ? Se sois Christaõ , & Catholico , haveis de dizer que sim. Pergunto mais : E essas boas obras , sem as quaes vos nam podeis salvar , tendelas vos, ou nam ? Muitos ha , que se haõ de fallar verdade, devem dizer que as nam tem. Pois se nam tendes boas obras , & sem boas obras nâm vos podeis salvar ; essa esperança, tendes de vossa salvaçam, e que a fundais ? Ha Deos d faltar à sua justiça ? Ha d mudar suas Leys por amo de vòs ? Dirmeheis, que ain da que nam tendes agora boas obras , que tendes, pr positos de as fazer depois. se antes desse depois vier Esposo : *Dum autem iren emere , venit sponsus* ? Se ant desse depois vier a morte ? S antes desse depois vos pedi rem conta ? Atreveisvos estar no Inferno para sẽpre Torno a dizer : Atreveisvo a estar no Inferno,a arder na quellas chamas para sempre Este para sẽpre repetia mui tas vezes Santa Theresa, ain da sendo muito minina , & este para sempre foy o prin cipio da sua oraçaõ , & primeiro fundamento da su santidade. Com este par sempre me quero despedi de vòs , & que este para sem pre vos fique soando nos ou vidos , & imprimindose na memorias : para Sempre, pa ra Sempre, para Sempre.

SER

SERMAM

DA

QUINTA DOMINGA DA

QUARESMA.

Na Igreja Maior da Cidade de Sáõ Luis no Maranhaõ. Anno de 1654.

Si dixero quia non scio eum, ero similis vobis mendax.
Joan. 8.

§. I.

TEMOS juntamente hoje no Evangelho duas cousas, que nunca pòdem andar juntas: a Verdade, & a Mentira. E porque naõ pòdem andar juntas; por isso as temos divididas: a verdade no Prègador: a mentira nos ouvintes: o Prègador muito verdadeiro, o auditorio muito mentiroso. Huma, & outra cousa disse Christo aos Escribas, & Fariséos, com quem fallava. O Prègador muito verdadeiro: *Si verita-*

Joan. 8.46 *tem dico vobis*: ô auditorio muito mentiroſo: *Ero ſimilis vobis mendax.*

314 De tres modos (que ha muitos modos de mentir) mentiraõ hoje eſtes naos ouvintes. Mentiraõ, porque naõ crèraõ a verdade: mentiraõ, perque impugnàraõ a verdade: mentiraõ, porque affirmàraõ a mentira. Nam crer a verdade, he mentir cõ o penſamento: impugnar a verdade, he mentir com a obra: affirmar a mentira, he mentir com a palavra. Tudo iſto lhe tinha profetizado a Chriſto ſeu Pay David, quã-

Pſal. 65.3. do diſſe: *In multitudine virtutis tuæ mentientur tibi inimici tui.* De muitos modos moſtrareis efficazmente a verdade de voſſo ſer; mas voſſos inimigos vos mentiraõ tambem por muitos modos: mentirvoshaõ naõ crẽdo, mentirvoshaõ impugnádo, mentirvoshaõ mẽtindo, como hoje fizeraõ. Diſſelhes Chriſto, que era Filho de Deos verdadeiro, a quem elles chamavaõ Pay ſem o conhecerem: diſſelhes, que os que recebeſſem, & obſervaſſem ſua doutrina, viveriaõ eternamente; & aqui mentiraõ naõ crendo a verdade: *Si veritatem dico vobis, quare nõ creditis mihi?* Diſſelhes mais, que Abraham dezejàra ver o ſeu dia, iſto he, o dia em q̃ havia de deſcer do Ceo à terra, & naſcer homem entre os homens, & que finalmente o vira com grande jubilio, & alegria da ſua Alma: & aqui mẽtiraõ impugnando a verdade: *Quinquaginta annos nondum habes, & Abraham vidiſti?* Tu naõ tens ainda ſincoenta annos, & viſte Abraham? E o Bezerro, q̃ vòs diſſeſtes, que vos livràra do Egypto, quantos annos tinha? Naõ era naſcido, & gerado naquelle meſmo dia? O ditame, com que o tiveſtes por Deos, era falſo; mas a ſuppoſiçaõ, com que entendeſtes, que em Deos podia haver duas geraçoens, huma antes, & outra depois, era verdadeira. Reſpõdeo Chriſto: *Antequam Abraham fieret, Ego ſum:* antes que Abraham foſſe, Eu ja era. Mas eſte era declarou o pela palavra: *Ego ſum:* Eu ſou; para que entendeſſem que era aquelle meſmo Deos, q̃ quando

do se diffinio a Moyses, disse: *Ego sum qui sum*: Eu sou o q̃ sou; porque no eterno nam ha passado, nem futuro, tudo he presente. Em fim mentíraõ affirmando a mentira; porque differaõ, que Christo era Samaritano, & endemoninhado: *Samaritanus es, & dæmonium habes.* E para mẽtirem duas vezes em huma mentira, repetíraõ a mesma blasfemia, ratificando o que tinhaõ dito, & allegandose a sy mesmo: *Nonne benedicimus nos?* Mal he dizer mal; mas depois de o haverdes ditto, dizerdes ainda que dizeis bem, he hum mal mayor sobre outro mal, porque he estar obstinado nelle.

315 Estas saõ as mentiras, com que os Escribas, & Fariséos hoje cõtradisseraõ, calumniaraõ, & quizeram afrontar, & deshonrar ao Filho de Deos, como o Senhor lhes disse: *Ego honorifico Patrem meum, & vos inhonoratis me.* Mas posto que a Sabidoría Eterna fosse calumniada, & injuriada por semelhante gente; nem por isso ficou afrontado, nẽ deshonrado Christo; porque tudo o que differaõ delle, & lhe fizeraõ, foy por inveja, por odio, por rayva, por vingança: & quando as causas saõ estas, as injurias nam injuríaõ, as afrontas desafrontaõ, as deshonras honraõ. Nam está muito honrado Christo? Dizeyo vòs. Ora eu q̃ prègarey neste dia, em que tanto se espera o assumpto dos Prègadores? Hey tambem de dizervos huma grande injuria, huma grande afronta, & huma grande deshonra da vossa terra. Comtudo, ainda que as verdades causaõ odio; espero que naõ haveis de ficar mal comigo: porque hey de afrontar a todos para desafrontar a cada hum. O discurso dirà como. *Ave Maria.*

§. II.

Si dixero quia non scio eum, ero similis vobis mendax.

316 A Este Evãgelho do Domingo quinto da Quaresma chamais commumente o Domingo das verdades. Para mim todos os Domingos tem este sobre-

nome, porque em todos prêgo verdades, & muito claras, como tendes visto. Por me naõ sair, com tudo, do que hoje todos espèraõ, estive considerando comigo q̃ verdades vos diria: & segundo as noticias, que vou têdo desta nossa terra, resolvime a vos dizer huma só verdade. Mas que verdade serà esta? Naõ gastemos tempo. A verdade que vos digo, he que no Maranhaõ nam ha verdade.

317 Cuidavaõ, & diziaõ os Sabios antigos, que em differentes Ilhas do Mũdo reynavaõ differentes Deidades: que em Creta reynava Iupiter, q̃ em Delos reynava Apollo, que em Samo reynava Iuno, que em Chypre reynava Venus, & assim de outras. Se o Imperio da Mẽtira naõ fora tam universal no mundo; poderase suspeitar, que nesta nossa Ilha tinha a sua Corte a Mẽtira. Todas as terras, assim como tẽ particulares estrellas, que naturalmente predominaõ sobre ellas; assim padecem tambem differentes vicios, a que geralmente saõ sugeitas. Fingiraõ a este proposito os Alemaẽs huma galante Fabula. Dizem, qu quando o Diabo cahio d Ceo, que no ar se fez em pe daços, & que estes pedaço se espalhàraõ em diversa Provincias da Europa, ond ficàraõ os vicios, que nella reynaõ. Dizem, que a cabe ça do diabo cahio em Hes panha, & que por isso somo fumosos, altivos, & com ar rogancia graves. Dizem, qu o peito cahio em Italia, & daqui lhes veyo serem fabri cadores de machinas, naõ s darem a entender, & traze rem o caraçaõ sempre cuber to. Dizem, que o ventre ca hio em Alemanha, & qu esta he a causa de serem in clinados à gula, & gastarem mais q̃ os outros com a me sa, & com a taça. Dizem, q os pès cahiraõ em França, & que daqui nasce serem pou co socegados, apressados no andar, & amigos de bayles. Dizem, que os braços com as máos, & unhas crescidas, hum cahio em Holláda, ou tro em Argel, & que dahi lhes veyo (ou nos veyo) o serem cossarios. Esta he a su-

stan-

tancia do Apologo, nem mal ormado, nem mal repartido; porque ainda que a aplicaçaõ dos vicios totalm ẽ e naõ seja verdadeira, tem comtudo a semelhança de verdade, que basta para dar al à satyra. E supposto que Hespanha lhe coube a cabeça; cuido eu que a parte della, que nos toca ao nosso Portugal, he a lingua: ao menos assim o entendem as Naçoens estrangeiras, que de mais perto nos tratãõ. Os vicios da lingua saõ tantos, que fez Drexelio hum Abecedario inteiro, & muito copioso delles. E se as letras deste Abecedario se repartissem pelos Estados de Portugal; que letra tocaria ao nosso Maranhaõ? Naõ ha duvida, q̃ o M. M. Maranhaõ, M. murmurar, M. motejar, M. maldizer, M. malsinar, M. mixericar, & sobre tudo, M. mentir, mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos, & por todos os modos aqui se mente. Novellas, & Novellos saõ as duas moedas correntes desta terra: mas tem hũa diferença, que as Novellas armaõse sobre nada, & os Novellos armaõse sobre muito, para tudo ser moeda falsa.

corrẽte nesta terra saõ Novellos de fio de Algodam.

318 Na Bahia, que he a cabeça desta nossa Provincia do Brasil, acontece algumas vezes o que no Maranham quasi todos os dias. Amanhece o Sol muito claro, prometendo hum fermoso dia, & dentro em huma hora se tolda o Ceo de nuvens, & começa a chover como no mais entranhado Inverno. Succedêolhe hum caso como este a Dom Fadrique de Toledo, quando veyo a restaurar a Bahia no anno de Mil seis centos & vinte sinco. E tendo todo a gente da Armada em cãpo para lhe passar mostra, admirado da inconstancia do clima, disse: *En el Brasil hasta los Cielos mienten.* Naõ sey se he isto descredito, se desculpa. Que mais pòde fazer hum homem, que ser tam bom como o Ceo da terra, em que vive? Outra terra ha em Europa, na qual eu estive ha poucos annos, em que se exprimentaõ cada dia as mesmas mudanças, pelas quaes Galeno naõ quiz cu-

Roma.

rar nella; porèm alli ha outra razaõ; porque como a terra tem jurdiçaõ sobre o Ceo, segue o Ceo as influencias da terra. Mas o que se disse do Brasil por galantaria, se pòde affirmar do Maranhaõ com toda a verdade. He experiencia inaudita a q̃ agora direy, & naõ sey que fé lhe darão os Mathematicos, que estaõ mais longe da Linha. Quer pezar o Sol hum Piloto nesta Cidade, onde estamos, & naõ no porto, onde està surto o seu navio, senaõ com os pès em terra: toma o Astrolabio na maõ cõ toda a quietaçaõ, & segurança. E q̃ lhe acontece? Cousa prodigiosa! Hum dia acha, que està o Maranham em hum grão; outro dia, em meyo; outro dia, em dous; outro dia, em nenhum. E esta he a causa, porq̃ os Pilotos, que naõ saõ praticos nesta Costa, arèaõ, & se tẽ pèrdido tantos nella. De maneira, que o Sol, que em toda a parte he a regra certa, & infallivel, por onde se medem os tempos, os lugares, as alturas, em chegando à terra do Maranhaõ, atè elle mẽte. E terra onde atè o Sol mẽte vede, que verdade fallaràn aquelles, sobre cujas cabeças & coraçoẽs elle influe. Acõtecelhe aqui aos moradores o mesmo que aos Pilotos, q̃ nenhum sabe em que altura està. Cuida o homem nobre hoje que està em altura de honrado, & à manhaã achase infamado, & envilecido. Cuida a donzella recolhida, que està em altura de virtuosa, & à manhaã achase murmurada pelas praças. Cuida o Ecclesiastico, que està em altura de bom Sacerdote, & à manhaã achase com reputaçaõ de mào homem. Em fim hum dia estais aqui em huma altura, & ao outro dia noutra, porque os labios saõ como o Astrolabio. He isto assim? A vòs mesmos o ouço, que eu naõ o advinhey. Vede, se he certa a minha verdade, que naõ ha verdade no Maranhaõ.

§. III.

319 Ora eu me puz a especular a causa, porque o clima, & o Ceo desta terra influe tanta mentira; & pa-

re-

eceme que achey a cauſa verdadeira, & natural. Aſſim omo o Ceo com huma virude influe outra virtude: aſim o clima, que tambem ſe hama Ceo, com hum vicio nflue outro vicio. Ponhanos o exemplo na verdade, que he a virtude contraria da mentira. *Veritas de terra orta eſt*: diz David. A verdade naſceo da terra. E logo advertio, que a terra, de que fallava, naõ era toda a terra, ſenaõ a ſua: *Et terra noſtra dabit fructum ſuum.* Mas dõde lhe veyo àquella terra (q̃ era a de Promiſſaõ) donde lhe veyo huma virtude tam ſingular no mundo, que naſceſſe della a verdade? O meſmo Profeta o diſſe: *Veritas de terra orta eſt, & juſtitia de cœlo proſpexit.* Toda eſta virtude da terra veyolhe do Ceo. Influio o Ceo na terra a juſtiça, & naſceo nella a verdade. A verdade he filha legitima da juſtiça; porque a juſtiça dà a cada hum o que he ſeu. E iſto he o que faz, & o que diz a verdade: ao contrario da mentira. A mentira, ou vos tira o q̃ tendes, ou vos dà o que naõ tendes: ou vos rouba, ou vos condena. A verdade, nam: a cada hum dà o ſeu, como a juſtiça. E porque o Ceo influio naquella terra a juſtiça, por iſſo influio, & naſceo nella a verdade. Influio hũa virtude, & naſceo outra.

320 O meſmo paſſa nos vicios. Se o clima influe ſoberba, naſce a inveja: ſe influe gula, naſce a luxuria: ſe influe cubiça, naſce a avareza: ſe iflue ira, naſce a vingança. E para naſcer a mentira, que he o que influe? Ocioſidade. Onde o clima influe ocio; dàſe a mentira a perder. Naſce, creſce, eſpiga, & de hum naõ ſey que, tamanho como hum graõ de trigo, podeis colher mentiras aos alqueires. Eſtes ſam os dous vicios do Maranhão, eſtas as duas influẽcias deſte clima; ocio, & mentira. O ocio he a primeira influẽcia, a mentira a ſegunda: o ocio a cauſa, a mentira o effeito. Naõ ha terra no mundo, que mais incline ao ocio, ou à preguiça, como vôs dizeis; & eſta he a ſemente, de que naſce tam mà herva. Ouvi a Sam Paulo. Falla o Apoſtolo

lo da Ilha de Creta, que he a Candia, que hoje vay conquiſtando o Turco, & diz assim: *Cretenſes ſemper mendaces, ventres pigri*: os Cretenſes tem dous vicios, que ſempre ſe achaõ nelles; mẽtirosos, & preguiçoſos. Podèra dizer mais, ſe fallàra da noſſa Ilha, & de toda eſta terra? Digaõno os naturaes. Nem a ſua diligencia, nem a ſua verdade o pòde negar. Naõ ha gente mais mentirosa, nem mais preguiçoſa no mundo. Deitados na ſua rede: *Ventres pigri*: Ouvidos nas ſuas palavras: *Semper mendaces.* Mas como eſtas virtudes vem do Ceo, como ſaõ influencias do clima, pegàraõſe tambem aos Portuguezes. Falta a verdade, porq̃ ſobeja a ocioſidade. Dayme vòs homens ocioſos, que eu volos darey mentirosos. E ſe naõ; vamos ao Evangelho.

Tit. 1. 12.

321 As mais desfechadas mentiras, que nunca ſe ouviraõ, nem imagináram, foraõ as que hoje lhe diſſeraõ a Chriſto na cára os Eſcribas, & Fariſéos, pelas quaes o meſmo Senhor lhes chamou mentirosos: *Ero ſimilis vobis mendax.* Diſſeraõ que era Samaritano, & endemoninhado. E naõ ſó o diſſeraõ eſta vez, como advertio Origines; mas aſſim o diziaõ publicamente: *Nonne benedicimus nos, quia Samaritanus es tu, & dæmonium habes?* E notay o que diſſeraõ mais abaixo: *Nunc cognovimus, quia Samaritanus es, & dæmonium habes*: Agora conhecemos, que es Samaritano, & endemoninhado Pois ſe agora o conheceſtes como o dizies d' antes? Porque os mentirosos dizem as couſas antes de as ſaberem. Mas tornemos à ſuſtancia da mentira. Chriſto lançava os demonios de todos os corpos, & elles chamaõlhe endemoninhado: Chriſto era Galilèo natural de Nazareth, & chamaõlhe Samaritano. E ſe o diziaõ pela Religiaõ, & pelos coſtumes, os Samaritanos eraõ idolatras, & apoſtatas da Ley, & Chriſto era o Legislador, & Reformador della. Eſtas eraõ as mentiras, que diziaõ os Eſcribas, & Fariſéos. E o Povo, que dizia? Dizia a verdade: que

Chri-

Christo era hum grãde Profeta, que era o Rey prometido de Israel, que era o Messias. Pois se o Povo simplez, & sem letras conhecia, & dizia a verdade; os Escribas, & Fariséos, que se prezavaõ de sabios, como cuidavaõ, & diziaõ tam desatinadas mentiras? Porque os Escribas, & Fariséos era gente abastada, & ociosa, & o Povo naõ. Idelhe ver as mãos, acharlhasheis cheias de callos. Quem trabalha, trata da sua vida; quem està ocioso, trata das alheias. Quem trabalha, como cuida no q̃ faz, falla verdade, porque diz as cousas como saõ. O ocioso como naõ tem q̃ fazer, mente; porque diz o que imagina.

322 Esta he a razam porque a mẽtira he filha primogenita do ocio. Vede, como se fórma dentro em vòs mesmos este monstruoso parto. Quem està ocioso, naõ tem mais que fazer, que pôrse a imaginar: da ociosidade nasce a imaginaçaõ, da imaginaçaõ a suspeita, da suspeita a mentira. He a imaginaçaõ no ocioso como a serpente de Eva. Estava ociosa Eva no Paraiso: entrou a serpente colleandose mansamente sem pès, mas com cabeça: começou pela especulaçam, & acabou pela mẽtira. Começou pela especulaçam: *Cur præcepit vobis Deus*: & acabou pela mentira, & duas mentiras: *Nequaquam moriemini: Eritis sicut Dij.* Consentio Eva na mẽtira peçonhenta: de Eva passou a Adam, de Adam ao genero humano. Naõ succede assim às mentiras imaginadas, que vòs como bicho da seda gerastes dentro em vòs mesmos, fabricando de vossas entranhas a mortalha para vòs, & o vestido para os outros? Meterà a lingua a tezoura, & sem tomar as medidas à verdade, vòs lhe cortareis de vestir. Porque cuydais que se dizem tãtas cousas mal feitas? Porque se fizeraõ? Nam: que a mim me consta do contrario. He porque se imaginàraõ: & tanto que vieram á imaginaçam, ja estam na prancha da lingua.

Genes. 3. 1. *Ib.* 4. 5.

323 Que bem o disse David; *Tota die iniquitatem cogi* 4. *Psal.* 5.

cogitavit lingua tua: Todo o dia a voſſa lingua eſtava cuidando, & imaginando maldades: *Tota die*: Todo o dia. Vede, ſe era ocioſo aquelle, de quem fallava David: Todo o dia nam tinha outra couſa que fazer. E que fazia? Eſtava a ſua lingua cuydando, & imaginando maldades. Nam ſey ſe reparais na impropriedade das palavras. O cuydar, o imaginar he obra do entendimento, nam he da lingua: a lingua falla, o entendimento imagína. Pois ſe a imaginaçam eſtá no entendimento, como diz David, que eſtes fabricadores de maldades imaginavaõ com a lingua: *Tota die iniquitatem cogitavit lingua tua*? Fallou David com eſta, que parece impropriedade, para declarar com toda a propriedade o que queria dizer. Nam diz, que imagina com a lingua, porque a lingua imagine, que iſſo nam póde ſer; mas diz, que imaginaõ com a lingua, por duas razoens: primeira, porque a ſua lingua nam diz o que he, ſenam o que imagíma: ſegũda, porque quanto lhe vem à imaginaçaõ, logo o poem na lingua. O meſmo David: *Cogitaverunt, & loquuti ſunt iniquitatem*: Em imaginando a maldade, logo a dizem ſem outra cauſa para a dizerem, mais que a ſua maldade; ſem outro fundamento mais que a ſua imaginaçam. Por iſſo lhe chama o Profeta, *Verba præcipitationis*: tam precipitados em affirmar quanto imaginam ſem conſideraçam, ſem advertencia, ſem reparo, ſem eſcrupulo, ſem temor de Deos, ſem meter eſpaço, nem fazer differença entre o imaginar, & dizer; como ſe tiveraõ a imaginaçam na lingua, ou a lingua na imaginaçam; como ſe a lingua fora a que imagina, ou a imaginaçam a que falla: *Cogitavit injuſtitiam lingua tua*. Quantas vezes ſe diz do honrado, & da honrada, do innocente, & da innocente o que nũca lhe paſſou pela imaginaçam? Mas baſta que o maldizẽte o imagine, ou queira imaginar para o pôr na converſaçam & na praça, & o affirmar cõ tanta certeza, como ſe o léra em hum Evangelho. Deos

os livre de taes linguas, & uito mais de taes imagina- ens: porque se a vossa hõ- a lhe entrou na imaginaçaõ; enhum remedio tendes, naõ a de parar ahi; ha de passar lingua: *Cogitaverunt, & quuti sunt.*

324 Daqui entendereis razaõ de hum notavel pre- eito de Deos, que por hũa arte parece rigoroso, & por utra menos necessario. Pro- ibe Deos sobpena de pecca- o mortal, & de inferno, que inguem tenha juizo teme- ario do seu proximo. Juizo emerario he cuydar eu, & ulgar mal de meu proximo entro no meu pensamento. Pois se o meu juizo fica den- ro do meu pensamento, & nam sae fóra, nem póde fa- zer bem, nem mal ao proxi- no; porque o prohibe Deos com tanta severidade? Pri- meiramente notay, & adver- ti quam estimada he, & quam delicada para com Deos a honra, & a reputaçam de ca- da hum de nós. Nem cá dẽ- tro no meu entendimento, nem cá dẽtro na minha ima- ginaçaõ quer Deos, que este- jais mal reputado. Zela Deos, & cia a vossa honra, & a vossa reputaçam, atè de mim para comigo. Vede quanto ciarà, & sentirà, que passe aos ouvidos, & ande pelas bocas de huns, & ou- tros. Daqui nasce a razam porque Deos prohibe tam rigorosamente os juizos te- merarios. Nam quer que ha- ja juizos temerarios, para que naõ haja falsos testimunhos. Os falsos testimunhos for- maõse na lingua: os juizos temerarios formaõse na ima- ginaçaõ: & como da imagi- naçam à lingua ha tam pou- ca distancia; para que nam haja falsos testimunhos na lingua, prohibe que nam ha- ja juizos temerarios na ima- ginaçam. Naõ se contentou Deos com meter o inferno entre a imaginaçaõ, & a lin- gua, com hum preceito de peccado mortal; mas metẽo outra voz o inferno entre o entendimento, & a imagina- çaõ, para que com estes dous muros de fogo tivesse defen- dida a nossa honra das nossas linguas. E com tudo isto naõ basta. Porque? Porque em se passando a primeira muralha, está vencida a se- gun-

gunda: em chegando à imaginaçam, jà eſtà na lingua: *Cogitaverunt, & loquuti ſunt.*

325 Senhores meus, vivemos em huma terra muito ocioſa, & por iſſo muito ſugeita a imaginaçoẽs. Aqui ſe ha de pôr o remedio. Diz o Apoſtolo Santiago, que naõ ha fera mais difficultoſa de enfrear, que a lingua. Para ſe pôr o freyo na lingua, haõ ſe de meter as cabeçadas na imaginaçaõ. Nos voſſos engenhos, para que naõ corra a levada, pondes o reſiſto no açude. O primeiro a quem mentis, he a vòs. Naõ mentiraõ as linguas a todos, ſe as imaginaçoens naõ mentíraõ a cada hum. Aqui he que ſe ha de pôr o reſiſto. Job, que conhecia muito bem a ſimpatia das potencias com os ſentidos, dizia: *Pepigi fœdus cum oculis meis, at ne cogitarem de virgine*: Fiz concerto com os meus olhos, para eſtar ſeguro dos meus penſamentos. Concertayvos com os voſſos penſamentos, ſe quereis eſtar ſeguros das voſſas linguas. Mas porque dais entrada a quanto quereis no penſamento, por iſſo dizeis

Job. 31.1.

tantas couſas, que nunca paſ ſáraõ pelo penſamento.

§. IV.

326 Vejo, que eſta agora alguns no auditori muy contentes, dizendo cõ ſigo, que iſto naõ falla con elles, porque he verdade, qu naõ ſaõ mudos, & que quan do ſe achaõ em converſaçan tambem fallaõ nas vidas a lheias; mas, que naõ ſaõ ho mens, que digaõ o que ima ginaõ, dizem o que ouvem & quem diz o que ouve, naõ mente. Ora eſtay comigo Se vòs ſoubereis quanta voltas daõ as palavras deſd a boca atè os ouvidos, nam ouvereis de dizer iſſo, aind que foreis muy verdadeiros Querovos pôr o exemplo na melhor boca, & nos melho res ouvidos do mundo. Per guntou Sam Pedro a Chri ſto, que havia de ſer de San Joaõ. Reſpondèo o Senhor *Sic eum volo manere*: quer que fique aſſim. Iſto he o qu Chriſto diſſe: & os Apoſto los que diſſeraõ? *Exijt ſerm inter fratres, quod diſcipulo ille non moritur*: Começaraõ a di-

dizer huns com os outros, que Sam Joaõ naõ havia de morrer. E acrescenta o Evãgelista: *Et non dixit Jesus, non moritur, sed sic eum volo manere*: E Christo naõ disse, que elle naõ havia de morrer, senaõ que queria que ficasse assim. Pois se Christo naõ disse; como o disseraõ os Apostolos? Elles he certo que naõ quizeraõ dizer huma cousa por outra; mas desde a boca aos ouvidos saõ tantas as voltas, que daõ as palavras, ou no que soaõ, ou no que significaõ, que o que na boca de Christo he ficar, nos ouvidos dos Apostolos he naõ morrer. Naõ podia haver nem melhor boca que a de Christo, nem melhores ouvidos que os dos Apostolos; & se entre o dizer de tal boca, & o perceber de taes ouvidos succedem estas contradiçoens; que será quando a boca naõ he de Christo, & quando os ouvidos naõ saõ de Sam Pedro, nem de Sam Joaõ? Quantas vezes vos disseraõ huma cousa, & percebestes outra? Quantas vezes ouvis o que naõ ouvis? Quantas vezes entre a boca do outro, & os nossos ouvidos ficou a honra alheia pendurada por hũ fio? E queira Deos que naõ ficasse enforcada. Isto acontece, quando os homẽs ouvem com os ouvidos; mas quando ouvem com os coraçoens, ainda he muito peior. E os coraçoens tambem ouvem? Nunca vistes coraçoens? Os coraçoẽs tambem tem orelhas: & estay certos, que cada hum ouve, naõ conforme tem os ouvidos, senaõ conforme tem o coraçaõ, & a inclinaçaõ.

227 Em quanto Moyses estava no Monte Sinay recebendo a Ley de Deos, pediraõ os Judeos a Aram, que lhe fundisse hum bezerro de ouro; & como era o primeiro dia da dedicaçaõ daquella imagẽ, celebràraõ-no elles com grandes festas. Desce do Monte Moyses com Jesuẽ ouviraõ as vozes ao longe: disse Moyses: Eu ouço cantar a coros: disse Josuẽ: Naõ he senaõ tumulto de guerra. Aqui temos, *chores castrorum*. Se as vozes eraõ as mesmas, como a hum parecem musicas, & a outro parecem trombetas? A razaõ he

Exod. 32. 18

Cant. 7. 1.

he clara. Moyſes era Religioſo, Joſuè era Soldado: ao Religioſo parecêraõlhe as vozes do coro, ao Soldado de guerra. Cada hum ouve conforme o ſeu coraçaõ, & a ſua inclinaçaõ. Deos nos livre de hum coraçaõ mal inclinado. Se ouvir hum *Te Deum laudamus*, ha de dizer que ouvio hũa Carta de excomunhaõ. Os que ouvem, ſaõ os ouvidos; mas os que ouvem bem, ou mal, ſaõ os coraçoens. Tudo o que entra pelo ouvido, faz echo no coraçaõ; & cõforme eſtá diſpoſto o coraçaõ, aſſim ſe formaõ os echos. Aainda vos hey de declarar iſto com outra comparaçaõ mais propria. Na fundiçaõ de Aram a temos.

328 Quer hum Fundidor formar huma imagem. Supponhamos que he de S. Bertholamou com o ſeu diabo aos pès. Que faz para iſto? Faz duas formas de barro, huma do Santo, & outra do diabo, & deixa aberto hum ouvido em cada huma. Depois diſto derrete o ſeu metal em hum forno, & tanto que eſtá derretido, & prepa-

rado, abre a boca ao forn
corre o metal, entra por ſe
canaes no ouvido de ca
forma, & em huma ſae hũ
imagem de S. Bertholame
muito fermoſa; noutra hum
figura do diabo tam fea c
mo elle. Pois valhame Deo
que differença he eſta?
metal era o meſmo, a boca
por onde ſahio, a meſma;
entrando por hum ouvi
faz hum Santo, entrando p
outro ouvido, faz hum di
be? Sim: que naõ eſtà a co
ſa nos ouvidos, ſenaõ n
formas, que eſtaõ là dentr
Onde eſtava a forma do di
bo, ſahio hum diabo; o
de eſtava a forma do Santo
ſahio hum Santo. Senh
res meus, todos os no
ſos ouvidos vaõ a dar lá de
tro em huma forma, que
o coraçaõ. Se o coraçaõ
forma do Santo, tudo o q
entra pelo ouvido he ſant
ſe he forma do diabo, tud
o que entra pelo ouvido
diabolico.

329 Quereylo ver? Olha
para o noſſo Evãgelho. Di
ſe Chriſto aos Eſcribas,
Fariſéos: *Ego honorifico P
trem meum*: Eu honro a m
Pay

Pay: *Ego non quæro gloriam meam*: Eu naõ buſco a minha gloria: *Si quis ſermonem meum ſervaverit, mortem non videbit in æternum*: Se alguem guardar os meus preceitos, viverà eternamente. Ouvidas eſtas palavras, quem naõ diria, quando menos, que era hum Santo quem as dizia, principalmente tendo provado a ſua doutrina com tantos milagres? E os Eſcribas, & Fariſeos, que diſſeram? *Nunc cognovimus quia dæmonium habes*: Agora conhecemos, que trazes dentro em ti o demonio. Pois tambem de humas palavras tam ſantas, & taõ divinas fórmaõ eſtes homens hum conceito taõ diabolico? Sim tambem; porque taes eraõ as formas, em que recebèraõ o que lhes entrou pelos ouvidos. Aquelles malditos homens eraõ filhos do diabo, como Chriſto lhes diſſe neſta meſma occaſiam: *Vos ex parte diabolo eſtis*: & de huns coraçoens diabolicos, de humas formas endemoninhadas, ainda que o metal fuſſe taõ divino; que havia de ſair ſenam hum demonio: *Dæmonium habes*? Iſto ſuccedèo às palavras de Chriſto, para que vejamos o que pòde ſucceder às demais. He verdade que as formas nam ſaõ todas humas. Aſſim como ſae hum diabo, & outro diabo, pòde ſair tambem hum Saõ Bertholameu; mas ainda aſſim, o melhor he nam entrar por ouvidos de homens, poſto que as formas nam ſejam do diabo, ſenam do Santo; porque ſe a forma he do diabo, ficais diabo; & ſe he de Sam Bertholameu, ficais eſfolado. Ninguem paſſou pelos dous eſtreitos da boca, & ouvidos humanos, que nam deixaſſe nelles, quando menos, a pelle.

330 Notavel he o artificio, com que a natureza formou os noſſos ouvidos. Cada ouvido he hum caracol, & de materia que tem ſua dureza. E como as palavras entraõ paſſadas pelo occo deſte parafuſo, nam he muito que quando ſaem pela boca, ſayaõ torcidas. Tornemos às de Chriſto hoje. Diſſe o Senhor aos ſeus ouvintes: *Abraham exultavit ut videret diem meum, vidit, & gaviſus eſt*: Abraham dezejou

jou ver minha vinda ao mundo, vio-a, & alegrouse. Isto he o que entrou pelos ouvidos dos Escribas, & Fariséos. E que he o que sahio pelas suas bocas? *Quinquaginta annos nondum habes, & Abraham vidisti*? Ainda nam tens sincoenta annos, & viste Abraham? Vede como sahíraõ torcidas as palavras dos ouvidos à boca. Christo disse, que Abraham o víra a elle; & os Fariséos dizem q̃ dissera, que elle víra a Abraham: *Et Abraham vidisti*. Assim torcèram o nome, & mais o verbo. Ao nome mudàraõlhe o caso, & ao verbo a pessoa. Christo disse o nome em nominativo, & elles puzeraõno em accusativo: Christo disse o verbo na terceira pessoa, & elles puzeraõno na segunda. De, *Abraham vidit*, formàraõ, *Abraham vidisti*. Eisaqui como saem as palavras dos ouvidos à boca, torcidas, & retorcidas: torcidos os nomes, torcidos os verbos, torcidas as pessoas, torcidos os casos. Entaõ dizeis, que disseste o que ouvistes.

331 Mais succede nesta passagem dos ouvidos à boca. Como os ouvidos sam dous, & a boca huma; succede, que entrando pelos ouvidos duas verdades, sae pela boca huma mentira. Parece cousa de tregeito; mas he tam certa, q̃ a primeira mentira, que se disse no mundo foy desta casta: huma mentira feita de duas verdades. Antes que vola diga, quero-vos mostrar como isto pòde ser. Quando quereis dizer que fulano he grande mentiroso, dizeis que he huma Chimera. Mas que cousa he Chimera? Muy poucos de vós deveis de o saber. Chimera he hum animal fingido, composto de dous animaes verdadeiros: hum monstro, meyo homem, meyo cavallo, he Chimera: hum monstro, meyo aguia, meyo serpente, he Chimera: hum monstro, meyo leaõ, meyo peixe, he Chimera; mas naõ ha taes monstros; nem taes Chimeras no mundo. De maneira, que as ametades saõ verdadeiras, os todos, ou monstros, que delas se compoem, saõ fingidos. As ametades saõ verdadeiras; porque ha homem,

&

& cavallo, ha aguia, & serpente, ha leaõ, & peixe: os monstros, que se compoem destas ametades, saõ fingidos; porque nam ha tal cousa no mundo. Isto mesmo fazem os mentirosos: partẽ duas verdades pelo meyo, & sem mudar, nem acrescentar nada ao que disseste, de duas verdades partidas fazem huma mentira inteira. Tal foy a mentira, que disse o diabo a nossos primeiros Pays, & foy a primeira mentira, que no mundo se disse: *Cur præcepit vobis Deus, ut non comederetis de omni ligno Paradisi?* Porque vos mandou Deos (diz o diabo a Eva) que de todas as arvores quantas ha no Paraiso, nam comesseis? Ha tal mentira como esta? E foy feita de duas verdades. Deos deo a nossos primeiros Pays huma permissaõ, & hum preceito: a permissaõ foy: Comey de todas as arvores: o preceito foy: Nam comais desta arvore. E que fez o diabo? Do, Comey de todas as arvores, tomou o de todas as arvores: & do nam comais desta arvore, tomou o nam comais: & ajuntando o naõ comais, com o de todas as arvores, disse, que mandára Deos, que de todas as arvores nam comessem. Póde haver mayor mentira? Pois foy grudada de duas verdades. Defendeyvos là agora das vossas mentiras, com dizer que disseste as mesmas palavras que ouvistes, & que naõ acrescentastes nada. Que importa, que nam acrescenteis, se diminuistes? Peior he hũa verdade diminuida, que hũa mentira muy declarada; porque a verdade diminuida na essencia he mentira, & tem apparencias de verdade; & mentiras, que parecem verdades, saõ as peiores mentiras de todas.

332 Mas porque acabemos de huma vez com as mentiras de ouvidas. Para q̃ seja mentira o que dizeis, naõ he necessario que ouçais mal, nem que diminuais, ou acrescenteis o que ouvistes: póde hum homem dizer pontualmente o que ouvio, & ouvir pontualmente o que disseraõ, & com tudo isso mentir. Quando os Judeos accusáraõ a Christo diante de Pila-

tos, buſcavaõ diverſos falſos teſtimunhos, & nenhum concluia. Ultimamente diz o Euangelitta, que vieraõ duas teſtimunhas falſas, as quaes diſſeram, que ouviram dizer a Chriſto, que ſe o Templo de Jeruſalem ſe desfizeſſe, elle o reedificaria em tres dias. Para intelligencia deſte teſtimunho havemos de ſaber, que entrando Chriſto no Templo de Jeruſalem, & achando que nelle eſtavam comprando, & vendendo, fez hum azorrague das cordas, que alli eſtavaõ, & a açoutes lançou fóra os que compravaõ, & vendiaõ. Eſpantados elles da reſoluçam de Chriſto, diſſeraõ, que lhe déſſe algum ſinal do poder, com que fazia aquillo. Reſpondeo o Senhor: *Solvite Templum hoc, & in tribus diebus excitabo illud.* Pois ſe Chriſto diſſe, derrubay o Templo, & em tres dias o levantarey, & elles teſtimunhàraõ o que lhe ouvíram; como eraõ teſtimunhas falſas? *Venerunt duo falſi teſtes.* O Euangeliſta o declarou: *Ille autem dicebat de Templo corporis ſui*: fallava do Templo do ſeu Corpo; o qual Templo o Senhor excitou tres dias depois de derrubado, que foy no dia da Reſurreiçaõ. E como Chriſto diſſe aquellas palavras em hum ſentido, & elles a referiram em outro, ainda que as palavras eraõ as meſmas, que tinhaõ ouvido, ſem mudar, nem acreſcentar, nem diminuir, as teſtimunhas eraõ falſas. Cuydais, que para mentir, & para dizer teſtimunhos falſos, he neceſſario mudar, diminuir, ou acreſcentar as palavras, que ouviſtes? Nam he neceſſario nada diſto: baſta mudarlhe o ſentido, ou a intençam, ainda que a nam entendais; porque haveis ſuppor que a pòdem ter: & mais quando as peſſoas ſaõ taes (como era a de Chriſto) que pòdem fallar com myſterio. Quantas vezes ſe dizem as palavras ſinceramente com huma tençaõ muito ſaã, & vòs as interpretais, & corrompeis de maneira, que de hum louvor fazeis hum aggravo, de huma confiança huma injuria, de huma galantaria huma blasfemia, & de huma graça levantais hũa tal

Joan. 2. 19.

Matt. 26. 60.

Joan. 2. 21.

al labareda; que se originà-
am della muitas desgraças.
E se isto succede, quando os
homens dizem o que ouvi-
raõ, & só o que ouviraõ; que
será quando dizem o q̃ ima-
ginàraõ, & o que sonhàraõ;
ou o que ninguem imagi-
nou, nem sonhou?

§. V.

333 Tambem contra este segundo discurso ha quẽ cuide, que està adargado. Dizem alguns, ou diz algum: nam sou eu daquelles, porque a mim nunca me sahio pela boca cousa, que me entrasse pelos ouvidos: para affirmar, hey de ver com os olhos primeiro: & se para isso for necessario, que os olhos nam durmaõ quarenta noites, estando vigiando a huma esquina, hey o de fazer, sem descançar atè ter averiguada a minha suspeita. Ah ronda do inferno! Ah sentinela de Satanas! Este mesmo, se lhe mandar o Confessor que faça exame da consciencia, meyo quarto de hora antes de se deitar; naõ o ha de poder fazer com o sono. Mas para destruir honras, para abrazar casas, estarà feyto hum Argos quarenta noites inteiras. Naõ cuidem porèm estes malignos vigiadores, que por ahi se livrarám de mentirosos. Fostes, vigiastes, observastes, vistes, dissestes, & tendes para vòs que fallastes verdade? Pois mẽtistes muito grande mentira. Os olhos mentem de dia, quanto mais de noite. Grande caso! No Livro quarto dos Reys, capitulo terceiro. Sahiraõ em campanha contra os Moabítas ElRey de Israel, ElRey de Juda, & ElRey de Edon. Estavaõ ainda os exercitos para dar batalha na manhãa seguinte: eisque ao romper do Sol olhàraõ os Moabítas para os arrayaes dos inimigos, & viraõ que pelo meyo delles corria hum rio de sangue. Começàram a acclamar com grande alegria, sangue, sangue, sem duvida que os tres Reys pelejàram esta noite entre si, & matàraõse hũs aos outros; vamos a recolher os despojos. Sahiraõ os Moabítas correndo tumultuariamente. Mas elles foraõ os despojados, & os vẽci- 4 *Reg.* 3. 22.

dos; porque o ſangue, que viraõ, ou ſe lhes affigurou q̃ viraõ, naõ era ſangue. Foy o caſo, que paſſava hum rio por meyo dos arrayaes dos tres Reys, & como ao ſair do Sol feriram os rayos na agua, que hia correndo; fez taes reflexos a luz, que parecia ſangue. E eſta apparencia de ſangue tam enganoſamente viſto, & tam falſa, & tam facilmente crido, foy o que precipitou aos Moabitas, & os levou a meteremſe nas máos de ſeus inimigos. Se reparais no caſo, as duas couſas mais claras que ha no mundo, he o Sol, & a agua. Os noſſos Proverbios o dizem: claro como a agua: claro como a luz do Sol. E quaes foraõ as couſas, de q̃ ſe formou aquelle engano nos olhos dos Moabitas, com que cuydàraõ que o rio era ſangue? Huma couſa foy o Sol, & outra couſa foy a agua: o Sol, porque ferio cõ ſeus rayos as aguas: & as aguas porque feridas deram com os reflexos apparencias de ſangue. De forte que ſe enganàraõ os olhos nas duas couſas mais claras, que ha no mundo. Pois ſe os olhos ſe enganaõ nas couſas mais claras; como ſe nam enganaràõ nas mais eſcuras, & ás eſcuras? De dia enganavos o Sol, & de noite quereiſvos deſenganar com as trevas?

334 Dirmeheis, que ha via Lua, & Eſtrellas, quando viſtes. Eſſa pequena luz he a que cega mais; porque faz que humas couſas pareçam outras. Trouxeraõ hum cego a Chriſto, pozlhe o Senhor as máos nos olhos, & perguntoulhe ſe via? Reſpondeo o cego: *Video homines velut arbores ambulantes.* Senhor, vejo os homens como arvores que andaõ. Mais cego eſtava agora eſte cego que dantes; porque dantes naõ via nada, agora via hũas couſas por outras. Os homens, que ſaõ de tam differente figura, & eſtatùra, viaos como arvores, & as arvores que eſtaõ prezas com as raizes na terra, via que andavaõ como homens. Eiſaqui o q̃ tem ver com pouca luz. O meſmo acontece a eſtes cegos vigiadores, que vaõ eſtudar de noite o q̃ haõ de rezar de dia: *Video homines*

ve;

velut arbores ambulantes. O cego de Christo figuravaselhe, que os homens eraõ arvores, & estes cegos do diabo, figuraselhe, que as arvores saõ homens. Poemse a espreitar, vem hũa arvore em hũ quintal, eis là vay hũ homem. A arvore està taõ pregada pelas raizes, que dous cavadores a naõ arrancaràm em hum dia, & elle ha de jurar aos Santos Evangelhos, que vio entrar, & sair aquelle vulto: *Arbores ambulantes.* Oh maldito officio, ò infernal curiosidade! Jà se os olhos levarem algũa nuvemzinha, como sempre levaõ, ou de desconfiança, ou de odio, ou de inveja, ou de suspeita, ou de vingança, ou de outra qualquer paixaõ; ahi vos gabo eu. *Tenebrosa aqua in nubibus aeris.* Notou David admiravelmente, que a agua nas nuvens he negra. Vedes là vir hum aguaceiro escuro mais q̃ a mesma noite: que negrume he aquelle? Naõ he mais que agua, & nuvem: a nuvem he hũ velante, a agua he hum crystal; & destes dous ingredientes tam puros, & tam diafanos, se faz huma escuridade tam negra, & tam espessa. Se quẽ vay vigiar, & espreitar a vossa vida, & a vossa honra, levar alguma nuvem diante dos olhos, ainda que seja tam delgada como hum volante, por mais q̃ a vossa vida, & a vossa honra seja taõ clara, & taõ pura como hum crystal, halhe de parecer escura, & tenebrosa: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris.* Finalmente, reduzindo todo o discurso, ou todos os discursos; mentem as linguas, porque mentem as imaginaçoens: mentem as linguas, porque mentem os ouvidos: mentem as linguas, porque mentem os olhos: & mentem as linguas, porque tudo mente, & todos mentem.

§. VI.

335 Tenho acabado de provar a materia, que propuz. Mas pareceme que estais dizendo (como disse no principio) que tenho ditto muitas affrontas à vossa terra. Porèm eu digo (como tambem prometti) que antes a tenho desaffrontado.

E ſe naõ, pergunto: Qual vos eſtà melhor, que ſeja verdade o que ſe diz, ou que ſejaõ mentiras? Naõ ha duvida, que vos eſtà melhor, que ſejaõ mentiras. Pois iſto he o que eu tenho ditto. Se fora verdade o que ſe diz, era grande affronta voſſa; mas como tenho moſtrado, que tudo ſaõ mentiras, ficais todos muito honrados. Hoje vos reſtitui voſſa honra, porque provey, que mentem todos os que dizẽ mal de vòs. Vòs bem ſabeis melhor que eu que tudo ſaõ mentiras; mas eu tomey por minha cõta eſte manifeſto por amor dos foraſteiros, que me ouvem, que naõ ſaõ praticos nos coſtumes da terra. Dos Apoſtolos de Chriſto ſe diziaõ, & ſe haviaõ de dizer muitos males, porque he uſo do mũdo dizer mal dos bõs. E o Senhor para os deſafrõtar, & animar, diſſelhes eſta divina ſentença: *Beati eritis, cum maledixerint vobis homines, & dixerint omne malum adverſum vos, mentientes.* Bemaventurados vòs, quando os homens diſſerem todo o mal de vòs, *mentientes*, mẽtindo. Neſta palavra eſtà a conſolaçaõ, & a deſafronta. Se os homẽs dizem mal, fallando verdade, he grande deſgraça; mas ſe elles dizem mal, *mentientes*, mentindo; naõ importa nada. Por iſſo diſſe, & quero que ſaybam todos, que o que neſta terra ſe diz, ſaõ mentiras. O mentiroſo conhecido ha ſe de entender às aveſſas; & entendido às aveſſas, nem afronta, nem mente, porq̃ diz verdade. E aſſim haveis de entender tudo o que ouvis. Guardevos Deos de que o mentiroſo diga bem de vòs; porque he ſinal, que fois o contrario do q̃ elle diz. Eſſa foy a razaõ, porque Chriſto quando o diabo o nomeou por Filho de Deos, lhe mandou que callaſſe: porque como o diabo he pay da mentira, em dizer que era Filho de Deos, dizia q̃ o naõ era. E eſſe foy tambem o modo gèral, com que o meſmo Senhor hoje ſe deſafrontou de todas as injurias, que os Eſcribas, & Fariſéos lhe tinhão ditto, calificandoos por mẽtiroſos: *Ero ſimilis vobis mendax.*

Matt. 5.11. Luc.6. 22.

He

336 He verdade, que os
rasteiros, a quem eu prè-
o esta doutrina, fazem hum
rrivel argumento contra a
ossa terra. Chegaõ a este
orto, poem os pès em terra
: ouvindo dizer mal de to-
os, & de tudo, fazem este
iscurso. Ou estes homens
ientem, ou fallaõ verdade:
e fallaõ verdade, esta he a
ais mà terra de todo o mũ-
lo; pois nella se comettem
antas maldades: & se men-
em, tambem a terra he mui-
o mà, pois os homens tem
am pouca consciencia, que
evantaõ tantos falsos testi-
munhos. Este he o argumen-
o, que parece naõ tem facil
soluçaõ. Mas eu respondo a
uma, & outra parte delle.
Quanto à primeira, digo que
as maldades, que se dizem,
saõ falsas, & que como fal-
sas, naõ se devem crer. Saõ
falsas? (Insta a outra parte)
logo onde os homens levã-
taõ tãtos falsos testimunhos,
naõ pode ser senaõ a peior
terra do mundo. Eisahi o en-
gano, & a falsa suppositaõ,
em que estaõ os q̃ naõ tem
pratica interior da terra. No
Maranhaõ he verdade que
ha muitas mentiras, mas mẽ-
tirosos, isso naõ: muito fal-
so testimunho, sim; mas quẽ
levanta falso testimunho, por
nenhum caso. Pois como
pode isto ser? Como pode
ser, que haja falsos testimu-
nhos, sem haver quem os le-
vante? Eu volo direy. Nas
outras terras os homens le-
vãtaõ os falsos testimunhos:
nesta terra os falsos testimu-
nhos levãtaõse a si mesmos.
Se vos parece difficultosa
proposiçaõ, vamos à prova.
Confessase hum homem, &
chegando ao quinto manda-
mento, diz: Padre, accuso-
me, que eu dezejey a morte
a hum homem, & o busquey
para o matar, & propuz de
lhe fazer todo o mal q̃ pu-
desse. E porq̃? Porq̃ me tirou
a minha honra com hũ falso
testimunho de que eu estava
taõ innocente como S. Fran-
cisco. Irmaõ, perdoaylhe,
para que Deos vos perdoe.
Passamos adiante, chegamos
ao oitavo mandamento: le-
vantastes algum falso testi-
munho? Naõ Padre, peccado
he, de que nunca me ac-
cusey, seja Deos louvado.
Vem huma mulher, chega

ao

ao quinto. Digo a Deos minha culpa, que eu ha tantos mezes, que tenho odio a hũa mulher, & rogueilhe muitas pragas, que a falla, & a confiſſaõ lhe faltaſſe na hora da morte, & que nem neſta vida, nem na outra lhe perdoava; que ſeus filhos viſſe ella mortos diãte de ſy a eſtocadas frias. Porque? Porq̃ me levantou hum aleive a mim, & a huma filha minha, com que nos infamou em toda eſta terra, & naõ me atrevo a lhe perdoar. Ora Senhora, eſtamos em Quareſma, algũa couſa havemos de fazer por amor de hũ Deos, que padeceo tãtas affrontas, & ſe poz em huma Cruz por amor de nòs. Em fim, compungioſe, prometteo de perdoar. Chega o Confeſſor ao oitavo mandamento. E voſſa mercè levantou algum falſo teſtimunho? Senhor Padre, melhor eſtrea me dè Deos: muito grãde peccadora ſou; mas nunca Deos permitta, que eu diga das peſſoas, o q̃ nellas naõ ha: ſe ouço algũa couſa, ajudo tambem; mas levantar falſo teſtimunho, nunca em minha vida o fiz. Iſto que aqui vos pũz e dous, acontece infinitas v zes: de maneira, que no quir to todos ſe queixaõ, que lh levantaõ falſos teſtimunhos no oitavo ninguem ſe accu ſa de levantar falſo teſtimu nho. Logo bem dizia eu, qu neſta terra os falſos teſtimu nhos ſe levãtaõ a ſi meſmo Em ſumma, que temos aq os peccados, mas naõ temo os peccadores: temos os fal ſos teſtimunhos, mas naõ te mos as falſas teſtimunhas Iſto he o que ſó poſſo cui dar. Mas ſe acaſo he o con trario, miſeraveis daquelle que aſſim vivem! Grand miſeria he, que os falſos te ſtimunhos ſe levantem: ma mayor miſeria he, que de pois de levantados, ſe faç delles tam pouco caſo, & taõ pouco eſcrupulo. Ou dei xais de confeſſar o falſo te ſtimunho, conhecendo que o levantaſtes, ou naõ o co nhecendo; ſe o deixaſtes de confeſſar, conhecendo-o, mẽ tis a Deos: ſe o deixais de confeſſar pelo naõ conhecer, mentiſvos a vòs. E huma, & outra cegueira, he bem me recido caſtigo: que minta a

Deos,

eos; & que se minta a si esmo, quem mentio tam ravemente contra seu proimo, & que de hum, ou de utro modo se và ao infero.

§. VII.

337 Senhores meus; se lgum Sermaõ naõ tinha neessidade de exhortaçaõ, era ste. Sò vos digo como a hoens, & como a Christáos, ue naõ só por consciencia, as por conveniencia, se deve aborrecer a mentira, & mar a verdade. Por conveiencia, porque viveis em uma terra muito pequena. Em toda a parte fazem muio mal as mentiras; mas nas eras grandes tem saca, & tẽ uito por onde se espalhar; as terras, pequenas, todas lli ficaõ. Em Lisboa muita mentira se diz; mas reparemse as mentiras por todo Reyno; & por todo o mundo. Chegou navio de Levante, fallase nas guerras do Turco, nas do Veneziano, nas do Tartaro, nas do Poláco; fallase no Papa, nos Cardeaes, nos outros Principes, & Pontentados de Italia: dizemse muitas mentiras, mas repartemse; humas caem em Constantinopla, outras em Veneza, outras em Roma, outras na Toscàna, Saboya, &c. Vem navio do Norte, fallase em ElRey de França, no Emperador, no Sueco, no Parlamento de Inglaterra, nos Estados de Hollanda, & Flandes; dizemse muitas mentiras, mas repartemse, por Paris, por Londres, por Viena de Austria, por Amsterdaõ, por Estaholmo; &c. Partem tambem os nossos correyos todos os Sabbados, & levaõ grande copia das mentiras por todo o Reyno, & o mesmo he das Frotas do Brasil, & da India, porèm as mentiras do Maranhaõ nam tem, nem outra parte donde vir, nem outra parte para onde ir: aqui naícem; & aqui ficaõ: & quando as mentiras todas ficaõ na terra, & todas vos caem em casa, ainda por conveniencia, & razam de estado, as haveis de láçar fóra. E se naõ, fazeyme por curiosidade duas contas, as quaes eu agora naõ posso fazer. Huma he, quantas mentiras

tiras se diràm cada dia no Maranhaõ ? A outra, quantas casas ha nesta Cidade : & logo repartir as mentiras , & vereis quantas cabem a cada casa ? E que será em huma somana, que serà em hũ mez, que serà em hum anno ?

338 Pois se tudo isto vos fica em casa , & he força, que assim seja , naõ he muito pouca razaõ de estado , & muito grande semrazaõ , que vos andeis levãtando falsos testimunhos , que vos andeis infamando , & afrontando huns aos outros ? Naõ fora muito melhor seres todos muito amigos, muito conformes , amardesvos todos , honrardesvos todos , authorizardesvos todos , & poupardes todos desgostos ? Ha outros peccados , que parece que os pôde desculpar o gosto , ou o interesse. Mas o mentir,& o levantar falso testimunho ? Que daõ a hum homem por mentir ? Que gosto se pòde ter em levantar hum falso testimunho ? Se he por me vingar de meu inimigo , muito mayor mal me faço a mim,que a elle ; porque a elle , quando muito tirolhe a honra, a mim consome a Alma. Ora Christãos , por reverencia daquele Senhor (que sendo Deos se preza de se chamar Verdade) que façamos hoje hum muito firme , & muito verdadeira resoluçaõ de nam haver paixaõ nenhũa , nem respeito, nem interesse , que vos faça torcer , nem falte hum ponto á verdade : quanto ao passado , que examinemos muito devagar , & muito escrupulosamente se temos faltado à verdade em algũa cousa , principalmente em materia da honra de nossos proximos. Olhay, Senhores , que este , este he o peccado , que mais facilmente se cõmette , & com mais difficuldade se restitue. Olhay Christaõs , que as balanças em que se pezam as consciencias na outra vida , saõ muito delicadas , & que será grande desgraça ir ao inferno para sempre por hum falso testimunho. O remedio està em huma consciencia muito bem examinada em huma Confissaõ muito bem feita , & em huma satisfaçam muito verdadeira , ad-

ver-

ertindovos, & proteſtan-
ovos da parte de Deos, que
m eſtas tres condiçoens,
nem neſta vida podeis alcançar a Graça, nem na outra merecer a Gloria.

SER-

SERMAM

DO

MANDATO,

CONCORRENDO NO MESMO DI
o da Encarnaçaõ. Anno de 1655.

Prègado na Misericordia de Lisboa às 11. da manhaã.

Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit: Cum dilexisse suos, in finem dilexit eos. Joann. 13.

§. I.

339 GRande dia! Grande amor! Depois que o Eterno se fez temporal, tambem o Amor Divino tem dias. O Evangelista Sam Joaõ querendo nos declarar a grandeza, & grandezas do mesmo amo neste dia, a primeira cousa ponderou com tam alto jui zo como o seu, foy ser hum dia antes de outro dia: *Ante diem festum Paschæ.* Tanto pôde acrescentar quilates ao

) amor a reflexaõ ; ou cir-
ınſtancia dos dias. E que
rey eu ? Dous dias hey de
ombinar tambem hoje ; mas
aõ o dia de antes com o dia
e depois, ſenaõ o dia de de-
ois com o dia de antes : &
aõ livremente, ou por elei-
õ propria, & minha, ſenaõ
or obrigaçaõ forçoſa dos
eſmos dias. Aſſim como
epois de longo circulo de
nos ſe encontraõ, & ajun-
õ dous Planetas a fazer hũa
onjunçaõ magna ; aſſim no
ano preſente concorrem, &
ajuntaõ hoje no meſmo
ia os dous mayores Myſte-
os, & os dous mayores dias :
dia da Encarnaçaõ do Ver-
o, & o dia da Partida do
eſmo Verbo encarnado.
) dia da Encarnaçaõ do
erbo : *Sciens, quia à Deo*
xivit : que foy o principio
o ſeu amor para com os ho-
ens : *Cum dilexiſſet ſuos* : &
partida do meſmo Verbo
ncarnado : *Et ad Deum*
adit : que foy o fim ſem fim
o meſmo amor : *In finem di-*
xit eos.

340 O Real Profeta
David antevendo em eſpirito
ſtes dous dias, diz, que o dia
de hoje falla com o dia da
Encarnaçaõ, & o dia da En-
carnaçaõ com o dia de hoje,
& que ambos ſe entendem
entre ſy, & ſe reſpondem hũ
ao outro : *Dies diei eructat verbum.* Aſſim explica eſte famoſo Texto Santo Aguſtinho. E ſe perguntarmos, que he o que fallaõ eſtes dias, que devem de ſer couſas muito dignas de ſe ouvir, & ſaber ; reſponde o meſmo David, q̃ as noites dos meſmos dias nos diràm, & declararàm o que elles fallaõ : *Dies diei eructat verbum, & nox nocti indicat ſcientiam.* Pois as noites, que ſaõ eſcuras, nos haõ de declarar o que dizem os dias ? Sim. Porque os myſterios do dia de hoje, & do dia da Encarnaçaõ, ambos ſe celebràraõ nas noites dos meſmos dias. Tanto ſilencio, & reverencia era devido à mageſtade de tam divinos myſterios. Os do dia da Encarnaçaõ de noite : *Cum quietum ſilentium continèret omnia, & nox in ſuo curſu medium iter haberet* : E os do dia de hoje tambem de noite : *Et cœna facta.* As luzes, a que ſe ha de ver toda eſta famoſa repre-

Pſal. 18. 3.
Aug. Serm. 22. de Nativit.
Sap. 18.14.
Joan. 13.2.

preſentaçaõ, ſaõ as da Fè: os lugares, hum Cenaculo grãde em Jeruſalem, & huma caſa humilde, mas Real, em Nazareth. E a queſtaõ, ou problema, qual ſerà? Se foy mayor o amor de Chriſto no dia da Encarnaçaõ, ou no dia de hoje?

341 Poſto pois hum dia defronte do outro dia, & hum myſterio à viſta de outro myſterio, & hum amor competindo com outro amor, he certo, que nunca o Amor Divino ſe vio em mais glorioſo theatro, pois ſae a competir comſigo meſmo. Nas outras comparaçoens do Amor Divino com o amor dos homens: ou ſeja com o amor dos irmaõs, ou com o amor dos pays, ou com o amor dos filhos, ou com o amor dos eſpoſos, ou com o amor dos amigos (que deve ſer o mayor de todos) ainda que ſaya vencedor o amor de Chriſto, ſempre fica aggravado na victoria, porque entra afrontado na competencia. Só hoje ſe vencer, ſerà vencedor glorioſo, porque tem competidor igual, & ſe vencerà a ſy meſmo. Quando David ſahio a deſafio com o Giga te, mediolhe o Gigante co os olhos a eſtatura; & poſ que naõ duvidava da vit ria; na deſigualdade de ta inferior combatente, te por injurioſa a batalha. D meſmo modo, & com ma verdade, Chriſto. Quando ſeu amor ſe compàra com o tro amor, compete o Giga te com David: mas quan ſe compara o amor de Chri to com o amor do meſm Chriſto, como fazemos h je, he competir o Gigante o Gigante. Aſſim o diſſe, cantou o meſmo David: *Ex ultavit ut gigas ad curренda viam.* Entrou Chriſto eſtacada como Gigante: que fez? Juſtou comſig meſmo. A primeira carrei foy do Ceo para a terra: *ſummo cælo egreſſio ejus*: a ſ gunda carreira, foy da ter para o Ceo: *Et occurſus ej uſque ad ſummum ejus*: E ne te encontro ſe cerrou a juſt & ſe quebràraõ as lanças hum, & outro amor. He e verſo de David o meſmo q diz a proſa do noſſo Eua gelho. A primeira carreir *A ſummo cælo egreſſio ejus*

ſc

oy no dia da Encarnaçaõ, quãdo o Verbo ſahio do Pa-ire: *A Deo exivit*: a ſegun-da carreira: *Et occurſus ejus uſque ad ſummum ejus*: foy no ia de hoje, quando o meſ-no Verbo tornou para o Pa-ire: *Et ad Deum vadit*: na rimeira carreira amor: *Cum ilexiſſet ſuos*: & na ſegunda ambem amor: *In finem dile-it eos.* O *dilexiſſet*, & o *di-xit* diſtingue os dias: o *di-xiſſet* declara hum amor, & *dilexit* outro: mas nem jũ-os, nem divididos ſinalaõ a itoria, nem reſolvem qual oy mayor. Eſta famoſa de-iſaõ entre os mayores com-patentes, que jà mais ſe viraõ, avemos de ver hoje. Aſſiſ-irnosha com a Graça, quem oy preſente em hum, & ou-ro dia, & quẽ teve a mayor arte em hum, & outro my-terio, que foy a Mãy do meſmo Amor: *Mater pulchræ ilectionis.* Mas como invo-aremos ſeu favor, & patro-inio? Com as meſmas pa-avras com que tambem ho-e a invocou o Anjo: *Ave ratia plena.*

§. II.

Cum dilexiſſet, dilexit.

342 NEſtas palavras (como dizia) deixou o Evangeliſta indeci-ſa a noſſa queſtaõ; porque naõ diſſe, como amaſſe mais, amou menos; nem como amaſſe menos, amou mais; ſenam, como amaſſe, amou. Diſtinguio ſómente os tem-pos, & pelos tempos o amor, ſem preferencia porèm, ou ventagem, nem do amor paſ-ſado ao preſente, nem do pre-ſente ao paſſado. Fallou S. Jo-aõ como Divino Theologo, & naõ ſó como quem tecia a hyſtoria, mas como quem compunha o panegirico do amor de Chriſto. Quanto à ſuſtancia do amor, Chriſto, Senhor noſſo, tanto nos amou no dia da Encarna-çaõ, como no dia de hoje, & em todos os da ſua vida; por-que o ſeu amor he amor per-feito, & naõ fora ſeu, ſe aſſim naõ fora. O amor dos ho-mens, ou mingua, ou creſce, ou pàra: o de Chriſto nem pòde minguar, nem creſcer, nem

parar; porque he, foy, & ſerá ſempre amor perfeito, & por iſſo ſempre o meſmo, & ſem alteraçaõ, nem mudança. Ama Chriſto em quanto homem, como ama em quanto Deos. Perguntaõ os Theologos, como ama Deos a huns mais, & a outros menos, ſe o ſeu amor, (o qual ſe naõ diſtingue da ſua eſſencia) he ſempre hum ſó, & o meſmo, infinito, ſimpliciſſimo, & immutavel? E reſpõdem, que a differença, ou deſigualdade naõ eſtá no amor, ſenaõ nos effeitos; porque a huns ſugeitos faz Deos mayores bens que a outros. Os homens amamos os objectos pelo bem que tem; Deos amaos pelo bem que lhe faz. E aſſim como julgamos a mayoria do amor de Deos pelos effeitos, aſſim havemos de julgar tambem a do amor de Chriſto. Eſte he o fundamento ſolido, & certo, ſobre que excitamos a noſſa queſtão: & eſtes os termos de igual certeza, com que a havemos de reſolver. Nem daqui deve inferir, ou cuidar a rudeza do noſſo entendimento, que ſeria menos affectuoſo, ou meno amoroſo, eſte modo de ama de Chriſto; porque aſſi como em Deos o fazer o be ſe chama amor effectivo, o querelo fazer, amor affectivo; aſſim no amor Chriſto os affectos foraõ cauſa dos effeitos, que vere mos, & os effeitos a demo traçam dos affectos.

343 Vindo pois aos e feitos, & demoſtraçoens hum, & outro amor no d de hoje, & no dia da Enca naçaõ; parece que aſſim numero, como no modo, eſteve medindo, & propo cionando o meſmo amor, nelles ſe quiz igualar, & vê cer. O Concilio Niſſeno n Simbolo da Fé, ponderand o amor de Chriſto na Enca naçaõ, reduz os effeitos de le a dous extremos: deſce do Ceo, & fazerſe homem *Qui porpter nos homines*, *propter noſtram ſalutem de cendit de cœlis. Et incarnatu eſt ex Maria virgine, & hom factus eſt.* Iſto diz o Eſpiri to Santo no Concilio, fallan do do dia da Encarnaçaõ. fallando do dia de hoje, qu he o que diz, & pondèra

meſ

meſmo Eſpirito Santo no Evangelho? Outros dous effeitos, & outros dous extremos: lavar os pès aos homens, & deixarſe no Santiſſimo Sacramento: *Et cænâ factâ, capit lavare pedes diſcipulorum.* Suppoſtos de hũa, & outra parte eſte par de extremos, huns, & outros nam ſó admiraveis, mas eſtupendos, comparandoſe o amor de Chriſto, & competindoſe em huns, & outros: que diremos, ou que podemos dizer? Sem temeridade, nem temor, digo, & affirmo, que mayores foraõ os extremos do dia de hoje, que os do dia da Encarnaçaõ. E porque? Porque ſe no dia da Encarnaçaõ foy grande extremo de amor deſcer Deos do Ceo à terra: *Deſcendit de cœlis*: muito mayor extremo foy no dia de hoje lavar Chriſto os pès aos homens: *Cæpit lavare pedes diſcipulorum.* E ſe foy grande extremo de amor no dia da Encarnaçam fazerſe Deos homem: *Et homo factus eſt*: muito mayor extremo foy no dia de hoje deixar Chriſto ſeu Corpo no Sacramento, para que o comeſſem os homẽs, como fez na Cea: *Et Cænâ factâ.* Eſtes ſeràm os dous pontos do noſſo diſcurſo, em que elle deſcubrirà muito mais do que apparece no que eſtà ditto.

§. III.

344 Tam grande, & tam prodigioſa couſa foy deſcer Deos em peſſoa do Ceo à terra, q̃ viſto de muito longe eſte myſterio, nam ſó cauſava admiraçam, & eſpanto ao entendimento, mas horror, & aſſombro à meſma Fè. Vio Jacob em ſonhos aquella famoſa eſcada, que chegava da terra atè o Ceo, pela qual ſubiaõ, & deſciaõ Anjos, encoſtando, & inclinado Deos no alto della: & aſſombrado do que via, acordou com hum grito, dizendo: *Terribilis eſt locus iſte*: Oh que terrivel, ò que temeroſo lugar! De varios modos ſe coſtuma ponderar a eſtranheza deſte ditto. Eu ſó noto, que nẽ a viſta podia cauſar horror, nem a novidade eſpanto. O que ſó poderia cauſar horror a Jacob, era ver, *Gen. ef. 28.17*

que os que ſubiaõ, & deſciaõ, foſſem ſómente Anjos, & que nem elle, que eſtava no baixo da eſcada, ſubiſſe, nem Deos que eſtava no alto, deſceſſe; com que ſe demoſtrava huma grande ſeparaçam entre Deos, & o homem, como aquella, de que diſſe Abrahaõ ao Avarento: *Inter nos, & vos chaos magnũ firmatum eſt.* E poſto que hoje eſta aprehenſaõ ſeria para nós de grande horror, porq̃ ſabemos o cõtrario; naquelle tempo nem podia cauſar horror pela viſta, nem eſpanto pela novidade, como dizia; porque tudo o que Jacob vio, & tudo o que moſtrava ſignificar o que via, era o meſmo que elle, & os demais ſuppunhaõ. Atè o tempo de Jacob, & ainda depois no tempo da Ley Eſcrita, nunca Deos promettéo aos homens o Ceo, ſenaõ tudo premios da terra. E daqui naſcéo aquella Paremia, ou Proverbio: *Cœlum cœli Domino; terram autem dedit filijs hominum*: que o Ceo era para Deos, & a terra para os homens. Logo naõ ſe podia aſſombrar, nem eſpantar Jacob, de que elle ſendo hõ mem, & eſtando na terra, naõ ſubiſſe pela eſcada: & muito menos, de que Deos ſendo Deos, & eſtando no Ceo, naõ deſceſſe. Pois ſe Jacob nam tinha que admirar, nem que eſtranhar no ſeu ſonho, de q̃ acordou com tanto horror & tam notavel aſſombro?

Luc. 16.26

Pſal. 113. 16.

345 Acordou aſſombrado Jacob, naõ do que vira, ſenaõ do que na meſma viſaõ Deos lhe revelàra. Revelou Deos a Jacob, que naquella eſcada era ſignificado o myſterio altiſſimo da Encarnaçaõ do Verbo: & que para elle Jacob, & os outros homens poderem ſubir ao Ceo, elle Deos havia de deſcer do Ceo à terra: *Qui propter nos homines, & propter noſtram ſalutem deſcendit de cœlis.* E vendo Jacob, que a Mageſtade ſuprema de Deos, deixando, do modo que o podia deixar, o throno do Empireo, havia de deſcer em Peſſoa do Ceo à terra; a revelaçaõ deſta eſtupẽda novidade, que nunca entrou na imaginaçaõ humana, lhe cauſou no meſmo ſono tal horror, & aſſombro, que acordou

dou tremendo, & gritando: *Terribilis eſt locus iſte.* Duas couſas vio Jacob no que vio, que muito, & com muita razaõ lhe aſſombràraõ, nam a viſta, ſenaõ o entendimento. E quaes foraõ? A primeira, que ſendo a eſcada para deſcer Deos, a deſcida era muyto mayor que a eſcada. Pois a deſcida mayor q̃ a eſcada? Sim. Porque a eſcada chegava da terra ao Ceo, que he diſtancia limitada, & a deſcida era de Deos ao homem, que he diſtancia infinita. E vendo unir dous extremos infinitamente diſtantes; quem, ainda eſtando muito em ſy, naõ ficaria atonito, & aſſombrado! A ſegunda cauſa, & naõ menor, do meſmo aſſombro, foy, que por meyo da Encarnaçaõ do Verbo aſſim revelada a Jacob, vinha a conſeguir muito mais o menor Anjo, do que a ſoberba de Lucifer tinha affectado. Porque Lucifer quiz ſer igual a Deos, & fazendoſe Deos homem, ficava Deos por eſte lado ſendo inferior ao menor Anjo. Eſte foy o grande myſterio (diz Sonto Aguſtinho) porque os Anjos da eſcada huns deſciaõ, outros ſubiaõ. Como Deos eſtava no alto da eſcada, & Jacob ao pè della, os Anjos, que ficavaõ da parte de Deos, deſciaõ, & os que ficavaõ da parte de Jacob, ſubiaõ; & eſte ſubir, & deſcer naõ era acto, ou movimento da vontade dos meſmos Anjos, ſenaõ ordem, & conſtituiçaõ da ſua propria natureza. Os da parte ſuperior da eſcada, onde eſtava Deos, deſciaõ; porque todos os Anjos ſaõ muito inferiores a Deos; & os da parte inferior, onde eſtava Jacob, ſubiaõ; porque eſſes meſmos ſaõ muito ſuperiores ao homem. E como os Anjos ſaõ ſuperiores ao homem, & Deos naõ havia de tomar a natureza Angelica, ſenaõ a humana; iſto era o que aſſombrava a Jacob, & lhe parecia couſa terrivel: que Deos ouveſſe de deſcer, & abaterſe tanto, que ficaſſe por eſta parte muito inferior a qualquer Anjo.

346 Lá diſſe David, que Deos tinha feito ao homem pouco menor que os Anjos: *Minuiſti eum paulò minus* *Pſal. 8.6.*

minus ab Angelis. Mas isto se entende no dominio, & naõ na natureza; porque deu Deos a Adam o senhorio, & imperio de todos os animaes da terra, do mar, & do ar, como logo declarou o mesmo Profeta: *Minuisti eum paulò minus ab Angelis: gloriâ, & honore coronasti eum, & constituisti eum super opera manuum tuarum: omnia subjecisti sub pedibus ejus, oves, & boves, insuper & pecora campi: volucres cœli, & pisces maris.* De maneira que no dominio, & uso de todas as cousas criadas para serviço seu nos tres elementos, he o homem pouco menor que os Anjos; porèm no ser, & nobreza natural, nam só quanto à parte do barro, em que aparentamos com os brutos, senaõ ainda quanto à parte espiritual da Alma, & suas potencias, em que imitamos a natureza Angelica, naõ he o homem pouco menor, senaõ muito menor, & muito inferior a qualquer Anjo: & tanto mais, quanto for de mais superior Gerarchia. A escada de Jacob tinha nove degraos, que saõ as nove ordens de criaturas racionaes, q̃ ha entre Deos, & o homem; as quaes por outro nome chamamos nove Coros dos Anjos: & todos estes degraos desceo Deos, & os deixou, & passou por elles, para se unir com a natureza humana, que jazia em Jacob abaixo de todos.

Ib.7. 8.

347 He o que ponderou Sam Paulo naquellas palavras: *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit.* Cujo fundo, & energia naõ acho tam declarada nos Expositores, como ella pede. Dizem, que *nusquam* he o mesmo que *nunquam*, ou *nequaquam*; mas *nusquam* nam he simples negaçaõ, nem adverbio de tẽpo, senaõ de lugar, & propriamente quer dizer, em nenhuma parte. Pois porque diz Sam Paulo, que nam tomou Deos a natureza Angelica em nenhuma parte, *nusquam*? Porque tinha Deos nove partes, em que a tomar: tres na primeira Gerarchia, tres na segunda, & tres na terceira. E essa foy a maravilha do mysterio da Encarnaçaõ, que por tomar Deos a na-

natureza humana ; deixaſſe em tantas partes a Angelica. Na primeira Gerarchia deixou, Serafins, Cherubins, Tronos: na ſegunda deixou, Poteſtades, Principados, Dominaçoens: na terceira deixou, Virtudes, Archanjos, Anjos: & no homem, q̃ era o decimo, ultimo, & infimo lugar, onde jazia Jacob, alli tomou a noſſa natureza cahida, para a levantar, & enferma, para lhe dar ſaude, q̃ foy o fim para que tanto ſe abatêo, & deſcêo. Eſtando ElRey Ezechias mortalmente enfermo, prometteolhe o Profeta Iſaias a vida em nome de Deos, & em teſtimunho de que a promeſſa era divina, deulhe por final no Ceo, que o Sol tornaría atràs dez linhas, ou dez degraos, & aſſim ſuccedeo: *Et reverſus eſt Sol decem lineis per gradus, quos deſcenderat.* E porque tornou o Sol atràs dez linhas, ou dez degraos, & naõ onze, ou nove, ſenaõ dez, nem mais, nem menos ſinaladamente? Porque naquelle prodigio, verdadeiramente grande, ſe ſignificava outro mayor, que era o da Encarnaçaõ do Verbo: na qual aſſim como o Sol eſtando no Zenith (que naõ podia ſer de outra ſorte) tornou atrás dez linhas até ſe pôr nos Orizontes da terra; aſſim Deos deſde o mais alto de ſua Mageſtade infinita deſceo outras dez linhas até ſe pôr na ultima, & infima da natureza humana: & aſſim como fez aquelle eſtupendo prodigio por amor de Ezechias, & em beneficio da ſua ſaude; aſſim obrou o da Encarnaçaõ, muito mais eſtupendo, por amor dos homens, & para ſaude dos homens: *Qui propter nos homines, & propter noſtram ſalutem deſcendit de cœlis: & incarnatus eſt.*

§. IV.

348 Iſto he o que neſte dia ſe obrou em Nazareth. Mudemos agora a ſcena; & ponhamonos no Cenaculo de Jeruſalem, & veremos cõ quanta mayor razaõ ſe póde dizer daquelle lugar: *Terribilis eſt locus iſte!* Deſpeſe Chriſto das roupas exteriores, cingeſe com huma toalha, deita agua em huma bacia com ſuas proprias mãos:

entendese destas acçoens, que quer lavar os pès aos Discipulos: & qual foy com esta vista o assombro, o pasmo, o horror, com que as mesmas paredes do Cenaculo parece q̃ tremiaõ? Naõ estava aqui Jacob, mas estava Pedro, o qual mais fóra de sy, que no Tabor, exclamou dizendo: *Domine, tu mihi lavas pedes?* Vòs, Senhor, a mim lavar os pès? Eternamente consentirey tal cousa: *Non lavabis mihi pedes in æternum.* Jà neste primeiro movimento se vè quanto vay de dia a dia, & de mysterio a mysterio. Comparayme a S. Pedro com Jacob. Jacob depois que vio a escada, & que Deos havia de descer por ella, dezejava summamente, que descesse, & em quanto tardava a vir, lhe parecia huma eternidade: *Donec veniret desiderium collium æternorum.* Pelo contrario Pedro, vendo que Christo lhe quer lavar os pès, naõ sofre, nem consente em tal acçaõ; antes diz resolutamente que a naõ consentirà por toda a ternidade: *Non lavabis mihi pedes in æternum.* Se-

Joan. 13.6.

b. 8.

nes 9.26

isto era amor, & reverencia de Christo em Pedro, tambẽ Jacob o reverẽciava, & amava muito. Pois se Jacob dezeja, que Deos desça, & se abata a fazer homem, porque naõ consente Pedro, que se abata a lhe lavar os pès? Por isso mesmo. Porque tanto vay de hum abatimento a outro abatimento. Encarnar Deos, era fazerse homem, lavar os pès aos homens, era fazerse servo: Encarnar, era vestirse da nossa humanidade; fazerse servo dos homens, era despirse da sua Divindade.

349 Naõ me atrevèra a dizer tanto, se Sam Paulo o naõ tivera dito, & ainda muito mais. He passo muitas vezes ouvido, mas q̃ terà que explicar atè o fim do mundo. *Qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo.* Quer dizer: que sendo o Verbo Eterno igual ao Padre em tudo, se fez, & se desfez. Se fez; porque sendo Deos, se

Phi 2.

fez

z homem: *In similitudinem inum factus, & habitu ventus ut homo*: & se des- z; por que sendo Deos, & mem, se fez servo, & zendose servo, se desfez,& iquilou a sy mesmo: *Exinivit semetipsum, formam vi accipiens*. Agora per- nto: Quando se fez Deos mem, & quando se fez ser- ? Fezse homem na Encar- çaõ, & fezse servo no la- torio dos pès: logo na En- rnaçam se fez, & no lava- rio se desfez. Muitos Au- ores entendem todo este xto só da encarnaçam, & e o fazerse Deos homem, y juntamente fazerse ser- . Mas esta interpretaçam impropria, por naõ dizer jurioſa à natureza humana. ſer homem he indifferen- , ou para ser servo, ou para r Senhor: & Christo, em anto homem, naõ só foy nhor, senaõ grande Se- nor. Assim o disse o Anjo mesmo dia da Encarna- m, annunciando, que em anto Deos, seria Filho do tissimo, & em quanto ho- m, herdeiro do cetro de u Pay David. Nesta sup- posiçam fallou sẽpre o mesmo Christo: *Non est servus maior domino suo: si me persequuti sunt, & vos persequentur*: & hoje depois do mesmo ocio do lavatorio: *Vos vocatis me, Magister, & Domine, & benedicitis, sum etenim.* Nem encontraõ, antes confirmaõ esta distinçam as mesmas palavras de S. Paulo: as quaes dizem, que tomou o Senhor a fórma de servo, naõ fazendose, senam feito homem: *Formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus*: porque feito homem na Encarnaçam, tomou a fórma de servo, lavãdo os pès aos homens. Expressa, & exquisitamente Dionysio Alexandrino. *Jesus Christus Dominus, & Deus Apostolorum, cum accipisset formam servi surgit à cœna, & ponit vestimenta sua, & linteo præcinxit se: hæc est forma servi.* A baixeza do servo naõ he obra, ou injuria da natureza, senaõ da fortuna. A natureza a todos os homens fez iguaes; a fortuna he a que fez os altos, os baixos, & os baixissimos quaes saõ os servos. E esta foy a fineza

Joan. 15.20.

Joan. 13.13.

neza do amor de Chriſto hoje ſobre a do dia, & obra da Encarnaçam. Quando ſe fez homem, tomou as condições da natureza; quando ſe fez ſervo, & lavou os pès aos homens, tomou as baixezas da fortuna. Aquillo foy fazerſe, & iſto desfazerſe: *Exinanivit ſemetipſum, formam ſervi accipiens.*

350 Com duas comparaçoens, ou metaforas declara Saõ Paulo eſte fazerſe, & desfazerſe: com metafora da roupa, que ſe veſte, & ſe deſpe, & com metáfora do vaſo, que ſe enche, & ſe vaza. Com metàfora da roupa, que ſe veſte, & deſpe: *Habitu in ventus ut homo*: cõ metàfora do vaſo que ſe enche, & vaza: *Exinanivit ſemetipſum*, & ambas as metàforas parece que as tomou Saõ Paulo do meſmo acto do lavatorio, em que eſtamos. A da roupa, em quãto ſe deſpe: *Ponit veſtimenta ſua*: & a do vaſo, em quanto ſe vaza: *Mittit aquam in pelvim.* E porque uſou S. Paulo destas duas metáforas, & destas duas comparaçoens? Porque ſó com ellas podia moſtrar a differença deſte acto & deſte dia, ao acto, & ao di da Encarnaçaõ. No dia, & acto da Encarnaçaõ, fazendoſe Deos homem, Deos veſtioſe da humanidade, porque a unio a ſi, & ſe cobri com ella: & a humanidade que era hum vaſo de barro pequeno, & eſtreito, ficou cheia de Deos, porque Deos a encheo com toda a immenſidade de ſeu ſer: *Quia in ipſ inhabitat omnis plenitudo di vinitatis corporaliter.* E ſendo iſto o q̃ ſe fez no dia d Encarnaçaõ; tudo iſto (quanto à viſta dos olhos humanos) ſe desfez no dia, & n acto de hoje. Porque lançandoſe Chriſto ao pès dos homens, & taes homens, & fazẽdoſe ſervo ſeu, & ſervo e miniſterio tam vil, & ta abatido, parece que Deos deſpira outra vez da humanidade, de que eſtava veſtido, deſunindoſe della: & a meſma humanidade, q eſtava cheia de Deos, perd da a uniaõ com a Divind de, ficára totalmente vazia *Exinanivit ſemetipſum, form ſervi accipiens.* E foy iſto a fim como parece? Naõ. M

p

ɔſto que a humānidade de
hriſto por eſte acto naõ
rdeo a uniaõ com a Divin-
ıde, nem deyxou de eſtar
m cheia de Deos, como
antes eſtava: abaixarſe po-
m, & porſe em eſtado tam
ɔatido, que o pareceſſe, ou
ɔdeſſe parecer aos homens;
y huma differença tam no-
vel, & tam eſtupenda, que
) o meſmo S. Paulo a pòde
õderar, & encarecer. Agora
ntra o mais profundo penſa-
ıento das ſuas palavras.

351 *Non rapinam arbi-*
ratus eſt, eſſe ſe æqualem Deo,
d ſemetipſum exinanivit, for-
ıam ſervi accipiens. O fa-
erſe Chriſto ſervo, ſendo
)eos (diz Sam Paullo) nam
ɔy porque cuidaſſe, ou ti-
eſſe para ſi o meſmo Chriſ-
ɔ, que a ſua Divindade naõ
ra ſua, ſenaõ alheia, como ſe
tiveſſe roubado ao Padre.
'ois Chriſto podia cuidar,
ıem ter para ſi, que a ſua
)ivindade naõ era ſua? Cla-
o eſtà que naõ podia ter pa-
a ſi huma couſa tam contra-
ia à verdade, nem cuidar o
que era taõ alheio de todo o
ɔenſamento. Porque diz lo-
go o Apoſtolo do terceyro
Ceo, que quando Chriſto ſe
fez ſervo, naõ cuidou, nem
teve para ſi, que a ſua Di-
vindade naõ era ſua? Porque
foy tal acto o de Chriſto ſe
abater aos pès dos homens,
que podiaõ os meſmos ho-
mens cuidar, que Chriſto o
cuidàra aſſim. Homem, que
tāto ſe abate, ou naõ he Deos:
ou ſe foy Deos alguma hora,
tem deixado de o ſer: ou ſe
ainda he Deos, deve de cui-
dar ſem duvida, que o nam
he; porque ſendo Deos, &
tendo para ſi que he Deos,
naõ ſe podia abater a couſa
tam baixa. E como o acto
foy alheio de quem o fazia,
que os homens podiaõ entrar
em tal penſamento, que ou
cuidaſſem, que Chriſto naõ
era Deos, ou cuidaſſem, que
o meſmo Chriſto cuidou, que
o naõ era; por iſſo pondèra,
& adverte Sam Paulo pri-
meiro que tudo, que quando
Chriſto ſe abateo à baixeza
de ſervo, naõ foy porque
cuidaſſe, ou tiveſſe para ſi que
nam era Deos: *Non rapinam*
arbitratus eſt, eſſe ſe æqualem
Deo, ſed ſemetipſum exinani-
vit, formam ſervi accipiens.
He o que tambem advertio,

&

& ponderou o noſſo Evangeliſta na prefaçaõ, com que entrou a narrar eſte meſmo acto. Por iſſo diſſe, q̃ quando o Senhor começou a lavar os pès dos Diſcipulos, ſabia que era Deos, & que nas meſmas mãos, com que lhes lavava os pès, tinha o poder de tudo: *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit, & quia omnia dedit ei Pater in manus, cæpit lavare pedes diſcipulorum.* Crendo pois Sam Pedro firmiſſimamente eſta verdade (que por iſſo diſſe: *Domine, tu mihi?*) que muito he, que ſendo aquelle grande Piloto, que nunca perdeo o tino nas mayores tempeſtades, & ſe atreveo a caminhar a pè ſobre as meſmas ondas do mar; agora areaſſe, & ſe afogaſſe em tam pouca agua, como a daquella bacia, & naõ podeſſe tomar pè na profundidade immenſa de tam tremendo myſterio?

§. V.

352 Socegou Chriſto o aſſombro, & reſiſtencia de S. Pedro. Mas como? *Quod ego facio, tu neſcis modo, ſcies autem poſtea*: Pedro, o que eu agora faço, tu naõ o ſa bes, nem o entendes, mas ſa belohas depois. Depois, Se nhor? E quando? Quand vires no Ceo reveſtido de ſu propria Mageſtade o meſmo que agora vès meyo deſpi do, & cingido com eſte pa no ſervil. Neſte ſentido en tendem o *Scies autem poſte* Santo Aguſtinho, S. Chry ſoſtomo, Bèda, Ruperto Theofilacto, Euthimio. com razaõ. Aſſim como a ſemelhanças ſe naõ pòder conhecer ſenaõ de perto, a ſim as diſtancias naõ ſe pò dem medir ſenaõ de longe Que importa que digas: *T mihi*; ſe de ti conheces pou co, & de mim nada. Quan do vires o tudo que ſou, en taõ entenderàs o muito qu faço. Se fallas pelo que vi ſte no Thabor, eſte he o ex ceſſo, que ſe havia de cũpri em Jeruſalem; de que Moy ſés, & Elias, mais aſſombra dos do q̃ tu, fallavaõ. Agor deixate lavar, ſobpena de m naõ veres eternamente, nen chegares a ſaber o que eſtà vendo, & naõ ſabes: *Quo ege facio, tu neſcis modo.*

Joan. 13.7.

353 Aſſim diſſe com gra

raves, & temerosas palavras Senhor: & se dissera o mesno a outro Apostolo, nam ne admiràra tanto, mas, a S. Pedro? Isto he o que me admira muito, & muito mais a memoria, & concurso dos ous dias, em que estamos. erguntou Christo noutra ccasiaõ aos Discipulos, que ábem estavaõ juntos: *Quem icunt homines esse Filium hoinis*? Quem dizem os hoens, que he o Filho do hoem? Os outros referiram arios dittos: porém Sam Pedro respõdéo? *Tu es Chrius, Fillius Dei vivi*: Vòs, Senhor, sois Christo, Filho de Deos vivo. Ajuntay agora esta reposta de Sam Pedro com a pergunta de Christo, & vereis como o Principe dos Apostolos em tam poucas palavras comprehendéo, & resumio todo o mysterio da Encarnaçaõ. *Filium hominis*: *Filius Dei vivi*. No *Filium*, & no *Filius* comprehendéo as duas geraçoens, huma eterna, & outra temporal: no *Hominis*, & no *Dei vivi* comprehendéo as duas naturezas, Divina, & Humana, & no *Tu es*, comprehendéo a uniaõ hypostatica, com que huma indissoluvelmente se unio à outra. Pois se Sam Pedro antes deste dia estando na terra foy capaz de entender, & saber tam perfeitamente o mysterio da Encarnaçaõ; como agora com muito mais tempo, & estudo da escolla de Christo, naõ estava ainda com sufficiente capacidade para entender, & penetrar o mysterio do lavatorio dos pès: *Quod Ego facio, tu nescis*? E se pela confissaõ do mesmo mysterio da Encarnaçaõ se dèraõ ao mesmo Pedro as chaves do Ceo, como se lhe reserva para o Ceo a sciencia do que estava vendo, & admirando: *Scies autem postea*? Aqui vereis quanto mayor profundidade de mysterios, & de amor se encerra na acçaõ tremenda de Christo se postrar aos pès dos homens, do q̃ no mesmo mysterio altissimo de Deos se fazer homem. A alteza do primeiro com luz do Ceo podea alcançar na terra hum Pescador; a profundidade deste segũdo naõ a pòde sondar em tam pouca agua o mayor Apostolo. A alteza

teza do myſterio da Encarnaçaõ revelou-a o Padre, que eſta no Ceo, a Pedro eſtando na terra: *Caro, & ſanguis non revelavit tibi, ſed Pater meus, qui in cœlis eſt*: mas a profundidade do lavatorio dos pès naõ a revellarà ao meſmo Pedro o Filho, ſenaõ quando o Filho, & Pedro ambos eſtiverem no Ceo: *Scies autem poſtea.*

Matt. 16.17

354 Pareceme, que Sam Paulo fallou com o eſpirito de Sam Pedro; quando diſſe: *Neque altitudo, neque profundum poterit nos ſeparare à charitate Chriſti.* Eſta charidade de Chriſto, conforme dizem os Interpretes, ou ſe pòde entender do amor, com que nòs amamos a Chriſto, ou do amor, com que Chriſto nos ama a nòs: & neſte ſegundo ſentido diz S. Paulo, que nem a alteza, nem o profundo pode fazer, que Chriſto nos naõ amaſſe; porque na alteza da Encarnaçaõ ſendo Deos, nos amou fazẽdoſe homem; & no profundo do lavatorio dos pès, ſendo jà homem, nos amou põdoſe aos pès dos homẽs. Mas o eloquentiſſimo Apoſtolo

Rom. 8 39.35

de pois de pôr o alto, entam poz o profundo: *Neque altitudo, neque profundum*; porque mais pondera, & mais encarece o amor de Chriſto o profundo do lavatorio, onde ſe abateo aos pés dos homens, que o alto da Encarnaçaõ, donde deſcèo a ſer homem.

355 Iſto he o que eu ſou obrigado a ponderar neſta profundiſſima acçaõ: mas quando Chriſto diz a Padro *Quod Ego facio, tu neſcis*: onde Pedro naõ ſabe entender, quem ſaberà fallar? A viſta comtudo da ſua ignorancia me atreverey eu a dizer as minhas, mas no concurſo, & comparaçam ſómente de hũ dia com outro dia. O que todos encarecem no dia da Encarnaçaõ, he humilharſe Deos a ſe fazer homem; mas he certo, que eſte acto nam foy de humildade, o lavar Chriſto os pès dos homens, ſim; & a mayor humildade de todas. E porque nam foy humildade o fazerſe Deos homem? Porque Deos nam he humilde, nem pòde ſer humilde. Humildade eſſencialmente he o conhecimẽto

da

a propria dependencia, da ropria imperfeiçaõ, & da ropria miseria: & sendo Deos summa independencia, umma perfeiçaõ, & summa elicidade, nem he, nem pòle ser humilde. Como dizem logo todos os Santos, q̃ Deos se humilhou neste grãde acto? Porque se humilhou por humiliaçaõ, & naõ por humildade. DelRey Achab disse Deos ao Profeta: *Nonne vidisti humiliatum Achab*? Naõ viste humilhando a Achab? E Achab naõ era humilde, nem tinha humildade: mas estava naquelle caso humilhado, naõ por humildade, senaõ por humiliaçaõ. A este modo (mas por modo divinissimo, & santissimo) se humilhou tambem Deos, quando se fez homem; porque atè entaõ nem era, nem podia ser humilde. Porèm no primeiro instante da Encarnaçam, ou no segundo depois de encarnado (como querem outros Theologos) entaõ começou tambem a ser humilde, & summamente humilde, como hoje mostrou mais q̃ nunca. Onde se deve notar, que este grande extremo de humildade depois da humiliaçaõ de se fazer homem, naõ só foy consequencia do novo estado, senaõ obrigaçaõ. Porque se Deos antes de ser humilde se humilhou tanto, que se abatèo a ser homem; segue se, que depois de ser humilde, tinha obrigaçaõ de se humilhar muito mais. Obrigado pois Deos a se humilhar mais, do que se tinha humilhadò: que havia de fazer? Sò lhe restava o que hoje fez. Ajuelhase diante dos homens; & lavalhe os pès com suas proprias maõs: porque só postrado aos pès dos homens, se podia humilhar mais, do que se tinha humilhado, fazendose homem.

356 Esta consequencia, como forçosa, a que a humiliaçaõ do primeiro mysterio obrigou, & empenhou a Christo para a humildade do segundo, reconhecèo profeticamente David, quãdo disse: *Abyssus abyssum invocat*: que hum abismo chama outro abismo. Abismo jà sabeis, que he hum pègo immenso, & profundissimo, co- *Ps.* 41. 8.

como aquelle de que falla a Escritura na primeira creaçaõ dos Elementos: *Et tenebræ erant super faciem abyssi.* E que dous abismos foram estes, em que o primeiro chamou pelo segundo? Nam dissemos ao principio, que o dia da Encarnaçaõ se fallava com o dia de hoje: *Dies diei eructat verbum?* Pois quando estes dous dias se fallaraõ, entaõ chamou o mysterio da Encarnaçaõ pelo mysterio do lavatorio dos pès, & estes foraõ os dous abismos. O primeiro abismo foy a Encarnaçaõ do Verbo, porque fazendose Deos homem, se abismou, & sumio de tal sorte a Divindade na natureza humana, que desappareceò totalmente, & por isso estando dentro nella, naõ apparecia. O segundo abismo foy o lavatorio dos pès; porque tendose Christo sumido na Encarnaçaõ, em quanto Deos, lançado depois aos pès dos homens, tambem se sumio alli, em quanto homem. O mesmo Christo o disse: *Ego sum vermis, & non homo, opprobrium hominum, & abjectio plebis*: Eu sou hum bichinho da terra, & naõ sou homem, porque sou o opprobrio dos homens, & o abjecto da plebe. E quem he esta plebe, & quem he este abjecto? A plebe eraõ os Apostolos, por natureza, por geraçaõ, & por officio plebe; porque eraõ hũs pobres Pescadores: & o abjecto desta plebe era Christo posto a sẽus pès, & lavãdolhos; porq̃ naõ pòde haver acto mais abjecto, & vil, & mais inferior á mesma plebe, que aquelharse diante della, & lavarlhe os pès. A agua era sómente a de huma bacia, mas o abismo da acçam era tam profundo, que nelle se abismou, & sumio de tal sorte Christo, ainda em quanto homem, que jà naõ parecia, nem apparecia nelle final do que era, senaõ huma negaçaõ do que tinha sido: *Non homo*: hum nam homem. Muito mais se desfez logo Christo sem comparaçaõ, & muito mais fez o seu amor no acto do lavatorio dos pès, q̃ na obra da Encarnaçaõ; porque na Encarnaçaõ fezse homem, no lavar os pès aos homens fezse naõ homem: *Non homo.*

Genes. 1. 2.

Psal. 18. 3.

Psal. 21. 7.

E

357 E ſe aſſim ſe ſu-
nio Chriſto, lavando os
pès a Pedro, & aos outros
Diſcipulos, que direy eu, ou
que poſſo imaginar, quando
o vejo poſtrado aos pès de
Iudas? Aqui ſe ſomem tam-
bem atè os entendimẽtos dos
Serafins, & emudecem de
paſmo as linguas dos Anjos.
e Pedro, Senhor, vos diſſe
aſſombrado: *Tu mihi*: Vòs
a mim? Com quanto mayor
aſſombro vos podemos nòs
dizer: *Tu Judæ*: Vòs a Iu-
das? A Iudas, aquelle trai-
dor endemoninhado, de quẽ
diz S. Ioaõ: *Cum diabolus*
jam miſiſſet in cor, ut traderet
eum Iudas? A Iudas, aquelle
precito infernal, & mayor de
todos os precitos, do qual
vòs meſmo diſſeſtes: *Bonum*
erat ei, ſi natus non fuiſſet ho-
mo ille? Nam quero outra
pòderaçaõ que eſtas voſſas
meſmas palavras. Diz Chri-
ſto, que em Judas era melhor
o naõ ſer, que o ſer: & nam
ſe podèra mais encarecer, nẽ
a infima miſeria de Iudas,
nem o infimo abatimento de
Chriſto poſto a ſeus pès. Eu
bem ſey as ſutilezas com que
a Filoſofía diſputa, ſe em Iu-
das, & em qualquer outro
condenado, fora melhor o
naõ ſer, que o ſer: mas onde
temos huma concluſaõ abſo-
luta de Chriſto, naõ valem
nada as argucias dos Filoſo-
fos. Salamaõ faz tres claſſes
de homens, os vivos, os mor-
tos, & os que naõ naſcèram:
& ſó na cõſideraçaõ dos ma-
les temporaes deſta vida an-
tepoem os mortos aos vivos,
& os q̃ naõ naſcèram, a huns,
& outros. Que diria, ſe fize-
ra a comparaçaõ com os ma-
les eternos, que eſperavaõ a
Iudas, & com o peccado, em
que eſtava obſtinado, que he
o mayor mal de todos os ma-
les? Por todas as razoens era
melhor em Iudas o naõ ſer,
que o ſer. E que ſe puzeſſe
Chriſto aos pès de hum ho-
mem, cujo ſer era peior que
o naõ ſer? Do ſer, qualquer
que ſeja, ao naõ ſer ha infini-
ta diſtãcia: & ſendo eſta di-
ſtancia infinita, hoje ſe viraõ
no Cenaculo de Ieruſalem
dous degraos, ou dous eſta-
dos mais abaixo do naõ ſer.
O primeiro em Iudas, que
eſtava mais abaixo do nam
ſer; porque lhe fora melhor
nam ſer, que ſer: & o ſegun-
do

do em Chriſto; que eſtando Judas mais abaixo do nam ſer, elle eſtava aos pès de Judas. Medi agora, começando de Deos, a baixeza em q̃ eſtà poſto o Filho do meſmo Deos, por amor dos homens. Abaixo de Deos com infinita diſtancia eſtà todo o criado, abaixo de todo o criado com diſtancia tambem infinita eſtà o naõ ſer, abaixo do nam ſer eſtà Judas, & abaixo de Judas eſtà Chriſto. Tanta differença vay de Deos no dia da Encarnaçaõ feito homem, a Chriſto no dia de hoje poſto aos pès de tal homẽ. Aquelle foy o *Cum dilexiſſet*: Eſte he o *In finem dilexit.*

§. VI.

358 Tarde chegõ; Sacramentado Senhor, à comparaçam deſſe Sacroſanto, & Diviniſſimo myſterio com o myſterio de voſſa Encarnaçam tambem Diviniſſimo; mas eſſe meſmo trono de Mageſtade, em que vos vemos, & adoramos, ou vos adoramos ſem vos ver, nos eſtà publicando os triunfos de voſſo amõr neſte dia; em que por ſer o ultimo de voſſa viſivel preſença, vos deixaſtes comnoſco. Seja eſta a primeira prova.

359 Profetizando Iſaias o myſterio da Encarnaçam do Verbo com palavras mais expreſſas, & circunſtancias mais ſingulares, que todos os outros Profetas, diſſe, que hũa Virgem conceberia, & pariria hum Filho, o qual ſe chamaria Emmanuel: *Ecce virgo concipiet, & pariet Filium & vocabitur nomen ejus Emmanuel.* Neſta ultima palavra repàraõ muito os pouco verſados na fraze da Eſcritura. Chriſto, Senhor noſſo naõ ſe chamou Emmanuel, chamouſe Jeſus: como diz logo o Profeta, que o Filho que naſceſſe de hũa Virgem ſe havia de chamar Emmanuel? Mas eſte repàro, como digo, he por ignorancia da fraze Hebrèa. Na Lingua Hebraica aſſim como as couſas ſe chamaõ palavras, *Verba*; aſſim o chamarſe ſignifica ſer, & iſſo quer dizer *Vocabitur.* Da meſma fraze uſou o Anjo no meſmo dia & myſterio da Encarnaçam

annun

nnunciando à Virgem, que
que de ſuas puriſſimas en-
ranhas havia de naſcer, ſe
hamaria Filho do Altiſſi-
no: *Filius Altiſſimo vocabi-*
ur: ſendo aſſim, que Chri-
to por humildade naõ ſe
hamava Filho do Altiſſi-
no, ſenaõ: *Filius hominis*:
ilho do homem. Mas fallà-
aõ por eſta fraze, aſſim o
rofeta, como o Anjo no
eſmo caſo; porque *Vocabi-*
ur quer dizer, ſerà. Suppo-
to pois que o chamarſe ſi-
nifica ſer, & o nome ſe to-
na pelo ſignificado; que
uiz ſignificar o Profeta,
uando diſſe, que o Filho,
ue naſceria de hũa Virgem,
e havia de chamar Emma-
nuel? Emmanuel quer di-
zer. *Nobiſcum Deus*: Deos
comnoſco: & iſto he o que
annunciou, & promettèo
Iſaias neſta famoſa profecia,
dando por nova aos homens,
tam admiravel, como certa
que aquelle meſmo Deos,
cuja Mageſtade ſe conſervou
ſempre tam retirada, & lon-
ge de nos, ſem jà mais ſe aba-
lar, nem ſair do Ceo; agora
ſe havia de humanar tanto,
que ſe fizeſſe homem, & deſ-
ceſſe á terra, para nella mo-
rar, & eſtar comnoſco: *No-*
biſcum Deus.

360 Diſſe, ſem ſe abalar jà mais, nẽ ſair do Ceo; porque quando ſe diz nas Eſcrituras, que Deos formou o barro de Adam, & que deſceo a impedir a fabrica de Babel, & que appareceo a Moyſès na graça, & lhe deo a Ley no Monte Sinay, & outras acçoens ſemelhantes; os que obravaõ viſivelmente eſtas couſas (ſegundo o mais provavel ſentir dos Doutos) eraõ Anjos, que repreſentavaõ a Deos, & naõ o meſmo Deos em Peſſoa. Por iſſo Deos naquelle tempo dizia: *Cælum mihi ſedes eſt.* E David contava, & cantava por grande maravilha, que eſtãdo Deos tam alto, ſe dignaſſe de olhar cà para baixo, & pòr os olhos na terra: *Quis ſicut Dominus Deus noſter, qui in altis habitat, & humilia reſpicit in cælo, & in terra.* Porèm como o amor nam ſe contenta de longes, & ſofre mal auſencias, pode tanto o amor dos homẽs com Deos, que o trouxe do Ceo à terra, & o fez homem, naõ tanto *Pſal.* 112.5.

para nos remir, & salvar (como muitos cuidaõ) quanto pelo dezejo que tinha, & pelo gosto que havia de ter de estar comnosco: *Nobiscum Deus.*

361 He celeberrima questaõ entre os Theologos no caso em que Adam nam peccasse, se havia de encarnar Deos? Santo Thomàs, & a sua Escola, dizem que naõ; Escoto com a sua affirma que sim. Distinguo, & cõcordo ambas as opinioens. Porque Adam peccou, encarnou Deos em carne passivel; porque era mais proporcionado à culpa, & mais conveniente à satisfaçam o padecer, & morrer. Porèm se Adam naõ peccàra, havia de encarnar comtudo Deos, mas em carne impassivel; porque onde naõ havia culpa, naõ era necessaria a pena, & faziase homem no tal caso, naõ para satisfaçam do nosso peccado, senam para satisfaçaõ do seu amor. Naõ he esta distinçaõ minha, senaõ do mesmo Cõcilio Nisseno: *Qui propter nos homines, & propter nostram salutem incarnatus est*: Encarnou Deos por amõr de nòs, & por amor de nossa saude. Onde se vé claramente, que o mysterio da Encarnaçam teve dous motivos distinctos, hũ motivo o remedio, & outro motivo o amor; mas o amor primeiro que o remedio. De sorte, que se o remedio naõ fora necessario, pelo motivo só do amor dos homens havia de encarnar Deos, porque esse foy o primeiro motivo, & o primario: *Qui propter nos homines.* Hieis visitar hum amigo, soubestes no caminho, que estava ferido, & visitastelo como amigo, & como ferido; mas com tal presupposto, que se naõ estivera ferido, só por amigo o haveis de visitar, que este foy o vosso primeiro intẽto. O mesmo succedéo no mysterio da Encarnaçam, ao qual Zacharias chamou visita de Deos: *Visitavit nos, oriens ex alto.* O primeiro decreto de Deos se fazer homem antes da previsaõ do peccado, foy unicamente o amor dos homens, & para morar, & estar com elles, como jà entaõ dizia: *Deliciæ meæ esse cum filijs hominum.*

Acon-

conteceo depois o peccado de Adam, & a ferida mortal do genero humano, com que ao motivo do amor se juntou o motivo do remedio, & Deos, que só nos havia de visitar por amigos, nos visitou tambem por feridos: *Propter nos homines, & propter nostram salutem.* E assim como ao outro amigo na visita, que só fazia por amor, & por gosto, lhe accrescéo a dor, & a pena; assim Deos, q̃ havia de vir homem impassivel, veyo passivel. Em summa, que o intento, & fim da Encarnaçaõ, como dizia, naõ foy tanto para Deos nos remir, & salvar, que foy o segundo motivo, quanto para satisfazer a seu amor, & estar comnosco, que foy o primeiro: & por isso Isaias, que com tanta expressaõ de circunstancias revellou aos arcanos da Encarnaçaõ do Verbo, podendo dizer, que o Filho, que havia de nascer da Virgem, se chamaria Jesu, que quer dizer Salvador; naõ disse, senaõ que se chamaria Emmanuel, que quer dizer, Deos comnosco; porque o principal motivo de Deos se fazer homem, naõ foy tanto o remedio de salvar os homens, quanto o amor, & dezejo de estar com elles: *Nobiscum Deus.*

§. VII.

362 Este foy o motivo mais affectuoso, este o affecto mais fino, esta a fineza mais subida de ponto, com que o amor divino no dia da Encarnaçaõ, & logo em seu principio, mostrou o fim, com que trouxera a Deos à terra. Fim desde o primeiro decreto, & de sua propria origem, pura, & sinceramente amoroso, sem mistura de outro intento, ou outro affecto; porque o remir foy amor com misericordia, o estar comnosco puro amor. Mas que direy no dia de hoje, encarnado, & sacramentado Deos? Por mais que vosso divino amor no dia da Encarnaçam se mostrasse tam fina, & tam puramente amoroso, nem eu posso deixar de dizer, nem elle pòde negar, que no dia de hoje foy amoroso sobre amoroso, & amor sobre amor. Porque? Porque se naquelle

quelle dia encarnaſtes para eſtar comnoſco : *Nobiſcum Deus* ; neſte dia vos ſacramẽtaſtes, naõ ſó para eſtar comnoſco , ſenaõ tambem para eſtar em nòs : comnoſco neſſe altar, onde vos adoramos ; & em nòs entrando em noſſos peitos , onde vos recebemos. O amor (vede ſe he mayor eſte) o amor eſſencialmente he uniaõ , & quanto mais une, ou procura unir os que ſe amaõ , tanto mayores effeitos tem , & tanto mayores affectos moſtra de amor. Eſtar comnoſco he aſſiſtencia de fóra , eſtar em nòs , he preſença intima : Eſtar comnoſco , he eſtar perto , eſtar em nòs, he eſtar dentro: eſtar comnoſco , he companhia , eſtar em nòs , he identidade : logo menos fez o amor da Encarnaçaõ em eſtar Chriſto comnoſco , que o amor do Sacramento em eſtar comnoſco , & mais em nòs.

363 Admiravelmente unio eſtes dous extremos , & diſtinguio eſtes dous amores o meſmo Diſcipulo amado. Depois de ſe remontar eſta Aguia divina com aquelle voo altiſſimo , igual à voz, ou ao trovaõ , com que diſſe : *In principio erat Verbum* : cerra as azas, dà comſigo em terra, & diz , que o meſmo Verbo ſe fez carne : *Verbum caro factum eſt* : & ſem intrepor palavra, acreſcenta : *Et habitavit in nobis* : & morou em nos. Evangeliſta , que no alto, & no baixo ſempre vos remontais , permitti , que vos entendamos. Se fallais da uniaõ do Verbo com a humanidade ; porque naõ dizeis , que ſe fez homem , ſenaõ , que ſe fez carne : *Caro factum eſt* ? E ſe fallais do tempo, em que o meſmo Verbo , por iſſo , & para iſſo humanado , morou , & habitou com noſco; porque dizeis que habitou em nòs : *Habitavit in nobis* ? Naõ fora S. Joaõ o mais amado , & o mais amante de Chriſto , ſenaõ acudira por ſeu amor , & o deixàra nas auroras da Encarnaçam , ſem o ſubir ao Zenith do Sacramento. He agudeza de Santo Aguſtinho tambem Aguia. Naõ diſſe, que o Verbo ſe fizera homem , ſenam carne, porque na carne, *ex vi verborum* , havia de inſtituir Chriſto o Sacramento de ſeu

Cor-

Corpo : *Caro mea verè eſt cibus* : & naõ diſſe , que habitou comnoſco, ſenaõ em nòs; porque ſe o amor da Encarnaçaõ ſe ſatisfez de eſtar cõnoſco : *Nobiſcum Deus* : o do Sacramento , mais ancioſo , porque mais amor , naõ ſe ſatisfez de eſtar ſómente comnoſco, ſenaõ tambem em nòs: *Et habitavit in nobis.*

364 Depois de Deos pela Encarnaçaõ ſe fazer homem , a meſma carne , & o meſmo corpo , que tinha tomado , era novo impedimento para eſtar em nòs ; porque dous corpos naõ pòdem eſtar no meſmo lugar. Pois que remedio acharia o amor , para facilitar eſte impoſſivel , tam repugnante ao ſeu dezejo ? O remedio foy , que a meſma carne , que tinha tomado na Encarnaçaõ , ſe fizeſſe manjar noſſo no Sacramento : *Caro mea verè eſt cibus* : & deſte modo ſe uniraõ juntamente ambos os fins de hum , & outro amor : o de eſtar comnoſco , que fora o da Encarnaçaõ , & o de eſtar comnoſco , & mais em nòs , que he o de hoje.

365 Mas ainda neſte eſtar ſobre eſtar temos outra fineza ſobre fineza. Porque naõ ſó quiz o amor de hoje , que Chriſto eſtiveſſe comnoſco , & eſtiveſſe em nòs ; ſenaõ que nòs tambem eſtiveſſemos nelle. Eſte he o ſegundo effeito do Sacramento, & mais amoroſo ainda que o primeiro , em quem o come : *Qui manducat meam carnem , in me manet , & ego in illo* : Quem come a minha carne , eſtà em mim, & eu nelle. Naõ ſó eu nelle por huma uniaõ ; mas eu nelle , & elle em mim por uniaõ dobrada, & modo de eſtar reciproco. He o que declarou com hum diſcreto ſoleciſmo Santo Auguſtinho : *Si manet , & manetur.* Que diria Donato ſe tal ouviſſe ? Mas eſtas ſaõ as grammaticas do amor , & mais em dia , em que o Verbo ſe fez paſſivo. Atè os Filoſofos para admittirem huma uniaõ perfeita , reconhecem duas. Huma da parte da fórma, & a outra da parte do ſugeito: huma da parte unida,& outra da parte a que ſe une. E eſta he a Filoſofia de Chriſto. *Joan. 6. 57.* *Aug. tract. 27. in Joan.*

366 Quando Chriſto

na Cruz substituio em seu lugar a S. Joaõ, disse à May Santissima: *Ecce filius tuus:* & logo ao Discipulo amado: *Ecce Mater tua.* Parece que tanto dizem neste caso as primeiras palavras, como as segundas; porque se a Senhora era mãy de Joaõ, jà ficava entendido, que Joaõ era filho da Senhora. Porque repete logo Christo, o que tinha jà dito, & em tempo que as suas palavras eraõ tam cõtadas? Porque nos dous primeiros legatarios da sua ultima vontade, & reciprocos herdeiros de seu amor, queria, que o amor, & as correspondencias de huma, & outra parte fossem tambem reciprocas. O coraçaõ da Senhora, & o de S. Joaõ eraõ os dous coraçoens, que Christo mais amava, & mais amavaõ a Christo: & como o Senhor na substituiçaõ da sua ausencia testava nelles de seu proprio amor: para que o mesmo amor, como seu, naõ fosse amor, & grande amor, mas amor reciprocamente unido; com as primeiras palavras, unio o coraçaõ da mãy ao novo filho: *Ecce filius tuus:* & com as segundas unio o coraçaõ do filho à nova mãy: *Ecce mater tua.*

Joan. 19. 27.

367 E se os dous legados particulares da May, & do Discipulo, os estabeleceo o Senhor com dobrado vinculo de amor de uniaõ reciproca; como a naõ dobraria tambem no testamento commum, em que nos fez herdeiros universaes de seu Corpo, & Sangue: *Hic calix novum testamentum est in meo sanguine*? Por isso na ratificaçaõ do mesmo testamento a recomendaçaõ, que fez aos Discipulos, foy esta: *Manete in me, & ego in vobis:* Estay em mim, & eu em vòs. Tam reciproco quiz que fosse este modo de estar. E tanto se empenhou o amor de hoje em vencer o amor da Encarnaçaõ, naõ só com huma, senaõ com dobrada vitoria, & naõ só da parte de Christo, senaõ da sua, & mais da nossa. Para vencer o amor de hoje ao da Encarnaçaõ bastava estar Christo no Sacramento comnosco, & mais em nòs. Mas para que a vitoria naõ fosse, como a de Jacob, vencedor com vitoria

clau-

audicante ; naõ só quiz
encer o estar comnosco com
estar em nòs , senaõ com
le estar em nòs, & nòs estar-
os nelle : *In me manet , &*
go in illo.

§. VIII.

368 E porque naõ pos-
dizer o Amor da Encarna-
nõ , que ficou hoje vencido
e differença a differença , &
am de semelhança a seme-
hança ; deixada à parte a dif-
erença , ou ventagem , com
ue Christo no Sacramento
stà em nòs , & nòs nelle : &
omando separadamente , &
or sy só , o acto de estar com-
nosco , que foy o primeiro
notivo da Encarnaçaõ ; com-
paremos de igual a igual o
como està Christo comnos-
co , em quanto sacramenta-
do , & o como esteve com-
nosco , em quanto sómente
encarnado : & verseha , com
novo , & mayor triunfo do
Amor de hoje , quanto vay
de estar comnosco a estar cõ-
nosco.

369 Em quanto encar-
nado esteve Christo comnos-
co : mas onde esteve ? Ou em
Nazareth , ou em Belem , ou
em Jerusalem , ou em outras
partes : de tal modo porèm ,
& com tal limitaçaõ de lu-
gares , que quando estava em
hum , faltava nos outros. Qui-
zeraõ os de Alèm do Jordaõ
deter a Christo , para que esti-
vesse alguns dias com elles :
Detinebant illum , ne discede- Luc 4.
ret ab eis : diz Sam Lucas. E 42.43.
que lhe respondeo o Senhor?
Quia & aliis Civitatibus op-
portet me evangelizare Re-
gnum Dei : Que se naõ podia
deter mais alli , porque lhe
importava ir prègar a outras
Cidades. Naõ admitto , Se-
nhor meu , a escusa , antes
me parece que descredita o
vosso poder , & desabona o
vosso amor. Ide prègar a es-
sas Cidades , & ficay junta-
mente com esses homens , que
com tanta devaçam o dezè-
jaõ. Naõ podeis vòs estar no
mesmo tempo em diversas
Cidades ? Sim posso. Mas
esses modos de estar , guardo
eu para quando estiver no Sa-
cramento. Em quanto en-
carnado , se estava Christo
em huma Cidade , naõ esta-
va noutra : em quanto sacra-
mentado , naõ só està em to-
das

das as Cidades, senaõ em tantas partes da mesma Cidade, em quantas hoje o temos. Correy as Igrejas de Lisboa, & primeiro vos cançareis de as visitar, do que o Senhor se cance de esperar por vòs, porque se poz, & expoz em tantas partes, só para em todas estar comvosco. Esta noite vos espera com as portas abertas, & nas outras, em que as portas se fechaõ, nem por isso elle se vay, porque sempre o detem alli seu amor, solitario, & saudoso na esperança só de que amanheça, para estar com os que tanto ama.

370 Tambem encarnado, amava, mas com grande differença de estar a estar. Enfermou, & morreo Lazaro, de quem testimunha o Evangelho, que era muito amado de Christo, & disse o mesmo Senhor aos Discipulos, que morrèra Lazaro, porque elle naõ estava alli: *Lazarus mortuus est, ut credatis quoniam non eram ibi.* E Martha, & Maria ambas com as mesmas palavras differam: *Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus*: Se vòs, Senhor, estiveres aqui, naõ morrèra nosso Irma

Joán. 11.15.

Ib.22.

Isto dizia Christo, & isto d
ziaõ a Christo, quando só
mente tinha encarnado; ma
depois que se deixou no Sa
cramento, jà nem Christ
pòde dizer: *Non eram ibi*
nem nòs podemos dizer: *S*
fuisses hic: porque em Beta
nia, & fóra de Betania; n
vida, & na morte; na saude
& na enfermidade; sempre
& em toda a parte o temo
& està comnosco. Só em hu
ma parte do mundo naõ es
tà Christo comnosco: & qua
be? Onde nós naõ estiver
mos. Morrem os homens
nas Cidades, habitem os d
sertos, subaõ aos montes
desçaõ aos valles, penetren
os bosques, fiem a vida a hu
madeiro inconstante sobre a
ondas, & atè alli estarà co
nosco. No mar andavam o
Discipulos, & bem nece
tados da presença de seu Di
vino Mestre: & diz o Evan
gelista, que neste caso estav
o Senhor só em terra: *Et ipse solus erat in terra.* Mas ta
caso como este jà se naõ pò
de dar hoje, porque nam só
na terra, senaõ tambem n
mar està, & navega comnos
co

o Christo sacramentado. Noè
aõ sacrificou no templo do
iluvio, porque estava no
ar, & quando desembar-
ou da Arca, entam sacrifi-
ou. Porèm hoje naõ espera,
em sofre aquelle amor, que
s navegantes cheguem a
erra, permitte que sacrifi-
uem, & o consagrem sobre
s ondas, para tambem sobre
s ondas estar comnosco.

371 Mas que digo eu
obre as ondas, se no meyo
e mais furiosas tempestades
ue as do mar, & quando
òs, meu Senhor, devereis
ugir dos homens, nam pò-
e acabar comvosco o vos-
o amor, que deixeis de es-
ar com elles. Encarnado, &
ouco depois de encarnado,
orque vos perseguio Hero-
es, fugistes para o Egypto:
aõ admittido em Geneza-
eth, & em Samaria, deixastes
amaritanos, & Genezare-
os: & hoje que he o que faz
osso amor em Inglaterra,
m Hollanda, em Dinamar-
a, em Suecia, & em tantas
utras partes Setentrionaes,
nde neste mesmo Sacramen-
o sois tam perseguido da
erfidia heretica, & nem vos
crem, nem vos querem? As-
sim perseguido nam fugis,
assim nam querido, nem cri-
do, vos deixais estar entre
elles: Encuberto, & escõdido,
& como homiziado de vos-
so proprio amor, porque elle
vos naõ consente, que haja
parte alguma do mundo, em
que naõ estejais comnosco.
Naõ fallo no que podèra di-
zer das nossas ingratidoens,
& dos aggravos, que aquelle
Senhor sacramentado pade-
ce tambem entre os Catholi-
cos, cujos peccados occul-
tos, & cujas irreverencias pu-
blicas a nossa mesma Fè faz
muito mais sensiveis. Mere-
cedoras eraõ justamente de
que cançada de tanto sofrer
sua paciẽcia, dissesse, como jà
disse: *Eamus hinc*: & como
deixou outro Templo, &
outro povo, que tambem se
chamava seu, nos deixasse a
nòs. Mas foy tam firme a re-
soluçaõ, com que empenhou
a Christo o amor de hoje a
estar comnosco sempre, que
para nunca se poder apartar
de nòs (ainda que nòs o me-
recessemos, & o mesmo Se-
nhor quizesse) encerrandoo
nas voluntarias prizoens da-
quel-

Hæc vox audita est in Templo cũ scissum est velum in morte Christi,

quelle Sacramento ; as chaves nam as deyxou nas ſuas maõs , ſenaõ nas noſſas. Na Encarnaçam porque tinha na ſua maõ as chaves , tornouſe para o Ceo ; no Sacramento , como as chaves eſtaõ na noſſa maõ , & temos ao meſmo Senhor debaixo da chave , ainda que elle nam quizeſſe , ſempre ha de eſtar comnoſco.

372 Sam Lourenço Juſtiniano fallando de Chriſto ſacramentado com alluzam ao Texto de Iſaias , diſſe elegantemente : *Diſpar modus , & idem Emmanuel* : que aſſim como na Encarnaçam foy Emmanuel , tambem he Emmanuel no Sacramento , ſó com differença no modo. E qual he a differença? Muitas , como jà diſſe ; mas a principal , & mayor de todas he , que na Encarnaçam foy Emmanuel , & Deos comnoſco , mas com liberdade de nos deixar , antes com preſuppoſto de o fazer aſſim , como elle meſmo diſſe : *Exivi à Patre , & veni in mundum iterum relinquo mundum , & vado ad Patrem.* Porèm no Sacramento he Emmanuel , & Deos comnoſco ; naõ ſ ſem liberdade para ſe apar tar de nòs , mas com obriga çam inviolavel fundada em ſua propria promeſſa , de nun ca jà mais nos deixar , & eſta comnoſco atè o fim do mun do : *Ecce ego vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi.* Em ſumma , reſumind tudo a duas palavras : na En carnaçam foy Emmanuel , & Deos comnoſco em huma ſ terra ; no Sacramento em to da a parte : na Encarnaçam para poucos ; no Sacramen to para todos : na Encarna çam ſó para os preſentes ; n Sacramento para os preſen tes , & para os futuros : n Encarnaçam por tempo li mitado , & breve ; no Sacra mento ſem limite de dura çam em quanto durar o mun do , & ouver homens : *Uſqu ad conſummationem ſæculi.* Lo go naõ ſe pòde negar , aind na preciſa ſemelhança d eſtar comnoſco , que muit mais fino , muito mais eſtre mado , muito mais amoroſo muito mais amoravel , muit mais amante , muito mai amigo , & muito mais amo ſe moſtrou o de Chriſto ho

Laur. Juſt. lib. de caſto cõnubio verb. & anima 24.

Joan. 16 28.

je

; que no dia da sua Encar-
açam.

§. IX.

373 Mas porque a En-
arnaçaõ do Verbo Eterno
oy hum acto tam heroica-
ente divino, que infinita-
ente se levantou sobre to-
as as obras da magnificẽcia
e Deos; para que nem por
sta parte possa parecer que
quelle amor excedéo o de-
e dia; ouvi como o amor
e hoje sugeitou ao seu triun-
o a mesma Encarnaçaõ, naõ
ó quanto aos effeitos que vi-
nos, & outros que deixo;
nas em sua propria sustan-
ia. E de que modo foy isto,
que parece cousa impossivel?
azendo o mesmo amor, q̃
ssim como Deos naquelle
dia encarnou em hũa só hu-
manidade, hoje encarnasse
em todos os homens. No
dia da Encarnaçam, toman-
do Deos a carne da Virgem
Santissima, encarnou em hũa
só humanidade, que foy a de
Christo: & hoje dandonos
Christo sua propria carne no
Sacramento, encarnou em
todos os homens, que somos
nòs os que à commungamos.
He pensamento profundis-
simo de Sam Ioaõ Chrysos-
stomo, a quem seguio Sam
Ioaõ Damasceno, Sam Pas-
chasio, Ruperto, & outros
Padres. As palavras do San-
to, que os Authores Latinos
commumente ou naõ refe-
rem, ou allegaõ mutiladas
por defeito dos traductores,
tiradas do original Grego,
em que foraõ escritas, saõ
estas. (Vamos por partes.) *Ex nostra* (*Deus*) *generatus est substantia*: o Verbo fazen-
dose homem, assim como fo-
ra gerado abæterno da su-
stancia de Deos, assim na En-
carnaçaõ foy gerado em tem-
po da nossa propria sustãcia.
Sed nihil hoc (*iniquies*) *ad òmnes pertinet*: Mas dir-
meheis (insta Chrysostomo)
que isso pertence sómente a
Christo, & nam a todos nòs.
Imò ad omnes. Digo, & tor-
no a dizer, que a todos. E
porque? *Nam si ad naturam nostram descendit, patet quod ad omnes: quod si ad omnes; & ad unumquemque profectò.* Porque se Deos tomou a nos-
sa natureza encarnando, se-
guese que a mesma Encarna-
çaõ

Sic lo-cum à se re-stituũ ait Theop. Rai-mund. in Cã-del. sect. 3. c. 1.

çaõ se estendèo a todos, & se a todos, tambem a cada hũ. Quando aqui cheguey, descontentoume a razaõ, & argumento de Chrisostomo; porq̃ se Deos se uníra à natureza humana em commum, entaõ se seguia bem, que a mesma uniaõ se communicasse a todos os individuos: mas Deos naõ unio a sy a natureza em commum, a qual naõ he assumptivel, & só tomou, & unio à subsistencia divina a humanidade de Christo, que he singular, & naõ commua. Explicase Chrysostomo admiravelmente, passando do mysterio da Encarnaçaõ ao do Sacramento: *Singulis enim fidelibus per hoc mysterium se commiscet, & quos peperit, non alijs nutriendos tradit, sed ipse studiosissimè alit, hac etiam re tibi persuadens carnem illam tuam assumpsisse.* He verdade, que Deos na Encarnaçaõ naõ tomou a natureza humana em commum, senaõ huma humanidade particular; mas essa mesma humanidade, & essa mesma carne unida à Divindade, falla Christo universal, & commua, dandoa no Sacramento a todos os Fieis & unindoos realmente comsigo: & como ficaõ unidos & encarnados com Christo a mesma Encarnaçaõ o Verbo se estende, & multiplica em todos nòs. As palavras de Ruperto tambem saõ dignas de se naõ passarem em silencio. *Assumpserat hominem in Deum, quando Verbum caro factum est ut per eum essemus in illo; sed nondum ille admiscuerat, se per carnem suam nobis ut singuli membra in illo, unum essemus corpus.* Quer dizer. Quando Deos se fez homem, foy para que por meyo da carne do Verbo nos uniísse a sy, & fosemos a mesma cousa com elle. Mas isto naõ se effeituou no acto da Encarnaçaõ, em que o corpo de Deos, & os nossos eraõ diversos; mas ficou reservado para a instituiçaõ do Sacramento, em q̃ unindose Christo por meyo da sua carne a cada hum de nòs, todos como membros seus ficamos hum só corpo. Baste de autoridades, posto que taes, & tam grandes, que ellas só bastavaõ. Vamos às Escrituras, & à experiencia.

Aca-

374 Acabada a Cea, arte Chriſto, Senhor noſſo, ara o Horto de Getheſemaí, & apartandoſe dos Diſcipulos, diz o Evangaliſta Saõ ucas: *Et ipſe avulſus eſt ab s*: que o Senhor ſe arracou elles. Ninguem haverà, que aõ note a ſingularidade deta palavra. Muitas outras ezes referem os Evangelitas, que Chriſto ſe apartou e ſeus Diſcipulos, & em toas dizem ſimplezmente, q̃ e apartàra. Pois ſe entaõ ſe partava, porque agora ſe arancou? Porque agora tinha Senhor acabado de inſtiuir o Santiſſimo Sacramento, & os Apoſtolos tinhaõ cabado de commungar; & omo por meyo do Sacramento ſe tinha encarnado Chriſto nelles, & elles em Chriſto; por iſſo o apartarſe agora jà naõ era apartarſe, era arrancarſe: *Avulſus eſt.* Ouvi ao grande Tertulliano no livro de *Charne Chriſti. Quid avellitur, niſi quod inhæret, quod infixum, & innexum eſt ei, à quo avellitur.* E explicãdoſe ainda mais. *Cum quid extraneum ita conviſceratur, & concarnatur, ut cum avellitur rapiat ſecum aliquid ex corpore, cui avellitur.* De maneira, que a palavra *avellitur*, ou *avulſus* ſó ſe diz propriamente de duas couſas diverſas, as quaes naõ ſó eſtaõ pegadas, & unidas: *Infixum, & innexum*: ſenaõ entranhadas, & encarnadas hũa com a outra: *Conviſceratur, & concarnatur.* E como eſta era a primeira communhaõ, que ouve no mundo, uſou o Evangeliſta da palavra *Avulſus eſt* com grande myſterio, para que a meſma propriedade da palavra moſtraſſe a efficacia, & effeito do Sacramento, pois naõ ſe podia apartar ſenaõ arrancandoſe quem eſtava entranhado, & encarnado nos meſmos de quem ſe apartava: Entranhado, porque tinha entrado em ſuas entranhas: *Conviſceratur*; & encarnado, porque ſe tinha unido com elles por meyo de ſua propria carne: *Concarnatur.* E eſta foy a differença, com que ainda de encarnado a encarnado vencèo o amor, & dia de hoje ao amor, & dia da Encarnaçaõ. No dia da Encarnaçaõ encarnãdo Chriſto em

em huma só humanidade: no dia de hoje encarnando em todos os homens.

375 Dous sinaes do Ceo pedio Gedeaõ a Deos em dous dias differentes, com modo bem notavel. Poz hum vello de laã no meyo de huma eyra, & no primeiro dia pedio que o orvalho do Ceo cahisse só no vello, & naõ na eyra; & no segundo, que cahisse na eyra, & naõ no vello: & assim succedèo. O final do primeiro dia he certo que significava o mysterio da Encarnaçaõ; porque o orvalho era o Verbo, que descèo do Ceo, & o vello de laã era a humanidade, de que o mesma Verbo se vestio, como Cordeiro de Deos, que vinha tirar os peccados do mundo: *Agnus, qui tollit peccata mundi.* Joan. 1.29. Assim o declaràraõ depois naõ menos que dous Profetas, Isaias, & David: Isaias pedindo a Encarnaçaõ dizia, que orvalhasse o Ceo sobre a terra, para que nella nasceesse o Salvador: *Rorate cæli desuper, & nubes pluãt justũ, aperiatur terra, & germinet Salvatorem:* Isai. 45.8. & David finalando o modo com

que havia de vir, diz qu
descería como a chuva, o
orvalho sobre hum vello d
laã mansamente, & sem ru
do: *Descendit sicut pluvia*
vellus, & sicut stillicidia sti
lantia super terram: & deste
dous Profetas o tomou
Igreja, quando canta da me
ma Encarnaçaõ: *Sicut plu*
via in vellus descendisti, ut sa
vum faceres genus humanum
Pois se Gedeaõ no orvalho
que havia de cair do Ceo pe
dia a Encarnaçaõ no prime
ro dia, porque tornou a pe
dir no segundo dia a mesm
Encarnaçaõ, & no mesm
orvalho? E se no primeir
dia pedio, que cahisse sobr
o vello, & naõ sobre a eyra
porque no segundo pedio
que cahisse na eyra, & na
no vello? Porque Gedeaõ
como alumiado naquell
hora com espirito profeti
co, naõ só vio huma Encar
naçaõ do Filho de Deos, se
naõ duas Encarnaçoens em
dous dias differentes, huma
no dia que propriamente se
chama da Encarnaçaõ, &
outra no dia de hoje. A pri
meira estreita, & contrahida
& por isso em hum vello; a
se

segunda estendida, & dilatada, & por isso em huma eyra: a primeira no vello, onde se sumia o orvalho, & se encobrio a Divindade; a segunda na eyra, em que se recolhe o paõ, onde se nos deu no Sacramento: a primeira particular, em que se unio Christo a huma só humanidade; a segunda universal, em que se unio a todos os homens: a primeira, em que encarnou só em sy, tomando a nossa carne; a segunda em q̃ encarnou em nòs, dandonos a sua. *Totus in vellere, totus in area*: diz Sam Bernardo: Todo no vello, & todo na eyra; mas no vello todo só para sua Mãy, e na eyra todo para todos. Hè o Maná com os tempos trocados. O Manà que primeiro chovia do Ceo nos campos, para que se sustentasse delle o Povo, depois esteve encerrado na Arca do Testamento, onde ninguem o comia. Porèm cà trocados os dias, no dia da Encarnaçaõ estava encerrado no ventre virginal, q̃ por isso se chama Arca do Testamento: mas no dia de hoje se estendeo, & diffundio pelo mundo todo, para que todos o comaõ, & o convertaõ em sy. Em fim parecido o Sacramento ao mesmo amor com que hoje foy instituido, como diz o Concilio Tridentino: *In quo Salvator divitias divini sui erga homines amoris velut effudit.* *Trid. sess. 13 c. 2.*

376 Só me pòdem oppor, & dizer os Doutos, que todas as ventagens, ou finezas, em que o amor de hoje parece vencer o amor da Encarnaçaõ, se haõ de referir á mesma Encarnaçaõ, & ao amor daqnelle dia; porque a mesma Encarnaçaõ foy o principio, & fundamento de todas, pois se Christo nam encarnàra tambem se naõ podèra consagrar, nem deixar no Sacramento. Respondo, que naõ se segue tal cousa. E ouvireis agora o que por ventura nunca ouvistes. Escoto, & outros grãdes Theologos dizem, que he tal a força, & efficacia das palavras da Consagraçaõ, que se antes de Christo encarnar, & antes de Deos criar o mũdo, criària hum Sacerdote fòmẽte, & huma Hostia, sobre a qual pronũciasse as palavras *Scot. citat. à Theoph. Rainaud. in Cãdelab. Et alij, quos laudat Corn. in Isai. c. 7. v. 14 p. 120. col. 2.*

da Conſagraçaõ, no meſmo ponto havia de eſtar naquella Hoſtia o Corpo de Chriſto, tam real, & inteiramente como eſtà hoje, na que temos, & adoramos preſente. Pois como havia de eſtar alli o Corpo de Chriſto, ſe ainda naõ era naſcido Chriſto, nem havia tal Corpo? Porque aſſim como a Omnipotencia daquellas palavras tẽ força para reproduzir o Corpo de Chriſto no lugar onde naõ eſtava, aſſim teriaõ tambem força neſte caſo para o produzir no tempo, em que naõ era; porque naõ ſe requer mayor poder para hum milagre, que para outro. Daqui ſe entenderà huma nova, & excellente propriedade, com que Sam Paulo declarando o Sacerdocio de Chriſto pelo de Melchiſedech, nota que Melchiſedech naõ teve pay, nem mãy, nem ganealogia: *Sine patre, ſine matre, ſine genealogia.* O Sacerdocio de Chriſto naõ foy ſegundo a ordem de Aram, que ſacrificava cordeiros, & bezerros, ſenaõ (como diz David) ſegundo a ordem de Melchiſedech, que ſacrificava em paõ, & vinho: *Melchiſedech proferens panem, & vinum, erat enim Sacerdos Dei altiſſimi.* E por iſſo o meſmo Chriſto, ſendo juntamente o Sacerdote, & o Sacrificio, conſagrou, & ſacrificou ſeu Corpo, & Sangue debaixo das meſmas eſpecies de paõ, & vinho. Mas Chriſto, Senhor noſſo, teve Mãy, & Pay, & a mais eſtendida genealogia de quantas ſe lem das Eſcrituras: *Liber generationis Jeſu Chriſti, filij David, filij Abraham, &c.* Pois ſe Chriſto teve huma genealogia tam grande, & tam declarada; como nota S. Paulo que o ſeu Sacerdocio foy como o de Melchiſedech, homem ſem pay, nẽ mãy, nẽ genealogia? Porque quando Chriſto inſtituio o Sacrificio, & Sacramento, em que ſe deixou a ſy meſmo, foy com tanta independencia da ſua propria Encarnaçaõ, como ſe nunca fora gerado, nẽ naſcido. De ſorte, q̃ ſe Chriſto ainda naõ encarnàra, nẽ naſcèra, & com tudo ſe diſſeſſem as palavras da Conſagraçaõ ſobre huma Hoſtia, em qualquer tempo, & em qual-

qualquer lugar que foſſe, alli havia de eſtar ſeu Corpo infallivelmente. He verdade, q̃ o Corpo, & Sangue, q̃ Chriſto cõſagrou hoje, foy o meſmo, que na Encarnaçam tinha tomado: mas conſagrou-o por modo tam abſoluto, & tam independente da meſma Encarnaçam, que ſe dantes nam houvera encarnado, encarnára entam ſem mãy, nem genealogia, & exiſtira ſacramentado. Logo, ainda que o Senhor no dia de hoje nos deu a meſma Carne, & o meſmo Sangue, q̃ tinha recebido no dia da Encarnaçam, nẽ por iſſo a grandeza, & ſuppoſiçam daquella obra diminue nada as ventagens deſta; porque de tal modo a ſuppoz, como ſe a naõ ſuppozera. Encarnado naquelle dia fim, com grande amor: *Cum dilexiſſet ſuos*: mas ſacramentado hoje com mayor amor: *In finem dilexit eos.*

§. X.

377 Muito tempo ha que devêra ter acabado. De hum, & outro amor recolho hum ſó documento muito breve. E qual he? Que ſeja tal o noſſo amor na vida, que o continuemos à viſta da morte. Que amou Chriſto deſde o inſtante de ſua Encarnaçam? Aos homens: *Cũ dilexiſſet ſuos*: & hoje, q̃ foy o fim da ſua vida, eſtando cõ a morte à viſta: *Sciens quia venit hora ejus*: que amou? Aos meſmos que tinha amado: *In finem dilexit eos.* Oh que differente viver, oh que differente morrer, oh q̃ differente amar foy eſte, do que he o noſſo! Aquelles, a quem a miſericordia de Deos concede morrerem com eleiçaõ, & com juizo; o que commumente fazem na hora da morte, he arrepẽderemſe do que tem amado na vida. Póde haver mayor locura, póde haver mayor cegueira, que amar aquillo meſmo, de que ſey que ou me hey de arrepender, ou me hey de condenar? Oh Senhor, quem vos tivera amado deſde o primeiro inſtante, em que vos conhecèo, ſem nunca empregar, ou eſperdiçar o coraçaõ em outro amor? Se alguem ſe podêra juſtamente arrepẽder do que amou, ereis vòs, pois amaſtes humas criaturas tam vís, tam ingratas, &

tam merecedores de ser aborrecidas, como somos os homens. Mas pois o vosso amor foy tam fino, & tam constãte, que amandonos com tantos extremos desde o principio, foraõ ainda muito mayores os com que nos amastes atè o fim; seja hoje, & neste mesmo instante o fim de todo o amor, que naõ he vosso. Os que imitàram o Prodigo, & as que imitàraõ a Madalena em amar o quê naõ deviaõ, assim como seguiraõ os passos errados, & cegos de seu falso amor, assim se resolvaõ hoje, & de hoje para sempre, a seguir a luz de seu desengano, a verdade do seu arrependimento, & a firmeza, & constancia de só a vòs amar atè a morte. Sò a vòs, amorosissimo Senhor, só a vòs. Sò a vòs, & nam pelos interesses do Ceo, que vòs deixastes por amor de nòs: Sò a vòs, & naõ por temor do inferno, que Judas antes quiz que a vòs: mas unica, & puramente por seres vòs quem sois, digno de ser infinita, & eternamente amado. Assim propomos de vos amar na vida, assim propomos de vos amar atè a morte, para que a vossa Graça, & o vosso Amor nos faça dignos, naõ dizemos de vos gozar, senaõ de vos amar por toda a Eternidade. Amẽ.

SER-

SERMAM

SEGUNDO DO

MANDATO,

No meſmo dia,

Prègado na Capella Real às tres da tarde.

Sciens Jeſus quia venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc mundo ad Patrem: Cum dilexiſſet ſuos, in finem dilexit eos. Joan. 13.

§. I.

OUTRA vez, Senhor, neſte meſmo dia, outra vez torno a fallar de voſſo Amor. Dobràraõſe neſte dia os dias, dobráraõſe, & encontràraõſe os myſterios, encontrouſe comſigo o meſmo amor: & pois elle no meſmo dia duas vezes nos amou tanto; porque naõ diremos nòs tãbem duas vezes no meſmo dia jà que dizemos taõ pouco? Victorioſo deixey hoje o amor de Chriſto, mas ainda neſte meſmo dia lhe reſta muito q̃ vencer. Joſuè para acabar de vencer huma vitoria, mãdou

parar o Sol; & fez de hum dia dous dias. Nòs temos dous dias reduzidos a hum ſó dia, & nem por iſſo receio perſentar hoje nova batalha: que nos nam pòde faltar luz, onde o meſmo Sol he o combatente. Ioſuè diſſe, q̃ nem antes, nem depois ouve taõ grande dia como aquelle: *Ioſue 10.14* *Non fuit antea, nec poſtea tam longa dies*: mas o dia, em que eſtamos (que tambem comprehẽde o antes, & o depois) pelo que foy, & pelo q̃ he, he muito mayor dia. Huma ſó hora deſte dia he muito mayor q̃ todo aquelle; porque aquelle era dia de Ioſuè, & eſta he hora de Ieſus: *Sciẽs Ieſus quia venit hora ejus.*

379 Neſta hora pois (que nam ſerà mais de hũa hora) ſahirá outra vez em campo o amor de Chriſto tambem de amor a amor, & de dia a dia. Vio Sam Ioaõ no ſeu Apocalypſe ſobre hũ cavallo pombo hum galhardo Cavalleiro armado de ar- *Apoc. 6.2.* co, & ſettas: *Et ecce equus albus, & qui ſedebat ſuper illum, habebat arcum*: logo vio que lhe punhaõ huma coroa na cabeça: *Et data eſt ei corona*: & que aſſim coroado ſahio jà vencedor para vencer: *Et exivit vincẽs ut vinceret.* Por eſte cavallo branco entẽdem os Interpretes a ſagrada Humanidade, que ſempre, como no Tabôr, veſte de neve. O Cavalleiro armado de arco, & ſettas, as meſmas inſignias dizem que he o amor, & nam outro, ſenam o amor do meſmo Chriſto. Mas ſe jà vinha vencedor, & tinha recebido a coroa da victoria, porque ſae outra vez a pelejar, & vencer: *Exivit vincens ut vinceret?* Porque o amor do noſſo divino amante quãdo compete em amar, como compete hoje (*Cum dilexiſſet, dilexit*) naõ ſe cõtenta com huma ſó coroa, nem com huma ſó vitoria coroaſe para ſe tornar a coroar, & vence para tornar a vencer. Eſta he a nam imaginada empreſa, que o tira neſta hora naõ ao meſmo, ſenaõ a outro mayor theatro. Eſta manhãa ſahio a vencer a batalha, agora ſae a vencer a vitoria.

380 Mas ſe na comparaçaõ de dia a dia, & de amor a amor, o amor de Chriſto

Christo esta manhaã se competio, & se vencèo a sy mesmo; que novo, ou que outro competidor pòde haver mayor, para que seja mayor a competencia, & mayor a victoria? He certo, que só o Eterno Padre pòde ser mayor, do qual disse o mesmo Christo: *Quia Pater maior me est.* E porque este unicamẽte he o mayor competidor; o amor do Eterno Padre no dia da Encarnaçaõ, & o amor de Christo no dia de hoje serãm os dous altissimos competidores, q̃ esta tarde veremos contender (com tanta gloria sua, como nossa) sobre qual delles amou mais aos homens. Em tudo o que Christo, Senhor nosso, obrou nos mysterios do Cenaculo, jà vimos que teve sempre diante dos olhos o dia da Encarnaçaõ, & o dia de hoje: *Sciens quia à Deo exivit*: Eisahi o o dia da Encarnaçaõ: *Et ad Deum vadit*: Eisahi o dia de hoje. E assim como o Senhor comparou hum dia com o outro dia, assim tambem o Evangelista comparou hum amor com o outro amor. Do amor do Padre no dia da Encarnaçaõ tinha dito o mesmo Sam Ioaõ: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filũ suum Unigenitum daret*: & do amor de Christo no dia de hoje cõtrapondo amor a amor, mundo a mundo, & Filho a Padre, disse pelos mesmos termos: *Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* O *In finem* responde ao *Sic*; & o *Sic*, & o *In finem* significam com igualdade, & sem ventagem o excesso de hum, & outro *dilexit*. Pondo pois de fronte a fronte em competẽcia igual, de hũa parte hum *Dilexit*, & da outra outro *Dilexit*: de huma parte o amor do Padre no dia da Encarnaçaõ, & da outra o amor de Christo no dia de hoje; a resoluçaõ de todo o combate em duas propoſiçoens serà esta: No dia da Encarnaçaõ amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens, que ao Filho: E no dia de hoje amou Christo tanto aos homens, q̃ parece amou mais aos homens, que ao Padre. Se alguem cuidar entretanto, que isto he igualar, & naõ vẽcer; depois verà, que da parte do *Ioan.* 3.16. *Ioan.* 13.1.

amor de Chriſto foy vencer, & com a mayor vitoria.

§. II.

381 Etrando nas noſſas grandes propoſiçoens, & começando pela primeira; para inteira intelligencia do que ſe ha de dizer, he neceſſario ſuppor com a melhor, & mais bem fundada Theologia, que quando o amor do Eterno Padre deu aos homens ſeu Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filiũ ſuum Unigenitum daret*: naõ ſó nolo nam deu com liberdade de viver quanto, & como quizeſſe; mas com preceito, & obediencia de morrer, & padecer tudo o que padecèo por nós. Aſſim o tinha já dito o meſmo Senhor por boca de David: *In capite libri ſcriptum eſt de me, ut facerem voluntatem tuam, Deus meus volui, & legem tuam in medio cordis mei.* E neſte dia (como outras muitas vezes) fez menção do meſmo preceito: *Ut cognoſcat mundus quia diligo Patrem, & ſicut mandatum dedit mihi Pater, ſic facio.* E aſſim como no dia da Encarnaçam nos deo effectivamente o Eterno Padre ſeu Filho, aſſim no meſmo dia, & no meſmo inſtante, o carregou deſtas penſoens, & lhe poz eſta obediencia, o que antes naõ podia ſer; porque dãtes o Verbo naõ era ſugeito ao Padre, & tanto que encarnou, & ſe fez homem, ſim.

Pſ. 39. 8. 9.

Joan. 14. 3.

382 Iſto poſto, jà que naõ podemos comprehender o amor divino pelo que he, julgalohemos pelo que parece. Digo pois, que no dia da Encarnaçaõ amou tanto o Eterno Padre aos homens, q̃ parece amou mais aos homens, que ao Filho. *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum Unigenitum daret.* O que muito encarece o amor do Eterno Padre no dia da Encarnaçaõ, he que dèſſe por nòs ſeu Filho, ſendo unico, & naõ tendo outro: *Filium ſuum Unigenitum.* Se o Eterno Padre tivera dous Filhos, muito fora dar hum: & ſe dèra hum por outro, jà tinhamos grande argumento para cuidar, & nos parecer que amava mais eſte ſegundo que o primeiro. Dizey-

me

ie: Se hum pay tivera dous lhos, hum livre na patria, & utro cativo em Argel, & pa- a resgatar o cativo, désse, ou endesse o livre; naõ entenderiamos todos, que este pay mava mais o filho cativo, q̃ filho livre? Claro está. E e este; que chamamos filho, nam fora filho, senam servo; nam fariamos ainda muito nayor conceito do excessivo mor daquelle pay? Pois sto he o que fez o Eterno Padre no dia da Encarnaçam: *Ut servum redimeres, Filium radidisti.* Estava o homem cativo pelo peccado: quilo resgatar o Eterno Padre: & que fez o seu amor? Vendèo o Filho para resgatar o servo. Hoje vereis o Filho vendido: à manhãa vereis o servo resgatado.

383 Mais faz neste caso o Eterno Padre: & tanto mais, que bastava só a metade do que fez para todo o bõ entendimento julgar, que amou muito mais aos homẽs, que ao Filho. O Profeta Isaias no capitulo sincoenta & tres, em que prova a geraçam ineffavel de Christo, em quanto Filho do Eterno Padre: *Generationem ejus quis enarrabit?* pondèra duas resoluçoẽs admiraveis do mesmo Padre, & que de nenhum pay se podèraõ crer em respeito de seu filho. Por isso começa, dizendo, & como duvidando se haverà alguem, que lhe dè credito: *Quis credidit auditui nostro?* E que duas resoluçoens foraõ estas? A primeira, que para nos livrar, tirou as nossas culpas de nòs, & as poz em seu Filho: *Posuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrum*: a segunda, que para nos justificar, tirou os merecimentos do Filho, & os poz em nòs: *Pro eo quod laboravit anima ejus justificabit ipse justus servus meus multos.* Assim foy huma, & outra cousa. Tirou o Eterno Padre as culpas de nòs, & polas em seu Filho, porque nòs nam podiamos satisfazer à divina Justiça por nossas culpas, & Christo foy o que tomandoas sobre sy, satisfez por ellas. E tirou os merecimentos de seu Filho, & polos em nòs, porque Christo naõ merecèo para sy a graça, nem a gloria, nem nòs alcançàmos, nem podiamos

Isai. 53. 8.

Ib. 1.

Ib. 6.

Ib. 11.

mos alcançar huma, & outra, ſenaõ pelos merecimentos de Chriſto. Sendo pois certo, & de Fè, que o Padre tirou de nòs as culpas, & as poz em ſeu Filho, & tirou de ſeu Filho os merecimentos, & os poz em nòs; quanta fé he neceſſaria para nam crer, que amou mais aos homens, que ao Filho? Baſtava ſò hum deſtes dous exceſſos, ou ametade delles, como dízia, para que todo o mundo o julgaſſe aſſim.

384 Rebecca tinha dous filhos, Iacob, & Eſaù; mas o que mais amava era Iacob: *Geneſ. 25.28* *Rebecca diligebat Iacob.* E donde ſe prova eſte mayor amor? Nam ſò ſe prova das palavras da Eſcritura, que he a primeira fé, ſenam tambem das obras, que he a ſegunda. Todos ſabemos, que pertencendo a bençaõ a Eſaù, Rebecca com as ſuas induſtrias a tirou a Eſaù, & a poz em Iacob. E máy que tira a bençam a hum filho, cuja era, & a dà a outro filho, a quem nam pertencia, & faz que o que Eſaù tinha trabalhado, ſuado, & merecido, que o logre Iacob a maòs lavadas, & ſem trabalho; claro eſtà qu a Iacob ama mais q̃ a Eſaù antes que ſò a Iacob ama, iſſo quer dizer a palavra d Texto: *Rebecca diligebat Ia cob.* Agora pergunto: E aſ ſim como Rebecca tirou bençam de Eſaù, & a poz em Iacob, tirou tambem algũa culpas de Iacob para as pô em Eſaù? Nam. Logo Re becca nam fez, ou nam arre medou por amor de Iacob mais que ametade de q̃ fe o Eterno Padre por amor d nòs. Porque Rebecca ſó ti rou a bençaõ a Eſaù para pôr em Iacob: & o Eterno Padre tirou a bençaõ do Fi lho para a pôr no homem, & tirou a culpa do homem pa ra a pôr no Filho. Pois ſ ametade ſó, ou huma ſeme lhança de ametade do q̃ fez o Padre pelos homens, baſtou para provar, & ſer de fé, que Rebecca amava mais a Ia cob, que a Eſaù: dobrada prova tinha a noſſa razaõ pa ra cuidar que amou mais o Padre aos homens, que a ſeu Filho. Naõ foy aſſim, por que enſina o contrario a Fé; mas eſteve tam perto de o ſer, que parece que o foy.

Va-

amos à outros filhos.

385 Os excessos a que amor do Padre sugeitou, & brigou a seu Filho no dia a Encarnaçaõ, foraõ tam uperiores, tam opposstos, & am verdadeiramente côtrarios a tudo o que o amor paernal intenta, ainda quando nais empenhado; que para os entẽder, he necessario fingir. Quando os filhos do Zebedèo pertendèraõ as duas cadeiras do Reyno de Christo, & o Senhor lhe respondèo, que para subir à cadeira, era necessario beber o caliz: se o amor da mãy, que fez a petiçaõ, fora tam disigual como o de Rebecca, pòdera replicar desta maneira. Aceito, Senhor, o despacho, como tam proprio de vossa Divina Justiça; mas para que ella se mantenha em todo seu vigor, & a esperança, que me trouxe a vossos pès, naõ fique de todo frustrada: suppoſto que os meus filhos saõ dous, partase entre ambos a minha petiçam, & tambem o vosso despacho. Mereça hum com o trabalho, & logre o outro o premio: beba hum o caliz, & suba o outro à cãdeira: assentese na cadeira Joaõ, & beba o caliz Jacobo. Se assim replicàra a mãy dos Zebedèos, naõ haviamos de entender, q̃ amava mais a Joaõ, que ao outro filho? He sem duvida. E posto q̃ eu naõ digo, q̃ entendamos o mesmo do amor do Padre; digo porèm, que saybamos que assim o fez. Para o homem se assentar na cadeira da Gloria, segundo as Leys, & Decretos da Divina Justiça, era necessario, que o caliz da Paixaõ se bebesse primeiro: & que fez o amor do Padre? Partio o caliz, & a cadeira entre o Filho, & o homem; & o homem quiz que subisse à cadeira, & o Filho que bebesse o caliz. Assim o disse o mesmo Filho, fallando de sy, & do Padre: *Calicem quem dedit mihi Pater, non vis ut bibam illum*? E que naõ seja isto amar mais ao homem q̃ ao Filho? Tanta fé he necessario para crer, que nos nam amou mais, como para crer, que fez tanto. *Joan.* 18.11

386 Mas vamos com a parabola, ou com o fingimẽto por diante. A mãy dos Ze-

Zebedèos cõmo amava tanto a hum filho, como ao outro, nem pedio aquella partilha; mas se ella a pedira, & o Senhor lha concedèra, & Jacobo replicàra huma, & muitas vezes, que pois Joaõ havia de levar a cadeira, bebesse tãbem Joaõ o caliz, & naõ elle: & a mãy com tudo estivesse inexoravel a todas estas replicas, & sem nenhum movimento de piedade persistisse na mesma resoluçaõ, de que Jacobo bebesse o caliz, & finalmente o obrigasse a isso; naõ se provaria nesta segunda instancia ainda com mayor evidencia, que amava mais a Joaõ? Pois este he o caso, em q̃ estamos, & assim o executou o Padre com seu Filho. Estando Christo no Horto deu licença à parte inferior da Alma, a que fallasse por boca da natureza, & exprimisse todos seus affectos: & o que disse foraõ estas palavras: *Pater omnia tibi possibilia sunt: si possibile est, transfer calicem hunc à me*: Pay meu, tudo vos he possivel; & se he possivel, que Eu naõ padeça, transferi de mim este caliz. Da mesma palavra *transfer* usa Saõ Lucas, & transferir he passar de hum lugar para outro lugar ou de huma pessoa para outra pessoa. Onde se vè, que Christo naõ pedia, que o mundo se naõ remisse, nem que o caliz se suspendesse, ou derramasse, mas que naõ fosse elle, o q̃ o bebesse, senam outro, em quem se transferisse: *Transfer calicem hunc à me.* por isso allegava a possibilidade desta commutaçaõ. Porque como resolvem os Theologos, ainda que para satisfaçaõ de rigor de justiça era necessario, que o homem, que ouvesse de satisfazer, fosse juntamente Deos; de liberalidade porèm, & de graça, bem podia Deos aceitar a satisfaçaõ de hum puro homem. Fallando pois Christo neste sentido, a sua petiçaõ foy, como se dissera: Jà que o homem peccou, pague elle pelo seu peccado, & jà que ha de ir à Gloria, que lhe naõ he devida, beba elle o caliz, para q̃ de algũ modo a mereça. Beba elle o caliz outra vez, & naõ Eu, que nunca pequey, & sou a mesma innocencia:

Marc. 14.36. *Matt.* 26.39. *Luc.* 22.42.

beba

eba elle o caliz, & naõ Eu, quem naõ he neceſſario gahar, ou merecer a Gloria, ois que he minha. E que ndo eſta petiçaõ taõ juſticada, & de materia naõ imoſſivel: & fazendoa o Fio tres vezes com tanta afiççaõ, & efficacia, que chou a ſuar ſangue; que o Pare com tudo invocado coo Pay, naõ ouça a primeira raçaõ, nem ouça a ſegunda, em ouça a terceira, & que eſolutamẽte queira, & mane, que para que o homem aſſente na cadeira, beba o ilho o caliz, & para que o omem peccador triunfe, o ilho innocente padeça: exeſſo foy de amor, que exce- e toda a admiraçaõ. E que viſta de tudo iſto haja de uidar o entendimento huano, que no dia, em q̃ eſte ecreto ſe intimou a Chriſto q̃ foy o dia da ſua Encarnaõ) o Padre, q̃ aſſim o ordeou, naõ amaſſe mais aos omens, que ao Filho?

poſiçoens, nem argumentos humanos, mas quero, q̃ vòs meſmo nos digais voſſo parecer; para que vejamos, & vejais quam bem fundado he o noſſo. Quiz Deos averiguar por experiencia a qual de dous amava mais Abraham: ſe ao meſmo Deos, ſe a ſeu Filho Iſaac. A razaõ de fazer eſta prova era muito bem fundada; porque ha muitos pays, que amaõ mais os filhos, q̃ a Deos, & Abraham verdadeiramente amava muito aquelle filho. E que meyo tomou Deos para experimentar qual era o mais amado? Todos ſabemos o caſo. Manda a Abraham, que lhe ſacrifique a Iſaac: *Tolle filium tuum, quem diliges, Iſaac, & offeres eum in holocauſtum.* O *quem diligis* moſtrava bem o motivo do ſacrificio. Toma pois Abraham ao Filho, levao ao monte, atao, poemno ſobre a lenha, tira pela eſpada. Baſta, diz Deos, jà eſtou ſatisfeito: *Nunc cognovi quod times Deum, & non pepercisti unigenito filio tuo propter me.* Naõ perdoaſte a teu filho, & quizeſte-o ſacrificar por amor

Genes. 22. 2.

Ib. 12.

§. III.

387 Ora, Senhor, eu jà naõ quero diſcorrer cõ ſup-

mor de mim? Claro eſtà que me amas mais a mim, que a elle. Pois ſe iſto, Senhor, vos pareceo a vòs, porque me naõ parecerà a mim o que digo? Naõ he o parecer meu, he voſſo. Vòs dizeis de Abraham: *Non perpeciſti unigenito filio tuo propter me:*
*Rom.*8 32. & Sam Paulo diz de vòs: *Proprio Filio ſuo non pepercit, ſed pro nobis tradidit illum.* Se querer ſacrificar o pay ao filho por amor de Deos, he amar mais a Deos que ao filho: ſacrificar Deos com effeito ao Filho por amor dos homens, porque naõ ſerà amar mais aos homens, que ao Filho? Eu naõ poſſo dizer, que he aſſim, mas Deos não pòde dizer que o naõ parece. Deos diſſe: *Nunc cognovi*: & nòs podemos dizer o meſmo, & cõ muito mayor razaõ. Abraham quiz ſacrificar o filho, mas naõ o ſacrificou; o Padre quiz ſacrificar o Filho, & ſacrificou-o: Abraham poz o filho ſobre a lenha, mas naõ lhe meteo o ferro; o Padre poz o filho ſobre a Cruz, & pregou-o nella cõ tres cravos, atè dar a vida: Abraham ſe deu hum filho, ficavalhe òutro; o P dre deu hum Filho, mas n tinha outro, nem o podia te o amor de Abraham foy fo çado com preceito; o am do Padre foy livre, & eſpo taneo: o amor de Abraha foy miſturado com temo *Nunc cognovi quod tim Deum.* O amor do Padre t do foy amor, porque naõ t nha a quem temer, & ſó t meo, que os homens ſe pe deſſem, que foy mayor ci cuſtancia de amor. Po ſendo tanta a differença Pay a Pay, de Filho a Filho & de amor a amor; ſe da Abraham o filho por amo de Deos foy amar mais Deos, que ao filho; dar De o Filho por amor dos h mens, porque naõ ſerà ama mais aos homens, que ao F lho? Parece-o tanto, que h neceſſario, que a Fè nos fe che os olhos, para crer, qu naõ foy aſſim.

388 Viveo em fim Iſaac mas nẽ por iſſo deixou Deo de aperfeiçoar o ſacrificio & como? Com hum cordei ro, que alli appareceo prez pela cabeça entre huns eſpi nhos: *Arietem inter vepre*

hæ-

erentem cornibus. Este, diz Texto, que sacrificou Abraham em lugar do filho: *Quem assumens obtulit holocaustum pro filio*: & assim acabou em alegria aquella famosa tragicomedia. Mas neste ultimo acto della me era licito perguntar a Deos, perguntàralhe eu duas cousas: a primeira, se amava mais este cordeiro, que alli trouxe milagrosamete para ser sacrificado, ou a Isaac, a quem tirou da garganta a espada de Pay, & livrou do sacrificio? He certo, que havia de responder Deos, q̃ mais amava a Isaac, que ao cordeiro. Sobre esta reposta, a segunda cousa q̃ eu havia de perguntar, he, quem era aquelle Isaac, & quem era aquelle cordeiro? E tambem he certo, que me havia de responder Deos que, Isaac era figura do homem, estava cõdenado à morte, & o cordeiro coroado de espinhos, sacrificado, figura de seu filho, q̃ morreo, para que o homem não morresse. Pois Isaac foy mais amado que o cordeiro, & o cordeiro era figura do Filho, & Isaac figura do homem; porque naõ entenderemos nòs, & se nos affigurarà quando menos, que quando o Padre matou o Filho, para que o homem vivesse, amou mais ao homem, que ao Filho?

§. IV.

389 He tanto assim verdade; que postos neste acto de huma parte os homens, & da outra o Filho, & o Padre entre ambos, dos homens parece que era Pay, & do Filho naõ. He juizo humano, mas de Sabidoria Divina. Vieraõ duas mulheres diante de Salamaõ com huma demanda notavel. Traziaõ cõsigo dous mininos, hum morto, outro vivo: o vivo cada hum dizia que era seu filho, o morto cada huma dizia que o naõ era. Que faria o grande Rey nesta perplexidade? *Dividite infantem vivum*: Partase o minino vivo pelo meyo, & leve cada huma a sua parte. Ouvida a sentença, huma das mulheres consentio, & disse partase: a outra naõ consentio, & disse, viva o minino, & leveo embora

3. *Reg.* 3. 25.

bora minha competidora. E qual destas duas era a verdadeira mãy? A que disse, viva o minino. Assim o julgou Salamaõ, & assim era: porque a que disse, morra, mostrou que naõ amava; a que disse, viva, provou q̃ amava, & da que amava o minino, desta era filho. Voltemos agora o passo, & venha a juizo o amor do Eterno Padre. No dia da Encarnçaõ estava o homem morto, & o seu Filho vivo: & o Eterno Padre que disse? Disse, morra o Filho, para que viva o homem. Morra o Filho, & viva o homem? Logo do homem he Pay, & do Filho naõ. Alli està o amor, & naõ aqui. A mãy do vivo amava-o tanto, que o quiz vivo, ainda que ficasse alheio: a mãy do morto amava-o taõ pouco, que antes queria o vivo alheio, que o morto seu. E o Eterno Padre, sendo Pay do vivo, amou tanto o morto, que quiz que morresse o vivo, para que o morto vivesse. Vede, se amava mais ao homem q̃ ao Filho, & se do homem parecia Pay, & do Filho naõ. Se assim o havia de julgar Salamaõ, qu muito he que a mim mo pa reça?

390 Sedulio Padre an tigo, & Poeta illustre da Le da Graça, conta hum ca admiravel. Foy à caça hu famoso tirador da Thessa lia, & deixou hum Filho pe queno ao pè de huma arvo re, em quanto se meteo pe las brenhas. Quando torno vio que estava enroscada hu ma serpente no minino. E conselho tomaria o pay en hum caso tam perigoso? S atirava à serpente, arriscava se a matar o filho: se lhe na atirava, mordia a serpente minino, & matava-o. A re soluçaõ foy, que embebe huma setta no arco, & medi a corda com tanta certeza, & pezou o impulso com tant igualdade, que matando serpente, naõ tocou no min no. Pasma Sedulio da feli cidade do tiro, & diz assim *Ars fuit esse patrem.* Nam cuide ninguem que foy ist destreza da arte, foy ser pay Aquella serpente do Paraiso enroscouse em Adam, & en roscouse em Christo: Em Adam, porque foy o author

da

a culpa; em Christo, por-
ue tomou a culpa de Adam
obre sy. Quiz o Eterno Pa-
re matar a serpente; mas
omo se ouve? Faz hum ti-
o à serpente, que estava en-
oscada no homem, mata a
erpente, & naõ toca no ho-
em: faz outro tiro à serpẽ-
e, que estava enroscada no
ilho, mata a serpente, &
assa de parte a parte o Fi-
no. Pois ao Filho mata, &
o homem naõ toca? Sim.
ao Filho atirou com tam
ouco reparo, como se nam
ora seu Filho; & ao homem
om tanto tento, como se fo-
a seu Pay: *Ars fuit esse pa-
rem.* Se o amor se ha de jul-
ar pelas setas, na do homẽ
nostrou o Padre, que era
ay; na do Filho, que o naõ
ra. No dia de a manhaã se
io isto mesmo publicamen-
e, & em proprios termos.

391 Quando Christo,
e Barrabbàs foraõ propostos
or Pilatos à eleiçaõ do Po-
o, clamou o mesmo Povo
olicitado pelos Principes
os Sacerdotes: Morra Chri-
to, & viva Barrabbàs. Gran-
le injustiça, mas muito
nayor mysterio, diz Santo
Athanasio. E qual foy? Que
logo na pirmeira sentença,
com que Christo foy conde-
nado à morte, se visse publi-
camente nos effeitos della, q̃
morria, & era condenado pa-
ra dar vida, & absolver con-
denados. *O res mira, præter-
que omnem opinionem. Subit
sententiam mortis Christus, &
statim Barabbas absolvitur.
Condemnationes ingressus li-
berationis condẽnatorum quã-
dam ingressus fuit.* O Povo,
que costumava ser voz de
Deos, sem entender o que di-
zião as suas vozes, foy o pre-
goeiro da sentença do Padre,
que primeiro tinha ditto:
Morra meu Filho, & viva o
homem. E vede como em
nenhuma figura se podia me-
lhor representar o caso, q̃ na
de Barrabàs. Barrabas, como
dizem S. Lucas, & S. Marcos,
era ladraõ, & homicida. &
Por isso proprijssima figura
do primeiro Homem, q̃ foy
ladraõ, roubando o fruto da
arvore vedada; & homicida,
matandose a sy, & a todos
seus descendentes. E quan-
do o Padre mata, & condena
o Filho para dar vida, & ab-
solver o homem, qual delles

diremos que he o Filho do Padre? Digo confiadamente, q̃ naõ he, segundo parece, o Filho, senaõ o homem. Pois o homẽ representado em Barrabàs, ou o mesmo Barrabàs he o filho? Sim: & outra vez sim, com milagrosa propriedade; porq̃ Barrabàs na lingua Hebraica quer dizer: *Filius Patris*: o filho do Padre. *Barabas filius Patris Latinè dicitur*: diz Santo Ambrosio. E a razaõ da etimologia he, porque Bar em Hebrèo quer dizer filho, & Abbas quer dizer pay. De sorte, que quando o Filho he condenado, para que o homem se livre, & quãdo o Filho morre, para q̃ o homem viva; entaõ o homem se chama Filho do Padre: *Filius Patris*; porque o homem verdadeiramente neste caso, o homem parece q̃ he o Filho do Padre, & o Filho naõ.

Ambr. in cap. 23. Luc.

392 Ah Filho de Deos, que naõ sey se me compadeça de vòs! O certo he, que se de Deos podèra haver ciumes, & no Filho de Deos podèra haver enveja, caso, & occasiaõ era esta, em que Christo podèra ter envejas dos homens, & ciumes do amor de seu Padre. O mesmo Christo o disse, ou descrevèo assim. Quando o Pay recebeo o filho Prodigo com tanta festa, & matou o vitello regalado (que eraõ as delicias naturaes daquelle bom tempo) para lhe fazer o banquete, o filho mais velho, que estava fóra, & teve noticia do que passava, se mostrou tam sentido, & queixoso, que para entrar em casa, foy necessario que o Pay sahisse ao buscar, & darlhe satisfaçoẽs. E quem era este Pay, & estes dous filhos? O Pay era o Eterno Padre, o Filho mais velho Christo, que em quanto Deos foy gerado abæterno; & o filho mais moço o homem, que foy criado em tempo. Pois se o Filho mais velho era Christo, como se mostra tam sentido dos favores, & regalos, que o Pay fez ao mais moço, que nam só parece lhe tem enveja, senaõ ainda ciumes do amor do mesmo Pay? A razaõ he, porque consideradas todas as circunstancias do mysterio da Encarnaçaõ do Verbo, & redempçaõ do genero humano, saõ taes os excessos,

os, que Deos fez pelo ho-
nem, & a differença, com que
ratou a seu Filho; que se o
ilho de Deos fora capaz de
nvejas, & no amor de Deos
uvera lugar de ciumes; ti-
era o Filho grandes ciumes
o amor do Padre, & gran-
es envejas tábem ao favor,
regalo, com que tratou os
omens.

393 O regalo do vitello
orto para o banquete, he o
e que o filho mayor se mo-
rou mais queixoso, & o que
articularmente lançou em
osto ao Pay. Mas tende maõ,
nagoado, & innocente Fi-
ho, tende maõ na vossa jus-
a dor, & sentimento: que a
occasiaõ da queixa, do ciu-
ne, & da enveja, ainda se naõ
eclarou, nem mostrou atè
onde ha de chegar. Dizey-
ne, se em lugar do vitello,
que vosso Pay matou para
vosso irmaõ, vos matàra a
vós, para da vossa carne, &
do vosso sangue lhe fazer hũ
novo prato, que excesso nun-
ca visto seria este? Pois sa-
bey, que assim ha de ser, &
que dessa mesma carne, &
desse mesmo sangue, que ho-
je tomastes, lhe ha de guizar a omnipotencia, a sabidoria, & o amor de vosso Padre hum tam exquisito manjar, que nam tenha comparaçaõ com elle o Mannà do Ceo. Assim foy, & assim o confessou o mesmo Christo, publicando que a instituiçaõ do Sacramento, antes de ser obra sua, fora dadiva do Padre: *Non Moyses dedit vobis panem de cælo, sed Pater meus dat vobis panem de cælo verum.* A tanto chegou, a tanto se estendeo o *Dilexit* do Padre no dia da Encarnaçaõ: & tanto deu aos homens, quando lhe deu seu Unigenito Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret.* *Joan. 6. 32.*

§. V.

394 Mas se no dia da Encarnaçaõ amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho, contrapondo agora hum dia a outro dia, & hum amor a outro amor, vejamos tambem como no dia de hoje amou tanto o Filho aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Padre. E posto que o *Dilexit* daquelle primeiro dia nos

abrio mais largo campo, & nos deu mais ampla, & copiosa materia com as obediencias entam impostas por seu Padre ao Verbo recentemente encarnado, cujas execuçoens se estendèraõ atè a hora da morte, à qual principalmente se ordenàram: & pelo contrario o *Dilexit* deste dia se estreita, & limita sómente às acçoens de poucas horas, sem mais teatro, q̃ o de hũ Cenaculo, nem mais campo, que o de hum Horto; espera com tudo o amor de hoje confiadamente, que sem sair da estacada ha de correr, & quebrar as lanças com tal esforço, que se lhe nam duvide a vitoria.

395 *Suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* O que muito se deve reparar nestas palavras do Evangelista, he que ao Padre chama sómente Padre, & nam lhe chama seu, & aos homens chama sómente seus, & nam lhe dà outro nome. Ao Padre chama sómente Padre, & nam lhe chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*: aos homens chama sómente seus, & naõ lhe dà outro nome: *Suos qui erant in mundo in finem dilexit eos.* Em quasi todas as paginas do Evangelho chama Christo a seu Padre, meu Padre, & do mesmo modo aos homens, cõ quem tratava, humas vezes lhe chama servos, outras discipulos, outras amigos, outras filhos. Pois se o mesmo Christo a seu Padre chamava seu & aos homens nomeava variamente segundo o pedia a occasiaõ com taõ differentes titulos; como neste dia finaladamente (*Ante diem festum Paschæ*) muda o Evangelista de estylo, & com termos nem antes, nem depois usados, aos homens chama sómente seus: *Suos qui erant in mundo*; & ao Padre nam chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem?* O certo he, que Sam Joaõ como Secretario do peito, & amor de Christo, nam sabio neste dia com huma novidade tam singular, sem muito grande, & bem fundada causa. Qual esta fosse, nam me toca a mim hoje especular; o que só pertence a meu intento, he dizer o que parece. Digo pois, que esta palavra,

Seu,

Seu, quando nam significa dominio, senaõ especialidade (como aqui) nam só he denominaçam de amor, senaõ de mayor amor. Apertado ElRey Ezechias pelos exercitos dos Assyrios, mandou pedir ao Profeta Isaias, que encomendasse a Deos aquella grande necessidade, & o consultasse nella: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus verba Rabsacis, quem misit Rex Assyriorum ad blasphemandum Dominum Deum viventem, & exprobrandum sermonibus, quos audivit Dominus Deus tuus.* Estas foraõ as palavras do recado, nas quaes he muito para notar, que pede o Rey a Isaias, naõ só que encomende o caso a Deos, senaõ ao seu Deos: seu de Isaias, & nam seu do mesmo Rey: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus: quos audivit Dominus Deus tuus.* ElRey Ezechias, & o Profeta Isaias ambos criaõ, & adoravaõ o mesmo Deos verdadeiro. Pois se o Deos do Rey, & o do Profeta era o mesmo, porque se chama Deos seu do Profeta, & nam Deos seu do Rey? A razaõ literal he, porque esta denominaçam de seu, naõ se funda só na fé, senaõ no amor. Neste sentido dizia Santo Agustinho: *O Deus, utinam possem dicere meus?* Chamovos Deos, porque vos creyo, mas naõ me atrevo a vos chamar meu, porque vos nam amo. Porèm esta razam, ou exceiçaõ naõ tinha lugar em Ezechias, porque Ezechias era Rey santo, & amava muito a Deos. Pois se Ezechias tambem amava a Deos, porque lhe naõ chama meu, ou nosso, senaõ seu de Isaias: *Deus tuus?* Porque Isaias, como Profeta de tam singular, & levantado espirito, amava, & era amado de Deos muito mais que o Rey, & que todos quantos entaõ havia em Israel; & este nome, ou titulo de seu, nam só he denominaçaõ de amor, senaõ de mayor amor; nem só significa ser amado, senaõ mais amado.

396 He tam certa, & tam geral esta regra (para q̃ senaõ duvide della, nem pela parte do Padre, nem pela nossa) que nam só se verifica do amor para com Deos,

ſenaõ tambem do amor para com os homens. Quando Deos ouve de levar para o Ceo a Elias, aſſim os Profetas de Bethel, como os de Jericò, diſſeraõ a Eliſeu pelas
4. *Reg.* meſmas palavras: *Nunquid*
2. 3. *noſti quia hodie Dominus tollet Dominum tuum à tè?* Sabes, que hoje ha Deos de levar para ſy a teu Senhor? Aſſim chamavaõ por reverencia a ſeu Meſtre. Mas ſe Elias Meſtre de Eliſeu tãbem era Meſtre de todos os outros Profetas, que viviaõ naquelles deſertos, porque naõ chamàraõ a Elias, noſſo Meſtre, ſenaõ ſeu de Eliſeu: *Dominum tuum?* Era de todos, & ſó de Eliſeu era ſeu? Sim: porque entre todos os Diſcipulos o que mais amava, & o mais amado de Elias, era Eliſeu; & eſte nome, ou perrogativa de ſeu, he tam propria, & ſingular do mayor amor, que ſendo Elias ſeu Meſtre de todos, de Eliſeu ſó era ſeu, & dos outros nam. Por iſſo em confirmaçaõ do meſmo amor, & da meſma ſingularidade nam diſſeram, que Elias os havia de deixar a elles, ſenaõ a elle: *Tollet à te.* E como o ſer ſeu, ou naõ ſer ſeu, he o meſmo que ſer, ou nam ſer o mais amado, vendo nòs hoje, que fallando S. Joaõ do amor de Chriſto, aos homens chama ſeus: *Suos qui erant in mundo*, & ao Padre nam chama ſeu: *Ut tranſeat ex hoc mundo ad Patrem.* que havemos de arguir, ou inferir deſta differença? Por ventura havemos de inferir, que ao Padre, que ſe naõ chama ſeu, amou Chriſto menos, & aos homens, que ſe chamaõ ſeus, amou mais? Nenhum Chriſtaõ he tam ignorante, que lhe ouveſſe de vir ao penſamento tal erro. Mas huma couſa he o que he, outra o q̃ parece. Sempre Chriſto infinitamente, & ſem nenhũa comparaçaõ, amou mais ao Padre que aos homens; porèm nelle dia, em que o Evãgeliſta ſingularmẽte lhe chama ſeus, foraõ taes os extremos de amor, que o meſmo Filho de Deos fez por elles; que parece amou mais aos homens, que ao Padre.

Ora

§. VI.

397 Ora diſcorramos por todas as acçoens de Chriſto neſte meſmo dia ſem ſair delle; & veremos, como todas confirmaõ eſte parecer. Quando o amoroſo Senhor deo principio à primeira, q̃ foy lavar os pès aos Diſcipulos, nota, & pondèra o Evãgeliſta, que ſe deliberou o Divino Meſtre a huma acçaõ tam prodigioſa, conſiderando, & advertindo, que ſeu Padre lhe tinha poſto tudo nas maõs: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, cæpit lavare pedes diſcipulorum.* Muitas outras vezes ſe faz mençaõ no Texto ſagrado deſte tudo dado a Chriſto por ſeu Eterno Padre. *Omnia mihi tradita ſunt à Patre meo. Omnia quæcumque habet Pater, mea ſunt. Omnia quæ dediſti mihi, abs te ſunt.* E em outros muitos lugares. Pois ſe tantas vezes ſe repete, que o Padre deo tudo a ſeu Filho, porque razaõ ſó neſte lugar ſe diz, que eſſe tudo lho poz nas maõs: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus?* Sem duvida pela correſpondencia, & oppoſiçaõ que tem as maõs com os pès. O intento do Evangeliſta era encarecer o amor de Chriſto, neſte dia, para com os homens: & haver o Filho de Deos de lavar os pès aos homens com aquellas meſmas maõs, em que o Eterno Padre tinha poſto tudo, parece que levantava tanto a baixeza da meſma acçaõ, que chegava a tocar no Padre. Por iſſo diſſe, *Pater*, com grande advertencia. Bem podèra o Evangeliſta dizer Deos, como logo continuou: *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deũ vadit*: mas diſſe nomeadamente, Padre: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*; para aſſim como cõtrapoz as maõs aos pès, contrapôr tambem o Padre aos homens. E verdadeiramente neſta oppoſiçaõ de maõs a pés, & de Padre a homens, parece, que foraõ mais amados os homens, que o meſmo Padre.

398 O amor todo he eſtimaçaõ. E quem haverà, que vendo ao Filho de Deos lavar os pés aos homẽs com

aquellas meſmas maõs, em que o Padre tinha poſto tudo, naõ lhe pareça, que a olhos viſtos fez mais eſtimaçam o Filho dos pès dos homens, que das dadivas do Padre? O Padre eſtimou tãto ao Filho, que tudo quanto tinha poz nas maõs do Filho: *Omnia dedit ei Pater in manus*: & o Filho eſtimou tanto aos homens, que com tudo quanto o Padre lhe tinha poſto nas maõs, poz as meſmas maõs aos pès dos homens: *Cæpit lavare pedes diſcipulorum.* Notay eſte modo de lavar, que foy muito diverſo do que coſtuma ſer. Naõ lavou os pès aos homens com as maõs vazias, ſenaõ com as maõs cheias. Aſſim lavou, & aſſim havia de lavar, porque aſſim lava Deos. Deos quando lava, naõ ſó alimpa, mas enriquece: alimpa, porque nos tira as manchas da culpa; & enriquece, porque juntamente nos enche dos theſouros da Graça. Aſſim q̃ ſendo Deos o que lavava os pès aos Diſcipulos, claro eſtà, que nam havia de ſer com as maõs vazias, ſenaõ cheias. Mas ſe eſtavaõ cheias de tudo o que nellas poz o Padre: & eſſas meſmas maõs poem Chriſto debaixo dos pès dos homẽs, como ſe naõ ha de entender que eſtima mais os meſmos pès, que tudo quanto o Padre lhe poz nas maõs?

399 Dos Chriſtaõs da primitiva Igreja diz Saõ Lucas, que tudo quanto tinhaõ, vendiaõ, & punhaõ o preço aos pès dos Apoſtolos: *Afferebant pretia eorum, quæ vẽdebant, & ponebant ante pedes Apoſtolorum.* E porque lho punhaõ aos pés, & naõ lho entregavaõ nas maõs, ſe era o preço de tudo? Para moſtrar, diz Sam Chryſoſtomo, que eſtimavaõ mais os pés dos Apoſtolos, que tudo quanto davaõ, & quanto tinhaõ. Entregarlho nas maõs, ſeria fazer eſtimaçaõ do que davaõ; pôrlho aos pès, era proteſtar a veneraçaõ das peſſoas: & como eſtimavaõ mais as peſſoas, que as dadivas, por iſſo lhas punhaõ aos pés, & naõ lhas davaõ nas maõs: *Ponebant ante pedes Apoſtolorum.* Oh dadivas do Padre! Oh pès dos homens! Oh amor, & eſtimaçam de

Chri-

Chriſto! O Padre deo tudo, quanto tinha, ao Filho, & naõ lho poz aos pès, ſenam nas maõs; porque eſtimou o que lhe dava, quanto a meſma dadiva merecia, pois era udo quanto tinha Deos. E que eſte tudo do Padre, de que eſtavaõ cheias as maõs lo Filho, o puzeſſe o Filho, x mais as meſmas maõs aos pès dos homens!

400 O que podia daqui nferir o diſcurſo, ſe naõ tiveſſe maõ nelle a Fè, he que prezou Chriſto mais os pès dos homens, que as dadivas do Padre. Mas o certo, & a verdade he, que naõ foy, nẽ podia ſer aſſim. Amou, & eſtimou o Filho ſummamẽte as dadivas de ſeu Padre, tãto pelo que eraõ em ſy, como pelas maõs de quem vinhaõ. Porèm eſta meſma eſtimaçaõ naõ desfaz, antes reforça mais o meſmo diſcurſo; porque delle ſe infere eſtima com ſobre eſtimaçaõ, & amor ſobre amor. Quando a Madalena poz aos pés de Chriſto os alabaſtros, os unguẽtos, os cabellos, os olhos, as lagrimas, as maõs, a boca, & a ſy meſma, naõ foy porque nam eſtimaſſe tudo iſto, ſenaõ porque tudo iſto era o que mais eſtimava. E que conſequẽcia tirou dalli, naõ outrem, ſenaõ o meſmo Chriſto? *Quoniam dilexit multum.* Luc. 7. 47. De por tudo o que mais eſtimava, & a ſy meſma a ſeus pés, inferio o Senhor o grande exceſſo com que amava. E aſſim era. Porque quando o que ſe preza muito em hum amor ſe poem aos pés do outro, entaõ ſe prova que eſte ſegundo he mayor. Logo ſe aſſim o inferio Chriſto, porque nam inferiremos nòs o meſmo? Se tudo quanto o Padre poz nas maõs do Filho, & as meſmas maõs, & a ſy meſmo poſtrado em terra, poem o Filho aos pés dos homens, como nam ha de parecer que os homens ſaõ os que mais eſtima, & os homens os que mais ama?

401 Para declarar o amor do Padre, foynos neceſſario fingir parabolas: para inferir o do Filho nam he neceſſario fingilas, baſta applicar huma, & ſua. Quando o filho Prodigo em ſervi-ço de outro amor empregou quãto tinha recebido de ſeu

Pay

Pay, & sua propria pessoa, até se abaixar às mayores vilezas de servo, nam he certo que amou mais a quem se tinha rendido, que a seu Pay? Pois este Prodigo foy Christo, diz Guerrico Abbade, & depois delle Guilielmo, ainda com mayor energia. *Quis unicus Prodigus invenitur, sicut ille unigenitus Patris?* O unico Prodigo que houve no mũdo, foy o Filho do Eterno Padre. E porque Prodigo, & unico? Prodigo, porque se pareceo com o Prodigo; & unico, porque o excedeo. Pareceuse com o Prodigo; porque assim como o Prodigo tudo quanto tinha recebido do Pay, & a sy mesmo empregou em serviço, & amor de quem o naõ merecia; assim Christo com tudo quanto lhe tinha dado seu Padre, & cõ sua propria Pessoa, servio, & amou aos homens: & (para que a parabola ficasse inteira) a homens peccadores. E excedeo muito ao mesmo Prodigo; porque o Prodigo obrigado da fome foy buscar o paõ a casa do Pay; & Christo nam o foy buscar a outra parte, mas desentranhouse sy mesmo, & fezse paõ: o Prodigo arrepẽdeose do seu amor, & pedio perdaõ do q tinha amado; & Christo naõ se arrependeo já mais, mas perseverou constãte no mesmo amor até o fim: *In finem dilexit eos.*

Guerr. serm. in Pẽt Guil. apud Euseb. in Theopol. p. 1. lib. 1. c. 4.

402 Do ministerio humilde do lavatorio passou o Senhor ao mysterio altissimo do Sacramento, & aqui se declarou seu amor muito mais por parte dos homens. E porque? Porque para o Padre instituio o Sacramento como Sacrificio, para os homens instituio o Sacrificio como Sacramento: & posto q̃ o mysterio seja o mesmo, mayor amor se argue delle em quanto Sacramento, que em quanto Sacrificio. Como Sacrificio consumese; como Sacramento conservase: como Sacrificio he acçaõ transeunte; como Sacramento, permanente: como Sacrificio tem horas do dia certas; como Sacramento he de todo o tẽpo, de dia, & de noite: como Sacrificio nam se aparta do alrar, & de sobre a àra; como Sacramẽto

o ſae às ruas, & entrà em
ioſſas caſas: como Sacrificio
m fim tem por fim o culto,
: adoraçam do Padre; co-
no Sacramento a preſença, a
ſſiſtencia, & a uniaõ com os
omens; vede a differença
o amor na meſma inſtitui-
am, & na meſma meſa, que
oy a meſa, & o altar: *Tibi*,
o Padre? *gratias agẽs. Diſ-
ipulis*, aos homens? *accipite,
& comedite.* Ao Padre deo
s graças, aos homens fez o
anquete: ao Padre offere-
èoſe, com os homens unio-
e.

403 E como ſe unio? He tal a uniaõ, que os homẽs contrahem com Chriſto no Sacramento, que comparada com a meſma uniaõ, que o Filho tem com o Padre, ſe a nam excede em quãto uniaõ, excedea muito em quanto amoroſa. Revellando Chriſto a uniaõ altiſſima que tem com ſeu Padre, diz: *Ego in Patre, & Pater in me eſt*: Eu eſtou no Padre, & o Padre eſtà em mim. E declarando a uniaõ que tem com o homem no Sacramento, diz pelos meſmos termos: *In me manet, & ego in illo*: Elle eſtà em mim, & eu nelle. E qual deſtas duas unioens tam parecidas he mayor? A que o Filho tem com o Padre he mayor em genero de uniaõ; porque he unidade: porèm a que Chriſto tem com o homem no Sacramento, he mayor em genero de amoroſa; porque a fez o amor. Pois a uniaõ que tem o Filho com o Padre, nam a fez o amor? Nam. Porque a uniaõ entre o Padre, & o Filho fundaſe na geraçam eterna antecedẽte a todo acto da vontade. A noſſa he obra da vontade do Filho: a do Filho he obra do entendimento do Padre. O Filho eſtà no Padre, & o Padre no Filho; porque o Padre ſe conheceo & nòs eſtamos em Chriſto, & Chriſto em nòs; porque o Filho nos amou. Logo ainda em comparaçam da uniaõ, que o Filho tem com o Padre, vence ſem controverſia, nem batalha o amor dos homens.

404 Iſto no Sacramento em quanto Sacramento. E paſſando ao Sacrificio em quanto Sacrificio; digo que tambem o meſmo Sacrificio ſe ordenou a mayor uniaõ de Chri-

Christo com os homens, que do mesmo Christo cõ o Padre. Santo Agustinho distinguindo esta uniaõ, & admirádo o amor de Christo nella, depois de advertir que todo o Sacrificio se compoem de quatro partes: *Quid offeratur, à quo offeratur, cui offeratur, pro quibus offeratur*: Quem offerece, o que offerece, a quem offerece, & por quem offerece; diz que o fim, que Christo teve no admiravel invento do seu Sacrificio, foy fazer que todos estes quatro por meyo delle fossem huã só cousa. *Ut idem ipse unus, verusque mediator per sacrificium pacis reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret, cui offerebat: unum in se faceret, pro quibus offerebat: unus ipse esset, qui offerebat, & quod offerebat.* Só a agudeza de Agustinho podéra penetrar os intimos secretos de tam intricado, & bem tecido laberinto de amor. No Sacrificio do Altar, quem offerece, he Christo; o que offerece, he seu Corpo; a quem offerece, he o Padre, por quem offerece, saõ os homens. E como pòde

August. lib. 4. Trin. cap. 14

ter, que todos estes quatro em hum só Sacrificio se unaõ de tal sorte, que sejaõ huma & a mesma cousa? Deste modo. Para que Christo, que he o Sacerdote, que offerece, fosse a mesma cousa com o Sacrificio; fez, que o Sacrificio fosse de seu Corpo para que os homens, por quem se offerece, fossem a mesma cousa com o Sacrificio, & com o Sacerdote; fez que os homens o comessemos: E para que o Padre a quem se offerece, fosse a mesma cousa com os homẽs & com Christo; fez que por meyo do mesmo Sacrificio se reconciliasse o Padre com os homens. Só o amor omnipotente podia inventar hũ bocado, em que sendo hum só o que o come, fossem quatro, & taes quatro, os que ficassem unidos.

405 Agora pergunto eu: E nesta uniaõ tam maravilhosa, como verdadeira, à qual Christo ordenou o mesmo Sacrificio, que offerece ao Padre, quem saõ os que ficaõ mais unidos a Christo, o Padre, ou os homens? Naõ ha duvida,

que

uè ōs homens. Porque a oſſa uniaõ com Chriſto he nmediata, & directa, a niaõ do Padre com o meſ. ıo Chriſto he mediata, & eflexa. A nòs unionos Chri. o immediatamente a ſy, o Padre unioſe o meſmo Chriſto por meyo de nòs. Porque o Padre ſe unio a ıòs, poriſſo Chriſto ſe unio o Padre. De ſorte, que a niaõ de Chriſto com o Pa. lre foy o effeito, & a uniaõ lo Padre comnoſco foy o notivo. Tornay a ouvir as alavras de Aguſtinho, & uvias com attençaõ: *Ut ip. e unus per ſacrificium pacis reconcilians nos Deo, unum um illo maneret, cui offere. at*: Offereceoſe Chriſto ao Padre em Sacrificio, para que por meyo do meſmo Sacrificio reconciliandoſe o Padre com os homens, ſe uniſſe Chriſto ao meſmo Padre. Pois para Chriſto ſe unir ao Padre, he neceſſario que o Padre primeiro ſe una aos homens, & reconcilie com elles? Sim: que debaixo deſtas condiçoens ama Deos quando parece que antepoem o amor dos homens ao ſeu amor. *Si offers munus tuum ad altare, & ibi recordatus fueris, quia frater tuus habet aliquid adverſum te: vade prius reconciliari fratri tuo, & tunc offeres munus tuum*: Se tiveres poſta a tua offerta ao pè do meu altar (diz Deos) & naõ eſtiveres reconciliado com teu proximo, vay primeiro reconciliarte com elle, & entaõ aceitarey a tua offerta. Ao meſmo modo, & debaixo da meſma condiçaõ ſe une Chriſto ao Padre no Sacrificio de ſeu Corpo. Aſſim como Deos naõ aceita a offerta do homem antes de o homem eſtar reconciliado com o proximo; aſſim Chriſto naõ ſe une ao Padre antes de o Padre ſe reconciliar com os homens: *Ut reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret.* Oh aſſombro! Oh prodigio do amor de Chriſto para com os homens, ainda em reſpeito do Padre! O mayor Interprete dos Evangeliſtas commentando eſte texto infere delle, que Deos em certo modo antepoem o amor do proximo ao ſeu proprio amor: *Dilectioni quodammodo*

Math. 5. 24.

Mal. donat. ibi.

modo sui proximi dilectionem anteponit. E se esta força tem a condiçaõ de estar primeiro reconciliado o homem com o proximo para Deos aceitar a sua offerta; porque naõ terà a mesma consequencia o estar primeiro reconciliado o Padre com os homens, para Christo se unir ao Padre? E para que se veja quanta certeza tem isto que se chama em certo modo, ouçamos ao mesmo Christo neste mesmo dia, & na mesma mesa, em que instituio o mesmo mysterio. *Ipse Pater amat vos, quia vos me amastis*: O Padre amavos a vòs, porque vòs me amastes. A força deste porque he igual em hum, & outro caso. Assim como o Padre ama aos homens, porque os homens amaõ ao Filho, assim o Filho se une ao Padre, por que o Padre se une aos homens. Logo se amar o Padre aos homens, porque os homens amaõ ao Filho, he final de amar o Padre mais ao Filho que aos homens: tambem o unirse o Filho ao Padre, porque o Padre se une aos homens, serà final de amar o Filho mais aos homens que ao Padre? A Fè naõ pode affirmar, que seja assim; mas o entendimento naõ pode negar, q̃ o parece.

Ioan. 16.27.

§. VII.

406 Acabados os mysterios da sagrada Cea, querendo o Senhor partir do Cenaculo para o Horto, onde finalmente se despedio dos seus para sempre, fallou aos Discipulos nesta fórma: *Ut cognoscat mundus, quia diligo Patrem, & sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio: surgite; eamus hinc.* Para que conheça o mundo quanto amo a meu Padre, & quam obediente sou a seus preceitos: levantaivos, vamonos daqui. Destas palavras se prova hũa cousa certamente, & parece que se prova outra. A que se prova certamente, he, que naõ tinha Christo neste mundo cousa, que mais amasse, que os homens, nem que mais lhe ouvesse de custar, que apartarse delles; pois este era o mayor exemplo, & demostraçaõ, por onde o mun-

undo havia de conhecer
anto o meſmo Senhor a-
ava a ſeu Padre. Mas da-
i meſmo parece ſe prova
om evidencia (contra o que
èg̃ora queriamos arguir)
ue muyto mayor he , &
uyto mais pode com Chri-
o o amor do Padre , que o
nor dos homens ; pois cu-
ando tanto ao ſeu coraçaõ
deixallos , & apartarſe del-
s , em conſticto de amor
om amor , prevalece o amor
o Padre. Aſſim parece ; mas
aõ he aſſim : antes das meſ-
as palavras de Chriſto ſe
onvence o contrario: & que
ais forte era no ſeu coraçaõ
amor dos homens que o
mor do Padre. Provo. Por-
ue o Senhor naõ diz que o
eva , & o aparta dos homens
ó o amor do Padre , ſenaõ o
mor do Padre , & mais a
bediencia do Padre : *Quia*
diligo Patrem, & ſicut man-
datum dedit mihi Pater , ſic
facio. Se o amor do Padre
contendèra ſó por ſó com o
mor dos homens , & preva-
lecèra , entaõ ſe inferia bem
q̃ era mais poderoſo , mas ſe
elle ſe naõ atreveo a entrar
na contenda ſenaõ acompa-
nhado da obediencia (a que
naõ era licito reſiſtir ;) dahi
meſmo ſe infere claramente ,
& ſe convence , q̃ ſe naõ fiava
ſó das ſuas forças , nem fo-
raõ ellas ſó as que prevalecèraõ. Porque ſe naõ atreve-
raõ nunca os Filiſteos contra
Samſam , ſenaõ quando Da-
lila o tinho atado ? Porque
reconheciaõ , que Samſam
era mais valente que elles. A
Dalila , que atou as maõs ao
amor , com que Chriſto ama-
va os homens , foy a obe-
diencia : E como o amor ,
com que amava ao Padre ,
arcou com elle eſtando com
as maõs atadas ; que muyto
he que prevaleceſſe ? Aſſim
foy vencido Samſam , ſendo
mais forte.

407 Mas ainda a ſua hy-
ſtoria tem mais ſemelhanças
do noſſo caſo. Naõ ſó foy
vencido Samſam ; porque o
atou Dalila , mas porque
foy ſubornado o ſeu amor.
Para que o amor do Padre
prevaleceſſe em Chriſto ao
amor dos homens , naõ ſó
empenhou o Padre as razoẽs
do ſeu amor , & os poderes
da ſua obediencia , mas ſub-
ornou o meſmo amor , com
que

que Chriſto amava aos homens, para que naõ ſó como obrigado, & obediente, mas como intereſſado, ſe deixaſſe render. E que ſuborno foy eſte? Foraõ os doens do Eſpirito Santo, os quaes decretou o Padre, que Chriſto naõ podeſſe dar, ou mandar aos homens, ſenaõ depois de ſubir ao Ceo, & eſtar com o meſmo Padre. *Joan. 16. 7. Expedit, ut Ego vadam: ſi enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos; ſi autem abiero, mittam eum ad vos.* Vede quam poderoſo foy, & quam engenhoſo juntamente o empenho do Padre para render, & obrigar a Chriſto, a que ſe apartaſſe dos homens. Subornou-o com os doens, que havia de dar aos meſmos homens; mas com condiçaõ, & decreto, que lhos naõ podeſſe dar, ſenaõ apartandoſe primeiro delles. O amor de Dalila, como amor falſo, deixouſe ſubornar dos doens que recebeo para ſy: o amor de Chriſto, como verdadeiro, ſó póde ſer ſubornado dos doens, que recebeo para dar aos homens. Agora ficará bem entendido; & concor dado aquelle encontro d S. Paulo com David, qu tanta diſcordia tem cauſad entre os Expoſitores. S. Pau lo diz, q̃ ſubindo Chriſto a Ceo, deu doens aos homens *Aſcendens in altum, dedit do na hominibus*: E David na diz que os deu, ſenaõ que o recebeo: *Aſcendiſti in altum accepiſti dona in hominibus* Pois ſe S. Paulo cita ao meſ mo David, & David diz que Chriſto ſubindo ao Ceo recebeo os doens, como diz & treslada S. Paulo, naõ qu os recebeo, ſenaõ que o deu? Porque tudo foy. Re cebeo os do Padre para o dar aos homens. O meſm David o declarou aſſim: *Ac cepiſti dona in hominibus.* Naõ diz que recebeo os doens em ſy, ſenaõ que os recebeo nos homens: *In hominibus* porque para os dar aos ho mens os recebeo. Deſta maneira ſubornou o Padre o a mor de Chriſto com grande credito do meſmo amor, c qual quando he verdadeiro ſó ſe deixa ſubornar das conveniencias do amado: *Ex pedit vobis, ut Ego vadam*

oume, porque a vòs vos
nvem, que eu me va.
omo se disséra o amoroso
enhor a os homens: Naõ
e só o Padre o que me le-
a, tambem vòs sois os que
e levais. Naõ só vou para
Padre, porque he obe-
iencia sua, senaõ porque
e conveniencia vossa: naõ
ó porque o amo a elle, se-
aõ porque vos amo a vòs.
se o amor do Padre nesta
ccasiaõ se valeo para com
hristo do mesmo amor dos
omens; bem parece que
mava mais Christo aos ho-
ens, que ao Pedre. Se naõ
ora assim, quando o Evan-
elista disse: *Ut transeat ex*
oc mundo ad Patrem, disse-
a: *In finem dilexit eum*: mas
omo diz, *Dilexit eos*: pare-
e que nos confirma o mes-
no parecer.

408 Vay por diante a
ratica, vay se desafogando
amor, & sempre em no-
os argumentos a favor dos
omens. Desenganados os
Discipulos da partida por
arte da obediencia do Pa-
re forçosa, & por parte dos
eus interesses convenientes
utro motivo com que o be-

nignissimo Senhor os consolou, foy a promessa de que ainda o haviaõ de tornar a ver, se bem por breve tempo: *Iterum modicum, & videbitis me, quia vado ad Patrem.* Da intelligencia destas palavras duvidáraõ com tal admiraçaõ os Discipulos, q̃ se perguntavaõ huns aos outros: *Quid est hoc, quod dicit nobis: modicum, & quia vado ad Patrem?* E finalmente se resolvêo entre todos, que nenhum delles sabía, nem podia entender o que Senhor dizia: *Nescimus quid loquitur.* Notavel caso! Se as palavras eraõ tam claras, que todos as entendemos; como se naõ achou em toda a Escola de Christo quem as soubesse entender; & mais estando alli S. Ioaõ, o qual pouco antes reclinado sobre o peito do mesmo Senhor tinha aprendido, & recolhido delle os thesouros da mais alta sabidoría? Com tudo todos elles confessáraõ, que nenhum sabia, nem entendia, o que queriaõ dizer aquellas palavras. E o que menos as entendia, era o mesmo S. Ioaõ, porque en-

Ioan. 16. 16

Ibid. 17.

tendia melhor que todos o que dellas se entendia. Cada huã das partes da proposiçaõ era muito facil, mas ambas juntas naõ cabiaõ em nenhũ entendimento. Huma parte dizia, que Christo se partia para o Padre: *Quia vado ad Patrem*: a outra parte dizia, que o tempo, que se detiveſſe na terra cõ os Discipulos, havia de ſer pouco: *Modicum, & videbitis me*: & que o tempo deſta demòra, ſendo tempo que dilatava a Chriſto a ida para ſeu Padre, ouveſſe de ſer pouco, & muito pouco, (que iſto quer dizer *modicum*) eſta era a difficuldade, que os embaraçava, & ſe não deixava entender. E porque? Porque della ſe inferia por natural conſequencia huma grande implicaçaõ no amor de Chriſto: a qual depois ſe declarou ainda mais, moſtrando a experiencia, que aquella demora, ou tardança, foy de quarenta dias.

409 Naõ ha couſa, que mais alargue o tempo na auſencia, & na ſaudade, que a dilaçaõ: as horas ſe fazem annos, & os dias ſeculos. Pois ſe as ſaudades, & dez jos de Chriſto ſubir ao P dre eraõ quaes deviaõ ſer de hum Filho, & tal Filh para ver hum Pay, & tal Pa depois de huma auſencia trinta, & quatro annos, c mo podia ſer breve temp & tam breve o de tam lar dilaçaõ? O que daqui ſe i feria naturalmente, he q no coraçaõ do Senhor reyn va outro affecto dominar te, o qual em oppoſiçaõ amor do Padre, como ma poderoſo que elle, eſtreita as diſtancias, & encurta os eſpaços àquelle meſm tempo. O tempo defineſe *Menſura primi mobilis*: medida do primeiro move & o primeiro movel neſt mundo pequeno, que cha mamos homem, he o cora çaõ. Daqui vem, que ſe gundo os movimentos d meſmo coraçaõ pòde o meſ mo tempo com differente reſpeitos ſer longo, & breve E taes ſe convencia pel diſcurſo ſerem em reſpeito do Padre, & dos homens aquelles quarenta dias. Para ir ao Padre, eraõ dias, & quarenta; mas para ſe dete

com

om os homens, eraõ huñs inutos, ou momentos tam reviados, que naõ chega- iõ a fazer numero. Iſto que- a dizer a palavra *Modicum* muito mais a palavra *Va-*. Suppoſto que o Senhor romettia aos Diſcipulos, ſe havia de deter com elles lgum tempo, parece que aõ havia de dizer, Vou, naõ, Hey de ir. Antes mais ropriamente havia de di- er, naõ vou, ou naõ irey am depreſſa, que naõ te- ihais tempo de me ver. Pois e o Senhor naõ hia ainda ntaõ, quando o dizia, nem lepois de ſua Reſurreiçaõ iavia de ir, ſenaõ dahi a quarenta dias, como diz que jà naquelle meſmo dia, & naquella meſma hora hia: *Quia vado*? Porque como aquelles dias eraõ de eſtar com os homens, o amor dos meſmos homens os abrevia- va, unia, & penetrava entre ſy de tal ſorte, que naõ ſó cabiaõ todos, mas todos eſtavaõ reſumidos àquella meſma hora. Por iſſo quan- do, ſegundo as leys do tem- po, parece que havia de di- zer, hey de ir, ſegundo as experiencias do ſeu amor, dizia, vou, *Vado*. Grande prova no meſmo Texto Evangelico.

410 Na madrugada do primeiro dos meſmos qua- renta dias, que foy o da Re- ſurreiçaõ, o recado, que ap- parecendo o Senhor à Ma- dàlena lhe deu, para que o levaſſe aos Apoſtolos, foy eſte. Dize a meus Diſcipu- los, que vaõ eſperar por mim a Galilèa, por quan- to ſubo ao Padre: *Aſcendo ad Patrem meum, & Patrem veſtrum*. E como a Mada- lena ſe quizeſſe lançar a ſeus pès, prohibiolhe o Senhor eſta detença, dizendo, que ainda naõ tinha ſubido ao Padre: *Nondum aſcendi ad Patrem.* Pois ſe o Filho naõ havia de ſubir ao Padre, ſe- naõ dahi a quarenta dias; como naõ diz que havia de ſubir, ſenaõ que jà ſu- bia: *Aſcendo*? E ſe aos Apo- ſtolos mandou dizer que ſubia, à Madàlena porque diz que naõ tinha ſubido: *Nondum aſcendi*? Naõ ſe podia melhor declarar, co- mo todas as differenças do tempo no coraçaõ, & amor *Ioan.* 20. 17.

de Chriſto eſtavaõ reſumidas àquella hora. A madrugada da Reſurreiçaõ era a primeira hora dos quarenta dias, depois dos quaes o Senhor havia de ſubir ao Padre; mas o amor, & dezejo de eſtar com os homens lhe faziaõ tam breves todos aquelles dias, que o principio do primeiro lhe parecia jà o fim do ultimo. Por iſſo naõ diz que havia de ſubir, ſenaõ que jà ſubia: *Aſcendo.* E aſſim como o meſmo amor, & dezejo, ſendo o prazo tam diſtante, lhe fazia o futuro preſente; aſſim ſendo a duraçaõ tam comprida, lhe fazia tam breve o meſmo preſente, que jà podia parecer paſſado. Por iſſo diſſe à Madalena, que ainda naõ tinha ſubido: *Nondum aſcendi.* No *aſcendo* tinha ditto nomeadamente *ad Patrem*: E no *aſcendi* tornou a repetir do meſmo modo, *ad Patrem*: para que ſe veja os poderes, que tinha no peito de Chriſto, ainda em concurſo do amor do Padre, o amor dos homens. E ſe o amor, na preſença do que ama, abrevia o tempo, & na auzencia o alonga; quando o meſmo tempo em quanto dilatava a Chriſto a partida para o Padre, lhe naõ parecia largo, & em quanto lhe permittia eſtar com os homens, lhe parecia tam breve; quem naõ julgarà neſta differença, que amava mais aos homẽs, que ao Padre? Iſto era o que naturalmente ſe inferia das palavras de Chriſto, & eſta foy a difficuldade, ou implicaçaõ, porque todos os Apoſtolos, & muito mais S. Ioaõ, as naõ entendiaõ: *Neſcimus quid loquitur.*

411 Ouve de apartarſe finalmente o ſoberano Senhor, & porque eſte apartamento naõ cauſaſſe nos Diſcipulos o que naturalmente coſtuma nos homens; exhortando-os a eſtarem ſempre unidos com elle por memoria, & por amor, lhe declarou a importancia deſta uniaõ com o exemplo da vinha, em que as vides naõ podem dar fruto, ſenaõ unidas à cepa, & diſſe aſſim: *Ego ſum vitis, vos palmites; Pater meus agricola eſt*: Eu, Diſcipulos meus, ſou a cepa, vòs ſois as vides, & meu Padre he o Lavrador. Aqui temos

temos outra vez o Padre, os homens, & o meſmo Chriſto, que he todo o concurſo da noſſa queſtaõ; mas a Peſſoa do Padre, que naõ eſtà applicada, como pedia a propriedade natural da parabola. Se Chriſto ſe compara à cepa, & os Diſcipulos às vides; parece que o Padre ſe havia de comparar à raiz; & naõ ao Lavrador. Chriſto he Filho do Padre, & os Diſcipulos ſaõ filhos de Chriſto, como o meſmo Senhor lhe chamou neſta occaſiaõ: *Filioli, adhuc modicum vobiſcum ſum*: (*Filioli*, diz: E quem poderà comprehender a immenſidade de amor, que naquelle diminutivo ſe encerra?) Pois ſe os Diſcipulos eraõ filhos de Chriſto, & Chriſto Filho do Padre, & elle ſe compara à cepa, & os Diſcipulos às vides, porque naõ compàra o Padre a raiz, como pedia a natureza da metafora, ſenaõ ao Lavrador? Porque o Lavrador naõ eſtà pegàdo à cepa, às vides ſim. E neſte dia parece que todo o cuidado do amor de Chriſto era deſpegarſe do Padre, & pegarſe aos homens. Dos homens fallava como de filhos, do Padre, como ſe naõ fora Pay: ao Padre dava o neme do poder, aos homens o do amor: ao Padre como ſeparado, aos homens como unidos: Em fim ſemelhante àquella planta, que entre todas ſó ſabe chorar apartamẽtos: ſugeita porèm, como as de mais, a naõ ſe puder apartar da terra, ſem ſe arrancar.

412 Chegado o Senhor ao Horto, & apartandoſe dos Diſcipulos para ir orar ao Padre, diz o Evangeliſta S. Lucas, que ſe arrancou delles: *Avulſus eſt ab eis.* Eſta manhaã ponderey eſte paſſo a outro intento: agora acreſcento, & noto mais: que apartandoſe do Padre na meſma oraçaõ, & tornando aos Diſcipulos, nem o meſmo S. Lucas, nem algum outro Evangeliſta diz que ſe arrancou, ſenaõ que veyo: *Venit ad Diſcipulos ſuos.* Pois ſe quando vay dos Diſcipulos para o Padre ſe arranca, quando vem do Padre para os

Luc. 22. 41

Matt. 26. 40.

Discipulos ; porque senaõ arranca tambem ? Porque essa he a differença de estar pegado, como dizia, ou naõ estar pegado. Quando se vay o que està pegado, arrancase ; quando vem o que naõ està pegado, vem. Assim hia o Senhor quando hia, & assim vinha quando tronava. E se o ir dos homens para o Padre, he arrancarse, & o vir do Padre para os homens, he somente vir ; que havemos de dizer, ou cuidar que parece isso, naõ notado por nòs, mas advertido pelos mesmos Evangelistas ? O menos que se pòde cuidar, & o muito que se naõ pòde dizer, he que o amor de Christo hoje amou mais aos homens, que ao Padre.

413 Mas quem se atreverà a pronunciar por palavras, o que o mesmo amor, emmudecido por respeito, se naõ atreveo a significar, senaõ por acenos, & por acçoens. Tres horas durou aquella oraçaõ do Horto, & tres vezes nas mesmas tres horas veyo o Senhor a visitar os Discipulos, sem ser bastante o descuido com que os vio, & o desamor que nelles exprimentou, para naõ tornar huã, & tantas vezes. E bem, Filho sempre amantissimo de vosso Eterno Padre, ao mesmo Padre deixais vòs, & tam repetidamente por vir aos homens ? Naõ argumento por parte do respeito, que tambem podéra ter sua demanda neste caso : só duvido por parte do amor. O centro do vosso amor naõ he o Padre? Sim he, nem pòde deixar de ser. Pois como se inquieta tanto o vosso coraçaõ, se està no seu centro ? Dizer que o Padre era o centro do amor, & os homens o centro do cuidado, naõ he boa soluçaõ ; porque o amor, & o cuidado naõ se distinguem. Pois se estais com o Padre só tres horas, como tres vezes em tres horas deixais o Padre para vir aos Discipulos ? Sey eu, que tres dias deixastes vòs a Mãy, sobre todas as criaturas amada, & a satisfaçaõ que lhe dêstes, foy que estaveis com vosso Padre. Mas isso foy entaõ, & naõ no dia de hoje,

em

em que os privilegios do amor dos homens naõ tem exemplo. Naõ entendo, o que iſto he, mas naõ poſſo deixar de dizer o que parece. Parece, que tambem quizeſtes dar ſatisfaçaõ aos homens; & porque era ella tal, que naõ cabia em palavras; com o amor, com o cuidado, & com as acçoens lhe diſſeſtes por ultima deſpedida: que? Ainda tremo de o pronunciar. Parece, que nos quizeſtes dizer aſſim: Jà que neſte dia hey de deixar huma vez os homens por amor do Padre, quero deixar tres vezes o Padre por amor dos homens.

414 Agora ſim, que ſe deſquitou bem o amor de Chriſto. Porque ſe o amor do Padre (como vimos) foy tal, que podèra dar ciumes ao Filho; eſta acçaõ do amor do Filho he tal, que podèra cauſar ciumes ao Padre. Saul chegou a negar de filho a Jonatas; porque amava mais a David, que ao proprio pay. E à manhãa, quando ſe ouvir, que o Padre deixa a ſeu Filho: *Ut quid dereliquiſti me*: naõ faltarà quem cuide, que o Padre o deixa, porque elle tambem deixou ao Padre por amor dos homens. Mas he tanto pelo contrario, que nunca tanto o Filho agradou ao Padre, nem o Padre o reconhecèo mais por Filho, que por eſtes meſmos extremos com que amou aos homens. *Filius meus es tu*: *Ego hodie genui te*: Hoje, hoje vos reconheço mais que nunca por Filho, pois em amar aos homens, como os amaſtes, moſtraſtes bem ſer Filho de voſſo Pay. Porque ſe Eu no dia da Encarnaçaõ, que foy o primeiro, os amey tanto, que parece amey mais aos homens, que ao Filho, como havieis vòs de moſtrar, que ereis meu Filho no dia de hoje, que he o ultimo, ſenaõ amando tanto aos meſmos homens, que pareça amaſtes mais aos homens, que ao Padre? *Hebr.* 1. 5.

§. VIII.

415 Eſta foy na competencia de hum dia com outro dia, & de hum amor com

com outro amor, esta foy a igualdade do *Dilexit* do Padre: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret*: & esta a igualdade do *Dilexit* do Filho: *Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Mas nesta mesma igualdade, em que se naõ conhece ventagem, confiftio (como prometti) a vitoria do amor de hoje. E porque, ou como? Porque Christo pela parte que tem de homem, he menor que o Padre, como elle mesmo nos ensinou: *Quia Pater maior me est*: & nas batalhas de menor a mayor, quando o menor iguala o mayor, o igualar he vencer. Na luta que teve Jacob com o Anjo, nem o Anjo derrubou a Jacob, nem Jacob derrubou ao Anjo: & com tudo o Texto Sagrado naõ só huma, senaõ muitas vezes celebra a vitoria de Jacob: & por ella lhe mudou Deos o nome de Jacob em Israel, dizendo: *Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines prævalebis.* Pois se Jacob naõ venceo o Anjo, & o Anjo sómente reconheceo que o naõ podia vencer: *Cum videret quod eum superare non posset*; porque se attribue a vitoria a Jacob? Digase que naõ foy vencido; mas naõ se diga que venceo. Antes porque naõ foy vencido, por isso mesmo se diz que venceo; porque nas batalhas de menor a mayor, o naõ ser vencido, he vencer. Se a luta fora de homem a homem, ou de Anjo a Anjo, entaõ era necessario derrubar hum ao outro para ficar vencedor; porèm como era de homem a Anjo, & de menor a mayor, a igualdade no menor foy vitoria, & o naõ ser vencido, vencer. Mas quem era este Anjo, quem era este Jacob, & qual foy esta batalha? O Anjo representava ao Padre, que por isso disse: *Si contra Deum fortis fuisti*: Jacob representava a Christo, que muitas vezes na Escritura se chama Jacob, & a batalha era de amor, que por essa razaõ foy luta, que saõ abraços. E como nesta competencia amorosa nem o Padre pode vencer o Filho, nem o Filho vencer o Padre; bem se conclue

Joan. 14.28.

Genes. 32.28.

nclue da meſma igualda-
do amor de ambos, que
la a vitoria ficou pelo
lexit de hoje. *In finem*:
slada S. Chryſoſtomo:
victoriam dilexit eos.

§. IX.

416 Os deſpojos deſta
toria pede o amor que ſe-
ó os coraçoens dos homens,
n igual, & tam exceſſiva-
nte amados do Padre, &
Filho. Muito ſentio o
noroſo Senhor, que de ſó
ze coraçoens, que ſe achà-
ō no Cenaculo, lhe faltaſ-
hum: *Cum diabolus jam*
ſiſſet in cor, ut traderet
n Judas. E que ſeria ſe en-
e os que tanto abomina-
os aquella ingratidaõ, &
slealdade, ouveſſe muitos
ualmente desleaes, & mais
e o meſmo Judas ingra-
s? Que ſeria, ſe quando
Padre, & o Filho com-
tem ſobre qual ha de amar
ais aos homens, os homens
veſſemos como à compe-
ncia de quem mais ha de
fender ao Padre, q̃ nos deu
u proprio Filho, & ao Fi-
o, q̃ ſe nos deu a ſy meſmo?

417 Os mais obrigados a eſte exemplo ſaõ os pays, & os filhos. Os pays, para que amem mais a Deos que aos filhos, por cuja cauſa muitos ſe condenaõ: & os filhos, para que amem mais a Deos que aos pays, por cujo temor, ou reſpeito naõ tomaõ aquelle eſtado, em que mais ſe ſegura a ſalvaçaõ. Quantos pais ha que por amarem falſa, & erradamente os filhos, & os quererem antes para o mundo, que para Deos, lhe impedem o ſervir a Deos? E quantos filhos, que por naõ deſagradarem aos pays, nem ſe apartarem delles: deixaõ a Deos, & ſervem ao mundo? Oh ditoſas, bem entendidas, & valeroſas Almas, vòs que com tam animoſa, & prudente reſoluçaõ deixaſtes a Gerarchia deſſe Coro tam alto, & deſprezaſtes todas as promeſſas, & eſperanças do mundo, onde elle he mais mundo: & na idade mais ſugeita a ſeus enganos, naõ ſó lhe voltaſtes o roſto, mas o meteſtes debaixo dos pès. Se Chriſto hoje chamou ſeus aos que eſtavaõ

Alludè às Damas do Paço, que naquella Quareſma ſe fizeraõ Religioſas.

eſtavaõ no mundo: *Suos qui erant in mundo*: ſó porque o mundo naõ eſtava nelles; a vòs que naõ eſtais jà no mundo, nem elle pôde eſtar em vòs para ſempre, que nome vos terà dado o ſeu amor, & que lugar o ſeu coraçaõ? E ſe as filhas, em que a delicadeza, & o mimo he tam natural, com tam galharda reſiſtencia, & tam conſtante deſapego deixaõ as caſas dos pays, & naõ lhe faz horror o clauſtro, nem o cilicio; nos filhos (comvoſco fallo) nos filhos, que naſceraõ com obrigaçoens de mayor valor, & o moſtraõ tanto, onde naõ convinha; porque ſe naõ veraõ ſemelhantes deſenganos? Porque ſe naõ acabaraõ de reſolver tantas mocidades enganadas a deixar o mundo, a deſprezar o mundo, a conhecer o mundo, & o tratar como elle merece, & Deos nos merece?

418 Deſenganemonos, que he neceſſario deixar o mundo, antes que elle nos deixe. E que occaſiaõ mais aparelhada, & ainda mais forçoſa, & mais fidalga, que deixalo, quando quem criou, & nos criou, o de xa? Serà bem, que ſe pa ta Chriſto do mundo: *tranſeat ex hoc mundo*: & qu faça eſta jornada ſó, ſem h ver quem o acompanhe, o ſiga? Que coraçaõ haver tam eſquecido de Deos, de ſy, que ouvindo aquell rebate, ou aquelle prega do Ceo: *Sciens Jeſus qu venit hora ejus*: lhe naõ cau ſe hum grande abalo na A ma, & diga reſolutamen comſigo: Eſta ſerà tambe a minha hora? Nenhu Chriſtaõ ha de conſcienc tam perdida, que naõ faç conta de ſe converter, & dar a Deos alguma hora: ſe ha de ſer alguma hora, qu hora como eſta? Oh com he para temer, que quem naõ aproveitar deſta hora lhe falte outra! Se cada hu de nòs ſoubera a hora, e que ha de paſſar deſte mun do, como Chriſto ſabia ſua; *Sciens quia venit hor ejus*: menos cegueira fora mas ſe eſte ſecreto he occul to a todos, & ninguem ſa be o dia, nem a hora: *Qui neſcitis diem, neque horam*

porqu

orque havemos de perder l hora como eſta , & tal a como o de hoje. Tal dia omo o de hoje , torno a zer. Hum dia , em que ſe juntàraõ os dous mayores as do Amor , & Miſeri-ordia Divina. O dia em ue Jeſu , noſſo Deos , & eſſo Redemptor , ſe parte o mundo , & o deixa , para ue nòs o ſigamos , & o dia m que veyo ao mundo , & eixou o Ceo , para que nòs o menos deixemos a terra. Oh maldita terra, oh maldi-o mundo , que nenhum xemplo baſta para te dei-armos , nenhum deſenga-a para te conhecermos , enhum amor de Deos , para e naõ amarmos?

419 Senhor Jeſu, jà que hoje eſtà voſſo amor tam vencedor de tudo , vença tembem , & triumfe deſtes coraçoens , tam duros , tam ingratos , tam cegos. Abran-day , Senhor , eſta dureza , convertey eſta ingratidaõ , alumiay eſta cegueira : tro-cay , & transformay de huá vez a rebeldia deſtas vonta-des,para que ſó a vòs amem , ſó a vòs queiraõ, ſó a vòs de-zejem , ſó por vòs ſuſpirem , ſó de vòs eſperem , ſó em vòs vivaõ , ſó por vòs mor-raõ : até que chegue aquel-la ultima , & felice hora de paſſar comvoſco deſte mun-do ao Padre : *Ut tranſeat ex hoc mundo ad Patrem.* On-de vos vejaõ , onde vos go-zem , onde vos amem ſem fim. *In finem dilexit eos.*

SER-

SERMAM

DA PRIMEIRA OITAVA DA PASCHOA.

Na Matriz da Cidade de Belem no Gram Parà: Anno de 1656.

Na occasiaõ em que chegou a nova de se ter desvanecido a esperança das Minas, que com grandes empenhos se tinhaõ ido descubir.

Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, & estis tristes? Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel. Luc.24.

§. I.

420 EM hum dia taõ alegre como o de Paschoa, em que pela gloriosa Resurreiçaõ de Christo, Redemptor nosso, se revogou com mesma gloria a antiga sentença de morte fulminada contra Adam, & Eva, digna cousa de admirar he, que nenhuas filhas de Eva, nem nos filhos de Adam se achem es feitos de alegria. Amanhe cè

èo o Sol neste fermoso dia
nais arrayado que nunca,
creſcentando tantos rayos a
eus naturaes reſplandores,
uantos tinha eclypſado, &
ſcondido no dia da Paixaõ:
: que he o que achou no
undo o meſmo Sol, ou
uando naſcèo no Oriente,
u quando ſe foy pôr no Oc-
aſo? Quãdo naſcèo, achou
terra orvalhada das lagri-
as da Madalena, como ſe
lla fora a Aurora daquelle
ia: *Mulier quid ploras?* E
uando hia a ſe pôr, achou a
riſteza dos dous Diſcipulos
e Emaùs: *Et eſtis triſtes*; co-
no ſe nelles ſe multiplicàra
uberta de ſombras a Eſtrel-
a da tarde, ou Veſper: *Quo-
iam adveſperaſcit.* Tam tra-
icos como iſto foraõ os dou
s primeiros actos, ou appa-
encias deſta famoſa Come-
lia.

421 Para eu vos declarar quam naturaes foſſem as cauſas de hum, & outro ſentimento, naõ me he neceſſario ir buſcar o exemplo mais longe, pois a fortuna neſtes meſmos dias volo trouxe a caſa. Naõ he grande deſcõſolaçaõ buſcar, & naõ achar? Pois eſſa era a deſcõſolaçaõ da Madalena, & das outras Marias: *Non invento corpore ejus.* Nam he baſtante motivo de triſteza eſperar, & nam ſucceder o que ſe eſperava? Pois eſſa era a cauſa, porque os dous Diſcipulos hiaõ triſtes: *Nos autem ſperabamus.* Em quanto os cuidados, & eſperanças ſe poem na terra, nam pòdem faltar deſcõſolaçoens, & triſtezas à terra. As Marias deſcõſoladas, porque nam achàram o que buſcavaõ debaixo da terra: *Veniunt ad monumentũ:* & os Diſcipulos triſtes, porque lhe nam ſuccedèo o que eſperavaõ para remedio da ſua terra: *Quia ipſe eſſet redẽptũrus Iſrael.*

Ibid. 23.

Ibid. 21.

Marc 16.2.

Luc. 24.21

422 Taes conſidero, Senhores, neſta occaſiaõ, ou taes ſaõ, ainda que ſe nam conſiderem, as cauſas, q̃ parece nos fizeraõ menos alegres eſtas Paſchoas, as quaes eu dezejo a todos, & para todos peço a Deos tam liberaes dos bens do Ceo, & tambem dos q̃ nam ſaõ do Ceo, quanto o meſmo Senhor ſabe, que nos convem. Foraõſe buſcar debaixo da terra as minas de ou-

Marc ouro, ou prata, & naõ ſe
16.1. tendo achado depois de tanto trabalho; aſſim como as Marias ſe deſconſolàraõ de verem mal logradas as ſuas diligencias, as ſuas prevençoens, & ainda as ſuas deſpezas: *Emerunt aromata*: aſſim confeſſo vos póde deſconſolar o muito que neſta infelice jornada ſe tem gaſtado de tempo, de cuidado, & de fazenda. E aſſim como os Diſcipulos hiaõ triſtes, por ver baldadas, & perdidas as eſperanças, com que dezejavaõ ver melhorada a ſua patria, & reſtaurado o ſeu Reyno: *Quia ipſe eſſet redempturus Iſrael*: aſſim vos concedo, que he para entriſtecer, & ſentir, naõ ſe ter conſeguido a opulencia propria, & da Monarchia, que das meſmas minas deſvanecidas com tanto boato ſe eſperavaõ. He comtudo tam bom conſolador Chriſto, & tam apreſſado, que na meſma manhaã enxugou as lagrimas das Marias, & na meſma tarde ſerenou a triſteza dos Diſcipulos; como eu tambem determino alviar a voſſa hoje.

423 Reſumindome pois à hyſtoria do Evangelho, que ſendo ſuccedida hontem, reſervou a Igreja para eſte ſegundo dia, dous affectos, ou duas paixoens naturaes do animo conſolou, ou curou Chriſto, Senhor noſſo, nos dous Diſcipulos de Emaùs: a triſteza declarada, & a eſperança perdida: a triſteza declarada: *Et eſtis triſtes*: a eſperança perdida: *Nos autem ſperabamus*. E ſendo eſtes os meſmos dous affectos, com que os coraçoens da noſſa Cidade ſe achaõ menos quietos, & ſatisfeitos; aſſim como o Senhor moſtrandoſe vivo aos Diſcipulos, ſepultou a ſua triſteza, & reſuſcitou a ſua eſperança; aſſim eu para conſolar huã, & alentar outra, vos moſtrarey vivamente duas verdades. A primeira, que muito melhor vos eſteve naõ ſe deſcubrirem as minas eſperadas, que deſcubriremſe. A ſegunda, que em lugar das minas incertas, que ſe naõ deſcubríraõ, vos deſcubriù Deos outras certas, & muito mais ricas. Ambos eſtes aſſumpto

ptos parecem temporaes, como tambem eraõ por cauſas temporaes a triſteza, & deſeſperaçaõ dos dous Diſcipulos à ida: mas nem por ſerem temporaes, deixou de as conſolar o Divino Meſtre, para as converter a ellas, & a elles em eſpirituaes, como tornàraõ à volta. O meſmo pretendo eu com a Graça do Ceo, que me ajudareis a alcançar. *Ave Maria.*

II.

Quia ſunt hi ſermones, quos confertis ad invicem ambulantes, & eſtis triſtes?

QUe praticas ſaõ eſtas, que ides conferindo entre vòs, & de que eſtais triſtes? Eſta foy a pergunta, q̃ fez Chriſto, Redemptor noſſo, aos dous Diſcipulos, que hiaõ de Ieruſalem para Emaûs. E ſe eu fizeſſe a meſma no noſſo Belem, & perguntaſſe às voſſas Converſaçoens, porque eſtais triſtes; he certo, que me havieis de reſponder, como elles reſpondèraõ: *Nos autem ſperabamus*: Eſperavamos de ter minas, & eſtamos deſenganados; de que as naõ ha: ou eſperavamos, que ſe deſcobriſſem, & naõ ſe deſcobrìraõ. E ſe eu inſtaſſe mais em querer ſaber o diſcurſo, ou conſequencia, com que ſobre eſte deſengano fundais a voſſa triſteza; tambem he certo havieis de dizer, como elles diſſeraõ, que no ſucceſſo, que ſe dezejava, & ſuppunha, eſtavaõ livradas as eſperanças da redempçaõ, naõ ſó deſta voſſa Cidade, & de todo o Eſtado, ſenaõ tambem do meſmo Reyno: *Nos autem ſperabamus, quia ipſe eſſet redempturus Iſrael.* Ora ouvime attentamente, & (contra o que imaginaveis, & por ventura ainda imaginais) vereis como neſta, que vos tendes por deſgraça, conſiſtio a voſſa redempçaõ, & de quantos trabalhos, infortunios, & cativeiros vos rimio, & vos livrou Deos, em naõ ſuccederem o que eſperaveis.

425 Primeiramente havemos de ſuppôr, que muitas vezes eſtà a noſſa perdiçaõ em ſuccederem as couſas como eſperamos, & pelo con-

contrario eſtà o noſſo remedio, & a noſſa conſervaçaõ, em naõ terem o ſucceſſo que ſe pertendia. Em hũa maldiçaõ, muito encarecida de Iob temos o mais claro, & mais notavel eſpelho, que ſe pòde imaginar, deſta verdade. *Pereat nox, in qua dictum eſt; Conceptus eſt homo: expectet lucem, & non videat, nec ortum ſurgentis auroræ*: Maldita ſeja anoite, em que fuy concebido, diz Iob: eſpere pela luz, & nunca amanheça: eſpere pela aurora, & nunca venha. Parecervos ha (como parecéo aquem o diſſe) que podia ſucceder deſgraça que podia ſucceder à Noite, & a mayor praga, que ſe lhe podia rogar; mas bem conſiderado o caſo, naõ era ſenaõ a mayor ditta, & a mayor ventura. O mayor inimigo, que tem a Noite, he a Aurora: emquanto naõ amanhece, conſervaſe, & perſevera a Noite; tanto que amanheceo, ficou acabada, & perdida: logo aquella, que parecia maldiçaõ, naõ era maldiçaõ, antes era o mayor bem, & a mayor felicidade, que ſe podia dezejar, & imprecar à Noite; porque ſe a Noite eſperaſſe pela manhaã, em lhe ſucceder como eſperava, eſtava a ſua perdiçaõ, & o ſeu fim: & em lhe naõ ſucceder como eſperava, eſtava a ſua conſervaçaõ, o ſeu augmento, & o ſeu ſer.

Iob 3. 3. 9.

426 O meſmo digo Senhores, da eſperança das voſſas minas; aqual eu nunca tive por bem fundada, & perguntado aſſim o diſſe. Là ſe moſtrou ouro, & prata; mas eſſes dous metaes as mais das vezes ſaõ como os dous cabritinhos de Iacob, com q̃ enganou ao Pay cego para levar a bençaõ de Eſaú. Diſſe Iacob, que o guizado, que preſentava ao Pay, era da caça, & elle naõ era do mato, ſenaõ do rebanho. Aſſim he o ouro, & prata que là levaõ: dizem q̃ foy cavado da bèta; & elle he fundido da bolça. Por iſſo as minas naõ ſaõ minas para quem faz as deſpezas, & ſó ſaõ minas, como a bençaõ de Iacob, para os meſmos q̃ as fingiraõ, & vem ricos de merces, & ſalarios, & cheyos de

de jurdiçoens, & omnipotencias, com que sa fazem mais ricos. Mas ou se naõ descobrissem as minas, porque as naõ ha; ou porque havendoas, naõ quiz Deos que se descobrissem; vede de quantos perigos, & trabalhos vos remio, & livrou a misericordia, & Providencia Divina em naõ succeder este descobrimento como esperaveis.

III.

427 E para que comecemos pelos perigos, que podem vir de fóra, & de mais longe; se este Estado sem ter minas, foy jà taõ requestado, & perseguido de armas, & invasoens estrangeiras que seria se tivesse esses thesouros? Là traz Christo, Senhor nosso, a comparaçaõ de hum campo, que era cultivado sómente na superficie da terra, fertil de flores, & frutos: porèm sabendo hum homem acaso, que no mesmo campo estava enterrado, & escondido hum thesouro: *Thesauro abscondito in agro*: o que fez com todo o segredo, & diligencia, foy ir logo comprar o campo a todo custo, & deste modo ficou Senhor, naõ do campo por amor do campo, senaõ do campo por amor do thesouro. De sorte, que toda a desgraça do campo em mudar de senhorio, & passar de hum dono a outro dono, esteve em ter thesouro dentro em sy, & saberse que o tinha. Contentemonos de q̃ nos dem os nossos campos pacificamente, o que a agricultura colhe da superficie da terra, & naõ lhe dezejemos thesouros escondidos nas entranhas, que espertem a cubiça alheia: principalmente quando os mesmos campos naõ estaõ cercados de tam fortes muros, que lhe possaõ facilmente defender a entrada.

428 Conta a Sagrada Escritura no capitulo trinta & oito de Ezechiel (ou seja hystoria do passado, ou profecia do futuro) que sabendo as Naçoens de Gog, & Magog, que os Hebréos viviaõ ricos, & descãçados nas suas terras; fizeraõ conselho entre sy de os irem conquistar,

fundando esta deliberaçaõ em dous motivos : o primeiro, que tinhaõ ouro, & prata : o segundo, que naõ tinhaõ muros. Hum motivo os excitou à conquista, & o outro lha facilitou. O que os excitou, foy o ouro, & a prata : *Ecce ad diripiendam prædam congregasti multitudinem tuam, ut tollas argentum, & aurum:* & o que os facilitou, foy, serem terras habitadas sem muros, nem fortificaçoens : *Ascendam ad terram absque muro, vectes, & portæ non sunt eis.* E terras, que tem ouro, & prata, & naõ tem muros fortes, que as defendaõ, naturalmente estaõ expostas à cubiça, & invasaõ dos inimigos, porque o ouro, & a prata, que tem, excita a cubiça; & os muros, & fortificaçoens, que naõ tem, facilitaõ a invasaõ.

Ezech. 38.13. 11.8.

429 He verdade, que os Hebreos naquelle tempo estavaõ muito seguros com a paz das outras Naçoens, & já livres de suas armas : *Ad terram, quæ reversa est à gladio : adquiescentes, habitantesque securè.* Mas esta segurança he muito enganosa. Onde ha nova occasiaõ de interesse, naõ ha confederaçaõ que dure. Ouvi hum ditto notavel de Jeremias. *Nunquid fœderabitur ferrũ ferro ab Aquilone, & æs?* Cuidais, q̃ o ferro do Norte (do Norte diz nomeadamente, *ab Aquilone*) cuidais, que o ferro do Norte se póde confederar com outro ferro, & o seu bronze com outro bronze? Enganaisvos, diz o Profeta àquelles, com quem fallava : & o mesmo vos certifico eu, sem ser Profeta. Livrouvos Deos da prata, porque vos quiz livrar do ferro. A arte com a prata liga os outros metaes; & a cubiça com a prata desfaz, & rompe todas as ligas.

430 Confederados estavaõ os Israelitas com os Babilonios, & era tanta a amizade, & boa correspondencia entre hum, & outro Rey, que Baradac Rey de Babilonia, soberbissimo, & potentissimo, sabendo que Ezechias Rey de Israel tinha convalescido daquella grave enfermidade, em que esteve à morte, lhe mandou Embaixadores com grandes pre-

presentes a lhe dar o parabem da saude. Quiz se mostrar agradecido Ezechias, & em final de benevolencia, & cõfiança levou os mesmos Embaixadores ao mais secreto do seu Palacio, & alli lhe descobrio, & manifestou todos os seus thesouros. Elle, & elles ficàraõ muy satisfeitos: mas naõ eraõ passadas vinte & quatro horas, quando Deos mandou annunciar a Ezechias as perigosas, & tristes consequencias daquelle descobrimento: *Ecce dies venient, & auferentur omnia, quæ in domo tua sunt, & quæ thesaurizaverunt Patres tui usque in diem hanc, in Babylonem: non relinquetur quidquam, dicit Dominus: & de filijs qui exibunt de te, quos genueris, tollent, & erunt Eunuchi in palatio Regis Babylonis.* E vòs Ezechias fostes tam inconsiderado, que manifestastes os vossos thesouros aos Embaixadores de Babilonia? Pois sabey, diz Deos, q̃ os Babilonios os viraõ buscar, & naõ só se faraõ senhores dos mesmos thesouros, sem delles deixar cousa alguma; senaõ que atè a vossos proprios filhos cativaràõ, & levaràõ prezos a Babilonia, para là se servirem delles. Eisaqui em que paraõ as amizades, as pazes, & as confederaçoens, em havẽdo descobrimento de thesouros. Day graças a Deos de se frustrarem as vossas esperanças, & naõ lhe sejais ingratos com vos entristecer, pois assim vos quiz livrar de tamanhos perigos.

431 Se em Hespanha naõ ouvera minas de ouro, & prata (das quaes diz Estrabo, que eraõ as mais ricas do mundo) nunca os Romanos iriaõ a lhe fazer guerra de tam longe, nem com tanto empenho, & pertinacia. Assim o dà a entender a mesma Escritura Sagrada no primeiro Livro dos Machabeos, referindo as conquistas dos Romanos, & a fama das suas vitorias: *Et quanta fecerũt in regione Hispaniæ, & quod in potestatem redegerunt metalla argenti, & auri, quæ illic sunt.* Naõ diz, que conquistàraõ os homens, senaõ as minas, porque as minas foraõ o motivo da 1. Mach. 8. 3.

guerra, & da conquista. Como a gente de Hespanha era tanta, tam remota, & tam forte, gastou a potencia Romana na pertinencia desta Conquista, duzentos & trinta & sinco annos : (Vede se seraõ cà necessarios tantos?) até que finalmente a terra, as minas, & os moradores ficàraõ todos sugeitos ao jugo, & dominio estranho, presidiados de suas Legioens, tributarios à sua cubiça, governados, & opprimidos da sua tyrania : & o mesmo ouro, & prata (que, como diz o Espirito Santo, muitas vezes he redempçaõ do homem) para elles foy a causa da servidaõ, & o reclamo, q̃ chamou de tam longe, & lhe metèo em casa o cativeiro.

§. IV.

432 Mas dado que as minas tam esperadas, & apeticidas naõ tivessem por cõsequencia de sua fama estes perigos de fóra; bastava a consideraçaõ dos trabalhos, & miserias domesticas, que com ellas se vos haviaõ de levantar de debaixo dos pés, para que o vosso juizo, se o tivesseis, tratasse antes de sepultar as mesmas minas depois de achadas, que procurar de as desenterrar, & descobrir, ainda que foraõ muito certas. Hum dos mayores castigos, que Deos podia dar á esta Cidade, & a este Estado, era descobriremse nelle minas. E naõ sou eu o que o digo, senaõ a prudencia, & verdade, de quem se naõ podia enganar.

433 No Psalmo dezesseis pede David a Deos lhe faça justiça, & dè a seus inimigos o castigo q̃ merecem, pela deshumanidade de feras com que perseguiaõ sua innocencia. E depois de dizer que Deos tinha ouvido sua petiçaõ, profetiza o castigo, que o justo Juiz havia de dar aos mesmos inimigos, & como se já lho tivera dado, refere-o assim em poucas palavras. *De absconditis tuis adimpletus est venter eorum* : Fartastes, Senhor, a sua fome com os encher dos vossos escondidos. Entraõ agora os Interpretes a examinar quaes saõ os escondidos de Deos? E o sentido mais proprio, &

mais

mais literal, com Simaco, & outros, he que os escondidos de Deos saõ as minas de ouro, & prata. O ouro, & a prata, temnos Deos escondidos lá no profundo da terra, onde os criou, & quando o mesmo Senhor he servido, q̃ se descubraõ as minas, entaõ apparecem, & se manifestaõ estes escondidos de Deos: *De absconditis tuis.* Mas se David tinha pedido a Deos que lhe fizesse justiça, & castigasse a seus inimigos: & o mesmo Deos lhe tinha promettido de o fazer assim, & de os castigar; como diz, que lhe ha de descobrir o ouro, & prata, que tem escondidos nas minas, & os ha de fartar dellas: *De absconditis tuis adimpletus est venter eorum?* Mais apertadamente ainda. Neste Psalmo, que todo he profetico, assim como na pessoa de David he figurado Christo, assim nas perseguiçoẽs de David saõ significadas, a crueldade, & ingratidaõ com q̃ Christo foy tratado em vida por seus inimigos, & as maldades, & peccados com que ainda hoje he desacatado, & offendido. Pois em premio dessas offensas, dessas maldades, & desses peccados descobre Deos os seus thesouros, que tem escondidos debaixo da terra, & enche, & farta de ouro, & prata aos que estaõ famintos de minas? Sim. Porque essas minas, que tanto se dezejaõ, & estimaõ, ordinariamente naõ as descobre, nem as dà Deos por merecimentos, senaõ em castigo de grandes peccados. Ouvi o commento de todos os Padres Gregos sobre o mesmo Texto, divididos em duas opinioẽs, mas ambas concordes no que tenho ditto. *Illud autem de absconditis, alij quidem intellexerunt de supplicijs; alij verò de fussilibus metallis.* Aquelles que o Profeta chama os escondidos de Deos, huns dos Santos Padres entenderaõ, que significaõ castigos, & outros que significaõ minas: & huns, & outros naõ discrepaõ, mas concordaõ admiravelmente na mesma differença de hum, & outro sentido. Porque? Porque as minas, quando Deos as descobre, saõ castigos, & hum dos mayores castigos, que

Graci PP. apud Cord.

que Deos dà por peccados, he o descobrimento de minas: *De metallis fussilibus, de supplicijs.*

434 E notay a misteriosa propriedade, com que este genero de castigos se chamaõ tambem os escondidos de Deos: *De abscónditis tuis.* Porque Deos humas vezes castiga com castigos manifestos,& outras vezes com castigos escondidos. Os castigos manifestos, saõ os que todos temem, & reconhecem por castigos, como saõ as fomes, as pestes, as guerras,& as outras calamidades temporaes: os castigos escondidos, & occultos, saõ aquelles, que naõ se reputaõ nem temem como taes,antes se estimaõ, & dezejaõ como felicidades, & boas fortunas: & deste genero saõ as minas, & seus descobrimentos. Saõ castigos escondidos debaixo de apparencias contrarias;porque se appetecem, estimaõ, & festejaõ enganosa, & enganadamente, sendo certo que debaixo do preço, & esplendor do ouro,& prata se occultaõ, & escondem grandes trabalhos,afflicçoẽs, & miserias,com que a Justiça Divina por peccados quer castigar, & açoutar as mesmas terras, onde as veyas destes metaes se descobrem. Deos tanto póde açoutar cõ varas de ferro, como com varas de ouro, & de prata; antes estes açoutes saõ muito mais pezados, quanto a prata, & ouro pezaõ mais que o ferro.

435 Aquella ponta de terra montuosa, q̃ hoje chamamos Cabo de S. Vicente, antigamente se chamava Promontorio sagrado, por estar alli o sepulchro de Tubal primeiro Pay da nossa Naçaõ,& tambem o de Hercules, hum dos mais famosos, & amados Reys da Lusitania. Havia minas neste Promontorio, as quaes por causa da mesma veneraçaõ tambẽ era vedado cavaremse: & dizem as hystorias daquelle tempo, q̃ só em hum caso se permettia aos moradores aproveitaremse do ouro, & prata das dittas minas. Mas qual era este caso? Cousa verdadeiramente admiravel, & muito digna de se notar. O caso era, quando cahia

cahia do Ceo algum rayo, que penetraſſe a terra, & deſcobriſſe os percioſos metaes, q̃ nella eſtavaõ eſcondidos. De ſorte, que naquella terra, tambem noſſa, o abriremſe minas, & o cahirem rayos do Ceo, tudo vinha junto: como ſe o Ceo nos prégára, que o deſcobrimento de minas na terra naõ ſaõ felicidades, & boas fortunas, como ſe imagina, ſenaõ execuçoẽs da ira de Deos, & caſtigos do Ceo.

§. V.

436 E para que vos naõ pareça, que ſaõ iſto encarecimentos lenitivos, inventados para divertir a triſteza, & dar eſpecie à conſolaçaõ; troquemos eſte ouro, & prata em miudos, & vejamos os proveitos, & intereſſes, que do deſcobrimento de minas haviaõ de reſultar à voſſa terra, no caſo em que ſe tiveſſem achado. Eu nunca fuy ao Potuſsî, nem vi minas; porèm nos Livros, que deſcrevem o que nellas paſſa, naõ ſó cauſa eſpanto, mas horror, ler a fabrica, & as machinas, os artificios, & a força, o trabalho, & os perigos, com que as montanhas ſe cavaõ, as betas ſe ſeguem, & perdidas ſe tornaõ a buſcar: os encontros de pedernaes impenetraveis, ou de aguas ſubterraneas, que rebentaõ das penhas, as quaes, ou ſe haõ de eſgotar cõ bombas, ou abrirlhe novo caminho, furando por outra parte os meſmos montes: O eſtrondo dos maços, das cunhas, das alavancas, & dos outros inſtrumentos de ferro, alguns dos quaes tem cento & ſincoenta livras de pezo, com q̃ ſe batem, contaõ, & arrancaõ as pedras, ou ſe precipitaõ com mayor perigo do alto: & tudo iſto naquellas profundiſſimas concavidades, ou infernos, onde nunca entrou o rayo do Sol, alumiados malignamente aquelles infelices Ciclópes ſó com a luz eſcaſſa, & contrafeita de alguns fogos artificiaes, cujo halito, fumo, & vapor ardente lhe toma a reſpiraçaõ, & muytas vezes os afoga.

437 Faz aqui padecer a cubiça muito mais ao que

profetiza Isaias; que fará em algum tempo a penitencia. *Introibunt in spelúncas petrarum, & in voragines terræ: projiciet homo idôla argenti sui, & simulacra auri sui, quæ fecerat sibi, ut adoraret, talpas, & vespertiliones*: meterſehaõ os homens pelas covas, & pelas concavidades mais profundas da terra, nam para buſcar ouro, ou prata, mas abominando, & lançando de ſy os idolos, que do ouro, & da prata tinham feito, toupeiras, & morcégos. Vede agora eſtas meſmas figuras como as ajunta, & introduz toda a cubiça neſte eſcuro, & horrendo theatro da paciencia ſem virtude. Alli os penitentes arrependidos entraõ pelas grutas, & concavidades da terra; aqui os cubiçoſos, & enganados tambem ſe metem, naõ pelas covas, que a terra tem aberto, ſenaõ pelas que elles cavaõ, & rompem à viva força, muito mais penetrantes, & profundas: alli deſprezaõ-ſe os idolos de ouro, & prata, conhecida ſua mentira, & vaidade; aqui eſtimaſe, & adoraſe tanto a meſma vaidade, que por novos, & occultos caminhos de tantos eſtadios ſe vay buſcar, & deſenterrar o ouro, & prata, para ſe fundirem, & lavrarem idolos: alli as figuras dos idolos, ſaõ toupeiras, & morcegos: *Talpas, & veſpertiliones*: & aqui os homens desfigurados como toupeiras vivem debaixo da terra, ſem ter olhos para ver a luz, & como morcegos fogem do Sol, & do dia, & ſe vaõ mais ſepultar, que viver naquella eſcura, & perpetua noite. Ainda tem outra propriedade: porque huns como toupeiras com os pês, & maõs na terra a andaõ cavando, revolvendo, & mudando continuamente, & outros como morcegos ſuſpenſos no ar eſtaõ picando as pedras, & ſangrando as ſuas veyas com o corpo, & com a vida pendente de hũa corda. Ouve já mais algum anacoreta dos que habitavaõ as covas, que fizeſſe tal penitencia? Pois ainda naõ ouviſtes o mais temeroſo della.

Isai. 2. 19. 20.

438 Solapadas por baixo aquellas grandes montanhas,

has, todo o pezo immenso ellas se sustenta sobre pilares da mesma materia, q̃ vaõ leyxãdo a espaços, os quaes, e enfraquecem, ou quebraõ, omo acontece muitas ves:es, qual he o effeito? Toda montanha, ou grande parte della cae de repente, & a nultidaõ, que andava desenterrando a prata, fica sepulada com ella em hum momento, sem outra noticia de tamanho, & taõ miseravel strago, que a que deu aos de muito longe o estrondo da ruina, & o tremor de toda a terra. Isto he o que se escreve, & se escreve muito menos do que verdadeiramente he. Baste por prova, que a sevicia, & crueldade dos Neros, & Dioclecianos commutavaõ a morte, & os tormentos dos Christãos em os mandar servir, & trabalhar nas minas: & a Igreja, que com tanta difficuldade, & consideraçaõ examina, & avalía os merecimentos dos Santos, canonizava, & venerava por Martyres, aos que nellas acabavaõ a vida.

439 Agora vos pergunto eu: E estes martyrios das minas, se as vossas se descobrissem, quem os havia de padecer? Dos degradados naõ fallo; porque os q̃ hoje se degradaõ para o Maranhaõ, entaõ se haviaõ de degradar todos, & muitos mais, para as minas. Os cavadores naõ serieis os mais nobres, & ricos da terra; mas quem haviaõ de ser, senaõ os seus escravos? Quem havia de conduzir todos aquelles instrumentos, & machinas por esses certoẽs dentro? Quem havia de contribuir o sustento, & levalo aos trabalhadores? Quem havia de cortar, & acarretar àquellas serras estereis (como saõ todas) as lenhas para as fornalhas, & fundiçoens? E aquelles lumes perpetuos, & subterraneos, com que oleos se haviaõ de sustentar, senaõ com os dos frutos agrestes, que aqui se estilassem, & náo com os dos Olivaes, que de là viessem? Sobre tudo, se tantos milhares de Indios se tem acabado, & consumido em taõ poucos annos, & cõ taõ leve trabalho, como o das vossas lavouras, onde se haviaõ de ir buscar outros, q̃ suppris-

fupriſſem , & ſuportaſſem quanto tenho ditto ? E quaes haviaõ de ſer os que vendoſe enterrar vivos naquellas furnas , naõ fugiſſem para onde nunca mais appareceſſem, levando o meſmo medo com elles aos demais ? Tudo iſto naõ o haviaõ de fazer , nem padecer os que paſſeaõ em Lisboa; porque tambem eſtas minas ſaõ como as da polvora, que ſempre arruinaõ, derrubaõ , & poem por terra o que lhe fica mais perto. E iſto he o que vòs dezejaveis para a voſſa , & vos entriſtece , porque naõ ſuccedeo como eſperaveis ?

44º Ainda falta por dizer o que mais vos havia de deſtruir , & aſſolar. Quantos Miniſtros Reaes , & quantos Officiaes de Juſtiça , de Fazenda , de Guerra, vos parece que haviaõ de ſer mandados cà para a extracçaõ, ſegurança , & remeſſa deſte ouro , ou prata ? Se hum ſó deſtes poderoſos tendes experimentado tantas vezes , q̃ baſtou para aſſolar o Eſtado , que fariaõ tantos ? Naõ ſabeis o nome do ſerviço Real (contra a tenção dos meſmos Reys) quanto ſe eſtende cà ao longe , & quam violento he , & inſoportavel Quantos Adminiſtradores , quantos Provedores , quantos Theſoureiros , quantos Almoxarifes , quantos Eſcrivaens , quantos Contadores , quantos Guardas no mar , & na terra , & quantos outros officios de nomes , & jurdiçoẽs novas ſe haviaõ de criar , ou fundir com eſtas minas , para vos confundir , & ſepultar nellas ? Que tendes , que poſſuis , que lavrais , que trabalhais , que naõ ouveſſe de ſer neceſſario para ſerviço d'ElRey, ou dos que ſe fazem mais que Reys com eſte eſpecioſo pretexto ? No meſmo dia havieis de começar a ſer Feitores, & naõ Senhores de toda a voſſa fazenda. Nem havia de ſer voſſo o voſſo eſcravo , nem voſſa a voſſa canòa, nem voſſo o voſſo carro , & o voſſo boy , ſe nam para o manter , & ſervir com elle. A roça haviaõvola de embargar para os mantimentos das minas : a caſa haviaõvola de tomar de apoſentadoria para os Officiaes das minas : o canaveal

aveal havia de ficar em ma-
, porque os que o culti-
assem haviaõ de ir para as
inas; & vòs mesmo naõ ha-
ieis de ser vosso, porque vos
aviaõ de apenar para o que
vesseis, ou naõ tiveesseis pre-
imo; & só os vossos Enge-
hos haviaõ de ter muito
ue moer, porque vòs, &
ossos filhos havieis de ser os
oidos.

§. VI.

441 Pareceme que vos
ejo dar assenso a tudo o que
igo (que por isso desci a
ousas tam particulares, &
omesticas:) & tambem
reio, que jà a vossa espe-
ança terà mudado de con-
eito à vista deste descobri-
ento de minaraes, tam di-
ersos do que ella dezejava,
suppunha, os quaes he
erto, q̃ haviaõ de ser mayo-
es, & mais duros na expe-
iencia, do que os pòde re-
resentar o meu discurso.
ique logo por conclusaõ,
ue muito mayor mercè vos
ez Deos, & muito mais bem
fortunados fostes em nam
e acharem as minas, que se
o ouro, & pratã, que se sup-
punha, & esperava dellas,
se descobrisse. Ouvi a sen-
tença de hum Gentio fun-
dado só na razaõ natural, &
experiencia, sem nenhum
principio de Fè, que a nòs nos
devia levantar mais da ter-
ra. *Aurum irrepertum, & sic melius situm cum terra celat*: o ouro (diz Horacio)
he melhor naõ se achar, nem
se descobrir, que acharse:
Aurum irrepertum. E por-
que? Porque em quanto a
terra o esconde, & encobre:
Cum terra celat: està elle no
sitio, & lugar, que lhe deu
a natureza, q̃ he o melhor:
Et melius situm. Excellente
razaõ. As cousas naturaes,
em quanto estaõ no seu pro-
prio lugar, em que as situou
a natureza, nenhum danno
fazem; tiradas delle, sam
muito danozas. A agua no
seu centro naõ peza; o fogo
na sua esfera naõ queima; a
terra, se sobe ao ar, faz rayos;
o ar, se se mete debaixo da
terra, faz terremotos, der-
ruba casas, & cidades: Assim
tambem o ouro, & prata
das minas. Em quanto estaõ
escondidas là no centro da
terra

terra, onde as poz a natureza, conservaõse innocentes, & naõ fazem mal a ninguẽ; mas se se cavaõ, & se tiraõ fóra, entaõ saõ muito perniciosas, & fazem grandes estragos. Olhay para o passado, se vos naõ quereis enganar com o presente.

442 Aquella Idade dourada taõ celebre nos primeiros tempos, quem a fez? Parece que a havia de fazer o ouro, & naõ a fez o ouro, que havia; senaõ o ouro que naõ havia, porque ainda se naõ tinha descuberto. Em quanto no mundo naõ ouve ouro, entaõ foy a idade de ouro; depois que appareceo ouro no mundo, entaõ começou a idade de ferro. *Jamque nocens ferrum, ferroque nocentius aurum prodierat.* O que era necessario, & util para a vida, & conservaçam dos homens, notou Seneca, Democrito, & ainda o mesmo Epicùro, q̃ o poz a natureza muito perto de nòs, & muito descuberto, & patente, como saõ as plantas, os frutos, os animaes: pelo contrario o que naõ só era inutil, mas pernicioso, polo muito longe de nòs, oc culto, & escondido, onde naõ vissemos: & este he ouro; & a prata. Ouvese em tudo a natureza como máy A máy dà a maçã ao filhinho & escondelhe a faca. Por que? Porque quer que co ma, mas naõ quer q̃ se fira & se o minino chora pelo o ha de ferir, naõ he justo que os homens de razaõ, & de juizo tenhaõ sentimento de mininos.

443 Esta mesma doutrina como taõ necessaria (porque naõ cuideis que he só de Filosofos) foy a primeira, que nos ensinou a Sagrada Escritura logo no principio do mundo: *In principio creavit Deus cœlum, & terram: terra autem erat inanis, & vacua.* No principio criou Deos o Ceo, & a terra; porém a terra estava vazia, & vazia. E q̃ quer dizer, que a terra estava vazia, & vazia: *Inanis, & vacua?* Quer dizer, q̃ estava vazia por dentro, & vazia por fóra: vazia por dentro: *Inanis*; porq̃ ainda naõ tinha Deos criado no interior da terra os mineraes; & vazia por fóra: *Et vacua*, por

orque tambem naõ tinha
riado na ſuperficie da meſ-
na terra as plantas, as arvo-
es, & os animaes. Criou
ois Deos todas eſtas cou-
as naquelles primeiros ſeis
ias; & fazendo a Eſcritura
uito particular, & miuda
elaçaõ das plantas, das ar-
ores, & dos animaes; das
inas, & dos metaes naõ faz
ençaõ alguma. Pois ſe a
ſcritura tinha ditto, que a
erra em ſua primeira criaçaõ
aſcéra vazia por dentro, &
or fóra: & relata com tan-
a diſtinçaõ, & engrandece
om tanto apparato, como
Deos a enchéo, & povoou
or fóra; porque cala total-
nente, & naõ diz tambem
omo a enchéo, & enrique-
céo por dentro? Mais. De-
ois q̃ Deos teve criado to-
das as couſas, & o homem,
que foy a ultima, moſtrou-
lhe as hervas, as plantas,
as arvores, & ſeus frutos,
& diſſelhe: Eiſaqui toda
eſta variedade, a qual criey,
& vos dou para voſſo ſuſten-
to, & regalo. E fazendo vir
diante do meſmo Adam to-
dos os animaes, diſſelhe da
meſma maneira; tambem
de todos eſtes vos dou o do-
minio, os quaes criey, para
que vos ajudem, & firvaõ.
Agora cuidava eu, que havia
de acreſcentar o Senhor: &
naõ ſó tenho provido, &
aparelhado para voſſo ſu-
ſtento, ſerviço, & conſer-
vaçaõ todas eſtas couſas, que
vedes na ſuperficie da terra;
mas tambem là no centro, &
entranhas della criey muitas
minas de metaes precioſos
para mayor riqueza, grande-
za, & utilidade voſſa, &
de voſſos deſcendentes. Mas
nada diſto diſſe Deos, tudo
paſſou em ſilencio ſem fazer
das minas a menor inſinua-
çaõ. Pois ſe Deos neſta doa-
çaõ univerſal, entrega, co-
mo por liſta, a Adam todas
as outras couſas, que tinha
criado para elle; as minas de
ouro, & prata, que parecia
(como hoje parece) que era
a melhor, & mais rica par-
tida de todas, porque a dei-
xa de fóra? Porque todas as
outras couſas, que eſtaõ à
face da terra, & o dominio,
& uſo dellas era util, & ne-
ceſſario ao homem para ſua
conſervaçaõ, & ſuſtento, &
ainda para ſeu regalo: porêm
as

as minas, o ouro, & a prata, naõ só naõ eraõ neceſſarios, nem uteis; mas ſuperfluos, & pernicioſos, & occaſiaõ que lhe podia, & havia de ſer de graviſſimos danos. Por iſſo aſſim como as tinha ſepultado, & eſcondido debaixo da terra, aſſim lhe eſcondéo, & encobrio tambem a noticia dellas, paſſando totalmente em ſilencio, & naõ fazendo mençaõ de tal couſa.

444 Mas vejo, que me perguntaõ os curioſos, & me arguem os criticos: Se as minas eraõ tam danoſas, & pernicioſas ao homem, & por iſſo lhas eſcondèo, & encobrio Deos; porque as criou, ou para que? Para reſponder a eſta pergunta, façovos primeiro outra. E a Arvore da Sciencia, que foy a occaſiaõ, & origem de todos os males do mundo, porq̃ a criou Deos no Paraiſo? Ou aquella Arvore era boa, ou mà (como argumenta S. Aguſtinho.) Se era mà, para que a plantou Deos: ſe era boa, para que a prohibio? Ameaça ao homem com a morte ſe comer daquelle fruto, & pinta o meſmo fruto com taes cores, q̃ levava a poz ſy os olhos *Pulchrum oculis, aſpectuq delectabile*? Sim. Porque aquelle fruto tam fermoſo naõ foy criado, para q̃ Adam comeſſe, ou provaſſe delle, ſenaõ para que Deos tentaſſe a Adam, & o provaſſe com elle. E eſta he tambem a razaõ porque Deos criou o ouro, & a prata, & lhe deo tanta fermoſura de cores Chilon, hum dos ſete Sabios de Grecia, dizia, que aſſim como a pedra de toque prova o ouro, & a prata; aſſim o ouro & a prata faõ a pedra de toque dos homens. Quereis provar quem faõ os homens, tentay-os com ouro, & com prata. Do ouro o diſſe o Eccleſiaſtico *Qui poſt aurum non abijt probatus eſt in illo*: & da prata o diſſe David: *Ut excludant eos, qui probati ſunt argento*. E notay, que o que neſta tentaçaõ ficou aprovado, foy hum ſó: *Qui probatus eſt in illo*: & os que ficàraõ reprovados, & excluidos foraõ muitos: *Ut excludant eos, qui probati ſunt argento*

Or

ora jà qne todos os dias pe-
imos a Deos que nos livre
as tentaçoens, ou que nos
aõ meta nellas : *Ne nos in-
ucas in tentationem* : demoſ-
he muitas graças, pois nos
ivrou deſta, em que nòs nos
inhamos metido.

445 E porque vos naõ
ique a ultima deſconſolaçaõ
le naõ terdes, com que ba-
er moeda na voſſa terra;
aybaõ os que tanto a deze-
aõ, & procuraõ, que poſto
que ſeja com boa tençaõ, &
om zelo, he eſta a mayor
raiçaõ, que podem fazer à
ua patria. He poſſivel, q̃ vos
dé Deos huá terra tam abun-
dante, & tam fertil, que ſó
com a commutaçaõ dos fru-
tos, & drogas della vos ſu-
ſtentais, & confervais ha tan-
tos annos tam abaſtada, &
tam nobremente, ſem haver,
nem correr nella dinheiro;
& que dezejeis, & ſuſpireis
por dinheiro, ſem o qual, &
por iſſo meſmo, vos fez a
voſſa fortuna ſingulares no
mundo? Plinio, que foy o
homem que mayor conheci-
mento teve de todo elle, en-
tre outras muitas ſentenças,
com que condena o uſo do
dinheiro, & louva o da com-
mutaçaõ dos frutos naturaes,
diz eſtas notaveis palavras.
Quam innocens, quam beata, imò verò & delicata eſſet vita, ſi nihil aliud quam ſupra terras concupiſceret? Utinamque poſſet è vita totum abdicari aurum, ad perniciem vitæ repertum : quantum feliciore ævo, cùm res ipſæ permutabantur inter ſe? Quer dizer. Que innocente, que bem-aventurada, & que delicioſa ſeria a vida dos homens, ſe elles ſe contentàraõ com o q̃ naſce ſobre a terra. Oxalà ſe podéra deſterrar de todo o mundo o ouro deſcuberto para deſtruiçaõ da vida, & ſe trocàraõ os tempos, & uſo preſente por aquella ida-de feliciſſima, em que as couſas ſe commutavaõ huãs por outras. Atéqui o parecer daquelle grande juizo, que ajuntou em ſy a ſciencia, & comprehençaõ de todos os ſeculos. E que tendo-vos Deos feito merce de que go-zeis eſta ineſtimavel rique-za, & felicidade natural, queirais abrir as portas a hũ inimigo, tam univerſal, & pernicioſo como o dinheiro, que

Plin. in proem. lib. 33. & cap. 1.

que no dia, em que entrar na terra, vos ha de empobrecer a todos de repente? Ouvi hũ caſo admiravel de Chriſto, Senhor noſſo, com ſeus Diſcipulos.

446 Mandou-os o Senhor prégar pelo mundo, & prohibiolhes nomeadamẽte, que naõ tiveſſem ouro, nem prata, nem levaſſem bolça, nem dinheyro comſigo: *Nolite poſſidere aurum, neque argentum, neque pecuniam in zonis veſtris.* Vieraõ os Diſcipulos da jornada, & fezlhe o Divino Meſtre eſta pergunta: *Quando miſi vos ſine ſacculo, & pera, nunquid aliquid defuit vobis?* Quando vos mandey ſem bolça, nem alforge, faltouvos algũa couſa? Reſpondêraõ todos, que nenhũa couſa lhes faltàra: *At illi dixerunt: nihil.* Pois agora vos digo, replicou o Senhor, que quem tiver bolça, & dinheiro, o leve comſigo, & ſe tiver alforge, tambem: *Sed nunc, qui habet ſacculum, tollat ſimiliter & peram.* Com razaõ chamey a eſte caſo admiravel. Se Chriſto tinha mandado aos Diſcipulos ſem bolça, nem dinheiro, & elles exprimentàraõ, & confeſſavaõ, que nenhuma couſa lhe faltàra: como depois deſta experiencia, & deſta confiſſaõ lhe manda agora o contrario, & que levem dinheiro? Se elles tiveraõ ditto, que por naõ levarem dinheiro, lhe tinhaõ faltado muitas couſas neceſſarias à vida, entaõ ſe ſeguia bem, q̃ o Senhor lho concedeſſe. Mas tendolhe prohibido o dinheiro, quando foraõ a primeira vez, & naõ lhe tendo faltado nada, agora lhe diz, que o levem? Reſponde depois de grandes admiraçoens Saõ Joaõ Chryſoſtomo. Chriſto, Senhor noſſo, queria exercitar ſeus Diſcipulos na paciencia, & que padeceſſem pobreza, & falta do que lhe foſſe neceſſario: & como quando foraõ ſem dinheiro, nenhuã deſtas couſas lhe faltou, mandoulhe, que levaſſem dinheiro, para que tudo lhe faltaſſe. *Ac ſi eis dixerit: hactenus cuncta vobis uberrime affluebant, nunc autem volo vos & inopiam experiri.* Como ſe diſſera o Senhor (diz Chriſoſtomo:)

Matt. 10. 9.

Luc. 22. 35. 36.

romo :) Atégora sem di-
nheiro tudo vos sobeja ; pois
agora quero , que tenhais
dinheiro , para que tudo vos
falte , & sejais pobres. Isto
he o que querem, sem enten-
der o que querem, os que
dezejaõ que entre , & corra
dinheiro nesta vossa terra. Se
sem dinheiro , & só com a
commutaçaõ dos frutos na-
turaes da terra tendes abun-
dantemente tudo o que he
necessario para a vida , &
muitos de vòs o superfluo,
para que quereis dinheiro,
senaõ para que tudo custe
dinheiro , & custando tudo
dinheiro , todos sejais po-
bres? Benzey vos desta ten-
taçaõ como da outra : lo-
gray o que Deos vos deo tam
abundantemente sobre a ter-
ra , & de debaixo della nem
queirais minas , nem o que
dellas se bate.

§. VII.

447 Mas antes que aca-
bemos este ponto (com pro-
messa de que o segundo será
muito breve) naõ quero, que
me accuseis de pouco zelo-
so da opulencia do Reyno.
E assim como vos tenho mo-
strado , que as minas , no
caso em que se descobrissem,
seriaõ de grande dano , em
particular para este Estado ;
assim acrescento agora , que
tambem para o mesmo Rey-
no em geral antes haviaõ de
ser de mayor oppressaõ , &
ruina , que de utilidade , &
augmento. E para q̃ come-
cemos pelos exemplos mais
vizinhos , que utilidades se
tem seguido a Hespanha do
seu famoso Potosî , & das
outras minas desta mesma
America ? A mesma Hespa-
nha confessa , & chora , que
lhe naõ tem servido mais ,
que de a despovoar , & em-
pobrecer. Elles cavaõ , &
navegaõ a prata, & os Estran-
geiros a logaõ. Para os ou-
tros he a sustancia dos pre-
ciosos metaes , & para elles
a escoria. Là disse Isaias fal-
lando do Reyno de Israel :
Argentum tuum versum est in scoriam : & o mesmo se
poderà dizer sem metafora
da prata de Hespanha. Ain-
da com mais domestica pro-
priedade se lhe póde appli-
car o dito do seu mesmo Pa-
traõ Santiago : *Argentum*

Isai. 1. 22.

Jacob. vestrum æruginavit : pois a
5. 3. prata se lhe tem convertido em cobre, & a fama, & opulencia de tanto milhaõ em belhaõ.

448 E para que se naõ engane alguem com me dizer, ou cuidar, que a evidencia deste mesmo exemplo nos servirà de doutrina, & emenda; passemos a outro Reyno, ou a outro Reynado mais sabio, qual foy sem injuria dos presentes, nem futuros, o de Salamaõ. Salamaõ com a sua universal sabidoria descobrio riquissimas minas, & naõ outras, segundo opiniaõ de graves Authores, senaõ as mesmas deste Novo Mundo. As do Perù, que os Hespanhoes descobriraõ sem as buscar, & as do Brasil, que nòs buscamos, & naõ descobrimos. Fundase esta sentença no Capitulo terceiro do Segun-
2. Paralip. 3. 7. do Livro do Paralipomenon, onde fallando do ouro, que daquellas partes vinha a Salamao, diz o Texto Hebréo: *Aurum erat Paruaim.* A qual palavra Paruaim he hum nome do plural, cujo singular he Perù: com que vem a dizer o mesmo Texto, que aquelle ouro se trazia de ambos os Perùs, ou de hum, & outro Perù. Assim o declara Genebrardo, peritissimo na lingua Hebraica: *Aurum Paruaim in Hebræo apellatur quasi allatum ex utroque Perù.* E daqui infere como cousa evidente, que era tirado das minas deste Novo Mundo: *Quis non cernit novum hunc orbem nominari?* E para que se veja, que hum destes Perus era o que hoje conserva o mesmo nome, & o outro este nosso, que chamamos Brasil (onde só podiaõ vir aportar as Frotas de Salamaõ;) diz o mesmo Texto Sagrado, que huã das cousas novas, & nunca vistas na Asia, que levavaõ as mesmas Frotas, eraõ certos pàos chamados *Ligna thyina*, os quaes dizem os Hebrèos citados por Tirino, q̃ eraõ *Lignum Brasilium*, Pào do Brasil. O Chaldéo trasfada *Coralium*, Coral: donde parece lhe deraõ este nome pela semelhança da cor vermelha. Mas as obras, que o Texto aponta se faziaõ deste pào, naõ podiaõ ser do que

que vulgarmente se chama Brasil, senaõ de outra maneira preciosa, das muitas q̃ nelle nascem.

449 Isto supposto (& naõ supposto tambem) ou fossem desta terra as minas de Salamaõ, ou de qualquer outra; vamos ao que rendiaõ; & em que se empregava, que he o que faz ao meu caso. O que traziaõ as suas Frotas a Salamaõ só em ouro, eraõ seis centos & sessenta & seis Talentos, que montaõ oito milhoens, menos oito mil Cruzados. Assim o conta pontualmente a Escritura: *Pondus auri, quod afferebatur Salomoni per annos singulos, sexcentorum sexaginta sex Talentorum auri.* E naõ só traziaõ as Frotas ouro, senaõ tambem muita prata; cuja quantidade era tam immensa na Corte de Jerusalem, que affirma a mesma Escritura igualava às pedras da rua: *Fecitque, ut tanta esset abundantia argenti in Jerusalem, quanta & lapidum.* Esta he a immensidade de ouro, & prata, que rendiaõ aquellas minas. Mas antes que vejamos, em que todo este ouro, & toda esta prata se gastava, deixaime fazer hum reparo, digno, naõ só de admiraçaõ, mas de assombro, & de pasmo.

450 Mortos Salamaõ, succedéolhe na Coroa Roboaõ seu filho: & a primeira proposta, que lhe fizeraõ os povos juntos em Cortes, foy que tivesse piedade delles, & os aliviasse dos tributos, com que estavaõ opprimidos em tempo de seu Pay, porque eraõ insoportaveis. E chegou esta instancia a termos tam apertados, & do cabo, que naõ querendo Roboaõ condescender no que tam justamente pediaõ, dos doze Tribus de que constava todo o Reyno, os dez lhe negáraõ a obediencia, & se rebellàraõ, & fizeraõ outro Rey, & outro Reyno, que nunca mais se sugeitou, nem restituio aos herdeiros de Salamaõ. Agora entra o meu reparo. Se o pezo do ouro, & a quantidade da prata, que contribuiaõ as minas, era tam excessiva (além dos direitos ordinarios do Reyno, de que tambẽ faz mençaõ a Escritura)

com toda esta immensidade de thesouros, com todos estes rios de prata, & ouro, que estavaõ sempre a correr: *Per singulos annos*: como naõ se aliviava a oppressaõ dos vassallos, como se naõ levantavaõ, ou diminuiaõ os tributos dos povos, antes crescíaõ, & se multiplicavaõ ao mesmo passo com tal excesso, que os obrigàraõ a hũa tal desesperaçaõ, & reduzíraõ o Reyno a extrema ruina? Aqui vereis qual he o fruto das minas, & o que fazem esses rios de ouro, & prata, trazidos de tam longe. Com as suas enchentes inundaõ a terra, opprimem os povos, arruinaõ as casas, destruem os Reynos.

451 As causas naturaes destes effeitos tam lamentaveis, naõ saõ ordinariamente outras, senaõ as mesmas que precederaõ no Reynado de Salamaõ. E quaes foraõ estas? O luxo, a vaidade, a ostentaçaõ, a delicia, os palacios, as casas de prazer, as fabricas, & machinas exquisitas, & outras cousas tam notaveis, como superfluas, q̃ chamavaõ à Corte de Jerusalem os Olhos dõ Mundo: & vistas, desmayavaõ a admiraçaõ, como acontecéo à Rainha Sabà. As baixellas todas eraõ de ouro (porque da prata naõ se fazia caso) as mesas, & todas as outras alfayas tambem de ouro, & o que se naõ podêra crer, se o naõ referira a Historia Sagrada, atè as lanças, & escudos, em grande numero, de ouro. Nestes monstros da vaidade (que sempre he mayor q̃ o poder) se consumiaõ aquelles immensos thesouros, & onde naõ chegavaõ os milhoens das Frotas, supriaõ os tributos dos vassallos. Quando as Frotas haviaõ de partir, huns concorriaõ com o prestimo de suas artes para os apressos, outros com as contribuiçoẽs das suas herdades para os bastimentos, outros com o dinheiro amoedado, para os soldos, outros com as proprias pessoas, embarcandose forçados a huã tam dilatada, tam nova, & tam perigosa navegaçaõ. E quando as mesmas Frotas voltavaõ carregadas de ouro, & prata, nada disto era para alivio, ou reme-

remedio dos povos, senaõ para mais se encherem, & incharem os q̃ tinhaõ mando sobre elles, & para se excogitarem novas artes de esperdiçar, & novas invençoens de destruir. E se isto succedia no Reynado, & governo de Salamaõ, vede se se pòde esperar, ou temer outro tanto, quando naõ forem Salomoẽs os que tenhaõ o governo.

452 Dos futuros condicionaes, & contingentes, ninguem he sabedor, senaõ Deos, & os seus Profetas. E assim naõ quero, que me creais a mim, senaõ a Isaias. *Repleta est terra argento, & auro, & non est finis thesaurorum ejus.* Vejo a terra (diz Isaias) toda cheia de ouro, & prata, & saõ tantos, & tam grandes os seus thesouros, que naõ tem fim. Oh ditosa, & bem afortunada terra, em que naõ haverà jà pobreza, nem miseria; pois estando toda cheia, a todos abrangerá a riqueza, & naõ haverà quem naõ tenha com que remediar a sua necessidade! Assim parece verdadeiramente. Mas vejamos se vè mais algũa cousa o Profeta, & se he isto mesmo, que nòs inferimos. Vay por diante Isaias, & às palavras, que tinha dito, acrescenta as seguintes: *Et repleta est terra ejus equis, & innumerabiles quadrigæ ejus: & repleta est terra ejus idòlis: opus manuum suarũ adoraverunt.* Depois de ver a terra cheia de ouro, & prata, o q̃ mais vi, diz o Profeta, foy que a mesma terra estava cheia de cavallos, & que as suas carroças eraõ innumeraveis, & que os homens adoravaõ as obras de suas mãos, & faziaõ dellas idolos. Eisaqui os augmentos, que havia de ter o Reyno com os haveres, que lhe promettiaõ as vossas minas. Encherse hia a terra de ouro, & prata; mas esse ouro, & prata, posto que naturalmente desce para baixo, havia de subir para sima. Naõ havia de chegar aos pequenos, & pobres, mas todo se havia de abarcar, & consumir nas mãos dos grandes, & poderosos; porque como bem disse o outro: as Magnetes attrahem o ferro, & os Magnates o ouro: & as

obras pias, em que esses thesouros se haviaõ de despender, eraõ, mais cavallos, & mais carroças, & mais galas, & mais palacios, & obras magnificas, & ostentosas: & tambem haviaõ de ter parte nelles os idolos bautizados, que là se adoraõ, & que tantas vidas, & fazendas tem destruido. E se estes eraõ os proveitos, com que se havia de adiantar o Reyno no descobrimento das vossas minas, à custa da vossa fazenda, do vosso trabalho, da vossa oppressaõ, & do vosso cativeiro; vede se foy grande favor, & providencia do Ceo, que se naõ descobrissem, & se tanto no particular, como no geral hia desencaminhada, & errada a vossa esperança: *Nos autem sperabamos.*

§. VIII.

453 Desenganado assim, & desvanecido o falso descobrimẽto das vossas minas, segue-se o verdadeiro das minhas, que vos prometti descobrir. E porque he certo, & infallivel, naõ necessita de tam largo discurso. Promettendo Christo Redemptor nosso aos Escribas, & Fariseos em lugar de hum milagre do Ceo, que lhe pediaõ, outro milagre mayor na terra, disse, que assim como Jonas estivera tres dias, & tres noites no ventre da Balèa, assim elle havia de estar no coraçaõ da terra outros tantos dias, & noites, que foraõ os que se contaraõ desde a tarde de sua sagrada morte atè a manhaã da sua glorioſa Resurreiçaõ. Alguns dizem, que se cumprio esta promessa, & profecia na sepultura do Senhor. Mas esta interpretaçaõ hè insufficiente, & impropria; porque ainda que Christo na sepultura esteve debaixo da terra, naõ esteve no coraçaõ da terra: *In corde terræ.* O coraçaõ da terra naõ he junto à superficie, onde estava o sepulchro, senaõ o meyo, & centro della, & o lugar mais interior, & inferior, onde o Senhor deseeo, & se deteve aquelles tres dias, & isso he o que cremos, & significamos, quando dizemos, naõ só que foy sepul-

sepultado, senaõ que descèo ao inferno. Mas a que fim desceo Christo ao inferno, estando jà em estado glorioso, a que naturalmente he devido o Ceo? Que foy buscar àquellas concavidades escuras, & subterraneas, onde nunca entrou o Sol? Foy buscar, & descobrir humas minas mais ricas que toda a prata, & todo o ouro, cujo preço, & lugar só elle conhecia, & nenhum homem, nem Anjo, senaõ elle as podia descobrir.

454 Quando os Authores ainda Gentios querem encarecer o extremo da cubiça furiosa, & cega, com que os homens naõ duvidaõ de se meter, & penetrar o mais profundo da terra, & ter sobre sy as montanhas para chegar ao escondido das minas, dizem que até o inferno vaõ buscar, & desenterrar o ouro, & a prata.

Itum est ad viscera terræ.
Quasque recondiderat, Stigiisque advexerat undis,
Effodiuntur opes irritamenta malorum.

disse com elegantes versos Ovidio. E naõ com menos elegante prosa, nẽm com menor sentimento, & juizo, Plinio. *Imus in viscera ejus, & in sede manium opes quærimus. Illa nos premunt, illa nos ad inferos agunt, quæ occultavit, atque demersit.* Isto pois que aquelles homens, q̃ naõ tiveraõ conhecimento de Christo, disseraõ por exageraçaõ, & encarecimento dos mineiros do ouro, & prata, isto mesmo, & em proprios termos he o que realmente, & em Pessoa fez Christo, penetrando o mais escondido, & inferior da terra, & descendo verdadeiramente ao inferno, para descobrir, romper, & abrir as suas minas, naõ de ouro, ou prata, que accrescentaõ os males da terra, senaõ de outros muito mais preciosos metaes, com que se acrescenta, illustra, & enriquece o Ceo. Plin.

455 A montanha, onde começàraõ a romperse estas minas, foy o monte Calvario, os instrumentos a Cruz, & os Cravos, o sitio subterraneo, onde ellas estavam escondidas, o Seyo de Abrahaõ, & as riquezas, que dellas

tirou Chriſto depois de tantos trabalhos, as Almas. Tirou a Alma do meſmo Abraham, que deu nome ao lugar. Tirou a Alma de Abel, que foy a primeira, que alli entrou. Tirou as Almas de Adam, & Eva, que por hum appetite foraõ a cauſa, de que elles, & ſeus filhos do Paraiſo da terra naõ foſſem tresladados ao Ceo. Tirou as Almas dos antigos Patriarcha, Seth, Noè, Iſaac, Jacob, Joſeph, & Moyſès, cuja Ley, poſto que foy diſpoſiçaõ, naõ teve virtude para levar os homens à Gloria, privilegio ſó da Ley da Graça. Tirou a Alma de Job, que no meſmo tempo ſe ſalvou na Ley da Natureza, & tambem (ſegundo parece) as dos outros ſeus amigos que tinhaõ a meſma Fè do verdadeiro Deos. Tirou as Almas dos Reys, que foraõ Juſtos, & Santos (muito menos porèm em numero do que foraõ as Coroas:) a Alma de Ozias, a Alma de Ezechias, a de Jozaphat, a de Manaſſes, a de David. E ſe tambem naõ foy com elle a de Salamaõ, vede quẽ deſgraça? Tirou as Almas dos Profetas, Iſaias, Jeremias, Ezechiel, Daniel, & os demais: & com cada hũ delles em triumfo as Almas que com ſuas prègaçoens tinham livrado do Inferno. E porque naõ fiquem de fóra as Mulheres (cujas Almas naõ faltou quem diſſeſſe que naõ foraõ criadas à imagem, & ſemelhança de Deos) tirou as Almas de Sara, de Rebecca, de Rachel, a de Maria Irmaã de Moyſés, a de Eſther, a de Ruth, a da caſta Suzanna, a da valente Judith. E com eſtas de mais conhecido nome, todas as outras que naquelle eſcuro depoſito eſtaõ eſperando longamente a vinda do Meſſias.

456 Das que là entràraõ depois de Deos feito homem (ſe a hyſtoria do Rico Avarento naõ foy mais antiga) tirou o Senhor ſingularmente a Alma do Pobre Lazaro, de que ſó ſe faz mençaõ no Evangelho, a qual levàraõ ao meſmo Seyo de Abraham os Anjos, ficando para ſempre no Inferno

ferno ardendo em fogo, & em enveja a Alma do meſmo Rico, cuja fortuna neſte mundo fora tam envejada. Tambem foy notavel entre as Almas deſte tempo a de Simeaõ, aquelle Velho venturoſo, que teve a Chriſto em ſeus braços, & deſpedindoſe da vida foy o que à levou as primeiras novas, de que jà ficava no mundo o Redentor delle. Os Antigos tiveraõ para ſi, que havia Almas grandes, & Almas pequenas: & ſe iſto aſſim fora, muito accreſcentàraõ o numero das Almas pequenas as dos innocentes de Belem, os quaes o Senhor naõ livrou da eſpada de Herodes, para agora as levar glorioſas comſigo. Finalmente ſobre todo aquelle numeroſiſſimo eſquadraõ avultàrao com exceſſo entre todas as Almas grandes, quatro maiores, a de Saõ Joaõ Bautiſta, a de S. Joachim, a de Santa Anna, & a do que merecéo ſer chamado Pay do meſmo Chriſto, o incomparavel S. Joſeph.

457 Eſtes foraõ os theſouros ineſtimaveis, que o Redentor do mundo tirou daquellas ſuas minas, que em eſpaço de quatro mil annos deſde o principio do meſmo mundo, ſe foraõ multiplicando, & creſcendo ſempre. Entaõ ſe cumprio a promeſſa, que dellas lhe tinha feito Deos por boca de Iſaias, dizendo: que lhe daria os theſouros eſcondidos, & mais ſecretos, & encubertos de toda a terra, & quebraria para iſſo portas de bronze, & fechaduras de ferro: *Portas æreas conteram, & vectes ferreos confringam, & dabo tibi theſauros abſconditos, & arcana ſecretorum.* Bem ſey, que eſtas palavras foraõ dirigidas exteriormente a ElRey Cyro; mas he certo, que o interior da profecia fallava expreſſamente com Chriſto. Aſſim como o que tem diante de ſy a Imagem de hum Santo, parece que falla com a Imagem, & falla com o Santo; aſſim Iſaias fallando no exterior com Cyro, que era figura, & imagem de Chriſto, com o meſmo Chriſto he que fallava propriamente, & de Chriſto profetizava, *Iſai. 45. 2. 3.*

zava, & naõ de Cyro. O meſmo Profeta ſe explicou logo, & ſe commentou a ſy meſmo, & com tal individuaçaõ de palavras, q̃ de nenhum modo ſe pòdem entender de Cyro, nem de outro algum homem, ſenaõ daquelle, q̃ era homem, & Deos juntamente. *Ibid.* 15. *Verè tu es Deus abſconditus, Deus Iſrael Salvator.* Eſte de quem fallo debaixo do nome de Cyro, he verdadeiramente Deos eſcondido; Deos eſcondido, & Salvador. Deos eſcondido; porque em Chriſto eſtava a Divindade eſcondida debaixo da Humanidade: & Deos aſſim eſcondido Salvador; porque para Deos nos ſalvar ſe fez homem. E para tirar toda a duvida, & q̃ eſte Salvador naõ era homem como os outros homens da terra, ſenaõ Deos deſcido do Ceo, continua o meſmo Profeta, pedindo, & inſtando ao meſmo Ceo, que acabaſſe jà de chover là de ſima o Juſto, para que naſceſſe na terra o Salvador. *Ibid* 8. *Rorate cœli deſuper, & nubes pluant Juſtum, aperiatur terra, & germinet Salvatorem.* Aſſim q̃ aquelle Principe, a quem Deos prometeo o deſcubrimento das minas ſecretas, & as riquezas dos theſouros mais occultos, & eſcondidos, naõ era Cyro, nem outro Rey da terra, ſenaõ Chriſto, verdadeiro Deos tambem eſcondido, q̃ deſcèo do Ceo, & q̃ deſceo, naõ para outro fim, ſenaõ para ſer Salvador.

458 Mas ſe Chriſto quando deſceo do Ceo, & veio à terra, naſceo nà pobreza de hum preſepio: ſe como Filho eſcolheo Mãy pobre, & como Meſtre Diſcipulos pobres: ſe a primeira couſa, que enſinou, & prégou, foy pobreza: ſe viveo de eſmolas como pobre, ſe morreo ſem caſa, nem cama, & deſpido como extremamente pobre: ſe o que ſempre condenou, foraõ as riquezas, & promettendo o Ceo aos pobres, ſó o difficultou, & quaſi impoſſibilitou aos ricos; que theſouros ſaõ eſtes, que Deos lhe prometteo, & que minas ſecretas, & eſcondidas as que havia de deſcobrir? Naõ foraõ ſem duvida, nem ſaõ outras, ſenaõ aquellas Almas

tam

ãm precioſas, como preza-
las, que no Seyo de Abra-
ham, como em theſouro, ſe
iaõ depoſitando por todos
os ſeculos, naõ ſó eſcondi-
las, & encerradas, mas ver-
ladeiramente cativas, para
ujo deſcobrimento, liberda-
le, & redempçaõ deſceo
Chriſto, como diz Saõ Pau-
o, às partes mais inferiores
la terra: *Aſcendens in altum,*
aptivam duxit captivitatem.
Quod autem aſcendit, quid eſt,
iſi quia & deſcendit primum
n inferiores partes terræ. E
orq̃ as meſmas Almas naõ
odiaõ ſair daquelle lugar
ubterraneo, onde eſtavaõ
rezas, & aferrolhadas co-
no em hum carcere de bron-
ze; por iſſo juntamente com
a promeſſa deſtes theſouros,
& deſtas minas aſſegurou
Deos ao meſmo Chriſto, deſ-
cobridor, & conquiſtador
dellas, q̃ primeiro quebraria
as portas de bronze, & rom-
peria as fechaduras de ferro:
Portas æreas conteram, & ve-
ſtes ferreos confringam, &
dabo tibi theſauros abſcondi-
tos, & arcana ſecretorum.

459 Aſſim commentaõ eſte lugar literalmẽte Santo Hieronymo. & Santo Aguſtinho. Mas quem poderà declarar dignamente o preço deſtes theſouros, & o valor deſtas minas? Só por comparaçaõ do ouro, & prata, q̃ o mundo tanto preza, & eſtima nas outras, ſe pòde de algum modo raſtear, & aſſim o fez S. Pedro, fallãdo daquellas Almas, & das noſſas. Exhortamos S. Pedro a que conſervemos puras as noſſas Almas com à obediencia dos preceitos divinos, que todos ſe encerraõ na charidade: *Animas veſtras caſtificantes in obedientia charitatis*: & o motivo principal, q̃ para iſſo nos propoem, he o preço, & valor das meſmas almas: *Scientes quòd non corruptibilibus auro, vel argento redempti eſtis ſed pretioſo ſanguine quaſi agni immaculati Chriſti*: advertindo, & conſiderando (diz o Principe dos Apoſtolos) que eſſas Almas naõ foraõ compradas com ouro, ou prata, ſenaõ com o precioſo Sangue do meſmo Filho de Deos. Naõ ſey, ſe reparais, q̃ naõ ſó diz S. Pedro o preço, com que foraõ compradas as Almas, ſenaõ tambem o pre-

I. Petr. I. 22.

Ibid. 18.

o preço; com que naõ foraõ compradas. Naõ foraõ compradas, diz, com ouro, nem com prata, ſenaõ com o Sangue de Chriſto. E naõ baſtava dizer, que foraõ compradas com o Sangue de Chriſto unido à Divindade, & por iſſo de preço infinito? Baſtava, & ſobejava. Mas como fallava com a baixeza, & vileza dos homens, que como feitos daterra, naõ ſabem levantar os penſamentos da terra, & tanto prezaõ, & eſtimaõ o ouro, & a prata; por iſſo ajuntou, & ponderou, que naõ foraõ compradas as Almas com ouro, nem com prata, ſenaõ com o preço infinito do Sangue de Chriſto: para que acabem de entender, & de crer todos, os que tem fé, que ſaõ infinitamente mais precioſas as Almas, & infinitamente mais ricas as minas, donde Chriſto as foy buſcar debaixo da terra, que todo o ouro, & toda a prata que ſe tira, ou póde tirar das outras.

460 Que bem o entendeo, aſſim ElRey Dom Joaõ o Segundo, quando ſe deſcobriraõ as minas da Coſta de Africa, que deraõ nome à meſma terra! Edificouſe alli o famoſo Caſtello de S. Jorge: mas porque as deſpezas eraõ muitas, & a terra doentia, pozſe em conſelho de Eſtado, ſe ſe largaria? E como muitos dos Conſelheiros votaſſem, que ſim: que reſponderia ElRey? Reſpondeo, que de nenhum modo ſe largaſſe. Porque eu (diz) naõ mandey edificar aquelle Caſtello, tanto para a defenſa, & conſervaçaõ das minas, quanto para a converſaõ das Almas dos Gentios: & baſtame a eſperança da ſalvaçaõ de huma ſó daquellas Almas, para ter por bem empregadas todas eſtas deſpezas.

IX.

461 Eſtas ſaõ, Senhores meus, as minas, de q̃ Chriſto hoje ſubio tam rico do centro da terra: eſtas as que eu vos prometti deſcobrir: & eſtas, & naõ outras as minas do voſſo Maranhaõ. Se Deos vos naõ deu as de ouro, & prata, como eſperaveis

reis; ou vos fez merce, de que naõ se descobrissem, para vos livrar de tantas desgraças como ouvistes; contentay vos de vos ter dotado, & enriquecido daquellas, que na sua estimaçaõ (que só he a certa, & verdadeira) foraõ dignas de ser compradas com seu proprio Sangue. Este grande Rio, Rey de todos os do mundo, que deo o nome à vossa Cidade, & a todo o Estado, que ribeira tem na sua principal, & mayor corrente, ou nas de seus tam dilatados braços, que em lugar das areas de ouro, de que outros fabulosamente se jactaõ, naõ esteja rico destas perolas, que assim chamou Christo às Almas? Outros lhe chamaõ Rio das Almazonas; mas eu lhe chamo Rio das Almazinhas: naõ por serem menores, nem de menos preço (pois todas custàraõ o mesmo) mas pelo desemparo, & desprezo, com que se estaõ perdendo, quando o ouro, & a prata se dezeja com tanta ancia, se procura com tanto cuidado, & se busca com tanto empenho? Oh Almas remidas com o Sangue do Filho de Deos, que pouco conhecido he o vosso preço, & que pouco sentida a vossa perda, digna só de se chorar com lagrimas de sangue! Mas os que tam pouco caso fazem da Alma propria, como o faraõ das alheias?

462 Ora jà que o Senhor do mundo nos descobrio estas minas, & nos encarecéo tanto o preço dellas, & as poz tanto à flor da terra, nesta terra de que vos fez Senhores para este mesmo fim, naõ as desprezeis. Vede q̃ injuria seria da Fé, & da Charidade, & do mesmo Sangue de Christo, se descendo elle o centro da terra a buscar Almas, nòs as deixassemos perder, & ir ao inferno, quando as podemos salvar para sy, para nòs, & para o mesmo Christo, sem cavar, nem romper montanhas. E para que se anime o nosso zelo neste pequeno trabalho, & de tanto lucro; só quero que advirtamos todos, que fazendo-o assim, faremos em certo modo mais sem sair da super-

ſuperficie da terra, do que fez o meſmo Chriſto deſcendo ao centro della. He de Fé, que Chriſto deſcéo aos Infernos: *Deſcendit ad inferos.* Tambem he de Fé, que ha dous infernos, hum inferior, & muito mais abaixo, onde eſtava o Rico Avarento, & outro ſuperior, & mais a ſima, onde eſtava Abrahaõ, & Lazaro. Deſte inferno ſuperior tirou Chriſto todas as Almas, que lá eſtavaõ; mas do inferno inferior (ou Chriſto deſceſſe là preſencialmente, ou naõ) naõ tirou Alma alguma. Com tudo David diz de ſy, que o Senhor tirou a ſua Alma do inferno inferior: *Eruiſti animam meam ex inferno inferiori.* Pois ſe a Alma de David, como a dos outros Patriarchas, foy tirada do Seyo de Abraham, que he o inferno ſuperior, como diz que a tirou Deos do inferno inferior, que he o inferno dos condenados, & que propriamente ſe chama Inferno? Porque a Alma de David livrou-a Deos duas vezes, & de dous infernos; huma vez em vida, & outra vez depois da morte. Depois da morte livrou-a do inferno ſuperior, quando com as outras Almas Santas a tirou do Seyo de Abraham: & na vida livrou-a do Inferno inferior, ao qual eſtava condenada a Alma de David pelo peccado do adulterio, & homicidio, & onde havia de penar eternamente, ſe Deos por ſua grande miſericordia a naõ livràra, como elle meſmo diz: *Quia miſericordia tua magna eſt ſuper me, & eruiſti animam meam ex inferno inferiori.*

Pſal. 85. 13.

463 Eiſaqui o eſtado em que eſtaõ toda eſta infinidade de Almas, cujo remedio, & ſalvaçaõ fiou Deos do noſſo zelo, & da noſſa Chriſtandade. Os innocentes pelo peccado original iraõ ao Limbo, q̃ tambem he inferno, pois naõ haõ de ver a Deos para ſempre. Porèm os adultos, aſſim pelos peccados actuaes, como pela falta de Fé, & Bautiſmo, todos vaõ, & eſtaõ indo continuamente ao inferno inferior. E deſte inferno, donde Chriſto hoje naõ

naõ tirou Alma alguã, podemos nòs tirar ſem ſair da terra, onde Deos nos poz, tantos milhares de Almas; & fazer dellas hum theſouro ineſtimavel, tanto mais rico, & precioſo, quanto val mais huã ſó Alma que todo o ouro, & prata, & todos os haveres do mundo. Ou cremos eſta verdade, Chriſtaõs, ou naõ a cremos? Se a naõ cremos, onde eſtà a noſſa Fè, a noſſa Eſperança, & o noſſo entendimento? Digaſe do noſſo entendimento, & da noſſa Fè, o que hoje diſſe Chriſto aos Diſcipulos deſeſperados: *O ſtulti, & tardi corde ad credendum*? Mas ſe temos Fè, & juizo, como naõ ha de prevalecer a alegria, o goſto, & a felicidade de Deos nos ter deſcuberto eſtas minas do Ceo, à falſa, & mal entendida triſteza, de naõ termos achado as da terra, que nella buſcavamos?

464 Notou Santo Aguſtinho huã couſa digna de ſeu entendimento, que hoje ſuccedéo a S. Pedro, quando a Madalena eſta manhaã naõ achou o Cõrpo do Senhor, que buſcava na ſepultura, veyo a toda a diligencia dar conta a S. Pedro, o qual naõ andando, ſenaõ correndo, foy logo a certificarſe, & ver por ſeus olhos, ſe era aſſim o que ouvia. E qual vos parece, que ſeria o dezejo, que Sam Pedro levava no coraçaõ? Santo Aguſtinho o diz. *Ad ſepulchrum celeri curſu feſtinat, lætior rediturus, ſi non inveniret, quem quærebat* Corria S. Pedro ao ſepulchro, naõ com dezejo de achar, ſenaõ de naõ achar, & para tornar da jornada muito mais alegre, ſe naõ achaſſe o que buſcava. Aſſim ſe alegra quem olha para as couſas com ſaõ juizo, & quem entende (como S. Pedro entendia). Que ha caſos, em que a felicidade conſiſte, naõ em ſe achar; o que ſe buſca, & dezeja, ſenaõ em ſe naõ achar. Emquanto ſe naõ achava entre todas as criaturas quem foſſe ſemelhante a Adam: *Adæ verò non inveniebatur adjutor ſimilis ejus*; foy Adam felice; & tanto que ſe achou o que

Auguſt. ſerm. 132. de temp.

Geneſ. 2. 20.

o que ſe naõ achava, dahi lhe procederaõ todos os ſeus deſgoſtos, todas as ſuas perdas, & todas as ſuas, & noſſas infelicidades. Alegremſe pois com S. Pedro os que eſtavaõ triſtes, por ſe naõ achar o que ſe buſcou: & alegremſe tambem, & muito mais com os dous Diſcipulos de Emaùs, de acharem, & de ſe lhe deſcobrir tanto mais do que eſperavaõ. Elles eſperavaõ hum bem particular, & temporal, que era a redempçaõ do Reyno de Iſrael: *Nos autem ſperabamus, quòd ipſe eſſet redempturus Iſrael*: & o que achàrao ſem o buſcarem, foy a redempçaõ eſpiritual, & eterna do mundo em que conſiſtia a ſalvaçaõ das ſuas Almas, & a de todas.

465 Todas devemos dezejar que ſe ſalvem, & por todas havemos de offerecer noſſos ſacrificios, & oraçoens a Deos. Mas pois naõ podemos cooperar á ſalvaçaõ de todas, ao menos naõ faltemos a eſtas tam deſemparadas, às quaes, por mais vizinhas, he mais devedora a noſſa charidade. Sobre tudo trate cada hum com verdadeiro zelo Chriſtaõ, da doutrina, & ſalvaçaõ, ao menos daquellas Almas que tem em ſua caſa, & muito particularmente da ſua, de que muitos vivem tam eſquecidos. Acabemos de entender, & de nos deſenganar, que ſó eſtes ſaõ os verdadeiros theſouros, & que naõ ha outros, poſto que a noſſa cegueira lhe dé eſte nome. Concedovos, que ſe deſcobriſſem as minas, que dezejaveis, & que eſta voſſa Cidade eſtiveſſe lageada de barras de prata, & cuberta de telhas de ouro, que importava tudo iſto á Alma? Havia de levar algũa couſa deſtas comſigo? Havialhe de importar algũa couſa para a conta? Pois ſe tudo cà ha de ficar, porque naõ tomamos o conſelho de Chriſto, que tantas vezes nos diſſe, que fizeſſemos o noſſo theſouro no Ceo: *Theſaurizate vobis theſauros in cælo.* E notay; que diz: *Theſaurizate vobis*: Entheſouray para vòs: porque todos os outros theſou-

theſouros ſaõ para os que cá ficaõ. Coſtumavaõ os antigo mandar enterrar os ſeus theſouros debaixo das ſuas ſepulturas: & por iſſo diz Job, que os que cavaõ theſouros, ſe alegraõ, quando achaõ algum ſepulchro: *Effodientes theſaurum, gaudent vehementer cùm invenerint ſepulchrum.* E naõ he melhor, que a Alma ache os ſeus theſouros no Ceo, & ſe alegre com elles, doq̃ alegraremſe outros com a voſſa ſepultura, & com a voſſa morte, para ſe lograrem do que vòs naõ podeis levar comvoſco? Ora tenhamos, tenhamos Fé, & entriſteçaõnos ſómente noſſos peccados, & alegrenos ſómente a eſperança bem fundada de noſſa ſalvaçaõ. E para que atè das minas, que naõ achaſtes, tireis algum fruto: ſeja o primeiro a confuſaõ de fazernos tantas diligencias pelos theſouros da terra; quando taõ pouca fazemos pelos do Ceo, que haõ de durar para ſempre: & o ſegundo, o exemplo, & reſoluçaõ de fazer ao menos outro tanto pela ſalvaçaõ da Alma, & Graça de Deos, a qual nos promette o meſmo Deos que acharemos ſem duvida, ſe aſſim a buſcarmos. *Si quæſieris eam, quaſi pecuniam, & ſicut theſauros effoderis illam; tunc intelliges timorem Domini, & ſcientiam Dei invenies.* Prov. 2. 4.

SERMAM

NAS

EXEQUIAS

Da S. D. Maria de Ataíde, Filha dos Condes de Atougia, Dama de Palacio.

No Convento de Saõ Franciſco de Enxobregas.
Anno de 1649.

Maria optimam partem elegit. Luc. 10.

§. I.

466 Stas palavras (que saõ de Chriſto por S. Lucas) cantava ſolennemente a Igreja em vinte & dous de Agoſto, que foy o dia (entre tantos funeſtos deſte anno) a cuja memoria, a cujo ſentimento, & a cujo alivio ſe dedica o Religioſo, & o humano deſta piadoſa acçaõ. O meſmo dia, que nos levou o aſſumpto, nos deixou o thema. Era a Oitava glorioſa da Aſſumpçaõ da Mãy de Deos: felice dia para deixar a terra, fermoſo dia para entrar no Ceo. O dia da morte

morte chamaſe nas Eſcrituras temeroſamente dia do Senhor: *Veniet dies Domini ut fur.* Ditoſa Alma, a quem cahio o dia do Senhor no dia da Senhora. Concorrer hum dia tam temeroſo com hum dia tam privilegiado: grande argumento foy de felicidade! He opiniaõ de Doutores piadoſa, & bem recebida, que em todos os dias conſagrados a alguma Feſta da Senhora, eſtaõ mais franqueadas as portas do Ceo. Mas que eſte privilegio ſeja particularmente concedido à mayor Feſta de todas, q̃ he a da Aſſumpçaõ glorioſa, naõ tem ſó a probabilidade de opiniaõ, mas he couſa certa. Affirma-o S. Pedro Damiaõ, & o confirma com graves exemplos. Até neſta circunſtancia ſoube eſcolher Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

467 Principes ouve, que decretando ſentenças capitaes, deraõ a eſcolher o genero de morte, como Nero a Seneca. Se Deos quando decreta a morte, dera a eſcolher o dia, todo o mundo ſe guardàra para morrer neſte. Que dia ſe póde dezejar mais fauſto para acometer a perigoſa jornada da outra vida, que em ſeguimento dos paſſos daquella Senhora, que para guiar-he Eſtrella, para ſubir he Eſcada, para entrar he Porta: Eſtrella da manhãa, Eſcada de Jacob, Porta do Ceo lhe chama a Igreja. Quando os Filhos de Iſrael caminhavaõ do Egypto para a Terra de Promiſſaõ, a ordem com que marchavaõ, era eſta. Hia diante a Arca do Teſtamento em diſtancia de dous mil paſſos; ſeguiaſe logo o corpo de todo o Exercito repartido, & ordenado em Eſquadroens: por fim (que eſte he o lugar que lhe daõ os Expoſitores) eraõ levados em hum tumulo portatil os oſſos de Joſeph. Eſte caminho dos Iſraelitas (que quer dizer os que vem a Deos) era figura da jornada, que fazem as Almas do Egipto deſte Mundo, para a Terra de Promiſſaõ da Gloria. Mas em nenhuma occaſiaõ com tanta propriedade, como

neſta. Foy diante a verdadeira Arca do Teſtamento a Virgem Maria no dia de ſua triumphante Aſſumpçaõ, q̃ em tal dia nomeadamente lhe chamou Arca do Teſtamento David: *Surge, Domine, in requiem tuam, tu, & Arca ſanctificationis tuæ.* Seguiſte logo em proporcionada diſtancia, quanto vay do Dia à Oitava, naõ o Corpo do Exercito, mas o Exercito da Alma. Huma Alma armada com todos os Sacramentos da Igreja, aſſiſtida dos Anjos, acompanhada das boas obras, ſeguida de tantos ſuffragios, & ſacrificios, que outra couſa he, ſenaõ hum Exercito ordenado, & terrivel? Aſſim lhe chamaõ, naõ ſem admiraçaõ, aquelles Eſpiritos ſentinellas do Ceo, que deſde ſuas amêas eſtaõ vendo ſubir huma Alma: *Quæ eſt iſta, quæ aſcendit terribilis ut caſtrorum acies ordinata?* Por fim de tudo (que tal he o fim de tudo) remataſe hoje eſta pompa glorioſa, & inviſivel no que ſó vem, & no que ſó podem ver noſſos olhos, em hũas Cinzas, & hũ Tumulo. Tambem aquelle Tumulo, & aquellas Cinzas, vaõ caminhando, mas com paſſo taõ vagaroſo, com movimento tam tardo, que naõ chegaràõ ao Ceo, donde jà deſcança a Alma, ſenaõ no dia da Reſurreiçaõ Univerſal. Cedo as perderemos de viſta, para nunca mais. Agora ſaõ ſó preſentes a noſſos olhos para nova commiſeraçaõ, para ultimo deſengano, para perpetuo exemplo. A meſma Senhora, que jà tem dado a Gloria ao bemaventurado Aſſumpto de noſſa Oraçaõ, peçamos nos queira tambem dar a Graça, que havemos miſter para fallar delle: *Ave Maria.*

Pſal. 131. 8.

Cant. 3. 6.

Cant. 6. 3

Maria optimam partem elegit.

II.

468 DEu occaſiaõ a eſta ſentença de Chriſto huma queixa piadoza, mas tam atrevida, que chegou a lhe tocar ao Senhor, naõ menos que no attributo de ſua providencia: *Domine, non eſt*

eſt tibi curæ ? Senhor, naõ tendes cuidado? Caſos ſuccedem no mundo, que parece ſe deſcuida Deos do governo delle: & ſe alguns ſaõ à noſſa admiraçaõ mayores motivos, ſaõ os da vida, & da morte. Eſta admiraçaõ introduzio no juizo dos homens o erro de Fados, & de Fortuna, que ſe bem entre nòs perdèraõ a divindade, ainda conſervaõ os nomes. Se repararmos com attençaõ, quem vive neſte mundo, & quem morre, he neceſſaria muita Fè, para crer que ha providencia. Todo o motivo deſta queixa de Marta, foy ver, que a deixàra Maria, & que eſtava com Deos. Tal he o motivo, que temos preſente, mas com mayores circunſtancias de dôr (naõ ſey ſe diga de ſemrazaõ) & aſſim havemos de ouvir hoje mais queixas.

469 Em fim Maria eſtà com Deos : *Sedens ſecus pedes Domini* : deſatouſe dos cuidados, & das obrigaçoens do mundo, rompèo os laços da humanidade, deixou em ſoledade o ſangue, o amor, & a meſma vida : *Reliquit me ſolam.* Contra eſte naõ eſperado apartamẽto temos tres queixoſas a modo de Marta, & naõ queixoſas de Maria, porque o executa, ſenaõ de Deos, porque o permite: *Domine, non eſt tibi curæ?* E que queixoſas ſaõ eſtas? A primeira he a Idade, a ſegunda a Gentileza, a terceira a Diſcriçaõ. Paràraõ todas (como Marta : *Quæ ſtetit, & dit*) E que conformemente ſe queixaõ! Corpo, Alma, & Uniaõ he toda a fabrica do compoſto humano. Por parte da Uniaõ queixaſe a Idade cortada: por parte da Alma queixaſe a Diſcriçaõ emmudecida : por parte do Corpo queixaſe a Gentileza eclypſada. Chora a Idade o golpe, chora a Diſcriçaõ o ſilencio, chora a Gentileza o eclypſe : porque naõ lhe valèraõ contra a morte, nem à Idade o mais florente, nem à Gentileza o mais florido, nem à Diſcriçaõ o mais flòrido. Vamos ouvindo eſtas queixoſas, depois reſponderemos a ellas. *Luc.* 10. 40.

III.

470 Primeiramente queixase a Idade contra a morte, & que juſtificada ſe queixa! David paſmava de ver quaõ eſtreitamente lhe
Pſalm. 38.6. medira Deos a vida: *Ecce menſurabiles poſuiſti dies meos*: & viveo oitenta annos David. Jacob chamava a ſeus dias, poucos, &
Geneſ. 47.9. maos: *Dies peregrinationis meæ parvi, & mali*: & viveo cento & quarenta & ſete annos Jacob. Job aſſombravaſe da brevidade, com que ſe via caminhar à ſe-
Job. 17.1. pultura: *Dies mei breviabuntur, & ſolùm mihi ſupereſt ſepulchrum*: & viveo duzentos & ſetenta annos Job. Pois ſe a Job, ſe ao eſpelho da paciencia, ſendo tam largos ſeus dias, lhe parecem breves: ſe a David, ſe à columna da fortaleza lhe parecem mal medidos: ſe a Jacob, ſe ao exemplo da conſtancia lhe parecem poucos, & maos: que razaõ naõ terà para queixarſe hũa Idade tanto mais curtamente medida, tanto mais brevemente contada, tanto mais apoucada nos dias, tanto mais em flor cortada? Se ſe queixaõ os oitenta, ſe ſe queixaõ os cento & quarenta; ſe ſe queixaõ os duzentos & ſetenta annos; como ſe naõ haõ de queixar vinte & quatro? Oh morte cruel, que enganados vivem comtigo os que dizem, que es igual com todos!

471 Temſe acreditado a morte com o vulgo de muito igual, pelo deſpeito com que piza igualmente os Palacios dos Reys, & as Cabanas dos Paſtores: *Æquo pulſat pede pauperum tabernas, Regumque turres.* Que os Palacios dos Reys, por mais cercados que eſtejaõ de guardas, naõ poſſaõ reſiſtir às execuçoens da morte, bem o experimentou eſta vida. Juſto era, que aquellas portas, que tam cerradas coſtumaõ eſtar às verdades, lhe deixaſſe ao menos a natureza aberto eſte poſtigo aos deſenganos. Mas neſta meſma igualdade comete grandes deſigualdades a morte. He igual, porque naõ faz exceiçaõ de peſſoas; he deſigual, porque

naõ

naõ faz differença de Idades, nem de merecimentos. Matar a todos sem perdoar a ninguem, igualdade he: mas tirar a vida a huns tam tarde, & a outros tam cedo: deixar os que saõ embaraço do mundo, & levar os que eraõ o ornato delle; q̃ desigualdade mayor? Todos se queixaõ da pressa com que corre a vida; eu naõ me queixo senaõ da desigualdade, com q̃ caminha a morte. Notay.

472 Appareceo hũa vez a morte ao Propheta Abachuc, & vio que hia andando no triunfo de Christo: *Ante faciem ejus ibit mors.* Appareceo outra vez a morte a S. Joaõ no Apocalypse, & vio que vinha pizando sobre hum cavallo: *Et ecce equus, & qui sedebat super eum, nomen illi mors.* Appareceo terceira vez a morte ao Propheta Zacharias, & vio huma fouce com azas: *Vidi, & ecce falx volans.* De maneira que temos a morte a pè, morte a cavallo, & morte com azas. A vida sempre caminha ao mesmo passo, porque segue o curso do tempo: a morte nenhũa ordem guarda no caminhar, nem ainda no ser. Hũas vezes he huma anatomia de ossos, que anda; outras, hum cavalleiro, que corre; outras, hũa fouce, que voa. Para estes vem andando, para aquelles correndo, para os outros voando. Se a morte ou para todos andàra, ou para todos corrèra, ou para todos voàra, era igual a morte. Mas andar para huns, para outros correr, & para mim voar? Oh morte, quem te cortàra as azas! Mas bem he que bata as azas, para que nós abatamos as rodas. Pinta-se a Morte com huma fouce segadora na maõ direita, & hum relogio com azas na maõ esquerda. Se algũa hora foy assim a morte, troquese daqui por diante a pintura, que jà naõ he assim: *Ecce falx volans.* Tirou a morte as azas do relogio da maõ esquerda, & passou-as à fouce da maõ direita; porque he mais apressada a fouce da morte em cortar, que o relogio da vida em correr. Ainda quando a morte naõ voa, corre mais

que a vida. Aquelle cavallo, em que Saõ Joaõ vio a morte, diz o Texto na verſaõ de Tertulliano, que era verde : *Et equus viridis.* Quem vio jà mais cavallo verde? Mas era o cavallo da morte. Veſtefe eſte animal indomito da cor dos annos, que corta, arreaſe das eſperanças, que piza, pintaſe das primaveras, que atropella. Todos os annos eſtaõ ſugeitos à morte, mas nenhuns mais que os que pareciaõ mais ſeguros, os verdes.

473 Moſtrou Deos huma viſaõ ao Propheta Amòs (que era homem do campo) & perguntoulhe que via: *Quid vides tu Amos?* Reſ- *Amos 8. 2.* pondeo o Propheta : Senhor, *Uncinum pomorum*: o que vejo, he huma vara comprida, & farpada, com que os ruſticos alcançamos a fruta, & a colhemos das arvores. Pois eſſa vara, que vès, diz Deos, he a morte. Todo eſte mappa do mundo he hum pomar : as arvores, humas altas, outras baixas, ſaõ as diverſas geraçoens, & familias : os frutos, huns mais maduros; outros menos, ſaõ os homens : a vara, que alcança ainda os ramos mais levantados, he a morte : colhe huns, & deixa outros. Ah Senhor ! que eſſa he a morte como havia de ſer, & naõ como he. Quem entra a colher em hum pomar, paſſa pelos pomos verdes, & colhe os maduros, mas a morte naõ faz aſſim : vemos que deixa os maduros, & colhe os verdes. E jà ſe colhera ſó os frutos verdes, colhèra frutos, mas a queixa minha he que deixa de colher os frutos, & colhe as flores. *Flores apparuerunt in terra noſtra, tempus putationis advenit.* Appareceraõ as flores na noſſa terra, naõ lhe aguardou mais tempo a morte : appareceraõ, deſappareceraõ. Alerta, flores, q̃ a Primavera da vida he o Outono da morte. A fouce ſegadora, que traz na maõ, inſtrumento he do Agoſto, & naõ do Abril ; mas armaſe aſſim com ardiloſa impropriedade a morte, ameaça às eſpigas, paraque ſe deſacautelem as flores. Ha tal crueldade

lade ! Ha tal engano ! Nõ ne queixo do golpe , ſenaõ do tempo : *Flores apparuerunt, tempus putationis!* Que haja tempo de florecer, & tempo de cortar , he natureza , mas que o tempo de florecer , & o de cortar ſeja o meſmo ! Que a Idade mais florida ſeja a mais mortal ! Que a vida mais digna de viver , ſeja a mais ſugeita à morte ! E que haja imperio ſuperior , que domine eſte tyranno ! Que haja providencia no mundo , que o governe ! *Domine , non eſt tibi curæ ?*

morte , por conceder a tanto luzimento tam breves dias , a tanta repreſentaçaõ tam pouco theatro. E pois as queixas da boca de Rachel ſaõ melhor ouvidas , ſeja Rachel a primeira allegoria deſtas queixas. Muito tenho reparado em quam deſigualmente ſe ouveraõ com Rachel , quem lhe deu o ſer , & quem lho tirou ; Labaõ , & a morte. Pedia Jacob a Labaõ o premio dos primeiros ſete annos , que ſervira , & doulhe Labaõ a Lia em lugar de Rachel , allegando que Lia era a filha primeira , & que havia de preceder. Teve paciencia Jocob , ſervio outros ſete annos, & em huma jornada , que depois fez de Bethel a Bellem , morreo Rachel , & ficou ſepultada no caminho, & Lia depois deſte ſucceſſo viveo ainda muitos annos. Naõ ſey ſe notais a deſigualdade. De maneira, que Labaõ quando ouve de dar caſa a hũa das filhas , reparou na prerogativa dos annos , & precedèo Lia : & a morte quando ouve de dar ſepultura a huma

IV.

474 A eſtas queixas taõ juſtificadas da Idade , ſe ſeguem as da Gentileza , naõ menos laſtimoſa , mas mais para laſtimar. Por iſſo lá Jeremias no pranto de Bellem, as lagrimas , que ouveraõ de ſer de Lia , tresladouas aos olhos de Rachel ; naõ porque ouveſſem de ſer mais ſentidamente choradas, mas porq̃ haviaõ de ſer mais laſtimoſamente ouvidas. Queixa-ſe a Gentileza contra a

das

das Irmaãs, naõ reparou nos privilegios da idade, & precedeo Rachel. Pois ſe ſe ha de dar primeiro caſa a Lia, que a Rachel ; porque tem mais annos Lia : porque ſe ha de dar primeiro ſepultura a Rachel , que a Lia ; ſe tem menos annos Rachel? He poſſivel , que para a caſa ha de Rachel ſer a ultima, & para a ſepultura a primeira ? Sim, que iſſo he ſer Rachel. Nas leys de Labaõ tem precedencia para a caſa a mayor Idade: nas leys da morte tem precedencia para a ſepultura, a mayor belleza.

475 Deſde a terra atè o Ceo eſtà eſtabelecida eſta ley. Na terra a Roſa Rainha das flores he efimera de hum dia ; toda aquella pompa branca , toda aquella ambiçaõ encarnada , de que ſe veſte; pela manhaã ſaõ mantilhas , ao meio dia galas , à noite mortalhas. No Ceo a Lua Rainha das Eſtrellas , quem a vio cheia retrato da fermoſura , que logo a naõ viſſe minguante depois da mudança ? Quando reſplandece com toda a roda , enraõ ſe eclypſa , quando faz oppoſiçoens ao Sol , entaõ a encobre a terra. Ajunteſe a fermoſura da terra com a do Ceo , & na uniaõ de ambas veremos o meſmo exemplo. Transfigurouſe Chriſto no Thabor, appareceraõ logo no meſmo monte com o Senhor Moyſès , & Elias : *Et loquebantur de exceſſu, quem completurus erat in Hieruſalem.* Ha tal pratica em tal occaſiaõ ! Huma vez que a fermoſura de Chriſto quiz fazer oſtentaçaõ de ſuas galas , que logo os Prophetas lhe hajaõ de cortar os lutos? Sim , & muito a ſeu tempo : porque a meſma fermoſura, que viaõ , era prophecia da morte , em que fallavaõ : *Loquebantur de exceſſu :* de hum exceſſo arguiaõ o outro : que quem excedia tanto na fermoſura , naõ podia durar muito na vida. Quanto ſe diſſe no Thabòr , foraõ pregoens deſte deſengano. No Thabòr fallàraõ os dous Prophetas , & fallou S. Pedro. S. Pedro fallou como neſcio ; porque cuidou que fermoſura tam grande podia premanecer muito neſta

vida;

ida: *Bonum èſt nos hic eſſe*: os Prophetas fallàraõ como iſcretos; porque tanto que iraõ o extremo da fermoura, logo deraõ por infalvel o exceſſo da morte: *Loquebantur de exceſſu.* Anes ſe bem repararmos, a neſma fermoſura de Chriſto no Thabòr, foy a mayor onfirmaçaõ de ſua pouca ura. Dizem os Evangelitas: *Reſplenduit facies ejus icut Sol, veſtimenta autem jus facta ſunt alba ſicut nix*: Que o roſto de Chriſto fiou reſplandecente como o ol, & ſuas veſtiduras branas como a neve, fermoſura de neve, & Sol, he grane, mas de dias breves. Quando o Sol ſe vè junto òm a neve, ſaõ breves os ias do Sol, quando a neve ſe vè junta com o Sol, aõ poucas as horas de neve. Bem ſe vio: tanta Neve, tanto Sol, que duraçaõ iveraõ? Sabeſe, que foy e hum ſó dia, naõ ſe ſabe e quantas horas.

476 Oh Neve derretida rayos do Sol! Oh Sol ſeultado em occaſos de neve! Que larga materia de afinar a queixa offereceis neſte paſſo à minha Oraçaõ; ſe eu tivera, naõ digo jà eloquencia, mas a confiança de hum Jeronymo! Os que leraõ a Saõ Jeronymo; ou na Conſolaçaõ de Juliano ſobre a morte de Fauſtina, ou no Epitaphio de Paula a Euſtochio, ou nas Memorias funebres de Marcella, & de Fabiola, ſey que haõ de culpar o humilde do eſtilo, o encolhido do encarecimento, o tibio, ou o timido dos affectos, com que fallo neſte caſo. Mas como naquelles (poſto que naõ mayores) era outra a peſſoa que fallava, & em outra lingua, & a outros ouvidos, obrigame a mim a Diſcriçaõ, a que remeta ao ſilencio o enternecido deſtas queixas, para que ouçamos o ponderoſo das ſuas.

V.

477 Queixaſe finalmente a Diſcriçaõ (que ſempre a Diſcriçaõ he a ultima em queixarſe) & tomàra eu, que ella tivera melhor interprete para declarar com quan-

quanto fundamento se queixa. O mayor inimigo da vida, quem vos parece que será? O mayor inimigo da vida he o Entendimento. Taõ madrasta se ouve com o Homem a Natureza, que produzindo tantos antidotos nas entranhas dos animaes, dentro na Alma do homem lhe criou o mayor veneno. Se buscarmos a primeira origem da morte, na arvore da Sciencia poz Deos o fruto da mortalidade: por onde os homens quizeraõ ser mais entendidos, por alli começàraõ a ser mortaes. Atè no mesmo Deos teve lugar esta terrivel consequencia. Ouve de encarnar, & morrer hũa das Pessoas Divinas, & porque mais o Filho, que algũa das outras? A verdadeira razaõ sabea Deos. Eu só sey, que à Pessoa do Filho se atribue o Entendimento, & que à Pessoa do Filho se unio a mortalidade. Como o Verbo ab eterno procedeo por entendimento, ab eterno propendeo para mortal. Se isto foy em Deos, que será nos homens? Todos os homens saõ mortaes, mas o mais entendido, mais mortal que todos. Naquella Parabola das dez Virgens as vodas significaõ a morte; & he muito de notar, que sendo sinco as entendidas, & sinco as nescias, todas as sinco entendidas morrêraõ primeiro. Entender muito, & viver muito, ou no entendimento he engano, ou na vida milagre. A razaõ disto a meu juizo deve ser; porque cada hum sente como entende. Quem entende muito, naõ pòde sentir pouco, & quem sente muito, naõ pòde viver muito. O homem he vivente, sensitivo, & racional: o racional apura o sensitivo, & o sensitivo apurado destroe o vivente.

478 Mas como os homens igualmente amaõ a vida, & se prezaõ do entendimento, daqui vem, que se persuadem difficultosamente a esta triste Philosophia. Dizia David a Deos: *Da mihi intellectum, & vivam*: Senhor, daime entendimento, & vivirey. Ah David, & como, naõ sabeis

que pedis; se quereis mor-
er, pedi embora a Deos,
ue vos dê entendimento:
nas se quereis viver, pedi-
he que vos tire o entendi-
nento, que tendes. Naõ ha-
remos de ir buscar a prova
outra parte. Vay depois di-
lo David à Corte d'ElRey
Achís, tem noticia, que o
querem matar, & fazse dou-
lo. E bem David, naõ ereis
vòs o que dizieis a Deos,
que vos dèsse entendimen-
to, para viver; pois como
agora para viver, vos des-
fazeis do entendimento?
Dantes governavase David
pelo discurso, & agora pe-
la experiencia. Pelo discur-
so parecialhe a David, que
naõ havia cousa para viver
como ser entendido: mas a
experiencia mostrou depois
a David, que era necessa-
rio ser defentendido para vi-
ver. E senaõ, diga-o aquel-
le entendimento grande, do
qual se temia mais David,
que dos Exercitos de Absa-
laõ. O mayor entendimen-
to de todo o Reyno de Israel
naquelle tempo, era Achi-
tofel: E de que lhe apro-
veitou a Achitofel o seu en-
tendimento? De se matar
com suas proprias maõs, por
naõ querer seguir Absalaõ a
verdade de seus conselhos.
De sorte, que he tal a oppo-
siçaõ, que tem entre sy a vi-
da, & o entendimento (prin-
cipalmente nas Cortes) que
ninguem os pòde conservar
ambos juntos. Ou haveis
de deixar o entendimento,
ou haveis de deixar a vida:
ou endoudecer como Da-
vid, ou matarvos como
Achitofel. Se amais mais a
vida, que o entendimento
como David endoudeceis;
se amais mais o entendimen-
to que a vida como Achito-
fel, mataisvos. Naõ ha re-
medio.

479 Já dèmos a razaõ dis-
to em quanto natureza, dè-
mola agora em quanto sem-
razaõ. Seja por hum exem-
plo. Entràraõ pelo Horto os
Soldados, que vinhaõ pren-
der a Christo; mete maõ à
espada Sam Pedro, enveste
a Malcho, & fere-o. Sem-
pre reparei muito nesta en-
vestida, & neste golpe. Se
Pedro quer defender a seu
Mestre, avance aos Esqua-
droens armados, envista,
&

& mateſe com elles : Mas a Malcho ? A Macho , que naõ trazia na maõ mais que hũa lanterna , com que alumiava ? Eiſahi como trata o mundo as luzes. Em apparecendo a luz , todos os golpes a ella. Em vez de arremeter aos que ttaziaõ as armas , arremete ao que trazia a luz : porque de nenhũa couſa ſe daõ os homens por mais offendidos , que da luz alheia. Se vierdes com Exercitos armados , *Cum gladijs, & fuſtibus*, ter vos haõ quando muito por inimigo , mas naõ vos faraõ mal ; porêm ſe vos coube em ſorte a lanterna , ſe Deos vos deo hũa pouca de luz (ainda que naõ ſeja para luzir , ſenaõ para alumiar) foſtes mofino, aparelhay a cabeça , que ha de vir S. Pedro ſobre vós. Grande miſeria ! Que nos offendaõ mais as luzes, que as lanças , & que queiramos antes ſer feridos , que alumiados ? Grande miſeria outra vez ! Que nos moſtremos valentes contra hũa luz deſarmada , & que em vez de tratarmos de reſiſtir a quem ſe arma , ſó nos armemos contra quem alumia ! Oh deſgraciadas luzes em tempo que tanto rey naõ as trevas.

48o Mas no meio deſta deſgraça taõ grande acho eu a luz duas razoens muito mayores , com que ſe conſolar. Os golpes , que ſe attiràraõ à luz , foraõ reprehendidos por Chriſto , & foraõ attirados por Pedro. Por Pedro , que antes deſta acçaõ tinha dormido tres vezes , & depois della negou outras tres. Sabeis , Luzes , quem vos preſegue ? Quem dorme antes , & quem hade negar depois : quem antes falta ao cuidado , & depois ha de faltar à Fé. Cantarà o gallo , & verſeha certa a profecia de Chriſto. De tudo o dito ſe colhe , q̃ quando vemos faltar ante tempo as luzes , ou porque morrem , ou porque as mataõ , ou porque ſe mataõ ; naõ temos materia de eſpanto , poſto que a tenhamos grande de queixa : de eſpanto naõ ; porque eſte hé o mundo : de queixa ſim ; porque o governa Deos : *Domine, non eſt tibi curæ* ? He poſſivel , Senhor , que tendes providen-

cia ;

a, & que ham de viver as
evas, & morrer as luzes? O
eſcio ſepultado nas trevas
ignorancia ha de ter pazes
om a morte : & o entendi-
o alumiado com as luzes
a razaõ , ha de andar em
uerra com a vida ? Amea-
ando David os poderoſos
om o inevitavel da morte,
iz , que os neſcios , & os
ntendidos todos haviaõ de
norrer juntamente : *Cum*
iderit ſapientis morientes, ſi-
ul inſipiens , & ſtultus peri-
unt. Se aſſim fora , ainda
ra deſigualdade : mas que
morte apreſſada ſeja tri-
uto do entendimento , &
vida larga attributo da
gnorancia ? Naõ lhe baſta-
a aos neſcios hum attribu-
o ? Naõ lhe baſtava ſerem
nfinitos no numero , ſenaõ
ambem eternos na duraçaõ?
Que no Paraiſo dé frutos de
norte a Arvore da Sciencia:
x que no mundo a ignoran-
ia ſeja arvore da vida! Que
dentro de nòs ſeja infermi-
dade mortal o entendimen-
o : & que fóra de nòs ſeja
delito mortal o uſo da ra-
zaõ ! Que ſendo o racional
natureza , ninguem poſſa ſer
racional ſob pena da vida!
E que eſtas injuſtiças da
morte ſejaõ diſpoſiçoens da
providencia : *Domine , non*
eſt tibi curæ ?

VI.

481 Temos ouvido con-
tra as ſemrazoens da morte
as tres queixoſas , que no
principio lhe oppuzemos.
Mas vejo reparar a todos ,
que entre eſtas queixas, ſen-
do taõ naturaes , ſe naõ cu-
çaõ as do mayor affecto da
natureza , as do amor ma-
terno. Digno he de repàro
eſte ſilencio ; mas mais di-
gna de admiraçaõ , & me-
moria a cauſa delle. Naõ ſe
ouvem , nem ſe ouviraõ ne-
ſta occaſiaõ as queixas do
amor materno ; porque ſe
portou nas mais apertadas
circunſtancias della , taõ fi-
no , que parecèo cruel ; taõ
generoſo , que naõ parecèo
amor. Faltou às divida da
natureza , por naõ faltar às
obrigaçoens do officio , &
aſſiſtio com tanta pontuali-
dade , onde ſervia , que pa-
recèo que aborrecia , onde
amava. Oh raro exemplo
de

ce ſervir a Principes! Servir aos Principes como Deos quer ſer ſervido; naõ ſe póde chegar a mais. Diz Chriſto no Evangelho: Os pays, que naõ aborrecem a ſeus filhos, naõ me podem ſervir a mim. He tam encarecida eſta doutrina, que tem neceſſidade de explicaçaõ. Naõ quer dizer Chriſto abſolutamente, que os pays aborreçaõ aos filhos; porque os documentos divinos naõ encontraõ os preceitos naturaes: mas quer dizer, que quando ſe encontrar o amor dos filhos com o ſerviço de Deos, de tal maneira ſe ha de acudir ao ſerviço de Deos, como ſe ſe aborrecéraõ os filhos. Eſte he o mais alto ponto, a que Deos ſubio a fineza, com que dezeja ſer ſervido. E tal foy neſte caſo a com que vimos ſervidos os noſſos Principes. Chegou com a obra no ſervir, onde Deos chegou com o dezejo em querer ſer ſervido. Oh eſpirito generoſo, & na mayor deſgraça felice! Naõ ſey ſe diga, que pudera eſtimar a occaſiaõ, ſó por lograr a fineza. O certo he, que ſe póde pôr em duvida, ſe foy mais digno de enveja pelo que obrou, ou de laſtima pelo que perdéo. Naõ ſe le mais em ſemelhantes caſos, nem das Livias, & das Rutilias, nem das Paulas, & das Melanias, que tanto honràraõ com ſeu valor huma, & outra Roma; a Gentilica, & a Chriſtãa. Mas ſe as Matronas Romanas tiràraõ à Portuguezas o ſerem as primeiras, grande gloria he de noſſa Naçaõ, que tirem as Portuguezas às Romanas o ſerem ſingulares.

482 Oh como ſe avia de perder neſte caſo o juizo de Salamão, ſe nelle déra ſentença. Na demanda das duas mãys ſobre os dous filhos, morto, & vivo, julgou Salamaõ, que a que mais amava, era verdadeira mãy; & acertou. Neſta controverſia tambem avia de julgar, que o mais amado era o verdadeiro filho, mas enganaraſe; porque ſendo hum o aſſiſtido, e outro o deixado, o deixado era o filho, & o aſſiſtido naõ. Salvo ſe diſſermos, que ambos eraõ

eraõ verdadeiros filhos; mas mais filho (& por isso mais amado) aquelle, a quem se dà o ensino, que aquelle a quem se dera o ser. Lembreme, que pedindo hum filho a Christo licença para ir enterrar a seu pay, o Senhor lha negou, porque estava em seu serviço. Grande moralidade acho na disproporçaõ destes dous casos. No primeiro pede hum filho licença ao Rey para assistir à sepultura de seu pay, & negalha o Rey; no segundo offerece licença o Rey à mãy para assistir à morte de sua filha (& tal filha) & naõ a aceita a mãy; mas tudo bem merecido. No primeiro caso a imperfeiçaõ, com que a licença se pedio, merecèo o rigor de se negar: no segundo caso a benignidade, com que a licença se offerecèo, merecèo a fineza de se naõ admittir! Oh que grande usura he nos Principes a benignidade! Sejaõ os Principes liberaes do que naõ custa nada, & seraõ os vassallos agradecidos no que tal vez dà muito. Em fim viraõse aqui emendadas as queixas de Màrtha. Là antepunhase a soledade ao ministerio, aqui antepoemse o ministerio à soledade: *Relique me solam ministrare.*

VII.

483 Mas acudamos jà pela Providencia Divina, & respondamos às nossas tres queixosas, que he tempo. A todas tres satisfaz Christo com a mesma reposta: *Maria optimam partem elegit.* Naõ se queixe a Idade por cortada, nem a Discriçaõ por emmudecida, nem a Gentileza por eclypsada, que para todos escolheo Maria a melhor parte. He verdade, que morreo, mas por meyo da morte eternizou a Idade, melhorou a Gentileza, canonizou a Discriçaõ. Vede, se tem razaõ de estarem queixosas, ou agradecidas.

484 Primeiramente eternizou a Idade, porque cortala foy artificio de a eternizar. Dizia Job: *In nidulo meo moriar, & sicut Phœnix multiplicabo dies meos*: Morrerey, & multiplicarey meus *Job. 29. 18.*

dias. Notavel modo de fallar! Parece que avia de dizer Job: Morrerey, & acabarey meus dias: mas morrerey, & multiplicarey meus dias: *Moriar, & multiplicabo dies meos*! Como pòde ser isso? O mesmo Job disse como: *Sicut Phœnix*. Reparo, diz Job, que eu naõ fallo como homem, fallo como Phenix: o homem diz, morrerey, & acabarey meus dias, porque com a morte acaba: a Phenix pelo contrario, diz, morrerey, & multiplicarey meus dias; porque na Phenix o cortar a vida he artificio de multiplicar a Idade. Caleſe logo a Idade queixoſa, que naõ merece queixas quem morre Phenix. Entre todas as mortes, ſó huma ha no mundo, que naõ ſeja digna de ſentimento, he a da Phenix. Se a Phenix morrèra para acabar, fora ſua morte mais laſtimoſa, & mais digna de ſentimento que todas, porque he unica: mas como a Phenix morre para renaſcer, como a Phenix diminue a vida para multiplicar a Idade, naõ he digna de lagrimas a ſua morte, ſenaõ de applauſos. Mas contra eſtes applauſos pòde replicar alguem, que a noſſa Phenix, ſe bem ſe conſidera, naõ multiplicou os dias: porque perder os dias em huma parte, para os lograr em outra, he mudallos, naõ he multiplicalos. Que bem acudio a eſta replica o meſmo Job com a differença dos dias: *Multiplicabo dies meos.* Notay, que naõ diz, multiplicarey os meus dias, ſenaõ emphaticamente, os dias meus. Os dias deſta vida naõ ſaõ dias noſſos. Se foraõ noſſos, tiveramolos em noſſo poder, & eſtivera em noſſa maõ logralos. Mas eſtaõ em poder de tantos tyrannos, quantas ſaõ as miſerias da vida: ſó os dias da Eternidade ſaõ dias noſſos, porque ninguem no los pòde tirar. Bem diz logo Job, que eſte modo de morrer, he artificio de multiplicar, porque perder os dias, q̃ ſaõ alheios, para multiplicar os dias, que ſaõ meus, he verdadeiramente acreſcentar os dias: *Multiplicabo dies meos.*

485. Sen-

485 Sendo porèm eſtes dias, dias da Eternidade, parece com nova inſtancia, que de nenhum modo ſe podiaõ multiplicar; porque a Eternidade naõ admitte multiplicaçaõ, nem augmento. Mas eſte foy o impoſſivel, que vencèo o engenho da noſſa Phenix: cortar o paſſo à vida, para acreſcentar eſpaços à Eternidade. A Eternidade de Deos naõ pòde creſcer, a dos homens ſim. A Eternidade de Deos naõ pòde creſcer, porque he Eternidade ſem principio, & ſem fim: A Eternidade dos homens pòde creſcer, porque ainda que naõ tem fim, tem principio. Naõ pòde creſcer à parte poſt, da parte dalèm, mas pòde creſcer à parte ante da parte dàquem. E aſſim quanto ſe corta à vida, tanto ſe acreſcenta à Eternidade. Quiz tambem huma hora o Propheta Michèas dar augmentos à Eternidade, mas, com licença ſua, naõ acertou: *Ambulabimus in vijs Domini in æternum, & ultra*: Adoraremos, & ſerviremos a Deos por toda a Eternidade; & ainda mais alèm. Acertou o Propheta com o acreſcentamento, mas naõ acertou com a parte: que eſſe acerto ficou para a eleiçaõ de Maria: *Maria optimam partem elegit*. O Propheta quiz acreſcentar a Eternidade pela parte dalèm, & foy acreſcentamento imaginario, Maria acreſcentou a Eternidade pela parte dàquem, & foy acreſcentamento verdadeiro. O Profeta quiz acreſcentar a Eternidade, & guardar a vida, Maria cortou pela vida por acreſcentar a Eternidade. Só deſta maneira podia pagar a Deos. O amor de Deos para comnoſco, fallando neſte ſentido, tem duas Eternidades; porque nos amou ſem principio, & nos ha de amar ſem fim. O noſſo amor para com Deos, tem huma ſó Eternidade, porque ainda que o avemos de amar ſem fim, amamolo com principio. E como Maria naõ podia pagar a Deos duas Eternidades de amor com outras duas Eternidades, deulhe huma, mas eſſa acreſcentada: acreſcentou

tou à Eternidade toda a parte, que tirou à vida: *Optimam partem elegit.*

VIII.

486 Tambem a Gentileza naõ tem razaõ nas ſuas queixas. O morrer naõ foy perder, foy melhorar a fermoſura. Oh ſe a cegueira do mundo tivera olhos para ver eſta verdade, q̃ menos idolatradas foraõ ſuas apparencias. Appareceo hũ Anjo a S. Joaõ no Apocalypſe, & com ſer Aguia S. Joaõ, cegaraõno tanto os rayos daquella fermoſura, q̃ ſe lançou por terra para o adorar. Notavel caſo! S. Joaõ naõ tinha viſto a Chriſto na transfiguraçaõ? Naõ o tinha viſto reſuſcitado? Naõ o tinha viſto ſubir ao Ceo com tanta gloria, & mageſtade? Pois ſe a viſta glorioſa de Chriſto naõ cauſou eſtes effeitos em S. Joaõ, como a viſta de hum Anjo o cega quaſi a idolatra de ſua fermoſura? Aqui vereis quanta ventagem faz a fermoſura do eſpirito à fermoſura do corpo. A fermoſura de Chriſto, ainda q̃ celeſtial, ainda q̃ glorioſa, era fermoſura do corpo: a fermoſura do Anjo era fermoſura de eſpirito: & com a fermoſura de hum Eſpirito nenhuma comparaçaõ tem a mayor fermoſura do corpo. Virà tempo, & ſerà depois da Reſurreiçaõ univerſal, quando a natureza humana reſtituida à ſua natureza poderà gozar juntamente ambas eſtas fermoſuras: & ſuppoſto que antes de chegar àquelle termo naõ ſe pode gozar mais que hũa ſó, deſpirſe da fermoſura do corpo, por ſe reveſtir da fermoſura da Alma, foy eſcolher das duas a melhor parte: *Optimam partem elegit.* Oh que admiraveis tranſformaçoens de fermoſura faz inviſivelmente a morte debaixo da terra? Os Chimicos naõ achàraõ atè agora a Pedra Philoſophal, porque naõ fizeraõ enſayo nas pedras de hũa ſepultura. Fallando Deos a Abraham na glorioſa deſcendẽcia de ſeus filhos, humas vezes comparou-os a pò, & outras a Eſtrellas. Para enſinar (diz Philo) que o caminho de ſe fazerem Eſtrellas, era deſfazeremſe em pò. Que cuidais que he huma ſepultura, ſenaõ hũa officina de Eſtrel-

las?

as ! Ainda a meſma natu-
reza produz mayores quila-
es de fermoſura em baixo,
que em ſima da terra. As
flores ; fermoſura breve ,
criaõſe na ſuperficie , as pe-
dras precioſas , fermoſura
permanente, no centro Jul-
gue agora a enganada Gen-
tileza ſe foy injurioſa a Ra-
chel a ſepultura, ou ſe ſoube
eſcolher Maria a melhor
parte. Enterrouſe flor, para
ſe congelar diamante : deſ-
fezſe em cinzas, para ſe for-
mar em Eſtrella.

487 Mas quando por meyo da morte naõ alcançàra a Gentileza a melhoria da transformaçaõ. Pergunto : E fora pequeno beneficio livrarſe por eſta via dos dannos da mudança ? Eſte engano apparente , a que os homens chamaõ fermoſura , ainda tem mais inimigos que a vida , com ſer tam fragil. A vida tem contra ſy a morte , a fermoſura ainda antes da morte tem contra ſy a meſma vida : *Forma bonum fragile eſt , quantumque accedit ad annos , fit minor.* Os primeiros tyrannos da fermoſura ſaõ os annos ; & a ſua primeira morte he o tempo. Debaixo do imperio da morte acaba , debaixo da tyrannia do tempo mudaſe : & ſe alguem perguntàra à fermoſura, qual lhe eſtà melhor , ſe a morte , ou a mudança ; naõ ha duvida , que havia de reſponder , antes morta , que mudada. A fermoſura morta ſuſtenta ſe na memoria do que foy , a fermoſura mudada afrontaſe no teſtimunho do que he. A vitoria , que da fermoſura alcança a morte , he hum rendimento ſecreto ; cobreo a terra : a vitoria , que da fermoſura alcança o tempo, he hum triunfo publico ; todos a vem : & trazer o epitaphio no roſto , ou telo na ſepultura , vay muita cita dizer. Parece eſta razaõ demaziadamente humana, mas Deos a fez divina. A mayor fermoſura do mundo (ſem ſer afronta em hum homem) foy a de Moyſés : taõ grande , que era neceſſario cubrir o roſto com hum veo para que naõ cegaſſem os olhos , que o viaõ. Morre Moyſés, ſepulta-o Deos com ſuas

Deut. 34. 6. suas proprias maõs : *Et non cognovit homo sepulchrum ejus* : E ninguem soube atè hoje onde està a sua sepultura. Pois porque naõ quiz Deos , que tivessem os homens noticia da sepultura de Moysès ? A razaõ naõ he menos que de Santo Agustinho : *Ne faciem , quæ radiaverat , supressam videret* : porque aquelle rosto , em que se tinhaõ vistos tantos resplandores , naõ se visse mudado. De maneira que occultou Deos o sepulchro de Moysès , naõ porque os homens o naõ vissem morto, mas porque naõ vissem a sua fermosura mudada : morta fim , mudada naõ , ninguem a ha de ver. Assim trata Deos a fermosura , a que quer fazer o mayor favor ; & taõ certo he o juizo do mesmo Deos , que lhe està melhor à fermosura a morte , que a mudança. Chegada pois a Gentileza humana àquelle termo preciso de sua perfeiçaõ , em que o parar he vedado , o crescer impossivel , & o diminuir forçoso ; fazer treguas com a morte ; por naõ se sugeitar à tyrannia do tempo , se naõ foy eleger a melhor parte , foy ao menos aceitar o melhor partido : *Maria optimam partem elegit.*

IX.

488 Finalmente a Discriçaõ naõ tem razaõ de queixarse : porque se a morte a emmudeceo , a morte a canonizou. A Discriçaõ verdadeira naõ consiste em saber dizer , consiste em saber morrer. Atè à morte ninguem se pòde chamar com certeza nescio, ou discreto. O ultimo acerto , ou o ultimo erro , he o que dà nome ao juizo de toda a vida. Por isso Deos no principio do mundo approvando todas as creaturas , só ao homem naõ approvou ; porque a approvaçaõ do homem està sempre dependendo do fim: *Non in exordio , sed in fine laudatur homo* : disse Santo Ambrosio : naõ se pòde seguramente louvar o homem, nem quando começa , nem quando he , senaõ quando acaba de ser. Em quanto naõ

chegou

chegou o dia ultimo, estava em opinioens a prudencia das dez Virgens, assentouse a morte na suprema cadeira, definio quaes eraõ as nescias, & quaes as prudentes. Em nenhuma cousa se vè tanto o acerto da eleiçaõ, como naquillo que acertado huma vez, naõ pòde ter mudança, ou errado hũa vez naõ pòde ter emenda. He a eleiçaõ de que depende tudo, & huma parte; que encerra em si o todo, & por isso a melhor parte. *Optimam partem elegit.*

489 Para prova desta ultima verdade, quero acudir a hum escrupulo, com que vejo me estaõ ouvindo desde o principio, ainda os ouvintes de menos delicada consciencia. A morte, de que fallamos, foy caso, naõ foy eleiçaõ: logo impropriamente parece lhe applicamos as palavras: *Maria optimam partem elegit.* Primeiramente digo, que o ser caso naõ impede ser eleiçaõ. No mesmo Texto o temos. Onde a Vulgata le, *Optimam partem elegit*: Escolhèo a melhor parte, o original Grego tem: *Optimam sortem elegit*: Escolhèo a melhor sorte. Sorte he caso, & com tudo chamalhe o Texto eleiçaõ: *Elegit*: porque naõ implica ser a mesma cousa caso, & ser eleiçaõ. Mas ha repostas, que saõ mais faceis de provar, que de entender. Como pòde ser eleiçaõ o que he caso? Ponhamos a questaõ em termos mais Christaõs. O que vulgarmente chamamos caso, he providencia; providencia nenhũa outra cousa he, que aquella disposiçaõ ordenada dos decretos divinos: Como pòde logo ser eleiçaõ nossa, o que he disposiçaõ de Deos? Respondo que por virtude da conformidade. Todas as vezes que nos conformamos com as ordens de Deos, fazemos que a eleiçaõ, que he sua, seja tambem nossa. Neste sentido dizia David, *Mandata tua elegi*: Senhor, eu elegi os vossos preceitos. Nos preceitos elege quem manda, & naõ quem obedece: David obedecia, Deos mandava: logo a eleiçaõ era de Deos. Pois se *Psal.* 118. 173.

a eleiçaõ era de Deos : como diz David, que he sua : *Mandata tua elegi* ? Porque David obedecendo conformavase cõ a võtade de Deos, & por virtude da conformidade, a que era eleiçaõ de Deos, era tambem eleiçaõ de David. Tal foy a eleiçaõ neste caso, ella voluntariamente forçosa, como elle felizmẽte adverso. *Maria optimam partem elegit*: Foy eleiçaõ de Deos, & foy eleiçaõ de Maria. Em Deos, foy eleiçaõ por providencia, em Maria foy eleiçaõ por conformidade ; & em ambos foy eleiçaõ do melhor ; em Deos, porque escolhèo para sy a Maria, em Maria porque se foy para Deos : *Optimam partem elegit.*

490 Só poderà cuidar alguem, que eleger por conformidade serà algum imperfeito modo de eleiçaõ. Digo, & acabo, que mais perfeito modo de eleiçaõ he eleger por conformidade, que eleger por deliberaçaõ. Porque quando elegemos por deliberaçaõ, queremos pela vontade propria; quando elegemos por conformidade, queremos pela vontade divina. Quando eu elejo, faço a minha vontade, quando me conformo, faço minha a vontade de Deos. E naõ pòde aver mais perfeito acto que aquelle, em que Deos, & eu queremos pela mesma vontade. Naõ ha acçaõ mais parecida às de Christo. As acçoens de Christo eraõ divinas, & humanas pela uniaõ das naturezas ; esta acçaõ he humana, & divina, pela transformaçaõ das vontades. Philosophia notavel ! Que se acrescente o meritorio, onde parece que se diminue o voluntario ! O sacrificio mais voluntario, que ouve no mundo, foy o da morte de Christo : *Oblatus est quia ipse voluit.* Com tudo he muito para notar, que se naõ attribue à morte de Christo principalmente a charidade, se naõ a obediencia : *Factus obediens usque ad mortem.* Pois porque mais a obediencia, que a charidade? Porque a charidade segue os impulsos da vontade propria,

pria, a obediencia tegue a eleiçaõ da vontade alheia. E naõ era tam generoſo acto em Chriſto ſacrificarſe à morte, por ſatisfazer à ſua vontade, quanto por ſe conformar com a divina: *Non mea, ſed tua voluntas fiat.* Todas aquellas repugnancias do Horto foraõ encaminhadas, naõ a eſcuſar a morte, ſe naõ a apurar a conformidade. Oh que generoſo conformar! Oh que diſcreto morrer! Pareceò caſo, & foy eleiçaõ: pareceò força, & foy vontade. E ſe alguma couſa teve de repugnante, ou de violento, foy para dar circunſtancia ao merito, & eſſencia ao ſacrificio. Mude logo a Diſcriçaõ a linguagem, & dè graças à morte, em vez de queixas: pois ſó na morte ficou calificada, & conſumada a Diſcriçaõ, quando naquelle ponto, em que acaba tudo, & de que depende tudo, entre o voluntario, & preciſo, ſoube eſcolher Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

X.

491 Tenho acabado, & ſatisfeito, ſe me naõ engano às noſſas tres queixoſas. Mas ſe ellas tiveraõ tempo para ſe queixar de novo, & eu forças para dizer; & vòs paciencia para ouvir; he certo, que as queixas, que ſe fizeraõ tanto ſem razaõ contra eſta morte, ſe aviaõ de converter todas, & com muita razaõ, contra noſſas vidas. Oh Idades cegas! Oh Gentilezas enganadas! Oh Diſcriçoẽs mal entendidas! Vive a Idade, como ſe naõ ouvera morte. Vive a Gentileza, como ſe naõ paſſára o tempo. Vive a Diſcriçaõ, como ſe naõ temera o Juizo. Oh acabemos já algum dia de ſer cegos. Ponhamos diante dos olhos eſtas Imagens funeſtas, retratos de nòs meſmos, que naõ ſem particular providencia nos mete Deos em caſa tam repetidamente. Apenas ha caſa illuſtre em Portugal, que ſe naõ viſſe cuberta de lutos eſte anno: & ainda naõ he acabado! Já

que

que os parentes morrem para sy, & para Deos, morraõ tambem para nòs. Deixemnos por herdeiros de seus desenganos. Consideremos, que foraõ o que somos. Que havemos de ser o que saõ. Que alli vay aparar tudo. E que tudo o que alli naõ aproveita, he nada. Se nos dà confianças a Idade, reparemos, quaõ fragil he, & quaõ sugeita ao menor accidente. Se a Gentileza nos engana, desengane-nos huma Caveira, que he o que só tem duravel a mayor formosura. Se a Discriçaõ finalmente nos desvanece, saibamos ser discretos, que he saber salvarnos. Jà que tanta vida se tem dado ao mundo, & à vaidade, dèmos se quer a Deos essa ultima parte, que nos restar, que sempre serà a melhor. E desta maneira ficaremos escolhendo com Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

SERMAM

DE

S. ROQUE

Na Capella Real. Anno 1652.

Tendo o Author prègado no dia do meſmo Santo em S.Roque Igreja da Caſa Profeſſa da Companhia de Jeſu.

Beati ſunt ſervi illi. Luc.12.

§. I.

Ou a vida de S. Roque foy errada, ou todo o mundo he louco. Aſſim o dizia eu naõ ha muitos dias: & quanto mais conſidero nos paſſos, que leva o mundo, & nos q̃ ſeguio Sam Roque, tam encontrados, tanto mais me cõfirmo neſta verdade. Vejamos o que fez Saõ Roque na eleiçaõ de ſua vida, & o q̃ fizera no mundo em ſemelhãte occaſiaõ qualquer outro da ſua idade, da ſua fortuna, & do ſeu naſcimento. Foy tam venturoſo Saõ Roque, q̃ lhe faltàraõ ſeus Pays antes de cumprir os vinte annos. Deſgraça ſe chamava iſto anti-

antigamente: mas eu lhe chamey ventura, por me accomodar à fraſe do tempo. Nenhũa couſa parece que ſentem hoje mais os filhos, que à larga vida dos pays. Quem naõ quer eſperar a herdalos depois da morte, como lhe pòde dezejar longa vida? Quaſi todos os Titulos, que acabàraõ eſtes annos na noſſa Corte, naſcèraõ unicos, & morrèraõ gemios: primeiro os logràraõ juntamẽte os filhos, do que os deixaſſem os pays. Huma capa, diz o Eſpirito Santo, naõ pòde cobrir a dous. Mas querem os homens poder mais do que Deos ſabe. Hum ſe cobre cõ o direito da capa, & outro com o aveſſo no meſmo tempo. Tam larga lhes parece aos filhos a vida dos pays, q̃ naõ ſe atrevem a lhe eſperar pela morte. Em fim, ou ſeja indecencia nos filhos de hoje, ou foſſe ventura em Sam Roque, elle ſe vio em vinte annos de idade ſem ſugeiçaõ de filho, Senhor da Cidade, & Eſtado de Monpilher, que era de ſeus Pays, herdeiro de grande Caſa, & riquiſſimos theſouros, que deſde ſeus antepaſſados ſe guardavaõ, & acreſcentavaõ nella.

493 Iſto ſuppoſto, que reſoluçaõ vos parece que tomaria no tal caſo aquelle filho, ou que faria qualquer dos preſentes, ſe nelle ſe achàra com ſangue illuſtre, com Eſtado, com vaſſallos, com tantas riquezas, & com tam poucos annos? Pareceme a mim, julgando o q̃ cuido, pelo que vejo, que tomarieis huma de duas reſoluçoens. Ou paſſados os lutos, vos partirieis para a Corte (& mais ſendo a Corte de Pariz, aquelle mundo abreviado) para luzir, para oſtẽtar, para competir em gallas, em apparatos, em grandezas: & juntamente para aſſiſtir, para ſervir, & para merecer diante do Rey, & por eſta via alcançar novos acreſcentamẽtos à Caſa, & à Peſſoa. Eſta era a reſoluçaõ mais viva, & mais propria daquella idade. Mas ſe o voſſo juizo foſſe mais aſſentado, ſe venceſſe na madureza os annos, & ſe aconſelhaſſe, ou ſe deixaſſe aconſelhar ſezudamẽte; julgaria eu pelo contrario, que renunciando penſamẽtos de

Cor-

Corte, como mar turbado, inquieto, & em nenhum tẽ-o seguro, vos deixarieis fi-ar no vosso estado, confer-rando nelle melhor, & ame-hos custo a authoridade, go-zando com descanço o que rossos avòs com trabalho vos tinhaõ ganhado, & go-vernando em paz, & quieta-caõ vossos vassallos, sendo mado, servido, & reveren-ciado delles.

494 Naõ ha duvida, que huma destas duas resoluçoẽs omaria qualquer dos pre-entes, cada hum segundo o nais, ou menos repouso do eu juizo. Mas a Roque (& endo Francez) nenhũa del-las lhe parecêo bem, seguio muito differente caminho. Manda vir diante de sy seus thesouros, abre-os, & a pri-meira cousa que vio nelles, foraõ os coraçoens de todos seus antepassados. Conten-te de naõ achar tambem alli o seu: chama os pobres de to-da a Cidade, troca com elles a fortuna, fallos ricos, & fica pobre. Jà eu vou vendo, que quem isto obra com as maõs, muito mayores, & mais altos pensamẽtos revolve no pei-to. Faz que venha logo hum Notario, renuncía publica-mente o Estado, & tudo o q̃ nelle tinha, & lhe podia per-tencer; veste-se no Habito da Terceira Ordem de Sam Francisco, toma bordaõ, & esclavina, & parte peregrino pelo mũdo a buscar, & a ser-vir só aquelle grãde Senhor, que em todo o lugar tem a sua Corte, porque està em todo o lugar. Isto q̃ nenhum outro fizera, fez Saõ Roque: & por isso elle só, como di-zia, he o sezudo, & o resto do mundo o louco. Notay. Po-déra Sam Roque ir servir a ElRey na Corte d'ElRey, & naõ quiz servir: podèra Sam Roque mandar os seus vas-sallos na sua, & naõ quiz mã-dar: resolve-se a servir só a Deos, livre de todo o outro cuidado: & com estas tres resoluçoens conseguio toda a felicidade, naõ só da outra vida, senaõ tambem desta, q̃ he o que diz a proposta do nosso texto: *Beati sunt servi illi.* Todos os homens, & mais os Cortezaõs, andaõ buscando a felicidade desta vida. E que fazem para a al-cançar? Todos occupados em

em ſervir, & todos morrendo por mandar, & por iſſo nenhum acaba de achar a felicidade que buſca. Quereis conſeguir a verdadeira felicidade, naõ ſó da outra, ſenaõ tambem deſta vida? Tomay as tres reſoluçoens de Sam Roque. Servir? Só a Deos. A homens? Nem ſervir, nem mandar. Niſto conſiſte toda a prudencia, & felicidade humana: niſto conſiſte toda a prudencia, & felicidade Chriſtãa. Se ſomos Chriſtãos, havemos de tratar de Deos: ſe ſomos homẽs, havemos de tratar cõ os homens. Pois que remedio para ter felicidade com os homẽs, & para ter felicidade com Deos? Imitar a S. Roque. Para ter felicidade com Deos, ſervir a Deos: para ter felicidade com os homẽs, nẽ ſervir a homẽs, nem mandar homẽs. Tres pontos de prudencia, tres pontos de felicidade, & tres pontos de Sermaõ. A homens, nem ſervir, nem mandar: a Deos, & ſó a Deos ſervir. *Beati ſunt ſervi illi.*

§. II.

495 A primeira reſoluçam de Sam Roque, como ſe fora mais que homem, ou menos que homem, foy naõ querer ſervir a homens, nem mandar homens. Naõ querer ſervir a homens, ainda q̃ foſſem Reys, parece muita ſoberba: naõ querer mandar homens, ainda que foſſem vaſſallos, ſubditos, & criados proprios, parece pouco valor. Mas nem o primeiro foy arrogancia, nem o ſegundo puzilanimidade: grande juizo, grande animo, gráde generozidade, ſim. Obrou Saõ Roque como homem, como Chriſtaõ, como Santo. E pois a mim me toca hoje declarar as razoẽs, q̃ elle teve, & perſuadir a q̃ tenha imitadores, ao meſmo Sãto peço ſe digne de aſſiſtir com tal eſpirito ao meu diſcurſo, q̃ ſe naõ afaſte muito dos ſeus pẽſamentos.

496 Primeiramente naõ quiz Saõ Roque ſervir a homens; porque naõ quiz deixar de ſer homem. Ao homem fello Deos para mãdar, aos brutos para ſervir. E ſe os brutos ſe rebellãraõ contra Adam, & naõ quizeraõ ſervir ao homem, ſendo tam inferiores; triſte, & miſeravel condiçaõ he haver hum homem

hem de ſervir a outro, ſendo
odos iguaes. A primeira
ez que ſe profetizou neſte
ũdo haver hum homem de
ervir a outros, foy com no-
ne de maldiçaõ. Aſſim fa-
ou Noè a ſeu neto Canaan
m caſtigo do pay, & mais
o filho. Ainda entam ſenaõ
abía no mundo, que couſa
ra ſervir, entaõ ſe começou
entender a maldiçaõ pelo
elito, & a miſeria pelo caſti-
o. Meyos homens chamou
epois o Poeta Lyrico aos q̃
ervem, & diſſe bem. Toda
nobreza, & excellencia do
omem conſiſte no livre al-
edrio; & o ſervir, ſe naõ he
erder o alvedrio, he cati-
allo. Razaõ teve logo Saõ
oque de naõ querer ſervir
homens, por naõ deixar de
er homem.

497 De homens, ſem
he chamar mais que homẽs,
alla David no Pſalmo ſeſſẽ-
a & ſi co, & declara com hũ
otavel encarecimento o q̃
uaſi ſe padece ſem reparo
e lo coſtume: *Quoniam pro-
baſti nos Deus: igne nos exa-
minaſti, ſicut examinatur ar-
gentum Induxiſti nos in la-
queum, poſuiſti tribulationes in
dorſo noſtro: impoſuiſti homi-
nes ſuper capita noſtra.* Quiſeſtes, Senhor, provar, & experimentar em nòs quanto pòde ſuportar a paciencia, & aturar a conſtancia humana; & a huns examinaſtes cõ fogo (como a Lourẽço:) *Igne nos examinaſti*: a outros meteſtes em prizoens, & cadeas (como a Pedro, & Paulo:) *Induxiſti nos in laqueum*: a outros carregaſtes de tribulaçoens, & trabalhos (como os outros Martyres, & Confeſſores:) *Poſuiſti tribulationes in dorſo noſtro*: & ſobre tudo ſugeitaſtes huns homẽs a outros homens, & puzeſtes a huns ſobre a cabeça dos outros: *Impoſuiſti homines ſuper capita noſtra.* Pois a mayor prova, a mayor experiencia, o mayor exame, & o mayor encarecimẽto da paciencia, & ſofrimento humano, he pôr Deos huns homens ſobre a cabeça dos outros? Sim. Porque os que eſtaõ de ſima, ſaõ, os que mandaõ, os que eſtaõ debaixo, ſaõ os que ſervem; & ſendo os que ſervẽ iguaes aos outros por natureza, que eſtes os tragam ſobre a cabeça, & que elles os me-

metaõ debaixo dos pès: *Homines super capita nostra*: nem toda a penitencia dos Confessores iguala esta dòr, nem todos os tormẽtos dos Martyres este martyrio.

498 Mais diz o Texto. Mas antes que passemos avãte, parece que por isto mesmo havia S. Roque de querer servir a homens, ao menos como Santo. Assim he, & assim o fez a paciencia, & constancia de Sam Roque, padecendo fóra da patria, & dentro nella, & por maõs de seus proprios vassallos, feridas, afrontas, falsos testimunhos, prizoẽs, & carcere perpetuo atè a morte. Mas tudo isto quilo elle padecer por amor de Deos, & naõ por servir aos homens. E fez muito bem, & com muito mayor razaõ do que temos visto. Torne agora o Texto. Onde a nossa Vulgata le, *Imposuisti homines super capita nostra*, no original Hebrèo està, *Equitare fecisti homines super capita nostra*: fizestes, Senhor, para provar a nossa paciencia, que os homens andassem a cavallo sobre as nossas cabeças. Vede se vay muito de huma cousa à outra. De sorte que aos miseraveis, que servem debaixo, naõ se contentaõ os que serraõ de sima, de os pizar com os seus pès; senaõ tambem cõ os dos cavallos: *Equitare fecisti homines super capita nostra*. Se me perguntarem porèm, onde pòdem succeder taes casos, que homens tratem assim a homens, & a homens, que os servem? Respondo, que onde Sam Roque nam quiz ir; nas Cortes. Para intelligencia desta verdade (de que bastava por prova a experiencia) havemos de suppor, que nas Cortes, por Christaãs, & Christianissimas que sejam, nam basta só ter a graça do Principe supremo, senam se alcança tambem a dos q̃ lhe assistem. Falla naõ menos que da Corte de Deos o Evangelista Saõ Joaõ no seu Apocalypse, & saùda desta maneira aos Bispos da Asia, a quem escreve: *Gratia vobis, & pax ab eo, qui est, & qui erat, & qui venturus est; & à septem Spiritibus, qui in conspectu throni ejus sunt: & à Jesu Christo, qui est testis fidelis, primogenitus mortuorum*

& princeps Regum terræ. A graça, & a paz de Deos Padre, & dos sete Espiritos, que assistem ao seu trono, & a de Christo Jesu seu Filho primogenito, & Princepe dos Reys da terra, esteja comvosco. Pareceme, que todos tẽdes já reparado nos termos desta saudaçaõ, & imprecaçaõ do mais bem entendido de todos os Apostolos. Se deseja àquelles Prelados da sua Diocesi a graça de Deos Padre, supremo Senhor, & Governador de tudo; porque lhe pede tambem a dos Ministros, que assistem ao seu trono: & se à graça do Padre ajunta tãbem a de seu Filho primogenito, o Princepe dos Reys da terra; porq̃ poem esta no terceiro lugar, & a dos Ministros no segundo? Porque fallava o Evãgelista da Corte do Ceo à semelhança das Cortes do mundo. Naõ basta ter a graça do Rey, & a graça do Princepe, senaõ tiverdes tambem a dos Ministros, que assistem ao trono. Bem sey eu quem tem a graça do Pay, & mais a do Filho: & se o seu desinteresse se naõ cõtẽtára só cõ a graça; pode ser que os Ministros, que se atravessaõ entre hum, & outro, lha naõ deixàraõ em paz: *Gratia vobis, & pax.* Esta he a primeira supposiçaõ da guerra, que padecem, ou pode sem padecer nas Cortes; ainda os homens que melhor servem, se tem outros sobre sy: *Imposuisti homines super capita nostra.*

499 Mas quaes saõ os que os pizaõ, naõ só com os seus pès, senaõ com os dos seus cavallos: *Equitare fecisti!* He certo, que naõ saõ os Reys; porque os pés Reaes nam pizaõ, nem magoaõ; honraõ, & authorizaõ. Por isso se láçaõ a seus pès os vassallos, & quanto mayores, & mais dignos, mais lhe metem debaixo dos pès as cabeças. Là disse Tertulliano, q̃ Minerva calçava na cabeça o capacete: *Minerva calceans galeam.* Assim he o calçado dos Reys. Os seus çapatos nam pizaõ, coroaõ. Quaes saõ logo as que pizaõ tam honradas cabeças, como aquellas entre as quaes se cõtava a de David, & nam só com os seus pés, senaõ com os

os dos seus cavallos: *Equitare fecisti hominis super capita nostra?* Aqui entra agora a segunda, & mais lastimosa suppoſiçaõ, & menos digna de ſe crer, ſenaõ diſſera Salamaõ, que a vio cõ ſeus olhos:

Eccl. 10.7. *Vide ſervos in equis, & Principes ambulãtes ſuper terram:* Vi os ſervos a cavallo, & os Principes a pè. Sem duvida, que iſto vio Salamaõ profeticamente, quando vio apeado a Roboaõ ſeu filho, & a Jeroboam ſeu ſervo entronizado. E em outros Reynos quando acontece iſto meſmo? Bem he que o perguntemos, pois nam vemos no noſſo eſta deſgraça, que baſtára a corromper todas ſuas felicidades. Acontece iſto, quando o Principe, a quem toca ter as redeas na maõ, por deſidia, & negligencia, as larga, & entrega ao ſervo. Entaõ he, que o ſervo montado a cavallo, vendoſe impoſto ſobre as cabeças dos homẽs, nam ſó as piza a dous pès, ſenaõ a quatro. Diga-o Mardochèo debaixo de Aman no Reynado de Aſſuero, & Daniel com os Satrapas no de Nabuco, & Dario. Em taes tẽpos em vez de os homens ſervirem glorioſamẽte aos Reys, ſaõ ignominioſamente ſervos dos ſervos, & padecem, ſem lhe valer a coroa do roſto (onde ſó lhe faltaõ os ferretes) a maldiçaõ de Chanaan, que hoje ſe cũpre nos Cafres, & nos Ethiopes: *Maledictus Chanaan ſervus ſervorum erit fratribus ſuis.* Para que ſe veja, ſe hum eſpirito tam generoſo como o de Sam Roque havia de ſugeitar a ſua cabeça, ou expòla por nenhum preço a ſemelhantes abatimentos.

500 Bem vejo, que a ſua calidade, & grandeza tinha altos fundamẽtos para eſperar na Corte differentes reſpeitos. Mas os meyos, por onde eſtes ſe conſervaõ, ainda eraõ mais alheios da inteireza do ſeu eſpirito. Quiz conſervar David na Corte d'ElRey Achís o grande lugar que tinha na ſua graça: & que meyo tomou, para que os que eſtavaõ ao lado do meſmo Rey, o naõ deſcompuzèſſem, & ainda deſtruiſſem? Já ſabemos, que ſe fingio doudo, & para fazer mais publica a ſua doudice,

diz

liz a Hyſtoria ſagrada, que
ndava com os pés para ſi-
na, & a cabeça para baixo.
Era habilidade, & deſtreza,
em que David ſe tinha exer-
citado por jogo, quando pa-
ſtorinho, como moço de tan-
as forças, & agilidade, &
gora ſe aproveitou della pa-
a eſte disfarce; que todo o
aber ſerve. Em ſumma, que
uſtentandoſe, & movendoſe
obre as mãos, andava com a
abeça para bayxo, & os pès
ara ſima: & iſto quer dizer.
Ferebatur in manibus ſuis.
Texto que tanta difficulda-
le cauſou a Sãto Aguſtinho,
& ninguem depois delle, que
u ſayba, o explicou atègo-
a; mas eſte he o ſentido pro-
rio, & literal daquellas pa-
avras. E o moral, & politi-
o de huma acçaõ tam extra-
rdinaria, qual ſerà? He que
ara hum homem ſe conſer-
ar na Corte, & na graça dos
Reys, como David ſe queria
cõſervar na d' ElRey Achís;
o meyo mais proporcionado,
& effectivo, & ainda forçoſo,
he andar as aveſſas. Os pès
para ſima, a cabeça para bai-
xo: & para naõ tomar o Ceo
com as mãos, trazer as mãos
pela terra: *Ferabatur in mani-
bus ſuis.* E ſeria bem, que hum
coraçaõ tam generoſo, taõ
inteiro, & taõ recto como o
de Sam Roque, & hum ho-
mem mais de quebrar q̃ tor-
cer, ſe torceſſe, & abateſſe a
ſemelhantes indignidades?
Naõ ha duvida, que ſeria pôr
a maõ no chaõ, como pouco
honrado, & ainda os pès no
Ceo, como mào Chriſtaõ.
Por iſſo naõ quiz nada da
Corte, nem ſervir a homens,
ainda que foſſem Reys. Fòra,
fóra: & muito longe.

§. III.

501 Pareceme que o
ditto baſte, ſenaõ para per-
ſuadir a imitaçaõ, ao menos
para provar a prudencia, &
acertado juizo, com que Sam
Roque ſe reſolvéo a naõ ſer-
vir a homens. A eleiçaõ po-
rèm de os naõ querer mãdar,
naõ digo ſó que haverà mui-
to poucos, que a imitem; mas
duvido, que haja algum que
a naõ eſtranhe; & ainda con-
dene. Tam natural he ao
homem o dezejo, & appe-
tite de mandar homens. Diz
o Apoſtolo Sam Paulo, que

a mulher se salvarà pela ge-
1. Thimoth. 2.15. raçaõ dos filhos: *Salvabitur autem (mulier) per generationem filiorum.* E a explicaçaõ commua desta sentença, he q̃ a primeira mulher, que foy Eva, se salvou pela geraçam de hum filho seu, q̃ he Christo. Mas este genero de salvaçaõ naõ compete só à mulher, senaõ igualmẽte ao homem, & tanto a Adam, como a Eva. Logo, que salvaçaõ he esta, de que goza só a mulher, & naõ o homem pela geraçaõ dos filhos? Direy. Em Eva ouve duas condenaçoens, huma à morte, & ao Inferno pelo peccado, de que a salvou, & livrou Christo, & esta foy cõmua ao homem, & à mulher: outro particular, & propria só da mulher, em que Deos a condenou a
Genes. 3.16. estar sugeita ao homem: *Sub viri potestate eris*: & desta segunda condenaçaõ se salva, & restitue a mulher pela geraçaõ dos filhos: *Per generationem filiorum.* E porque, ou de que modo? Porque pela geraçaõ dos filhos fica máy: & ainda que como mulher està sugeita ao homem, que he o marido, em quanto máy pòde mandar homens, quẽ saõ os filhos. Daqui vem, q̃ por linha direita de Eva, & por força da mesma geraçaõ nascem todos os homens inclinados a mandar homens. Vedèo em Jacob, & Esaù, ainda antes de nascidos. Lutavaõ hum contra o outro no ventre da mãy, & sobre quẽ batalhavaõ? Sobre qual dos dous havia de mandar, & o outro servir. Assim o declarou o mesmo Deos, quando sentenceou a contenda, respondendo à mãy (de quem foy consultado) que o menor havia de ser o que mandasse, & o mayor o que servisse: *Maior serviet minori.*

502 Sendo pois o dezejo de mandar no homem naõ só soberania da natureza no seu primeiro estado, como em Adam; mas reparo, & alivio do segundo, como em Eva: & nascendo o mesmo dezejo, antes sendo gerado comnosco, como em Jacob, & Esaù: porque naõ quer mãdar Sam Roque? O mesmo entendimento, & alto juizo, com que naõ quiz servir, o obrigava a que quizesse mandar; porque he primeiro

meiro principio da politica natural, como enſina Ariſtoteles que aos mais bem entẽdidos pertence o mandar, como aos q̃ menos entendem o ſervir. Logo contra todos eſtes ditames da natureza, & da razaõ parece que obrou Sam Roque em demittir de ſy o mando, & governo dos ſubditos, de que o naſcimẽto o fizera herdeiro, & o entendimento Senhor? O naõ querer ſervir a homens, ſeja embora prudente reſoluçaõ, pelos motivos que apontàmos; mas o naõ querer mandar homens, & taes homens, que fundamentos podia ter baſtantes naõ digo jà, que aprovem hũa tam extraordinaria acçaõ; mas que racionalmẽte a naõ eſtranhem, & ainda condenem? Bem creio, que naõ occorreràõ facilmẽte as razoens à ambiçam, & appetite cego, cõ que ſe governa o mundo, por iſſo tam mal governado. Reſpondo porem, & digo, que ſe Sam Roque teve grandes razoẽs para nam ſervir a homens; as meſmas, & muito mayores teve para naõ querer mãdar homens. E porque? Porque mayor ſervidaõ he o mandalos, que o ſervilos.

503 Fallando ElRey Antigono com o Principe ſeu filho ſobre a adminiſtraçaõ, & governo do Reyno, de que o havia de deixar por herdeiro, admirado o generoſo moço de tamanhas obrigaçoens, & encargos, refere Eliano, que lhe diſſe o Pay: *An non noviſti, fili mi, Regnum noſtrum eſſe nobilem ſervitutem?* E ainda nam ſabías, filho meu, que o noſſo reynar naõ he outra couſa, q̃ hũa ſervidaõ hõrada? Hõrada diſſe, & cõ grãde juizo. Porq̃ a ſervidaõ dos ſervos, he ſervidaõ ſem hõra, & por iſſo menor, & menos pezada. Mas ſobre o pezo da ſervidaõ haver de ſuſtentar tan bem o da honra, he muito mayor fugeiçaõ, & muito mais pezada carga. He ſervir à fama, & às bocas dos homens, cujos goſtos ſaõ tam varios, & tam eſtragados, que atè o Manà os enfaſtia. Se hum homem nam pòde ſervir a dous, como diſſe Chriſto, como poderà ſervir a tantos mil? A cada homem deo Deos hum Anjo da Guarda, & naõ mais

que hum homem a cada Anjo: & se hum Anjo, que move, & governa com tanto cõcerto, & ordem todo o Ceo das estrellas, nam basta para guardar a hum homem de sy mesmo, & governar ordenada, & concertadamente a hũ homem, entre os outros; como bastarà hũ só homem para conter dentro das Leys, & manter em justiça a tantos homens? Naõ sabe o que saõ homens, quem isto naõ considera, & penetra: penetrou-o porèm alta, & profundamẽte Saõ Roque na verdura dos seus annos com o sizo, & madureza, que naõ vemos em tantas idades decrepitas.

504 Os Filosofos antigos chamàraõ ao homẽ mũdo pequeno; porèm S. Gregorio Nazianzeno, melhor Filosofo que todos elles, & por excellencia o Theologo, disse, que o mundo comparado com o homem he o pequeno, & o homem em comparaçaõ do mundo, o mundo grande: *Mundum in parvo magnum.* Naõ he o homem hum mundo pequeno, que està dentro do mundo grande; mas he hum mundo, & saõ muitos mundos grandes, que estaõ dentro do pequeno. Baste por prova o coraçaõ humano, que sendo hũa pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza, & redondeza do mundo. Pois se nenhum homẽ pòde ser capaz de governar toda esta machina do mundo, que difficuldade serà haver de governar tantos homens, cada hum mayor q̃ o mesmo mundo, & mais difficultoso de temperar q̃ todo elle? Ademonstraçaõ he manifesta. Porque nesta machina do mundo, entrando tambẽ nella o Ceo, as Estrellas tem seu curso ordenado, que naõ prevertem jà mais: o Sol tem seus limites, & tropicos, fóra dos quaes naõ passa: o mar, com ser hum mõstro indomito, em chegãdo às areas, pàra: as arvores, onde as poem, nam se mudaõ: os peixes contentaõse com o mar; as aves com o ar; os outros animaes com a terra. Pelo contrario o homem, monstro, ou chimera de todos os elementos, em nenhũ lugar pàra, com nenhũa fortuna se contenta, nenhuma am-

ambiçaõ, nem appetite o farta: tudo perturba, tudo preverte, tudo excede, tudo cõfunde, & como he mayor q̃ o mundo, naõ cabe nelle. Grande exemplo no meſmo mundo, naõ cheio como hoje eſtà, mas vazío, & deſpovoado cõ os filhos de Adam, & Noè. A Adam deulhe Deos o imperio ſobre todo o mundo, ſobre os peixes, ſobre as aves, ſobre os animaes da terra, & naõ pode governar em paz dous homens, & eſſes irmaõs, ſem que hum mataſſe ao outro. Noè governou todos os animaes, & conſervou-os pacificamente dentro em huma Arca, & fóra della naõ pode governar tres homens, ſem que hum o nam deſcompuzeſſe, & afrontaſſe, ſendo todos tres ſeus filhos. Vede ſe he mais pezada ſervidaõ, & mais difficultoſa a de governar, & mandar homens, que a de ſervir? Quem ſerve, como naõ pòde ſervir mais que a hum, ſugeitaſe a huma ſó vontade: mas quem manda, como ha de governar a todos, ha de ſugeitar a ſy as vontades de todos, & eſſas naõ de filhos, em que he natural a obediencia, & o amor, nem de irmãos entre ſy, em que as calidades ſaõ iguaes, & as naturezas ſemelhantes; mas de tantas, & tam diverſas condiçoens, & inclinaçoens; como ſaõ nelles os roſtos, & os intentos.

§. IV.

505 Daqui ſe ſegue (o que ainda humanamente pezou naõ pouco no juizo de Sam Roque) que o que ſerve, por dura que ſeja a ſua ſervidam, ſempre tem horas de alivio, & deſcanço; o que manda, nenhũa. *Ut Sol ſtare neſcit, ita tu Imperator*: diſſe Pacàto em hum panegirico ao Emperador Theodoſio Magno: aſſim como o Sol nunca pàra, aſſim vòs, ò grande Emperador, & por iſſo grande. Fez Deos ao Sol Principe do mundo: *Luminare maius, ut præeſſet diei*: & deſde o dia, em q̃ lhe deu eſte officio, atè hoje, naõ deſcançou hum momento. Tam grande trabalho he ſer Sol, & tam grande a ſua ſugeiçam, poſto que em lugar taõ alto. Hũa inquietaçam perpetua, *Geneſ.* 1. 16.

hum movimento continuo, hum correr, & rodear sempre, & dar mil voltas ao mũdo, sem descançar, nem parar jà mais. Quando dizemos, q̃ o Sol se poem, he engano: porque entam se parte a governar os antipodas. Nam vamos buscar a prova da semelhança mais longe, pois a temos de casa, & nos nossos Reys mais propria, que em nenhum outro do mundo. Quando os vassallos dormẽ, & descançam, parece q̃ hum Rey de Portugal faz o mesmo depois do governo, & trabalho de todo o dia; & nam he senaõ que passou aos antipodas. Là anda com o pensamento, & com o cuidado pela China, pelo Japaõ: pelos Reynos do Idalcaõ, do Samori, do Mogòr: pelo Cabo de Boa Esperança, pelo do Comori, pelas Javas: pelos Mares, & Costas da Africa, da Asia, & da America, visitando Armadas, & Fortalezas, compõdo pazes, abrindo commercios, & meditando sempre augmentos do Reyno de Deos, & do seu, sem outra quietaçam, ou descanço mais que apparẽte aos olhos; porque o Sol naõ tem verdadeiro occaso. O relogio, que he o substituto do Sol na terra, nam soa, nem se ouve por fóra, senam a certos tempos; mas nem por isso està ocioso, ou quieto, sempre os pezos estam a carregar, sempre as rodas estaõ a moer; & taes saõ os cuidados do Principe de dia, & de noite. Para os subditos, que obedecem, & servem, ha differença de dias, & noites; para o Principe, que governa, & manda, sempre he dia. Assim o dizia Job dos seus cuidados: *Noctem verterunt in diem.* 17

506 Entre o Senhor, que manda, & os subditos, que servem, ha a mesma differença, que entre o coraçaõ, & os sentidos. Dorme o homem, & todos os sentidos descançaõ. Os olhos nam vem, os ouvidos naõ ouvem, a lingua nam falla, & assim dos demais. Mas se neste mesmo tempo a esse mesmo homem lhe puzerdes a maõ sobre o peito; vereis como està batendo nelle, & palpitando o coraçaõ. E se tornardes depois hũa, & muitas ve-

vezes, & a qualquer hora, sempre o haveis de achar no mesmo movimento. Pois os sentidos iguaes na baixeza aos dos brutos, dormindo a sono solto, & o coraçam principio da vida, & nobilissima parte do homem, sempre velando, sem descançar jà mais? Sim: que isso he ser coraçaõ. O coraçam da Republica he quem a manda, & governa. E quando a mesma Republica lhe deò a soberania desse cuidado, depositou nelle todos seus cuidados. Elle ha de cuidar sem descanço, para que todos descancem, & elle vigiar, para que todos durmaõ. *Ego dormio, & cor meum vigilat*: dizia Salamaõ: & o Leaõ Rey dos animaes dorme cõ os olhos abertos. Vigiar, como o coraçam, quando todo o corpo dorme, he ser Leaõ entre os animaes, & Salamaõ entre os homens.

507 Muito me admirou sempre na fabrica do leito do mesmo Salamaõ, q̃ os travesseiros, em que havia de inclinar a cabeça, os fizesse de ouro: *Reclinatorium aureum, ascensum purpureum*. A subida de purpura, mas a cabeceira de ouro. Pareceseme isto com o que cuidaõ os rusticos, que os Reys dormẽ em lançoes de brocado. Travesseiros de ouro saõ ricos, & preciosos, sim; mas muito duros, muito frios, & muito desagazalhados. Quãto melhor he huma manta no Buçaco, ou huma cortiça na Arrabida? Porèm Salamaõ cõ toda a sua sabedoria nam soube traçar a cama dos Reys outra cabeceira mais brãda, porq̃ naõ era feita para conciliar o sono, senaõ para o inquietar. Assim dormia inquieto Faraò, sonhando nos sete annos de fartura do seu Reyno, & nos sete da fome. Assim dormia inquieto Nabucodonozor, sonhando na duraçaõ de sua Monarchia, & das tres, que lhe haviaõ de succeder. E atè Joseph, a quem Deos hia criando para mandar, & ser Principe, em quanto os Lavradores seus irmaõs repousavaõ, elle sendo de menos annos, nam podia dormir quieto. Là andava sonhando com as paveyas, & com as estrellas, & revolvendo no pensamẽto o Ceo,

Ceo, & mais a terra. A purpura pòdẽna deſpir os Principes, quando ſe deitaõ; mas os cuidados, que os deſvellaõ, nam podem. Quando a Chriſto no Pretorio de Pilatos o fizeraõ repreſentar figura de Rey, coroàraõno de eſpinhos, & veſtiraõno de purpura. E notou advertidamente Sam Paſchaſio, que a purpura tornàraõlha a deſpir, mas a coroa de eſpinhos nunca a largou da cabeça: *Porro ſpinas, quas capite geſtavit, non mutavit, nec alicubi tranſpoſuit.* As eſpinhas ſaõ os cuidados, como lhe chamou o meſmo Chriſto; & a quem he Rey, ou o repreſenta no mando, ſempre eſtas eſpinhas lhe eſtaõ picando a cabeça, ſempre lhe eſtaõ roendo os penſamentos, ſempre lhe eſtaõ inquietando os ſentidos, ſem o deixar deſcançar nem dormir. Aos que ſervem, naõ ha ſenhor tam tyranno, que lhe naõ permitta horas de deſcãço: aos que mandaõ, he tal a tyrannia do meſmo mandar, que ſe nam tomaõ por alivio os meſmos cuidados (como diz Tacito de Tiberio) nem hora, nem momento lhe conſentem de quietaçaõ, & repouſo.

508 Só ſe pòde replicar contra o encarecido deſtes ditames (poſto que verdadeiros) com o deſuſo, & deſprezo delles, & com a ſingularidade dos meſmos exẽplos taõ raros no governo do mundo, como a obediencia das Leys, nos que tem o arbitrio dellas. O ordinario he tomarſe do mando a parte ſó do poder, da Mageſtade, & da grandeza, & deixarſe a do pezo, & dos cuidados, com pouca, ou nenhuma attençaõ mais que ao deſcanço, à delicia, ao regalo, & a todos os antojos do appetite livre, & poderoſo; em fim a igualar as indulgẽcias da ſuprema fortuna com os goſtos, & prazeres da vida. Mas eſta meſma replica naõ desfaz, antes confirma mais tudo o que diſſemos: porque ſe os que tem o mando, fazem, & padecem, quanto o meſmo mando os obriga; dura, & triſte ſervidaõ he a ſua. E ſe o naõ fazem, nem o querem padecer, ainda he mais triſte, & mais dura. *Judicium duriſſimum his, qui præſunt, fiet.*

fiet. Naõ ſó duro , mas duriſſimo (diz o Eſpirito Santo) ſerà o juizo de Deos ſobre os que tiveraõ mãdo neſte mundo ; porque de tudo o que fizeraõ, & deixàraõ de fazer, ſe lhes tomarà eſtreitiſſima conta , & muito particularmente dos ſeus cuidados : *Quoniam interrogabit opera veſtra , & cogitationes ſcrutabitur.* Dà conta da tua vida, em que empregaſte todos teus cuidados : & dà cõta das alheias , & de quanto padecèraõ por teus deſcuidos. Padecèraõ na quietaçaõ,na fazẽda, na honra,nas meſmas vidas , & o que he mais,na perdiçaõ das Almas, & de tudo , & de todas , tu que tiveſte o mando ſobre os homens, me has de dar cõta. Eſta foy a conſideraçaõ,com que Pepino em França , Rachiſio em Italia , Sigiberto em Inglaterra,Trebellio em Bulgaria,Henrique em Chipre, Joaõ em Armenia , Ludovico em Sicilia , Ramiro em Aragaõ, Veremundo em Caſtella : eſta foy , digo , a conſideraçaõ, da qual fortiſſimamente convẽcidos eſtes, & outros Principes,ou ſendo Reys, renũciàraõ as Coroas; ou ſendo filhos de Reys , as heranças:elegendo antes ſer ſubditos , & ſervir em huma Religiaõ,que mandar, & ſer Senhores no mundo. E poſto que o Eſtado de Saõ Roque naõ era tam grande; foy com tudo igual a ſua razaõ de eſtado. Renunciou o ſeu Eſtado , por naõ dar conta delle:& para tratar ſó da ſalvaçaõ de hum homem , nam quiz mandar homens.

§. V.

509 Temos viſto quam grande ſervidaõ he o ſervir a homens , & quanto mayor ſervidaõ o mandar homens: dèmos agora huma volta ao diſcurſo,& vejamos da parte dos meſmos homens,ou ſervidos, ou mandados,qual he o pago , que elles coſtumaõ dar,tanto à quem bem os ſerve,como a quem bem os mãda. Dous homens houve no mundo , hum que melhor q̃ todos ſoube ſervir , & outro que melhor que todos ſoube mandar. O que melhor ſoube ſervir , foy David , o que melhor ſoube mandar , foy Moy-

Moysès : E que succedèo a hum, & a outro? Ambos foraõ os dous mayores exemplos, & ambos os dous mayores desenganos do que he servir a homens, ou mandar homens.

510 Foy chamado David a Palacio, pela boa informaçaõ que teve ElRey Saul de suas excellentes partes: & porque o Rey padecia graves malencolias causadas de hum mào espirito, que lhe entrava no corpo, era tal a arte, & suavidade, com que David tocava huma harpa, q̃ naõ só se aliviava Saul das suas tristezas; mas atè o mesmo Demonio, inimigo de toda a consonancia, o largava. E como pagou Saul estes exorcismos tam doces? Com deitar maõ a huma lança, depois de se ver livre do demonio, & fazer tiro com ella a David, para o pregar a huma parede. Assim pagava hum Rey, a quem lhe tirava o demonio do corpo: & pode ser, pòde ser, que no mesmo tempo se visse mais medrado em seu serviço, quem lhe metesse o demonio em casa? Naõ quebrou a harpa David com o primeirõ desengano, porque ainda depois tornou a servir a Saul com ella. Retirouse porèm para a sua cabana, lançando huma bençaõ ao Paço (como podèra muitas maldiçoens) & restituido à soledade do campo, & à innocẽcia das suas ovelhas, diz a Hystoria sagrada, que jugava com os Leoens, como com Cordeiros: *Cum leonibus lusit quasi cum agnis.* Tábem os Leoens eraõ feras coroadas, mas naõ tinha medo delles, porque naõ eraõ homens. Era tam homem David jà neste tempo, nam cõtando ainda vinte annos, que elle só se atrevèo a sair contra o Gigante, de quem os exercitos de Israel tremiaõ. Vendo Saul hũa tam valẽte determinaçaõ, perguntou, q̃ moço era aquelle. A quem nam fará lastima esta pergũta? Este moço, Senhor, he aquelle, que por sua fama vos mandastes pedir a seu Pay: Este aquelle, que vos assistia todos os dias nas horas da tristeza; este o que tocava a harpa, este o que vos recreava, & aliviava o animo; este o q̃ fazia fugir o demonio,

monio. Naõ ha mais que dezoito mezes q̃ falta de vossos olhos, & jà o naõ conheceis? He possivel, que tam depressa se esquecẽ os Principes, & desconhecem a quẽ os serve? Pouco era ser possivel, he costume. Derruba finalmẽte David o Gigante, cortalhe a cabeça, poemna aos pès de Saul, & este q̃ foy o mayor triumfo da sua Naçaõ, & a mayor gloria da sua patria, foy a sua mayor desgraça para com o Rey. Sete vezes lhe procurou Saul tirar a vida, jà por arte, jà por traiçoens, jà por violencias publicas, & declaradas: hũas vezes por seus ministros, outras por sua propria pessoa com gente armada, servindo as mesmas batalhas, em que o defendia, & as mesmas vitorias, com que o honrava, de novos incentivos ao odio. E David? Perseguido, fugitivo, desterrado, bandido, sempre leal, sempre fiel, sempre venerador do seu Rey, & só inimigo de seus inimigos: aos quaes perseguido perseguia, & fazia cruel guerra. Sobre tudo estava David ungido por Rey de Israel para suceder aõ mesmo Saul, & com licẽça de Deos para o matar, & tendoo tres vezes debaixo da espada, tres vezes lhe perdoou a vida, & lhe deixou a cabeça, & a coroa. E que a hum vassallo, a quem Saul por tantos modos devia quãto tinha, & quanto era; & que sobre tantas offensas, & semrazoens, o servia, amava, venerava, & guardava com tantos extremos de fineza, elle o aborrecesse, & perseguisse com taes excessos de ingratidaõ, de vingança, de rayva, de odio? Mas era homem Saul, ainda que Rey, & assim pagaõ os homẽs a quẽ os serve.

511 Ao exemplo, ou desengano do que melhor q̃ todos soube servir, segue se, & naõ sey se com mayor assombro, o de quem melhor que todos soube mãdar. Fez Deos a Moyses supremo Governador do seu Povo, & naõ pòdem os homens, nem dezejar, nem fingir algũ modo de mãdar, nem mais util, nem mais grato, nem mais humano, nem ainda mais divino, & mais digno de applauso, & admiraçaõ em tudo

tudo, que ò de Moyſes. Que pòdem dezejar os homẽs, em quem os manda, & governa? Hum grande amor, & zelo do bem publico? E Moyſes amou, & zelou com tal extremo o Povo de Iſrael, ainda antes de lhe eſtar encomendado; que mais quiz ſer affligido, & padecer com elle no cativeiro, que ſer filho da filha d'ElRey Faraò, como nota, & encarece S. Paulo. Que mais pòdem dezejar? Que remedee ſuas miſerias, & os alivie de ſeus trabalhos? E Moyſes fello tanto aſſim, que os libertou do Egypto, & da duriſſima ſervidaõ, & tyrannico jugo, com que elles, & ſeus pays, & avòs, tantos annos havia, eſtavaõ opprimidos, & os paſſou ao dominio da Terra de Promiſſaõ, a mais abundante, & delicioſa do mundo. Que mais pòdem dezejar? Riquezas? E Moyſes juntamente com a liberdade naõ ſó os fez ſair com todos ſeus gados, ſem ficar delles no Egypto nem huma unha, como diz o Texto, mas carregados de ouro, & de todas as joyas dos Egypcios em ſatiſfaçaõ do injuſto ſerviço, a q̃ os tinhaõ obrigado. Que mais pòdem dezejar? Victoria, & vingança de ſeus inimigos, com ſegurança de nunca mais lhe ſerem ſugeitos? E tudo iſſo lhe deu logo Moyſes, ſepultando Faraò, & todos ſeus exercitos no fũdo do Mar Vermelho, vencendo os Hebrèos ſem batalha, & triumfando ſem armas, & deſpindo nas prayas os corpos, que elles naõ tinhaõ morto, para tãbem levarem os deſpojos. Iſto he quanto podiaõ dezejar, & fingir no penſamento. Vamos agora ao que nem dezejar podiaõ. Podiaõ dezejar ſer providos de todo o ſuſtẽto, & ainda de todo o regalo ſem deſpeza, nem trabalho? Naõ podiaõ. E Moyſes para comer lhes deo o Manâ, em que eſtavaõ guizados ao goſto de cada hum todos os ſabores: & para beber, copioſas fontes de agua puriſſima, que cõ a meſma penha, de q̃ manavaõ, os hiaõ ſeguindo. Podiaõ dezejar, que de dia os naõ queimaſſe, ou encalmaſſe o Sol, & de noite naõ ficaſſem em trevas, & às eſcuras?

curas? Naõ podiaõ. E Moyſes por meyo de duas colunas prodigioſas, que pelo ar os acompanhavaõ; de noite os alumiava, com huma que era de fogo, & de dia os defendia do Sol com outra, que era de nuvem. Podiaõ dezejar, que ſendo tres milhoens de homens de todas as idades, nenhum delles adoeceſſe, nem eſtiveſſe enfermo? Naõ podiaõ. E Moyſes com virtude ſuperior a toda a natureza, & fraqueza humana, os conſervava a todos ſãos, & com inteira, & robuſta ſaude: *Et non erat in tribubus eorum infirmus.* Podiaõ dezejar, que o veſtido, & calçado em quarenta annos de caminho, naõ envelheceſſe, nem ſe gaſtaſſe; Naõ podiaõ. E Moyſes com menos neceſſario milagre (porque tinhaõ as lãas, & pelles dos ſeus rebanhos) com os meſmos veſtidos, & com o meſmo calçado, com que tinhaõ ſahido do Egypto, os levou atè à Terra de Promiſſaõ, a cuja viſta lhes diſſe: *Quadraginta annis per deſertum non ſunt attrita veſtimenta veſtra, nec calceamenta pedum veſtrorum conſumpta.* Finalmente, podiaõ dezejar, que Moyſes antepuzeſſe a conſervaçam do meſmo Povo à ſua propria ſalvaçaõ, & a vida temporal dos que governava à ſua propria bemavẽturança, & vida eterna? Naõ podiaõ. E com tudo quãdo Deos pelo peccado da Idolatria quiz acabar de huma vez com o meſmo Povo Hebrèo, & extinguilo, & tiralo do mundo para ſempre, promettendo a Moyſes, que o faria Principe, & Senhor de outra muito mayor, & melhor Naçaõ; foy tal o exceſſo de heroico amor, com que elle ſe oppoz a eſta reſoluçaõ; que chegou a dizer a Deos declaradamente, que ou perdoaſſe ao Povo, como lhe pedia, ou ſenaõ, que o riſcaſſe a elle do ſeu Livro: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo, quem ſcripſiſti.* Exod. 32. 32. Eſte livro, a que ſe referia, he o livro, em que eſtaõ eſcritos os Predeſtinados para a Gloria, o qual na Eſcritura ſe chama, *Liber vitæ*: & quiz Moyſes ſer riſcado delle (ſalva ſómente a graça) no caſo, em que Deos naõ perdoaſſe

doesse ao seu Povo. Como se dissera: Desde o dia, em que vós, Senhor, me obrigastes a aceitar o mando, & governo, que eu tanto repugnava: como eu fiquey sendo a cabeça deste Povo, & elle o corpo; elle he eu, & eu seu elle: assim que o bem, ou o mal ha de ser commum de ambos: se elle parecer, a sua perdiçaõ ha de ser tambem minha; & se eu me salvar, a minha salvaçaõ ha de ser tãbem sua. Pelo que nam ha outro meyo neste negocio, senaõ, ou a elle perdoarlhe, ou a mim condenarme; porque nẽ a mesma gloria quero só para mim sem o bem daquelles, a quem igualmente amo. Disse Moyses: & nam teve Deos que responder, senaõ perdoar, gloriandose de ter escolhido tal homem para Cabeça, & Governador do seu Povo.

512 E com que graças, com que louvores, com que applausos celebrariaõ aquelles venturosos homens as finezas, os beneficios, os milagres, com que hũ tal homem os tinha desde principio do seu governo libertado, defendido, conservado, regalado, & com tantos extremos amado? Oh assombro da fereza, & ingratidaõ humana? Oh dezengano mal conhecido sempre, & só aqui bem experimentado do que he mandar homens! O pago, que aquelle mesmo Povo deo a Moyses, foraõ perpetuas murmuraçoens, perpetuas queixas, perpetuos clamores, perpetuos arrependimẽtos, e saudades do mesmo cativeiro, de q̃ os tinha libertado; & taes dissençoẽs, taes rebellioẽs, taes injurias, & afrõtas, & taes perigos de o apedrejarem, & lhe pòrem as maõs, se se naõ acolhèra no Tabernaculo, & o mesmo Deos o escondèra; q̃ sendo o sofrimento, & mansidaõ de Moyses por testimunho da mesma Escritura a mayor de todos os homens: *Erat enim Moyses vir mitissimus super omnes homines, qui morabantur in terra*: naõ podendo jà com o pezo de sustentar aos hombros os mesmos, que trazia no coraçaõ, pedio finalmente a Deos, que ou o descarregasse do governo, ou quando assim nam quizesse, lhe

lhe tiraſſe a vida: *Sin aliter tibi videtur, obſecro, ut interficias me.* Eiſaqui o que he mandar homens, a quem nẽ os beneficios obrigaõ, nem os regalos abrãdaõ, nem as finezas enternecem, nem os milagres ſugeitam, nem pòde haver quem os contente, & ſatisfaça.

513 Pareceme, Senhores, que eſtes dous exemplos de David ſervindo, & de Moyſês mandando, nam ſó tem provado a verdade do q̃ eu dizia, & approvado a reſoluçam de Sam Roque, mas deſenganado a todo o entendimẽto, por obſequioſo, ou ambicioſo que ſeja, do que he ſervir a homens, ou mandar homens. Mas agora digo, que nem o primeiro caſo, nem o ſegundo, por mais que pareçaõ encarecidos, chegaõ a declarar de muito longe, nem a penſam do ſervir, nem o perigo do mandar. Aparelhay nos entendimentos a Fè, porq̃ ſem ella naõ ſe pòde crer, nem ſe poderà imaginar o que de novo havieis de ouvir. Duas reſoluçoens tomou Deos acerca dos homens, a primeira de os mandar, a ſegunda de os ſervir. Antes de Deos ſe fazer homem, mandava os homens como Rey: *Tu es ipſe Rex meus, & Deus meus, qui mandas ſalutes Jacob*: depois de ſe fazer homẽ, veyo ſervir a homens, como elle meſmo diſſe: *Non veni miniſtrari, ſed miniſtrare.* E Sam Paulo: *Formam ſervi accipiens.* E que lhe ſuccedeo a Deos em hum, & outro eſtado, quando mandou, & quãdo ſervio aos homens? Aqui paſma a meſma Fè. Quando os mandou, tiràraõlhe o Reyno: quando os ſervio, tiràraõlhe a vida. Que lhe tiraſſem a vida, todos o ſabẽ: q̃ lhe tiraſſẽ o Reyno, o meſmo Deos o diſſe a Samuel: *Non te abjecerũt, ſed me, ne regnẽ ſuper eos.* E ſe Deos quãdo manda homens, ſe deſcontentaõ delle, que lhe tiraõ o Reyno: & ſe o meſmo Deos quando ſerve a homens, lhe pagaõ de tal ſorte, q̃ o poem em huma Cruz, & lhe tiram a vida; vede, ſe ſaõ loucos todos os que querem mãdar homens, ou ſervir a homens, & quam ſezudo, & bem aconſelhado foy Sam Roque

Pſal. 43.5.

Matt. 20.28

Phil. 2.7.

1. *Reg.* 8.7.

em os nam querer mandar, nem ſervir.

514 Cuidaõ todos, que Sam Roque começou a ſer Avogado da peſte, quando no fim da vida curava os apeſtiados cõ o ſinal da Cruz, & he engano. Quando Sam Roque ſe benzèo de ſervir a homens, & mandar homens, entam he que começou a ter imperio, naõ ſobre huma, ſenaõ ſobre duas peſtes, huma que he o mandar, outra q̃ he o ſervir. O ſervir, & o mãdar ambos começàraõ juntamẽte no dominio de Membrot. Nelle começou o imperio, & com elle a ſervidaõ. Aſſim o nota Sam Jeronymo: *Quia primus hic fuit, qui alios ſibi ſervire coegit.* E eſte dominio de Membrot quando começou? Segundo a mais certa chronologia, começou no anno de Mil & novecentos & trinta & dous da criaçam do mundo, que foy o meſmo anno, em que naſcéo Abraham. Agora noto eu, & he couſa muito digna de ſe advertir, que quando começou o mandar, & o ſervir, entam ſe encurtàram as vidas dos homens, porque dalli por-diante, como conſta da ſagrada Eſcritura, raros foram os que chegàraõ a cem annos, & rariſſimos os que os excedèraõ. De ſorte que antes de haver no mũdo ſervir, nem mandar, viviaõ os homens oitocentos, novecentos, & mais annos; porèm depois que eſtas duas peſtes entràraõ, depois que os homens começàraõ huns a mandar, & outros a ſervir, nenhum ouve a quẽ a morte nam tiraſſe as ſete, ou as oito partes da vida. E verdadeiramente, que ſe os trabalhos, & os deſgoſtos mataõ, naõ he muito que o ſervir, & o mãdar ſejaõ enfermidades mortaes. Eſtas duas peſtes curou Sam Roque em ſy, naõ querendo mandar, nem ſervir a homens; & tambem as pòde curar em nós com ſeu exemplo, nam para que vivamos neſta vida mais tempo, mas para que a vivamos com deſcanço, & ſem deſgoſtos, que he a felicidade, & bemaventurança, que nella ſe pòde ſó alcançar.

§. VI.

515 A bemaventurança da

da outra vida segurou a Sam Roque com a segunda, & melhor parte da sua resoluçam, q̃ foy servir só a Deos. Isto nam ha mister discurso, nem prova; porque he Fè. Mas porque o servir a Deos, & o servir aos homens tudo tem nome de servir; vejamos sómente quam grande foy a prudẽcia de Sam Roque em saber distinguir esta equivocaçam, & quanta he a differença, que ha entre hum servir, & outro servir; para que todos os que servem, & os q̃ mandaõ, queiraõ antes servir a Deos, & só a Deos.

516 Os homens quando mandaõ) & mais se tem o mando supremo) ou seja ingratidaõ natural, ou suberania, nem estimaõ, nem pagaõ os serviços, que se lhe fazem, como deveraõ; porque cuidaõ, que tudo se lhe deve. Pelo contrario, Deos, a quẽ devemos tudo o que temos, & tudo o que somos, nenhũa cousa manda, a cuja remuneraçam se nam obrigue como devedor. A Arca, em que se guardavaõ as Taboas da Ley, chamase *Arca fœderis*: Arca do contrato. E porque do cõtrato, se era das Leys. Porque sendo Deos supremo Senhor, a quem devemos obedecer em tudo, de tal maneira nos quiz obrigar a fazer o que nos manda, que juntamente se obrigou, & fez devedor a sy mesmo de nos pagar o que fizermos. O que fizermos, disse; & disse pouco. Naõ só està obrigado Deos pelo mesmo contrato a nos pagar o que fizermos, senaõ tambem o que nam fizermos. Os homens nas suas Leys, se matastes, ou furtastes, castigaõvos; mas se naõ matais, nem furtais, naõ vos daõ por isso nada. Naõ assim Deos. Naõ só vos remunera quando fazeis o que vos mandar fazer, senam tambẽ quando naõ fazeis o que vos manda que naõ façais. Oh quam endividado se acharia Deos com Sam Roque no dia de sua morte, crescendo sempre mais, & mais estas glorioſas dividas em todos os empenhos de sua vida! Nam só devèo Deos a Sam Roque o fazer tudo o que manda, nem só lhe devèo o nam fazer tudo o que prohibe; mas devèolhe todas

aquellas acçoens, & finezas heroicas, que sem prohibiçam, nem preceito deixou o mesmo Deos livres aos que desprezando tudo o mais, a elle, & só a elle quizessem servir.

517 Os homens quádo pagaõ, ou cuidaõ que pagaõ os serviços, que lhe fizestes, elles saõ os que os avaliaõ. O estylo de Deos em remunerar a quem o serve, vede quam differente he. Nós somos os q̃ avaliamos, & elle o que paga. Disse Saõ Pedro em nome seu, & dos outros Pescadores, que seguiaõ a Christo: *Ecce nos reliquimus omnia, & sequuti sumus te: quid ergo erit nobis?* Matt. 19.27 Senhor, nós deixàmos tudo por vos seguir; com que nos haveis de pagar? parece, que devia Christo replicar ao excesso desta avaliaçam, & dizer: Se vós nam deixastes mais que hum barco, & hũa rede como dizeis que deixastes tudo? Mas taõ fóra esteve o Senhor de fazer esta replica, que dando por boa a avaliaçam, lhe deo por paga daquelle tudo, o serem no Juizo universal arbitros de tudo: *Cum sederi Filius hominis in sede maiestatis suæ, sedebitis & vos.* E bastou isto? Naõ. *Et omnis, qui reliquerit domum, &c. centuplũ accipiet*: & a qualquer q̃ por mim deixar alguma cousa, pagarey cento por hũ. Avaliay por quam subido preço quizerdes o que deixastes, ou fizestes por mim; q̃ a minha paga, & a minha avaliaçaõ desses mesmos serviços, ha de ser mayor que a vossa, & cem vezes mayor. Comparayme agora a barca, & as redes de Sam Pedro com o que deixou Sam Roque, & julgay qual será a paga, que tem recebido de Deos? Deixou a patria, deixou o descanço, deixou os thesouros, deixou o Estado: & naõ fallo na differença do seu nascimento comparado com o de Pedro, porque esta he outra, & nam pequena, que se usa, & está introduziza entre os homens, & nam tem lugar em Deos.

518 Os homens para fazer as merces, olhaõ para o nascimento de quem os servio; Deos só respeita, & faz caso do merecimento, & das ac-

acçoens de cada hum, & nenhum do nascimento. Isaac quiz dar a benção, & o morgado a Esaù, Deos nam quiz que o levasse senaõ Jacob: & porque? Vamos ao caso, & acharemos a razaõ. Esaù nascèo primeiro que Jacob; porèm na luta, que ambos tiveraõ no ventre da mãy, Jacob lutou melhor que Esaù. O mesmo Esaù sendo competidor, o nam pode negar, & o confessou, dizendo: *Supplantavit enim me en altera vice.* Lutou melhor Jacob q̃ Esaù? Pois essa foy a razaõ da differença, nem ha outra para com Deos. Isaac como homem para dar a benção, & o morgado, teve respeito ao nascimento; Deos, como Deos, nem respeitou, nem fez conta do nascimento, senaõ só do mayor valor, & do merecimento. Se os Soldados da fortuna a querem ter boa, sirvaõ a Deos. Os nascimentos levaràm as comendas dos homens, as de Deos só para o merecimento as tem guardadas. Por isso Sam Roque, sendo de tam alto nascimento, o renunciou, & naõ fez caso delle, porque quiz mais generosa, & mais fidalgamente ser despachado na Corte da verdade, & da justiça, pela nobreza, & calidade das obras, que eraõ suas; & naõ pelas dos pays, & avós, que saõ alheias.

519 Os homens, a quem os serve, medemlhe os merecimentos pelos annos; Deos mede-os pelos coraçoens. Quando o Profeta Samuel foy a casa de Jessé para ungir em Rey hum de seus filhos, vendo a Eliab, q̃ era o mais velho, & de galharda presença, julgou, que o eleito por Deos sem duvida era aquelle; mas Deos o desenganou logo, dizendo, q̃ elle nam olhava para os corpos, nem para os annos, senaõ para os coraçoens: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor.* David o menor filho de todos foy o eleito: & logo mostrou qual era o seu coraçam. Todo o exercito de Saul estava cheyo de Soldados velhos, & Capitaens muito antigos, mas todos desmayados, & tremendo só de ver o Gigante; & David, que tinha o coraçaõ, que a elles lhe faltava, ven- 1. *Reg.* 16. 7.

cendo, & matando o meſmo Gigante, fez, & merecèo mais em huma hora, que todos os outros em tantos annos. Os homens medindo os merecimẽtos ſò pelos annos fazem huma grande injuſtiça; porèm Deos, que he juſtiſſimo, medeos ſò pelos coraçoens; porque elle ſò os vè. No meſmo dia, & na meſma hora, em que a Madalena ſe lançou aos pès de Chriſto, diſſe o Senhor, que tinha amado muito: *Quoniam dilexit multum.* Parece muito dizer. Digaſe q̃ amava, mas nam ſe diga muito, que ainda entam começava a amar: & jà que ſe dà nome de muito ao ſeu amor, digaſe que amava, & nam que tinha amado: *Dilexit?* Mas tudo eſtà taõ bem ditto, como quem o diſſe, porque Deos nam mede o coraçam pelo tempo, ſenaõ o tempo pelo coraçam. Oh ſe os homens viſſem os coraçoens, quam endividados ſe acharião os de muitos, que cuidaõ, que os ſervem pouco! Por iſſo ſò ſe pòde ſervir a quem vè o coraçam. E ſe em poucos inſtantes de tempo cabem muitos ſeculos de amor, que eternidades ſeriaõ as que Deos tinha contado no coraçam, & amor de Saõ Roque em tantos annos de ſuas peregrinaçoens, de ſeus carceres, de ſuas perſeguiçoens, & afrontas, que ſaõ o crizol do amor? Se os que vieraõ na undecima hora do dia, que he a velhice, porque ſupriraõ a tardança com a diligencia, foraõ igualmente pagos, & premiados; qual ſerà o premio daquelle coraçaõ, que entre as lizonjas dos mais floridos, & enganoſos annos ſe entregou todo a amar, & ſervir ſò a Deos?

Luc. 7. 47.

520 Os homens, a quem ſervis, pòdem pouco, & querem menos. Se quizeſſem dar muito, nam pòdem; & eſſe pouco, que pòdem, naõ querem. Deos pelo contrario pòde tudo, & ſempre quer. Vieraõ dous pobres a Chriſto pedir remedio para ſuas enfermidades, & cada hum (que he muito eloquente a neceſſidade) pedio por ſua fraze. Hum diſſe: *Si quid potes, adjuva nos*: Senhor, ſe podeis, remediay-me: o outro diſſe: *Si vis, potes*

A 9.

potes me mundare: Senhor, se vòs quizerdes remediarme, podeis. De maneira, que hũ, que ainda nam cria, pedio-lhe a vontade, & duvidou-lhe o poder: o outro, que jà cria, confessoulhe o poder, & pediolhe só a vontade. E que respondeo o Senhor ao que disse: *Si potes*: & ao que disse: *Si vis*? Ao que lhe pedio a vontade, & lhe duvidou o poder, respondeo, que podia, & que queria: & ao que lhe confessou o poder, & lhe pedio a vontade, respondêo, que queria o que podia: & a ambos satisfez como dezejavaõ. Quando os homens pedem aos homens, ainda q̃ sejaõ Reys, pedem huns pobres a outros: só quando pedem a Deos, pedem a quem verdadeiramente he rico. *Dives in omnes, qui invocant illum*: diz Sam Paulo; que Deos he rico para todos, os q̃ o invocaõ. Os Reys quando muito saõ ricos para alguns, Deos he rico para todos: *Dives in omnes*. Por isso Sam Roque se fez pobre para servir a quem só o podia fazer verdadeiramente rico. O seu Rey, ainda que fosse tam liberal como Assuero, podia prometter a metade do Reyno de França; Deos a quem o serve, dalhe todo o seu Reyno, & quanto mais a quem deixou tudo, só pelo servir a elle.

521 Os homens (jà que fallamos nos seus poderes) se deres por elles a vida, como tantos a estaõ dando nestas campanhas; ainda que sejaõ Reys, & Monarchas, assim como elles vola naõ deraõ, assim vola naõ pòdem restituir. E Deos, sendo elle o que vos deu a vida, ainda que vòs a naõ deis por elle, se a empegardes em seu serviço, dàvos pela temporal a eterna. Rey era, & Rey, que andava nos exercitos, o que deu este desengano a todos os homens: *Nolite confidere in Principibus, in quibus non est salus*. Homens, nam ponhais a vossa esperança em homens, ainda que sejam Reys, porque nam pòdem dar vida. Os Reys chamaõ-se senhores da vida, porque com justiça, ou sem ella a pòdem tirar; mas dàlla, nem a seus filhos, nem a sy mesmos pòdem. Sò Deos he

Psal. 145. 3

verdadeiro Senhor da vida, porque a dà no naſcimento, porque a conſerva na duraçaõ, porque a reſuſcita depois da morte, & a eterniza na Patria. Vede a differença da voſſa meſma vida ſacrificado a Deos, ou aos homens: ſe a dais por amor de Deos, ficais bemaventurado: ſe a dais por amor dos homens, ficais morto. Os que a deraõ por amor de Deos, ſaõ os que adoramos naquelles altares: os que a deram por amor dos homẽs, os que pizamos neſſas ſepulturas. Antes que Roma pozeſſe no altar a Sam Roque, o poz o mundo, & o ouve por bem a meſma Igreja: Porque? Porque deu a vida ſó a Deos, & a empregou ſò em ſeu ſerviço. E foy eſte ſerviço tam aceito a Deos, & taõ bem pago por elle, que deu authoridade ao meſmo Sam Roque, para que nós tambem lhe pediſſemos a vida, & poder para que no la dèſſe.

522 Os homens (para que fallemos tambem pela ſua boca, & nam ſò pela divina) quando vos haõ miſter, ſois ſeu; quando os haveis miſter, ſois voſſo. Aſſim o cantou ao ſom do Lima aquelle grande, & deſenganado eſpirito, que por nam ver as Ribeiras do Tejo, fugio dellas para taõ longe. Quando te haõ miſter, es ſeu; quãdo os has miſter, es teu: que nam tens donos entam. E Deos pelo contrario he tam bom Senhor, & taõ bom dono, que nam havendo miſter a ninguem, quando nos faz mercè de ſe querer ſervir de nòs, ſomos, com grande honra, ſeus: & quando nòs o havemos miſter (que ſempre havemos) nunca deixa de ſer noſſo. Serviraõ Abraham, Iſaac, & Jacob a Deos, & naõ foraõ elles os que tomàram o ſobrenome do Senhor, ſenaõ o Senhor o dos Servos. Naõ ſe chamàraõ elles Abraham de Deos, Iſaac de Deos, Jacob de Deos: mas Deos foy o que ſe chamou Deos de Abraham, Deos de Iſaac, Deos de Jacob. Aſſim o diſſe o meſmo Deos a Moyſés: *Ego ſum Deus Abraham, Deus Iſaac, & Deus Jacob.* E para que? Para que conheceſſe o mundo, que ſe os ſervos eraõ ſeus do Se-

Exo 3.6.

Senhor; tambem o Senhor era seu dos servos. Se Deos ha de mister a Abraham para Pay da Fè, Abraham he de Deos: & se Abraham ha mister a Deos para o livrar dos dous Reys do Egypto, & de Geraris, Deos he de Abraham: *Deus Abraham.* Se Deos ha mister Isaac para o sacrificio, & para experimẽtar o amor de seu Pay, Isaac he de Deos: & se Isaac ha mister a Deos para o livrar da espada, & o trocar com o cordeiro, Deos he de Isaac: *Deus Isaac.* Se Deos ha mister a Jacob para fundador dos doze Tribus, Jacob he de Deos: & se Jacob ha mister a Deos para o livrar da ira de Esaù, & dos enganos de Labam, Deos he de Jacob: *Deus Jacob.* Se considerarmos os trabalhos, & perigos de Sam Roque, acharemos que nam foraõ menores que os dos tres Patriarchas; mas assim como Roque se fez todo seu de Deos, servindo-o sò a elle, assim Deos se fez todo seu de Roque, livrando-o de todos. E tam seu, & sempre seu, que ainda hoje nos està livrando a nòs só por sua intercessam, & por seu respeito.

523 Finalmente os homens, a quem, servimos, posto que sejaõ Reys, saõ mortaes, & lhe succedem outros: porém Deos, quando nam tiveramos tantas obrigaçẽs de o servir, só por ser immortal, & sempre o mesmo, sem outro que lhe haja de succeder, o deveramos servir só a elle. Entendèraõ isto tanto assim muitas Naçoens, que na morte dos Reys se sepultavaõ com elles os seus criados: nam só por fineza do muito que os amavaõ, mas por nam viverem em tempo de outros Principes, que naõ conheceßem seus serviços, & merecimentos. Naõ ouve mayor mudança de fortuna que a dos filhos de Israel no Egypto. Ao principio enriquecidos, queridos, estimados, venerados: depois desprezados aborrecidos, opprimidos, a vexados, cativos. E donde nascèo huma tam notavel mudança? O Texto sagrado o diz: *Surrexit Rex novus, qui ignorabat Joseph*: succedèo no imperio hum Rey novo, que naõ conhecia a Jo- *Exod.* 1.8.

a Joſeph. O Rey velho acõſelhavaſe com Joſeph, ſeguia os ditames de Joſeph, & ſuccedialhe taõ bem com elles, que lhe poz por nome, Salvador do Egypto, & por iſſo favorecia ſeus Irmãos; porêm o Rey novo, que veyo depois, como naõ conhecia a Joſeph; nenhuma valia tinha com elle a ſua memoria, nem os ſeus grãdes ſerviços, & a todos os ſeus deſcendẽtes naõ ſò naõ dava nada de novo, mas ainda o que tinhaõ, atè a meſma liberdade lhe tirava. Oh diſcretiſſimo mancebo, ò prudentiſſimo varaõ Sam Roque! Na vida de Sam Roque, ſem ſer muito larga tambem ouve dous Reys em França, Carlo Magno, & Ludovico Pio. E porque elle ſabia pelos eſtylos das Cortes, que ſe foſſe favorecido de hum, havia de ſer deſvalido do outro; por iſſo quiz ſervir ao Rey, que nem morre, nem deſconhece; que he Deos, & ſò Deos. Ditoſo elle, & bemaventurado, que aſſim o fez: & nòs tambem ſeremos ditoſos, & bemaventurados, ſe aſſim o fizermos: *Beati ſunt ſervi illi.*

SERMAM
DA
EPIPHANIA,

Na Capella Real. Anno 1662.

Prègado à Rainha Regente na menoridade d'ElRey, em preſença de ambas as Mageſtades: na occaſiaõ em que o Autor, & outros Religioſos da Companhia de Jeſu chegàraõ a Lisboa expulſados das Miſſoens do Maranhaõ pela furia do Povo, por defenderem os injuſtos cativeiros, & liberdade dos Indios, que tinhaõ a ſeu cargo.

Cum natus eſſet Jeſus in Bethlehem Juda in diebus Herodis Regis, ecce Magi ab Oriente venerunt. Matth. 2.

§. I.

PAra que Portugal na noſſa idade poſſa ouvir hum Prégador Evãgelico, ſerà hoje o Evangelho o Prègador. Eſta he a novidade, que trago do Mundo Novo. O eſtylo era, que o Prègador explicaſſe o Evangelho: hoje o Evãgelho ha de ſer a explicaçaõ do Prègador. Nam ſou eu o que hey de commentar o Texto, o Texto he o que me ha de commentar amim,

a mim. Nenhuma palavra direy, que nam seja sua, porque nenhuma clausula tem, que nam seja minha. Eu repetirey as suas vozes, elle bradarà os meus silencios. Praza a Deos, que os ouçam os homens na terra, para que nam cheguem a ser ouvidos no Ceo.

525 Havendo porèm de prègar o Evangelho, & com tam novas circunstancias, como as que promette o exordio; nem por isso cuide alguem, que o Prègador, & o Sermaõ ha de faltar ao Mysterio. Antes pòde bem ser, que rara vez, ou nunca se prégasse neste lugar a materia propria deste dia, & desta solemnidade, senaõ hoje. O Mysterio proprio deste dia he a vocaçaõ, & conversaõ da Gẽtilidade à Fè. Atègora celebrou a Igreja o Nascimento de Christo, hoje celébra o nascimento da Christandade: *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda.* Este foy o nascimento de Christo, que jà passou. *Ecce Magi ab Oriente venerunt*: este he o nascimento da Christandade, que hoje se celebra. Nascéo hoje a Christandade; porque os tres Reys, q̃ neste dia vieraõ adorar a Christo, foraõ os primeiros, q̃ o reconhecèraõ por Senhor, & por isso lhe tributàraõ ouro: os primeiros, que o reconhecèraõ por Deos; & por isso lhe consagràraõ incenso: os primeiros que o reconhecèram por homem em carne mortal; & por isso lhe offerecéraõ myrrha. Vieraõ Gentios, & tornàraõ Fieis; vieraõ idolatras, & tornàram Christaõs: & esta he a nova gloria da Igreja, q̃ ella hoje celebra, & o Evangelho, nosso Prègador, refere. Dèmoslhe attençaõ.

Matt. 2. 1.

§. II.

526 *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis Regis, ecce Magi ab Oriente venerunt.* Estas saõ as primeiras palavras do Evangelho, & logo nellas parece que repugna o mesmo Evangelho a ser meu interprete; porque a sua hystoria, & o seu mysterio he da India Oriental: *Ab Oriente venerunt*: & o meu caso he

das

das Occidentaes. Se appello para os Reys, & para o ſentido myſtico, tambem eſtà contra mim; porque totalmente exclue a America, que he a parte do mundo, donde eu venho. Santo Aguſtinho, Sam Leaõ Papa, Sam Bernardo, Santo Anſelmo, & quaſi todos os Padres repàraõ por diverſos modos, em que os Reys, que vieraõ adorar a Chriſto, foſſem tres: & a limitaçaõ deſte meſmo numero he para mim, ou contra mim o mayor reparo. Os Profetas tinhaõ ditto, que todos os Reys, & todas as Gẽtes haviaõ de vir adorar, & reconhecer a Chriſto: *Adorabunt eum omnes Reges terræ, omnes gentes ſervient ei: Omnes gentes quaſcumque feciſti, venient, & adorabunt coram te Domine.* Pois ſe todas as Gentes, & todos os Reys do mũdo haviaõ de vir adorar a Chriſto; porque vieraõ ſómente tres? Por iſſo meſmo reſpondem o Veneravel Bèda, & Ruperto Abbade. Foraõ tres, & nem mais, nem menos que tres, os Reys que vieraõ adorar a Chriſto; porque nelles ſe repreſentavam todas as parte sdo mundo, q̃ tambem faõ tres, Aſia, Africa, & Europa. *Tres Reges tres partes mundi ſignificant, Aſiam, Africam, & Europam*: diz Bèda. E Ruperto com a meſma diſtinçam: *Magi tribus partibus orbis, Aſiæ, Europæ, atque Africæ, Fidei, atque adorationis exẽplar exiſtere meruerunt.* Iſto he o que dizem eſtes grandes Autores como interpretes do Evangelho; mas o meſmo Evangelho para ſer meu interprete, ainda ha de dizer mais. Dizem, que os tres Reys ſignificavaõ a Aſia, a Africa, & a Europa: & onde lhe ficou a America? A America nam he tãbem parte do mundo, & a mayor parte? Se me diſſerem, que nam appareceu no Preſepio, porque tardou, & veyo muitos ſeculos depois; tambem as outras tardàraõ: antes ella tardou menos; porque ſe convertèo, & adorou a Chriſto mais depreſſa, & mais ſem repugnancia que todas. Pois ſe cada huma das outras partes do mundo teve ſeu Rey, q̃ as preſentaſſe a Chriſto, porque lhe ha de faltar à

pobre America? Ha de ter Rey, que receba, & ſe enriqueça com os ſeus tributos, & nam ha de ter Rey, que com elles, ou ſem elles, a leve aos pès de Chriſto? Sey eu (& naõ o pòde negar a minha dor) que ſe a primeira, & a ſegunda, & a terceira parte do mundo tiveram Reys tambem o teve a quarta, em quanto lhe naõ faltou o Quarto. Mas vamos ao Evangelho, & conciliemos cõ elle eſta expoſiçaõ dos Padres.

El Rey D. Joaõ o IV. que jà era morto.

527 *Ecce Magi ab Oriẽte venerunt.* Diz o Evangeliſta, que os Reys do Oriente vieraõ a adorar a Chriſto, & neſta meſma limitaçam, com que diz que vieraõ nomeadamente os do Oriente, & nam outros, ſe reforça mais a duvida; porque aſſim no Teſtamẽto Velho, como no Novo eſtà expreſſo, que naõ ſò haviaõ de vir a Chriſto os Gentios do Oriente, ſenam tambem os do Occidente. No Teſtamẽto Velho Iſaias fallando com a Igreja: *Ab Oriente adducam ſemen tuum, & ab Occidente congregabo te*: & no Teſtamento Novo a profecia, & oraculo de Chriſto: *Dico vobis, quòd multi ab Oriente, & Occidente venient.* Pois ſe naõ ſó haviaõ de vir a Chriſto os Reys, & Gentes do Oriente, ſenam tambem as do Occidente, como diz nomeadamente o Evangeliſta, que os que vieraõ, eraõ todos do Oriente, ou como vieraõ ſó os do Oriente, & os do Occidente naõ? A tudo ſatisfez o meſmo Evangeliſta, & na ſimplez narraçam da hyſtoria concordou admiravelmente o ſeu Texto com o dos Profetas. Que diz o Evangeliſta? *Cum natus eſſet Jeſus in diebus Herodis Regis, ecce Magi ab Oriẽte venerunt.* Diz, que nos dias de Herodes, ſendo naſcido Chriſto, o vieraõ adorar os Reys do Oriente; & neſtas meſmas circunſtancias do tempo, do lugar, & das peſſoas, com que limitou a primeira vocaçam da Gentilidade, moſtrou q̃ naõ havia de ſer ſó huma, ſenam duas, como eſtava profetizado. A primeira vocaçam da Gentilidade foy nos dias de Herodes: *In diebus Herodis Regis*: a ſegunda quaſi

Iſai. 43. 5.

em

em noſſos dias. A primeira foy quando Chriſto naſcèo: *Cum natus eſſet Jeſus*: a ſegũda quàdo já ſe contavaõ Mil & quinhentos annos do naſcimento de Chriſto. A primeira foy por meyo dos Reys do Oriente: *Ecce Magi ab Oriente venerunt*: a ſegunda por meyo dos Reys do Occidente, & dos mais Occidentaes de todos, que ſaõ os de Portugal.

528 Para melhor intelligencia deſtas duas vocaçoẽs, ou deſtas duas Epiphanias, havemos de ſuppor q̃ neſte meſmo mundo em differentes tempos ouve dous mundos: o Mundo Velho, que conhecèraõ os Antigos, & o Mundo Novo, q̃ elles, & o meſmo mundo nam conhecèo, atè que os Portuguezes o deſcobriraõ. O Mundo Velho compunhaſe de tres partes, Aſia, Africa, & Europa; mas de tal maneira, que entrádo neſte primeiro compoſto toda a Europa, a Aſia, & a Africa naõ entravaõ inteiras, ſenaõ partidas, & por hum ſó lado: a Africa com a parte, que abraça o Mar Mediterraneo, & a Aſia com a parte a que ſe eſtende o Mar Eritréo. O Mundo Novo muito mayor que o Velho, tambem ſe cõpoem de tres partes, Aſia, Africa, & America; mas de tal maneira tambem, que entrãdo neſte ſegundo compoſto toda a America, a Aſia, & a Africa ſó entraõ nelle partidas, & com os outros dous lados táto mais vaſtos, & tanto mais dilatados, quando o Mar Occeano, que os rodèa, excede ao Mediterraneo, & Eritrèo. E como os Authores antigos ſó conhecéraõ o Mundo Velho, & nam tiveraõ, nem podiaõ ter conhecimento do Novo; por iſſo Bèda, & Buperto differam com muita propriedade, que os tres Reys do Oriente repreſentavaõ as tres partes do mundo, Aſia, Africa, & Europa. Com tudo Sam Bernardo, que foy contemporaneo de Ruperto, combinando o noſſo Evangelho cõ as outras Eſcrituras, conheceo com ſeu grande eſpirito, ou quando menos arguio com ſeu grande engenho, que aſſim como ouve tres Reys do Oriente, que levàraõ as Gẽtili-

Bern. Ser 3. de Nativit.

tilidades a Chriſto, aſſim havia de haver outros tres Reys do Occidente, que as trouxeſſem à meſma Fè. *Vide autem, ne fortè ipſi ſint & tres Magi venientes jam non ab Oriente, ſed etiam ab Occidente.* Quem foſſem, ou quem ouveſſem de ſer eſtes tres Reys do Occidẽte, que Sam Bernardo antevio, naõ o diſſe, nem o pode dizer o meſmo Santo, poſtoque tam devoto de Portugal, & tam familiar amigo do noſſo primeiro Rey. Mas o tempo, q̃ he o mais claro interprete dos futuros, nos enſinou dalli a Quatrocentos annos, que eſtes feliciſſimos Reys foraõ, ElRey Dom Joaõ o Segundo, ElRey Dom Manoel, & ElRey Dom Joaõ o Terceiro: porque o primeiro começou, o ſegundo proſeguio, & o terceiro aperfeiçoou o deſcobrimento das noſſas Conquiſtas, & todos tres trouxeram ao conhecimento de Chriſto aquellas novas Gentilidades, como os tres Magos as antigas. Os Magos levãdo a luz da Fè do Oriẽte para o Occidente; elles do Occidente para o Oriente: os Magos preſentando a Chriſto a Aſia, Africa, & Europa; & elles a Aſia, Africa, & America: os Magos eſtendendo os rayos da ſua Eſtrella por todo o Mundo Velho atè as gargantas do Mediterraneo: & elles alumiando com o novo Sol a todo o Mundo Novo atè às balizas do Occeano.

529 Huma das couſas mais notaveis, que Deos revelou, & promettèo antigamente, foy, que ainda havia de crear hum novo Ceo, & huma nova terra. Aſſim o diſſe por boca do Profeta Iſaias: *Ecce ego creo cælos novos; & terram novam.* He certo, que o Ceo, & a terra foram creados no principio do mundo: *In principio creavit Deus cælorum, & terram:* & tambem he certo entre todos os Theologos, & Filoſofos, que depois daquella primeira creaçam, Deos nam creou, nem cria ſubſtancia alguma material, & corporea; porque ſòmente cria de novo as Almas, que ſaõ eſpirituaes: logo que terra nova, & que Ceos novos ſaõ eſtes, que Deos tanto tempo antes pro-

prometteo; que havia de crear? Outros o entendem doutra maneira, naõ sey se muito conforme à letra. Eu seguindo o que ella simplesmente soa, & significa, digo que esta nova terra, & estes novos Ceos saõ a terra, & os Ceos do Mundo Novo descuberto pelos Portuguezes. Naõ he verdade, que quando os nossos Argonautas começàraõ, & proseguíraõ as suas primeiras navegaçoens, hiaõ juntamẽte descobrindo novas terras, novos mares, novos climas, novos Ceos, novas Estrellas? Pois essa he a terra nova, & esses saõ os Ceos novos, que Deos tinha prometido, que havia de crear: naõ porque naõ estivessẽ jà creados desde o principio do mundo; mas porque era este Mundo Novo tam occulto, & ignorado dentro no mesmo mundo, q̃ quando de repente se descobrio, & apparecéo, foy como se então começàra a ser, & Deos o creàra de novo. E porque o fim deste descobrimento, ou desta nova creaçaõ era a Igreja tambem nova, que Deos pretendia fundar nõ mesmo Mundo Novo, acrescentou logo (pelo mesmo Profeta, & pelos mesmos termos) que tambẽ havia de crear hũa nova Ierusalem, isto he huma nova Igreja, na qual muito se agradasse: *Quia ecce creo Ierusalem exultationem, & populũ ejus gaudium.* *Isai. 65 18.*

530 Naõ tenho menos Autor deste pensamento que o Evangelista dos segredos de Deos, Sam Ioaõ no seu Apocalypse. *Et vidi cælum novum, & terram novam: primum enim cælum, & prima terra abijt, & mare jam non est. Et vidi civitatem Ierusalem novam descendentem de cælo.* Primeiramente diz Saõ Joaõ, que vio hum Ceo novo, & huma terra nova: *Vidi cælum novum, & terram novam*: esta he a terra nova, & o Ceo novo, que Deos tinha promettido por Isaias. Logo acrescenta o mesmo Evangelista, como Commentador do Profeta, que à vista deste Ceo novo, & desta terra nova, o Ceo, & a terra antiga desapparecéraõ, & que o mar jà naõ era: *Primum enim cælum, & prima terra abijt,* *Apoc. 21. 1. 2.*

& mare jam non eſt: & aſſim aconteceõ no deſcobrimento do Mundo Novo. Deſapparecèo a terra antiga; porq̃ a terra dalli por diante jà naõ era a que tinha ſido, ſenaõ outra muito mayor, muito mais eſtendida, & dilatada em novas Coſtas, em novos Cabos, em novas Ilhas, em novas Regioens, em novas Gentes, em novos animaes, em novas plantas. Da meſma maneira o Ceo tambem começou a ſer outro. Outros aſtros, outras figuras celeſtes, outras alturas, outras declinaçoẽs, outros aſpectos, outras influencias, outras luzes, outras ſombras, & tãtas outras couſas todas outras. Sobre tudo, o mar que fora, jà naõ he: *Et mare jam non eſt*: porque atè entam o que ſe conhecia com nome de mar, & nas meſmas Eſcrituras ſe chamava *Mare magnum*, era o Mediterraneo; mas depois que ſe deſcobrio o Mundo Novo, logo ſe conhecèo tambem, que naõ era aquelle o Mar, ſenaõ hum braço delle, & o meſmo nome, que injuſtamente tinha uſurpado, ſe paſſou ſem controverſia ao Oceano, que he ſò o que por ſua immenſa grandeza abſolutamente, & ſẽ outro ſobrenome, ſe chama mar. E porque toda eſta novidade do novo Ceo, da nova terra, & do novo mar ſe ordenava à fundaçaõ de outra nova Igreja; eſta foy a que logo vio o meſmo Evãgeliſta com nome tambem de nova: *Et vidi civitatem Ieruſalem novam deſcendentem de cælo.* Finalmente para q̃ ninguem duvidaſſe de toda eſta explicaçaõ; conclue, que a meſma Igreja nova, q̃ vira, ſe havia de compor de Naçoens, & Reys Gentios, que nella receberiaõ a luz da Fé, & ſugeitariaõ ſuas Coroas ao Imperio de Chriſto: *Et ambulabunt gentes in lumine ejus, & Reges terræ offerẽt gloriam ſuam, & honorem in illam.* Que he tudo o que temos viſto no deſcobrimento do Mundo Novo, ou neſta nova creaçaõ delle: *Ecce creo cælos novos, & terram novam.*

531 Ouve porém neſta ſegunda, & nova creaçaõ do mundo huma grande differença da primeira, & de no-

vá, & ſingular gloria para a noſſa Naçaõ. Porque havẽ do Deos creado o mundo na primeira creaçaõ por ſy ſó, & ſem ajuda, ou concurſo de cauſas ſegundas; neſta ſegũda creaçaõ tomou por inſtrumẽto della os Portuguezes quaſi pela meſma ordẽ, & com as meſmas circunſtãcias, com que no principio tinha creado o mũdo. Quando Deos creou o mundo, diz o ſagrado Texto, que a terra naõ ſe via, porque eſtava eſcondida debaixo do elemento da agua, & tudo eſcuro, & cuberto de trevas: *Terra autem erat inviſibilis* (como lem os Setenta) *& tenebræ erant ſuper faciem abyſſi.* Entaõ dividio Deos as aguas, & apparecèo a terra; creou a luz, & ceſſáraõ as trevas: *Diviſit aquas: facta eſt lux: appareat arida.* Eſte foy o modo da primeira creaçaõ do mundo. E quem naõ vè, que o meſmo obſervou Deos na ſegũda por meyo dos Portuguezes? Eſtava todo o Novo Mundo em trevas, & às eſcuras, porque naõ era conhecido. Tudo o que alli havia, ſendo tanto, era como ſe naõ foſſe nada; porque aſſim ſe cuidava, & tinha por fabula. *Terra autem erat vanitas, & nihil*: como diz o Texto Hebrèo. O que encobria a terra, era o elemẽto da agua; porque a immenſidade do Oceano, q̃ eſtava em meyo, ſe julgava por inſuperavel, como a julgàraõ todos os Antigos, & entre elles Santo Aguſtinho. Atreveoſe finalmente a ouzadia, & zelo dos Portuguezes a deſfazer eſte encanto, & vencer eſte impoſſivel. Começàraõ a dividir as aguas nunca d'antes cortadas com as venturoſas proas dos ſeus primeiros Lenhos: foraõ apparecendo, & ſurgindo de huma, & outra parte, & como naſcendo de novo as terras, as gentes, o mundo, que as meſmas aguas encobriaõ; & naõ ſe acabàraõ entaõ no mũdo antigo as trevas deſta ignorãcia; mas muito mais no novo, & deſcuberto as trevas da infidelidade; porque amanhecèo nellas a luz do Evangelho, & o conhecimento de Chriſto, o qual era o que guiava, & levava os Portuguezes, & nelles, & cõ elles navegava.

Tudo eſtava vẽdo o meſmo Profeta Iſaias deſte deſcobrimento, quando fallando cõ aquella nova Igreja pelos meſmos termos da primeira creaçaõ do mundo lhe diſſe: *Quia ecce tenebræ operient terram, & caligo populos, ſuper te autẽ orietur Dominus, & gloria ejus in te videbitur, & ambulabunt gentes in lumine tuo, & Reges in ſplendore ortus tui.* Iſai. 60. 2. 3.

§. III.

532 Iſto he o que fizeraõ os primeiros Argonautas de Portugal nas ſuas taõ bem afortunadas Conquiſtas do Novo Mundo, & por iſſo bem afortunados. Eſte he o fim, para que Deos entre todas as Naçoens eſcolhéo a noſſa com o illuſtre nome de pura na Fé, & amada pela piedade: eſtas ſaõ as Gentes eſtranhas, & remotas, aonde nos promettéo, que haviamos de levar ſeu Santiſſimo Nome: eſte he o Imperio ſeu, que por nòs quiz ampliſicar, & em nòs eſtabelecer: & eſta he, foy, & ſerà ſempre a mayor, & melhor gloria do valor, do zelo, da Religiaõ, & Chriſtandade Portugueza. Mas quem diſſera, ou imaginàra, que os tempos, & os coſtumes ſe haviaõ de trocar, & fazer tal mudança, q̃ eſta meſma gloria noſſa ſe viſſe entre nòs eclypſada, & por nòs eſcurecida? Nam quizera paſſar a materia tam triſte, & tam indigna (que por iſſo a fuy dilatando tanto, como quem rodea, & retarda os paſſos, por naõ chegar aonde muito repugna.) Mas nem a força da preſente occaſiaõ mo permitte, nem a verdade de hum diſcurſo, q̃ promettéo ſer Evangelico, o conſente. Quem imaginára, torno a dizer, que aquella gloria tam heroicamente adquirida nas tres partes do mundo, & tam celebrada, & eſclarecida em todas as quatro, ſe havia de eſcurecer, & profanar em hum Rincaõ, ou Arrebalde da America.

533 Levantou o demonio eſte fumo, ou aſſoprou eſte incendio entre as palhas de quatro choupanas, que com nome de Cidade de Belem podéraõ ſer patria do Antechriſto. E verdadeiramente, que ſe as Eſcrituras

nos

nos naõ enſinàraõ, que eſte monſtro ha de ſair doutra terra, & doutra Naçaõ, jà poderamos cuidar que era naſcido. Treme, & tem horror a lingua de pronunciar o que viraõ os olhos, mas ſendo o caſo tam feyo, taõ horrendo, tam atroz, & tam ſacrilego, que ſe naõ pòde dizer, he tam publico, & tam notorio, que ſe naõ deve callar. Ouçaõ pois os exceſſos de tam nova, & tam eſtranha maldade, os que ſó lhe pòdẽ pòr o remedio: & ſe elles (o que ſe naõ crè) faltarem à ſua obrigaçaõ, naõ he juſto, nem Deos o permittirà, que eu falte à minha. O officio, que tive naquelle lugar, & o que tenho neſte (poſto que indigno de ambos) ſaõ os q̃ com dobrado vinculo da conſciencia me obrigaõ a romper o ſilẽcio atégora obſervado, ou ſuprimido, eſperando que a meſma cauſa, por ſer de Chriſto, fallaſſe, & peroraſſe por ſy, & naõ eu por ella. Aſſim o fizeraõ em ſemelhantes, & ainda menores caſos, os Athanaſios, os Baſilios, os Nazianzenos, os Chryſoſtomos, os Hilarios, & todos aquelles grãdes Padres, & Meſtres da Igreja, cujas acçõeſ, como inſpiradas, & aprovadas por Deos, naõ ſó devemos venerar, & imitar como exemplos, mas obedecer, & ſeguir como preceitos. Fallarey pois com a clareza, & publicidade, com que elles fallaraõ, & provarey, & farey certo o que diſſer, como elles o fizeraõ; porque ſendo perſeguidos, & deſterrados, elles meſmos eram o corpo do delito, que acculavam, & elles meſmos a prova. Aſſim permittio a Divina Providencia, que eu em tal fórma, & as peſſoas reverendas de meus Companheiros vieſſemos remettidos aos olhos deſta Corte, para que ella viſſe, & naõ duvidaſſe de crer o que doutro modo parecia incrivel.

534 Quem havia de crer, que em huma Colonia chamada de Portuguezes ſe viſſe a Igreja ſem obediẽcia, as Cenſuras ſem temor, o Sacerdocio ſem reſpeito, & as peſſoas, e lugares ſagrados ſem immunidade? Quem havia de crer, que ouveſſem de arrancar violentamente de ſeus clauſtros aos Religioſos, & levallos prezos entre

Beleguins, & eſpadas nuas pelas ruas publicas, & tellos aferrolhados, & com guardas até os deſterrarem? Quem havia de crer, que com a meſma violencia, & afronta lançaſſem de ſuas Chriſtandades aos Prégadores do Evangelho, com eſcandalo nunca imaginado dos antigos Chriſtãos, ſem pejo dos novamente convertidos, & à viſta dos gentios attonitos, & paſmados? Quem havia de crer, que ate aos meſmos Parochos nam perdoaſſem, & que chegaſſem aos deſpojar de ſuas Igrejas, com interdito to tal do culto divino, & uſo de ſeus miniſterios: as Igrejas ermas, os Bautiſterios fechados, os Sacrarios ſem Sacramento; em fim o meſmo Chriſto privado de ſeus altares, & Deos de ſeus ſacrificios? Iſto he o q̃ là ſe vio entam: & que ſerà hoje, o que ſe vè, & o que ſe nam vè? Nam fallo dos autores, & executores deſtes ſacrilegios, tantas vezes, & por tantos titulos excõmungados; porque là lhe ficaõ Papas, que os abſolvaõ. Mas que ſeràdos pobres, & miſeraveis Indios, que ſaõ a preza, & os deſpojos de toda eſta guerra? Que ſerà dos Chriſtaõs? Que ſerà dos Catecumenos? Que ſerà dos Gentios? Que ſerà dos pays, das mulheres, dos filhos, & de todo o ſexo, & idade? Os vivos, & ſaõs ſem doutrina, os enfermos ſem Sacramentos, os mortos ſem ſuffragios, nem ſepultura, & tanto genero de Almas em extrema neceſſidade ſem nenhum remedio? Os Paſtores, parte prezos, & deſterrados, parte mettidos pelas brenhas: os rebanhos deſpedaçados, as ovelhas, ou roubadas, ou perdidas; os lobos famintos, fartos agora de ſangue, ſem reſiſtencia: a liberdade por mil modos trocada em ſervidaõ, & cativeiro; & ſó a cubiça, a tyrannia, & ſenſualidade, & o inferno contẽtes. E que a tudo iſto ſe atreveſſem, & atrevaõ homens com nome de Portuguezes, & em tempo de Rey Portuguez?

535 Grandes deſconcertos ſe lem no meſmo Capitulo do noſſo Evangelho; mas de todos acho eu a eſcuſa

cusa nas primeiras palavras delle: *In diebus Herodis Regis.* Se succedérão semelhántes escandalos nos dias d'El-Rey Herodes, o tempo os desculpava, ou culpava menos: mas nos dias daquelle Monarcha, que com o nome, & com a coroa herdou o zelo, a Fè, a Religiaõ, à piedade do grande Affonso Primeiro? Oh que paralélo tam indigno do nome Portuguez se podéra formar na cõparaçaõ de tempo a tempo! Naquelle tempo andavaõ os Portuguezes sempre com as armas às costas contra os inimigos da Fè; hoje tomaõ as armas contra os Prègadores da Fè: entam conquistavaõ, & escalavaõ Cidades para Deos, hoje conquistam, & escalaõ as casas de Deos, entam lançavaõ os Caziques fóra das Mesquitas, hoje lãçaõ os Sacerdotes fóra das Igrejas: entam consagravaõ os lugares profanos em casas de Oraçaõ, hoje fazem das casas de Oraçaõ lugares profanos: entam finalmẽte eraõ Defensores, & Prègadores do nome Christaõ, hoje saõ perseguidores, & destruidores, & oprobrio, & infamia do mesmo nome.

536 E para que até a Corte, & assento dos Reys, que lhe succedéraõ, nam ficasse fóra deste paralélo, entaõ sahiaõ pela Barra de Lisboa as nossas Naos carregadas de Prégadores, q̃ voluntariamẽte se desterravaõ da patria para prégar nas Conquistas a Ley de Christo, hoje entraõ pela mesma Barra, trazendo desterrados violẽtamente os mesmos Prégadores, só porque defendem nas Conquistas a Ley de Christo. Naõ se envergonhe jà a Barra de Argel, de que entrem por ella os Sacerdotes de Christo cativos, & prezos, pois o mesmo se vio em nossos dias na Barra de Lisboa. Oh que bem empregado prodigio fora neste caso, se fugindo daquella Barra o mar, & voltando atràs o Tejo, lhe podessemos dizer como ao rio, & ao mar da terra, que entam começava a ser santa: *Quid est tibi mare, quod fugisti, & tu jordanis, quia conversus es retrorsum?* Gloriavase o Tejo, quando nas suas ribeyras se fabricavaõ, *Psal. 113.5.*

& pelas suas correntes sahiaõ as Armadas conquistadoras do Imperio de Christo: gloriavasse, digo, de ser elle aquelle famoso Rio, de quem cãtavaõ os versos de David: *Dominabitur à mari usque ad mare, & à flumine usque ad terminos orbis terrarum*: mas hoje envergonhado de tam afrontosa mudança, devèra tornar atràs,& irse esconder nas grutas do seu nascimento,senaõ he q̃ de corrido corre ao mar, para se afogar, & sepultar no mais profundo delle. Desenganese porèm Lisboa, que o mesmo mar lhe està lançando em rosto o sofrimento de tamanho escandalo, & que as ondas, cõ que escumando de ira bate as suas prayas, saõ brados, com que lhe està dizendo as mesmas injurias, que antigamẽte a Sydonia: *Erubesce Sydon, ait mare.*

Ps.71. 8.

557 E naõ cuide alguem, que estas vozes de tam justo sentimento nascem de estranhar eu, ou me admirar de q̃ os Prègadores de Christo, & o mesmo Christo seja perseguido;porq̃ esta he a estrella, em que o mesmo Senhor nascèo: *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis Regis.* Ainda Christo nam tinna quinze dias de nascido, quando jà Herodes tinha poucos menos de perseguidor seu; para que a perseguiçaõ, & o perseguido nascessem juntos. E nam só nascèo Christo com estrella de perseguido em Belem,senam em todas as partes do mundo;porque em todas teve logo seu Herodes, que o perseguisse. Vou supondo, como verdadeiramente he, que Christo nam só nascèo em Belem, mas que nascèo,& nasce em outras muitas partes,como ha de nascer em todas. Por isso o Profeta Malachias muito discretamente comparou o nascimẽto de Christo aõ nascimento do Sol: *Orietur vobis Sol justitiæ.* O Sol vay nascendo succesivamẽte a todo o mũdo,& ainda que a hũas terras nasce mais cedo, a outras mais tarde; para cada terra tem seu nascimento. Assim tambem Christo verdadeiro Sol. A primeira vez nascèo em Belem, depois foy nascendo succesivamente por to-

Mal. cb.

todo o mundo; conforme o forão prégando os Apostolos, & seus successores: a humas terras nascéo mais depressa, a outras mais devagar: a humas muito antes, a outras muito depois; mas para todas teve seu nascimẽto. He a energia, com que fallou o Anjo aos Pastores: *Natus est vobis hodie Salvator*: nascéo hoje para vòs o Salvador. Como se differa: hoje nascéo para vòs, os outros tambem terão seu dia, em que ha de nascer para elles. Assim havia de ser, & assim foy, & assim tem nascido Christo em differentes tempos em tam diversas partes do mundo; mas em nenhum tempo, & em nenhũa parte nascéo, onde logo não tivesse hum Herodes, que o perseguisse.

538 Vio Sam Joaõ no Apocalypse aquella Mulher celestial vestida de Sol, a qual estava em vesporas do parto, & diz que logo appareceò diante della hum dragaõ feroz, & armado, o qual estava aguardãdo que sahisse a luz o filho, para o tragar, & comer: *Et draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura, ut cum peperisset, filium ejus devoraret.* Que mulher, que filho, & que dragaõ he este? A mulher foy a Virgem Maria, & he a Igreja. O Filho foy, & he Christo; que assim como a primeira vez nascèo da Virgem Santissima, assim nascèo, & nasce muitas vezes da Igreja por meyo da Fè, & prègaçam de seus Ministros em diversas partes do mundo. E o dragaõ, que apparecéo com a boca aberta para o tragar, tãto que nascesse, he cada hum dos tyrannos, que logo o mesmo Christo tem armados contra sy, tanto que nasce, & onde quer que nasce. De maneira que nam ha nascimento de Christo sem o seu perseguidor, ou o seu Herodes. Nascèo Christo em Roma pela prègaçam de Sam Pedro, & logo se levantou hum Herodes, que foy o Emperador Nero, o qual crucificou ao mesmo Sam Pedro. Nascèo Christo em Hespanha pela prègaçam de Santiago, & logo se levantou outro Herodes, que foy ElRey Agrippa, o qual degolou *Apoc. 12. 4.*

lou ao mesmo Santiago. Nasceo Christo em Ethiopia pela prègaçam de Sam Matheus, & logo se levantou outro Herodes, que foy ElRey Hirtaco, o qual tirou tambem a vida ao mesmo Sam Mattheus, & estando sacrificando o Corpo de Christo, o fez victima de Christo. E para que dos exemplos do Mundo Velho passemos aos do Novo; nasceo Christo no Japaõ pela prègaçaõ, & milagres de Sam Francisco Xavier, & logo se levantàraõ, naõ hum, senaõ muitos Herodes, que foraõ os Nabunangas, & Taicozamas, os quaes tanto sangue derramàraõ, & ainda derramaõ dos filhos, & successores do mesmo Xavier. Finalmente nasceo Christo na Conquista do Maranhaõ, que foy a ultima de todas as nossas; & para q̃ lhe naõ faltassem naquelle Belem, & fóra delle os seus Herodes, se levantàraõ agora, & declaràraõ cõtra Christo em sy mesmo, & em seus Prègadores, os que tam impia, & barbaramente, nam sendo barbaros, o perseguem. Assim que naõ he cousa nova, nem materia digna de admiraçaõ, que Christo, & os Prègadores de sua Fè sejam perseguidos.

539 O que porèm excede todo o espanto, & se naõ pòde ouvir sem horror, & assombro, he, que os perseguidores de Christo, & seus Prègadores neste caso nam sejaõ os Infieis, & Gentios, senaõ os Christãos. Se os Gẽtios indomitos, se os Tapuyas barbaros, & feros daquellas brenhas se armàram medonhamente contra os q̃ lhe vaõ prègar a Fè; se os cobriraõ de settas, se os fizeraõ pedaços, se lhe arrancàraõ as entranhas palpitantes, & as lançàraõ no fogo, & as comèraõ; isso he o que elles jà tem feito outras vezes, & o que là vaõ buscar, os que pelos salvar deixaõ tudo; mas que a estes homẽs com o caracter de Ministros de Christo os perseguem gentilicamẽte os Christãos, quando essas mesmas feras se lhe humanaõ, quando esses mesmos barbaros se lhe rendem, quãdo esses mesmos Gentios os reverenceaõ, & adoraõ: Este he o mayor extremo de per-

se-

seguiçaõ, & a perseguiçam mais feya, & afrontosa, que nunca padecèo a Igreja. Nas perseguiçoens dos Néros, & Dioclecianos, os Gentios perseguiaõ os Martyres, & os Christãos os adoravaõ; mas nesta perseguiçaõ nova, & inaudita, os Christãos saõ os que perseguem os Prégadores, & os Gentios os que os adoraõ. Só na perseguiçam de Herodes, & na paciencia de Christo se achaõ juntos estes extremos. No Evangelho temos a Christo hoje perseguido, & hoje adorado: mas de quem adorado, & de quem perseguido? Adorado dos Gentios, & perseguido dos Christãos; adorado dos Magos, que eraõ Gentios, & perseguido de Herodes, & de toda Jerusalem, que eraõ os Christãos daquelle tempo.

540 Ninguem repare em eu lhe chamar Christãos; porque ha Christãos de Fé, & Christãos de Esperança. Os filhos da Igreja somos Christãos de Fé, porque cremos, que Christo já veyo: os filhos da Synagoga eraõ Christãos de Esperança, porque criaõ, & esperavaõ, que Christo havia de vir. E que homens, que criaõ em Christo, & esperavaõ por Christo; & eraõ da mesma Naçam, & do mesmo Sangue de Christo, persigaõ tam barbaramẽte a Christo: & que no mesmo tempo, para mayor escándalo da Fé, & da natureza os Magos o busquem, os Gentios o creaõ, os idolatras o adorem? Bemditto sejais, Senhor, que tal contradiçaõ quizestes padecer, & bemditto mil vezes pela parte q̃ vos dignastes communicar della aos que tam indignamente vos servem: Nam de balde nos honrastes cõ o nome de Companhia de Jesu, obrigádonos a vos fazer cõpanhia no que padecestes nascido debaixo do mesmo nome: *Cum natus esset Jesu in Bethlehem Juda.* Vós em Belem de Juda, para que os vossos perseguidores fossem da vossa mesma naçaõ; nós em Belem, naõ de Juda, para que os nossos fossem tambem da nossa: vós na mesma terra, & no mesmo tempo perseguido de Herodes, & adorado dos Magos; & nós tambem, por-

por mercê vossa, no mesmo tempo, & na mesma terra perseguidos dos Christãos, & pouco menos que adorados dos Gentios. Assim o experimentaõ hoje os que por escapar à perseguiçaõ andam fugitivos por aquellas brenhas, se bem fugitivos nam por medo dos homens, senaõ por amor de Christo, & por seguir seu exemplo. Daqui a poucos dias veremos fugir a Christo: mas de quem, & para quem? De donde, & para onde? Naõ se podéra crer, se o naõ mandàra Deos, & o dissera hum Anjo. *Fuge in Ægyptum*: fugî para o Egypto. Pois de Israel para Egypto, da terra dos Fieis para a terra dos Gentios: & para a terra daquelles mesmos Gentios, donde antigamente fugiraõ os filhos de Israel? Sim. Que taõ mudados estaõ os tempos, & os homens, & a tanto chega a força da perseguiçaõ. *Futurum est enim, ut Herodes quærat Puerum ad perdendũ eum.* Foge Christo, & fogem os Prégadores de Christo, dos Fieis para os Infieis, & dos Christaõs para os Gentios; porque os Christãos os desterraõ, & os Gentios os amparaõ; porque os Christãos os maltrataõ, & os Gentios os defendem: porq os Christãos os perseguem, & os Gẽtios os adoraõ.

Matt. 2. 13.

Ibid.

541 Nam foy grande maravilha, que Joseph prezo, & vendido de seus proprios Irmaõs, os Egypcios o veneràssem, & estimassem tanto, & abaixo do seu Rey, o adoràssem? Pois muyto mayor he a differença, que hoje experimentaõ entre aquelles Gentios os venturosos homiziados da Fé, que escapando das prizoens dos Christaõs se retiràraõ para elles. Os Egypcios, ainda q̃ Gentios, eraõ homẽs: aquelles Gentios, que hoje começaõ a ser homens, hontem eraõ féras. Eraõ aquelles mesmos barbaros, ou brutos, que sem uso de razaõ, nem sentido de humanidade, se fartavaõ de carne humana: que das caveiras faziaõ taças para lhe beber o sangue, & das canas dos ossos frautas, para festejar os convites. E estas saõ hoje as feras, que em vez de nos tirar a vida, nos

ios acolhem entre sy, & nos veneraõ como os Leoens a Daniel: estas as aves de rapina, que em vez de nos comerem, nos sustentam, como os corvos a Elias: estes os monstros (pela mayor parte marinhos) que em vez de nos tragar, & digerir, nos metem dentro nas entranhas, & nellas nos conservaõ vivos, como a Balèa a Jonas. E se assim nos trataõ os Gentios, & taes Gentios, quando assim nos trataõ os Christaõs, & Christaõs da nossa Naçaõ, & do nosso sangue; quem se nam assombra de huma tam grande differença?

§. IV.

542 Vejo, que estaõ dizendo dentro de sy todos os que me ouvem, & tãto mais, quãto mais admirados desta mesma differença; que tam grandes effeitos nam pòdem nascer senaõ de grandes causas. Se os Christaõs perseguem os Prègadores da Fé, alguma grãde causa tem para os perseguir. E se os Gẽtios tanto os amaõ, & veneraõ, alguma causa tem, tambem grande, para os venerar, & amar. Que causas seraõ estas? Isto he o que agora se segue dizer. E se alguma vez me dêstes attençam, seja para estes dous pontos.

543 Começando pelo amor, & veneraçaõ dos Gentios, aquella Estrella, que trouxe os Magos a Christo, era huma figura celestial, & muito illustre dos Prègadores da Fè. Assim o diz Sam Gregorio, & os outros Padres commumente; mas a mesma Estrella o disse ainda melhor. Que officio foy o daquella Estrella? Alumiar, guiar, & trazer homens a adorar a Christo, & nam outros homens, senaõ homens infieis, & idolatras, nascidos, & criados nas trevas da Gẽtilidade. Pois esse mesmo he o officio, & exercicio naõ de quaesquer Prègadores senaõ daquelles Prègadores, de que fallamos, & por isso propriamente Estrellas de Christo. Repàra muito S. Maximo, em que esta Estrella, que guiou os Magos, se chame particularmente Estrella de Christo: *Stella ejus*: & argue assim. Todas as outras Estrellas nam saõ tambem Estrellas de Christo, q̃ como Deos as criou? Sim saõ. Pois por-

porque razaõ eſta Eſtrella mais que as outras ſe chama eſpecialmente Eſtrella ſua: *Stella ejus*? Porque as outras Eſtrellas foraõ geralmente criadas para tochas do Ceo, & do mundo; eſta foy criada eſpecialmente para Prègadora de Chriſto. *Quia quãvis omnes ab eo creatæ ſtellæ ipſius ſint, hæc tamen propria Chriſti erat, quia ſpecialiter Chriſti nuntiabat adventum.* Muitas outras Eſtrellas ha naquelle Emisferio, muito claras nos reſplandores, & muito uteis nas influencias, como as do Firmamẽto; mas eſtas, de que fallamos, ſaõ propria,& eſpecialmente de Chriſto, nam ſó pelo nome de Ieſu, com que ſe profeſſaõ por ſuas; mas porque o fim, o inſtituto, & o officio para que foraõ criadas, he o meſmo que o da Eſtrella dos Magos, para trazer Infieis,& Gẽtios à Fè de Chriſto. Ora ſe eſtas Eſtrellas foſſem tam diligentes, tam ſolicitas, & tam pontuaes em acampanhar, & guiar, & ſervir aos Gentios, como a que acompanhou, guiou, & ſervio aos Magos; nam teriaõ os meſmos Gentios muita razaõ de as quererẽ,& eſtimarem, de ſentirem muito ſua falta, & de ſe alegrarem, & conſolarem muito cõ ſua preſença? Aſſim o fizeraõ os Magos, & aſſim o diz o Evangeliſta, naõ acabando de encarecer eſte contentamento: *Videntes autem ſtellam gaviſi ſunt, gaudio, magno, valde.* Pois vamos agora ſeguindo os paſſos daquella Eſtrella deſde o Oriente até o Preſepio, & veremos como as que hoje vemos tam mal viſtas, & tam perſeguidas, naõ ſó imitão, & igualaõ em tudo a Eſtrella dos Magos; mas em tudo a excedem com grandes ventagens.

544 Primeiramente dizem os Magos, que onde viraõ a Eſtrella foy no Oriẽte: *Vidimus ſtellam ejus in Oriente.* De maneira que podẽdo a Eſtrella ſer viſta de muito longe,como ſe vem as outras Eſtrellas,ella os foy buſcar à ſua terra. Neſta diligencia, & neſte caminho ſe avantejou muito a Eſtrella dos Magos aos Anjos, que aparecèraõ aos Paſtores. Os Anjos tambem alumiáraõ aos Paſto-

ſtores: *Claritas circumfulſit illos*: & tambem lhe anunciàraõ o naſcimẽto de Chriſto: *Evangelizo vobis gaudiũ magnum, quia natus eſt vobis hodie Salvator*: mas eſſa luz, & eſſe Evangelho aonde o levàraõ os Anjos? Naõ às terras do Oriente, ou a outras remotas, como a Eſtrella; mas a quatro paſſos da Cidade de Belem, & nos meſmos arrebaldes della, hum tranſito muito breve: *Tranſeamus uſque Bethlehem.* E quanto vay de Belem ao Oriente, tanto vay de hum evãgelizar a outro. Iſto he comparando a Eſtrella com os Anjos, & muito mais ſe a compararmos com os meſmos Paſtores. Eſtes Paſtores de Belem ſaõ os mais celebrados da Igreja, & os que ella allega por exemplo, & propoem por exẽplar aos Paſtores das Almas. Mas que fizeraõ, ou que faziaõ eſtes bons Paſtores? *Paſtores erant in regione eâdem cuſtodientes vigilias noctis ſuper gregẽ ſuum.* Eraõ tam vigilantes, & cuidadoſos do ſeu gado, que com ſer à meya noite, nam dormiaõ, ſenam que o eſtavaõ guardãdo, & velando ſobre elle. Muito bem. Mas nam ſey ſe advertis o que nota o Evangeliſta acerca do lugar, & acerca do gado. Acerca do lugar, diz q̃ eſtavaõ na meſma regiaõ: *Et paſtores erãt in regione eâdem*: & acerca do gado, diz que as ovelhas eraõ ſuas: *Super gregẽ ſuum.* E em ambas eſtas couſas cõſiſte a ventagem, que lhe fez a Eſtrella. Os Paſtores eſtavaõ na ſua regiaõ, & a Eſtrella foy a regioens eſtranhas: elles guardavaõ as ovelhas ſuas, & ella foy buſcar ovelhas para Chriſto. E guardar as ſuas ovelhas na ſua regiaõ, ou ir buſcar ovelhas para Chriſto a regioens eſtranhas; bem ſe vê quanto vay a dizer.

545 Mas ainda que tudo iſto fez a Eſtrella dos Magos, faltoulhe muito para ſe igualar com as noſſas Eſtrellas. Ella foy buſcar Gẽtios a huma regiaõ remota, mas diſtante ſómente treze dias de caminho: as noſſas vaõ buſcar em diſtancia de mais de mil legoas de mar, & por rios, que ſó o das Almazonas, ſem ſe lhe ſaber naſ-

naſcimento, tem quatro mil de corrente. A Eſtrella dos Magos nunca ſahio do ſeu elemento: as noſſas jà no da terra, jà no da agua, jà no do ar, & dos vẽtos ſoportaõ os perigos, & rigores de todos. A dos Magos caminhou da Arabia à Meſopotamia ſempre dentro dos meſmos orizontes: as noſſas vão do ultimo Cabo da Europa ao mais interior da America, dando volta a meyo mundo, & paſſando deſte emisferio aos Antipodas. Finalmente (para que ajuntemos à diſtancia a differença das terras) a Eſtrella dos Magos hia com elles para a Terra de Promiſſaõ, a mais amena, & delicioſa, que creou a natureza: as noſſas deſterraõſe para toda a vida em companhia de degradados, nam como elles, para as Colonias maritimas, onde os ares ſaõ mais benignos; mas para os certoens habitados de feras, & minados de bichos venenoſos, nos climas mais nocivos do Zona Torrida. Naõ he porèm eſte o mayor trabalho.

546 *Vidimus ſtellam ejus.* Perguntaõ aqui os Interpretes, porque mandou Chriſto aos Magos huma Eſtrella, & nam hum Anjo, ou hum Profeta? Os Profetas ſaõ os Embaixadores ordinarios de Deos, os Anjos os extraordinarios, & tal era eſta embaixada. Porque naõ mandou logo Chriſto aos Magos hum Anjo, ou hum Profeta, ſenaõ huma Eſtrella? Arazaõ foy (dizem todos) porque era conveniente, que aos Magos ſe enviaſſe hum Embaixador, que lhe fallaſſe na ſua propria lingua. Os Magos eraõ Aſtrologos: a lingua, por onde os Aſtrologos entendem o que diz o Ceo, ſaõ as Eſtrellas: & tal era eſta meſma Eſtrella, à qual chama Santo Aguſtinho, *Lingua cæli*: lingua do Ceo: pois và hũa Eſtrella aos Magos, para que ella lhe falle na lingua, & q̃ elles entendem. Se eu nam entendo a lingua do Gentio, nem o Gentio entende a minha, como o hey de converter, & trazer a Chriſto? Por iſſo temos por regra, & inſtituto aprender todos a lingua, ou linguas da terra, onde imos prẽgar; & eſta he a mayor diffi-

ifficuldade, & ō mayor tra-
alho daquella eſpiritual cō-
uiſta, & em que as noſſas
ſtrellas excedem muito a
os Magos. Notay. Os Ma-
os entendiaō a lingua da
ſtrella, & o que ella lhes di-
ia; mas porque a entendè-
aō? Porque como Aſtrolo-
os que eraō, pelos livros
os Caldèos ſabiaō q̄ aquel-
a Eſtrella era nova, & nunca
iſta: & como diſcipulos q̄
ambem eraō de Balam, ſa-
biaō pelos livros da Eſcritu-
a, que huma Eſtrella nova,
que havia de apparecer, era
inal da vinda, & naſcimento
do Meſſias deſcendente de
Jacob: *Orietur ſtella ex Ia-*
cob: & por eſta ſciencia aqui-
rida cō dobrado eſtudo po-
dèraō alcançar, & entender o
que a Eſtrella ſignificava, &
lhe dizia. Cà nam he aſſim,
ſenam às aveças. Là para
entender a Eſtrella, eſtuda-
vaō os Magos; cà para entē-
der o Gentio, haō de eſtudar
as Eſtrellas. Nòs, que os
imos buſcar, ſomos os que
lhe havèmos de eſtudar, &
ſaber a lingua. E quanta di-
ficuldade, & trabalho ſeja
haver de aprender hum Eu-
ropeo, nam com meſtres, &
com livros, cómo os Magos,
mas ſem livro, ſom meſtre,
ſem principio, & ſem docu-
mento algum, nam huma, ſe-
naō muitas linguas barbaras,
incultas, & horridas: ſó quē
o padece, & Deos por quem
ſe padece, o ſabe.

547 Quando Deos con-
fundio as linguas na Torre
de Babel, ponderou Philo
Hebrèo, que todos ficàram
mudos, & ſurdos, porque
ainda que todos fallavaō, &
todos ouviaō, nenhum entē-
dia o outro. Na antiga Ba-
bel ouve ſetenta & duas lin-
guas: na Babel do Rio das
Almazonas jà ſe conhecem
mais de cento & ſincoenta,
tam diverſas entre ſy como a
noſſa, & a Grega; & aſſim
quando là chegamos, todos
nòs ſomos mudos, & todos
elles ſurdos. Vede agora
quanto eſtudo, & quāto tra-
balho ſerà neceſſario, para q̄
eſtes mudos fallem, & eſtes
ſurdos ouçaō. Nas terras dos
Tyrios, & Sydonios, que tā-
bem eraō Gentios, trouxe-
ram a Chriſto hum mudo, &
ſurdo para que o curaſſe; &
diz Sam Marcos; que o Se-

nhor se retirou cõ elle a hũ lugar apartado, que lhe metèo os dedos nos ouvidos, q̃ lhe tocou a lingua com saliva tirada da sua; que levãtou os olhos ao Ceo, & deu grãdes gemidos, & entaõ fallou o mudo, & ouvio o surdo:

Marc. 7. 33. 34 *Apprehendens eum de turba seorsum, misit digitos suos in auriculos ejus, & expuens, tetigit linguam ejus, & suspicies in cælum, ingemuit, & ait illi: Ephetha, quod est adaperire.*

Pois se Christo fazia os outros milagres tam facilmente, este de dar falla ao mudo, & ouvidos ao surdo, como lhe custa tanto trabalho, & tantas diligencias? Porque todas estas saõ necessarias a quẽ ha de dar lingua a estes mudos, & ouvidos a estes surdos. He necessario tomar o barbaro à parte, & estar, & instar com elle muito só por só, & muitas horas, & muitos dias: he necessario trabalhar com os dedos, escrevendo, apontando, & interpretando por acenos o que se naõ pòde alcançar das palavras: he necessario trabalhar com a lingua, dobrandoa, & torcendoa, & dandolhe mil voltas; para que chegue a pronunciar os accentos tam duros, & tam estranhos: he necessario levantar os olhos ao Ceo, hũa, & muitas vezes com a oraçaõ, & outras quasi com desesperaçam: he necessario finalmente gemer, & gemer com toda a Alma: gemer cõ o entendimento; porque em tanta escuridade naõ vè saida; gemer com a memoria, porque em tanta variedade naõ acha firmeza; & gemer atè com a vontade, por constante que seja, porque no aperto de tãtas difficuldades desfalece, & quasi desmaya. Em fim cõ a pertinacia da industria ajudada da Graça Divina fallaõ os mudos, & ouvem os surdos; mas nem por isso cessaõ as razoens de gemer; porque cõ o trabalho deste milagre ser tam semelhante ao de Christo, tem muy differente ventura, & muy outro galardam do que elle teve. Vendo os circunstantes aquelle milagre começàram a aplaudir, & dizer: *Bene omnia fecit, & surdos fecit audire, & mutos loqui*, nam ha duvida, q̃ este Profeta tudo faz bem, porq̃ faz

faz ouvir os surdos, & fallar os mudos. De maneira que a Christo bastoulhe fazer fallar hum mudo, & ouvir hum surdo, para dizerem que tudo fazia bem feito; & a nòs nam nos basta fazer o mesmo milagre em tantos mudos, & tantos surdos, para q̃ nos nam tenhaõ por malfeitores. Mas vamos seguindo a Estrella.

548 Quando os Magos chegâram a vista de Jerusalem, escondese a Estrella: & esta foy a mais bizarra acçaõ & a mais luzida, que eu della considero. Basta, Luzeiro celestial, que sois Estrella de Reys, & escondeisvos, & fugis da Corte? Ainda nam entrastes nella, & jà a conheceis? Mas bem mostrais quanto tendes de Deos, & quanto o quereis servir, & louvar todas as Estrellas, como diz David, louvam a Deos: *Laudate eum omnes stellæ, & lumen*: mas o mesmo Deos disse a Job, que os louvores das Estrellas da manhaã eraõ os que mais lhe agradavam: *Cum me laudarẽt astra matutina.* E porque agradam mais a Deos os louvores das Estrellas da manhaã, que os das Estrellas da noite? Porque as Estrellas da noite louvem a Deos luzindo, as Estrellas da manhaã louvam a Deos escondendose: as Estrellas da noite communicam as influencias, mas conservam a luz: as Estrellas da manhaã perdem a luz para melhor lograr as influẽcias: Em fim as Estrellas da noite luzem, porque estam mais longe do Sol; as Estrellas da manhaã escondemse, porque estaõ mais perto. Isso he o que fez a Estrella dos Magos, mas por poucas horas: as nossas por toda a vida. A Estrella dos Magos quando se escondèo, naõ luzio, mas naõ alumiou: as nossas escondemse onde alumiaõ, & nam luzem: a dos Magos alumiava, onde a viaõ os Reys: *Vidimus stellam ejus*: as nossas alumiam onde nam saõ vistas, nem o pòdem ser; no lugar mais desluzido, & no canto mais escuro de todo o mundo. E isto he verdadeiramente esconderse, porque nam sò he desterrarse para sempre, mas enterrarse.

549 Assim esteve escondida a Estrella, em quanto os Magos se detiveraõ em Jerusalem; mas tanto que sahíram para continuar seu caminho; logo tornou a se descobrir, & apparecer: *Et ecce stella, quam viderant in Oriẽte, antecedebat eos.* Reparay no *Antecedebat.* Hia a Estrella diante, mas de tal maneira diante, que sempre se accomodava, & em tudo ao passo dos que guiava. *Ambulãte Mago stella ambulat, sedente stat, dormiente excubat:* diz S. Pedro Chrysologo. Quando os Magos andavam, andava a Estrella; quando se assentavam, parava; quando dormiam, velava; mas nam dava hum passo mais que elles. Pedèra a Estrella fazer todo aquelle caminho do Oriente ao Occidente em dous momentos: *Sicut fulgur exit ab Oriente, & parat usque ad Occidentem.* E que ella contra a sua velocidade natural, jà movendose vagarosa, & tardamente; jà parando, & ficando immovel, se fosse accomodando, & medindo em tudo com a condiçam, & fraqueza daquelles, a quem guiava, quanto, quando, & como elles podiam, grande violencia? E mais se levantasse os olhos ao Firmamento, & visse, q̃ as outras do seu nome davaõ volta ao mundo em vinte & quatro horas, & ella quasi parada. Mas assim faz, & deve fazer quem tem por officio levar Almas a Christo. Aquelles quatro animaes do Caro de Ezechiel, que olhavam para as quatro partes do mundo, & significavam os quatro Evãgelistas, todos tinham azas de Aguia: mas nota o Texto, que os pés, com que andavam, eraõ de Boy: *Et plãta pedis eorum, quasi planta pedis vituli.* E que se haja de mover a passo de Boy quem tem azas, & azas de Aguia? Sim: que isso he ser Evangelista, isso he ter officio de levar o Evangelho a gentes estranhas, & isso he o que fez a Estrella: *Antecedebat eos.*

Matt. 2. 9.

Matt. 24. 27

550 Mas esses (*eos*) quẽ eram? Aqui està a differẽça daquella Estrella às nossas. A Estrella dos Magos accomodavase aos Gentios, q̃ guiava; mas esses Gentios eraõ os Magos do Oriente, os ho-

homens mais ſabios da Caldèa, & os mais doutos do mundo: porèm as noſſas Eſtrellas depois de deixarem as cadeiras das mais illuſtres Vniverſidades de Europa (como muitos delles deixàram) accomodaõſe à gente mais ſem entendimento, & ſem diſcurſo, de quantas criou, ou abortou a natureza, & a homens, de quem ſe duvidou ſe eraõ homens, & foy neceſſario, que os Pontifices diffiniſſem que eraõ racionaes, & naõ brutos. A Eſtrella dos Magos parava, ſim; mas nunca tornou atràs: as noſſas Eſtrellas tornam hũa, & mil vezes a deſandar o jà andado, & a enſinar o jà enſinado, & a repetir o jà aprendido, porque o barbaro buçal, & rude, o Tapuya cerrado, & bruto, como nam faz inteiro entendimento, nam imprime, nem retem na memoria. Finalmente para o dizer em huma palavra, a Eſtrella dos Magos guiava a homens, que caminhavam nos Dromedarios de Madian, como antevio Iſaias: *Dromedarij Madian, & Epha: omnes de Saba veniẽt, aurum, & thus deferentes*: & accomodarſe ao paſſo dos Dromedarios de Madian, ou ao ſono das Preguiças do Braſil, bem ſe vè a differença.

551 Ainda a palavra (*eos* non inſinua outra, que ſe nam deve paſſar em ſilencio. A Eſtrella, guia, & prègadora dos Magos, convertèo, & trouxe a Chriſto Almas de Gentios; mas de que Gentios, & que Almas? Almas illuſtres, Almas coroadas, Almas de Gentios Reys: as noſſas Eſtrellas tambẽ trazem a Chriſto, & convertem Almas; mas Almas de gente onde nunca ſe vio cetro, nem coroa, nem ſe ouvio o nome de Rey. A lingua geral de toda aquella Coſta carece de tres letras. F.L.R. De F. porque nam tem Fè, de L. porque nam tem Ley, de R. porque nam tem Rey: & eſta he a policia da gente, com que tratamos. A Eſtrella dos Magos fez a ſua miſſaõ entre purpuras, & brocados, entre pèrolas, & diamantes, entre ambares, & calàbùcos; em fim entre os theſouros, & delicias do Oriẽte: as noſſas Eſtrellas

fazem as ſuas miſſoens entre as pobrezas, & deſemparos, entre os aſcos, & as miſerias da gente mais inculta, da gẽte mais pobre, da gente mais vil, da gente menos gente de quantos naſceram no mũdo. Huma gente, com quem meteo tam pouco cabedal a natureza, com quem ſe empenhou tam pouco a arte, & a fortuna; que huma arvore lhe dà o veſtido, & o ſuſtẽto, & as armas, & a caſa, & a embarcaçam. Com as folhas ſe cobrem, com o fruto ſe ſuſtentam, com os ramos ſe armaõ, com o tronco ſe abrigaõ, & ſobre a caſca navegaõ. Eſtas ſaõ todas as Alfayas daquella pobriſſima gente; & quem buſca as Almas deſtes corpos, buſca ſó Almas. Mas porque o mundo nam ſabe avaliar eſta acçaõ, como ella merece, ouça o meſmo mundo o preço, em que a eſtimou quem ſó a pòde pagar.

552 Quando o Bautiſta mandou ſeus diſcipulos q̃ foſſem perguntar a Chriſto, ſe era elle o Meſſias, a reſpoſta do Senhor foy eſta: *Euntes, renũtiate Joanni, quæ audiſtis, & vidiſtis*: ide, dizey a Joaõ o que viſtes, & ouviſtes. E que he o que tinhaõ viſto, & ouvido? O que tinham viſto, era que os cegos viaõ, os mancos andavaõ, os leproſos ſaravaõ, os mortos reſuſcitavaõ: *Cæci vident, claudi ambulant, leproſi mundantur, mortui reſurgunt.* E nam baſtavam todos eſtes milagres viſtos para prova de ſer Chriſto o Meſſias? Sim baſtavaõ: mas quiz o Senhor acreſcentar ao que tinham viſto, o q̃ tinham ouvido, porque ainda era mayor prova, & mais certa. O que tinhaõ ouvido os diſcipulos do Bautiſta, era que o Evangelho de Chriſto ſe prẽgava aos pobres: *Pauperes evangelizantur*: & eſta foy a ultima prova, com que o Redemptor do mundo calificou a verdade de ſer elle o Meſſias; porque prègar o Evangelho aos pobres, aos miſeraveis, aos que naõ tem nada do mundo, he acçam tam propria do eſpirito de Chriſto, que depois do teſtimunho de ſeus milagres a poz o Filho de Deos por ſello de todos elles. O fazer milagres, pòdeo attribuir a malicia

Matt. 11. 4.

cia a outro eſpirito; e o evãgelizar aos pobres, nenhuma malicia pòde negar que he eſpirito de Chriſto.

553 Finalmente acabou a Eſtrella o ſeu curſo: parou; mas onde foy parar? *Vſque dum veniens ſtaret ſupra ubi erat Puer.* Foy parar em hum Preſepio, onde eſtava Chriſto ſobre palhas, & entre brutos, & alli o deo a conhecer. Oh que Eſtrella tam ſanta, & tam diſcreta! Eſtrella que nam quer apparecer em Jeruſalem, & ſe vay parar no Preſepio: Eſtrella, que antes quer eſtar em huma choupana com Chriſto, que em hũa Corte ſem elle? Diſcreta, & ſanta Eſtrella, outra vez! Mas mais diſcretas, & mais ſantas as noſſas. A razaõ he clara. Chriſto naquelle tẽpo eſtava no Preſepio, mas nam eſtava na Corte de Jeruſalẽ: de ſorte, que ſe a Eſtrella quizeſſe ficar na Corte, havia de ficar ſem Chriſto. Nas Cortes da Chriſtandade naõ he aſſim. Em todas as Cortes eſtà Chriſto, & em todas ſe pòde eſtar com Chriſto. Agora vay a differença, & a ventagem. Trocar Jeruſalem pelo Preſepio, & querer antes eſtar em huma choupana com Chriſto, que em huma Corte ſem elle, naõ he fineza, he obrigaçam; & iſſo fez a Eſtrella dos Magos. Mas querer antes eſtar no Preſepio com Chriſto, que em Jeruſalem com Chriſto: querer antes eſtar na choupana com Chriſto entre brutos, que na Corte com Chriſto entre Principes: iſto he nam ſó deixar a Corte pelo Preſepio, ſenaõ deixar a Chriſto por Chriſto, & o ſeu mayor ſerviço pelo menor. Deixar a Chriſto onde eſtà acompanhado, para o acompanhar onde eſtà ſó: deixar a Chriſto onde eſtà ſervido, para o ſervir onde eſtà deſemparado, deixar a Chriſto onde eſtà conhecido, para o dar a conhecer onde o naõ conhecem.

554 A Eſtrella dos Magos tambem deo a conhecer a Chriſto; mas a quãtos homens, & em quanto tempo? A tres homens, & em dous annos. Eſſa foy a razaõ porque Herodes mandou matar todos os Innocentes de dous annos para baixo, conforme

o tempo em que a Eſtrella tinha apparecido aos Ma-
Matt. 2.16. gos: *Secundum tempus, quod exquiſierat à Magis.* Vede agora quanto vay daquella Eſtrella às noſſas Eſtrellas, & da ſua miſſaõ às noſſas. Deixadas as mais antigas, fizeraõſe ultimamẽte duas, hũa pelo Rio dos Tocantins, outra pelo das Almazonas: & com que effeito? A primeira reduzio, & trouxe a Chriſto a Naçam dos Topinambàz, & a dos Pochiguàras; a ſegunda pacificou, & trouxe à meſma Fè a Naçam dos Nheengaíbas, & ados Mamayanàzes; & tudo iſto em eſpaço de ſeis mezes. De maneira, que a Eſtrella dos Magos em dous annos trouxe a Chriſto tres homens, & as noſſas em meyo anno quatro Naçoens. E como eſtes Prègadores da Fè por officio, por inſtituto, por obrigaçam, & por charidade, & pelo conhecimento, & fama geral, que tem entre aquelles barbaros, os vaõ buſcar tam longe, com tanto zelo, & lhes fallaõ em ſuas proprias linguas com tanto trabalho, & ſe accomodaõ à ſua capacidade com tanto amor, & fazẽ por elles tantas outras finezas, que até nos brutos animaes coſtumaõ achar agradecimento; nam he muito que elles os amem, que elles os eſtimem, que elles os defendaõ, & que antes, ou depois de conhecerem, & adorarem a Chriſto, quaſi os adorem.

§. V.

555 Agora ſe ſegue em contrapoſiçam admiravel, ou eſtupenda (& por iſſo mais digna de attençam) ver as cauſas porque os Chriſtaõs perſeguem, aborrecem, & lançaõ de ſy eſtes meſmos homens. Perſeguirẽ os Chriſtaõs a quem defendem os Gentios, aborrecerem os do proprio ſangue a quem amaõ os eſtranhos, lançarem de ſy os que tẽ uſo de razaõ a quẽ recolhem, abraçam, & querem cõſigo os barbaros; couſa era incrivel, ſe naõ eſtivera tam experimẽtada, & tam viſta. E ſuppoſto que he aſſim, qual pòde ſer a cauſa? Com ſerem tam notaveis os effeitos, ainda a cauſa he mais no-

notavel. Toda a cauſa de nos perſeguirẽ aquelles chamados Chriſtaõs, he porque fazemos pelos Gentios o q̃ Chriſto fez pelos Magos. *Procidentes adoraverunt eum: & reſponſo accepto ne redirẽt ad Herodem, per aliam viam reverſi ſunt in Regionẽ ſuam.* Toda a Providencia Divina para com os Magos cõſiſtio em duas acçoens: primeira, em os trazer aos pès de Chriſto por hum caminho: ſegunda, em os livrar das mãos de Herodes por outro. Nam fora grande ſemrazaõ, nam fora grande injuſtiça, nam fora grande impiedade, trazer os Magos a Chriſto, & depois entregàlos a Herodes? Pois eſtas faõ as culpas daquelles Prégadores de Chriſto, & eſta a unica cauſa, porque ſe vem, & os vedes tam perſeguidos. Querem que tragamos os Gẽtios à Fé, & que os entreguemos à cubiça: querem que tragamos as ovelhas ao rebanho, & que as entreguemos ao cutello: querem que tragamos os Magos a Chriſto, & que os entregamos a Herodes. E porque encontramos eſta ſemrazaõ, nòs ſomos os deſarrezoados: porque reſiſtimos eſta injuſtiça, nòs ſomos os injuſtos: porque cõtradizemos eſta impiedade, nòs ſomos os impios.

556 Acabe de entender Portugal, que naõ pòde haver Chriſtandade, nem Chriſtandades nas Conquiſtas, ſem os Miniſtros do Evangelho terẽ abertos, & livres eſtes dous caminhos, que hoje lhes moſtrou Chriſto. Hũ caminho para tazerem os Magos à adoraçaõ, & outro para os livrarem da perſeguiçaõ: hum caminho para trazerem os Gẽtios à Fé, outro para os livrarẽ da tyrannia: hum caminho para lhe ſalvarem as Almas, outro para lhe libertarem os corpos. Neſte ſegundo caminho eſtà toda a duvida, porque nelle conſiſte toda a tentaçam. Querem que aos Miniſtros do Evangelho pertença ſò a cura das Almas, & que a ſervidaõ, & cativeiro dos corpos ſeja dos Miniſtros do Eſtado. Iſto he o que Herodes queria. Se o caminho, por onde ſe ſalvàraõ os Magos, eſtivera à conta de Herodes, muito boa conta daria delles: a que deu dos Innocen-

centes. Naõ hé eſſe o governo de Chriſto. A meſma Providencia, que teve cuidado de trazer os Magos a Chriſto por hum caminho, eſſa meſma teve o cuidado de os livrar, & pôr em ſalvo por outro: & querer dividir eſtes caminhos, & eſtes cuidados, he querer que naõ haja cuidado, nem haja caminho. Ainda que hum deſtes caminhos pareça ſó eſpiritual, & o outro temporal, ambos pertencem à Igreja, & as Chaves de Sam Pedro, porque por hum abremſe as portas do Ceo, & por outro fechaõſe as do Inferno. As Igrejas novas haõſe de fundar, & eſtabelecer, como Chriſto fundou, & eſtabelecèo a Igreja univerſal, quanto tambem era nova. Que diſſe Chriſto a Sam Pedro? *Matt.* 16.18 19. *Super hanc petram ædificabo Eccleſiam meam: Tibi dabo claves Regni cælorũ: & portæ inferi non prævalebunt adverſus eam.* Que importa, que Pedro tenha as chaves das portas do Ceo, ſe prevalecerem contra elle; & contra a Igreja as portas do Inferno? Iſto naõ he fũdar nova Igreja, he deſtruilla em ſeus proprios fundamentos.

557 Naõ ſey ſe reparais em que deo Chriſto a Sam Pedro naõ ſó chave, ſenam chaves: *Tibi dabo claves.* Para abrir as portas do Ceo, baſtava huma ſó chave: pois porque lhe dà Chriſto duas? Porque aſſim como ha caminhos contra caminhos, aſſim ha portas contra portas: *Portæ inferi non prævalebunt adverſus eam.* Ha caminhos contra caminhos; porque hum caminho leva a Chriſto, & outro pòde levar a Herodes: & ha portas contra portas; porque humas ſaõ as portas do Ceo, & outras as portas do Inferno, que o encontraõ. Por iſſo he neceſſario, que as chaves ſejaõ duas, & que ambas eſtejaõ na meſma maõ. Huma com que Pedro poſſa abrir as portas do Ceo, & outra com que poſſa afferrolhar as portas do Inferno: huma com que poſſa levar os Gentios a Chriſto, & outra com que os poſſa defender do demonio, & ſeus miniſtros. E toda a teima do meſmo demonio, & do meſmo Inferno, he que eſtas

eſtas chaves,& eſtes poderes ſe diviaõ, & que eſtejaõ em differentes maõs.

558 Naõ o entendèraõ aſſim os Senhores Reys, que fundàraõ aquellas Chriſtandades, & todas as das noſſas Conquiſtas, os quaes ſempre unìraõ hum, & outro poder, & o fiàraõ ſómente dos Miniſtros do Evangelho; & a razaõ Chriſtaã, & politica, que para iſſo tiveraõ, foy por terem conhecido, & experimentado, que ſó quem converte os Gẽtios, os zela, & os defende: & que aſſim como dividir as Almas dos corpos, he matar, aſſim dividir eſtes dous cuidados, he deſtruir. Por iſſo eſtaõ deſtruidas, & deshabitadas todas aquellas terras em tam poucos annos: & de tantas, & tam numeroſas Povoaçoens, de que ſò ficàraõ os nomes, naõ ſe vem hoje mais que ruinas, & cemeterios. Neceſſario he logo naõ ſó para o eſpiritual, ſenaõ tambem para o tẽporal das Conquiſtas, que os meſmos, que edificaõ aquellas novas Igrejas, aſſim como tem o zelo, & a arte para as edificar, tenhaõ juntamente o poder para as defender. Quando os Iſraelitas reedificavaõ o Templo, & Cidade de Jeruſalem, diz a Eſcritura ſagrada, que cada hum dos officiaes com huma maõ fazia a obra, & na outra tinha a eſpada: *Vna manu faciebat opus, & altera tenebat gladium.* Pois naõ era melhor trabalhar cõ ambas as maõs, & fariaõ muito mais? Melhor era; mas naõ podia ſer: porque naquella meſma terra moravaõ os Samaritanos, os quaes, ainda que diziam que criaõ em Deos, reſiſtiaõ, & faziaõ cruel guerra à edificaçaõ do Templo; & como aos Iſraelitas lhe impediaõ a obra; era força fazella com huma maõ, & defendèla com a outra, ſopena de naõ ir a fabrica por diante. O meſmo lhe acontece aos edificadores daquellas novas Igrejas. Muito mais ſe obraria nellas, ſe naõ foſſe entre inimigos, & entre homens de meya fé, quaes eraõ os Samaritanos. Mas como eſtes com todas as forças do ſeu poder (ou do poder, que naõ he, nem pòde ſer ſeu) impedem o edificio; he neceſſa-

2. Eſdr. 4. 17.

ceſſario trabalhar, & juntamẽte defender. E ſe os meſmos trabalhadores nam tiverem eſpada, com que defendaõ o que trabalhaõ, naõ ſó pararà, como eſtà parada, a obra; mas perderſeha, como ſe vay perdendo, quanto cõ tãto trabalho ſe tem obrado.

559 Sim. Mas a eſpada he inſtrumento profano, & leigo, & naõ diz bem em maõs ſagradas. Primeiramẽte quẽ poz a eſpada na maõ dos que edificavaõ o Templo, foy Nehemias, o mais ſabio, o mais ſanto Principe, & o mais zelador da honra de Deos, que entaõ havia no mundo. E ſe alguem tem os olhos tam delicados, que os offenda eſta apparencia (que naõ he razaõ, ſenaõ pretexto) aparteos hum pouco de nòs, & ponhaos em Saõ Paulo. Nam vedes a Sam Paulo com a eſpada em huma maõ, & o livro na outra? Eſtes ſaõ os inſtrumentos, & as inſignias, com q̃ nos pinta, & repreſẽta a Igreja aquelle grãde homẽ, por antonomaſia chamado o Apoſtolo. E porque? Porque traz Paulo em huma maõ o livro, noutra a eſpada? Porque Paulo entre todos os outros Apoſtolos foy o vaſo de eleiçaõ eſcolhido particularmente por Chriſto para Prègador dos Gentios: *Vas electionis eſt mihi iſte, ut portet nomen meum coram gentibus*: & quẽ tem por officio a prègaçaõ, & converſaõ dos Gentios, ha de ter o livro em huma maõ, & a eſpada na outra: o livro para os doutrinar, a eſpada para os defender. E ſe eſta eſpada ſe tirar da mão de Paulo, & ſe meter na maõ de Herodes, que ſuccederà? Nadarà todo Belem em ſangue innocente: & iſſo he o q̃ vemos.

560 Mas porque naõ faça duvida o nome de eſpada, troquemos a eſpada em cajado, que he inſtrumento proprio dos Paſtores (como alli ſomos.) E reſpondeyme. Quem tem obrigaçam de apaſcentar as ovelhas? O Paſtor. E quem tem obrigaçaõ de defender as meſmas ovelhas dos lobos? O Paſtor tambem. Logo o meſmo Paſtor, que tem o cuidado de as apaſcentar, ha de ter tambem opoder de as defender.

Eſſe

Esse he o officio do Pastor, & esse o exercicio do cajado. Lançar o cajado á ovelha para a encaminhar, & terçallo contra o lobo para a defender. E vòs quereis, que este poder esteja em huns, & aquelle cuidado em outros. Naõ seja isso cõselho dos lobos! Quando David andava no campo apascentando as suas ovelhas, & vinha o ursso, ou o leaõ para lhas comer, q̃ fazia? Hia a Jerusalem buscar hum Ministro d'ElRey Saul, para que lhas viesse defender? Naõ seria David, nem Pastor, se assim o fizesse. Elle era o que as apascentava, & elle o que as defendia. E defendia-as de tal sorte, que das gargantas, & das entranhas das mesmas feras as arrancava: porque se o lobo, ou o leaõ lhe tinha engolido o cordeiro pela cabeça, tiravalho pelos pès, & se lho engolia pelos pés, tiravalho pelas orelhas. Assim diz o Profeta Amòs (como quẽ tinha exercitado o mesmo officio) que faz, & deve fazer quam he Pastor: *Quomodo si eruat Pastor de ore leonis duo crura, aut extremum auriculæ.*

561 E porque algum Politico màо Grammatico, & peior Christaõ, naõ cuide, que a obrigaçaõ do Pastor he sòmente apascentar, como parece o que significa a derivaçaõ do nome; sayba, que só quem apascenta, & defende, he Pastor, & quem nam defende, ainda que apascente, naõ. Faz Christo comparaçaõ entre o Pastor, & o Mercenario, & diz assim: *Bonus Pastor animam suam dat pro ovibus suis*: o bom Pastor defende as suas ovelhas, & dà por ellas a vida, se he necessario. *Mercenarius autem, & qui non est Pastor*: porêm o Mercenario, & o q̃ naõ he Pastor, que faz? *Videt lupum venientem, & fugit, & lupus rapit, & dispergit oves*: Quando vê vir o lobo para o rebanho, foge, & deixa-o roubar, & comer as ovelhas. O meu reparo agora, & grande reparo, he dizer Christo, que o Mercenario naõ he Pastor: *Mercenarius autem, & qui non est Pastor.* O Mercenario, como diz o mesmo nome, he aquelle, q̃ por seu jornal apascenta as ove-

Joan. 10. 11 12.

ovelhas. Pois se ò Mercenario tambem apascẽta as ovelhas; porque diz Christo, que naõ he Pastor: Porque ainda que as apascenta, naõ as defende: vè vir o lobo, & foge. E he taõ essencial do Pastor o defender as ovelhas, q̃ se as defende, he Pastor; se as naõ defende, naõ he Pastor: *Non est Pastor.* Como Christo tinha fallado em bõ Pastor, cuidava eu que havia de fazer a cõparaçam entre bom Pastor, & mào Pastor; & dizer, que o bõ Pastor he aquelle, que defende as ovelhas, & o mào Pastor aquelle que as naõ defende. Mas o Senhor naõ fez a comparaçaõ entre ser bom, ou ser mào, senaõ entre ser, ou naõ ser. Diz, que o que defende as ovelhas, he bom Pastor, & naõ diz, que o que as naõ defende, he mào Pastor: porque? Porque o que naõ defende as ovelhas, naõ he Pastor bom, nem mào. Hum lobo naõ se pòde dizer, que he bom homem, nem que he mào homem, porque naõ he homem. Da mesma maneira o que naõ defende as ovelhas, naõ se pòde dizer que he bom Pastor, nem mào Pastor; porque naõ he Pastor: *Non est Pastor.* E sendo assim, que a essencia do Pastor consiste em defender as ovelhas dos lobos; naõ seria cousa muito para rir, ou muito para chorar, que os lobos pozessem pleito aos Pastores, porque lhe defendẽ as ovelhas? Là dizem as Fabulas, que os Lobos se quizeraõ concertar com os Rafeiros; mas que citassem aos Pastores, se lhe quizessem armar demanda, porque lhe defendiaõ o rebanho. Isto naõ o differaõ as Fabulas, dilohaõ as nossas Hystorias.

562 Mas quando differem isto dos lobos, tambem diràm dos Pastores, que muitos deraõ as vidas pelas ovelhas: huns afogados das ondas, outros comidos dos barbaros, outros mortos nos certoens de puro trabalho, & desemparo. Diràm, que todos expuzeraõ, & sacrificàram as vidas pelos bosques, & pelos desertos entre as serpentes; pelos lagos, & pelos rios entre os Crocodilos; pelo mar, & por toda aquella Costa, entre parceis, & baxíos os mais arriscados, & cegos de todo o Ocea-

Oceano. Finalmente diraõ, que foraõ perseguidos, que foraõ prezos, que foram desterrados; mas nam diràm, nem poderàm dizer, que faltassem à obrigaçam de Pastores, & que fugissem dos lobos como Mercenarios: *Mercenarius autem fugit.* E esta he a razaõ, & obrigaçaõ, porque eu fallo aqui, & fallo tam claramente. S. Gregorio Magno commentádo estas mesmas palavras: *Mercenarius autem fugit*: diz assim: *Fugit, quia injustitiam vidit, & tacuit: fugit, quia se sub silentio abscondit.* Sabeis, diz o supremo Pastor da Igreja, quando foge o que nam he verdadeiro Pastor; foge quando vè as injustiças, & em vez de bradar contra ellas, as calla: foge, quando devendo sair a publico em defensa da verdade, se esconde, & esconde a mesma verdade debaixo do silencio. Bem creyo, que alguns dos que me ouvem, teriam por mais modestia, & mais decencia, que estas verdades, & estas injustiças se calassem: & eu o faria facilmente como Religioso, sem pedir grandes soccorros à paciencia; mas que seria, se eu assim o fizesse? Seria ser Mercenario, & nam Pastor: *Fugit, quia mercenarius est*: seria ser consentidor das mesmas injustiças que vi, & estando tam longe, naõ pudo atalhar: *Fugit, quia injustitiam vidit, & tacuit*: seria ser proditor das mesmas ovelhas, que Christo me entregou, & de que lhe hey de dar conta nam as defendendo, & escondendome onde só as posso defender: *Fugit, quia se sub silentio abscondit.*

§. VI.

563 E porque na appellaçam deste pleito, em que a injustiça, & violencia dos lobos ficou vencedora, he justo, que tambem elles sejam ouvidos; assim como ouvistes ballar as ovelhas no que eu tendo ditto, ouvi tambem uyvar os mesmos lobos, no que elles dizem.

Dizem, que o chamado zelo, com que defendemos os Indios, he interesseiro, & injusto: interesseiro; porque o defendemos, para que nos sirvaõ a nòs: & injusto; porque defendemos, que sirvaõ ao Povo. Provaõ o primeiro;

ro, & cuidaõ que com evidencia; porque vem, que nas Aldeas edificamos as Igrejas com os Indios: vem, que pelos rios navegamos em canòas esquipadas de Indios: vem, que nas Missoens por agua, & por terra nos acompanham, & conduzem os Indios: logo defendemos, & queremos os Indios, para que nos sirvaõ a nòs. Esta he a sua primeira consequencia muito como sua: da qual porèm nos defende muito facilmente do Evangelho. Os Magos, que tambem eraõ Indios, de tal maneira seguiaõ, & acompanhavam a Estrella, que ella nam se movia, nem dava passo sem elles. Mas em todos estes passos, & em todos estes caminhos, quem servia, & a quẽ? Servia a Estrella aos Magos, ou os Magos à Estrella? Claro està, que a Estrella os servia a elles, & nam elles a ella. Ella os foy buscar tam longe, ella os trouxe ao Presepio, ella os alumiava, ella os guiava; mas naõ para q̃ elles a servissem a ella, senaõ para q̃ servissem a Christo, por quem ella os servia. Este he o modo, com que nòs servimos aos Indios, & com que dizem que elles nos servem.

564 Se edificamos com elles as suas Igrejas, cujas paredes saõ de barro, as colunas de pao tosco, & as abobodas de folhas de Palma, sendo nòs os mestres, & os obreiros daquella architectura com o cordeal, com o prumo, com a enxada, & com a serra, & os outros instrumentos (q̃ tambem nòs lhe damos) na mão; elles servem a Deos, & a sy, nòs servimos a Deos, & a elles; mas naõ elles a nòs. Se nos vem buscar em huma canòa, como tem por ordem nos lugares, onde naõ residimos, sendo isto, como he, para os ir doutrinar por seu turno, ou para ir sacramentar os enfermos a qualquer hora do dia, ou da noite, em distancia de trinta, de quarenta, & de sessenta legoas, naõ nos vem elles servir a nòs, nòs somos os que os imos servir a elles. Se imos em Missoens mais largas a reduzir, & descer os Gentios, ou a pè, & muitas vezes descalços, ou embarcados em grãdes tropas à ida

& muito mayores à vinda, elles, & nòs imos em ſerviço da Fé, & da Republica, para que tenha mais ſubditos a Igreja, & mais vaſſallos a Coroa: & nem os que levamos, nẽ os que trazemos, nos ſervem a nòs, ſenaõ nòs a huns, & a outros, & ao Rey, & a Chriſto. E porque deſte modo, ou nas Aldeas, ou fóra dellas nos vem ſempre com os Indios, & os Indios comnoſco, interpretaõ eſta meſma aſſiſtencia tãto às aveças, que em vez de dizerem que nòs os ſervimos, dizem que elles nos ſervem.

565 Veyo o Filho de Deos do Ceo à terra a ſalvar o mundo: & ſempre andava acompanhado, & ſeguido dos meſmos homens, a quem veyo ſalvar. Seguiaõ no os Apoſtolos, que erão doze: ſeguiaõ no os Diſcipulos, q̃ eraõ ſetẽta & dous: ſeguiaõ no as Turbas, que erão muitos milhares: & quem era aqui o que ſervia, ou era ſervido? O meſmo Senhor o
tt. diſſe: *Non veni miniſtrari,*
28 *ſed miniſtrare*: Eu naõ vim a ſer ſervido, ſenaõ a ſervir. E todos eſtes, que me ſeguem, & me aſſiſtem, todos eſtes, q̃ eu vim buſcar, & me buſcaõ, eu ſou o que os ſirvo a elles, & naõ elles a mim. Era Chriſto Meſtre, era Medico, era Paſtor, como elle diſſe muitas vezes. E eſtes meſmos ſaõ os officios, em que ſervem aos Gentios, & Chriſtãos aquelles Miniſtros do Evangelho. Saõ Meſtres, porque catechizaõ, e enſinão a grandes, & pequenos, & naõ huma, ſenaõ duas vezes no dia: & quando o Meſtre eſtà na Aula, ou na Eſcola, não ſaõ os Diſcipulos os que ſervem ao Meſtre, ſenaõ o Meſtre aos Diſcipulos. Saõ Medicos, porque naõ ſò lhe curaõ as Almas, ſenaõ tambem os corpos, fazendolhe o comer, & os medicamẽtos, & applicãdolhos por ſuas proprias mãos, às chagas, ou às doenças, por aſqueroſas que ſejaõ: & quando o Medico cura os enfermos, ou cura delles, naõ ſaõ os enfermos os que ſervem o Medico, ſenaõ o Medico aos enfermos. Saõ Paſtores, porque tẽ cuidado de dar o paſto às ovelhas, & a criaçaõ aos cordeiros, vigiando ſobre todo o

rebanho de dia, & de noite: & quando o Pastor assim o faz, & nisso se desvella, não saõ as ovelhas as que servem ao Pastor, senão o Pastor às ovelhas. Mas porque isto não serve aos lobos, por isso dizem que os Pastores se servem.

566 Quanto aos interesses não tenho eu que dizer; porque todos os nossos averes elles os tẽ em seu poder. Assim como nos prendérão, & desterràrão, assim se apoderárão tambem das nossas choupanas, & de quanto nellas havia. Digao agora o que achárão. Achàrão ouro, & prata; mas só a dos Calices, & Custodias. Nos altares achárão Sacrarios, Imagens, & Reliquias: nas Sachristias ornamentos, naõ ricos, mas decentes, & limpos: nas cellas de taypas pardas, & telha vaá alguns Livros, Catecismos, disciplinas, cilicios, & huma tabúa, ou rede em lugar de camas, porque as que levámos de cà se dedicáram a hum Hospital, que não havia: & se nas nossas guarda-roupas se achárão algũs mãteos, & sotanas remendadas, erão de Algodão grosseiro tinto na Lãma, como o calçado de pelles de veado, & porco montez, q̃ saõ as mesmas galas, com que aqui apparecemos. Finalmente he certo, que os Magos acharião no Presepio mais pobreza, mas mais provado desinteresse nam. Diz o Evangelista, que os Magos abrindo os seus thesouros, offerecérão a Christo ouro, incenso, & mirrha: *Apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus, & mirrham.* Mas não sey se reparais, que dizẽdose que os thesouros forão offerecidos, não se diz se forão aceitados, ou não. A opiniaõ commum dos Doutores he que sim: comtudo outros duvidão, & com fundamento; porque dahi a poucos dias indo a Virgem Máy presentar o seu Primogenito no Templo conforme a Ley, & dispondo a mesma Ley, que os pobres offerecessem duas rolas, ou dous pombinhos, & os que tivessem mais posses, hum cordeiro: a Senhora não offereceo cordeiro, senão, como diz o Texto: *Par turturum, aut duos pullos columbarum.* Donde parece se colhe, que a santa familia

Mat. 2.

Luc. 24.

do

do Preſepio naõ aceitou os theſouros dos Magos; porque ſe tivera ouro, offerecèra cordeiro. De maneira, que he certo, & de Fé, que os theſouros ſe offerecèraõ, mas ficou em opiniam, & em duvida, ſe ſe aceitarão, ou nam. Por iſſo eu digo, que ſendo tam gráde a pobreza do Preſepio, a noſſa naquellas terras eſtà mais provada. Na pobreza do Preſepio he certo, que ouve theſouros, & he duvidoſo ſe foraõ aceitados: na noſſa, nem ha eſta certeza, nem pòde haver eſta duvida; porque os Magos, que trazemos a Chriſto, & a gente, a quem ſervimos, he tam pobre, & tam miſeravel, que nem elles tem que offerecer, nem nòs temos que aceitar.

567 Reſta a ſegunda parte da queixa, em que dizem, que defendemos os Indios, porque nam queremos, que ſirvaõ ao Povo. A tanto ſe atreve a calumnia, & tanto cuida, que pòde deſmentir a verdade. Conſta autenticamente neſta meſma Corte, que no anno de 1655. vim eu a ella, ſó a buſcar o remedio deſta queixa, & a eſtabelecer (como levey eſtabelecido por Proviſoens Reaes) que todos os Indios ſem exceiçam ſerviſſem ao meſmo Povo, & o ſerviſſem ſempre: & o modo, a repartiçam, & a igualdade, com que o haviam de ſervir, para que foſſe bem ſervido. Vede ſe podia dezejar mais a cubiça, ſe com ella podeſſe andar junta a conſciencia. Nam poſſo porém negar, que todos neſta parte, & eu em primeiro lugar, ſomos muito culpados. E porque? Porque devendo defender os Gẽtios, que trazemos a Chriſto, como Chriſto defendèo os Magos; nòs acomodandonos à fraqueza do noſſo poder, & à força do alheio, cedemos da ſua juſtiça, & faltamos á ſua defenſa. Como defendèo Chriſto os Magos? Defendèu-os de tal maneira, que nam conſentio, que perdeſſem a patria, nem a ſoberanía, nem a liberdade: & nòs, naõ ſó cõſentimos, q̃ os pobres Gentios, que convertemos, percaõ tudo iſto, ſenam que os perſuadimos a que o percaõ, & o capitulamos com elles, ſó para ver ſe ſe pòde contẽtar a tyrania dos Chriſtaõs; mas nada baſta. Chriſto naõ

consentio, q̃ os Magos perdessem a patria; porque *reversi sunt in regionem suam:* Matt 2. 12. & nòs naõ só consentimos, q̃ percaõ à sua patria aquelles Gentios, mas somos os que à força de persuaçoens, & promessas (que se lhe naõ guardaõ) os arrancamos das suas terras, trazendo as Povoaçoens inteiras a viver, ou a morrer junto das nossas. Christo nam consentio, que os Magos perdessem a soberanía, porque Reys vieram, & Reys tornáraõ: & nòs naõ só consentimos, que aquelles Gentios percam a soberanìa natural, com que nascèram, & vivem izentos de toda a sugeiçam; mas somos os que sugeitando os ao jugo espiritual da Igreja, os obrigamos tambem ao temporal da Coroa, fazendoos jurar vassallagem. Finalmente Christo naõ consentio, que os Magos perdessem a liberdade; porq̃ os livrou do poder, & tyrannia de Herodes: & nòs naõ só nam lhe defendemos a liberdade; mas partcamos com elles, & por elles, como seus curadores, que sejam meyos cativos, obrigandose a servir alternadamẽte ametade do anno. Mas nada disto basta para moderar a cubiça, & tyrannia dos nossos calumniadores, porque dizẽ, que saõ negros, & haõ de ser escravos.

568 Jà considerey algumas vezes, porq̃ permittio a Divina Providencia, ou ordenou a Divina Justiça, q̃ aquellas terras, & outras visinhas fossem dominadas dos Hereges do Norte. E a razaõ me parece que he, porque nòs somos tam pretos em respeito delles, como os Indios em respeito de nòs: & era justo, que pois fizemos taes Leys, por ellas se executasse em nòs o castigo. Como se differa Deos: jà que vòs fazeis cativos a elles, porq̃ sois mais brancos que elles, eu vos farey cativos de outros, que sejaõ tambẽ mais brancos que vòs. A grande semrazaõ desta injustiça declarou Salamaõ em nome alheio com huma demõstraçaõ muito natural. Introduz a Ethiopiza mulher de Moyses, que era preta, fallando com as Senhoras de Jerusalẽ, que eraõ brancas, & por isso a def-

a desprezavaõ, & diz assim: *Filiæ Ierusalem, nolite considerare quod fusca sim, quia decoloravit me Sol*: se me desestimais, porque sois brancas, & eu preta; naõ considereis a cor, considerai a causa: cõsideray, que a causa desta cor he o Sol, & logo vereis quam inconsideradamente julgais. As Naçoens, humas saõ mais brancas, outras mais pretas, porque humas estaõ mais vizinhas, outras mais remotas do Sol. E pòde haver mayor incõsideraçaõ do entendimento, nem mayor erro do juizo entre homens, & homens, que cuidar eu, que hey de ser vosso Senhor, porque nasci mais longe do Sol, & que vós haveis de ser meu escravo, porque nascestes mais perto?

569 Dos Magos, que hoje vieraõ ao Presepio, dous eraõ brancos, & hum preto, como diz a tradiçaõ: & seria justo, que mandasse Christo, que Gaspar, & Balthazar, porque eraõ brancos, tornassem livres para o Oriente, & Belchior, porque era pretinho, ficasse em Belem por escravo, ainda que fosse de Sam Joseph? Bem o podera fazer Christo, que he Senhor dos Senhores: mas quiz nos ensinar, que os homens de qualquer cor todos saõ iguaes por natureza, & mais iguaes ainda por Fè, se creem, & adoraõ a Christo, como os Magos. Notavel cousa he, que sendo os Magos Reys, & de differentes cores, nem huma, nem outra cousa dissesse o Evangelista! Se todos eraõ Reys, porque naõ diz, que o terceiro era preto? Porque todos vieraõ adorar a Christo, & todos se fizeraõ Christãos. E entre Christaõ, & Christão naõ ha differença de nobreza, nem differença de cor. Naõ ha differença de nobreza, porque todos saõ filhos de Deos, nem ha differença de cor, porque todos saõ brancos. Essa he a virtude da agua do Bautismo. Hum Ethiope se se lava nas aguas do Zayre, fica limpo; mas naõ fica branco: porèm na agua do Bautismo sim, huma cousa, & outra. *Asperges me hyssopo, & mundabor*: ey lo ahi limpo: *Lavabis me, & super nivem dealbabor*. ey lo ahi branco. Mas *Psal. 50. 9.*

he tam pouca a razaõ, e tam pouca a Fè daquelles inimigos dos Indios, que depois de nòs os fazermos brancos pelo Bautiſmo, elles os querem fazer eſcravos por negros.

570 Naõ he minha tençaõ, que naõ haja eſcravos: antes procurey neſta Corte, como he notorio, & ſe pòde ver da minha Propoſta, que ſe fizeſſe, como ſe fez, huma Iunta dos mayores Letrados ſobre eſte ponto, & ſe declaraſſem, como ſe declaràraõ por Ley (que là eſtá reſiſtada) as cauſas do cativeiro licito. Mas porque nos queremos ſó os licitos, & defendemos os illicitos; por iſſo nos naõ querem naquella terra, & nos lançam della. O meſmo ſuccedèo a Sam Paulo, ſe bem a terra naõ era de Chriſtãos. Em Philippos, Cidade de Macedonia, havia huma eſcrava poſſuida do Demonio, o qual fallava nella, & dava oraculos, & adivinhava muitas couſas, & por eſta habilidade ganhava muito a eſcrava a ſeus Senhores. Compadecèoſe della Sam Paulo, q̃ alli ſe achava em Miſſaõ cõ ſeu companheiro Sila: lançou fóra o Demonio daquelle corpo duas vezes cativo. E que premio, ou agradecimento teve elle, & ſeu companheiro deſte beneficio? Amotinouſe contra elles todo o Povo: prendèraõnos, maltrataraõnos, & lançàraõnos da Cidade. Pois porque os Apoſtolos lançaõ o Demonio fóra da eſcrava, por iſſo os lançaõ a elles fóra da terra? Por ventura Paulo, & Sila tiràraõ a eſcrava a ſeus Senhores, ou differaõ, que naõ era eſcrava, & que os naõ ſerviſſe? Nem por penſamento. Pois porque os maltrataõ, porque os prendem, porque os deſterraõ? Porq̃ os Senhores da eſcrava naõ ſó queriaõ a eſcrava, ſenaõ a eſcrava, & mais o Demonio. Aqui bate o ponto de toda a controverſia, & por iſſo naõ concordamos. Nòs queremos, que tenhaõ eſcravos, mas ſem Demonio; elles naõ querem eſcravos ſenaõ com o Demonio: & porq̃? O meſmo Texto dà a razaõ, que em huns, & outros he a meſma: *Quia exivit*

ſpes

spes quæstus eorum : porque
19 tendo a escrava sem o Demonio, perdiam toda a esperança dos seus interesses. Os escravos licitos, & sem Demonio saõ muito poucos, os illicitos, & com o Demonio, saõ quantos elles querem cativar, & quantos cativaõ: & como o seu interesse (posto que interesse infernal) consiste em terem escravos com o Demonio; por isso querem antes o Demonio, que os Apostolos, & por isso os lançam de sy : *Quia exivit spes quæstus eorum, perduxerunt Paulum, & Silam.*

571 Convencidos, & confundidos desta evidẽcia, ainda fallaõ, ainda replicaõ, & que dizem? O que se naõ atrevéo a dizer Herodes, posto que o fez. Dizem, que senam pòdem sustentar, nem o Estado se pòde conservar doutro modo. Vede, que razaõ esta para se ouvir com ouvidos Catholicos, & para se articular, & presentar diãte de hum Tribunal, ou Rey Christaõ. Nam nos podemos sustentar doutra sorte, senaõ com a carne, & sangue dos miseraveis Indios. Entaõ elles saõ os que comem gente? Nòs, nós somos os que os imos comer a elles. Esta era a fome insaciavel dos màos criados de Job : *Quis det de carnibus ejus, ut saturemur* : & esta era a injustiça, & crueldade, de que Deos mais se sentia em seus màos Ministros: *Qui devorant plebem meam sicut escam panis.* E porque os Prègadores do Evangelho, que saõ os que vaõ buscar estas innocentes victimas, & as nam querem entregar ao açougue, & matadeiro; fóra, fóra das nossas terras. Quando Christo chamou aos Apostolos, disse-lhes, q̃ os havia de fazer pescadores de homens : *Faciam vos fieri piscatores hominum.* Assim nos fez, & assim o fazemos nòs, & nisso se occupaõ as nossas redes, & se cançaõ os nossos braços. Mas para que entendaõ, & se desenganem todos, là, & cá, que esses homẽs nam os havemos nòs de pescar, para que elles os comaõ; advirtam, & notem bem, que se Christo chamou aos Apostolos pescadores, tãbem lhes chamou sal: *Vos estis sal terræ.* Pois os

Job. 31 31. Ps. 13. 4. Matt. 4. 19. Mat. 5. 13.

peſcadores haõ de ſer ſal, & os Apoſtolos ſal, & juntamẽte peſcadores? Sim. O peſcador peſca, o ſal conſerva. E eſta he a differença, que ha entre os peſcadores de homens, & os peſcadores de peixes: os peſcadores de peixes peſcam os peixes, para q̃ ſe comaõ; os peſcadores de homens haõ de peſcar os homens, para que ſe cõſervem. Vejaſe em todo o reſto daquella America ſe houve alguns Indios, que ſe conſervaſſem, ſenam os da noſſa doutrina. Por iſſo nos nam querem à nòs, por iſſo querem os que lhes ajudaõ a comer: & eſtas ſaõ as noſſas culpas.

572 O juſto caſtigo, que os homens nos daõ por ellas, bem ſe vè: o que Deos lhes ha de dar a elles, & o premio, com que nos ha de pagar a nòs, o meſmo caſtigo, tambem o tem promettido. Antevia Chriſto, como Sabidoria infinita, que os ſeus Apoſtolos, a quem mandava prègar pelo mundo, haviam de encontrar com homens tam inimigos da verdade, & da juſtiça, que os nam conſentiriaõ comſigo, & os lançariam das ſuas terras (bem aſſim como os Gerazenos lançàram das ſuas ao meſmo Chriſto:) & para que eſtiveſſem, & foſſem prevenidos; primeiramente deulhes a inſtruçam do modo com que ſe haviaõ de haver em ſemelhantes caſos. *Quicumque non receperint vos, neque audierint ſermones veſtros, exeuntes foras de domo, vel civitate, excutite pulverem de pedibus veſtris, in teſtimonium illis*: quando os homens, quaeſquer que ſejam, nam receberem voſſa doutrina, & vos lançarem de ſuas caſas, & Cidades, o que haveis de fazer autenticamente diante de todos, he ſacudir o pò dos çapatos, para que eſſe pò ſeja teſtimunha, de que puzeſtes os pès naquella terra, & ella vos lançou de ſy. Aſſim o fizeram Sam Paulo, & Sam Barnabè, quando foraõ lançados de Pizidia; & aſſim o fiz eu tambem. E que mais diz Chriſto? Para que os meſmos Apoſtolos ſe nam deſconſolaſſem, antes ſe gloriaſſem muito deſtes deſterros, & da cauſa delles? Sabey, lhe

M 10. *Lu* 9. *M* 6.

lhe diz o meſmo Senhor, que quando os homens aſſim vos aborrecerem, & vos apartarem, & lançarem de ſy, entam ſereis bemaventurados; porque entam ſereis meus verdadeiros diſcipulos: & depois o ſereis tambem, porque no Ceo tereis o galardaõ, que vos nam ſabe, nem póde dar a terra: *Beati eritis cum vos oderint homines, & cum ſéparaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen veſtrum tãquam malum propter Filium hominis: gaudete, & exultate: ecce enim merces veſtra multa eſt in cælo.*

573 Eſte he o premio com que Chriſto (bemdito elle ſeja) nos ha de pagar, & paga já de contado a paciencia deſtas injurias, remunerando de antemaõ no ſeguro de ſua palavra eſtes trabalhos cõ aquelle deſcanço, eſtes deſterros cõ aquella Patria, & eſtas afrontas com aquella Gloria: para q̃ ninguẽ nos tenha laſtima, quando o Ceo nos tẽ inveja. Mas porq̃ os Autores de tamanhos eſcandalos nam cuidem, que elles, & ſuas terras haõ de ficar ſem o devido caſtigo, cõclue finalmente o juſto Juiz com eſta temeroſa ſentença, *Amen dico vobis, tolerabilius erit terræ Sodomorum, & Gomorrhæorum, quam illi civitati*: de verdade vos digo, que o caſtigo das Cidades de Sodòma, & Gomòrra, ſobre as quaes chovèram rayos, ainda foy mais moderado, & mais toleravel, do que ſerà o que eſtà aparelhado, nam ſó para as peſſoas, ſenaõ para as meſmas terras, donde os meus Prégadores forem lançados. Tal he a ſentença, que tem decretado a Divina Iuſtiça contra aquella mal aconſelhada gente, por cujo bem, & remedio eu tenho paſſado tantos mares, & tantos perigos. Praza à Divina Miſericordia perdoarlhes, pois naõ ſabem o que fazem. E para que lhes nam falte o perdam da parte; aſſim como meus Companheiros, & eu lho temos já dado muito de coraçam, aſſim agora lho torno a ratificar aqui publicamente coram Deo, & hominibus, em nome de todos. *Matt. 10. 15.*

Suppo-

§. VII.

574 Supposto pois que nam pêço, nem pertendo castigo, & o que só dezejo, he o remedio; quero acabar este largo, mas forçoso Discurso, apontando brevemente os q̃ ensina o Evangelho. O primeiro, & fundamental de todos era, que aquellas terras fossem povoadas com gente de melhores costumes, & verdadeiramente Christaã. Por isso no Regimento dos Governadores a primeira cousa, que muito se lhes encarrega, he que a vida, & procedimẽto dos Portuguezes seja tal, que com o seu exemplo, & imitaçam se cõvertam os Gentios. Assim està disposto santissimamente; porque, como diz Sam Joaõ Chrysostomo, se os Christãos viveraõ conforme a Ley de Christo, toda a Gentilidade estivera jà convertida: *Nemo profectò gentilis esset, si ipsi, ut oportet, Christiani esse curaremus.* Mas he cousa muita digna, nam fey se de admiraçam, se de rizo, que no mesmo tempo, em que se dà este Regimento aos Governadores, & nos mesmos navios, em que elles vaõ embarcados, os povoadores, que se mandaõ para as mesmas terras, saõ os criminosos, & malfeitores, tirados do fundo das Enxovias, & levados a embarcar em grilhoens, a quem jà naõ pòde fazer bons o temor de tantas justiças. E estes degradados por suas virtudes, & tal vez marcados por ellas, saõ os santinhos, que là se mandaõ, para que com o seu exemplo se convertam os Gentios, & se acrescente a Christandade. Aquelles Samaritanos, que asima dissemos impediaõ a edificaçam do Templo, eraõ degradados por ElRey Salmanazar de Assyria, & Babilonia, para povoadores de Samaria, q̃ elle tinha conquistado: & diz a Hystoria sagrada, que o que lá fizeram, foy ajuntar os costumes, que levavaõ da sua terra, com os q̃ achàraõ em Samaria; & assim eram meyos fieis, & meyos Gentios: *Et cum Dominum colerent, Dijs quoque suis serviebant juxtà consuetudinem gentium,* 4 Reg. 17

tium, de quibus translati fuerant Samariam. Isto mesmo se experimenta, & he força, que succeda nas nossas Conquistas com semelhantes povoadores. Mas como este erro fundamental jà naõ póde ter remedio, vamos aos q̃ de presente, & para o futuro nos ensina o Evangelho.

585 O primeiro he a boa eleiçam dos sugeitos, a quem se comete o governo. E para que a eleiçam seja boa, que partes haõ de ter os eleitos? Eu me contento cõ huma só. E qual? Que sejaõ ao longe, o que promettem ao perto. Herodes encomẽdou muito aos Magos, que fizessem diligencia pelo Rey nascido, que buscavam, & que tanto que o achassem, lhe fizessem logo aviso, para que tambem elle o fosse adorar: *Ut & ego veniens adorem eum.* Ah hypocrita! Ah traidor! E para tu adorares a Christo, he necessario q̃ vas onde elle estiver: *Ut & ego veniens?* Tanto podia Herodes adorar a Christo desde Ierusalem, onde elle estava, como em Belẽ, ou em qualquer outra parte, onde o Senhor estivesse: mas estas saõ, & esses costumam ser os Herodes. Em Belem & ao perto adoram; desde Ierusalem, & ao longe, nam adoram. Antes de ir, & quando vem, adoraõ. *Ut & ego veniẽs:* mas em quanto estaõ là tam longe, nem adoram, nem tem pensamento de adorar, como Herodes: & se naõ machinam contra o Rey em sua Pessoa, machinam cõtra elle, & suas Leys à custa da vida, & sangue dos innocentes. Bom Daniel, & fiel Ministro de seu Senhor. Estava Daniel em Babilonia, & diz o Texto sagrado, que todos os dias tres vezes abria as janellas, q̃ ficavaõ para a parte de Ierusalem, & postrado de joelhos adorava: *Apertis fenestris in cenaculo suo contra Ierusalem tribus temporibus in die flectebat genua sua, & adorabat.* Dan. 6. 10. De Babilonia naõ se podia ver Ierusalem distante tantos centos de leguas, quantas ha desde o Monte Sion ao Rio Eufrates: pois porque adorava Daniel para a parte de Jerusalem? Porque Ierusalem naquelle tẽpo era a Corte de Deos, o Tem-

Templo o seu Palacio, & o Propiciatorio sobre azas de Cherubins o seu Throno: & essa era a obrigaçam de fiel Ministro: adorar a seu Senhor, & adoralo sempre, & adoralo de toda a parte, ainda que fosse taõ distante como Babilonia. Em Ierusalem adorava Daniel de perto, em Babilonia adorava de longe; isto he o que nota, & encarece a Escritura naõ que adorasse de perto, que isso fazem todos, mas que adorasse de longe, & de tam longe. E porque ao longe ha poucos Danieis, & muitos Herodes; por isso convem, que os q̃ haõ de governar em terras tam remotas, sejam aquelles, que façaõ ao longe o que promettem ao perto.

576 Mas costuma isto ser tanto pelo contrario, que só o veremse tam longe, lhes tira todo o temor do Rey, & toda a reverencia do seu nome. Entràraõ os Magos por Ierusalem perguntando: *Ubi est qui natus est Rex Iudæorum*? E que effeitos causou em Herodes esta voz do nome Real? *Audiens autem Herodes Rex turbatus est*: tanto que ouvio nomear Rey; turbouse, perdeo as cores, & ficou fóra de sy de medo. Assim h avia de ser o nome de Rey, ou pronunciado, ou escrito em qualquer parte da sua Monarchia, por distante que seja. Havia de ser hum trovaõ prenhe de rayos, que fizesse tremer as Cidades, as Fortalezas, os Portos, os Mares, os Montes, quanto mais os Homens. Mas os que se vem àlem da Linha, ou debaixo della, fazem tam pouco caso destas trovoadas, que em vez de tomarem do coraçam de Herodes o *Turbabus est*, tomaõ da boca dos Magos o *Ubi est*. Onde está ElRey? Em Portugal? Pois se elle là está, nòs estamos cá. *Ille se jactet in aula*. Mande elle de là o que mandar, nòs faremos cà o que nos bem estiver. Saõ como aquelles Hereges, que construindo a seu sabór o verso de David, diziaõ: *Cælum cæli Domino, terram autem dedit filijs hominum*. Estejase Deos no seu Cèo, que nòs estamos cà na nossa terra. E que ha de fazer a pobre terra com taes Governadores? O que elles

Matt. 2. 2.

Ib. 3.

Ps. 113. 16

qui-

quizerem, ainda que seja muito contra sy, & muito a seu pesar. Naõ temos o Texto longe.

577 *Turbatus est Herodes, & omnis Ierosolyma cum illo*: perturbouse Herodes, & toda Ierusalem com elle. Perturbarse Herodes Rey intruzo, & tyranno, temendo que o legitimo Senhor o privasse da Coroa, que nam era sua, razam tinha: mas que se perturbe juntamente Ierusalem, quando era a melhor, & mais alegre nova, q̃ podia ouvir? Nam suspirava Ierusalem, & toda Judea pela vinda do Messias? Nam gemia debaixo da violencia de Herodes? Nam dezejava sacudir o jugo, & libertarse de sua tyrannia? Pois porque se perturba, ou mostra perturbada, quando Herodes se perturba? Porque tam despotica, como isto, he a sugeiçaõ dos tristes Povos debaixo do dominio de quem os governa, & mais quando saõ tyrannos. Haõ de fazer o que elles querem, & haõ de querer o q̃ elles fazem, ainda que lhe pese. Dizem, que os que governaõ, saõ espelho da Republica: naõ he assim, senaõ ao contrario. A Republica he o espelho dos que a governaõ. Porque assim como o espelho naõ tem acçaõ propria, & naõ he mais que huma indifferença de vidro, que està sempre exposta a retratar em sy os movimentos de quem tem diante, assim o Povo, ou Republica sugeita, se se move, ou naõ se move, he pelo movimento, ou socego de quem a governa. Se Herodes se naõ perturbàra, naõ se havia de perturbar Ierusalẽ: perturbouse, porque elle se perturbou: *Turbatus est Herodes, & omnis Ierosolyma cum illo.* O perturbado foy hum, & as perturbaçoens foraõ duas: huma em Herodes, & outra em Ierusalem: em Herodes foy acçaõ, em Ierusalem reflexo, como em espelho. Por isso o Evangelista exprimio só a primeira: *Turbatus est*: & debaixo della entendẽo ambas. Assim que todas as vezes que Ierusalem se inquieta, Herodes tem a culpa: & se acaso a naõ tem toda, tem a primeira. *Et omnis Ierosolyma cum illo*; ou com elle, por-

porque elle faz a inquietaçaõ; ou com elle, porque a manda; ou com elle, porque a conſente; ou com elle, porque a diſſimùla; ou cõ elle, quando menos, porque devendo, & podendo, a nam impede; mas ſempre, & de qualquer modo com elle: *Cum illo.* De maneira em fim, que na eleiçaõ deſtes *Elles* conſiſte a paz, o ſocego, & o bom governo das Conquiſtas. E eſte he o primeiro remedio do Evangelho, ou primeiro Evangelho do remedio.

578 O ſegundo remedio he, que as Congregaçoẽs Eccleſiaſticas daquelle Eſtado ſejaõ compoſtas de taes ſugeitos, que ſaybaõ dizer a verdade, & que a queiram dizer. Para Herodes reſpõder à propoſta, & pergunta dos Magos, que fez? *Congregans omnes Principes Sacerdotum, & Scribas Populi ſciſcitabatur ab eis ubi Chriſtus naſceretur.* A propoſta, & pergunta era, em que lugar havia de naſcer o Meſſias, & para iſſo fez huma Congregaçam, ou Junta, em que entràraõ as peſſoas Eccleſiaſticas de mayor authoridade, & letras, que havia em Jeruſalem. Era Herodes tyranno, & com tudo moſtrou eſtas duas grandes partes de Principe, que perguntava, & perguntava a quem havia de perguntar: as materias Eccleſiaſticas aos Eccleſiaſticos, & as das letras aos Letrados, & deſtes aos mayores. Por iſſo compoz a Congregaçaõ de Sacerdotes, & profeſſores de letras; mas naõ de quaeſquer Sacerdotes, nem de quaeſquer Letrados, ſenaõ dos que no Sacerdocia, & na ſciencia, na Synagoga, & no Povo tinham os primeiros lugares: *Congregãs omnes Principes Sacerdotum, & Scribas Populi.* E que ſe ſeguio deſta eleiçaõ de peſſoas tam acertada? Tudo o que ſe pertendia.

Matt. 2. 4.

579 O primeiro effeito, & muito notavel, foy q̃ ſendo tantos, todos concordàraõ. Raramente ſe vè hũa Junta, em que naõ haja diverſidade de pareceres, ainda contra a razaõ, & verdade manifeſta, principalmente quando ſe conhece a inclinaçaõ do Rey, como aqui eſta-

va

va conhecida a de Herodes na sua perturbaçam; & comtudo todos os desta grande lunta concordàraõ na mesma reposta, todos allegàram o mesmo Texto, & todos o entendéraõ no mesmo sentido: *At illi dixerunt ei in Bethelehem Iuda: sic enim scriptum est per Prophetam. Et tu Bethelehem terra Iuda: &c.* E porque todos concordàraõ sem discrepancia; deste primeiro effeito se seguio o segundo, & principalmente pertendido, que era encaminhar os Magos com certeza ao lugar do nascimento de Christo, para que infallivelmente o achassem, & adorassem, como achárão, & adorárão. Tanto importa, que semelhantes Congregaçoens sejão compostas de homens, que tenhão letras. Cuydase cá, que para aquellas partes bastão Ecclesiasticos, que saybão a fórma do Bautismo, & a Doutrina Christaã; & não se repàra, que elles saõ os que nos pulpitos prégão de publico: elles os que absolvem de secreto nos Confissionarios (onde he mayor o perigo:) & que elles por disposição das Leys Reaes saõ os interpretes das mesmas Leys, de que dependem as liberdades de huns, as consciencias de outros, & a salvação de todos. E se estes (como succede, ou póde succeder) naõ tiverem mais letras que as do A. B. C. que conselhos, que resoluçoens, que sentenças hão de sér as suas? Pergunto. Se os Sacerdotes, & Letrados de Ierusalẽ se dividissem em opinioens: se huns dissessem, q̃ o Messias havia de nascer em Belem, outros em Nazareth, outros em Iericó: se huns votassem para Galiléa, outros para Judéa, outros para Samaria, que havião de fazer os Magos? He certo, que neste caso, ou desesperados se haviaõ de tornar para as suas terras, como muitos se tornão, ou que perseverando em buscar a Christo, no meyo de tanta confusaõ o naõ acharião. Huma das principaes causas porq̃ está Christo tão pouco achado, ou porque está tão perdido naquellas Conquistas, he pela insufficiencia dos sugeitos Ecclesiasticos, que lá se mandaõ.

çaõ. Chriſto huma vez que ſe perdèo, achouſe entre os Doutores: E onde eſtes faltaõ, que lhe ha de ſucceder? Entre Doutores achouſe depois de perdido: onde elles faltaõ, perderſeha depois de achado. E iſto he o que vemos. Por iſſo Herodes depois que fez aquella Congregaçaõ de homẽs taõ doutos, logo ſuppoz que os Magos ſem duvida haviaõ de achar a Chriſto: *Et cum inveneritis renuntiate mihi.*

580 Eſte he, como dizia, o ſegundo remedio, que nos deſcobre o Evangelho. E ſe acaſo nos deſcontenta, per ſer praticado de taõ ruim Autor como Herodes (ſem advertir que muitas vezes os màos governaõ taõ bem como os bons, & melhor que os muitos bons) imitemos ao menos o exemplo do noſſo grãde Conquiſtador ElRey Dom Manoel de felicíſſima memoria, tam amplificador do ſeu Imperio, como do de Chriſto, de quem lemos, que o primeiro Sacerdote, que enviou às Conquiſtas, foy ſeu proprio Confeſſor. Naõ fiou a ſalvaçaõ daquellas Almas, ſenaõ de quem fiava a propria conſciencia; porque ſabia, que eſtava igualmente obrigado em conſciencia a tratar dellas, & dos meyos proporcionados à ſua ſalvaçaõ. Mas paraque he recorrer a exemplos meramente humanos, onde temos preſente o do meſmo Rey, & Salvador do univerſo. No tempo do naſcimento de Chriſto dividioſe o mundo em duas Naçoens, em que ſe comprehendiaõ todas, a Judaica, & a Gentilica: & para o Senhor fundar em ambas a nova Igreja Chriſtaã, que vinha edificar, & propagar, bẽ ſabemos quaes foraõ os ſugeitos, que eſcolhèo. Aos Paſtores, que eraõ Iudèos, mandou hum Anjo: aos Magos, que eraõ Gentios, mandou huma Eſtrella. E porque Eſtrellas, & Anjos entre todas as criaturas? Porque as Eſtrellas ſaõ luz, & os Anjos ſaõ eſpiritos. Quem nam tem luz, nam pòde guiar: quem nam tem eſpirito, nam pòde converter. E nòs queremos converter o mundo ſem Anjos, & com trevas. Notou muito bem aqui a

Gloſſa

Gloſſa, que aſſim o Anjo, como a Eſtrella foraõ Miſſionarios trazidos do Ceo: & de là era bem que vieſſem todos: mas jà que os naõ podemos trazer do Ceo, como Chriſto, porque naõ mandaremos os melhores, ou menos màos da terra.

581 O terceiro, & ultimo remedio, & que ſendo hum abraça muitos, he que todos os que forem neceſſarios para a boa adminiſtraçaõ, & cultura daquellas Almas, ſe lhe devem naõ ſò cõceder, mas applicar effectivamẽte, ſem os meſmos Gẽtios, ou novamente Chriſtãos (nem outrem por elles) o pedirem, ou procurarem. Diz com advertencia, & myſterio particular o noſſo Texto, que eſtando os Magos dormindo, ſe lhe deu a repoſta do q̃ haviaõ de fazer, para ſe livrarem das maõs de Herodes: *Et reſponſo accepto* 12. *in ſomnis, ne redirent ad Herodem.* Na palavra *reſponſo accepto* reparo muito. Os Magos em Belem perguntàram alguma couſa? Pediraõ alguma couſa? Fallàraõ algũa couſa? Ao menos no ponto particular de Herodes, ſobre que foraõ reſpondidos, he certo que nem huma ſó palavra diſſeraõ. Pois ſe naõ fallàraõ, ſe naõ pediraõ, ſe naõ propuzeraõ, ou perguntàraõ; como ſe diz que foram reſpondidos: *Reſponſo accepto*? Eſſe he o myſterio, & o documento admiravel de Chriſto a todos os Reys, que trazem Gentios à Fè. Os Magos eraõ Gẽtios; ou Chriſtãos novamẽte convertidos da Gentilidade: & os Gentios, ou Chriſtaõs novamente convertidos onde ha Fè, razam, & juſtiça, haõ de ſer reſpondidos, ſem elles fallarem, haõ de ſer deſpachados, ſem elles requererem, haõ de ſer remediados, ſem elles pedirem. Nam ha de haver petiçam, & ha de haver deſpacho: nam ha de haver requerimento, & ha de haver remedio: nam ha de haver propoſta, & ha de haver repoſta: *Reſponſo accepto.*

582 Sim: mas ſe elles nam requerem, quem ha de requerer por elles? Muito bom procurador: quem requeréo neſte caſo. Sam Jeronymo diz, que o Autor da repoſta foy o meſmo Chriſto

por sua propria Pessoa: Santo Agustinho diz, que foy por mediaçam, & ministerio de Anjos: & tudo foy. Foy Christo como verdadeiro Rey, & foraõ os Anjos como verdadeiros Ministros. Nos outros casos, & com os outros vassallos, os Reys, & os Ministros saõ os requeridos: neste caso, & com esta gente os Reys, & os Ministros haõ de ser os requerentes. Elles saõ os que lhe haõ de requerer a Fè, elles os que lhe haõ de requerer a liberdade, elles os que lhe haõ de requerer a justiça, elles finalmente os que lhe haõ de requerer, negociar, & fazer effectivo tudo quanto importar à sua conversaõ, quietaçam, & segurança, sem que aos mesmos Gentios, ou antes, ou depois de convertidos lhe custe o menor cuidado. Que cuidavaõ, ou que faziaõ os Magos, quando foram respondidos? He circunstancia muito digna de q̃ a considerem, os que tem a seu cargo este encargo. *Et responso accepto in somnis.* Os Magos estavaõ dormindo; bem ignorantes do seu perigo, & bem descuidados do seu remedio, & no mesmo tempo o bem Rey, & os bõs Ministros estavaõ traçando, & dispondo os meyos, nam só da salvaçam de suas Almas, senaõ da conservaçam, descanço, & segurãça de suas vidas.

583 E se alguem me perguntar a razaõ desta differença, & da mayor obrigaçaõ deste cuidado acerca dos Gentios, & novos Christãos das Conquistas em respeito ainda dos mesmos vassallos Portuguezes, & naturaes; muito me espanto, que haja quem a ignore. A razaõ he: porque o Reyno de Portugal, em quãto Reyno, & em quanto Monarchia, està obrigado, nam só de charidade, mas de justiça, a procurar effectivamẽte a conversaõ, & salvaçam dos Gentios, à qual muitos delles por sua incapacidade, & ignorancia invencivel naõ estaõ obrigados. Tem esta obrigaçam Portugal, em quanto Reyno; porque este foy o fim particular, para q̃ Christo o fundou, & instituio, como cõsta da mesma Instituiçaõ. E tem esta

esta obrigaçam em quanto Monarchia, porque este foy o intento, & contrato, cõ que os Summos Pontifices lhe concedèram o direito das Conquistas, como consta de tantas Bullas Apostolicas. E como o fundamento, & baze do Reyno de Portugal por ambos os titulos he a propagaçaõ da Fè, & conversaõ das Almas dos Gentios, nam só perderaõ infallivelmente as suas todos aquelles, sobre que carrega esta obrigaçam, se se descuidarem, ou nam cuidarem muito della; mas o mesmo Reyno, & Monarchia tirada, & perdida a baze, sobre que foy fundado, farà naquella Conquista a ruina, que em tantas outras partes tem experimẽtado; & nolo tirarà o mesmo Senhor, que nolo deu, como a màos colonos: *Auferetur à vobis Regnũ Dei; & dabitur genti facienti fructus ejus.*

584 Mas para que he fallar, nem trazer à memoria Reyno, quando se trata do remedio de tantos milhares de Almas, cada huma das quaes peza mais que todo o Reyno. Tomemos o exemplo naquelle Rey, que hoje chamou os Reys, & naquelle Pastor, que hontem chamou os Pastores. Fallando Isaias de Christo como Rey, diz que trazia o seu Imperio ao hombro: *Cujus imperium super humerum ejus*: & fallando Sam Lucas do mesmo Christo como Pastor, diz que foy buscar a ovelha perdida sobre os hombros: *Imponit in humeros suos gaudens.* Pois num Imperio sobre hũ hombro, & huma ovelha sobre ambos os hombros? Sim. Porque ha mister mais hombros huma ovelha, que hum Imperio. Nam peza tanto hum Imperio como hũa ovelha. Para o Imperio basta meyo Rey: para huma ovelha he necessario todo. E que pezando tanto huma só ovelha, que pezando tanto hũa só Alma, haja consciencias Ecclesiasticas, & seculares, q̃ tomem sobre seus hombros o pezo da perdiçam de tantas mil? Venturoso Herodes, ou menos desventurado, que jà de hoje em diante naõ serás tu o exemplo dos crueis? Que importa, q̃ tirasse a vida Herodes a tantos innocẽ-

Isai. 9. 6.

Luc. 15. 5.

tes, se lhe salvou as Almas? Os crueis & os tyrannos saõ aquelles, por cuja culpa se estam indo ao Inferno tantas outras: & se hum momento se dilatar o remedio das demais, là iràm todas. No Ceo vio S. Joam, que estavam as Almas dos innocẽtes pedindo a Deos vingança do seu sangue: *Usquequò Domine, non vindicas sanguinem nostrum?* E se Almas, que estaõ no Ceo vendo, & gozando a Deos, pedem vingança; tantas Almas, que estaõ ardendo no Inferno, & arderàm por toda a Eternidade, que brados daràm a Deos? As Almas tambem tem sangue, que he o que Christo derramou por ellas: & que brados darà à Justiça Divina este Divino Sangue, quando tam ouvidos foram os do sangue de Abel?

Apoc. 6. 10.

§. VIII.

585 Nos ecos destes mesmos brados queria eu ficasse suspensa a minha Oraçam; mas nam he bem, que ella acabe em brados, & clamores, quando o Evangelho nos mostra o Ceo tam propicio, que se ouvem na terra os silencios. Assim lhe aconteceo aos Magos, & assim espero eu me succeda a mim, pois sou tam venturoso como elles foram, que no fim da sua viagem acharaõ muito mais do que esperavam. Buscavam o Rey nascido: *Ubi est qui natus est Rex*: & *Mat* achàram o Rey nascido, & a 2. 11
Rainha Mãy: *Invenerũt Puerum cum Maria Matre ejus.* E como a Soberana Mãy era a voz do Rey na sua minoridade, & a volta, que os Magos fizeraõ para as suas terras, correo por conta da mesma Senhora; foy esta Missaõ, que tomou por sua, taõ bem instruida, tam bem fundada, & tam glorioſa em tudo, que della, & das que della se foram propagando, disse Salamaõ nos seus Canticos: *Emissiones tuæ Paradisus.* Atè- *Cant.* 4. 13
gora, Senhora, porque as Missoens se nam fizeram em nome, & debaixo da Real protecçaõ de vossa Magestade, os tormentos de pena, & dano, q̃ aquellas Almas padecèraõ, se podiam chamar Missoens do Inferno; agora

as

as meſmas Miſſoens, por ſerem de Voſſa Mageſtade, ſeràm Paraiſo : *Emiſſiones tuæ Paradiſus.* Aſſim o ficaõ eſperando da Real piedade, juſtiça, & grandeza de Voſſa Mageſtade, aquellas taõ perſeguidas ; & deſemparadas Almas, & aſſim o confiam, & tem por certo os que tendoſe deſterrado da patria por amor dellas, padecem hoje na patria tam indigno deſterro. E para acabar como comecey com a ultima clauſula do Evangelho ; o que elle finalmente diz, he, que os Magos tornàraõ para a ſua terra por outro caminho : *Per aliam viam reverſi ſunt in regionem ſuam.* A terra foy a meſma, mas o caminho diverſo : & iſto he o que ſó dezejam, os que nam tem por ſua outra terra, mais que as daquella Gentilidade, a cuja converſaõ, & doutrina por meyo de tantos trabalhos tem ſacrificado a vida. Voltar para as meſmas terras, ſim ; que o cõtrario ſeria inconſtãcia ; mas em fórma, que o caminho ſeja tam diverſo, que triunfe, & ſeja ſervido Chriſto, & nam Herodes. Se os Magos voltaſſem pelo meſmo caminho, triunfaria o tyranno, perigaria Chriſto, & os Magos quando eſcapaſſem, nam fariaõ o fruto, que fizeram nas meſmas terras, convertẽdoas, como as convertéram todas à Fè, & obediencia do Rey, que vieraõ adorar, & de cujos pès nam levàraõ, nem quizeram outro deſpacho. Tudo iſto ſe conſeguio entam felizmente, & ſe conſeguirà tambem agora com a meſma felicidade, ſe o Oraculo for o meſmo. Mande o ſoberano Oraculo, que tornem para a meſma Regiam : & mande efficazmente, que ſeja outro o caminho. *Per aliam viam reverſi ſunt in regionem ſuam.*

FINIS.

INDICE

Dos Lugares da Sagrada Escritura.

Os Numeros significaõ as Paginas.

Ex Lib. Genes.

Cap. 1. 2. IN principio creavit Deus Cœlum, & terram: terra autem erat inanis, & vacua. 412 496.

1. 2. *Et tenebræ erant super faciem abyssi* 336 499.

16. *Luminare majus, ut præesset diei.* 471.

Cap. 2. 20. *Adæ vero non inveniebatur adjutor similis ejus.* 431.

Cap. 3 1. *Nequaquam moriemini, eritis sicut Dij.* 299.

1. *Cur præcepit vobis Deus, ne comederetis de omni ligno Paradisi.* 299. 307.

6. *Pulchrum oculis, aspectuque delectabile.* 414.

8 *Eritis.* 136

12. *Mulier quam dedisti mihi.* 10.

16. *Sub viri potestate eris.* 468.

Cap 9. 25. *Maledictus Chanaan, servus servorum erit fratribus suis.* 466.

Cap. 12. 1. *Veni in terram, quam monstravero tibi.* 206.

Cap. 14. 18. *Melchisedech proferens panem, & vinum, erat enim Sacerdos Dei Altissimi.* 354.

Cap. 15. 16. *Necdum enim completæ sunt iniquitates Amorrhæorum usque ad præsens tempus.* 27.

Cap. 22. 2. *Tolle filium tuum, quem diligis Isaac, & offeres eum in holocaustum.* 365.

6. *Ipse vero portabat in manibus ignem, & gladium.* 260.

12. *Nunc cognovi quod timeas Deũ, & non pepercisti unigenito filio tuo propter me.* 260. 365.

13. *Arietem inter vepres hærentem cornibus, quem assumens obtulit holocaustum pro filio* 366.

Cap. 25. 28. *Rebecca diligebat Jacob.* 362.

Maior serviet minori. 468.

Cap. 27. 36. *Supplantavit enim me en altera vice.* 485.

Cap. 28. 17. *Terribilis est locus iste.* 323.

Cap. 32. 25. *Cum videret quod eum superare non posset.* 392.
28. *Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines prævalebis?* 392.
Cap. 39. 7. *Injecit oculos in Joseph.* 100.
17. *Ingressus est servus Hebræus, quem adduxisti, ut illuderet mihi.* 100.
Cap. 47. 9. *Dies peregrinationis meæ parvi, & mali.* 438.
Cap. 49. 5. 6. 7. *Simeon, & Levi fratres vasa iniquitatis bellantia, in consilium eorum non veniat anima mea, & in cætu eorum non sit gloria mea, quia in furore suo occiderunt virum, & in voluntate sua suffoderunt murum. Maledictus furor eorum quia pertinax, & indignatio eorum quia dura.* 219.
8. *Juda te laudabũt fratres tui.* 233.
18. *Salutare tuum expectabo.* 328.
26 *Donec veniret desiderium colliũ æternorum.* 328.

Ex Lib. Exod.

Cap. 1. 8. *Surrexit Rex novus, qui ignorabat Joseph.* 489.
Cap. 3. 6. *Ego sum Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob.* 488.
14. *Ego sum qui sum.* 215. 293.
Cap. 4. 13. *Mitte quem missurus es.* 64.
Cap. 28. 24. *Facies in rationali catenas sibi invicem coharentes ex auro purissimo, catenasque aureas junges annulis, qui sunt in marginibus ejus.* 118.
36. *Sanctum Domino.* 138.
Cap. 32. 32. *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo.* 281.
32. *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo, quem scripsisti.* 479.

Ex Lib. Levit.

Cap. 11. 45. *Sancti eritis, quia ego sanctus sum.* 136.

Ex Lib. Num.

Cap. 11. 15. *Sin aliter tibi videtur, obsecro, ut interficias me.* 481.
Cap. 12. 3. *Erat enim Moyses vir mitissimus super omnes homines, qui morabantur in terra.* 480.
Cap. 13. 10. *Moriatur anima mea, morte justorum.* 265.
Cap. 24. 17. *Orietur stella ex Jacob.* 513.

Ex Lib. Deuter.

Cap. 30. 11. *Mandatum hoc non supra te est, neque procul positum.* 176.
12. *In Cælo situm.* 176.
13. *Trans mare positum.* 176.
14. *Sed juxta te est, sermo valde in corde tuo.* 176.
Cap. 34. 6. *Non cognovit homo sepulchrum ejus.* 454.

Ex Lib Josuè.

Cap. 10. 14. *Non fuit antea, nec postea tam longa dies.* 358.

Ex Lib. Judic.

Cap. 16. 20. *Dixit in animo suo, egrediar sicut ante feci, & me excutiam, nesciens quod recessisset ab eo Dominus.* 40.

Ex Lib. 1. Reg.

Cap. 8. 7. *Non te abjecerunt, sed me, ne regnem super eos.* 481.
Cap. 15. 24. *Peccavi.* 23.
Cap. 16. 7. *Homo videt ea, qua parent, Domi-*

Dominus autem intuetur cor. 485.

Cap. 17. 49. *Circunducens percussit Philistæum, & infixus est lapis in fronte ejus.* 127.

Cap. 18. 1. *Anima Ionathæ conglutinata est animæ David.* 84.

Cap. 21. 13. *Ferebatur in manibus suis.* 467.

Cap. 24. 18. *Tu enim tribuisti mihi bona: ego autem reddidi tibi mala.* 217.

19. *Et tu indicasti hodie, quæ feceris mihi bona, quomodo tradiderit me Dominus in manum tuam, & non occideris me.* 217.

20. *Quis enim cum invenerit inimicum suum, dimittit eum in via bona?* 217.

20. *Sed Dominus reddat tibi vicissitudinem hanc pro eo quod hodie operatus es in me.* 218.

21. *Nunc scio quod certissimè regnaturus sis, & habiturus in manu tua Regnum Israel.* 217.

22. *Iura mihi ne deleas semen meum post me, neque auferas nomen meum de domo patris mei.* 217.

Ex Lib. 2. Reg.

Cap. 12. 13. *Peccavi: Dominus quoque transtulit peccatum tuum* 23. 174.

Cap. 23. 15 *Desideravit ergo David, & ait: O si quis mihi daret potum aquæ de cisterna, quæ est in Bethlehem.* 56.

Ex Lib. 3. Reg.

Cap. 3. 25. *Dividite infantem vivum.* 367.

Cap. 6. 17. *Panem, & carnes mane, panem, & carnes vespere.* 120.

Cap. 10. 7, 8. *Non credebam narrantibus mihi, donec ipsa veni, & vidi oculis meis, & probavi, quod media pars mihi nuntiata non fuerit: maior est sapientia, & opera tua, quam rumor, quem audivi: beati viri tui, & beati servi tui, qui stant coram te semper.* 205.

14 *Pondus auri quod afferebatur Salomoni per annos singulos sexcentorum sexaginta sex talentorum auri.* 419.

27. *Fecitque ut tanta esset abundantia argenti in Ierusalem, quanta & lapidum.* 419.

Cap. 17. 1. *Vivit Dominus, si erit annis his ros, & pluvia nisi juxta oris mei verba.* 120.

Cap. 21. 29 *Nonne vidisti humiliatum Achab?* 335.

Ex Lib. 4. Reg.

Cap. 2. 3. *Numquid nosti quia hodie Dominus tollet Dominum tuum à te.* 374.

Cap. 17 33 *Et cum Dominum colerent, Dijs quoque suis serviebant juxta consuetudinem Gentium, de quibus translati fuerant Samariam.* 539.

Ex Lib. 1 Paralip.

Cap. 3. 7 *ex* text. Hebræo. *Aurum erat Paruaim.* 418.

Ex Lib. 2 Esd.

Cap. 2. *Una manu faciebat opus, & altera tenebat gladium.* 523.

Ex Lib. Job.

Cap. 3. 3. 9. *Pereat nox, in qua dictum est, conceptus est homo: expectet lucem, & non videat, nec ortum surgentis auroræ.* 400.

22. *Effodientes thesaurum gaudent vehementer cum invenerint sepulchrum.* 433.

Cap.

Cap.14. 1. 2. *Homo natus de muliere : numquam in eodem ſtatu permanet.* 181.
5. *Conſtituiſti terminos ejus, qui prateriri non poterunt.* 33.
Cap. 17. 1. *Dies mei breviabuntur, & ſolum mihi ſupereſt ſepulchrum.* 438.
12. *Noctem verterunt in diem* 472.
Cap. 29. 18. *In nidulo meo moriar, & ſicut Phœnix multiplicabo dies meos.* 449.
Cap. 31. 1. *Pepegi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem de virgine.* 302.
31 *Quis det de carnibus ejus, ut ſaturemur* 535.
Cap. 38. 7. *Cum me laudarent aſtra matutina* 515.

Ex Lib. Pſalm.

Pſalm. 2. 10. *Ecce nunc reges intelligite, eruditmini qui judicatis terram: ſervite Domino in timore, & exultate ei cum tremore : ne quando iraſcatur Dominus, & pereatis de via juſta* 215.
Pſal. 7 5. *Si reddidi retribuentibus mihi mala.* 216.
5. *Si reddidi retribuentibus mihi mala : decidam merito ab inimicis meis inanis.* 216. 225.
7 8. *Exurge Domine in ira tua : exurge in præcepto quod mandaſti, & ſynagoga populorum circundabit te.* 6
12. *Deus judex juſtus, fortis, & patiens, numquid iraſcitur per ſingulos dies ?* 7.
15. *Ecce parturijt juſtitiam : concepit dolorem, & peperit iniquitatem.* 15.
Pſalm. 8. 6. *Minuiſti eum paullo minus ab Angelis.* 325.
7. 8. *Gloria, & honore coronaſti eum, & conſtituiſti eum ſuper opera manuum tuarum : omnia ſubjeciſti ſub pedibus ejus, oves, & boves, inſuper & pecora campi : volucres cœli, & piſces maris.* 326.
Pſal 11. 2. *Salvum me fac Domine quoniam defecit ſanctus : quoniam diminuta ſunt veritates à filijs hominum.* 239.
Pſal. 13 4 *Qui devorant plebem meam ſicut eſcam panis.* 535.
Pſal. 16. 14. *De abſconditis tuis adimpletus eſt venter eorum.* 404.
15. *Satiabor cum apparuerit gloria tua.* 74.
Pſal. 17. 38. 39. *Perſequar inimicos meos, & comprehendam illos, & non convertar, donec deficiant : confringam illos, nec poterunt ſtare, cadent ſubtus pedes meos* 214.
12. *Tenebroſa aqua in nubibus aeris.* 311.
Pſal. 18. 3. *Dies diei eructat verbum, & nox nocti indicat ſcientiam.* 356. 319.
7. *Exultavit ut gigas ad curredam viam.* 320.
8. *A ſummo cælo egreſſio ejus : & occurſus ejus uſque ad ſummum ejus.* 320.
Pſal 21. 7. *Ego ſum vermis, & non homo opprobrium hominum, & abjectio plebis.* 336.
Pſal. 26 6 *Circuivi, & immolavi hoſtiam vociferationis.* 71.
Pſal. 34. 12. *Retribuebant mihi mala pro bonis.* 2.6.

Pſalm.

Psalm. 35. 9. *Torrente voluptatis tuæ potabis eos.* 198.
Psal. 38. 6. *Ecce mensurabiles posuisti dies meos.* 32.
6. *Avertantur statim erubescentes, qui dicunt mihi, euge, euge.* 244.
Psal. 39. 8. 9. *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam: Deus meus volui, & legem tuam in medio cordis mei.* 360.
Psal. 41. 11. *Ubi est Deus tuus?* 67.
3. *Sitivit anima mea ad Deum fortem vivum.* 74.
3. *Quando veniam, & apparebo ante faciem Dei.* 74.
8. *Abyssus abyssum invocat.* 335.
Psal. 43. 5. *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus, qui mandas salutes Iacob.* 481.
Psal. 48. 11. *Cum videris sapientes morientes, simul insipiens, & stultus peribunt.* 447.
Psal. 50 6. *Tibi soli peccavi.* 238.
3. *Secundum multitudinem miserationum tuarum.* 10.
9. *Asperges me hyssopo, & mundabor: lavabis me, & super nivem dealbabor.* 533.
12. *Cor mundum crea in me Deus.* 174.
Psal 51. 4. *Tota die iniquitatem cogitavit lingua tua.* 299.
6. *Verba præcipitationis.* 300.
Psal. 53. 7. *Averte mala inimicis meis, & in voluntate tua disperde illos.* 214.
Psal. 61. 12. *Semel locutus est Deus, duo hæc audivi.* 13.
13. *Duo hæc audivi, quia potestas Dei est, & tibi Domine misericordia: quia tu reddes unicuique juxta opera sua* 13.
Psal. 65. 3. *In multitudine virtutis tuæ mentientur tibi inimici tui* 292.
10. 11. 12. *Quoniam probasti nos Deus: igne nos examinasti, sicut examinatur argentum. Induxisti nos in laqueum posuisti tribulationes in dorso nostro: imposuisti homines supra capita nostra.* 463.
Psal. 67. 18. *Currus Dei decem millibus multiplex.* 58.
19. *Ascendisti in alium, accepisti dona in heminibus.* 384.
31. *Ut excludant eos, qui probati sunt argento.* 414.
Psal. 69. 4. *Avertantur retrosum, & erubescant qui volunt mihi mala.* 244.
Psal. 70. 16. *Domine memorabor justitiæ tuæ solius.* 14.
Psal. 71. 6. *Descendet sicut pluvia in vellus, & sicut stillicidia stillantia super terram.* 352.
8. *Dominabitur à mari usque ad mare, & à flumine usque ad terminos orbis terrarum.* 504.
11. *Adorabunt eum omnes Reges terræ, omnes gentes servient ei.* 493.
Psal. 72. 8. *Cogitaverunt, & locuti sunt iniquitatem.* 300.
Psal. 76. 6 *Cogitavi dies antiquos, & annos æternos in mente habui.* 65.
Psal. 84. 8. *Ostende nobis Domine misericordiam tuam, & salutare tuum da nobis.* 64.
12. *Veritas de terra orta est, & justitia de Cælo prospexit, & terra nostra dabit fructum suum.* 297.
Psal. 85. 13. *Eruisti animam meam ex In-*

Inferno inferiori. 430.
9. *Omnes gentes quascunque feciſti, venient, & adorabunt coram te Domine.* 493.
13. *Quia miſericordia tua magna eſt ſuper me, & eruiſti animam meam ex Inferno inferiori.* 430.
Pſ. 88. 36. *Semel juravi in ſancto meo, ſi David mentiar, ſemen ipſius in æternum manebit* 139.
Pſal 98. 8. *Tollite hoſtias.* 21.
Pſal. 100. 8. *In matutino inter ſiciebam omnes peccatores terræ.* 5.
Pſal. 104. 37. *Et non erat in tribubus eorum infirmus.* 479.
Pſal. 109 4. *Ex utero ante luciferum genui te.* 55
Pſal. 110. 4 *Miſericors, & miſerator.* 10.
Pſal. 112. 5. *Quis ſicut Dominus Deus noſter, qui in altis habitat, & humilia reſpicit in Cælo, & in terra.* 339.
Pſal. 113. 5. *Quid eſt tibi mare, quòd fugiſti, & tu Iordanis, quia converſus es retrorſum?* 503.
16. *Cælum cæli Domino.* 203. 540.
16 *Cælum cæli Domino, terra autem dedit filijs hominum.* 324.
Pſal. 114. 4 *O Domine libera animam meam.* 74.
5. *Miſericors Dominus, & juſtus.* 14.
Pſal. 115. 10. *Credidi propter quod locutus ſum, ego autem humiliatus ſum nimis.* 182.
12. 13 *Quid retribuam Domino pro omnibus quæ retribuit mihi: calicem ſalutaris accipiam, & nomen Domini invocabo.* 184.
11. *Ego dixi in exceſſu meo, omnis homo mendax* 181.
Pſal 117. 25. *O Domine ſalvum me fac, o Domine bene proſperare* 74.
Pſal. 118. 53. *Defectio tenuit me pro peccatoris derelinquentibus legem tuam.* 5.
61. *Funes peccatorum circumplexi ſunt me.* 40.
144. *Intellectum da mihi, & vivam.* 444.
173. *Mandata tua elegi.* 455.
Pſal. 119. 5 *Heu mihi quia incolatus meus prolongatus eſt.* 75.
Pſal. 131. 8. *Surge Domine in requiem tuam, tu, & arca ſanctificationis tuæ.* 436.
Pſal. 138 22. *Perfecto odio oderam illos, & inimici facti ſunt mihi.* 97.
Pſal. 145. 3. *Nolite confidere in Principibus, in quibus non eſt ſalus.* 487.
Pſal. 148. 3. *Laudate eum omnes ſtellæ, & lumen* 515.

Ex Lib. Proverb.

Cap. 2. 4. *Si quæſieris eam quaſi pecuniam, & ſicut theſauros effoderis illam, tunc intelliges timorem Domini, & ſcientiam Dei invenies.* 433.
Cap. 8. 15. *Per me Reges regnant.* 215.
17. *Ego diligentes me diligo* 103.
31. *Deliciæ meæ eſſe cum filijs hominum.* 340.
Cap 29. 5. *Homo qui blandis, fictisque ſermonibus loquitur amico ſuo, rete expandit greſſibus ejus.* 233.
Cap. 30. 28. *Stellio manibus nititur, & moratur in ædibus Regũ.* 232.

Ex Lib. Eccleſ.

Cap. 3 27. *Qui amat periculum, in illo peribit.* 276.

Cap.

ap. 5. 4. *Peccavi, & quid mihi accidit triste?* 8.
. 6. *Ne adjicias peccatum super peccatum, & ne dicas, miseratio Domini magna est, multitudinis peccatorum meorum miserebitur.* 12. *Misericordia enim, & ira ab illo cito proximant.* 12.
5. *De propitiato peccato noli esse sine metu.* 41.
ap. 7. 40. *Memorare novissima tua, & in æternum non peccabis.* 40.
ap. 10. 7. *Vidi servos in equis, & Principes ambulantes super terram.* 466.
p. 14. 15. *In habitatione sancta coram ipso ministravi, & in civitate sanctificata similiter requievi.* 145.
p. 16. *In plenitudine sanctorum detentio mea.* 145.
p. 24. 8. *Gyrum cæli circuivi sola.* 52.
2. *Tunc præcepit, & dixit mihi creator omnium, & qui creavit me requievit in tabernaculo meo, & dixi mihi in Israel, hæreditare.* 145.
4. *Mater pulchræ dilectionis.* 321.
p 31. 8. 10. *Qui post aurum non abijt, probatus est in illo.* 414.
ap. 34. 2. *Visa mendacia.* 203.
ap. 47. 3. *Cum leonibus lusi quasi cum agnis.* 476.

Ex Lib. Cantic.

ap. 1. 5. *Posuerunt me custodem in vineis, vineam meam non custodivi.* 124.
5. *Filiæ Jerusalem, nolite considerare quòd fusca sim, quia decoloravit me Sol.* 533.
Cap. 2 4. *Ordinavit in me charitatem.* 89.
8. *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles.* 63.
12. *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit,* 440.
16. *Dilectus meus mihi, & ego illi.* 82.
Cap. 3. 6. *Quæ est ista, quæ progreditur, terribilis ut castrorum acies ordinata.* 436.
9. 10. *Ferculum fecit sibi Rex Salomon de lignis Libani, columnas ejus fecit argenteas, reclinatorium aureum, ascensum purpureum, media charitate constravit.* 211.
10. *Reclinatorium aureum, ascensum purpureum.* 473.
Cap. 4. 13. *Emissiones tuæ Paradisus.* 548.
Cap. 5. 2. *Ego dormio, & cor meum vigilat.* 60. 473.
16. *Dilectus meus mihi totus desiderabilis, dilectus meus totus desideria.* 62.
Cap. 7. 1. *Choros castrorum.* 303.
Cap. 8. 1. *Quis mihi det te fratrem meum, ut inveniam te foris.* 67.
6. *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut Infernus æmulatio.* 102.

Ex Lib. Sap.

Cap. 5. 17. *Accipient Regnum decoris, & Diadema speciei de manu Domini.* 198.
Cap. 6. 6. *Judicium durissimum his qui præsunt, fiet.* 474.
Cap. 7. 26. *Candor est enim lucis æternæ.* 188.

Cap.

Cap. 10. 10. *Oſtendit illi Regnum Dei, & dedit illi ſcientiam ſanctorum.* 142.

14. *In vinculis non dereliquit eum, donec afferret illi ſceptrum Regni.* 113.

Cap. 18. 14. *Cum quietum ſilentium contineret omnia, & nox in ſuo curſu medium iter haberet.* 319.

Ex Proph. Iſai.

Cap. 1. 4. *Blaſphemaverunt ſanctum Iſrael.* 138.

22. *Argentum tuum verſum eſt in ſcoriam.* 417.

Cap. 2. 7. *Repleta eſt terra argento, & auro, & non eſt finis theſaurorum ejus.* 421.

8. *Et repleta eſt terra ejus, & innumerabiles quadrigæ ejus, & repleta eſt terra ejus idolis, opus manuum ſuarum adoraverunt.* 421.

19. 20. *Introibunt in ſpeluncas petrarum, & in voragines terræ, projiciet homo idola argenti ſui, & ſimulachra auri ſui, quæ fecerat ſibi, ut adoraret talpas, & veſpertiliones.* 408.

Cap. 5. 5. 6. *Et nunc oſtendam vobis quid faciam vineæ meæ, auferam ſepem ejus, & erit in direptionem, diruam maceriem ejus, & erit in conculcationem, & ponam eam deſertam: non putabitur, & non fodietur: & aſcendent vepres, & ſpinæ, & nubibus mandabo ne pluant ſuper eam imbrem.* 39.

19. *Veniat conſilium ſancti Iſrael.* 138.

Cap. 6. 2 3. *Seraphim ſtabant, & clamabant alter ad alterum, Sanctus, Sanctus, Sanctus.* 148.

Cap. 7. 14. *Ecce virgo concipiet, & pariet filium, & vocabitur nomen ejus Emmanuel.* 50. 338.

Cap. 9. 3. *Lætabuntur coram te ſicut qui lætantur in meſſe, ſicut exultant victores capta præda, quando dividunt ſpolia.* 199.

6. *Cujus imperium ſuper humerum ejus.* 547.

Cap. 17. 7. *Ad ſanctum Iſrael reſpicient.* 136.

Cap. 25. 1. 6. *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium, pinguia medullatorum.* 98.

Cap. 28. 14. 15. *Audite verbum Domini viri illuſores, dixiſtis enim, percuſſimus fœdus cum morte, & cum Inferno fecimus pactum.* 16.

Cap. 37. 4. *Si quomodo audiat Deus tuus verba Rabſacis, quem miſit Rex Aſſyriorum ad blaſphemandum Deum viventem, & exprobrandum ſermonibus, quos audivit Dominus Deus tuus.* 373.

Cap. 38. 8. *Et reverſus eſt Sol decem lineis per gradus, quos deſcenderat.* 327.

Cap. 39. 6. 7 *Ecce dies veniunt, & auferentur omnia, quæ in domo tua ſunt, & quæ theſaurizaverunt patres tui uſque in diem hanc in Babylone: non relinquetur quidquam dicit Dominus, & de filiis qui exibunt de te, quos genueris, tollent, & erunt eunuchi in Palatio Regis Babylonis.* 403.

Cap. 41. 16. *In ſancto Iſrael lætaberis.* 138.

Cap. 43. 5. *Ab Oriente adducam ſemen tuum:*

tuum : *& ab Occidente congregabo te.* 494.
ap. 45. 3. *Portas æreas conteram, & vectes ferreos confringam, & dabo tibi thesauros absconditos, & arcana secretorum.* 425.
8. *Rorate cæli desuper, & nubes pluant justum, aperiatur terra, & germinet Salvatorem.* 64. 426. 352.
15. *Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator.* 426.
ap. 53. 1. *Quis credidit auditui nostro.* 361.
6. *Posuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrorum.* 361.
7. *Oblatus est, quia ipse voluit.* 456.
8. *Generationem ejus quis enarrabit?* 361.
11. *Pro eo quod laboravit anima ejus, justificabit ipse justus servus meus multos.* 361.
ap. 55. 7. *Multus ad ignoscendum.* 10.
p. 60. 2. 3. *Quia ecce tenebræ operient terram, & caligo populos, super te autem orietur Dominus, & gloria ejus in te videbitur, & ambulabunt gentes in lumine tuo, & Reges in splendore ortus tui.* 500.
6. *Dromedarij Madian, & Epha: omnes de Sabba venient, aurum, & thus deferentes.* 517.
p. 64. 4. *A sæculo non audierunt, neque auribus perceperunt quæ præparasti diligentibus te.* 195.
p. 65. 17. *Ecce ego creo cœlos novos, & terram novam.* 494.
3. *Quia ecce creo Jerusalem exultationem, & populum ejus gaudium.* 497.

Ex Prophet. Jerem.

Cap. 7. 4. *Nolite confidere in verbis mendacij, dicentes, templum Domini, templum Domini, templum Domini est.* 23.
Cap. 15. 12. *Numquid fœderabitur ferrum ferro ab Aquilone, & as?* 402.
Cap. 31. 22. *Creavit Dominus novum super terram: fœmina circumdabit virum.* 49.

Ex Proph. Ezech.

Cap. 1. 7. *Et planta pedis eorum, quasi planta pedis vituli.* 516.
10. *Facies hominis.* 237.
16. *Rota in medio rotæ.* 57.
Cap. 28. 14. 15. *Tu Cherub extentus, & protegens, & posui te in monte sancto Dei, in medio lapidum ignitorum ambulasti perfectus in vijs tuis à die conditionis tuæ, donec inventa est iniquitas in te.* 149.
Cap. 38. 11. *Ad terram quæ reversa est à gladio: ad quiescentes, habitantesque secure.* 402.
11. *Ascendam ad terram absque muro: vectes, & portæ non sunt eis.* 402.
13. *Ecce ad diripiendam prædam cõgregasti multitudinem tuam, ut tollas argentum, & aurum.* 402.

Ex Proph. Dan.

Cap. 5. 5. *Eadem hora apparuerunt digiti.* 37.
26. *Numeravit.* 37.
27. *Inventus est minus habens.* 37.
30. *Eadem nocte interfectus est Rex*

Rex Balthasar. 37.
Cap. 6. 10. *Apertis fenestris in cœnaculo suo contra Ierusalem, tribus temporibus in die flectebat genua sua, & adorabat.* 539.
Cap. 7. 9. *Thronus ejus flamma ignis, rotæ ejus ignis accensus.* 128.
Ex Proph. Osee.
Cap. 2. 19. *Sponsabo te mihi in sempiternum.* 198.
Cap. 7. 3. *In malitia tua lætificaverunt Regem.* 234.
Cap. 9. 12. *Væ eis cum recessero ab eis.* 38.
Cap. 14. 3. *Convertimini ad Dominum, & dicite ei: omnem aufer iniquitatem.* 21.
3. *Tollite vobiscum verba.* 21.
Ex Proph. Amos.
Cap. 2 4. 6. *Hæc dicit Dominus: super tribus sceleribus Juda, & super quatuor non convertam eum: super tribus sceleribus Israel, & super quatuor non convertam eum.* 33.
Cap. 3. 12. *Quomodo si eruat Pastor de ore leonis duo crura, aut extremum auriculæ.* 525.
Cap. 7. 12. 13. *Quidvides, gradere, fuge in terram Iuda, & comede ibi panem, & prophetabis ibi, & in Bethel non adjicias ultra ut prophetes quia sanctificatio Regis est, & domus Regis est.* 241.
Cap. 8. 2. *Quid tu vides Amos? Et dixit, uncinum pomorum.* 440.
Ex Proph. Jon.
Cap. 3. 4. *Adhuc quadraginta dies & Ninive subvertetur.* 250.
Ne dixeris, peccavi, & quid mihi accidit triste? Altissimus enim est patiens redditor. 8.
Ex Proph. Mich.
Cap. 4. 5. *Ambulavimus in vijs Domini in æternum, & ultra.* 451.
Cap. 5. 2. *Et egressus ejus ab initio a diebus æternitatis.* 242.
Ex Proph. Abach.
Cap. 3. 5. *Ante faciem ejus ibit mors.* 439.
Ex Proph. Zach.
Cap. 5. 1. *Vidi, & ecce falx volans.* 28
439.
8. *Hæc est impietas.* 28.
Cap. 6. 12. *Vir oriens nomen ejus.* 50.
Ex Proph. Malac.
Cap. 4. 2. *Orietur vobis Sol justitiæ.* 504.
Ex Lib. 1. Machab.
Cap. 8. 3. *Et quanta fecerunt in regione Hispaniæ, & quod in potestatem redegerunt metala argenti, & auri, quæ illic sunt.*
Ex Evang. D. Matth.
Cap. 1. 1. *Liber generationis Jesu Christi, filij David, filij Abraham.* 354.
Cap 2. 1. *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis Regis, ecce Magi ab Oriente venerunt.* 491.
2. *Ubi est qui natus est Rex Judæorum?* 540.
3. *Audiens autem Herodes Rex turbatus est* 491.
3. *Turbatus est Herodes, & omnis Jerosolyma cum illo.* 541.
4. *Congregans omnes Principes Sacerdotum, & Scribas populi sciscitabatur ab eis, ubi Christus nasceretur.* 542.

. *At illi dixerunt ei : in Bethlehem Juda , sic enim scriptum est per Prophetam. Et tu Bethelhem terra Juda , &c* 543.
. *Ex te enim exiet dux , qui regat populum meum.* 242.
Vt & ego veniẽs adorem eum. 539.
Et ecce stella , quam viderant in Oriente , antecedebat eos. 516.
Vsque dum veniens staret supra ubi erat puer. 519.
0. *Videntes autem stellam gavisi sunt gaudio magno valde.* 510.
. *Invenerunt puerum cum Maria matre ejus.* 518.
. *Procidentes adoraverunt eum : & responso accepto , ne redirent ad Herodem , per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* 521.
. *Apertis thesauris suis , obtulerunt ei munera , aurum , thus , & myrrham.* 530.
. *Fuge in Ægyptum , futurum est enim , ut Herodes quærat puerum ad perdendum eum.* 508.
. *Secundum tempus , quod exquisierat à Magis.* 520.
4. 19. *Faciam vos fieri piscatores hominum.* 535.
5. 8. *Beati mundo corde.* 135.
. *Beati eritis cum maledixerint vobis homines , mentientes.* 312.
. *Vos estis sal terræ.* 525.
. *Si offers munus tuum ad altare , & ibi recordatus , fueris quia frater tuus habet aliquid adversum te : vade prius reconciliari fratri tuo , & tunc offeres munus tuum.* 381.
Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros , & benefacite his , qui oderum vos. 210.
44. *Orate pro persequentibus , & calumniantibus vos.* 214.
44. *Diligite inimicos vestros.* 210.
46. *Si enim diligitis eos , qui vos diligunt , nunc & ethnici hoc faciunt ?* 96.
Cap. 6. 20. *Thesaurizate vobis thesauros in cælo.* 432.
24. *Nemo potest duobus dominis servire , aut enim unum odio habebit , & alterum diliget.* 231.
Cap. 8. 2. *Volo : mundare.* 174.
2. *Domine , si vis , potes me mundare.* 174. 487.
3. *Et confestim mundata est lepra ejus.* 174.
10. *Non inveni tantam fidem in Israel.* 210.
11. *Dico vobis, quod multi ab Oriente , & Occidente venient.* 494.
24. *Ipse vero dormiebat.* 109.
Cap. 10. 9. *Nolite possidere aurum , neque argentum , neque pecunium in zonis vestris.* 416.
14. *Quicunque non receperint vos , neque audierint sermones vestros , exeuntes foras de domo , vel civitate , excutite pulverem de pedibus vestris in testimonium illis.* 536.
15. *Amen dico vobis , tolerabilius erit terræ Sodomorũ, & Gomorrhæorum, quam illi civitati.* 537.
36. *Inimici hominis domestici ejus.* 226.
Cap. 11. 4. *Euntes renuntiate Ioanni quæ audistis , & vidistis : Cæci vident , &c.* 518.
27. *Omnia mihi tradita sunt à Patre meo.* 375.

Cap. 12. 40. *In corde terræ.* 422.
Cap. 13. 44. *Thesauro abscondito in agro.* 401.
Cap. 16. 13. *Quem dicunt homines esse Filium hominis?* 333.
15. 16. *Vos autem quem me esse dicitis?* 125.
Tu es Christus filius Dei vivi. 125.
16. *Tu es Christus filius Dei vivi.* 333.
17. *Caro, & sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in Cælis est.* 334.
18. *Super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.* 522.
19. *Tibi dabo claves Regni Cælorum.* 106. 522.
19. *Et portæ inferi non pravalebunt adversus eam.* 522.
19. *Tibi dabo claves regni Cælorum, & quodcumque ligaveris erit ligatū, & quodcumque solveris erit solutum.* 107.
Cap. 17. 2. *Resplenduit facies ejus sicut Sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.* 179. 443.
4. *Bonum est nos hic esse.* 125. 181.
5. *Hic est filius meus dilectus.* 188.
Cap. 19.27. *Ecce nos reliquimus omnis quid ergo erit nobis?* 125. 484.
Cap. 20 28. *Non veni ministrari, sed ministrare.* 481. 529.
Cap. 21.43. *Auferetur â vobis Regnum Dei, & dabitur genti facienti fructus ejus.* 547.
Cap. 23. 32 *Implete mensuram patrum vestrorum.* 28.
Cap. 24. 27. *Sicut fulgor exit ab Oriente, & parat usque ad Occidentem.* 516.
Cap. 25. 1. *Simile est Regnum Cælorum decem virginibus.* 287.
1. *Exierunt obviam sponso, & sponsæ,* 287.
5. *Quinque autem ex eis erant fatuæ, & quinque prudentes.* 25
5. 6. *Dormitaverunt omnes, & dormierunt.* 253.
5. *Media autem nocte.* 253.
9. *Ne forte non sufficiat nobis, & vobis.* 264. 274.
6. *Clamor factus est, ecce sponsus venit.* 266.
7. *Tunc surrexerunt omnes virgines illæ.* 287.
Ornaverunt lampades suas. 28
7. *Date nobis de oleo vestro.* 26 288.
8. *Quia lampades nostræ extinguuntur.* 266. 285.
9. *Nobis, & vobis.* 286.
9. *Ite potius ad vendentes.* 288.
10. *Dum autem irent emere.* 289.
10. *Dum autem irent emere, ve sponsus.* 273. 290.
13. *Quia nescitis diem, neque hor* 285. 394.
13. *Vigilate, quia nescitis diem, que horam.* 252. 257.
11. *Novissime vero veniunt & re quæ Virgines, dicentes, Domi Domine, aperi nobis.* 289.
12. *Nescio vos.* 289.
10. *Clausa est janua.* 290.
34. *Venit Benedicti.* 208.
Cap. 26. 12. *Mittens hæc unguentum corpus meum ad sepeliendum fecit.* 271.
24. *Bonum erat ei si natus non fuisset homo ille.* 337.

1. *Omnes vos scandalum patiemini in me in ista nocte.* 109.
3. *Et si omnes scandalizati fuerint in te, ego numquam scandalizabor.* 19.
5. *Etiam si oportuerit me mori tecum, non te negabo.* 19.
9. *Si possibile est.* 364.
0. *Venit ad discipulos suos.* 389.
0. *Venerunt duo falsi testes.* 308,
27. 5, *Hic est filius meus dilectus.* 188.
16. *Barabbas, id est filius Patris,* 370.
3. *Confidit in Deo liberet nunc si vult eum.* 114.
Vt quid dereliquisti me? 391.
28. 20. *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* 348.

Ex Evang. D. Marc.

1. 31. *Apprehensa manu ejus.* 123.
6. 47. *Erat navis in medio mari.* 110.
Et ipse solus erat in terra. 346.
7. 33. 34. *Apprehendens eum de turba seorsum, misit digitos suos in auriculas ejus, & expuens, tetigit linguam ejus, & suspiciens in calum ingemuit, & ait illi: Epheta, quod est adaperire.* 414.
Bene omnia fecit, & surdos fecit audire, & mutos loqui. 514.
8. 24. *Video homines velut arbores ambulantes.* 310.
9. 5. *Non enim sciebat quid diceret, erant enim timore exterriti.* 188.
Si quid potes, adjuva nos. 486.
14. 36. *Pater omnia tibi possibilia sunt, transfer calicem hunc à me.* 364.
Cap. 16. 1. *Emerunt aromata, ut venientes ungerent Iesum.* 271.
1. 2. *Emerunt aromata.* 398.
Veniunt ad monumentum. 397.

Ex Evang. D. Luc.

Cap. 1. 29. *Benedicta tu inter mulieres* 61.
31. 32. *Ecce concipias in utero, & paries filium, hic erit magnus & filius Altissimi vocabitur.* 46.
32. *Filius Altissimi vocabitur* 339.
32. *Dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus, & regnabit in domo Iacob in æternum.* 141.
35. *Ideoque & quod nascetur ex te sanctum, vocabitur filius Dei.* 140.
38. *Ne timeas Maria: fiat mihi secundum verbum tuum.* 61.
78. *Visitavit nos oriens ex alto.* 340.
Cap. 2. 9. *Caritas circunfulsit illos. ibi.* 10. *Evangelizo vobis gaudium magnum, quia natus est vobis hodie Salvator. ibi.* 15. *Transeamus usque Bethlehem.* 511.
11. *Natus est vobis hodie Salvator.* 505.
24. *Par turturum, aut duos pullos columbarum.* 530.
Cap. 4. 38. *Introivit Iesus in domũ Simonis.* 122.
38. *Socrus autem Simonis tenebatur magnis febribus.* 122.
39. *Stans super illam.* 123.
42. *Detinebant illam ne discederet ab eis, quia & alijs civitatibus oportet me evangelizare regnum Dei.* 345.
Cap. 5. 4. *Duc in altum.* 110.

Cap. 6. 22. *Et dixerint omne malum adversus vos, mentientes.* 312.
27. *Beati eritis, cum vos oderint homines, & cum separaverint vos, & exprabraverint, & ejecerint nomen vestrum, tanquam malum propter Filium hominis: gaudete, & exultate: ecce enim merces vestra multa est in Cælo.* 537.
Cap. 7. 47. *Quoniam dilexit multum.* 377. 486.
Cap. 9. 31. *Et loquebantur de excessu, quem completurus erat in Ierusalem.* 442.
Cap. 10. 27. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & proximum tuum sicut te ipsum.* 211.
29 *Et quis est meus proximus?* 22.
40. *Domine, non est tibi cura?* 437.
40. *Sedens secus pedes Domini.* 437.
40. *Quæ stetit, & ait.* 437.
40. *Reliquit me solam.* 437.
42. *Maria optimam partem elegit.* 435.
Cap. 14. 26. *Qui non odit patrem suum, & matrem, & uxorem, & filios, & fratres, & sorores, adhuc autem & animam suam, non potest meus esse discipulus.* 78.
Cap. 15. 5. *Imponit in humeros suos gaudens.* 547.
18. *Pater peccavi in cælum, & coram te.* 207.
Cap. 16. 26. *Inter nos, & vos, chaos magnum firmatum est.* 324.
Cap. 17. 21. *Regnum Dei intra vos est.* 176.
Cap. 22. 32. *Ego autem rogavi pro te.* 109.
32. *Ego autem rogavi pro te, ut non deficiat fides tua, & tu aliquan do conversus confirma fratr tuos.* 109.
35. 36. *Quando misi vos sine sacculo & pera, numquid aliquid defu vobis?* 416.
At illi dixerunt: nihil. 416.
Sed nunc qui habet sacculum, to lat similiter & peram. 416.
41. *Et ipse avulsus est ab eis.* 351.
41. *Avulsus est ab eis.* 389.
42. *Transfer.* 364.
42. *Non mea, sed tua voluntas fi* 457.
Cap. 23. 25. *Iesum vero tradidis volu tati eorum.* 19.
42. *Domine, memento mei cum v neris in Regnum tuum.* 121.
42. *Hodie mecum eris in Paradi* 121.
Cap. 24. 11. *Visa sunt sicut deliram tum.* 397.
17. *Qui sunt hi sermones, quos co fertis ad invicem, & estis triste* 396. 397.
21. *Nos autem sperabamus, quia i esset redempturus Israel.* 397.
23. *Non invento corpore ejus.* 397.
29. *Quoniam advesperascit.* 397.
22. *Mulieres ex nostris terruer nos.* 272.
25. *O stulti, & tardi corde ad cred dum.* 431.
34. *Surrexit Dominus vere, & parvit Simoni.* 125.

Ex Evang. D. Ioann.

Cap. 1. 1. *Et verbum erat apud Deu* 68.
1. *In principio erat verbum.* 342.
14. *Verbum caro factum est.* 342.
14. *Vi*

4. *Vidimus gloriam ejus, gloriam quasi unigeniti à Patre, plenum gratiæ, & veritatis.* 141.
4. *Verbum caro factum est, & habitavit in nobis.* 342.
9. *Agnus qui tollit peccata mundi.* 352.
8. *Rabbi, ubi habitas?* 204.
9. *Venite, & videte.* 204.
7. *Ecce vere Israelite in quo dolus non est.* 185.
. 2. 19. 21. *Solvite templum hoc, & in tribus diebus excitabo illud: Ille autem dicebat de templo corporis sui.* 308.
. 3. 16. *Sic. Deus dilexit mundum, ut filium suum unigenitum daret.* 359.
. 4. 18. *Quinque viros habuisti, & hunc quem habes non est tuus vir.* 102.
5. 6. *Hic est Iesus, qui venit per aquam, & sanguinem: non in aqua solum, sed in aqua, & sanguine.* 165.
5. *Qui scit fratrem suum peccare peccatum, non ad mortem petat, & dabitur ei vita peccanti non ad mortem. Est peccatum ad mortem, non pro illo dico ut roget quis.* 34.
6. 32. *Non Moyses dedit vobis panem de Cælo, sed Pater meus dat vobis panem de Cælo verum.* 371.
. *Qui manducat meam carnem, in me manet, & ego in illo.* 379.
5. *Caro mea vere est cibus.* 343.
3. *Numquid & vos vultis abire?* 125.
69. *Domine, ad quem ibimus? Verba vita æternæ habes.* 125.
Cap. 8. 11. *Iam amplius noli peccare.* 2.
Nec ego te condemnabo 3
50. *Ego honorifico Patrem meum.* 304.
44. *Vos ex patre Diabolo estis.* 305.
46. *Ero similis vobis mendax.* 292.
48. *Samaritanus es, & Dæmonium habes.* 293.
48. *Ego honorifico Patrem meum, & vos inhonoratis me.* 294.
55. *Si dixero quia non scio eum, ero similis vobis mendax.* 291.
57. *Quinquaginta annos nondum habes, & Abraham vidisti?* 292.
58. *Antequam Abraham fieret ego sum.* 292.
Cap. 10. 11. 12. *Bonus Pastor animam suam dat pro ovibus suis: mercenarius autem, &c.* 515.
Cap. 11. 15. *Lazarus mortuus est, ut credatis quoniam non eram ibi.* 346.
21. *Domine si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus.* 346.
Cap. 12. 25. *Qui amat animam suam, perdet eam, & qui odit animam suam, in vitam æternam custodit eam.* 98.
Cap. 13. 1. *Suos qui erant in mundo, in finem dilexit.* 359.
2. *Et cœna facta.* 319.
2. 5. *Et cœna facta, cœpit lavare pedes discipulorum.* 323.
2. *Ante diem festum Paschæ sciens Iesus quia venit hora ejus. Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* 256. 318. 357.

3. *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit.* 256. 319. 359.
4. *Ponit vestimenta sua, & cæpit lavare pedes discipulorum.* 256.
2. *Cum Diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas.* 337. 393.
3. 5. *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus; cæpit lavare pedes discipulorum.* 375.
6. 8. *Domine, tu mihi lavas pedes? Non lavabis mihi pedes in æternum.* 328.
7. *Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea.* 332.
13. *Vos vocatis me Magister, & Domine, & benedicitis, sum etenim* 329.
33. *Filioli, adhuc modicum vobiscum sum.* 389.
Cap. 14. 3. *Ut cognoscat mundus, quia diligo Patrem, & sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.* 360 394.
10. *Ego in Patre, & Pater in me est.* 68. 379.
12. *Majora faciet, quia ad Patrem vado.* 127.
28. *Quia Pater major me est.* 359. 392.
31. *Ut cognoscat mundus, quia diligo Patrem, & sicut mandatum dedit mihi Pater; sic facio.* 382.
31. *Surgite, eamus hinc.* 382.
Cap. 15. 1. *Pater meus Agricola est.* 388.
4. *Manete in me, & ego in vobis.* 344.
20. *Non est servus major Domino suo, si me persecuti sunt, & vos persequentur.* 329.
50. *Ego sum vitis, vos palmites.* 388
Cap. 16 7. *Expedit vobis, ut ego va dam, si enim non abiero, Paracli tus non veniet ad vos, si auten abiero, mittam eum ad vos.* 384
15. *Omnia quæcumque habet Pa ter, mea sunt.* 375.
16. *Iterum modicum, & videbit me, quia vado ad Patrem.* 385.
17. *Quid est hoc quod dicit nobis modicum, & quia vado ad Pa trem? Nescimus quid loquitur* 385.
27. *Ipse Pater amat vos, quia vo me amastis.* 182.
28. *Exivi à Patre. & veni in mun dum, & iterum relinquo mun dum, & vado ad Patrem.* 34 375.
Cap. 17. 7. *Omnia quæ dedisti mihi abs te sunt.* 375.
Cap. 18. 5. *Ego sum.* 133.
11. *Calicem quem dedit mihi Pa ter, non vis ut bibam illum?* 36
Cap. 19. 19. *Rex Judæorum.* 220.
20. *Hebraicè, Græcè, & Latin* 127.
27. *Ecce filius tuus, ecce Mat tua.* 344.
36. *Os non comminuetis ex eo.* 115
Cap. 20. 13. *Mulier quid ploras?* 397
17. *Ascendo ad Patrem meum, Patrem vestrum, nondum enim ascendo ad Patrem.* 387.
Cap. 21. 16. *Pasce agnos meos, pas agnos meos, pasce oves mea* 129.
22. *Sic eum volo manere.* 302.

Ex Act. Apost.

1. 26. *Cecidit sors super Mathiam.* 126.

4 35. *Afferebant pretia eorum, quæ vendebant, & penebant ante pedes Apostolorum.* 106. 376.

7. 2. 3. *Deus glóriæ apparuit Patri nostro Abrahæ, & dixit ad illum: exi de terra tua, & de cognatione tua, & veni in terram, quam monstravero tibi.* 207.

9. 15. *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus.* 524.

. *Dum pertransiret universos.* 128.

12. 2. *Occidit autem fratrem Ioannis, Iacobum, gladio.* 114.

Vinctus catenis duabus. 106.

In ipsa nocte erat Petrus dormiens. 109.

Ceciderunt catenæ de manibus ejus. 108.

16. 19. *Spes quæstus eorum.* 535.

Ex Epist. D. Paul. ad Rom.

7. 24. *Quis me leberabit de corpore mortis hujus?* 74.

8. 32. *Proprio filio suo non pepercit, sed pro nobis tradit illum.* 366.

39. *Neque altitudo, neque profundum poterit nos separare à charitate Christi.* 334.

10. 12. *Dives in omnes, qui invocant illum.* 487.

13. 4. *Non enim sine causa gladium portat.* 224.

Epist. D. Paul. ad Corint. 1.

2. 9. *Oculus non vidit, quæ præparavit Deus ijs, qui diligunt illum.* 193.

9. *Oculus non vidit, neque in cor hominis ascendit.* 194.

Cap. 10. 4. *Petra autem erat Christus.* 61.

Cap. 11. 24. *Gratias agens fregit* 72.

25. *Hic calix novum testamentum est in meo sanguine.* 344.

Ad Corinth. 2.

Cap. 12. 4. *Raptus est in Paradisum, & audivit arcana verba, quæ non licet homini loqui.* 201.

Ex Epist. D. Paul. ad Galat.

Cap. 2. 20. *Vivit vero in me Christus.* 74.

Ex Epist. D. Paul. ad Ephes.

Cap. 4. 8. *Ascendens in altum, dedit dona hominibus.* 384.

Cap. 4. 8. 9. *Ascendens in altum captivam duxit captivitatem: quod autem ascendit, quid est nisi quia descendit primum in inferiores partes terræ.* 427.

Ex Epist. D. Paul. ad Philip.

Cap. 1. 23. *Desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo.* 74.

Cap. 2. 6. 7. *Qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo.* 328.

6. *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens.* 331.

7. *Formam servi accipiens.* 481.

8. *Factus obediens usque ad mortem.* 456.

Ex Epist. D. Paul. ad Colloss.
Cap. 2. 9. *Quia in ipse habitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter.* 330.
Ex Epist. D. Paul. ad Thessal.
Cap. 2. 15. 16. *Qui Dominum occiderunt Iesum, & non persecuti sunt, prohibentes nos gentibus laqui, ut salvæ fiant, ut impleant peccata sua semper.* 42.
Ex Epist. D. Paul. ad Timoth.
Cap. 1. 2. 25. *Salvabitur autem mulier per generationem filiorum.* 408.
Ex Epist. D. Paul. ad Tit.
Cap. 1. 12. *Cretenses semper mendaces, ventres pigri.* 298.
Ex Epist. D. Paul. ad Hebr.
Cap. 1. 3. *Splendor gloriæ, & figura substantiæ.* 188.
5. *Filius meus es tu, ego hodie genui te.* 391.
Cap. 2. 16. *Nusquam Angelos apprehendit, sid semen Abrahæ apprehendit.* 326.
Cap. 7. 3. *Sine patre, sine matre, sine genealogia.* 354.
Ex Epist. D. Iacob.
Cap. 4. 4. *Adulteri, nescitis quia amicitia hujus mundi inimica est Dei.* 94.
Cap. 5. 3. *Argentum vestrum aruginavit.* 417.
Ex Epist. D. Petr. 1.
Cap. 1. 1. *Petrus Apostolus electis advenis dispensiones.* 129.
18. *Scientes quod non corruptilibus auro, vel argentos redēpti estis, sed pretioso sanguine quasi agni immaculati Christi.* 427.
22. *Animas vestras castificantes in obedientia charitatis.* 427.
Ex Epist. D. Petr. 2.
Cap. 1. 14. 15. *Certus quod velox est de positio tabernaculi mei, secundum quod & Dominus noster Iesus Christus significavit mihi: dab autem operam, & frequens habe re vos post obitum meum.* 130.
Cap. 3. 10. *Adveniet dies Domini ut fu* 435.
Ex Epist. 1. D. Ioann.
Cap. 5. 16. *Qui scit fratrem suum pe care peccatum non ad mortem, p tat: & dabitur ei vita peccan non ad mortem. Est peccatum mortem: non pro illo dico, ut r get quis.* 34.
Ex Lib. Apoc.
Cap. 1. 4. 5. *Gratia vobis, & pax ab e qui est, & qui erat, & qui vent rus est, & à septem spiritibus, q in conspectu throni ejus sunt: à Iesu Christo, qui est testis fid lis, primogenitus mortuorum, Princeps regum terræ.* 464.
8. *Ego sum Alpha, & Omega, pri cipium. & finis.* 53.
Cap. 3. 20. *Ego sto ad ostium, & pul* 289.
Cap. 4. 8. *Et requiem non habebant d centes, sanctus, sanctus, sancti* 148.
Cap. 5. 14. *Et quatuor animalia dic bant, amen.* 237.
Cap. 6. 2. *Et ecce equus albus, & qui s debat super illum, habebat arcum & data est es corona, & exi vincens, ut vinceret.* 358.
8. *Et ecce equus, & qui sedebat sup eum nomen illi mors.* 438.
10. *Usq*

Vsquequò Domine, non vindicas sanginem nostrum? 548.

12. 4 *Et draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura, ut cum peperisset, filium ejus devoraret.* 505.

14. 5. *In ore eorum non est inventum mendacium.* 185.

19. 16. *Rex Regum, & Dominus dominantium.* 215.

20. 1. *Habente claritatem Dei, & lumen ejus simile lapidi pretioso, tanquam lapidi jaspidis, sicut crystalum.* 190.

21. 2. *Vidi Civitatem Ierusalem novam descendentem de Cælo, à Deo paratam sicut sponsam ornatam viro suo.* 189.

2. *Et vidi cælum novum, & terram novam: primum enim cælum, & prima terra abijt, & mare jam non est.* 497.

4. *Mors ultrà non erit, neque luctus neque clamor, neque dolor erit ultra.* 192.

18. 21. *Ipsa vero civitas aurum mũdum simile vitor mundo, & platex civitatis aurum perlucidum, tanquam vitrum perlucidum.* 191.

21. *Et singulæ portæ erant ex singulis margaritis.* 191.

24. *Et ambulabunt gentes in lumine ejus, & Reges terræ offerent gloriam suam, & honorem in illam.* 498.

Cap. 22. 1. 2. *Fluvium aquæ vitæ splendidum tamquam crystallum procedentem de sede Dei, & agni. In medio plateæ ejus, & ex utraque parte fluminis lignum vitæ.* 192.

INDICE

Das couſas mais notaveis.

Os Numeros ſignificaõ as Paginas.

A

Abraham. O Sacrificio de Abraham mais foy temor, que Amor de Deos. Pagin. 260. 261.

Acçam. admiravel acçaõ de mulher. 275.

Acaſo. Muitas vezes o que parece acaſo, he providencia divina. 248. Bem pòde a meſma couſa ſer acaſo. & mais eleiçaõ. 455.

Adam. Porque peccou Adam, tendolhe Deos cominado a morte, ſe peccaſſe. 7. Ainda que Adam naõ peccaſſe, havia de encarnar Deos. 340.

Adulterio. Na Adultera, que Chriſto livrou, ſe nos repreſenta o Iuizo ſacramental, a que ſomos chamados pela Quareſma. 2. Os ruins amigos pòlem chamarſe adulteros. 94. Como pòde haver adulterio entre dous ſugeitos ſómẽte, ſe para haver adulterio ſaõ neceſſarios tres. 95.

Adulaçaõ Os Aduladores ſaõ os maiores inimigos dos Reys. 22 Onde moraõ eſtes inimigos d Reys. *Ibid.* Adulaçoens ſaõ mais res, tanto mais ſe devem temer aduladores. 227. Saõ comparados aduladores às Andorinhas, Ha inimigos que perſeguem, inimigos que adulaõ. *Ibid.* Mais deve temer a lingua do adulador que todas as armas do perſeguidor. 228. As guardas dos Palacios naõ pòdem evitar as entradas lizonja. *Ibid.* A quantos Reys d ſtruio a lizonja. 229. Os aduladores ſervem a dous Senhores: Rey, & ao ſeu intereſſe. 231. E ſe vem aos Reys porque lhes ſerve ſervillos. 232. Aduladores d Reys, tambem peſcaõ como Anhas: com que redes: & que co ſas peſcaõ 233. Os aduladores d Reys, & de Palacio muitas vez

ch

horaõ o mesmo que louvaõ. 235. A que cousas saõ comparados os aduladores. 236. & 237. Sempre dizem os Amens aos sugeitos adulados. *Ibid.* Mais val offender cõ verdade, que agradar com a lisonja. *Ibid.* & 238. Naõ se distingue o adulador, do tyranno. 242. Ser adulador, he ser inimigo. 244. Como devem ser tratados os aduladores. *Ibid.* Como se haõ de haver os Reys com os aduladores? 246.

Quam terriveis saõ os Ays de Deos. 38. O que significam esses Ays de Deos. 39. Depois de Deos deixar a Alma, segue se ainda o Ay de Deos. *Ibid.*

Alma. Como se amigaõ as Almas com o Demonio. 11. O que diz o peccado à sua Alma quando quer peccar. 16. Nam trata de confessar na hora da morte para a Alma se salvar. 25. Em que consiste deixar Deos huma Alma. 39. O que fazem os Demonios à Alma deixada de Deos. 40. O amor com que a Alma ama a Deos, nasce do amor com que Deos ama a Alma. 82. Huma Alma naõ póde amar outra, sem que ambas se amem. 84. Como se verifica, que quem ama a sua Alma, a perde. 98. Como se póde dizer, que os Santos Doutores da Igreja por alumiarẽ o mundo, & conservarem a Fé, & Religiaõ, estimáraõ a Alma. 154. 155. & 156. Quando faz a nossa Alma o que basta, & quando faz o que obeja para se salvar. 268. até 278. Que Almas foraõ as que Christo tirou dos Infernos, aonde desceo. 424. & 425. Com que facilidade podemos livrar as Almas do Inferno inferior. 430. O que devem fazer os que tem por officio levar Almas a Christo. 516. Quam preciosa he a acçaõ de buscar Almas para Christo. 518. Quanto importa a applicaçam dos meyos necessarios para a salvaçaõ das Almas 545. & 546. Quanto peza a importancia da salvaçaõ de huma Alma. 547.

Ambiçaõ. Condenou Seneca a ambiçaõ de Alexandre. 73.

Amor. Amor, & odio saõ os dous mais poderosos affectos da vontade humana. 76. Como se ha de saber amar, & saber aborrecer. 77. Mais difficultoso he amar a quem nos aborrece, do que aborrecer a quem nos ama. 79. Por outra parte parece, que mais difficultoso he aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece. 80. Nam corresponder com o Amor hũ coraçaõ que he amado, he o mais arduo preceito da Ley de Deos. 82. O Amor com que a Alma ama a Deos, nasce do Amor com q̃ Deos ama a Alma. *Ibid.* Confirma-se esta verdade. 83. Que ha de fazer quẽ quizer ser amado. *Ibid.* Nam ha Amor taõ forte, que se naõ renda a outro Amor. 84. O mais certo motivo de ser amado, he anticipar o Amor. 85. Amores da pedra Iman com o ferro. 86. Parece que naõ he impossivel ao coraçaõ humano

mano naõ correſponder cõ Amor, quando he amado. 87. Razaõ em cõtrario deſte parecer. *Ibid.* Amar, & naõ ſer amado, he o mayor tormento: ſer amado, & naõ amar, he o mayor injuſtiça. 88. Ha dous generos de amar, & dous de aborrecer, aſſim como ha dous generos de inimigos. 90. Que ſucceſſo teve o Amor em huma occaſiaõ com a morte. *Ibid.* Em ſe naõ amar a quem nos naõ ama, & aborrecer a quem nos aborrece, fica muito facil à vontade humana o deſembaraçarſe das mayores tres difficuldades, que no meſmo tempo a combatem. 91. Como pòde o Amor ſer verdadeiro odio. 95. Odio perfeito, he verdadeiro Amor. 97. Melhor he odio, que nos ſalva, do que o Amor que nos condena. 98. Como o Amor nos q̃ parece mais fino, he falço. 99. 100. & 101. Como he o Amor Inferno ſem redempçaõ. 102. Com duas vontades ſuas paga o Divino Amante huma noſſa. 103. Só com amar o ſummo bem podemos ſer Santos 176. A couſa mais oppoſta ao Amor, he a Mageſtade. 213. & 216. O Amor dos aduladores naõ eſtà no por iſſo, ſe naõ no porque. 232. Qual he a diffiniçam do Amor. 245. Naõ deixa de amar a ſeus inimigos, quem lhes evita as occaſioens de obrarem mal. *Ibid.* Toda a ſantidade deſte mundo mais he temor, que Amor. 260. Se naõ ouvera Inferno, poucos haveria q̃ amaſſem a Deos. 262. O Amor acreditaſe no ſuperfluõ. 271. Quẽ ama mais que muito, naõ ſe contenta com o que baſta, nem com que ſobeja, ainda ſobe mais aſſim 272. Como ama Deos a hũs mais & a outros menos. 322. Mayores finezas foraõ as do Amor de Chriſto no dia, em que ſe ſacramentou do que as do dia da Encarnaçaõ 223. & ulterius. Mayor fineza de Amor de Chriſto foy o lavar os pès aos Diſcipulos, do que o fazerſe homem. 327. atè 337. & 345. atè 355. O Amor de Deos quando compete em amar, vence para tornar a vencer. 358. Chamar fim ao objecto amado, he final de mayor Amor. 372. & 373.

Amigos. Depois que a ſincèra amizade ſe deſce de ſua dignidade, naõ ha verdadeiros amigos. 93. Que amizades ſaõ as dos ruins amigos 94. Saõ os ruins amigos muito mayores inimigos que o mayor *Ibid.* Como pòde haver adulterio entre dous amigos ſómente, ſe para o haver ha de aver tres ſugeitos. 95.

Anjo. Como nos enſinam os Anjos que grãde couſa he ſer Sãtos. 148 Todo o bem, & felicidade dos Anjos, he ſer Santos. 149. Que myſterio havia na deſcida, & ſubida dos Anjos na eſcada, que vio Iacob 325. Como ſe entende haver feito Deos ao homem pouco menor q̃ os Anjos. 326. & 327.

Animal. Qual he o Animal mais venenoſo. 242. Que Animal fingido he o que ſe chama Chimera. 306

nos. Os mais sugeitos annos à mor-
e saõ os mais seguros. 440.
iguidade. Como pintavaõ os An-
gos ao Amor, & ao odio. 90. Que
Divindades acõmodavaõ os Anti-
os em differentes Ilhas do mun-
o. 294.
tite. O mayor apetite do homem,
e desejar ser. 136.
es. Naõ se fez o homem para vir
nsinar as artes, & sciencias do
undo, 142. & 143.
ependimento. O proposito do arre-
endimento facilita ao peccado. 5.
15. O peccado primeiro faz cõ-
eito do arrependimento futuro, &
ntaõ pecca sem receyo. 16. Naõ
e arrependimento o que se ajunta
m a resoluçaõ do peccado. 19.
ologos. Acontecèo aos Profetas
mi o Ceo lá de sima, o mesmo q̃
s Astrologos com este Ceo cà de-
ixo. 199.
ributo. A santidade de Deos, he o
tributo com que mais o engran-
ecemos. 137. atè 144. E com q̃
ais o louvaõ os Anjos. 148. Se
e os por impossivel naõ fora San-
, todos os outros seus attributos
recèraõ de sua mayor perfei-
õ. 149. Santa Theresa amou a
eos com hum attributo menos.
52. Deos deve ser amado por to-
os seus attributos. *ibid.* Quando
uizermos amar a Deos, havemos
e tirarlhe hum attributo, & quã-
o quizermos amar, havemos de
e tirar outro. 263.

B

Bem. CResçem os dezejos pela medida da dilaçaõ do bem dezejado. 63. atè 66. Quanto o bem dezejado està mais vizinho; tanto he mayor o dezejo. 65. Que effeitos causa o bem na mesma võtade em diversos tempos. 66. O bem visto, faz as eternidades breves. 70. Todos os bens que Deos tem, he fazer Santos. 140. A Virgem Maria de todos os bens naturaes, & sobrenaturaes, só tomou, o que era Santo. 145. Todo o bẽ, & felicidade dos Anjos, he serem Santos. 149. Sò a graça he o verdadeiro bem. 150. Sò com amar o summo bem podemos ser Santos. 176. Como se deve naõ só perdoar, mas ainda fazer bem aos inimigos. 224. Qual he o bem, ou mal que os aduladores fazem aos Reys. 233. Milhor he que o mentiroso diga mal de nòs, do que bem. 312.

Bẽaventurança. Huma só cousa, & muito facil basta para hir gozar da Bemaventurança. 169. Sò com offerecermos a Deos o Calix de nosso Salvador, lhe podemos pegar a gloria, q̃ nos dà da Bẽaventurãça. 184. Qual ha de ser o resplandor dos corpos da Bemaventurança. 187. Descripçaõ da agilidade dos Bemaventurados. 190. atè 192. He mais a gloria dos Bemaventurados, que tudo o que os ouvidos tem ouvido. 196. Nas figuras, &

semelhanças q̃ se tem feito desde o principio do mundo para se nos representar a Bemaventurança: fica ella disfigurada, e desluzida. 197. atè 200. Só Saõ Paulo podera prègar da Gloria. 201.

Boca. Que perigo correm as palavras desde a boca atè os ouvidos. 362. E ainda o perigo he mayor, quando os homens as ouvem com os coraçoens. 303. Ninguem entrou pelos dous estreitos da boca, & ouvidos humanos, que naõ se arriscasse nelles. 305. Atè as palavras sahidas pela boca de Christo o experimentàraõ. 306. Muitas vezes entrando pelos ouvidos duas verdades, sae pela boca huma mẽtira. 306.

C

Cabeça. NA Igreja naõ pòde haver duas Cabeças 115. Como se representou em Saõ Pedro a pedrada q̃ David empregou na cabeça do Gigante. 127.

Cadeas. As Chaves, que deu Christo a Saõ Pedro, saõ cadeas para atar, & naõ para ser atado. 107. Porque razaõ dormia Saõ Pedro no mesmo tempo em q̃ das Cadeas havia de sahir a morrer. 108. 109. & 110. Parece que faltou a providencia de Christo em livrar a S. Pedro das Cadeas de Herodes, & naõ das de Nero. 112. Mas naõ foy assim. 123. As mesmas Cadeas de Saõ Pedro provàraõ a unidade da providencia de Christo, & de Saõ Pedro. 116.

Chaves. Que rigorosa foy a prov dencia das Chaves do Ceo entr gues a Elias. 120. Naõ podia f assim a providencia das mesm chaves entregues a Saõ Pedro: porque. 121. Para se levarẽ Alm a Christo, naõ necessarias saõ chaves, que abrem as portas Ceo, como as que fechaõ as Inferno. 522.

Caminho. Que desiguaes saõ os c minhos da morte. 439.

Charidade. Està muito seguro o q se arrisca pela Charidade. 274. 275. Os perigos tomados por ch ridade, saõ remedios. p. 280. Que se mete nos perigos pela charid de, nenhum risco corre. 281.

Castigos. A dilaçaõ do castigo facil ao peccado. 5. O que diràm os h mens quando confiados na dilaç do castigo se animaõ a continu nõ peccado. 7. Como castigou De a muitos o que havia sofrido a s paciencia. 9. Como devem tem o castigo aquelles, q̃ naõ perdo a seus inimigos. 218. & 219. C mo deviaõ ser castigados os adul dores. 244. As riquezas das min saõ muitas vezes castigos de Dei 405. Deos humas vezes casti com castigos manifestos, outr vezes com castigos escõdidos. 4 Abrir minas, & vir castigos do Ce tudo vem junto. 406. & 407. Po que razaõ criou Deos as riquez das minas para danosos castig 414.

Catholicos. Os Catholicos peccaõ g

lmente contra ametade de Deos, da outra ametade naõ fazem ſo: & como. 14.
O mayor milagre de Saõ Pe-o, foy o naõ ſer milagroſo em a caſa. 123. E deſta providen-a de Saõ Pedro em ſua caſa, ſe ova a ſua grande providencia ra com a Igreja. 124.
Que rigoroſa foy a providencia s chaves do Ceo entregues a ias, & como naõ podia ſer aſſim providencia das meſmas chaves tregues a Saõ Pedro. 120.& 121. ra hir ao Ceo naõ he neceſſario zer tudo o que fizeraõ os Sãtos. 8. Huma ſó couſa he neceſſaria ra hir ao Ceo: & qual he. 169. Ceo, & o merecimento delle, tá dentro de nós. 176. Tudo o e ſe encarece do Ceo, poſto que o que ſe quer dizer ſeja verdade, o que ſe diz, he mentira. 180.& 1. Com mais verdade ſe explica grandeza da Gloria pelo q̃ naõ no Ceo, do que pelo que nella . 192. Como he evidente q̃ no eo naõ ha ouro, nem pedras pre-oſas. 193. O Ceo podeſe pintar uito rico, mas naõ com a ſua fer-oſura. 194. Mais he o que Deos m aparelhado no Ceo para os emaventurados, que tudo o que ouvidos ouviraõ. 196. As figu-s, & ſemelhanças, que ſe tem di-do Ceo deſde o principio do undo, ſaõ para o diſfigurar, & sluzir. 197. atè 200. Só S. Pau-poderà prègar do Ceo. 201. s apparencias do Ceo inferior ſaõ mentiras que ſe vẽm. 203. Qual o mais adequado meyo para ſaber-mos o que he o Ceo. 204. Ainda que o caminho do Ceo fora mais difficultoſo do que he, ſe devia emprender, ainda ſem primeiro ſer viſto. 206. Como ſe pòde ganhar o Ceo, ainda que ſe uſem diſpri-mores com elle. 208. Pòde temer, que naõ he criado para o Ceo, quẽ faz pouco por hir a elle. *Ibid.* Cõ os olhos no Ceo, na terra, & no E-vangelho ſe deve prègar nas Feſ-tas dos Santos. 251. Quaes deviam ſer noſſas obras, ainda que tiveſ-ſemos o Ceo ſeguro. 258. Aſſim como o Ceo com huma virtude in-flue outra virtude, aſſim o clima com hum vicio influa outro vicio. 297. Quam prodigioſa couſa foy deſcer do Ceo Deos. 324. atè 327. Qual he o Ceo, & a terra Nova, q̃ Deos diſſe por Iſaias, que ha-via de criar. 497. atè 499.
Chriſto. Chriſto deſde o inſtante de ſua conceiçaõ foy Varaõ perfei-tiſſimo. 50. Porque diſſe Chriſto a Saõ Ioaõ Evangeliſta na primeira viſaõ de ſeu Apocalypſe, que era Alpha, & Omega. 53. E porque lhe naõ diſſe, que era Alpha, & Omioron. 54. Que differẽça acha-va Saõ Paulo de eſtar Chriſto nel-le, ou elle com Chriſto. 74. Ha huns inimigos, que Chriſto nos manda amar, & outros, que nos manda aborrecer. 89. Queixa-ſe Chriſto de nòs deſprezarmos o ſeu Amor. 104. As chaves, que deu Chriſto a Saõ Pedro, ſaõ cadeas para

para atar; & naõ para ser atado. 107. A Igreja segura na providencia de Saõ Pedro, & Saõ Pedro na providencia de Christo. 108. 109. & 110. E isto ainda depois que Christo subio ao Ceo, & Saõ Pedro ficou na terra. 111. Porque quiz Christo, que Saõ Pedro morresse na Cruz, & naõ à espada. 114. & 115. Porque encomendou Christo a Saõ Pedro duas vezes os cordeiros, & huma só as ovelhas, 129. só por Christo nos prometer o Ceo se devia emprender, ainda que o seu caminho fora mais difficultoso do que he. 206. Porque quiz Christo na Cruz o titulo de Rey dos Iudèus, sendo q̃ esses lhe tiràraõ a vida. 220. Mayores foraõ os extremos do Amor de Christo, no dia que se sacramentou, do que os do dia da Encarnaçaõ. 223. & ulterios. Mayor fineza foy do Amor de Christo o lavar os pès aos Discipulos, do q̃ o fazerse homem. 327. atè 337. & 341. atè 355. Em que parte do mundo naõ està Christo comnosco. 346. No dia, em que Christo se sacramentou, parece que amou mais aos homens, doque a seu Eterno Padre. 362. & ulterios. Quaes saõ as Minas de Christo. 422. atè 428. Como nascéo Christo com estrella de perseguido em todo o mundo. 504. & 505. O que devem fazer os que tem por officio levar Almas a Christo. 516. Quam preciosa he a acçaõ de buscar Almas para Christo. 518.

Chimera. Quẽ cõusa he Chimẽ 306.

Cidade. Descripçaõ da Cidade Gloria. 109. atè 192. Porque converteo a Cidade de Ninive a breve pregaçaõ de Ionas. 28

Ciencia. Porque naõ veyo Deos tirar os erros, & ignorancia, q ha nas sciencias do mundo. 14 Como se ouve Christo na vida na morte, naõ obstante ter a sci cia da salvaçaõ, & a sciencia da ra em que havia de morrer. 25 & 257.

Circulo. A figura mais capaz, & ma perfeita de quantas inventou a t tureza, & conhece a Geometria, o Circulo. 45. O que em sy cõ tẽm os mayores quatro circulos se podem conhecer. *Ibid.* O M sterio da Encarnaçaõ foy hum c culo. 53. Os dezejos de Maria Expectaçaõ do Parto, fizeraõ ho circulo, que comprehendèo o Et no. 56. No Sacramento està immẽsidade de Deos encerrada hum circulo. 71.

Combate. Tres violencias com que vontade humana he juntamen combatida. 88. O Amor Divi quando combate em amar, naõ contenta com huma só coroa: c roase, para se tornar a coroar. 35 Nas batalhas de menor a mayo o igualar he vencer. 392.

Condenaçaõ. Tanto que se enche medida destinada de nossos pec dos com o ultimo, segue sem medio a condenaçaõ. 31. Eng naõse os condenados, q̃ ainda est ne

neſta vida, em cuidarem que poderão deſatarſe do ultimo peccado porque haõ de ſer condenados. 40. Qual he a razaõ porque ſe condenaõ tantos. 265. Condenàraõſe as ſinco Virgens neſcias do Evangelho, porque o oleo, que lhes baſtava, naõ baſtou. 266.

nfeſſor. Porque dizem alguns, que para ſe hir ao Ceo baſta haver Cõfeſſor. 24. Naõ baſta haver Confeſſor, & dinheiro para hir ao Ceo. 25. Naõ baſta haver Confeſſor na hora da morte para a Alma ſe ſalvar. *Ibid.*

ſiſſaõ. No Tribunal da Confiſſaõ nõs meſmos ſomos os Reos, & os accuſadores. 2. Que temeridade he debaixo do pretexto da Confiſſaõ precipitarſe a peccar. 20. He muito prompto, & facil o remedio da Confiſſaõ. *Ibid.* Como a Confiſſaõ cura dos peccados com palavras. 21. Na Confiſſaõ naõ ſõ ſe ratifica a Ley de Deos; mas nós meſmos nos pomos outra Ley de novo. 22. A Cõfiſſaõ verdadeira ha de levar comſigo ao confeſſado; & como. 23. A quem peccou em confiança da Confiſſaõ, juſtamente lhe vem a faltar. 23. Os peccados já confeſſados, & perdoados, tambem entraõ na conta para encher a medida. 41.

ſiança. A confiança na Miſericordia Divina facilita a continuaçaõ do peccado. 10. Naõ nos haveremos fiar do propoſito, & arrependimento, que ſe ajuntaõ com a reſoluçam do peccado. 19. Como he enganada a confiança do remedio da Confiſſaõ. 23.

Conformidade. O mais perfeito modo de eleiçam, he eleger por conformidade. 456.

Contratos. Qual ſeja a razaõ de eſtado do Demonio nos ſeus contratos, & dos homens. 17.

Coraçaõ. Nam correſponder com Amor hum coraçaõ, que he amado, he o mais arduo preceito da Ley de Deos. 82. O coraçaõ humano naõ ſe rende, ſenaõ a ſeu igual. 85. Até hum coraçam de ferro, ſe foſſe amado, havia de amar. 86. Parece que nam he impoſſivel ao coraçaõ humano nam correſponder com Amor, quando he amado. 87. Razaõ em contrario deſte parecer. *Ibid.* Para ſer Santo, baſta ſó a limpeza do coraçam. 169. Mais facilmente ſe pòde conſeguir a limpeza do coraçam, que a do corpo. 174. & 175. Tambem os coraçõẽs ouvem: & como. 303. E cada hum ouve conforme tem o coraçaõ. 303. Se o coraçam he fórma de Diabo, tudo o que entra pelo ouvido he diabolico. 304. O primeiro movel do mundo pequeno, que he o homem, he o coraçaõ. 386. & 387. Qual he a obrigaçaõ do Coraçaõ. 472. & 473. Deos mede pelos coraçoens os merecimentos dos que o ſervem. 485.

Cruz. Porque quiz a Providencia Divina, que Seõ Pedro naõ morreſſe à eſpada, ſenaõ na Cruz. 114. & 115.

D

David. PEnſamento de David para tirar os peccados do mundo. 5. Porque razaõ lhe pareciaõ annos os dias antigos. 65. Profetiza David a figura da Hoſtia conſagrada em hum ſacrificio, que offereceo a Deos. 77. Que conceito fez David da Gloria, quando nella foy arrebatado. 181. Porque chamou David paga de Deos a elle feita, ao extaſi em que lhe moſtrou a Gloria, que lhe havia de dar. 183.

Deos. Só Deos ſabe livrar a huns pelos proceſſos dos outros 2. Meyo para ſe obſervarem as Leys de Deos. 6. Padece Deos em ſua meſma paciencia. 7. Deos puxa no cabo pelo capitel do peccado, & pelos redditos. 8. Como ſe enganaõ os homens com a paciencia, & ſofrimento de Deos. *Ibid.* Deos quanto mais dilata, menos perdoa. 9. Como Deos ſe diz multiplicado em ſua miſericordia para perdoar peccados. 10. Quam perto eſtam em Deos a ſua miſericordia da ſua juſtiça. 12. A miſericordia, & a juſtiça de Deos, de tal maneira ſaõ Deos, que a meſma juſtiça he miſericordia, & a miſericordia juſtiça. 13. De que maneira partem os Catholicos a Deos pelo meyo, confeſſando, que he juntamente miſericordioſo, & juſto. 14. &c. Deos deſtina certa medida de peccados a cada hum. 27. A primeira couſa, que apparece em Juizo, he a medida, que Deos tem deſtinado aos peccados. 29. Ninguem ſe póde queixar de Deos, por condenar a huns com menos peccados que outros. 33. Cometido o ultimo peccado dos q̃ Deos deſtina a cada hum, nem Deos o ha de perdoar, nem o peccador ſe converte. 34. O que faz Deos, tanto que ſe enche a medida dos peccados. 36. Quam terriveis ſaõ os Ays de Deos. 38. E que ſignificaõ eſſes Ays de Deos. 39. Em que conſiſte deixar Deos huma Alma. *Ibid.* Diffineſe a perfeiçam de Deos pela figura do Circulo. 45 Que couſa he a immenſidade de Deos. 47. & 48. Tem circumferencia a imenſidade de Deos no vẽtre de Maria. 49. atè 54. Deos dilata o tempo com a dilaçam do dezejo, & viceverſa. 62. Deos antes do mundo eſtava ſó, & mais acompanhado. 69. E porque. *Ibid.* Como Deos ſe queixa de deſprezado de nòs. 104. Pela vontade dos homens conſeguio Deos a mayor obra de ſua providencia. 119. Qual he o mayor attributo que mais engrandece o ſer de Deos. 137. atè 144. Se Deos por impoſſivel naõ fora Santo, todos os outros ſeus attributos carecèraõ de ſua mayor perfeiçaõ. 149. De que maneira neſta vida pòde Deos pagar com a Gloria a noſſos merecimentos. 183. E como nós lhe podemos pagar eſſa meſma Gloria. 184. Com hum ſó unico lugar da Eſcritura ſe dà a Deos o titulo de Deos da Gloria:

& qual he. 207. De que maneira nos obriga Deos a amar a nossos inimigos. 215. Sò aos inimigos de Deos somos obrigados a amar. 216. Como se ha de amar a Deos por todos seus attributos. 262. Por nenhum attributo he Deos mais amado, que pelo de sua justiça. *Ibid.* Quando quizermos temer a Deos, havemos de lhe tirar hum attributo. 263. Como se póde pagar a Deos servindoo. 273. Meter nos perigos por amor de Deos, he livrar delles. 278. & 279. Como ama Deos a huns mais, & a outros menos. 322. Quaõ prodigiosa cousa foi descer do Ceo Deos. 323. atè 327. Fazerse Deos homem, naõ foy humildade: & porque. 334. Quam grande fineza foy a do Amor de Deos o fazerse homem. 338. atè 341. Como facilitou Deos o impossivel de estarem dous corpos no mesmo lugar. 343. Que differença vay do Amor de Deos encarnado ao de Deos sacramentado. 346. Assim como Deos na Encarnaçam foy Emmanuel, assim tambem foy Emmanuel no Sacramento. 348. Tambem Deos no Sacramento encarnou, & em todos os homens. 349. atè 353. Antes de Deos criar o mundo, & encarnar Christo, podia haver Sacramento: & como. 553. O Amor de Deos, quando compete em amar, vence para tornar a vencer. 358. No dia da Encarnaçaõ parece, que amou Deos mais aos homens, que a seu Filho. 360. atè 371. Quaes saõ os escondidos de Deos. 404. O Amor de Deos para comnosco tem duas Eternidades. E o nosso para com elle tem huma sò. 451. Que differença ha entre o servir a Deos, & aos homens. 483. atè 489. Porque agradaõ mais a Deos as Estrellas da manhãa, que as da noite. 515.

Demonio. Quatro motivos inventou o Demonio para adormentadores do esquecimento. 4. Como se amigaõ as Almas com o Demonio. 11. Qual he a razaõ de estado do Demonio nos seus contratos com os homens. 17. O Demonio poem o delicto no parto, & a dor na conceiçaõ; às aveças do que faz a natureza. *Ibid.* O que fazem os Demonios à Alma deixada de Deos. 41. Em o Demonio nos tirar o ser Santos, nos veyo a tirar o ser. 136. Divisaõ dos membros do Demonio, como foy fingida pelos Alemaens. 294.

Desprezo. Quanto assentado està o desprezo do peccado na confiança da Misericordia Divina. 10. Como se queixa Deos de desprezado de nós. 104.

Dezejo. Os dezejos de Maria na Expectaçaõ do Parto, fizeraõ hum circulo, que comprehendeo o eterno. 56. Saõ muito parecidos o dezejo, & a eternidade. *Ibid.* Ainda que estes dezejos de Maria começàraõ, & acabàraõ; bem se pódem dizer eternos: & porque. *Ibid.* & 57. Os OO dos dezejos de Maria no tempo da Expectaçaõ de seu Parto, eraõ como os OO das

cifras da Ariſmetica. 59. Como ſe haõ de contar eſtes dezejos de Maria. 60. A cada hum deſtes dezejos de Maria correſpondia novo augmento de graça, & ſucceſſivamente mayor Amor do Filho, & mais intenſo dezejo. 60. & 61. Quaes foraõ os effeitos da uniam dos OO deſtes dezejos de Maria com o circulo do tempo, em que os teve. 61. Hum ſò dia de ardente, & ancioſo dezejo, he igual a todo o tempo da vida humana. 62. Porque chamou Jacob dezejo ao Meſſias. 63. E porque lhe chama dezejo dos montes. *Ibid.* Creſcem os dezejos pela medida da dilaçaõ do bem dezejado. 63. atè 66. Quanto o bem dezejado eſtà mais vizinho, tanto he mayor o dezejo. 65. A mais poderoſa inclinaçam dos homens, he dezejar ſer. 136. Sò huma couſa devem dezejar os homens: & qual he. *Ibid.* Muitas vezes eſtà a felicidade em ſe nam achar o que ſe dezeja. 431.

Deſertos. Quaes foraõ os Santos antigos do deſerto. 156. & 157.

Dias. Muitas vezes os homens acabaõ os dias da vida, que ainda haviaõ de ſer mais, ſó, porque encheraõ o numero dos peccados. 38. E os que naõ acabaõ a vida com o ultimo peccado, ſò lhes ſervem os dias que vivem, deixados da maõ de Deos, para mayor Inferno. *Ibid.* Que Santos ſaõ os que ſe celebraõ no dia de Todos os Santos. 135. Como ſe multiplicaõ os dias depois da morte. 450.

Difficuldade. Quaes foraõ as duas mayores difficuldades do Apoſtolado de Chriſto. 125.

Dinheiro. Naõ baſta haver Confeſſor, & dinheiro para hir ao Ceo. 25. Quam perniciоſo he o uſo do dinheiro. 415 & 416.

Diſciriçaõ. Queixas da diſciriçaõ contra a morte. 443. A diſciriçaõ verdadeira naõ conſiſte em ſaber dizer, ſenaõ em ſaber morrer. 454.

Dividas. Obrigaſe Deos como devedor noſſo, quando fazemos o que elle nos manda. 483. E ainda tambem, quando nam fazemos o que nos manda fazer. *Ibid.*

E

Ecco. OS aduladores dos Reys ſaõ comparados ao ecco. 236. Tudo o que entra pelo ouvido, faz ecco no coraçaõ. 304. E conforme eſtà o coraçaõ, aſſim ſe formaõ os eccos. *Ibid.*

Eleiçaõ. Bem pòde a meſma couſa ſer caſo; & mais eleiçaõ. 455. O mais perfeito modo de eleiçaõ, he eleger por conformidade. 456. Os que ſe elegem para povoadores das Conquiſtas Catholicas, devem ſer ao longe o que promettem ao perto. 539.

Encarnaçaõ. A mayor maravilha do myſterio da Encarnaçaõ, he chegar nelle Deos a eſtar cercado. 50. O Myſterio da Encarnaçaõ foy hum circulo. 53. A dous extremos ſe reduz o Amor de Chriſto no Myſte-

Mysterio da Encarnaçaõ. 322. E quam grãdes foraõ estes extremos. 323. atè 327. Quanta differença vay de estar Deos cõnosco na Encarnaçaõ, & no Sacramento. 345. Assim como Deos na Encarnaçam foy Emmanuel, foy tambem Emmanuel no Sacramento. 348. Tambem Deos pelo Sacramento encarnou em todos os homens. 349. atè 358. Antes de Christo encarnar, & Deos criar o mundo, podia haver Sacramento: & como. 353. No dia da Encarnaçaõ parece, que amou mais Deos aos homens, que a seu Filho. 360. atè 371.

ngano. Qual he o engano, que leva a todos ao Inferno. 18. Como he enganosa a confiança da Confissam. 23. Enganaõ-se os que haõ de ser condenados em cuidarem, que se poderàm desatar do ultimo peccado, que os ha de condenar. 40. Como he engano cuidar que ha Amor. 99. 100. & 101. De duas cousas, as mais claras que ha no mundo, se formou hum grande engano. 309. E para naõ haver engano, basta qualquer luz. 310.

ntendimento. Bastava só o entendimento para ser aborrecido o Amor desordenado. 99. O Entendimento he o mayor inimigo da vida. 444 & 445.

Sphera. De que figuras consta a Esphera celeste. 199.

Scritura. Nas Escrituras sagradas naõ ha palavra que seja superflua: & o repàro em contrario, que se faz com a mesma Escritura. 46. & 47. A ignorancia da fraze Hebrea, faz naõ entender o verdadeiro sentido das Escrituras. 338. Como se haõ de entender nas Escrituras as varias apparições, q̃ Deos fez. 339.

Esperança. Muitas vezes está a nossa perdiçaõ em succederem as cousas, como esperamos. 399.

Espirito Santo. Assim como o Espirito Santo nos deu quatro motivos para espertadores da memoria, assim o Demonio nos dà outros quatro para adormentadores do esquecimento. 4. Como fez Saõ Pedro vir o Espirito Santo antes de vir. 126. Porque se chama só a terceira Pessoa da Santissima Trindade Espirito Santo. 144.

Estado. Tem o Demonio sua razaõ de estado nos seus contratos com os homens. 17. Qual he o estado da impenitencia final. 40. Naõ ha estado em que naõ haja Santos. 171. atè 173.

Estrella. Como saõ Estrellas os Prègadores Missionarios. 509. atè 520.

Eternidade. Os dezejos de Maria na Expectaçaõ do Parto fizeraõ hum circulo, que comprehendèo o Eterno. 56. A eternidade, & o dezejo saõ muito parecidos. *Ibid* Bem se pòdem dizer eternos os dezejos da Expectaçaõ do Parto de Maria, ainda que começàraõ, & acabaraõ. *Ibid.* & 57. Como se faz eterna a idade cortada. 449. Quanto se corta à vida, tanto se acrescenta à Eternidade. 451. O Amor de Deos para comnosco tem duas Eternidades:

& o noſſo para com elle tem huma *Ibid.*

Eva. Hé a imaginaçaõ como a ſerpente de Eva: & porque. 299.

F

Fabula. FIngiraõ os Alemaens em huma fabula huma diviſaõ de membros do Demonio. 294.

Facilidade. Facilitaſe o homem a peccar pela dilaçaõ do caſtigo. 5. A confiança na Miſericordia Divina, facilita a continuaçaõ do peccado. 10. O propoſito do arrependimento facilita a multiplicar os peccados. 15. A facilidade do remedio faz naõ temer o peccar. 20. Porque razaõ tem a Hoſtia conſagrada figura circular, & naõ quadrada. 71. & 72. Com que facilidade podemos todos ter a limpeza do coraçaõ. 173. & 174.

Falſidade. Para levantar teſtimunhos falſos naõ he neceſſario mudar, nem diminuir, nem accreſcẽtar palavras. 308. De duas couſas as mais claras que ha no mundo, ſe formou huma falſidade. 310. Como póde haver falſos teſtimunhos, ſem haver quem os levante. 313.

Fé. Saõ Pedro confirmou os outros Apoſtolos na Fé da Reſurreiçam. 126. Nenhuma couſa póde humilhar a Fé, ſenaõ a viſta. 182.

Felicidade. Naõ póde haver ſumma felicidade ſem companhia. 68. Como o Amor nos que parece mais fino, he falſo. 99. 100. & 101.

Fermoſura. Saõ Joaõ Evangeliſta póde pintarnos a Cidade da Gloria, rica, mas naõ fermoſa. 194. A fermoſura da Gloria naõ ſe explica pela comparaçaõ de Rio de delicias: nem de Convite de ſoberanos manjares: nem da grandeza dos Reynos: nem do dia das vodas: nem do goſto dos Lavradores no dia da meſſe, ou dos Soldados com a gloria dos deſpojos. 198. & 199. Queixaſe a gentileza, ou fermoſura contra a morte. 441. De que maneira o morrer naõ he perder a fermoſura. 452. Mais inimigos tem a fermoſura, que a vida. 453.

Ferro. Atè hum coraçaõ de ferro, ſe foſſe amado, havia de amar. 86. Amores da pedra Iman com o ferro. *Ibid.*

Ferida. As feridas dos peccados, cura a Confiſſaõ com palavras: & como. 21.

Figura. O circulo he a mais perfeita figura de quantas inventou a natureza, & conhece a Geometria. 45. A figura do dezejo he o O, aſſim como o he tambem da eternidade. 56. Quaes foraõ as figuras com que os Profetas nos repreſentàraõ a Gloria. 197. De que figuras ſe compoem a Eſphera celeſte. 199. No Cameleaõ, ſombra, eſpelho, & ecco ſaõ figurados os aduladores. 236. Tambẽ ſaõ figuras ſuas os quatro Animaes do Apocalypſe, que cercavaõ o Trono do Cordeiro. 237.

Filho. Dezejava a Virgem Maria go-

zar a seu Filho ao modo com que o Padre Eterno o goza. 68. Quaes saõ os filhos dos homens na fraze da Escritura. 239. Com quantas mentiras calumniaraõ os Fariseos em hũa occasiaõ ao Filho de Deos. 292. & 293. A mentira he filha primogenita do ocio. 299. O Eterno Padre por Amor dos homens, tirou as culpas dos homens, para as pôr em seu Filho. 361. & 362. E para assentar ao homem na Cadeira da Gloria, deu ao Filho a beber o Calix. 363. & 364. O Amor do Eterno Padre em sacrificar seu Filho, naõ teve nada de temor. 366. Parece que o Eterno Padre, dos homens era Pay, & do Filho naõ. 267. Caso admiravel do amor de hum pay a seu filho. 368. Onde se vio huma representaçaõ da sentença do Eterno Padre, em que disse: Morra meu Filho, para que o homem viva. 369. Em certa maneira podendo haver ciumes em Deos, os poderia ter seu Filho à vista do muito que seu Pay amou os homens. 370. & 371. Como foy Christo Filho prodigo. 378.

Filosofos. Quaes foraõ os Filosofos antigos. 155.

Fortuna. A baixeza de servo naõ he injuria da natureza, senaõ da fortuna. 329.

G

Gentios. O Que sentiaõ os Gentios da Ley dos Christiãos. 22. E o que Santo Agustinho disse aos Gentios sobre a mesma Ley. *Ibid.* Tambem entre os Gentios havia Santos por seu modo. 240. E para ser Santo do modo que os havia entre os Gentios, naõ saõ necessarios milagres. *Ibid.* Sentença de hum Gentio sobre as riquezas das Minas. Quem saõ os que melhor que os Gentios comem gente. 535 Quaes saõ os remedios principaes, para se converterem os Gentios. 538. atè 548.

Gentileza. Queixas da gentileza contra a morte. 441. De que maneira o morrer naõ he perder a gentileza. 452.

Gloria. Tudo o que se diz da Gloria, posto que no que se quer dizer seja verdade, no que se diz he mentira. 180. & 181. Só com Deos mostrar a David a Gloria, que lhe havia de dar, disse David que Deos lhe pagou. 183. Só com offerecermos a Deos o Calix de nosso Salvador, lhe podemos pagar a Gloria, que nos ha de dar. 184. Todo o homem, quando falla da Gloria, mente: & como se entende isto. 186. Como se póde dizer, que os Evangelistas mentiraõ no que disseraõ da Gloria. 187. atè 195. Em que sentido se pòde tambem dizer, que os Profetas mentiraõ no que disseraõ da Gloria. 196. atè 200. A mayor grandeza da Gloria, he naõ se poder fallar sem se mentir. 202. Qual he o mais adequado meyo para sabermos a pouca semelhança que tem de verdade quanto della cá

cá se diz, & se ouve. 265. Em hum só unico lugar da Escritura se dà a Deos o titulo de Deos da Gloria: & qual he. 207. Tambem he conveniencia naõ offender a Deos por interesse da Gloria 208. Os que fazem pouco pela Gloria, só pódem temer que naõ saõ criados para ella. 208. & 209.

Governador. Os que governaõ, nam saõ o espelho da Republica: a Republica he o espelho dos que governaõ. 541.

Graça. A cada hum dos dezejos da Mãy de Deos na Expectaçaõ de seu Parto, correspondia novo aumento de graça. 60. E como. 61. Na graça consiste a grandeza do Filho Unigenito do Eterno Padre. 141. Sò a Graça he verdadeiro bem. 150. Qual deve ser a Graça, com que os Prègadores saõ obrigados a prègar. 250. Falta a Graça de Deos na morte, porque naõ ouve boas obras na vida. 267. Para salvar, naõ só basta a graça da morte, he necessario a graça da vida; que he a que sobeja. *Ib.* Nas Cortes naõ basta sò a graça dos Principes, senaõ tambem a dos que lhe assistem. 464. Para hum homem se conservar na graça dos Principes, ha de andar às aveças. 467.

H

Hereges. NAm sò os Hereges, mas tambem os Catholicos tem achado invençaõ para dividir em Deos a misericordia da justiça, sendo ambas entre si inseparaveis. 14. Ouve Hereges, os quaes se podiaõ chamar amicissimos inimigos da Carne. 93. Quaes foraõ os Hereges antigos. 155. Porque razaõ permitiria a Justiça Divina, que os Hereges do Norte dominassem algumas Conquistas da Christandade. 532.

Hyperbole. A hyperbole serve para se chegar à verdade por meyo da mentira. p. 202. & 203.

Homens. Porque causa he ordinario nos homens o peccar, & ter peccado, & tornar a peccar. 4. Facilitase o homem a peccar pela dilaçaõ do castigo. 5. O que dizem os homens, quando confiados na dilaçaõ do castigo, se animaõ a continuar no peccado. 7. Porque se animaõ os homens a peccar depois de ter peccado. 8. Tem os homens huma terceira, com a qual o Demonio lhes rende, & troz as suas Almas a si. 11. Naõ haõ os homens de confiar, & estar seguros, que sempre a Misericordia Divina lhes ha de perdoar. 12. Os homens primeiro tem dor dos peccados, & depois os cometem. 16. Qual he o conceito que os homens fazem com a morte, & com o Inferno. *Ibid.* Como se guarda no Inferno o pacto, que os homens fazem com elle. 18. Efficaz meyo para nenhum homem se atrever a peccar. 26. atè 40. Naõ ha cousa mais alheya do ser de homem, que naõ responder com Amor a quem o amou primeiro. 83. Da in-

nconstancia das mulheres, trazem
s homens a sua. 101. O mayor
petite do homem, he dezejar ser.
36. Que cousa somente veyo en-
nar aos homens o Filho de Deos.
42. Como nos dizem os homens
ue cousa he ser Santos. 151. atè
67. Em que sentido se deve to-
nar o Texto de David, quãdo diz,
odo o homem mente. 185. Todos
s homens vivem com duas igno-
ancias: & quaes saõ. 255. Quan-
o se fez Deos homem, & quando
e fez servo. 329. Fazerse Deos
omem, naõ foy humildade: &
orque. 334. Porque naõ disse S.
oaõ, que o Verbo Divino se fize-
a homem, senaõ carne: & porque
isse, que habitou em nòs, & nõ
omnosco. 342. No dia, em que
Christo se sacramentou, parece q̃
mou mais aos homens, do que a
eu Eterno Padre. 372. & ulterius.
O ouro, & prata, saõ a pedra de
oque dos homẽs. 414. Triste he a
ondiçaõ de haver hum homẽ de
ervir a outro homẽ sendo iguaes.
62. & 463. Quam natural he ao
omem o espirito de mandar ho-
ens. 467. & 468. Mayor servi-
iaõ he mandar homens, que ser-
ilos. 469. O homem naõ he mun-
o piqueno, he mundo grãde. 470.
& 471. Que pago costumaõ dar os
omens a quem bem os soube ser-
ir. 475. atè 477. E qual he o
pago dos homens a quem bem os
oube mandar. 478. ate 481. Que
differença vay do servir a Deos a
ervir homens. 483. atè 489.

Honra. Quanto zela Deos a nossa hõ-
ra. 301. Com dous Infernos a de-
fende. *Ibid.*

Hostia. Porque razaõ tem a Hostia
consagrada figura circular, & naõ
quadrada. 71. & 72.

Humildade. Fazerse Deos homem;
naõ foy humildade: & porq̃. 334.
Quam grande foy a humildade de
Christo lavando os pés a Judas.
337.

I

Igreja. A Igreja seguraſe na pro-
videncia de Saõ Pedro
& Saõ Pedro na providencia de
Christo. 108. 190. & 110. E isto
ainda depois que Christo subio ao
Ceo, & ficou Saõ Pedro na terra.
111. Na Igreja naõ pòde haver
duas cabeças. 115. Da pouca pro-
videncia de Saõ Pedro em sua ca-
sa, se prova a sua grande providen-
cia para com a Igreja. 124.

Idade. Queixas da idade cõtra a mor-
te. 438. Bem se pòde eternizar a
idade, depois de cortada. 449.

Ignorancia. Porque quiz Deos que
vivessemos cõ a ignorancia da mor-
te, & com a ignorancia da prede-
stinaçaõ. 255. Como somos igno-
rantes na materia da salvaçaõ. 287.
atè 289. A ignorancia da fraze
Hebrea, faz naõ entender o ver-
dadeiro sentido das Escrituras.
338.

Impenitencia. Qual he o estado da
impenitencia final. 40.

Immenſidade. Que cõuſa he a immenſidade de Deos. 47. & 48. Tem circumferencia a immenſidade de Deos no ventre de Maria. 49. atè 54. No Ventre de Maria ouve hum immenſo mayor que outro immenſo. 51. Tambem no Sacramento tem a immenſidade de Deos circumferencia. 71.

Inimigos. Amar aos inimigos he o mais difficultoſo documento, que ha nas Eſcrituras ſagradas. 77. Mas eſta doutrinã padece hũa grãde inſtancia. 78. Ha dous generos de inimigos: & quaes ſaõ. 89. De que maneira aborrecendo, & naõ amando aos inimigos, os amamos. 91. O ruim amigo aſſim como he inimigo de ſi meſmo, o he tambem de ſeu amigo. 94. Se ſaõ os Reys obrigados a amar a ſeus inimigos: & como parece que o naõ ſaõ. 211. atè 214. Mas he certo que ſim. 215. atè 220. Quaes ſaõ os inimigos dos Reys. 121. Ha inimigos por inimizade, & inimigos por hoſtilidade. *Ibid.* Naõ deixaõ os Reys de ſer Chriſtaõs por fazerem guerra a ſeus inimigos. 222. Como erradamente ſentio o cõtrario Tertuliano. *Ibid.* Como devẽ os Reys naõ ſó perdoar, mas ainda fazer bem a ſeus inimigos. 224. Naõ ha diſtinçaõ entre adulador, & inimigo. 244. Quaes ſaõ os proprios inimigos dos Reys. 225. atè 243. Ha inimigos, que perſeguem, & inimigos, que adulaõ. 227. Qual he o mayor inimigo da vida. 444. Mais inimigos tem a fermoſura, q̃ a vida. 453.

Inferno. Qual he o pacto, & cõcẽto que os homens fazem cõ a morte, & com o Inferno. 16. Como guarda no Inferno o pacto, que homens fazem com elle. 18. Como he o Amor hum Inferno ſem redempçaõ. 102. Se naõ ouveſſe Inferno, poucos haveria que amaſſem a Deos. 262. Qual he a razaõ porque vaõ tantos ao Inferno. 26. Com dous Infernos zela Deos noſſa honra. 301. Atè ao Inferno vaõ os homens deſenterrar riquezas de minas. 423. Com que facilidade podemos livrar as Almas do Inferno inferior. 430. Para ſe levarem Almas a Chriſto, tão neceſſarias ſaõ as chaves, que abrem o Ceo, como as que fechaõ ao Inferno. 522.

Intereſſe. Onde ha occaſiaõ de intereſſe, naõ ha confederaçaõ que dure. 402. & 403.

Ira. A ira de Deos he meyo para ſe obſervar a ſua Ley. 6. A ira de Deos naõ he de cada dia. 7.

Juizo. A primeira couſa que appare-ce em Juizo, he a medida, que Deos tem deſtinado aos peccados. 29. Se naõ ouvera Inferno, nem Paraiſo baſtava ſó o entendimento, & juizo para ſer aborrecido o Amor deſordenado. 99. Porque prohibe Deos com pena de peccado mortal o juizo temerario. 301.

Juramento. Sempre ſe faz o juramento por aquillo que mais ſe venera. 139. Como Deos obſervou iſto meſmo. *Ibid.*

ça. Quãnõ saõ entre si a mes-
a cousa, a misericordia, & a ju-
ça em Deos. 12. Amar, & naõ
r amado he o mayor tormento,
r amado, & naõ amar he a ma-
or injustiça. 88. Que Ministros
Justiça ouve Santos, 171. Os
eys saõ, & pòdem ser Juizes em
usas proprias. 223. Por nenhum
ributo he Deos mais amado, que
lo de sua justiça. 262.

L

MEyo para se observarem as Leys de
eos. 6. O que sentiaõ os Gen-
os da Ley dos Christaõs: & o q̃
bre ella lhe disse Santo Agusti-
no. 22. Como na Confissaõ nos
omos a nòs mesmos outra Ley de
ovo. *Ibid.* A Ley de Deos se dif-
culta os preceitos, facilita os re-
edios. 89. Cuidaõ os Reys que
õ izentos das Leys da charidade.
11. & 212. Como se entẽde a Ley
e Deos, quando diz, que quem
na o perigo cahirà nelle. 276.
a. Nas Escrituras sagradas naõ
a palavra, nem syllaba, nẽ ainda
tra, que seja superflua: & o repa-
o em contrario que se faz com a
esma Escritura. 46. & 47.
peza. Com que facilidade pode-
os ter todos a limpeza de cora-
aõ. 173. & 174.
gua. Mais se ha de temer a lingua
o adulador, que todas as armas do
erseguidor. 228. A imaginaçaõ
faz parecer quẽ a lingua he a que
cuida as mentiras. 300. As linguas
naõ haviaõ de mentir a todos, se
as imaginaçoens naõ mentissem a
cada hum. 302. Quando se naõ
entendem as linguas estranhas, os
que fallaõ saõ mudos, & os que
ouvem saõ surdos. 513.

Louvor. A mayor felicidade dos Reys
he nascerem no signo de serẽ lou-
vados. 233. Que pernicioso saõ
aos Reys os louvores dos adulado-
res. 234. Muitas vezes estes adu-
ladores aquillo mesmo que lou-
vaõ, choraõ. 235.

M

Mal. QUal he o mayor mal de
todos os males. 1. O
peccado futuro he o mais perigoso
mal. *Ibid.* Qual he o bem, ou mal
que os aduladores fazem aos Reys.
233. Adular, he querer mal.
244. Os aduladores a si se fazem
o mayor mal. 245. Evitar a estes o
mal da emulaçaõ, he amàlos. *Ibid.*
Nada nos afronta quem diz mal de
nòs, mentindo. 312.

Magestade. A cousa mais opposta ao
Amor, he a Magestade. 213. &
214.

Maranhaõ. Vicios da lingua applica-
dos ao Maranhaõ. 295. Atè o Sol
no Maranhaõ mente. 296. Por-
que causa o Maranhaõ influe tan-
ta mentira. 297.

Maria. No Ventre de Maria tem cir-
cumferencias a immensidade de

Deos. 49. atè 54. No Ventre de Maria se fez hum immenso mayor que outro immenso. 51. Os dezejos de Maria na Expectaçaõ do Parto, fizeraõ hum Circulo, que comprehendéo o Eterno. 56. Ainda que estes dezejos começáraõ, & acabáraõ, bem se pódem dizer eternos: & porque. *Ibid.* & 57 Como podiaõ os dezejos de Maria fazer eternos os poucos mezes da Expectaçaõ de seu Parto. 58. Os OO dos dezejos de Maria nos mezes da Expectaçaõ do Parto, eraõ como os OO das cifras da Arismetica. 59. Como se haõ de contar estes dezejos de Maria. 60. A cada hum destes dezejos de Maria correspondia novo aumento de graça, & successivamente mayor amor do filho, & mais intenso dezejo. 60. & 61. Quaes foraõ os effeitos da uniaõ destes OO dos dezejos de Maria com o circulo do tempo em que os teve. 61. Foraõ fazer eterno o tempo de nove mezes. 62. atè 66. Carecia Maria do mesmo bem que tinha em si. 67. Dezejava Maria gozar a seu Filho ao modo que o Padre Eterno o goza. 68. A Virgem Maria de todos os seus atributos naturaes, & sobrenaturaes, só tomou o que era Santo. 145. A quãtas cousas preferio Maria o ser Santa. 146. O dia da Assumpçaõ da Virgem Maria, he o melhor dia para morrer. 435.

Mathematicos. Acontecèo aos Profetas com o Ceo là de sima, o mesmo que aõs Mathemáticos cõ el Ceo cà de baixo. 199.

Medida. Tem Deos destinado ce ta medida aos peccados de cada h 27. atè 42. Crescem os dezejos p la medida da dilaçaõ do bem d zejado. 63. atè 66.

Meyo. Efficaz meyo para ningue se atrever a peccar mais. 26 a 40. Os effeitos da providencia na se haõ de medir pela diversidad dos meyos, sensõ pela unidade d fins. 113. Porque meyos se co servaõ os homens nas casas do Reys. 466. & 467.

Memoria. Assim como o Espirito S to nos deu quatro motivos pa espertadores da memoria, assim Demonio nos dà outros quatro p ra adormentadores do esquecim to 4.

Mentira. Como se pòde chamar D mingo das mentiras o segũdo D mingo da Quaresma. 180. & 18 Em que sentido se deve tomar Texto de David, quando diz, q todo o homem mente. 185. Em qu sentido naõ cometem culpa os qu fallando da Gloria, mentem. 18 Como se divide a mentira. *Ib.* Co mo se pòde dizer dos Evangelista q̃ mẽtiraõ no que differaõ da Glo ria. 187. atè 195. Em que sentid se pòde dizer que mẽtiraõ os Pro fetas no que differaõ da Gloria 196. atè 204. Em nenhum caso h licito o mentir. 201. A mẽtira ma terial naõ he culpavel. 202. Usa algũa vez da mentira para persua dir a verdade, naõ encontra a ver-

da-

ádeira retorica. *Ibid.* & 203. Há
ientiras que se vem *Ib.* De quã-
os modos se pòde mentir. 292. Em
ue sentido disse hum discreto, q̃
è os Ceos mentiaõ. 295 Atè o
ol mente no Maranhaõ. 296. Por-
ue causa o Maranhaõ influe mẽ-
ira. 297. Os mentirosos dizem as
ousas ainda antes de as saberem.
98. A mentira he filha primoge-
ita do ocio. 299 Faz a imagina-
aõ parecer, que a mesma lingua
e que imagina as mentiras. 300.
s linguas naõ haviaõ de mentir a
odos, se as imaginaçoens naõ mẽ-
ssem a cada hum. 302. Muitas ve-
es entrando pelos ouvidos duas
erdades, sae pela boca hũa menti-
a. 306. Os mentirosos fazem de
uas verdades partidas, hũa men-
ra inteira. 307. Ainda dizendo se
que se ouvio, & ouvir o que se
isse, pòde haver mentira. *Ibid.* &
08. Para se mentir, naõ he neces-
ario mudar, nem deminuir, nem
resçentar as palavras. 308. Ain-
a depois de se dizer o que se vio,
e mente. 309. Atè de dia mentem
s olhos. *Ibid.* Nada importa que
e diga mal de nòs com mentira.
11. Nos erros pequenos fazem as
ientiras mais dãno, que nos gran-
es. 315.

recimento. O Ceo, & o merecimen-
o delle, està dentro de nòs 176 O
ue merecem aquelles, q̃ perdoaõ a
eus inimigos. 216. 217. & 218.
Deos só faz caso do merecimento
õ que o servimos, & naõ do nasci-
mento dos que o servem. 484.
Deos mede pelos coraçoens os me-
recimentos dos que o servem. 485.

Milagre. Qual foy o mayor milagre
de S. Pedro. 123. Naõ saõ necessarios
milagres para haver Santos como
os que veneravaõ os Gentios. 240.
Como fazem os Prègadores Mis-
sionarios milagre de dar falla aos
mudos, & ouvidos aos surdos 514.

Misericordia. A confiança da miseri-
cordia facilita ao peccado. 10. A
misericordia, & a justiça em Deos
està muito perto hũa da outra: &
quando saõ entre si a mesma cou-
sa. 12. & 13. Como dividem os
homens em Deos a misericordia da
justiça.

Montes. Porque se chamaõ Montes os
Patriarchas, & Profetas 64.

Morte. Que concerto he, & que pa-
cto o que fazem os homens com a
morte, & com o Inferno. 16. Ha-
vendo Confessor na hora da mor-
tẽ pòde faltar a salvaçõ. 25. Qual
he o peccado, que leva sem remedio
à morte eterna. 34. E para isso ba-
sta tambem o peccado mortal, ain-
da que seja menos grave q̃ outros.
42. Que successo teve o Amor cõ
a morte em huma occasiaõ. 90. O
Amor desta vida he hũa morte, pe-
la qual sempre se vai ao Inferno.
102. Porque teve S. Pedro morte
de Cruz, & S. Paulo com a espada.
115. O mayor defeito das mayo-
res riquezas he, que naõ evitaõ a
morte. 192. Para salvar naõ basta
morrer bem, he necessario viver
bẽ. 265 As mortes de alguns Pro-
fetas, & dos Apostolos. 152. As

mortes de muitos gloriosos Martyres. 153. 154. Porque quiz Deos que viveſſemos incertos da morte. 255. Como ſe ouve Chriſto na vida, & na morte, ainda ſabendo a certeza da ſalvação, & a hora em q̃ havia de morrer. 256. & 257. Ainda que baſte para ſalvar a graça da morte, he neceſſario a graça da vida, que he a que ſobeja. 267. O dia da Aſſumpção da Virgem Maria, he o melhor dia para morrer. 435. Os caſos da vida, & da morte, ſaõ os mayores motivos de admiração. 437. Deſigualdades da morte. 438. Os mais ſugeitos annos à morte, ſaõ os mais ſeguros. 440. Como appareceo a morte ao Profeta Amós. *Ibid.* De que maneira o morrer naõ he perder a fermozura. 452. Que admiraveis transformações de fermózura faz a morte debaixo da terra. *Ibid.* A diſcriçaõ verdadeira naõ conſiſte em ſaber dizer, ſenaõ em ſaber morrer. 454.

Mulher. Da inconſtancia das mulheres, tiráraõ os homens a ſua. 101. Admiravel acçaõ de mulher. 275.

Mundo. Efficaz meyo para ſe tirarem os peccados do mundo. 6. Em quãto naõ houve no mundo odio, foy a idade dourada. 412. & 413. O homem naõ he mundo pequeno, he mundo grande. 470. & 471.

Motivos. Motivos para naõ peccar mais, nem ter peccado já mais. 3. 4. Motivos que facilitaõ ao peccado, ſaõ quatro: & quaes ſaõ. 5. 10. 15. & 20. O mais certo motivo de ſer amado, he anticipar o Amor.

N

Natureza. A Natureza poem deleite na cõceiça & a dor no parto, & o Demon às aveças, poem o deleite no par & a dor na conceiçaõ. 17. De q maneira he muito natural à von de humana o vencer as tres may rea difficuldades, com que no m mo tempo he combatida. 91.

Neceſſidade. Quando havemos miſt a Deos, nunca deixa de ſer no E quando ſe ſerve de nòs, ſom com grande honra ſeus. 488.

Noite. Mais agradaõ a Deos as Eſtr las da manhaã, que as da noite: porque. 515.

Nome. Quam grande ſignificaçaõ na terceira Peſſoa da Santiſſi Trindade o nome de Santo. 144.

Novidade. Que couſa nova, & ina dita he a que Deos criou ſobre terra. 49.

Noviſſimos. Os noviſſimos do home ſaõ o remedio para naõ peccar. O que diz o Demonio para naõ aproveitar o homem do remed dos noviſſimos. 5.

O

Obras. Falta a graça de Deos morte, porque faltára as boas obras na vida. 170. Ha m tir por palavra, por penſamento, por obra. 292. A obra, que ſe na defende por quem a fez, perdeſ 523. atè 527.

Occaſiaõ. A occaſiaõ porque he ordi nari

tiõ nõs homens o peccar, ter
ccado, & tornar a peccar. 4.
idade. Onde o clima influe ocio-
dade, naſce a nẽtira. 297. & 298.
. O Amor, & o odio ſaõ os dous
ais poderoſos affectos da natu-
za humana. 76. Como ſe ha de
ber amar, & ſaber aborrecer. 77.
Iais difficultoſo he amar a quem
os aborece, do que aborrecer a
uem nos ama. 79. Por outra par-
parece que mais difficultoſo he
borrecer a quem nos ama, do que
nar a quem nos aborrece 80. Que
ria o odio, ſe tiocaſſe as armas cõ
Amor. 90. De que maneira abor-
cendo aos inimigos, os amamos.
1. Em que ſẽtido ſe ha de ter odio
s Reys. 92. Naõ ſe encontra o
rec eito de amar os pays, cõ o con-
lho de os aborrecer. 93. Como
òde o Amor ſer verdadeiro odio.
5. Odio perfeito, he verdadeiro
mor. 97. Melhor he odio que nos
lva, do q̃ Amor q̃ nos perde. 98.
nſa. Cada peccado que comete-
ios he hum peccado, & duas of-
enſas. 207. Melhor he offender
om a verdade, que agradar com
lizonja. 237.
cios. Que Santos ouve nos offici-
s mechanicos. 173.
os. A verdadeira providencia que
oda he olhos, naõ ſe contenta cõ
er informada ſómente, ſenaõ com
er. 128. Nenhúa couſa pòde hu-
nilhar a Fé, ſenaõ a viſta. 182. Ha
nentiras que ſe vem. 203. Nas Fe-
ſtas dos Santos ha de prẽgarſe com
os olhos no Ceo, na terra, & no
Evangelho. 251. Ainda depois de
ſe dizer o que ſe vio, ſe mente. 309.
Atè de dia mentem os olhos. *Ibid.*
Nam baſta qualquer luz pera ſe
naõ enganarem os olhos. 310.
Qualquer leve impedimento na
viſta faz eſcurecer a mayor verda-
de. 311. De que couſas ſe aſſom-
brou Jacob, quando vio a myſterio-
ſa eſcada do Ceo à terra. 325.
Oraçaõ. Qual he o peccado pelo
qual ſe naõ deve de orar como in-
capaz de remedio, & de perdaõ.
34. Admiravel modo de orar de S.
Simeõ Eſtelita. 158.
Ovelhas. Porque razaõ encomendou
Chriſto a Saõ Pedro duas vezes os
cordeiros, & huma ſó vez as ove-
lhas. 129. O que ſó apaſcenta, &
naõ defende as ſuas ovelhas, naõ
he Paſtor, he Mercenario. 524
ate 527.
Ouvidos. Quanto prejuizo correm as
palavras deſde a boca atè os ouvi-
dos. 302. E o meſmo ſuccede quã-
do os homens ouvem com os co-
raçoens. 303. Cada hum ouve cõ-
forme o ſeu coraçaõ. 304. Se o co-
raçaõ he ſanto, tudo o que entra
pelo ouvido he ſanto; & ſe o co-
raçaõ he de Diabo, tudo o que en-
tra pelos ouvidos he diabolico. *Ib.*
Atè nas palavras ſahidas da boca
de Chriſto, ſe verificou iſto. 305.
Muitas vezes entraõ pelos ouvidos
duas verdades, & ſae pela boca hũa
mentira. 306. Bem ſe pòde dizer o
que ſe ouvio, & ouvir o que ſe diſ-
ſe, & com tudo iſſo mentirſe. 308.

P

Paga. NOs somos os que avaliamos os noſſos ſerviços, que razemos, para elle nos los pagar. 484.

Pays. Em que ſentido ſe ha de ter odio aos pays. 92. Naõ ſe encontra o preceito de amar os pays, com o conſelho de os aborrecer. 93. O Eterno Padre por amor dos homẽs, tirou as culpas dos homẽs para as pôr em ſeu Filho. 361. & 362. E para aſſentar ao homem na cadeira da Gloria, deu a beber o Calix ao Filho. 363. & 364. O Amor do Eterno Padre em ſacrificar ſeu Filho, naõ teve nada de temor. 366. Parece, q̃ o Eterno Padre, dos homens era Pay, & de ſeu Filho naõ. 367. Caſo admiravel do amor de hum pay a ſeu filho. 368. Onde ſe vio hũa repreſentaçaõ da ſentença do Eterno Padre, em que diſſe: Morra meu Filho, para que o homem viva. 369. Em certa maneira, podẽdo haver ciumes em Deos, os poderia ter ſeu Filho à viſta do muito, que ſeu Pay amou aos homens. 370. & 371. Como ſe póde dizer, que parece que Chriſto fez mais eſtimaçaõ dos pès dos homẽs, que das dadivas de ſeu Eterno Padre. 376. & 377. Para q̃ o Amor do Padre prevaleceſſe em Chriſto ao Amor dos homens, naõ ſó empenhou o Padre as razoens, & os poderes, mas ſobornou o meſmo Amor. 383.

Palavra. Como cura a Confiſſaõ com palavras. 21. Naõ ſó havemos levar à Confiſſaõ as palavras, pa a Confiſſaõ ſer Cõfiſſaõ, havem de levàlas cõnoſco, como ellas n haõ de levar comſigo. 23. Cõ t palavras ſe vencem tres difficuld des medonhas, que combatem a v tade humana. 89. As palavras d aduladores ſaõ redes, com que pe caõ para comer. 232. & 233. Q perigo correm as palavras deſde boca atè os ouvidos. 302. Atè n palavras de Chriſto ſe experime tou eſte perigo. 304. Para ſe me tir, naõ he neceſſario mudar, ne diminuir, nem acreſcentar as pal vras. 308.

Palacio. Os mayores inimigos d Reys, vivem, & moraõ nos Pal cios. 226. As guardas dos Palaci naõ pòdem evitar as entradas lizonja. 228. Os Palacios ſó da ve dade naõ ſaõ abundantes. 229. Se vem a dous Senhores os q̃ ſerve aos Reys nos Palacios. 231. Qua ſaõ as Aranhas dos Palacios. 23 Os aduladores dos Palacios muit vezes choraõ, o meſmo que lo vaõ. 235. Como diſculpaõ os Pal cianos os delictos dos Reys. 238. 239. He o Palacio a ſantificaç dos Reys. 241. & 242.

Paraiſo. O Amor deſta vida he hun morte, pela qual nunca ſe vay Paraiſo. 102. Se o Amor tive Paraiſo, como havia elle de ſer Como pelo Amor podemos ter Paraiſo aqui, outro no Ceo. 10 Porque abrio Chriſto a porta d Paraiſo ao Ladraõ, & a naõ ma

do

dou abrir por S. Pedro que tinha
as chaves do Ceo. 121.
Ser. Qual he a obrigaçaõ do bom
Paſtor. 524 atè 527.
Peccado. O mayor mal de todos os
males he o peccado. 1. O peccado
futuro he o peyor, & o mais peri-
goſo mal. *Ibid.* Que motivos ba-
ſtavaõ para naõ peccar mais, nem
ter peccado jà mais. 3. 4. A cauſa
porque he ordinario nos homens
o peccar. 4. Saõ quatro os moti-
vos que facilitaõ ao peccado. 5. Pẽ-
ſamẽto de David para tirar os pec-
cados do mundo. *Ibid.* O que dizẽ
os homens, quando confiados na
dilaçaõ do caſtigo ſe animaõ a cõ-
tinuar no primeiro. 7. Porq̃ peccou
Adam, tendolhe Deos continuado a
morte ſe peccaſſe. *Ibid.* Porque ſe
animaõ os homens a peccar depois
de ter peccado. 8. Deos no cabo
puxa pelo capital do peccado, &
mais pelos redditos. *Ibid.* Como
ſe enganaõ os homens com a paci-
encia, & ſofrimento de Deos. *Ibid.*
Quando concebe, & pare o pecca-
dor o peccado. pag. 15. E de q̃ ma-
neira primeiro concebe a dor do
peccado, & depois o pare. 16. Co-
mo cura dos peccados a Confiſ-
ſaõ com palavras. 21. Efficaz me-
yo para ninguem ſe atrever a pec-
car mais. 26. até 40. Tẽ Deos de-
ſtinado certa medida aos peccados
de cada hum. 27. E naõ ſó a cada
Cidade, ou Reyno, mas tambem, &
mais para ſe temer aos peccados
de cada hum. 31. Tanto que ſe en-
che eſta medida com o ultimo pec-
cado, ſegueſe ſem remedio a con-
denaçaõ. *Ibid.* Naõ he alheya da Juſtiça Divina eſta medida decretada
aos peccados de cada hum. 32 Nẽ
tambem que a medida dos pecca-
dos ſeja mayor para huns, que para
outros. 33. O peccado, que acaba
de encher eſta medida, he peccado
ſem remedio, & ſem perdaõ. 36.
Muitas vezes os homens acabaõ a
vida, q̃ havia de ſer mayor, ſó por q̃
acabaõ de encher o numero dos
peccados. 38. Os condenados, que
ainda ſaõ vivos, naõ ſe poderaõ
deſatar do ultimo peccado, que os
ha de condenar. 40. Os peccados
jà perdoados, tambem entraõ na
conta para encher a medida. 41. O
peccado mortal, que for menos gra-
ve que outros, tambem pòde ſer o
ultimo para a medida dos peccados
ſe encher. 42. Cõ que ſentido naõ
peccaõ os que fallando da Gloria,
mentem. 186. Cada peccado, que
cometemos, he hum peccado, &
duas offenſas. 207. Como diſcul-
paõ os Palacianos os peccados dos
Reys. 238. & 239.
Pedra. Amores da pedra Iman com o
ferro. 86. De que pedras precioſas
vio S. Joaõ Evangeliſta fabricados
os fundamẽtos da Cidade da Glo-
ria. 191. Como he evidente, que no
Ceo naõ ha ouro, nem pedras pre-
cioſas. 193.
Perigo. Muitas vezes os remedios
naufragados pòdem ſocorrer pe-
rigos. 249. Eſtà muito ſeguro tu-
do o que ſe arriſca pela charidade.
274. & 275. Huma couſa he en-
trar no perigo amando o perigo &
outra couſa he entrar nelle amãdo

a Deos. 276. Meter nos perigos por amor de Deos, he livrar delles. 278. & 279. Os perigos tomados por charidade, saõ remedios. 280. De muitos perigos nos livraõ as faltas de riquezas. 401. 402. 403. Quam grande perigo ha no mandar homens. 481.

Porta. De que maneira a Confissaõ abre huma porta, & fecha outra. 22 Porque abrio Christo a porta do Paraiso ao Ladraõ, & naõ a mãdou abrir por S. Pedro, que tinha as chaves do Ceo. 121.

Perseguiçaõ. Ha inimigos que perseguẽ, & inimigos que adulaõ. 227. Mais se ha de temer a lizonja do adulador, que todas as armas do perseguidor. 228. Como nescéo Christo com estrella de perseguido em todo o mundo. 504. & 505.

Perdaõ. Parece que Deos se multiplica em sua misericordia para perdoar peccados. 10. Porque razaõ naõ devem os homens acrescentar os peccados, confiados no perdaõ. 12. O ultimo peccado de cada hum de nòs, he peccado sem remedio, & sem perdaõ. 34. O peccado jà perdoado, tambem se deve temer. 41. O que merecem aquelles, que perdoaõ a seus inimigos. 216. 217. & 218. O preceito de perdoar injurias ainda obriga mais agora, do q̃ em outros tempos. 220.

Perda. As obras, que se naõ defendẽ por quem as fez, perdemse. 523. atè. 527.

Prègador. Que fruto fez a prègaçaõ de Jonas em Ninive: & porq̃ 250. Qual deve ser a graça com que o Prègadores saõ obrigados a prègar. 251. Com os olhos no Ceo na terra, & no Evangelho, devem prègar os Prègadores nas Festas dos Santos. *Ibid.* & 252. Com saõ Estrellas os Prègadores Missionarios. 509. atè 520. Porq̃ razaõ fóra de algũas terras os Prègadores do Evangelho. 534. Os Prègadores Missionarios haó de querer dizer a verdade, & sabem dizer. 542. atè 544.

Premio. Como tem certo o premio aquelles que perdoaõ a seus inimigos. 218.

Presença. A presença para ser presença, ha de ter algũa cousa de assencia. 66. Que differença acha S Paulo de estar Christo nelle, e elle com Christo. 74.

Preceitos. Tres preceitos encontrados com que a vontade se vé combatida. 88. Como a Ley de Deos facilita os remedios destes preceitos. 89. A cõsideraçaõ de ser Deos o que nos manda amar aos inimigos, nos obriga a guardar este preceito. 215.

Providẽcia. A Providẽcia Divina governa os subditos por meyo dos superiores, & os superiores per si mesmo 108. Parece q̃ faltou a providencia de Christo em livrar a S. Pedro das cadeas de Herodes, e naõ das de Nero. 112. Mas naõ foy assim. 113. Os effeitos da providencia naõ haõ de medir pela diversidade de meyos, senaõ pela unidade dos fins. 113. As mesmas Cadeas de S.

lro provaõ a unidade da providẽcia de Christo, & de S. Pedro. 116. Diffiniçaõ da providencia. 117. O ino da Providencia Divina he pea minha vontade conseguir a sua. 119. Da pouca providencia de Saõ Pedro em sua casa, se prova a sua grande providencia para cõ a Igreja. 124. Como ha de ser a providencia universal, à imitaçaõ de S. Pedro. 125. A verdadeira providencia naõ se contenta com mandar, senaõ com hir. 128. A providencia de S. Pedro naõ acabou com a sua morte: & como. 130. & 131. Muitas vezes o que parece acaso, he Providencia Divina. 248.

Proposito. O proposito da emenda facilita aos homẽs a multiplicar peccados. 15. Os propositos de naõ peccar, ainda feitos em graça, saõ pouco seguros, & os que se fazem peccando, nenhúa firmeza tem. 19.

Prudencia Como foraõ nescias as cinco Virgens prudentes do Evangelho, & como foraõ prudentes as cinco nescias. 252. atè 254. Em que mais se mostràraõ nescias as prudentes. 264.

Pureza. Quaes foraõ os Santos, que mais padecéraõ pela virtude da pureza. 157. Que fizeraõ as Santas Virgẽs em defença da pureza. 163. Dous casos mais singulares desta materia. 166. Havendo pureza de coraçaõ, ou faltem, ou sobejem todas as mais cousas, basta para ser Santo. 170.

Q

Quaresma. PEla Quaresma somos chamados a Juizo sacramental. 2. Como se pôde chamar o Domingo das mentiras, o segundo Domingo da Quaresma. 180.

R

Regra. QVal he a regra certa para se conhecer o verdadeiro sentido de qualquer Texto. 182.

Reys. Que Reys ouve Santos. 170. Que Santos ouve nos Palacios dos Reys. 171. Parece q̃ os Reys naõ saõ obrigados a amar a seus inimigos. 211. atè 214. Porẽm he certo que os Reys saõ obrigados a esse Amor. 215. atè 220. Quaes saõ os inimigos dos Reys. 221. Naõ deixaõ os Reys de serẽ Christãos por fazerẽ guerra a seus inimigos. 222. Como Tertulliano erradamente sentio o contrario. *Ibid.* Qual he a mayor authoridade dos Reys. 223. Como devem os Reys naõ só perdoar, mas fazer bem a seus inimigos. 224. Cuidáraõ os Sabios antigos, que em differentes partes do mundo reynavaõ differentes Deoses. 294. Quasi todos, proprios inimigos dos Reys. 225. atè 243. A quantos Reys destruyo a lizonja. 229. Servem a dous Senhores os que servem aos Reys nos Palacios. 231. Os aduladores dos Palacios, servem aos Reys, porq̃ lhes serve o servilos. 232. A mayor fatalidade dos Reys, he nascerem

no ſigno de ſerem louvados. 233. E que louvaõ eſtes aduladores aos Reys, naõ havendo de os louvar. 234. Os aduladores dos Reys ſaõ comparados ao Camelaõ, à ſombra, ao eſpelho, & ao ecco, & aos quatro animaes do Apocalypſe, q̃ cercavaõ o Trono do Cordeiro. 236 & 237. He deſgraça dos Reys naõ haver quẽ lhes diga as ververdades. 238. Como diſculpaõ os aduladores os peccados dos Reys. *Ib.* Nos Palacios ſaõ os Reys ſantificados. 241. & 242. Como ſe haõ de haver os Reys com os aduladores. 246. Nas Cortes naõ baſta ſó ter a graça dos Principes ſupremos, ſenaõ tambem a dos que lhe aſſiſtem. 464. Os çapatos dos Reys naõ pizaõ, coroaõ. 465. Porque meyos ſe conſervaõ os homẽs nas Cortes dos Reys. 466. & 467. De que maneira os Reys ſe deſvellaõ, quando os vaſſallos dormẽ. 473. Os Reys pòdem diſpir a purpura, mas naõ os cuidados. 474. O deſcanço dos Reys ainda he a ſervidaõ mais triſte. 475. Quam pouco mõtaõ os ſerviços feitos aos Reys, por ſerẽ mortaes. 489. Porque razaõ foraõ ſó tres os Reys, que vieraõ adorar a Chriſto em Belem. 493. Como devia ſer temido o nome de Rey. 540.

Remedio. A facilidade do remedio facilita ao peccado. 5. 20. He muito grande, & facil o remedio da Confiſſaõ. 20. Tanto que ſe enche a medida deſtinada de noſſos peccados, ſeguele ſem remedio a condenaçaõ. 31. Qual he o peccado incapaz de remedio, & de perdaõ 34. A Ley de Deos ſe difficulta o preceitos, facilita os remedios. 89 Bem pòdem às vezes os remedio naufragados, ſocorrer perigos 249. Muitas vezes eſtà o noſſo re medio em naõ termos o ſucceſſo que pertendemos. 400.

Razaõ. Tem o Demonio ſua razaõ d eſtado nos ſeus contratos com o homens. 17.

Republica. Os que governaõ, naõ ſa o eſpelho da Republica: a Repu blica he o eſpelho dos que gover naõ. 541.

Riſco. Eſtà muito ſeguro o que ſe ar riſca pela charidade. 274. & 275 Os riſcos tomados por charidade ſaõ remedios. 280. Nenhum riſc corre quem pela charidade ſe ar riſca. 281.

Riqueza. As riquezas das Minas tra zem comſigo muitos trabalhos o meſticos. 404. Muitas vezes as dá Deos para caſtigo. 405. Quam in toleraveis ſaõ os trabalhos, cõ qu ſe buſcaõ as riquezas das minas 407. 408. & 409. Quaes ſaõ a verdadeiras riquezas das minas, q̃ ſe devem buſcar. 422. & 423.

S

Sacramento. A Immenſidade de Deos tem circumferencia no Sacramento. 71. Por q̃ razaõ tem a Hoſtia conſagrada figura circular, & naõ quadrada. 71 & 72. Mayores finezas foraõ a do Amor de Chriſto, quando ſe ſacramẽtou, do q̃ as do dia da Encarnaçaõ. 223. atè 337. & 341. atè

5. No Sacramento facilitou os o impossivel de estarem dous pos no mesmo lugar. 343. Que ferença vay do Amor de Deos carnado ao de Deos sacramenta- 346. Assim como Deos na En- naçaõ foy Emmanuel, assim tã- n foy Emmanuel no Sacramẽto. 8 Tambem Deos no Sacramento carnou, & em todos os homens. 9. atè 353. Antes de encarnar risto, & Deos criar o mũdo po- haver Sacramẽto: & como. 353. ais finezas foraõ as do Amor de risto no dia em q̃ se sacramen- u, do q̃ as do dia da Encarnaçaõ. 3. & ulterius. Do Mysterio da charistia, mayor amor se argùe quanto Sacramento, que em anto sacrificio. 378. A uniaõ de risto com os homens no Sacra- ento excede a uniaõ, que Christo n com seu Eterno Padre, naõ em anto uniaõ, senaõ em quanto a- orosa. 379. E o Sacramento em anto sacrificio, tambem se orde- u á mayor uniaõ de Christo cõ homens, que com o Padre. 380. o dia em q̃ Christo se sacramen- u, o primeiro do amor dos ho- ens naõ tem exẽplo. 390. & 391. *maõ.* Que minas foraõ as q̃ des- brio Salamaõ. 418. E de quanto no foraõ as riquezas de Salamaõ. 19.

açaõ. Naõ basta haver Cõfessor hora da morte para haver salva- õ. 25. Por beneficios de odio per- ito, se consegue a salvaçaõ. 98. uaes devião ser nossas obras, ain- a q̃ soubessemos a certeza de nossa salvaçaõ. 258. Nas materias da salvaçaõ o que basta, naõ basta, só o que sobeja he bastãte 264. atè 268. Quando faz a Alma o que basta, & quãdo faz o que sobeja para se salvar. 268. atè 272. Como somos nescios na materia de nossa salvaçaõ, 287. atè 289. Qual he a salvaçaõ, de que goza só a mulher, & naõ o homem pela salvaçaõ dos filhos. 468. Mais pena a importãcia da salvaçaõ de huma Alma, do que hum Imperio. 547.

Santos. Que Sãtos saõ os q̃ se celebraõ na Festa de Todos os Santos. 135. Os homẽs só devem dezejar ser Sãtos. 139. Todos os Santos que ha, se reduzem a quatro Classes. 137. Mais se qualifica o ser divino pelo atributo de Sãto, que pelo de verdadeiro. 139. Todos os bẽs q̃ Deos tem, he fazer Sãtos. 140. O Filho de Deos naõ veyo ao mũdo ensinar aos homens, mais que a ser Santos. 142. Quam grande significaçaõ he na terceira Pessoa da Santissima Trindade o nome de Santo. 144. Como nos diz a Virgẽ Maria quaõ grãde cousa he sermos Sãtos. 145. 146. & 147. Como nos dizem os Anjos o mesmo com seu exemplo. 148. Huma só cousa he necessaria para sermos Santos. 151. atè 167. Para chegar a ser Santo, he necessario muito menos do que fizeram os Santos para o serem. 168. Que Reys houve Santos. 170. E que Dignidades Ecclesiasticas tambem o foraõ. *Ibid.* Em todo o estado pòde haver Santos. 171. atè 173. Porque faltaõ os Santos, por isso falta

quem diga as verdades aos Reys. 239. Tãbem entre os Gentios havia Santos por seu modo. 240. Nos Palacios saõ os Reys santificados. 241. & 242.

Semelhança. Semelhanças da Gloria que mais desluzem, do que a daõ a conhecer. 197. atè 200. Só depois de a gozarmos no Ceo, saberemos quam pouca semelhãça tem de verdade quanto della cá se dizia, & se ouvia. 205.

Servo. Quãdo se fez Deos servo. 329. De que maneira os servos dominaõ a seus Senhores 466. Mayor servidaõ he mandar homens, que servilos. 469. Quem serve, tem alguma hora de descanço; & quẽ manda, nenhũa. 471. Que pago costumaõ dar os homens a quem bem os serve. 475. atè 477. Que grande pẽçaõ he a do servir. 481.

Sol. He engano dizer, que o Sol se poem. 472.

Soldado. Que Soldados ouve Santos. 172.

Sono. Que imprudencia he dormir, quãdo se deve vigiar. 252. atè 254. De q̃ maneira os Reys vigiaõ, quãdo os vassallos dormem. 472.

Sofrimento. Dà occasiaõ o sofrimento de Deos a que se perca o temor de sua justiça. 7. O sofrimẽto de Deos quanto mais dilata o castigo, menos perdoa. 9.

Superiores. A Providencia Divina governa os subditos, por meyo dos superiores, & aos superiores immediatamẽte por si mesmo. 108. Quẽ serve tem algũa hora de descanço: & quem manda, nenhuma. 471. Como deve velar quem gov 473. O descanço dos que te encargo de mandar, ainda he se daõ mais triste. 474. & 475. Q he o pago dos homens a quẽ b soube mandar. 478 atè 481. Q do começou o mandar, entaõ se meçáraõ a encurtar as vidas. 4

Superfluidade. O Amor acredita-se superfluo. 271. Quem ama ma muito, naõ se contenta com o basta, nem com o que sobeja, ai sobe mais a fima a fazer o sup fluo. 272.

T

Templo. QVem pecca em con ça do Tẽplo de De naõ lhe val o Templo. 24.

Temor. Toda a santidade deste mi bem considerado, he temor. 26 261. Quando quizermos tem Deos, havemos de lhe tirar h attributo. 263.

Terra. Quando se perde a terra de sta, entaõ se navega felizmẽte. 1 Desde a terra atè o Ceo se ve apr sada a morte da mayor belleza. 4 Que admiraveis transformaçõ de fermosura faz a morte debai da terra. 452. Qual he o Ceo, & Terra Nova, que Deos disse p Isaias, que havia de criar. 497. 499.

Tyrannia. Naõ se distingue o tyran do adulador. 242. & 243. Os v sallos de Herodes foraõ mais t rannos do que elle: & porque.

Tormento. Amar, & naõ ser amado, o mayor tormento, ser amado, naõ amar, he a mayor injustiça. &

T

rmentos que padecéraõ muitos
itos Martyres 153, & 154.
figuraçaõ. Quaes foraõ as cauſas
rque Chriſto ſe transfigurou taõ
rioſo. 180. Os reſplandores da
ansfiguraçaõ de Chriſto, tãbem
anáraõ da ſua Divindade. 118.
nal. De que maneira ſomos pre-
ados no Tribunal da Cõfiſſaõ. 2.
ade. Porque ſe chama ſó a ter-
ra Peſſoa da Santiſſima Trinda-
Eſpirito Sãto. 144. Quam grãde
nificaçaõ he na terceira Peſſoa
Santiſſima Trindade o nome de
nto. 144.

V

O Que diſſe Zeuſis famoſo Pintor a hum ſeu diſci-
ulo, quando lhe apreſentou hum
trato de Venus. 194.
ade. Mais ſe qualifica o ſer divi-
o pelo atributo de Santo, do que
elo de verdadeiro. 139. Qual hea
gra certa para ſe conhecer o ver-
adeiro ſentido de qualquer Tex-
o. 182. Em q̃ ſe diſtingue a men-
ra da verdade. 186. Que menti-
as ſeguiraõ os Mathematicos no
Ceo, para nos enſinarem a verdade
o que nelle paſſa. 199. & 200.
Uſar algũa vez da mẽtira para per-
uadir a verdade, naõ encontra a
erdadeira retorica. 202. & 203.
Sò depois de eſtarmos no Ceo,
aberemos quam pouca ſeme-
hança tem de verdade o que delle
cá ſe diz, & ſe ouve. 205. Os Pa-
acios ſó de verdade naõ ſaõ abun-
dãtes. 229. He deſgraça dos Reys
naõ haver quem lhes diga as ver-
dades. 238. De duas verdades par-
tidas fazem os mentiroſos hũa i-
tira inteira. 307. Qualquer leve
impedimento na viſta, faz eſcure-
cer a mais clara verdade. 211.
Quem ha de dizer a verdade, deve
ſaber dizela. 542. atè 544.
Vicios. Acomodaçaõ de diverſos vi-
cios, conforme hũa fingida repar-
tiçaõ dos membros do Demonio.
294. Vicios da lingua applicados
ao Maranhaõ. 295. Aſſim como o
Ceo com hũa virtude influe outra
virtude, aſſim o clima com hum vi-
cio influe outro vicio. 297.
Vida. Deos pòde limitar à vida certo
numero de dias ſem injuria do ho-
mem. 38. Muitas vezes os homẽs,
q̃ ainda haviaõ de viver mais an-
nos, ſó porque enchéraõ cá o nu-
mero dos peccados, acabaõ os dias
da vida ſem remedio. 38 E quãdo
ſe naõ acaba a vida nos homens cõ
o ultimo peccado, que lhe ench e a
medida, nem por iſſo ficaõ, de me-
lhor condiçaõ. *Ib.* Hum ſó dia de
ardente, & anciоſo dezejo he igual
a todo o tẽpo da vida humana. 62.
Os ruins amigos tiraõ a vida da
Alma muitas vezes. 94. A vida e-
terna depẽde do odio perfeito. 98.
O amor deſta vida he hũa morte,
pela qual ſempre ſe vay ao Inferno.
102. Porque quiz Chriſto na Cruz
chamarſe Rey de Judèos, ſendo q̃
eſſes lhe tiraraõ a vida. 220. Para
a ſalvaçaõ naõ baſta a boa morte,
ſem a boa vida. 265. Falta a graça
de Deos na morte, porque faltáraõ
as boas obras na vida. 267. Os ca-
ſos da vida, & da morte ſaõ os
mayores motivos de admiraç. 437.

Qual

Qual he ō mayōr inimigo da vida. 444 Qnanto se corta a vida, tanto se acrescenta à Eternidade 451. Mais inimigos tem a formosura, q̄ a vida. 453. Começáraō-se a encurtar as vidas, quādo começou o servir, & o mandar. 481. Ainda que naō demos a vida por Deos, dános por ella a eterna, se a empregamos em seu serviço. 487.

Vingança. Como desagrada à Deos a vingança dos inimigos. 218. & 219.

Virgem. No Ventre virginal de Maria tem circumferencia a immensidade de Deos. 49. atè 54. Que influencia recebem os que nascē debaixo do signo da Virgem. 55 Que extremos fizeraō as Santas Virgēs por serem Santas. 159. atè 162. E o que fizeraō por defenderē a pureza. 163. atè 166. Santas Virgēs conservāraō a pureza no estado do matrimonio. 166. Como foraō nescias as cinco Virgens prudentes do Evangelho, & como foraō prudentes as cinco nescias. 252. atè 254. Em que mais se mostràram nescias as prudentes. 264. 274. & 284. Quantas vezes foraō as nescias mais prudentes do que nòs somos. 287. atè 289.

Uniaō. O Amor essencialmente he uniaō. 84. A uniaō para ser perfeita, ha de ser reciproca. 343. & 344. A uniaō de Christo cō os mēs no Sacramēto, excede a un que Christo tem com seu Pe Padre em quanto amorosa. 379 o Sacramento em quanto sac cio, tambem se ordenou à ma uniaō de Christo com os hom que com o Padre. 380. Qua importa a uniaō dos homens Deos. 388.

Vontade. Quaes saō os dous mais derosos affectos da vontade. 76 vontade de cada hum, he a ley vontade alheya. 85. Tres violē com que a vontade humana he tamente combatida. 88. Com d vontades suas paga o Divino posso huma nossa. 103. O fino Providencia Divina, he pela mi vontade conseguir a sua. 119. homens, a quem servimos, pòd pouco, & querem menos: & D pòde tudo, & sempre quer. 486

Z

Zeusis. O Que a conteceo a h discipulo de Zeusis moso Pintor da Antiguidade. 1

Zelo. Como tinha Saō Pedro ze & providencia universal. 124. 125. Quanto zela Deos a nossa putaçaō. 301.

Zodiaco. Christo do Zodiaco do C governa a Igreja. 111.

LAVS DEO.

Spiders & Caustics compared 232.

Comparison between [illegible] & [illegible] 235

& the four Beasts of the Revelations.

a very ingenious contrast, with a very [illegible]

application, of the wisdom of the [illegible]

virgins & the folly of worldlings. 201 – 290.

CA679
V657s
3-4